UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 00482471 0

EMPREZA

DA

BIBLIOTHECA DAS MARAVILHAS

PROPRIETARIO

PEDRO M. POSSER

ESCRIPTORIO

NO PRIMEIRO ANDAR DA

LIVRARIA FRANCO-LUSITANA

246 e 248 Rua do Ouro 246 e 248

Entrada pela Travessa de St.ª Justa, 95)

MARAVILHAS

DA

CREAÇÃO

OU

HISTORIA

E

DESCRIPÇÃO ILLUSTRADA DOS ANIMAES

COMPREHENDENDO

MAMIFEROS, AVES, REPTIS E PEIXES

SUA CLASSIFICAÇÃO SCIENTIFICA, CARACTERES, HABITOS, USOS E INSTINCTOS

Enriquecida na parte respectiva ao homem com as noções mais essenciaes de anatomia e physiologia.

COMPILAÇÃO DAS OBRAS DOS MAIS NOTAVEIS NATURALISTAS ESTRANGEIROS

POR

PEDRO M. POSSER

VOLUME SEGUNDO

1879

LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA

6 RUA DO THESOURO VELHO 6

MAMIFEROS

ORDEM DOS CARNIVOROS

OS MUSTELEANOS

(Continuação)

O TEIXUGO DA AMERICA

Na America vive um teixugo muito parecido com o da Europa; mas mais pequeno, com a cauda muito espessa, focinho curto, pello macio, dorso pardo com uma risca estreita, escura, que nasce no focinho e lhe atravessa a cabeça, um circulo de côr escura em volta dos olhos, faces brancas com uma mancha trigueira, frente do pescoço e ventre brancos e patas trigueiras escuras.

Habita principalmente nas planicies do Missouri.

Nos habitos é exactamente similhante ao seu congenere da Europa.

AS FOETAS

Estes animaes, que habitam em todo o continente americano, são notaveis pelo fetido que exhalam, superior a toda a expressão. Diz Brehm que não ha laboratorio chimico, latrina, estrumeira, n'uma palavra, coisa por mais putrida que seja que possa comparar-se ao fedor pestifero do liquido que estes animaes expellem de si, principalmente quando são perseguidos.

Podem tornar inhabitavel uma casa, tirar o valor a todas as mercadorias que existam n'um armazem, e o desgraçado que fôr alcançado por algum pingo d'aquelle liquido pestifero fica por certo tempo banido da sociedade dos outros homens, porque ninguem o consente proximo de si. Os colonos francezes do Canadá exprimem o seu horror a estes animaes, inoffensivos todavia, dando-lhes o nome de *enfants du diable* (filhos do diabo).

As glandulas anaes, que segregam este liquido fedorento, são muito desenvolvidas e abrem-se no recto; podem ser comprimidas com auxilio d'um musculo especial, de forma que o liquido projectado alcance a distancia de tres metros. O liquido dos machos é mais fedorento que o das femeas.

As foetas são animaes dotados de grande actividade; alimentam-se de vermes, de insectos, de reptis e de ovos, bem como de raizes e fructos. Os prejuizos que causam são de pouco valor. Entretanto não ha animal que seja mais odiado pelo homem, e que possua uma arma defensiva tão terrivel, que põe em fuga os felinos mais temiveis e sanguinarios, encontrando no cão o unico inimigo que, indifferente ao cheiro pestilencial que exhala, se precipita sobre elle para o estrangular.

Das muitas especies de foetas admittidas algumas são simples variedades, pois que os observadores modernos affirmam que nos individuos da mesma especie o colorido e desenho da pelle varia muito. Feita a historia d'uma fica-se conhecendo os habitos de todas, e portanto daremos tamsómente a descripção da especie que se segue:

A FOETA MEPHITICA

Viverra mephitis de Linneo — *Moufette chinche* dos francezes

A foeta d'esta especie tem pouco mais ou menos o tamanho do gato domestico; cabeça pequena e larga, focinho pontudo, nariz sem pello, orelhas curtas e arredondadas, corpo sobre o comprido, e cauda espessa e ramalhuda. O pello é preto e luzidio; uma risca branca e estreita parte do focinho, passa por entre os olhos, alarga-se na cabeça, mais ainda no pescoço, e divide-se em duas faxas que correm da espadoa até á cauda, onde se reunem. A cauda tem duas faxas brancas longitudinaes, ou é irregularmente salpicada de preto e branco.

Este animal mede aproximadamente $0^m,40$ de comprido, a cauda $0^m,20$, e tem de altura nas espadoas $0^m,15$.

A foeta mephitica habita em grande

Gr. n.º 97 — A foeta

parte da America, desde o centro dos Estados Unidos até ao Paraguay, e é principalmente muito frequente no Chili.

«Vive nos sitios altos, nos bosques, nas margens das ribeiras, e nos rochedos, abrigando-se nas suas anfractuosidades.

Foi Kalm o primeiro que deu uma descripção completa da foeta. «Este animal, diz elle, é bem conhecido pelos seus caracteres particulares. Quando é perseguido pelo homem ou pelos cães foge a todo o correr, e trepa ás arvores; mas se não encontra onde possa abrigar-se, tem uma maneira particular de escapar aos seus adversarios: borrifa-os com a urina, podendo projectal-a a grande distancia. Contaram-me algumas pessoas que foram alcançadas pelo liquido a distancia de 6 metros. O liquido tem um cheiro pestilencial, e se alguem estiver proximo do animal no momento de elle o expellir, custa-lhe a respirar, e chega a ter receio de morrer suffocado. Se o liquido

lhe salta aos olhos, fica em perigo de perder a vista, e o fato impregnado d'este fetido nunca mais o perde.

Muitos cães recusam caçar a foeta; os de boa raça, porém, vão em sua perseguição e não param sem havel-a alcançado e estrangulado; em seguida esfregam o focinho na terra para lhe fazer perder o fedor, que o contacto com a foeta lhe communicou.

O fato conserva o fetido por espaço d'um mez; mas se o cobrirem de terra durante vinte e quatro horas, o mau cheiro perderá uma grande parte da sua força. Para o tirar da cara ou das mãos é necessario esfregal-as com terra pelo menos uma hora: a agua é insufficiente para fazer desapparecer o fedor.

Quando alguem teve a desventura de ser molhado com este liquido e quer entrar n'uma casa para se lavar, fecham-lhe a porta ou fogem. Quando transita pela floresta, o viajante é por vezes obrigado a tapar o nariz por muito tempo, se por acaso a foeta regou com o seu liquido pestifero algum logar proximo.

Pernoitei n'uma herdade onde estava estendido morto um vitello; uma foeta que havia entrado e se aproximara, foi apanhada pelo cão; de subito espalhou-se um tal fetido, que julguei morrer suffocado; as proprias vaccas tossiam com violencia.

Uma vez que a cozinheira reparou que durante muitos dias seguidos lhe tinham comido a carne que estava guardada na adega, fechou todas as portas para impedir que os gatos lá entrassem, e na noite seguinte, ouvindo bulha, desceu, e viu brilhar nas trevas, como os do gato, os olhos do rapinante, que o denunciaram por nosso mal, dando ensejo a que a mulher pudesse dar cabo do ladrão. Mas a morte foi bem vingada: o terrivel liquido espalhou-se, e a mulher não pôde, pela suffocação, fugir tão rapidamente, que não apanhasse uma doença que lhe durou muitos dias. Diversos generos alimenticios, que estavam guardados na adega, tiveram de ser inutilisados.»

A foeta conhece toda a importancia da arma defensiva que a natureza lhe deu, e por isso é pouco timida.

Os seus movimentos são vagarosos, não salta nem trepa, anda a passo e a trote. Quando caminha assenta no chão toda a planta do pé, arqueia o dorso, e arrasta a cauda. Esquadrinha todos os cantos, farejando por toda a parte na esperança de encontrar coisa que lhe sirva de alimento. Se depara com o homem, pára, levanta a cauda, volta-se, e expelle o liquido.

«Meu filho, conta Siedhof, passeiava um dia no campo, e topou com uma foeta, que lhe mordeu as calças. Com difficuldade pôde ver-se livre do animal, e matou-a com os pés. Quando voltou para casa, exhalava do fato um tal cheiro a alhos, tão activo e repellente, que impregnou toda a casa; de uns parentes que n'esse dia tinham vindo visitar-nos, alguns trataram de sair, e os que ficaram foram atacados de vomitos. Não deram resultado as muitas fumigações que fizemos, e, apezar de se estabelecer a ventilação em toda a casa, nada se conseguiu, e um mez depois havia ainda vestigios do mau cheiro.

Quatro mezes depois d'este acontecimento, as botas de meu filho exhalavam o mesmo cheiro pestifero, sempre que as aqueciam, por mais que as defumassem, e apezar de terem sido lavadas com agua de chloro. O animal foi morto em dezembro, e enterrou-se no quintal; no mez de agosto seguinte ainda se conhecia o sitio onde estava enterrado, pelo cheiro mephitico que de alli se exhalava.»

Andubon aprendeu á sua custa quanto a foeta pode ser nociva, e a este respeito expressa-se pela seguinte fórma:

«Este animalzinho tão interessante, e na apparencia tão inoffensivo, é capaz de pôr em fuga o mais jactancioso fanfarrão. Quando eu era creança, pude apreciar quanto esta asseveração é verdadeira.

Uma tarde, já o sol havia desapparecido, caminhavamos vagarosamente, eu e alguns camaradas, quando avistámos um animal pequeno, que nos era desconhecido, lindo e gracioso, que retirava tranquillamente, e que ao ver-nos parou, olhando-nos como quem espera um amigo para lhe fazer companhia. Parecia tão inoffensivo, levantando ao ar a cauda ramalhuda, e dando ares de que queria que o apanhassemos para o levar ao colo, que eu estava extasiado; quiz pegar-lhe, e zás!... lançou-me aos olhos, á bocca e ao nariz o tal liquido infernal. Como se fôra assombrado pelo raio, larguei o monstro, e parti n'uma anciedade mortal.»

As foetas da America do Sul não são menos desagradaveis que as da America

do Norte; Azara encontrou uma no Paraguay, onde lhe dão o nome de *Yaguari*, isto é, cão fedorento, que andava livremente, sustentando-se de insectos, d'ovos, de aves, indo em busca do alimento tanto de dia como de noite; não fugia quando alguem se lhe aproximava, parecia até que não reparava nas pessoas, mas se a perseguiam, enfunava-se, levantava a cauda deitando-a sobre o dorso, e arremessava, sem errar o alvo, um liquido tão pestilencial, que não havia homem nem cão que não fugisse immediatamente.

«Uma só gota caida no fato, accrescenta Azara, é sufficiente para obrigar o possuidor a inutilisal-o, porque sem essa providencia iria infestar a casa, e o fedor não desappareceria ainda mesmo que lavassem o fato vinte vezes com sabonete.

Fui por muitas vezes victima d'este mau cheiro estando a mais de meia legua de distancia do animal, e posso affirmar que se o *Yaguari* arremessasse um dos seus jactos no centro de Paris, não ficaria uma casa da grande cidade onde o fetido não chegasse.»

Este meio de defesa obsta a que o animal seja extincto pela destruição que sem elle lhe fariam os seus numerosos inimigos.

Captivas, as foetas não lançam o liquido fedorento, provavelmente porque não as excitam. Amansam-se facilmente, habituam-se limitadamente á pessoa com quem vivem, mas só se aproximam d'ella de recuo, com a cauda levantada, promptas a expellir o liquido. Dando-lhes pancada, ou assustando-as, usam então da sua arma defensiva.

Preparam a cama, e deitam-se ennovelando-se.

Depois de haverem comido limpam o focinho com as patas dianteiras. São muito asseadas, e nunca depositam os excrementos no logar onde dormem. Sustentam-se de carne, e preferem a das aves; comem muitas vezes mais do que podem digerir, e vomitam o resto, e á similhança dos cães, tornam a comer o que vomitaram. Se as alimentam bem, dormem todo o dia e só despertam á noite.

Este animal é, em todo o caso, um mau companheiro, que se póde tornar bastante desagradavel n'um momento de mau humor.

Não obstante o fetido que a foeta exhala, nem por isso os indios deixam de lhe comer a carne, e de fazer da pelle coberturas bem macias, e bem fedorentas. Para apanharem o animal e tirarem-lhe todo o liquido pestifero que contenha, usam d'um processo particular.

Aproximam-se da foeta armados com uma vara comprida, excitam-n'a, obrigando-a a expellir o conteudo das glandulas por diversas vezes, em seguida correm para ella e agarram-n'a pela cauda; n'esta posição o animal não póde defender-se, e uma unica pancada no focinho é sufficiente para matal-a. Extrahem-lhe então as glandulas, e comem-lhe a carne.

Os brancos utilisam da foeta exactamente a parte mais repellente, o liquido fedorento, e empregam-n'o, como as nossas damas, para avigorar os nervos. A credulidade é maior na America que na Europa, e n'aquella parte do mundo estão convictos que este liquido infecto é remedio soberano, e principalmente um especifico contra a enxaqueca.

Comprehende-se a quantos desaguisados pode dar motivo o uso de tal remedio. Conta-se que um padre, que estava pregando um sermão, querendo crear animo, abriu um vidro onde havia o liquido da foeta para cheirar, o que por tal fórma irritou os nervos olfativos dos ouvintes, que se precipitaram em tropel pela egreja fóra.

No dizer de Azara, os europeus que vivem na America pretendem que o melhor remedio para curar pontadas é uma porção do figado da foeta, secco á sombra, e reduzido a pó; e que este mesmo pó, tomado em vinho ou em caldo, é o melhor sudorifero conhecido.» (Brehm).

A nossa gravura n.º 97 representa a foeta da America do Sul, e é copia d'uma que Brehm diz ser a unica que existe tirada do natural.

A ZORILLA

Viverra zorilla de Linneo — *Zorilla ou Putois du Cap* dos francezes

Os individuos da especie zorilla, unica do genero que tem o mesmo nome, são pelos seus caracteres muito similhantes ás foetas, de que acabamos de falar, tendo como ellas as mesmas fórmas geraes, unhas rijas nas patas dianteiras, e glandulas anaes que produzem um licor fetido; distinguindo-se, porém, não só pela forma dos dentes, mas principalmente por terem as plantas dos pés cobertas de pellos.

A foeta, como dissemos, é um genero americano; a zorilla porém só vive na Africa, apparecendo em muitos pontos do continente africano: no Cabo da Boa Esperança, na Senegambia, e na Abyssinia. Diz Brehm que este animal passou á Asia Menor pelo isthmo de Suez, e que alguns teem sido vistos proximo de Constantinopla, na margem asiatica do Bosphoro.

A zorilla, a que os francezes chamam tambem vulgarmente *teixugo do Cabo*, tem aproximadamente $0^{m},60$ de comprimento e a cauda $0^{m},25$; o corpo sobre o comprido, pernas curtas, e as de diante armadas de unhas muito longas, fortes e obtusas.

A cabeça é larga, o focinho comprido, orelhas curtas e arredondadas, cauda comprida e ramalhuda, pello basto, preto e luzidio, salpicado de malhas brancas, com riscas da mesma côr; tem uma malha branca entre os olhos, e outra que parte dos olhos para as orelhas. Na parte superior do corpo o colorido da pelle é muito variavel.

Alguns animaes teem no alto da cabeça uma grande faxa branca transversal, d'onde partem quatro faxas longitudinaes, que se alargam no meio do cor-

Gr. n.° 98 — A zorilla

po, e são separadas por tres faxas pretas que lhes ficam intermediarias; as duas brancas das extremidades unem-se na raiz da cauda e continuam-se n'uma risca branca sobre este appendice.

Ha outros, porém, em que o alto da cabeça, a nuca e uma parte do dorso são brancos, e teem as quatro faxas brancas só ao meio do dorso, e a cauda com listras brancas transversaes ou longitudinaes.

O peito, as pernas e os pés são pretos sem mistura de pellos brancos.

Segundo a descripção de A. Brehm, a zorilla prefere os pontos onde o solo se cobre de rochedos, e habita nas cavernas naturaes, ou em tocas que ella propria abre.

Alimenta-se de pequenos mamiferos, principalmente de ratos, de passaros, ovos, reptis e insectos; repetidas vezes se introduz nos pateos onde vivem as aves domesticas, e faz grandes prejuizos.

Não trepa, anda vagarosamente como as foetas, e tem medo da agua, com quanto saiba nadar perfeitamente. O producto segregado pelas glandulas anaes, á similhança do que acontece ás foetas, serve-lhe de arma defensiva.

«Kolbe diz «que se a zorilla ao passar no campo ou n'um prado se vê perseguida pelo cão ou por outro qualquer animal, lança o seu liquido infecto, por tal forma fedorento, sobre o perseguidor, que este, para se esquivar ao fetido que

o incommoda, não cessa por muito tempo de esfregar o nariz no chão ou nas arvores. Se o inimigo volta á carga, a zorilla responde-lhe com uma nova projecção de liquido, que é o seu unico systema de defeza.

Se o caçador pega n'uma zorilla morta, é tão forte o cheiro que se lhe communica á pelle, que não obstante laval-a com sabão, o fetido não se esvae; por isso ninguem lhe toca depois de morta. Quem uma vez sentiu o fedor que este animal exhala, foge de se encontrar com elle, e não pensa de certo em perseguil-o».

Como acontece com as foetas, o macho é principalmente o que possue o liquido mais fedorento, sobretudo na epoca do cio.

Nada se sabe sobre a reproducção da zorilla.

No Cabo da Boa Esperança os colonos hollandezes teem nas habitações zorillas para caçarem as ratazanas, comquanto aquelles animaes nunca se tornem muito familiares, e sejam insensiveis ás caricias e aos bons tratamentos.

O RATEL DO CABO

Viverra mellivora de Linneo. — *Le ratel* dos francezes.

Este animal, chamado tambem *teixugo melivoro*, nome que se deriva da similhança que tem com o teixugo, e da sua paixão dominante pelo mel — *mel*, mel, *voro*, eu devoro — pertence ainda ao numero dos animaes que se defendem expellindo um liquido fetido, que obriga a fugir os seus perseguidores.

Ha uma circumstancia, entre outras, que distingue principalmente este animal de todos os outros musteleanos — é a ausencia completa do pavilhão da orelha.

O ratel do Cabo tem as fórmas oblongas, e o andar pesado e difficil do teixugo; focinho sobre o comprido, orelhas quasi imperceptiveis, olhos pequenos e encovados, pernas curtas e vigorosas, com a planta dos pés nua, e dedos das patas dianteiras armados com unhas fortes; pello comprido e inteiriçado, pardo cinzento na cabeça, na nuca, no dorso, nas espadoas e no focinho; pardo escuro nas faces, nas orelhas e na frente do pescoço, no peito, no ventre e nas pernas. Estas duas côres são distinctamente separadas por uma faxa parda clara.

O comprimento do corpo do ratel é aproximadamente de 1 metro, a cauda $0^{m},30$, e a altura nas espadoas $0^{m},25$.

Vive na Africa central, mas é principalmente mais frequente nas regiões vizinhas do Cabo da Boa Esperança.

A. Brehm descreve o ratel do Cabo pela seguinte forma:

«Este animal constroe a sua toca com incrivel habilidade. Vagaroso, indolente, inepto como é, difficilmente escaparia aos inimigos, se não podesse esquivar-se desapparecendo completamente debaixo da terra, n'uma escavação que elle rapidamente faz antes que o adversario possa alcançal-o.

É mais noctivago que diurno. Vi-o duas vezes durante as minhas excursões ao paiz dos Bogos, e sempre de tarde, antes do pôr do sol. Vagueia com especialidade de noite, vagarosamente, em busca dos pequenos mamiferos, das ratazanas, dos ratos, das aves, das tartarugas, desenterrando raizes e tuberculos ou apanhando os fructos que encontra. É um animal *razoavel*. Tem, porém, uma paixão que o domina: ama o mel sobre todas as coisas, o que o torna o mais habil dos caçadores de abelhas.

Na Africa as abelhas construem os favos no chão, e principalmente nas cavernas deshabitadas; quando o ratel os encontra, vae-se a elles e devora o mel com delicia. Naturalmente as abelhas defendem a sua propriedade, e recebem o visitador importuno ás ferretoadas.

A pelle grossa do ratel é, porém, uma excellente couraça contra o ferrão das abelhas, e além d'isso o animal tem ainda a protegel-o uma camada espessa de gordura sob a pelle; assim as abelhas nada podem contra elle, que lhe pilha as habitações, fartando-se de mel á vontade.

Sparmann conta factos muito interessantes ácerca dos usos e das caças do ratel, factos que se baseiam, e pena é que assim seja, nas narrações dos hottentotes e dos colonos hollandezes, as quaes na maior parte serão menos verdadeiras ou exageradas.

Ouçamos o que nos diz Sparmann.

«O ratel é o inimigo natural das abelhas, e o visitador importuno das suas habitações. Tem para descobril-as e apanhal-as nos seus reductos uma tactica que lhe é particular, e as unhas compridas,

que lhe servem para abrir debaixo da terra a sua toca, servem-lhe do mesmo modo para minar a morada das abelhas.

Assim como a hora do pôr do sol é a mais azada para o marinheiro que do topo do mastro quer avistar terra, ou um navio ao longe, da mesma forma é a melhor occasião para o ratel descortinar onde ha de encontrar a ceia. Foi-me dito que a essa hora se encontra o animal seriamente occupado a espreitar a presa.

Senta-se, põe uma pata em frente dos olhos, impedindo que os raios solares lhe venham ferir a vista, e para assim mais claramente poder divisar o objecto dos seus anhelos.

Mirando para todos os lados, vê um grupo de abelhas dirigir-se para qualquer ponto; e como não ignora que áquella hora se encaminham para a sua morada, vae-lhe no seguimento. O ratel tem ainda a sagacidade sufficiente para, á imitação dos hottentotes, dos cafres e dos aldeãos da Africa, seguir um passarinho que vôa gritando, com intervallos, *cherr cherr cherr*, e que assim conduz os que o seguem até junto dos ninhos das abelhas.

Gr. n.º 99 — O ratel do Cabo

Quando as abelhas fazem o ninho nas arvores, nada teem a receiar do ratel, que, despeitado por ver quanto infructuosa foi a sua descoberta, tem por habito morder o pé da arvore. Estas mordeduras servem para prevenir os hottentotes de que n'aquella arvore existe um ninho de abelhas.»

O ratel não despreza a alimentação mais substanciosa que o mel; ataca as aves domesticas, matando mais do que as que carece para comer.

Conta-se que o ratel vive com duas ou tres femeas, ás quaes não perde de vista, e que na epoca do cio está por tal forma excitado e furioso, que se atira ao homem mordendo-o com violencia. Quando o provocam defende-se, e não é facil apanhal-o vivo porque morde cruelmente; a laxidão da pelle permitte-lhe os movimentos e as contorsões mais extensas, e o animal póde voltar-se e morder a mão que o segura pela nuca. Antes de morder busca fugir, e se a natureza do terreno o permitte, abre rapidamente uma cova onde se abriga, ou expelle sobre o inimigo o conteudo das glandulas anaes.

Pude um dia avaliar quanto é fedorento o liquido que produzem estes animaes. No valle de Mensa encontrámos uma tarde, eu e o meu amigo e companheiro de caça Van Arkel d'Ablaing, um animal que se assimilhava a um teixugo, e que descendo a collina, atravessou o valle e principiou a subir a outra encosta. O meu amigo descarregou sobre elle successivamente os dois canos da sua espingarda, carregada de chumbo grosso, e immediatamente espalhou-se um fetido espantoso, e o animal desappareceu, apezar de ferido. A aproximação da noite impediu-nos de o perseguir, mas no dia seguinte fomos bater o matto á procura do ratel.

Apezar da chuva que havia caido com abundancia durante a noite, o mau cheiro guiava-nos, e embora um pouco enfraquecido, não se havia dissipado, sendo de tal natureza que, não obstante a boa vontade de encontrarmos o animal, tivemos que dar pôr findas as nossas pesquizas.

Diz-se que só na ultima extremidade o ratel se serve dos dentes para se defender, o que não comprehendo, pois que são de estructura propria para obrigar o caçador e os cães a pôrem-se em guarda.

Estou convencido que o ratel tem a vida rija. Os dois tiros que o meu amigo disparou sobre o que encontrámos, eram sufficientes para matar um leão; o ratel, porém, escapou-se como se o não tivessem alcançado. Contaram-me que os colonos do Cabo se divertem a dar facadas no ratel, tendo completa certeza de que o não matam. Uma pancada, não precisa ser muito forte, bem applicada no focinho, é comtudo sufficiente para matal-o immediatamente. (Brehm).

Quando se apanha novo, o ratel domestica-se facilmente, e diverte a quem o observa com os seus brinquedos e cabriolas. Podem reunir-se dois na mesma gaiola, sem receio que se aggridam, pois, pelo contrario, vivem em boa harmonia, brincando um com o outro.

O RATEL DA INDIA

Este animal é tão similhante ao seu congenere da Africa, que tem sido por alguns naturalistas considerado como pertencendo a esta especie. Parece que a principal distincção que existe entre os individuos das duas especies, segundo Bennett, consiste na ausencia da faxa branca lateral, e no menor comprimento da cauda.

O pello é comprido, grosseiro, pouco basto, pardo cinzento no dorso, negro no ventre, na cauda e nas orelhas. Mede aproximadamente $0^{m},70$ de comprido e a cauda $0^{m},15$.

Vive em diversas pontos da India.

Nos habitos é similhante ao ratel da Africa, e de noite ronda as habitações dos indigenas; se para chegar ao sitio onde pernoitam as aves domesticas, não pode atravessar a sebe que o cerca, abre em dez minutos uma passagem subterranea, que lhe permitte introduzir-se no interior do cerrado.

O ratel da India, se é novo, domestica-se facilmente; é alegre e gosta muito de brincar. Os que tem sido trazidos para Inglaterra teem alli vivido muitos annos.

O GLOTÃO

Ursos gulo de Linneo — *Le Glouton* dos francezes

Alguns naturalistas incluiram o genero glotão na familia dos ursos, porque pelas formas grosseiras, andar pesado, e tambem pelos habitos, os individuos d'este genero assimilham-se muito áquelles animaes, comquanto por outros caracteres, de mais valia para a classificação, principalmente pela dentição, devam pertencer á familia dos musteleanos.

O glotão tem o corpo solido, pescoço curto e grosso, dorso arqueado, cabeça grande, focinho sobre o comprido, obtuso, orelhas curtas e arredondadas, cauda curta e ramalhuda. Os olhos são pequenos, e teem na parte superior cinco pellos fortes e tezos; no beiço superior tem quatro ordens de sedas compridas, que formam uma especie de bigode.

O pello do focinho é curto e fino, o dos pés grosso e luzidio, o do tronco comprido e lanoso, o das ilhargas e da cauda muito longo. A cabeça e o dorso trigueiros escuros, com alguns pellos pardos; o ventre e as pernas negros, o focinho trigueiro escuro. Tem uma mancha parda clara entre os olhos e as orelhas, e uma faxa da mesma côr que nasce na espadoa e corre ao longo das ilhargas.

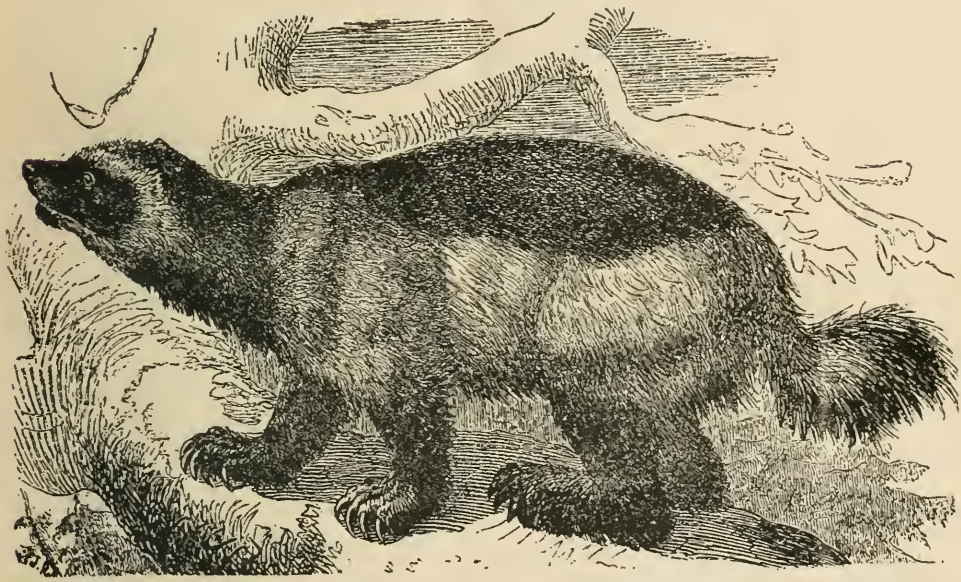
Se o animal que habita na Europa e na Asia é da mesma especie que o que vive na America do Norte, e que alli tem o nome de *Wolvérène*, póde dizer-se que

o glotão habita em todos os paizes septentrionaes do globo. Actualmente, na Europa, encontra-se na Noruega, na Suecia e na Laponia.

A glotonaria d'este animal foi motivo para que ácerca d'elle se forjassem os mais ridiculos contos, chegando a affirmar-se que, depois de ter comido com uma voracidade sem egual e de encher o ventre quasi a arrebentar, passava pelo meio de duas arvores muito proximas, para assim o comprimir e poder expulsar o que havia comido, voltando novamente a devorar outra presa, e assim successivamente.

O glotão é sem duvida dotado de appetite não vulgar; come mais do que nenhum dos outros mustcleanos, e Buffon, referindo-se a um d'estes animaes, que possuiu durante dezoito mezes, diz que a sua glotonaria era tão exagerada como a sua crueldade, que comia muito, e o importunava bastante e com frequencia quando lhe faltava o alimento. Se lhe dessem quatro libras de carne, diz o notavel naturalista, tel-as-hia devorado.

Vamos transcrever de A. Brehm a descripção d'este animal, que o illustre escriptor diz ter observado, e sobre o genero de vida do qual possue curiosas



Gr. n.° 100 — O glotão

informações, que lhe foram dadas por um observador minucioso.

«O glotão habita as regiões montanhosas do norte, e de preferencia as florestas sombrias situadas em logares baixos; encontra-se nos cimos escalvados dos Alpes scandinavos, vivendo sempre nos pontos mais solitarios. Não tem morada certa; segundo as circumstancias abriga-se em toda a parte que lhe offereça um asylo: na espessura da floresta, n'uma toca abandonada ou n'uma caverna. Mais noctivago que diurno, como todos os musteleanos, vagueia entretanto de dia por onde melhor lhe parece. Na sua patria, onde raras vezes o homem o incommoda, apparece até ao meio do dia; e nem poderia deixar de assim ser, nas regiões em que o sol leva tres mezes para desapparecer no horisonte.

É um animal pesado e inepto, que alcança a presa á força de paciencia e de perseverança, e que como nenhum genero de alimentação lhe repugna, vive vida alegre e tranquilla, sem que nunca a fome o faça soffrer. Os seus movimentos são curiosos, e caminha d'uma maneira que lhe é particular: rola descrevendo grandes circumferencias, salta e faz cabriolas, tão rapidamente quanto é necessario para poder alcançar os pequenos mamiferos. Deixa pêgadas sobre a neve com a forma de grandes buracos, feitas ao saltar com as quatro patas. Esta fórma especial de ca-

minhar dá-lhe vantagem, em quanto a neve embaraça a fuga aos animaes que elle persegue.

Trepa ás arvores pouco altas, deita-se de bruços sobre um ramo, e ahi espreita a presa. Se lhe passa ao alcance, arremessa-se sobre ella d'um salto vigoroso, enterra-lhe as unhas na nuca, corta-lhe as carotidas, e espera que morra. Tem o olfato muito desenvolvido, a vista penetrante, e o ouvido finissimo.

Sobre a alimentação do glotão ha as mais variadas opiniões; mas o que é facto assentado é que este animal ataca e mata o rangifer e até mesmo o alce. Thumberg viu-o matar as vaccas, abrindo-lhe as guelas. Steller affirma que nas margens do Léna o glotão ataca os cavallos, e diz Loewenhjelm que aquelle animal causa grandes estragos nos rebanhos de carneiros. Erman ouviu dizer aos Ostiaks que o glotão salta ao dorso do alce, e mata-o ás dentadas. Erik Swenson contou-me que este animal no inverno aproxima-se cautelosamente, e contra o vento, das gangas que estão enterradas na neve, penetrando nas habitações que estas aves alli constroem, e facilmente as estrangula. Finalmente o glotão é odiado pelos caçadores, e Erik Swenson affirmou-me que quando matava um rangifer e não tinha o cuidado de escondel-o, os glotões iam devoral-o.

Estes comem muitas vezes os engodos que se põem nas armadilhas, ou os animaes que alli caem.

Quando o glotão encontra uma vereda trilhada pelo caçador que vae preparar as armadilhas para as martas, não deixa de seguil-a; tem n'isso duplo interesse, porque ao mesmo tempo que lhe é mais facil seguir pela vereda, está no caminho de descobrir todos os laços que o homem tiver armado, e onde ha sempre, como engodo, um pedaço de carne, a cabeça d'uma perdiz, d'uma ganga, etc.

Prudente em demasia para se atirar irreflectidamente sobre o engodo, começa desconfiando da armação onde elle está suspenso, sacode as peças mais exteriores, obriga a machina a funccionar, e depois, espalhando as differentes peças, aproxima-se sem perigo do petisco que cubiçara. Se já lá encontra a marta que se deixou cair no laço, o glotão estrangula-a e fal-a pedaços; mas não a devora, porque parece que o cheiro que ella exhala lhe repugna, e vae enterral-a n'uma cova que abre na neve.

Os raposos, que de ordinario lhe seguem a pista, não se demoram a ir visitar a cova onde o glotão enterrou a marta, e a banquetear-se com o que elle desprezou. Como muitas vezes se encontram os vestigios dos pés do glotão e do raposo na mesma vereda, julgava-se que este ultimo animal era o que ia na frente, sendo o fornecedor do glotão; precisamente o mesmo erro que existia com relação ao leão e ao chacal. Este, seguindo a pista do rei do deserto, para se aproveitar das migalhas que sobejam das suas refeições, era todavia suspeito de o preceder, e de ir em busca da caça.

Os caçadores da Siberia e do norte da America queixam-se dos prejuizos causados pelo glotão, que lhes destroe as armadilhas, e é principalmente para os segundos que estes animaes se tornam mais nocivos, expondo-os algumas vezes a morrer de fome. As regiões frequentadas pelos animaes, cujas pelles são valiosas, não offerecem durante o inverno recurso algum para a alimentação do homem, e os caçadores vêem-se obrigados a prevenir-se, á partida, com a quantidade necessaria de viveres para todo o tempo que durar a expedição; e para não caminharem sem necessidade, com um fardo demasiadamente pesado, vão deixando pelo caminho, nos sitios que lhes parece mais convenientes, uma parte das provisões, para as rehaverem na volta.

Os escondrijos onde os caçadores depositam as provisões são feitos com cuidado e arte, e podem escapar á vista dos homens, mas não ao olfato do glotão, se porventura lhes passar proximo. Em vão uma peça de caça é enterrada muitos pés debaixo da neve, porque não escapa ao nosso esquadrinhador; e infructuoso é o trabalho de a cobrir de pedras bem pesadas, porque este obstaculo, sufficiente para desarmar toda a habilidade do raposo, cede ao vigor e á perseverança do glotão.

Sem ter tanta voracidade, quanta lhe attribuiam Olaüs Magnus e outros escriptores antigos, o glotão é na verdade um animal dotado de appetite devorador; e como a preguiça o não tolhe, e encontra meio de satisfazer sufficientemente as suas necessidades de alimentação, está habitualmente muito gordo, até mesmo na

epoca em que os lobos quasi morrem de inanição.

Se a caçada não correu favoravel, o glotão, no inverno, ataca as moradas dos castores, e consegue abrir-lhes brecha, não obstante a resistencia das paredes, que o frio torna duplamente fortes e difficeis de romper. Os habitantes, porém, conseguem quasi sempre escapar-se, salvo se todas as saídas estão obstruidas pela neve.

No verão não é tão facil que o castor lhe escape, e os que encontra na floresta, tomando a sua refeição, ou preparando as provisões para o inverno, caem-lhe quasi sempre debaixo das unhas, por que os castores são ainda mais pesados que o glotão. Na agua, pelo contrario, seria inutil que os perseguisse, e na verdade não pensa em tal.»

O glotão, se não é tão habil nadador e não tem habitos aquaticos eguaes á lontra, entretanto, segundo o testemunho de diversos escriptores, não tem receio da agua, e entra n'ella em busca da presa.

«Este animal, diz ainda Brehm, causa grandes prejuizos nas habitações dos laponios; abre passagem atravez do tecto, rouba a carne, o queijo, o peixe secco, e destroe as pelles comendo parte. No inverno caminha de dia e de noite, e quando se sente fatigado abre um buraco na neve e deita-se a dormir.

Nos sitios da montanha completamente despidos de arvoredo, onde vivem os rebanhos de rangiferos selvagens, o animal faz numerosas victimas; e n'esta parte não me refiro só ao que ouvi contar ao caçador que já mencionei, pude ser testemunha da maneira por que procedeu um glotão, que espreitava um rebanho de rangiferos.

Provavelmente contava surprehender algum d'elles mais novo e menos cauteloso; a posição havia sido admiravelmente escolhida, e tivera o cuidado de se collocar contra o vento. Os rangiferos, porém, mudaram de posição, avistaram-n'o, e fugiram immediatamente para longe.

Quanto ao glotão, vendo o mau successo da emboscada, foi-se safando e fazendo cabriolas, com a cabeça e a cauda pendidas; de subito parou, escutou, atirou-se para um dos lados, apanhou um rato lemmingo, engoliu-o e continuou o seu caminho. Estava eu bastante afastado do logar por onde o animal passou, senão ter-lhe-hia feito pagar caro haver-me espantado a caça.

Quando a presa é pequena, o glotão come-a d'uma vez, pello e tudo; se é grande, enterra o que lhe sobeja, servindo-lhe para outra vez. Os samoyèdes teem como certo que este animal desenterra os cadaveres humanos para se alimentar.

A epoca do cio do glotão é no outono ou no inverno; na Noruega é em janeiro. Quatro mezes depois, isto é em maio, a femea tem dois ou tres filhos, raras vezes quatro, que deposita n'uma cama bem macia, que d'antemão preparou n'um tronco d'arvore ou na fenda d'um rochedo, situado n'uma quebrada ou na floresta.»

Falando ácerca do modo de caçar este animal, que os povos do norte perseguem pelos prejuizos que lhes causa, matando-o a tiro os caçadores da Noruega e da Laponia, e os esquimaus apanhando-o a laço com auxilio de cães, diz ainda o escriptor, a que nos temos referido, o seguinte:

Apezar de ser pequeno, o glotão não é inimigo que se despreze: é bravio, muito vigoroso, e sabe resistir muito bem, comquanto nunca busque defender-se do homem, salvo quando não pode fugir. De ordinario, ao avistar o caçador, refugia-se sobre uma arvore ou nos pincaros dos rochedos.

O cão, sendo leve, depressa o alcança se o sitio fôr despido de arvoredo; o glotão, porém, defende-se com coragem e furor, mordendo tudo quanto lhe fica ao alcance. Um cão, só, não leva a melhor, e muitas vezes até para maior numero não é tarefa facil poder subjugal-o.

Quando não póde escapar-se trepando ás arvores, deita-se de costas, agarra o cão com as unhas, derruba-o, e morde-o de forma que as mordeduras muitas vezes são mortaes.

O glotão, apanhado novo, pode domesticar-se facilmente; é, porém, difficil amansar um d'estes animaes que seja velho. Gerberg conseguiu crear um, sustentando-o a leite e carne, e pôde obter que o acompanhasse como um cão. Era muito esperto e folgasão, rolava-se pela areia, cavava a terra e trepava ás arvores. Quando tinha tres mezes já se defendia com vantagem dos cães que o atacavam.

Não comia em demasia; era manso e

consentia que os porcos partilhassem das suas refeições; só não tolerava os cães. Estava sempre limpo, e não cheirava mal senão quando os cães o perseguiam; provavelmente para os afugentar expellia o conteudo das glandulas anaes. Dormia habitualmente de dia e vagueava de noite, deitando-se de preferencia ao ar livre, e gostava do frio e da sombra. Aos seis mezes tornou-se mais bravio, continuando, porém, a ser affeiçoado ás pessoas; um dia em que fugira para a floresta, saltou aos hombros d'um criado velho que fôra procural-o, e assim voltou para casa. Quando envelheceu tornou-se ainda mais selvagem, e uma vez bateu-se com tal furor com um cão grande, que se não tivessem vindo em soccorro d'este, tel-o-hia estrangulado.

Brincava com as pessoas que conhecia, mas se um estranho lhe mostrava um pau, rosnava e agarrava-o com as unhas.

O glotão emquanto novo é alegre como um urso pequeno; quando vae preso corre descrevendo semi-circulos e rosnando. Adivinha o mau tempo, pondo-se de mau humor e rabugento.»

A pelle do glotão não cede em finura e em brilho á da marta, e é ao mesmo tempo quente e leve.

A IRÁRA [1]

Mustela barbara de Linneo — *Le galictis taïra* dos francezes

Este animal, de que ha duas especies, a *mustela barbara* e a *mustela vittata* de Linneo, conhecidas dos francezes pelos nomes de *galictis taïra* e *galictis grison*, a que no Brazil mais vulgarmente denominam *cachorrinho do matto*, estabelece o meio termo entre os glotões e as martas propriamente ditas.

Faremos a descripção d'uma só especie, porque são similhantes nos habitos, e vivem nos mesmos pontos da America do Sul. A nossa gravura n.° 101 representa um individuo da especie de que vamos falar.

A irára tem as formas geraes da doninha. O corpo é sobre o comprido, o focinho longo um tanto pontudo, guarnecido de bigodes formados de pellos curtos, pescoço aproximadamente da grossura da cabeça, pernas curtas e vigorosas, dedos completamente reunidos, e unhas comprimidas. A pelle é coberta de pellos macios, trigueiros muito escuros no tronco, nas pernas e na cauda; os da cabeça, da nuca e dos lados do pescoço pardos cinzentos, e tem na frente do pescoço uma mancha grande amarellada. A cauda é comprida, e guarnecida de pello pouco basto, mas do comprimento de $0^{m},6$.

A irára, a da especie taïra, mede aproximadamente $0^{m},66$ de comprimento, e a cauda tem $0^{m},50$.

Vive este animal n'uma grande parte da America do Sul, e encontra-se frequentemente no Brazil.

«No dizer de Rengger, a irára habita entre as hervas altas ou nas florestas, abrigando-se nos troncos carcomidos das arvores ou nas tocas abandonadas pelos armadilhos. Não é um animal exclusivamente nocturno; busca a presa de manhã cedo, e se o sol está encoberto encontra-se até mesmo ao meio do dia. Durante a força do calor não abandona o escondrijo, e só torna a sair pela tarde, prolongando a caçada até noite fechada. É considerado como animal bastante nocivo, e que se aproxima das habitações.

Alimenta-se de mamiferos pequenos indefesos, fazendo o seu principal alimento de corcinhos, de cotias, de coelhos, de capybares e de ratos. No campo persegue as gallinhas, os abestruzes novos, e na floresta devora os ovos e as aves de tenra edade. A sêde de sangue leva-o a matar maior numero de animaes, do que carece para alimentar-se. Trepa com muita destreza ás arvores mais altas, para pilhar os ninhos dos passaros ou as colmeias, e desce com a cabeça para baixo com uma agilidade que não se encontra em muitos mamiferos.

De ordinario o macho vive com a femea, e esta tem os filhos na primavera, dois ou tres de cada vez, que nascem com os olhos fechados, no dizer dos caçadores, e que ella alimenta de mamiferos pequenos e de aves

Na America do Sul é vulgar encontrar iráras domesticadas. Schomburg viu-as nas choças dos indios, que as denominam *maikong* ou *hava*, e elle proprio teve uma que viveu muito tempo. Rengger possuiu tambem um d'estes animaes. Eis o resultado das observações d'estes dois naturalistas.

[1] Não conhecemos em portuguez o nome vulgar d'este animal, se o tem, e por isso adoptamos o que usam os brazileiros, em cujo paiz vive.

As iráras alimentam-se de leite, carne, peixe, inhame cozido, bananas, pão de caçabe, de tudo, n'uma palavra, e assim podem facilmente crear-se. Quando se lhes mostra o alimento saltam-lhe, seguram-n'o com as patas dianteiras e com os dentes, e afastam-se o mais que podem da pessoa que lh'o dá. Deitam-se sobre o ventre e comem segurando os alimentos entre as patas, não arrancando os bocados, mastigando sempre junto do pedaço que estão comendo, como fazem os gatos. Se lhes dão um passaro vivo torcem-lhe o pescoço, e fazem o mesmo aos mamiferos pequenos, e até mesmo aos gatos e cães novos, se as não tiverem ensinado a respeital-os.

Se as perturbarem durante a refeição, mordem raivosas. Para beber tomam a agua com a lingua á similhança dos cães. São naturalmente asseiadas, e a toda a hora estão lambendo e alisando o pello. Se as excitam, exhalam cheiro a almiscar, que parece proveniente d'uma glandula existente n'uma prega cutanea, situada por baixo do anus.

Bem tratadas, habituam-se a viver com o homem, veem quando as chama, e seguem-n'o pela casa como os gatos. Gostam muito de foliar, lambem e mordem ao de leve os dedos, e uma vez por outra mordem a valer. Quando brincam deixam ouvir um leve grunhido como os cães novos, e se as maltratam dão um uivo curto.

Com toda a sua amabilidade, as iráras

Gr. n.° 101 — A irára

são sempre inimigo perigoso para os animaes domesticos mais pequenos do que ellas, e principalmente para as aves: tão depressa as avistam, arremessam-se-lhes raivosas, dando largas ao seu instincto natural, que a educação não consegue reprimir.

Se as conservam presas ou fechadas n'uma gaiola, mudam então de modo de vida, dormem toda a noite; mas se as deixam correr livremente pela casa, dormem só pelo meio da noite e do dia, e empregam o resto do tempo em dar caça aos ratos, limpando qualquer habitação d'estes hospedes nocivos, melhor do que o fariam os gatos. O corpo esguio e muito flexivel permitte-lhes passar por qualquer abertura, por onde possam introduzir a cabeça.

Sentindo-se perseguida, a irára busca refugiar-se n'um buraco, na cavidade do tronco d'uma arvore, ou no cimo dos ramos; se não encontra algum d'estes abrigos, não tarda em ser alcançada pelos cães, contra os quaes sustenta luta vigorosa, embora curta. Os seus inimigos mais temiveis são os grandes felinos e as cobras.

Os indios, dotados de boa bocca, comem a carne da irára, comquanto os europeus achem que o manjar é detestavel. Aproveitam-lhe tambem a pelle para fazer saccos pequenos, ou correias para seu uso.

AS MARTAS

As martas, com quanto sejam os mais pequenos dos carnivoros, não deixam por

isso de ser os mais ferozes, sem fazer excepção dos grandes felinos, o leão, o tigre, e o leopardo. Só as satisfaz a presa a que possam tirar a vida, e deleitam-se na carnagem.

A estructura do corpo das martas adapta-se admiravelmente á vida de rapina que levam, penetrando pela mais pequena abertura, para perseguirem a presa no seu retiro, parecendo que obedecem a uma necessidade desordenada de destruição e de crueldade inuteis, pois que fazem sempre maior numero de victimas, do que carecem para seu alimento.

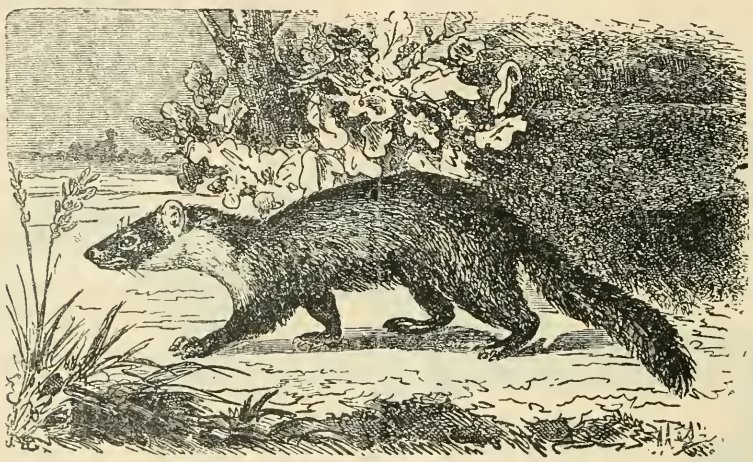
Falaremos de tres especies, a *marta*, a *marta zibelina*, e a *fuinha*, de que em seguida damos a descripção.

A MARTA

Mustela marta de Linneo — La marte dos francezes

Este animal tem o corpo comprido, pernas curtas e vigorosas, com os dedos separados e armados de unhas pequenas e agudas; cabeça pequena e chata, orelhas e olhos grandes, dentes fortissimos.

Tem duas especies de pello: um grande, consistente, cinzento junto ao corpo, depois loiro claro, terminando em trigueiro mesclado de ruivo e muito luzidio; e uma pennugem muito fina, abundante, que os pellos compridos não cobrem completamente, cinzenta tirante levemente para loiro e branco. A extremidade do focinho, peito, pernas e cauda,



Gr. n.º 102 — A marta

trigueiros escuros, com poucos pellos loiros; a garganta, parte inferior do pescoço e anterior do peito da mesma côr, com uma malha amarella clara; a parte posterior do ventre ruiva, os bordos e a parte interior das orelhas esbranquiçados e levemente coloridos de amarello. Em resumo póde dizer-se que a pelle é trigueira com uma malha amarella na garganta.

Tem duas glandulas situadas junto á raiz da cauda, que segregam um liquido de cheiro desagradavel, ás vezes fetido, que expellem, principalmente quando as excitam.

A marta encontra-se no norte da Europa e da America, e o pello d'este animal varia no comprimento, na espessura e no colorido, segundo o paiz em que habita.

Eis a descripção que Brehm faz da marta:

«A marta habita nas florestas, preferindo as mais cerradas, desertas e sombrias, e não se aproxima das habitações; vive nas arvores a que trepa com agilidade sem egual. Abriga-se nos troncos ôcos das arvores, nos ninhos abandonados pelas aves de rapina, nos dos esquilos, e é raro que vá buscar abrigo nas fendas dos rochedos.

Dorme quasi todo o dia no ninho, e á tarde, um pouco antes do pôr do sol, vae em busca de alimento. Desde a lebre até ao rato, não ha um mamifero que não esteja sujeito aos seus ataques; desliza-se furtivamente em seguimento da presa, até que, de subito, se arremessa, agarra-a e estrangula-a. Quando encontra os cabritos montezes pequenos, longe da mãe, persegue-os; causa grandes destroços nas aves.

É o maior inimigo dos gallinaceos, que aninham no chão ou nas arvores; aproxima-se-lhes silenciosamente, e antes que possam suspeitar da sua presença, surprehende um ou dois, e d'uma dentada abre-lhes as carotidas, bebendo-lhes o sangue com avidez. Persegue os animaes que vivem nas arvores, e o proprio esquilo, tão agil, é obrigado a render-se, extenuado, não lhe valendo os saltos mais atrevidos, nem o ir buscar asylo nos ramos mais frageis.

Á borda das lagoas surprehende os ratos d'agua e as aves aquaticas, e se é necessario vae em sua perseguição pela agua dentro. Apanha as lebres na toca, pilha os ninhos dos passaros, devasta as colmeias, come uvas, peras, cerejas, ameixas e outros fructos.

Se o alimento falta na floresta, ganha afoiteza e aproxima-se então das habitações do homem, penetrando nas capoeiras e nos pombaes, onde faz espantosa carnagem. Degola tudo quanto encontra, seja qual fôr o numero de gallinhas ou de pombos.

A epoca do cio é no fim de janeiro ou principio de fevereiro. Quem n'esta epoca observar as martas, vel-as-ha á luz da lua trepar agitadas ás arvores, os machos empurrando-se uns aos outros, e quando as forças se egualam travar-se um duello sobre os ramos em homenagem á femea que está presente, como parte interessada, e que se entrega ao vencedor.

Nove semanas mais tarde, no fim de março ou principio de abril, tem tres ou quatro filhos, que deposita umas vezes no ninho do esquilo ou do gavião, ou n'uma fenda dos rochedos, e geralmente na cavidade d'um tronco de arvore, sobre uma cama de musgo bem macia e confortavel. Cuida da sua progenie com grande solicitude, e não se afasta do logar onde os filhos se abrigam. No fim de algumas semanas os pequenos acompanham a mãe nas suas excursões, principalmente correndo com ella sobre os ramos das arvores, e ao menor perigo adverte-os e ensina-lhes a fugir.

Caça-se com afinco a marta não só para diminuir os destroços que causa nos animaes domesticos, como tambem para obter a pelle que é valiosa.

«No inverno, diz Tschudi, deixa sobre a neve pégadas que teem o dobro das do esquilo. As plantas dos pés da marta são muito felpudas, e os dedos não deixam vestigios muito pronunciados. Quando o cão a levanta, corre immediatamente para o matto, aos saltos, e trepa a um abéto bem alto. Muitas vezes agacha-se n'um ramo, ou refugia-se no ninho, d'ahi observa tranquillamente o caçador, com os seus grandes olhos brilhantes, de modo que se este errou o primeiro tiro, tem tempo de tornar a carregar a espingarda e de matar o animal com segundo tiro, porque elle não se move do logar onde está, olhando para o caçador. Se não tem a espingarda comsigo, póde ir buscal-a, porque se tiver o cuidado de dependurar em frente da marta um lenço ou um casaco, estes objectos de tal modo lhe prendem a attenção, que não pensa em escapar-se.

Affirmou-me um individuo digno de credito que elle e uns rapazes conseguiram matar uma marta, que se havia refugiado no cimo de uma arvore, á pedrada; o animal via passar as pedras junto de si sem se mover, até que finalmente uma, que o apanhou pela cabeça, o fez cair aturdido.

Para caçar a marta é preciso um cão corajoso e com bom dente, porque o animal tem por habito voltar-se contra o perseguidor, e ás vezes consegue amedrontal-o.

Quando são apanhadas novas, as martas criam-se com facilidade, sustentando-as a principio com leite e pão, e mais tarde com carne. De todos os carnivoros domesticaveis é a marta o mais gracioso, com quanto nunca perca a sua ferocidade innata.

De todas as pelles de animaes da Europa, a da marta é a mais estimada, e assimilha-se á da marta zibelina. No dizer de Tschudi vale meia libra e mais.

A MARTA ZIBELINA

Mustela zibelina de Linneo. — *La marte zibeline.*

A zibelina é muito similhante á marta de que acabamos de falar, nas fórmas e no tamanho; tem comtudo o corpo um pouco mais alongado, orelhas maiores, e cauda mais curta.

Distingue-se principalmente pela belleza da pelle, brilhante, macia, cinzenta no pescoço, e de um trigueiro aloirado tirante para preto no resto do corpo; tem os pés cobertos de pellos até por baixo. São raras as zibelinas loiras claras ou brancas.

Este animal habita na Russia da Europa, e nas regiões septentrionaes da Asia, na Tartaria, e na Siberia até ao Kamtchatka, que é o paiz ainda hoje mais rico em zibelinas.

«A zibelina, diz Chenu, habita á borda dos rios, escolhendo os logares mais sombrios e os bosques mais espessos; vive em buracos, ou n'uma especie de ninho formado com hervas seccas, musgo e ramos, construido sobre os ramos altos, ou na cavidade dos troncos e nas fendas dos rochedos. Passa o dia inteiro n'este abrigo, e parte da estação invernosa, sem comtudo cair em lethargo; o seu alimento habitual são os esquilos, as lebres, e tambem as martas e o arminho, que persegue.

No verão addiciona a esta alimentação animal alguns fructos, e principalmente os da sorveira, que lhe causa, dizem, viva comichão.»

A epoca do cio é em janeiro, e a gestação dura tres mezes, findos os quaes a femea tem de tres a cinco filhos.

No modo de caçar este animal e sobre a sua domesticidade ouçamos A. Brehm.

«A caça á zibelina é bastante rendosa, mas sujeita a muitos perigos; mais d'um caçador perde a vida n'esses desertos co-

Gr. n.° 103 — A marta zibelina

bertos de neve, onde é sufficiente que a tempestade rebente de subito, para lhe tirar toda a esperança de voltar para junto dos seus. Só uma constituição das mais robustas, reunida a uma grande experiencia, pode salvar os pobres caçadores, e todos os annos um certo numero deixa a vida n'aquellas regiões inhospitas.

A caça começa em outubro e termina a 15 de novembro ou em principio de dezembro, porque na primavera as zibelinas soffrem a muda; o pello no verão é muito curto, e no principio do outono, nem sempre é basto. Os caçadores reunem-se em bandos de quarenta homens, e durante a viagem são os cães que puxam os trenós onde vão as provisões para muitos mezes. É provavel que ainda hoje as caçadas se façam como Steller as descreveu:

Os caçadores, calçados de patins, perseguem as zibelinas até poder alcançal-as ou descobrir as tocas, e quando sabem da existencia d'alguma n'uma cova, ou na cavidade d'uma arvore, preparam uma rede de roda do sitio onde ella se abriga, obrigam-n'a a sair do seu escondrijo, se fôr necessario derribam a arvore, e matam-n'a ás frechadas ou a tiro; preferindo porém os laços onde o animal se apanha sem que a pelle soffra damno. Para pôr em ordem as ar-

madilhas, os caçadores gastam muitos dias.

Umas vezes são trapolas armadas a certa altura do chão, ou ratoeiras cavadas na terra, cercadas de estacas cobertas de taboas, para impedir que a terra desabe e novamente as encha; sendo necessario que o caçador venha amiudadas vezes inspeccional-as, sem o que o raposo azulado ou outro animal lhe irá devorar a zibelina que lá cair, deixando-lhe apenas alguns pedaços, que servirão para o advertir de que perdeu 40, 50, e até mesmo 60 rublos de prata.

Outras vezes é a tempestade que se desencadeia, repentinamente, dando apenas aos caçadores o tempo necessario para fugirem, abandonando os utensilios e despojos da caçada. A caça á zibelina é uma serie de perigos e difficuldades de todos os generos.

Terminada a epoca da caça, é necessario que os caçadores esperem que as ribeiras degelem, para poderem regressar, e durante esse intervallo occupam-se em preparar as pelles; muitas vezes, ao voltar a suas casas, o producto da caça mal chega para pagar as despezas. Se a caçada foi feliz, os caçadores, pelo menos os christãos, offerecem á egreja algumas das pelles, pagam tambem em genero os tributos aos agentes do fisco, e vendem então o resto, partilhando egualmente os lucros.

É raro que se haja tentado domesticar a zibelina; um individuo, porém, d'esta especie, creado no palacio do arcebispo de Tobolsk, era manso a ponto de o deixarem andar livremente pela cidade. Esta zibelina dormia a maior parte do dia, e só de noite estava desperta e se mostrava activa. Quando lhe davam de comer devorava com avidez, bebia, e adormecia depois tão profundamente, que mais parecia morta, podendo beliscal-a ou pical-a que se não movia.

Era inimiga de todos os carnivoros, e ao avistar um gato levantava-se sobre as pernas trazeiras, prompta a atacal-o.»

A FUINHA

Mustela foina de Linneo — *La marte fouine* dos francezes

A fuinha distingue-se da marta commum por ser mais baixa, ter as pernas mais curtas, a cabeça alongada e o pello mais curto. É trigueira acastanhada, á excepção do pescoço e do peito que são brancos, e das pernas que são trigueiras muito escuras.

Tem aproximadamente $0^{m},50$ de comprimento, e a cauda $0^{m},25$.

A fuinha encontra-se na Europa central, e na Asia occidental.

«É por toda a parte mais frequente que a marta, aproxima-se das habitações do homem, e pode affirmar-se que é nas cidades e nas aldeias que de preferencia estabelece a sua residencia. Os celleiros, as cavallariças, os pardieiros, as pedreiras, os montes de pedras e as pilhas de madeira são quasi sempre a habitação d'este inimigo das aves domesticas.

A fuinha tem os mesmos usos e costumes da marta; é como ella activa, destra, flexivel, corajosa, astuta, sequiosa de sangue, e avantaja-se nos exercicios corporaes: trepa ás arvores pelos troncos mais lisos, sobe agarrando-se ás asperezas dos muros e dos rochedos, salta e dá pulos a uma altura prodigiosa, nada facilmente, roja-se e passa pelas mais pequenas aberturas; quando se deixa cair de maior altura, a cauda que é comprida e felpuda serve-lhe de maroma, para a equilibrar na queda, de modo que promptamente está de pé; depois de se sacudir parte a correr.

Os dentes e as unhas são de boa tempera, e a finura do ouvido não é inferior á perfeição da vista; os olhos brilham na escuridão como um clarão azulado. É n'uma palavra um dos carnivoros mais completos.

O regimen alimentar da fuinha é egual ao da marta, comquanto aquella seja mais nociva que esta, provavelmente porque se lhe deparam mais occasiões de prejudicar.

Sempre que pode introduzir-se n'um logar onde vivem as aves domesticas, a fuinha commette os maiores attentados: n'uma noite degola seis, doze, e até mesmo vinte individuos, aos quaes, depois de lhe destroncar a cabeça, suga o sangue, contentando-se em levar para o covil uma só das suas numerosas victimas.

Alimenta-se tambem de ratazanas, de ratos, coelhos, aves de toda a especie, de esquilos e de reptís. Parece que a tudo prefere os ovos, a que sabe habilmente chupar o conteudo: é gulosa de cerejas, ameixas, peras, groselhas, sorvas e semente de linho. Nos valles, no dizer de Tschudi, busca com avidez o mel.

Ha quem affirme que para pôr os fru-

ctos ao abrigo das rapinas da fuinha basta esfregar o tronco das arvores com tabaco.

Para defender as aves dos seus ataques não ha senão um meio — fechar com cuidado todas as entradas para as capoeiras ou pombaes, sem desprezar as mais pequenas aberturas, porque por ellas pode introduzir-se a fuinha. Por toda a parte por onde entrar a cabeça chata e triangular d'este animal passa o corpo.

A fuinha não limita os grandes damnos que causa aos proprietarios ás devastações que exerce nas aves; é preciso accrescentar que em seguida ao ataque d'este animal a um pombal ou capoeira, é tal o terror que se apodera dos animaes que escaparam á carnificina, que abandonam para sempre a sua antiga morada.

A epoca do cio da fuinha é no fim de fevereiro, tres semanas depois da marta. Ouvem-se n'essa epoca os miáos que fazem recordar os do gato, e muitas vezes, sobre os telhados, grunhidos e gritos insolitos, dados por dois machos, que se batem por uma femea.

No mez de abril ou maio a femea tem de tres a cinco filhos» (Brehm).

A fuinha caça-se por todas as formas: com auxilio de cães, a tiro, e armando-lhe ratoeiras; acontecendo ás vezes que sendo apanhada por uma perna, corta-a com os dentes para escapar. Em frente dos cães defende-se corajosamente e com arte.

«Se a apanham ainda nova, a fuinha domestica-se facilmente, e habitua-se a todos os regimens. No dizer de Tschudi acompanha o dono ao campo, sabe encontral-o na floresta, e deixa tranquillas as aves na capoeira.

Uma femea que Lenz possuia não buscava fugir, e cuidava tranquillamente d'um filho que tinha. Este gritava quando tinha fome ou quando estava de mau humor, e se a mãe o não conservava limpo exhalava cheiro activo de almiscar, que na mãe era mais fraco. Á medida que as fuinhas crescem, é tão forte nos machos o cheiro do almiscar, que se não podem conservar no quarto.

Por vezes tem-se dado a crear as fuinhas pequenas a uma gata, com magnifico resultado; tornam-se muito familiares, e póde-se dizer perfeitamente domesticas. Entram e saem livremente, sem comtudo perderem o amor pela rapina, o que mais tarde ou mais cedo lhes acarreta a morte.

Conheci um sapateiro, diz Brehm, que creou e domesticou uma fuinha nova, mas que não obstante estar bem alimentada, não pôde vencer o seu natural, e commettia toda a sorte de attentados contra a vida dos outros animaes, e contra a propriedade dos vizinhos. A paciencia d'estes, finalmente, esgotou-se, e a fuinha foi condemnada á morte e executada a sentença.

Ainda mesmo apanhada já adulta, a fuinha póde tornar-se domestica até certo ponto. — Uma fuinha vivia proximo de uma aldeia na Escocia, causando estragos consideraveis, e não havia gallinheiro que ella não tivesse visitado e pilhado; finalmente deram-lhe com o escondrijo n'um celleiro abandonado. Pozeram-lhe os cães no encalço, e baldadas foram todas as manhas, que ella poz em pratica, para lhes escapar. Levada contra a borda d'um precipicio, ia cair-lhes nos dentes, quando d'um salto se precipitou no abysmo, á profundidade de mais de 30 metros. A queda fôra violenta, e o animal ficou estendido, immovel, e apparentemente morto.

Um dos caçadores, porém, desejoso de possuir a pelle, desceu ao precipicio para trazer a fuinha, e pôde no mesmo instante verificar que estava bem viva, pela grande mordedura que ella lhe deu, o que não desanimou o homem, que, segurando-a pelo pescoço, a levou para casa.

Tratou-a com carinho, e no fim de algum tempo conseguira domestical-a completamente. Então o homem resolveu servir-se do animal para apanhar os ratos, e levou-o para a cavallariça, a que bem depressa se habituou, tomando amizade a um dos cavallos. Todas as vezes que alguem entrava na cavallariça, ella corria para junto do cavallo, e buscava defendel-o com os seus grunhidos: tão depressa lhe estava sobre o dorso, como no pescoço, subindo e descendo a todo o momento, brincando-lhe com as orelhas e com a cauda. Parecia que esta amizade era bem agradavel ao cavallo.

Acabou os seus dias desgraçadamente: n'uma das suas excursões nocturnas foi apanhada n'uma armadilha, onde a encontraram morta no dia seguinte (Brehm).

Vamos contar aos nossos leitores uma anecdota referida por Boitard, de que elle foi testemunha, e que vem narrada no *Diccionario Universal de Historia Natural*.

«N'uma aldeia nas margens do Saône,

um antigo couteiro, um tanto rapinante, havia conseguido domesticar de tal fórma uma fuinha, a que dava o nome de *Robin,* que nunca a tinha presa, deixando-a ao contrario correr livremente por toda a casa, não partindo nada, e portando-se com toda a sagacidade d'um gato. Se era turbulenta, e era-o na verdade, tomava as suas precauções para não derribar os objectos que lhe ficavam ao alcance.

Respondia á voz do dono, vinha quando este a chamava, não lhe fazendo caricias, mas mostrando gostar que elle lh'as fizesse. Vivia na melhor harmonia com um cão terrier inglez, chamado *Bibi,* que tinha sido creado com ella. E se isto já é singular, o que mais surprehende é que Robin e Bibi eram instrumentos e complices do dono em varios roubos.

Todas as manhãs o velho guarda saía de casa, levando no braço um cesto grande coberto, no qual ía escondida Robin, e Bibi seguia muito de perto atraz do dono; assim este trio ía passar pelas herdades mais afastadas do povoado, onde é uso deixar andar a creação longe de casa, e tão depressa o guarda avistava uma gallinha proxima d'uma sebe, ou d'outro logar onde não podia ser visto, tirava Robin do cesto, mostrava-lhe a gallinha, punha-a no chão, continuando o seu caminho.

A fuinha deslisava pela sebe, encolhia-se, rojava-se como uma cobra, e assim se

Gr. n.° 104 — A fuinha

aproximava da ave, á qual de subito se arremessava, estrangulando-a, sem lhe dar tempo de abrir bico. Então o velho rapinante vinha na volta, e o cão corria a buscar a gallinha que trazia ao dono, acompanhado pela fuinha. A ave era immediatamente mettida no cesto com a fuinha, que lá tinha o seu canto separado, e punham-se em marcha á procura de nova occasião para recomeçar o manejo.

Finalmente os lavradores da vizinhança deram com a diminuição progressiva do numero de gallinhas e capões, e tratando de espreitar quem seria o roubador, não tardou que não deitassem a mão em flagrante delicto aos ladrões.

O juiz de paz, que não tinha em grande conta os progressos da historia natural, mandou dar um tiro na fuinha, e entendeu que fazia favor ao guarda condemnando-o a pagar as gallinhas que, graças á habilidade de Bibi e de Robin, lhe tinham por vezes preparado excellentes caldos.»

O pello da fuinha é estimado, e os melhores são os fornecidos pelos animaes mortos no fim do outono ou principio do inverno.

Ha um grupo de animaes, formando diversas especies, que os naturalistas modernos comprehendem n'um genero, com a denominação scientifica de *fætorius*, e a que os francezes chamam *putois*. Não ha nome em portuguez para designar este grupo, pelo menos que nós o conheçamos.

Fazem parte d'esta secção da familia dos musteleanos, o *tourão fetido*, o *furão*, a *doninha*, o *arminho* e o *visão*, de que em seguida falaremos, terminando a descripção das principaes especies d'esta familia.

O TOURÃO FETIDO

Mustela fotorius de Linneo — *Le putois* dos francezes

Este animal tem aproximadamente $0^m,40$ de comprimento e a cauda $0^m,16$. A pelle é trigueira, com os pellos interiores d'um branco amarellado, malhas brancas na cabeça e especialmente proximas do focinho.

O tourão fetido vive na zona temperada da Europa e da Asia, e até mesmo um pouco na zona septentrional; encontra-se em todos os paizes da Europa, á excepção da Laponia e do norte da Russia.

«Em toda a parte onde houver com que se alimente, o tourão vive bem, na planicie ou na montanha, na floresta ou no campo, preferindo a vizinhança das habitações. Abriga-se nas cavidades dos troncos das arvores, nas barrocas, nas tocas abandonadas pelo raposo, e em caso de necessidade elle proprio prepara uma para seu uso. No campo prefere as hervas mais altas, alojando-se tambem nos rochedos, entre a estacaria das pontes, nas casas arruinadas, entre as raizes das arvores, n'uma palavra, sabe sujeitar-se ás circumstancias. No inverno vem para perto das aldeias e até mesmo das cidades.

«De dia, diz Tschudi, dorme ordinariamente na toca, e só de noite está esperto e mais buliçoso do que a marta. Comquanto tenha como esta o andar leve e aos saltos, e o olfato mais fino, salta e trepa peior; não sobe ás arvores, e é menos sanguinario e menos para temer do que a marta.»

O tourão devasta os gallinheiros, os pombaes, as coelheiras, tal qual como os os outros musteleanos, mas tem em compensação sua utilidade. Se o fazendeiro guardar bem as suas gallinhas, os pombos e os coelhos, tem n'este animal um magnifico auxiliar, que o livra das ratazanas e dos ratos, que desinfesta de cobras a vizinhança, e que só reclama como recompensa uma cama quente e macia no feno.

O tourão alimenta-se de todos os animaes que póde apanhar; não ataca unicamente as aves domesticas e os coelhos; é tambem inimigo encarniçado das toupeiras, das ratazanas, dos ratos do matto, dos cricetos; as rãs são um manjar appetitoso, e apanha-as em quantidade extraordinaria, amontoando-as ás duzias na toca.

Em caso de necessidade contenta-se com os lagartos, as salamandras, as anguinhas, as cobras, e até mesmo com as viboras, que devora sem que lhe dê cuidado os dentes d'uns e o veneno da ultima, porque as mordeduras d'ella são-lhe tão pouco fataes como ao ouriço, como se verificou pelas experiencias feitas por Lenz em alguns tourões captivos. Finalmente, na falta de qualquer outra presa, come gafanhotos e caracoes.

Pesca á borda dos lagos, das ribeiras, dos tanques, espreitando o peixe, e perseguindo-o até na agua; mergulha, e apanha-o habilmente.

É guloso de mel e de fructas.

Comquanto seja bastante sanguinario, é comtudo menos do que a marta, como já dissemos; quando pode introduzir-se n'um pateo onde vive a creação, não ataca indistinctamente todos os animaes, atira-se ao maior, e leva-o para a toca; porém volta muitas vezes na mesma noite. Tem como nenhum outro musteleano o habito de fazer deposito de comestiveis, deposito onde muitas vezes se encontram ratos, aves, ovos e rãs em quantidade.

Todos os movimentos do tourão são lestos, rapidos e firmes: anda de rastos admiravelmente, dá saltos certissimos, caminha pelas superficies mais estreitas, trepa, nada, mergulha, n'uma palavra, adapta os movimentos ás circumstancias. É sagaz, astuto, prudente e desconfiado, tem os sentidos muito perfeitos, e quando o atacam é corajoso; tem todas as qualidades que se exigem para a vida de rapina que leva. Defende-se expellindo como as foetas um liquido muito fedorento, e assim escapa muitas vezes ás perseguições dos cães.

Não só se defende, mas ataca tambem com a maior temeridade animaes mais fortes do que elle, e algumas vezes até aggride o homem. Lenz cita alguns factos que provam até que ponto chega a audacia do tourão. Eil-os.

«Em Verna, aldeia da Hesse eleitoral, um rapazito de cinco annos acabava de pôr na estrada, perto d'um canal, um irmão mais pequeno que lhe haviam entregue á sua guarda, quando tres tourões appareceram subitamente, atiraram-se á creança, morderam-n'a, um na nuca, outro na orelha, e o terceiro na testa; o irmão mais velho quiz defender o mais

novo, mas outros tourões sairam do canal, querendo atacal-o tambem. Por felicidade dois homens vieram em soccorro das creanças, mataram dois dos tourões, fugindo os outros.

Em Riga um tourão entrou n'um quarto por um buraco que havia no sobrado, matou uma creança que dormia no berço, e comeu-lhe parte da face.»

Brehm diz que o tourão tem a vida rija, salta de grandes alturas, e supporta, quasi sem soffrimento apparente, tormentos de toda a especie, resistindo aos mais terriveis ferimentos.

«A epoca do cio do tourão é no mez de março. Nos logares onde estes animaes são mais frequentes, vê-se o macho e a femea correrem um atraz do outro sobre os telhados, ou dois machos rivaes que se batem. Dão gritos agudos, mordendo-se e rolam agarrados pelo telhado, vindo parar ao chão, onde se separam um momento para de novo se deitarem um ao outro.

Dois mezes depois, geralmente em maio, a femea deposita n'uma caverna, e de preferencia n'uma pilha de madeira ou entre molhos de lenha, quatro, cinco ou seis pequenos, que, como todos os animaes nocturnos, se conservam com os olhos fechados por algum tempo. A mãe testemunha-lhes o mais vivo affecto, cuida-os com ternura e defende-os com coragem. Se ouvir qualquer ruido proximo do seu escondrijo, vae ao encontro do inimigo, e muitas vezes atira-se ao homem.

Na edade de seis semanas os pequenos acompanham a mãe á caça, e no fim do terceiro mez teem attingido todo o seu desenvolvimento.

O tourão não tem só o homem por inimigo; os cães perseguem-n'o, e o raposo, pelo menos na Allemanha, é para este animal um adversario importuno.

«O raposo, diz Lenz, não gosta da carne do tourão, e se encontra algum morto nem mesmo lhe toca, não podendo comtudo passar sem armar pendencia com o animal vivo. Aproxima-se-lhe rojando-se sobre o ventre, atira-se de subito, derriba-o, e já está ao largo quando o tourão se levanta furioso, mostrando-lhe os dentes; a este primeiro ataque succede segundo.

O raposo aproxima-se novamente, salta, e d'esta vez não deita por terra o adversario, morde-lhe no dorso, e larga-o antes que elle possa tomar a desforra.

Começa então a descrever circulos em torno do tourão, abeirando-se, e apresentando-lhe a cauda, que este vae para morder, mas que o raposo retira a tempo obrigando-o a morder em falso. Por fim simula a mais completa indifferença, e o tourão, mais tranquillo, repara para todos os lados e vae roer alguns restos que sobejaram; este é justamente o momento que o astuto carnivoro aguarda: rojando-se então sobre o ventre, os olhos brilhantes, as orelhas tezas, agitando a cauda, avança, pula, apanha o tourão pelo pescoço, sacode-o, e vae-se».

Duram estas aggressões, diz Lenz, ás vezes horas inteiras, sem que todavia d'ellas resulte damno para nenhum dos adversarios.

Os estragos feitos pelo tourão dão motivo a que o persigam encarniçadamente por toda a parte, empregando contra elle todas as armas e as diversas armadilhas. A melhor consiste n'uma caixa sobre o comprido, com um alçapão, que cae logo que o animal toca n'um pau pequeno onde está preso o engodo. Colloca-se esta armadilha na vizinhança do sitio onde habita o tourão, e na maior parte das vezes o animal é apanhado no primeiro dia.

Onde os ratos abundam vale mais deixar viver o tourão, e impedil-o de ser prejudicial, fechando com cuidado o gallinheiro e o pombal.

Podem crear-se estes animaes, de pequenos, dando-os ás gatas para os amamentar, ou dando-lhes leite, e em ambos os casos tornam-se muito mansos; a sua ferocidade natural, porém, nunca desapparece completamente, e ficam sempre sendo perigosos para os animaes domesticos que não podem defender-se.

Lenz fez nos tourões captivos experiencias interessantes, que esclarecem alguns dos habitos d'estes animaes que vivem em liberdade. Estas experiencias referem-se principalmente aos combates dos tourões com as cobras venenosas. Lenz conclue das suas observações, e nós somos da mesma opinião, que os homens que vivem na floresta devem poupar o tourão, que é alli de grande utilidade, prestando realmente grandes serviços na destruição dos roedores e das viboras, e que no campo não é menos util dando cabo dos escaravelhos.

A pelle do tourão é quente e duradoura, conservando sempre um mau

cheiro insupportavel, que lhe faz perder o valor. Não vale mais d'um cruzado a seis tostões. Os pellos da cauda servem para fazer pinceis. A carne é detestavel, e nem mesmo os cães a querem.

Pode-se ensinar o tourão a caçar os coelhos, exactamente como se ensina o furão, e á similhança d'este, o tourão obriga o raposo a sair da toca, saltando-lhe ás guelas.

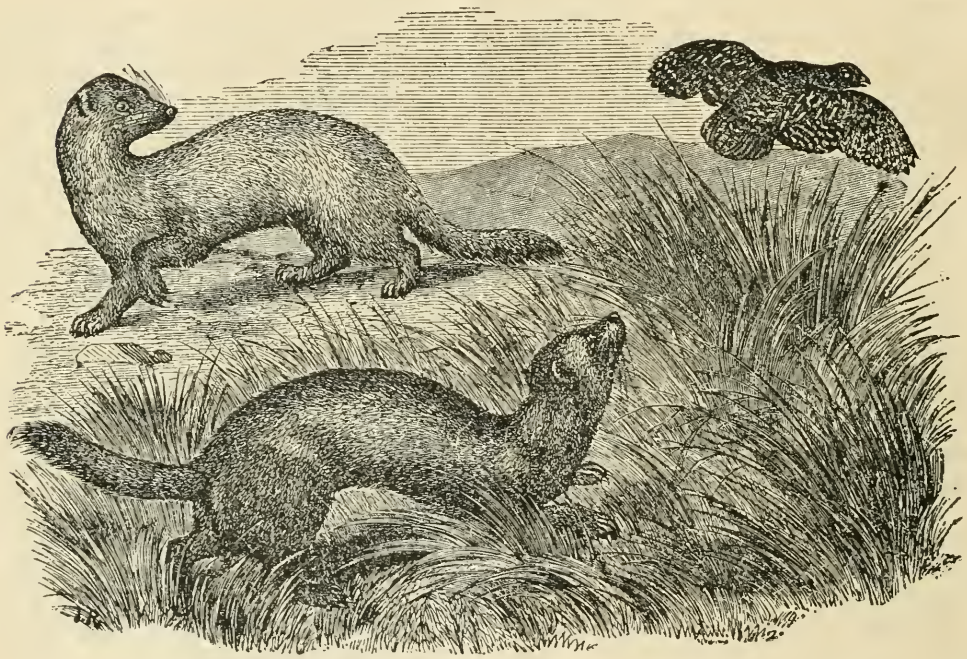
O FURÃO

Mustela furo de Linneo — *Le furet* dos francezes

Não se pode dizer se o furão é uma especie, ou tamsómente uma variedade do tourão; não se conhece senão no estado domestico, e isso desde a mais remota antiguidade.

É oriundo de Hespanha, e os hespanhoes obtiveram-n'o da Barbaria, em tempos muito remotos, segundo conta Strabão. Já no tempo dos arabes este animal era reconhecido pelo nome de *furo*, e muito commum em Hespanha como animal domestico.

O furão tem o tamanho e as fórmas geraes do tourão, sendo comtudo um pouco mais pequeno e menos vigoroso, o que acontece sempre nos animaes que vivem no estado de domesticidade. Tem $0^{m},38$ de comprido e a cauda $0^{m},14$.



Gr. n.° 105 — O tourão fetido e o furão

A pelle é d'um amarello claro, e em certas partes tirante a branco, devido aos pellos mais compridos serem brancos, emquanto os curtos e lanosos são completamente amarellos; o ventre é mais escuro e os olhos vermelhos.

Chenu diz que o furão é provavelmente uma variedade albina do tourão fetido, perpetuada por uma longa domesticidade.

Á similhança do tourão, estes animaes exhalam, principalmente quando os excitam, um cheiro fetido muito activo.

Alguns naturalistas pretendem que o furão é oriundo da Africa, e que d'alli se espalhou pela Europa.

«Cercado de certos cuidados cria-se e conserva-se nos paizes frios, e desapparece tão depressa elles lhe faltam. Não se pode dizer que é um animal domestico; o homem é que aproveitou no seu interesse as inclinações sanguinarias e habitos de rapina d'este animal.

Uma caixa ou gaiola, tendo no fundo uma cama de palha ou de feno, que se deve mudar a miudo, é alojamento

sufficiente para o furão. Alli vive em todas as estações, e no inverno é necessario tomar a precaução de o subtrahir ao frio.

Alimenta-se de pão e leite, mas é preferivel dar-lhe carne fresca. Lenz diz que come com agrado rãs, lagartos e cobras.

O furão tem habitos eguaes aos do tourão, com quanto seja menos activo, tendo, porém, a mesma sede de sangue e a mesma tendencia para o roubo. Embora tenha acabado de comer até á saciedade, atira-se do mesmo modo, furioso, aos coelhos, aos pombos e ás gallinhas, segurando-os pelas guelas, e não as largando até que deixem de agitar-se. Lambe apaixonadamente o sangue que lhe corre das feridas, e devora-lhes o cerebro.

Ataca os reptis com mais precauções do que qualquer outro animal, e parece que o instincto lhe diz que a vibora é perigosa. Diz Lenz que apanha sem receio as anguinhas e as cobras, logo á primeira vez que as vê, e não obstante estes animaes defenderem-se, morde-as, parte-lhes a columna vertebral e devora-as.

Da vibora, porém, aproxima-se hesitante, e procura apanhal-a pelo meio do corpo; dada a primeira dentada, emprega toda a astucia imaginavel para evitar os dentes venenosos do reptil, chegando até a abandonar a luta, e a retirar-se. A mordedura da vibora não é mortal para o furão, comquanto o torne doente.

É raro conseguir domesticar completamente o furão, havendo comtudo exemplos de alguns que andam soltos, e acompanham o dono como um cão. A maior parte, porém, uma vez saidos da gaiola, aproveitam a liberdade, correm a apossar-se d'alguma toca de coelhos, que lhes serve de abrigo no verão, e deixam de conhecer o homem: no inverno, não podendo resistir ao frio, morrem, e são poucos os que voltam á morada do antigo dono. No dizer de Bolle, nas Canarias os furões tornam-se completamente selvagens.

A voz do furão é um murmurio surdo e um grito agudo quando sentem dôr, e raras vezes se ouve. De ordinario o furão conserva-se enrolado na cama, e só manifesta a sua actividade excitado pelo amor da rapina.

A femea tem filhos duas vezes no anno, cinco a oito de cada vez, que se conservam com os olhos fechados duas ou tres semanas, e trata-os com o mais vivo affecto. No fim de dois mezes separam-se os pequenos da mãe para serem creados á parte.

O furão presta ao caçador de coelhos importantes serviços, que não deixam de custar caros, sendo necessario sustentar o animal todo o anno, ainda mesmo no longo periodo em que a caça é defesa. Além d'isso é necessario empregal-o unicamente contra os coelhos adultos, ou pelo menos já crescidos; de contrario, se encontra na toca coelhos muito novos, degola-os e devora os, deitando-se em seguida na cama molle e quente, onde elles descançavam, e o caçador terá que esperar que ao furão apraza sair da toca.

A caça com o furão faz-se a toda a hora do dia, mas principalmente de manhã, quando os coelhos já teem entrado na sua morada. Conduz-se o animal n'um cesto pequeno ou n'uma caixa de pau ou coiro, especialmente feita para este uso. Em rigor conduz-se na rede.

Tão depressa se depara com uma toca, trata-se de lhe encontrar todas as saídas, e depois de se haver collocado uma rede em fórma de bolsa, com um metro aproximadamente de comprimento, deixa-se entrar o furão pela entrada principal, junto da qual se estende da mesma fórma a rede.

Logo que os coelhos presentem o inimigo, fogem e procuram sair da toca, caíndo na rede onde se apanham com facilidade. Se se escapam, o que acontece quando a pessoa que preparou as redes não tem bastante pratica, ficam expostos aos tiros dos caçadores e a ser perseguidos pelos cães, sendo alguns d'estes muito habeis em apanhal-os á saída. Quando a toca tem corredores muito largos, os coelhos podem facilmente evitar os dentes do furão, e antes de se resolverem a abandonal-a correm por muito tempo na frente do adversario.

Põe-se açaimo ao furão ou limam-se-lhe os dentes para o impedir de matar os coelhos no fundo do covil. De ordinario pendura-se-lhe um guiso ao pescoço, para que o caçador possa ser advertido dos seus movimentos. Antigamente, em Inglaterra, cosiam-lhe os beiços antes de o largar; mas podendo o açaimo prestar o mesmo, ou melhor serviço, pelo uso d'este apparelho se substituiu um costume quasi barbaro.

Tão depressa o furão apparece á entrada da toca é preciso apanhal-o immediatamente, porque se o deixam novamente entrar acontece a maior parte das vezes que adormece, ficando lá dentro muitas horas; e é tão pesado o somno, que só afumando a toca com custo se consegue acordal-o, obrigando-o a sair. Por vezes tem sido necessario aguardar dois dias e duas noites, á entrada da toca, o despertar do furão que adormecera depois de haver morto um coelho e sugado-lhe o sangue.

E' muito conveniente habituar o furão a vir quando se lhe assobia ou á chamada, e não vindo pode-se obrigal-o a sair por diversas maneiras, sendo uma d'ellas prender um coelho a uma vara, e introduzil-o no corredor que vae dar á toca; o furão á vista do coelho não pode resistir, atira-se para o morder, e vem atraz d'elle.

Em Inglaterra servem-se do furão não só para expulsar o coelho da toca, como tambem para caçar os ratos; e os inglezes divertem-se vendo combater estes dois animaes. Affirmaram-me que poucos furões podem ser empregados na caça aos ratos, principalmente se já alguma vez experimentaram os dentes d'estes roedores, e o que só tem caçado coelhos é completamente improprio para caçar ratos, porque se o não tiverem ensinado a atacal-os, tem medo e foge.

Para o habituar é preciso primeiro acostumal-o a apanhar os ratos pequenos, e assim se consegue que mais tarde lute com os maiores e saia vencedor.

Quando o furão é inexperiente, os ratos velhos, de ordinario, abrigam-se a um canto, longe do adversario, e quando este o ataca consegue mordel-o; mas quando o furão é experimentado sabe precaver-se e conhece qual é a melhor occasião de subjugal-o sem se expôr ás suas mordeduras. Rodwall fala de combates entre um furão celebre e as maiores ratazanas, chegando aquelle a matar cincoenta n'uma hora.

«As ratazanas, diz o referido escriptor, estavam fechadas n'uma caixa quadrada, de 3 a 3 e meio metros de diametro e com 1 metro de altura, e logo que o furão ali entrou deu principio á batalha. Algumas ratazanas maiores, portando-se cobardemente, renderam-se á descripção, sem lutarem, e outras mais novas batiam-se como demonios. O furão recebeu ao principio algumas fortes mordeduras que serviram para lhe augmentar o furor.

Os olhos brilhavam-lhe de raiva, e ratazana a que elle deitava os dentes, apanhando-a pela nuca, dava um guincho, e ficava morta. Ás vezes punha uma pata sobre alguma, e parecia folgar com os esforços que ella fazia para mordel-o; até que prompto, como um raio, caia sobre outra, e enterrando-lhe os dentes nas guelas, ouviu-se um novo grito de dôr, e era mais uma victima.

Ia a batalha em meio quando uma ratazana velha se aproximou do furão, decidida a vingar as victimas do terrivel musteleano. O furão n'esse momento havia apanhado um novo adversario e estrangulava-o, quando a valente ratazana o atacou, fazendo-lhe uma ferida profunda na cabeça, d'onde repuxou o sangue. O furão redobrou de furor para com a ratazana que tinha apanhado, e recebeu segunda ferida; vendo então qual era o seu destemido adversario, arremeçou-se furioso contra elle.

Houve então um tumulto indescriptivel, não se divisava senão umas formas negras no meio das quaes se avistava, correndo d'um para outro lado, a pelle mais clara do furão, ouvindo-se os grunhidos d'este e os guinchos das ratazanas. Muitas diligenciavam escapar-se, mas só conseguiam augmentar o numero das victimas. Não tinha decorrido ainda uma hora, e já mais de cincoenta cadaveres juncavam o solo da arena.»

Muitas vezes quando o furão vae caçar coelhos, encontra outros animaes que estabelecem o seu domicilio na toca abandonada por estes, e assim pode-se encontrar em presença do raposo, da fuinha, da marta ou do tourão sendo ás vezes bastante ousado para não recuar. Quando é o ultimo d'estes animaes que encontra, então o combate é terrivel, porque ambos são egualmente fortes e destros.

Conta um caçador o seguinte: —«Larguei um dia um furão n'uma toca de coelhos, e o animal demorava-se tanto, que eu estava impaciente, suppondo que se tivesse deitado e adormecido; bati com força na terra para acordal-o, mas em breve percebi que elle não era o culpado da demora.

Gritos similhantes aos do furão vieram ferir-me o ouvido, e eram acompanhados d'outros a que eu não podia conhecer

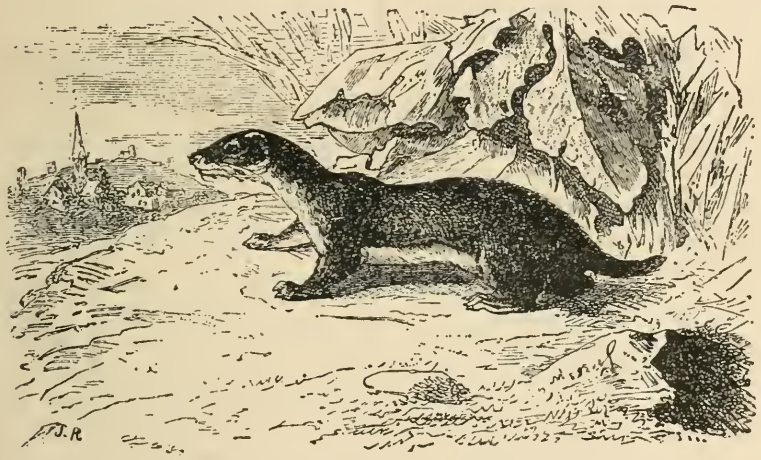
a causa; mas que augmentando progressivamente me permittiram perceber que eram dados por dois animaes diversos. Pouco depois pude distinguir, no fundo da toca, o meu furão que lutava com outro animal.

O furão esforçava-se para trazer o adversario para fóra do covil, encontrando, porém, resistencia seria; e quando, finalmente, os dois adversarios sairam, vi com espanto que se batia com um tourão macho, mordendo-se um ao outro, e que nenhum queria abandonar a luta. O tourão, ao ver-me, tentou voltar para a sua morada, arrastando o furão; mas este resistiu e trouxe novamente o adversario até á entrada da toca, sendo finalmente levado pelo tourão e desapparecendo ambos.

Houve silencio, e eu já estava receiando pela sorte do meu furão, quando pela terceira vez o vi apparecer, arrastando o inimigo. Esperava que elle fosse o vencedor, mas de subito o animal largou a presa e correu para mim com o peito rasgado; o tourão não o perseguiu, e deteve-se á entrada da toca.

Atirei-lhe, mas, demorando-se o tiro, o tourão desappareceu incolume.»

Não obstante a inimizade que reina entre o furão e o tourão, é facil, pelo cruzamento das duas especies, obter mestiços que são muito estimados pelos caçadores. Assimilham-se ao primeiro pelo colorido



Gr. n.º 106 — A doninha

mais claro do pello nas faces e na garganta, mas os olhos são negros e mais vivos que os do furão.

Os mestiços teem todas as qualidades dos paes, sendo, porém, mais domesticaveis que o tourão, e menor o mau cheiro que exhalam; são fortes, corajosos e menos friorentos que o furão.

É espantosa a sua coragem; atiram-se furiosos ao inimigo que encontram na toca, agarrando-se como sanguesugas, e, por vezes, quando se zangam, viram-se contra o dono e mordem-n'o.» (Brehm).

A DONINHA

Mustela vulgaris de Linneo.— *La belette* dos francezes.

A doninha é de todos os musteleanos o que tem o corpo mais alongado, parecendo mais do que na realidade é, porque o pescoço e o resto do corpo são quasi da mesma grossura. Tem de comprimento $0^m,16$, e a cauda $0^m,4$, sendo estas, geralmente, as dimensões d'este animal.

A doninha tem as pernas curtas e delgadas, patas armadas de unhas rijas e pelo lado inferior cobertas de pellos; a cauda delgada para a extremidade, focinho obtuso, nariz dividido por um rego longitudinal, orelhas largas, arredondadas, trazeiras e collocadas aos lados, olhos obliquos, pequenos e vivos, dentes fortes. O pello é liso, de comprimento mediano, e só algumas sedas rijas e compridas apparecem de roda dos olhos; nas costas, aos lados das patas e na cauda, trigueiro ruivo; e na borda do beiço superior, no ventre, no peito, na garganta e nas pernas pelo lado de dentro,

branco. Tem aos cantos da bocca uma pequena mancha redonda, parda, e encontram-se alguns salpicos d'esta côr no ventre.

Nas regiões meridionaes estas côres são permanentes; mas para o norte, o pello da doninha no inverno muda de côr, e faz-se branco atrigueirado.

Encontra-se este animal em toda a Europa, onde é frequente, e no norte da Asia.

D'este animal muito conhecido no nosso paiz, e que embora seja um dos mais pequenos dos mamiferos carnivoros, pode servir de exemplo pelo seu valor a todos os membros da familia dos mustéleanos, vamos dar uma descripção resumida da que A. Brehm faz.

«A doninha vive indistinctamente na planicie ou na montanha, no campo ou na floresta, nos povoados ou nos sitios desertos; em toda a parte tem a certeza de encontrar um abrigo contra as perseguições dos seus inimigos. Aloja-se na cavidade dos troncos, nos montes de pedras, nas habitações arruinadas, nas tocas das toupeiras, nos buracos das ratazanas ou dos ratos cricetos, nos celleiros, cavallariças, adegas e até mesmo nas cidades. Se o sitio é tranquillo, e não offerece risco, a doninha apparece de dia; no caso contrario não sae senão á noite.

Quando, caminhando-se em silencio, se depara com a doninha sem que ella nos presinta, vê-se o animal correr d'um para outro lado, deslisar atravez das hervas ou do matto, parar com o pescoço estendido e a cabeça levantada, olhando e escutando, e subitamente esconder-se n'um buraco, para apparecer n'outro mais longe, deixando vêr tamsómente metade do corpo.

De ordinario a doninha não foge na presença do homem, chegando até a avançar, com uma audacia incrivel, se elle se aproxima, como para perguntar ao visitador importuno o que lhe quer.

Em geral as doninhas vivem aos pares ou em pequenas familias, parecendo, comtudo, que por vezes se reunem em grande numero. Diz Tschudi que no cantão de Unterwald ha quem affirme haver observado grupos superiores a cem doninhas; e se dermos credito a algumas narrações, estes animaes reunem-se para atacar o homem, e só retiram depois de porfiada luta.

Conta John Franklin, na sua *Vida dos animaes*, que «um escossez chamado Brown, voltando um dia de Gilmerton, perto de Edimburgo, pelo caminho de Dalkeith, viu d'uma eminencia, a distancia consideravel, um homem que fazia uns taes movimentos, tão violentos e disparatados, que mais parecia um louco do que um individuo no uso da razão. Brown, julgando em verdade que seria algum pobre maniaco, foi-se direito a elle.

Ao aproximar-se conheceu que o homem estava sendo atacado por um bando de animaes pequenos, contra os quaes se defendia, que Brown á primeira vista julgou serem ratos, mas que, observando-os a menor distancia, pôde verificar ser uma colonia de quinze a vinte doninhas, das quaes o pobre do homem tentava vêr-se livre.

Brown poz-se do lado do atacado, e com um pau que levava pôde estender sem vida um certo numero de doninhas, o que sendo visto pelas outras, que observavam que o numero de combatentes diminuia, tomaram medo e fugiram, desapparecendo nas fendas d'uns rochedos.

O misero escossez estava extenuado, havendo sustentado a luta, segundo elle calculava, por mais de vinte minutos; e como os terriveis animaes procuravam deitar-se-lhe ás guelas, sem o auxilio de Brown teria inevitavelmente sido victima da furia dos seus aggressores.

É necessario dizer que o escossez era um homem robusto, e contava da seguinte fórma o principio da sua aventura.

— Passeava tranquillamente pelo parque, quando ao avistar uma doninha correu para ella, fazendo diligencia para matal-a; assim foi-se aproximando dos rochedos de que já falámos, collocando-se entre elles e a doninha, de fórma que lhe cortou a retirada para o escondrijo, e então o animal dera um grito, a cujo signal a colonia fez uma sortida immediata, dando principio ao ataque.»

Tem sido vista a doninha morder os pés do cavallo, largando depois de grandes esforços da parte do animal e do cavalleiro.

A doninha quasi sempre encontra meio de se escapar d'uma situação difficil; até mesmo entre as garras d'uma ave de rapina se não póde considerar inteiramente perdida, com quanto esta ultima tenha so-

bre ella uma vantagem que lhe torna facil a victoria. Na maior parte dos casos a ave rapace póde apanhal-a sem correr perigo, transportal-a com facilidade, e suffocal-a antes que a doninha tenha tempo de comprehender a situação. Pois não obstante, já uma aguia foi victima d'uma doninha.

Um grupo de trabalhadores, conta J. Franklin, que andava a ceifar feno perto do lago de Santa Maria, na Escossia, viu uma aguia levantar o vôo acima da montanha que ficava ao fundo do campo onde trabalhavam. Não era espectaculo que se perdesse; é encantador vêr o animal descrevendo no ar uma linha espiral, formando circulos que, para assim dizer, abraçam todo o horisonte. Os espectadores, porém, observaram que no vôo da aguia havia alguma coisa de extraordinario, porque agitava as azas com violencia e muito repetidas vezes.

Os trabalhadores, reunidos, consultavam-se sobre qual seria a causa do procedimento insolito da ave, e sempre com os olhos fixos n'ella. Viram-n'a continuar a sua ascensão, até que a perderam de vista. D'ahi a pouco, porém, observaram que o animal descia, não pela mesma fórma porque se havia levantado, descrevendo circulos magestosos, mas como um corpo que cae com grande rapidez; e á medida que se aproximava da terra conheceram, pelo modo como caía, que se assimilhava á queda de uma ave ferida por um tiro. Os movimentos convulsivos, rapidos e irregulares, das suas azas vigorosas, moderavam frouxamente a descida.

Finalmente a aguia caiu a pequena distancia dos trabalhadores, que correram presurosos, levados pela curiosidade, singularmente excitada, de conhecer os pormenores do acontecimento.

No momento em que se aproximavam do animal, uma doninha grande conseguia livrar-se das garras da aguia, pondo-se de pé com o descuido e impudencia habituaes aos individuos d'esta especie; levantou-se sobre as pernas trazeiras, cruzou as dianteiras diante do nariz, olhou de frente para os curiosos, — assim faz muitas vezes na presença do homem, quando este não é acompanhado pelo cão — e d'um salto desappareceu por entre o matto.

A rainha dos ares estava morta, coberta do proprio sangue, e tinha as guelas rasgadas. A doninha foi accusada de regicida, com quanto todos admirassem a coragem d'este debil bicho, que estrangulara a aguia, diga-se a verdade, animal cobarde.»

O grou não tem tido melhor sorte, quando é assaz temerario para atacar a doninha, pagando com a vida a sua ousadia.

É ocioso dizer que um animal tão atrevido como corajoso é terrivel para todos os pequenos vertebrados, que destroe em numero consideravel: estrangula e devora as ratazanas, os ratos, as toupeiras, os cricetos novos, as lebres, os coelhos, as gallinhas, os pombos, as cotovias, e as outras aves que aninham sobre o solo, pilhando da mesma fórma os ninhos sobre as arvores.

Destroe os lagartos, as anguinhas, as cobras, atacando egualmente a vibora, com quanto succumba ás repetidas mordeduras d'este reptil; come as rãs e os peixes, alimenta-se, emfim, de carne de todas as qualidades, até mesmo da dos animaes da sua especie.

Gosta immenso dos crustaceos, e se apanha um caranguejo sabe perfeitamente aproveitar a parte util. N'um aperto não faz cara ás lesmas e aos caracoes.

A pequenez do corpo e a sua agilidade são-lhe grandes auxilios para caçar, e por isso nenhum animal pequeno vive em segurança na sua vizinhança. Persegue a toupeira nos pontos mais recondítos da toca; as ratazanas e os ratos nos buracos que lhes servem d'abrigo; pesca os peixes, e apossa-se dos passaros entre a folhagem das arvores. Corre com agilidade, trepa habilmente, e nada com perfeição; volta-se com a rapidez do relampago, dá um salto formidavel, e assim alcança a presa ou escapa aos inimigos. Penetra pelos buracos mais pequenos, ou pelas mais estreitas fendas, o que a torna perigosa; e pela coragem, sêde de sangue, e amor da carniça é um dos mais perfeitos entre os animaes carnivoros.

A doninha apanha os animaes pequenos pela nuca ou proximo da cabeça, e se são maiores procura mordel-os no pescoço e corta-lhes as carotidas. Abre a casca do ovo em diversos sitios, bebendo-lhe o conteudo sem derramar uma gota. Ha quem affirme que transporta os ovos pequenos introduzindo-os na bocca, e os grandes segurando-os entre o peito e a queixada inferior; mas este ultimo facto carece de confirmação.

Aos animaes grandes contenta-se de beber o sangue, sem lhes tocar na carne; e aos pequenos come-os inteiros. Nunca larga a presa a que tenha deitado os dentes, sendo-lhe indifferente que haja testemunhas dos seus actos de rapina.

N'uma egreja em Oxford foi vista uma doninha, durante o serviço divino, atravessar rapidamente o templo e desapparecer por uma abertura que ia dar ao cemiterio, voltando d'alli a pouco com uma rã, que devorou á vista de toda a assembléa. É vulgar vêl-a andar á caça nas proximidades das habitações.

A epoca do cio para estes animaes é no mez de março, e cinco semanas depois, em maio ou junho, a femea tem de tres a oito filhos, que nascem com os olhos fechados. Deposita-os na cavidade do tronco d'uma arvore, n'um buraco, em qualquer logar bem recondito, sobre uma cama de palha, de feno, ou de folhas, preparada em fórma de ninho, e tem todos os extremos d'uma boa mãe.

Aleita-os muito tempo, e durante muitos mezes alimenta-os de ratos que lhes traz vivos. Se desconfia que lhe descobriram a ninhada, vae esconder os filhos n'outro sitio, transportando-os um por um, na bocca. Em frente do perigo, defende-os.

Logo que os pequenos teem attingido um certo tamanho, brincam durante o dia com a mãe, e é um dos mais interessantes espectaculos assistir ao recreio da familia, á luz do sol, no campo, principalmente se no logar abundam as tocas das toupeiras. De cada uma das entradas sae uma cabecinha, com dois olhos vivos, que devassam em torno de si. Se nada vem perturbar o silencio do logar, as doninhas saem, uma a uma, e correm pelo campo, as novas provocando-se, mordendo-se, empurrando-se, ostentando desde logo toda a agilidade que lhes é natural. Ouve-se o mais leve ruido, eis que desapparecem no escondrijo, bastando alguns segundos para que toda a familia se tenha sumido.

Em breve vê-se apparecer novamente, á entrada da toca, uma cabeça, outra e terceira, verificam que tudo cá fóra está tranquillo, saem e n'um instante a familia está outra vez reunida; se egual ruido se repete, já não as assusta, afoitam-se progressivamente, e por fim não interrompem os seus brinquedos na presença de um observador.

Só homens ignorantes perseguem estes animaes, e fazem-n'o armando-lhes laços, servindo-se para engodo de ratos, ovos, e passaros. Apanham-n'os tambem em ratoeiras. Entretanto a doninha presta serviços que não podem ser-lhe contestados, e longe de a destruir, o homem devera protegel-a: nenhum animal é mais apto para dar caça aos pequenos roedores.

Limitam-se os estragos que pode causar a penetrar no interior dos gallinheiros ou dos pombaes mal fechados, fazendo alguma victima, e esses estragos não podem comparar-se aos beneficios que presta. É, porém, difficil desarraigar antigos e falsos preconceitos e combater a tolice e a rotina.

A doninha apanhada nova póde domesticar-se. Apezar que os naturalistas hajam repetido, seguindo a opinião de Buffon, que o animal é indomesticavel, tal asseveração é um erro, que muitos factos desmentem.»

Wood, na sua *Historia Natural*, refere que uma senhora possuia uma doninha que bebia leite, quando lh'o dava na mão, e que de manhã, quando a soltavam, ia ter com ella á cama, onde depois de mil cabriolas, e de lhe fazer caricias sem conto, se deitava junto do seio da dona.

«Conhece-me a voz, conta a proprietaria da doninha, entre muitas, procura-me, e para vir para junto de mim, salta por cima de quem lhe tomar a passagem.

Com as pernas dianteiras afaga-me muitas vezes o rosto, olhando-me com uma expressão que denota quanto isto lhe é agradavel. Se vê que me visto para sair, já me não deixa, e não é facil livrar-me d'ella. Tem a astucia de se esconder atraz da porta, e quando passo atira-se a mim, não querendo largar-me.

É muito curiosa; não posso abrir uma gaveta ou uma caixa, ou olhar com attenção para um papel sem que a doninha repare; e para obrigal-a a vir ter commigo é sufficiente pegar n'um livro ou n'um papel e olhar fixamente para elle; o animal não tarda, e correndo ao longo do meu braço, vae observar o objecto para que eu olhava.»

Brehm diz que havia um inglez que tinha uma doninha, que o acompanhava por toda a parte, e que muitas outras pessoas as tem possuido, deixando-as andar livremente pela casa, e até mesmo entrar e sair quando lhes apraz.

Captivas, as doninhas vivem até seis annos, e em liberdade devem chegar aos dez.

O ARMINHO

Mustela erminea de Linneo. — *La Hermine* dos francezes

O arminho é muito similhante á doninha, possue as mesmas fórmas, com quanto o corpo seja ainda mais alongado, medindo de 0m,33 a 0m,40.

Este animal, cujo pello serve para adornar o manto dos reis, nem sempre é branco; no verão a pelle é similhante á da doninha; só no inverno o pello do arminho se faz branco, á excepção da extremidade da cauda que é sempre negra.

O capitão Lyon conta o seguinte: — Tive um d'estes animaes que uns marinheiros me trouxeram da Noruega, com o pello de inverno, e era completamente branco. Fechei-o n'uma gaiola, onde observei cuidadosamente a mudança de côr, que começou nos primeiros dias de março, terminando no dia 17 do mesmo mez.

O arminho é vulgar no norte da Europa, principalmente na Russia, na Noruega, na Siberia e na Laponia, vivendo tambem nos paizes temperados, onde é mais raro que a doninha. Encontra-se tambem no Kamtchatka, e nos pontos mais septentrionaes dos Estados Unidos.

Á imitação da doninha, o arminho encontra em todos os logares um esconderijo conveniente. Qualquer buraco no chão, a toca da toupeira, uma fenda n'um muro, um monte de pedras, um tronco ôco, uma casa arruinada, lhe proporcionam abrigo. No inverno abre uma toca na neve, e ahi vive.

Gr. n.° 107 — O arminho

O arminho conserva-se todo o dia na sua morada, dormindo; sae comtudo algumas vezes de dia, mas só á hora do crepusculo começa verdadeiramente a sua actividade. Deslisando por entre as pedras e pelas hervas, pára em frente da toca da toupeira ou d'um covil de ratos, com o dorso arqueado, e examina rapidamente se lá dentro ha moradores; até mesmo parado nunca a sua immobilidade é completa: os olhos, as orelhas, o nariz estão sempre em continuo movimento, e a cabeça agita-se em todas as direcções.

Todos os exercicios corporaes lhe são familiares; corre e salta com a maior agilidade, e nada como a lontra, atravessando não só um riacho mas até mesmo espaços maiores.

«As faculdades intellectuaes do arminho estão em relação com os seus caracteres; é corajoso como a doninha, sedento de sangue e sem egual no gosto pela carnagem. Nenhum inimigo lhe mette medo, nem mesmo o homem. Custa a crer que o arminho possa ser

para este um adversario, pelo menos, incommodo, e entretanto assim é.

Conta Wood que um homem que passeava nos arrabaldes de Ericklade avistou dois arminhos deitados na estrada, e pegando n'uma pedra atirou-lh'a, derribando um. O outro deu um grito agudo, particular, e arremessou-se a elle, trepando-lhe pelas pernas, e diligenciando mordel-o no pescoço; entretanto o grito de guerra tinha sido ouvido e repetido por outros arminhos, que correram em seu auxilio.

O homem procurou primeiro afastal-os á pedrada, mas bem depressa teve de livrar o pescoço, a que os arminhos queriam chegar, lutando encarniçadamente; e se o fato que era grosso e a gravata que trazia ao pescoço o livraram de ser mal ferido n'este logar, entretanto as mãos, o rosto, e até parte do pescoço ficaram cobertos de mordeduras. Conservou d'esta aventura taes recordações, que nunca mais provocou um arminho.

Este animal não persegue unicamente os mamiferos e as aves de que pode assenhorear-se, mas muitas vezes até animaes maiores do que elle. São-lhe presa os ratos, as toupeiras, os ratos cricetos, os coelhos, os pombos, as gallinhas, os pardaes e as andorinhas novas que elle vae roubar ao ninho; come as cobras e os lagartos que pode apanhar, e as lebres não estão ao abrigo dos seus ataques.

Lenz viu uns tantos arminhos reunirem-se um dia em volta d'uma lebre doente, e estrangulal-a, e accrescenta que as lebres sãs e adultas nada tem a receiar do arminho. Entretanto os naturalistas inglezes não seguem esta opinião.

Hope, ouvindo um dia o grito de dôr d'uma lebre, que lhe despertou a curiosidade, e correndo para o sitio d'onde o queixume havia partido, viu uma lebre que se debatia com outro animal, que se lhe agarrara ao peito como uma sanguesuga. Era com um arminho que a lebre lutava, e esta ao ver o homem fugiu, desapparecendo no matto, arrastando comsigo o adversario.

«É notavel, diz Bolle, que a lebre, quando perseguida pelo arminho, não use das suas vantagens naturaes, pois que bastariam alguns saltos para lhe escapar como escapa aos cães e aos raposos. Parece que o desprezo por inimigo tão pequeno a leva a não fazer caso do arminho, e que essa indifferença lhe custa a vida.»

É muito interessante assistir a uma das caçadas favoritas do arminho, a do rato campestre amphibio, por exemplo. Persegue-o em terra e na agua até que consegue apanhal-o. Começa farejando todos os buracos, e tão depressa se certifica que n'um d'elles está o morador, entra e obriga o rato a fugir, indo buscar refugio na agua; este expediente não o salva: o arminho segue-o nadando como um cão, e perseguindo-o com a agilidade da lontra. O rato está perdido se qualquer circumstancia inesperada o não salvar; ainda que trepe ou se esconda, nada o pode livrar; o inimigo segue-lhe a pista, e os dentes d'este são mais fortes que os incisivos do roedor.

Muitas vezes a luta se effectua dentro d'agua, e o arminho vem para terra trazendo a presa entre os dentes. Conta Wood que alguns arminhos conseguem em poucos dias dar cabo d'uma colonia de ratos d'agua.

Os arminhos reunem-se, o macho e a femea, em março; e em maio ou junho esta tem de cinco a oito filhos, que deposita n'uma cama macia preparada n'uma toca de toupeiras, ou em qualquer outro abrigo seguro. Ama os filhos ternamente, amamenta-os, cuida-os e brinca com elles até ao outono; á chegada do inverno, quando já são adultos, abandonam a mãe.

Se algum perigo ameaça a sua progenie, vae pôr os filhos em logar mais seguro, levando-os na bocca, e assim atravessa uma ribeira se necessario fôr. Quando já são crescidos, leva-os comsigo nas suas excursões, para ensinal-os a caçar, e em breve os pequenos egualam a mãe em coragem, astucia, agilidade, e paixão pela carniça» (Brehm).

O arminho apanha-se em laços de varias especies, e até mesmo com ratoeiras, e é a occupação de muitos homens, principalmente no norte da Russia, para lhe aproveitarem a pelle, que é um artigo importante de commercio. Os caçadores de zibelinas, de que já falámos, caçam ao mesmo tempo este animal.

O arminho é domesticavel, e até mais que a doninha, e muitas pessoas teem conseguido educal-o a ponto de entrar e sair de casa quando quer, e seguir o dono como o cão.

Ha paizes em que existe a superstição de que a doninha traz felicidade á casa em que entra, e os que assim crêem, es-

tão mais proximos da verdade do que aquelles que lhe attribuem maleficios, e perseguem este animal que, sem contradição, presta serviços apreciaveis.

AS LONTRAS

As lontras são animaes essencialmente aquaticos, como indica o alongamento do corpo, a cabeça chata, e as patas palmadas, podendo mover-se facilmente na agua, e só com difficuldade em terra. N'este genero da familia dos musteleanos comprehendem-se muitas especies, umas que vivem nos rios e outras no mar; faremos a descripção tamsómente de duas, a *lontra ordinaria* e a *lontra marinha*.

A LONTRA ORDINARIA

Mustela lutra de Linneo.— *La loutre ordinaire* dos francezes

A lontra ordinaria tem a cabeça chata e larga, orelhas arredondadas e curtas, olhos pequenos, beiços grossos, e ornados, principalmente o superior, de pellos compridos. Os pés assimilham-se aos dos outros musteleanos, distinguindo-se por terem os dedos unidos por uma membrana que os transforma n'uma especie de pá de remo, util na natação. O pello é espesso e curto, na parte superior trigueiro escuro lustroso, e na inferior pardo atrigueirado, a garganta e a extremidade do focinho pardas claras. O animal tem de comprimento da extremidade do focinho atè á raiz da cauda $0^m,70$ e esta $0^m,35$.

Encontra-se esta especie em quasi todos os paizes da Europa, e em grande parte da Asia central e septentrional.

A descripção d'este animal, realmente curioso, que damos em seguida, é resumida da que A. Brehm faz da lontra commum.

«Esta lontra habita exclusivamente na proximidade dos rios d'agua doce, preferindo os ribeiros que correm junto ás florestas.

Tem, ajustada aos seus costumes, uma habitação subterranea, cuja entrada é sempre $0^m,50$ a $0^m,60$ acima do nivel d'agua, d'onde parte um corredor de $1^m,20$ a $1^m,50$ de comprimento, que sobe obliquamente, indo dar a um compartimento vasto, tapisado de hervas e sempre secco. Segundo corredor, estreito, dirige-se para o lado da margem, indo abrir-se á superficie do terreno, e serve para ventilador; a lontra para melhor esconder ás vistas curiosas a sua habitação, busca que as aberturas destinadas a dar entrada ao ar, fiquem occultas entre o matto.

De ordinario a lontra aproveita as excavações feitas pelas aguas, e limita-se a dar-lhes maior diametro; algumas vezes, raras, aproveita-se da toca abandonada pelo teixugo ou pelo raposo, situada na proximidade do rio.

Quando as aguas crescem e lhe inundam a toca, procura asylo nas arvores ou nas cavidades que se lhe deparam nos troncos, e ahi repousa das fadigas da sua vida aquatica.

A lontra é odiada pelos pescadores, a quem deteriora as rêdes; mas tem para o naturalista immensos attractivos, e reune as mais curiosas particularidades. A vida d'este animal na agua, os movimentos, caçadas, qualidades intellectuaes, tudo contribue para tornal-a um dos mais notaveis da Europa.

Basta vêl-a para conhecer que é um animal aquatico; assimilha-se na marcha á serpente e deslisa muitas vezes sobre a neve ou sobre o gelo a grandes distancias, servindo-se da cauda que é vigorosa.

Quando anda inclina a cabeça, e leva o dorso um pouco arqueado; pode virar-se com facilidade incrivel, levantar-se nas pernas trazeiras, e conservar-se n'esta posição por muitos minutos, inclinando-se para a direita ou para a esquerda, para a frente ou para traz, sem nunca perder o equilibrio; trepa ás arvores quando os troncos não estão bem a prumo, servindo-se das unhas que são solidas e agudas; mas é pouco habil n'este exercicio. Só quando a fome a obriga se alimenta de animaes terrestres.

Vendo-se a lontra na agua não parece a mesma que vimos em terra; é aquelle o seu verdadeiro elemento; por isso ao menor indicio de perigo vae alli procurar asylo. Admiravelmente organisada para nadar e mergulhar, corpo alongado como o de uma serpente, patas que se transformam em remos pela membrana palmar, cauda comprida e vigorosa, servindo-lhe de leme, pelle lisa e escorregadia, tudo está disposto de maneira que lhe facilita cortar a agua.

Os dentes solidos e agudos, que não deixam escapar a presa, servem-lhe para apanhal-a.

Ás vezes permitte a fortuna que se observe a lontra atravez das aguas claras dos rios ou dos lagos nos Alpes, e então vê-se que nada com agilidade egual á dos peixes que persegue, e que se não fôra a necessidade de vir ao lume d'agua respirar, nenhum lhe escaparia. A lontra sobe e desce nadando, deita-se de lado, recua, sempre com a mesma ligeireza. Brincando dá cambalhotas na agua, e pude observar em lontras captivas que nadam muitas vezes de lado, ou deitam-se de costas reunindo as pernas sobre o peito, e avançam impellidas pela cauda. A cabeça não cessa de mover-se. Embora se demore muito tempo dentro d'agua, o pello da lontra está sempre secco.

No inverno, quando a agua gela, a lontra aproveita as fracturas que o gelo apresenta, para mergulhar, voltando á superficie para respirar, pelo mesmo logar por onde passou; e não é necessario que a fenda seja grande, basta que o animal possa introduzir o focinho para caçar sob o gelo.

Tem os sentidos muito apurados: vê, ouve, e cheira perfeitamente. A muitos centos de passos sente a aproximação do homem ou do cão, e esconde-se mergulhando. As continuas perseguições que lhe fazem tornam-n'a desconfiada e astuta, e só no fim de muitos dias de a espreitar se consegue vel-a.

Habitualmente a lontra vive só; as femeas, porém, quando andam com os filhos, reunem-se a outras, e se é na epoca do cio, reunem-se aos machos, e pescam assim em pequenos bandos. Nadam sempre contra a corrente, percorrendo muitas leguas pelo rio, inspeccionando todos os riachos que lá vão desaguar ou as curvaturas das margens. Se as surprehendem de manhã, longe da toca, escondem-se todo o dia entre os juncos, e só saem á noite.

Este animal é eximio em apanhar o peixe, e é na agua o que o lynce e o raposo são em terra. Nas aguas pouco profundas pesca nas curvaturas que faz a praia, ou bate com a cauda na superficie da agua, para espantar os peixes, e obrigal-os a refugiar-se nos buracos ou sob as pedras, onde pode mais facilmente apanhal-os. Onde a agua é mais profunda persegue a presa e alcança-a a nado, espreitando-a muitas vezes sobre uma pedra, ou em cima de uma arvore, saltando, tão depressa a avista, e vae apanhal-a mergulhando.

Quando são duas, e perseguem um salmão, uma nada pela parte superior, e a outra pela inferior, até que o pobre peixe, fatigado, rende-se á discrição. Se é uma, e tem que haver-se com um peixe grande, a lontra, para melhor o surprehender, ataca-o por baixo, agarrando-o pelo ventre, e vem devoral-o para a praia; aos pequenos come-os emquanto vae nadando, bastando para isso levantar a cabeça fóra d'agua.

Tão depressa sae d'agua, trazendo uma presa grande, segura-a com as patas dianteiras, começando a devoral-a proximo dos ouvidos; come-lhe o dorso, e abandona o resto; e se o sitio é farto em peixe, do dorso só come os melhores bocados. Se n'um dia apanhar muitos peixes grandes, não devora senão uma pequena parte de cada um.

Os aldeãos, principalmente quando o direito de pesca pertence a algum rico proprietario, como acontece em Inglaterra, não incommodam a lontra, de paladar tão delicado; pelo contrario, consideram este animal o fornecedor providencial da sua mesa, e todas as manhãs veem pelos restos dos peixes a que ella só comeu uma parte.

A lontra, apezar de ter alimento abundante, não falta aos usos da familia a que pertence; pude observar nas lontras captivas que matam quantos animaes podem alcançar, e até mesmo, depois da mais copiosa refeição, atiram-se ao peixe que lhes passar proximo. Se topa com algum sitio onde abundem os peixes pequenos, apanha-os e leva-os para a praia, mata-os e vem de novo para continuar perseguindo os outros. E' pois um animal bastante nocivo pelas suas rapinas sem treguas e sem necessidade.

Alimenta-se tambem de caranguejos, rãs, ratos de agua, de aves, preferindo o peixe, e principalmente as trutas.

Não ha epoca de cio bem determinada para as lontras, e encontram-se com filhos em todos os mezes do anno. Mas geralmente o macho reune-se á femea no fim de fevereiro ou principio de março, e chamam-se por um grito agudo e prolongado; correm um apoz outro na agua, brincando e afagando-se.

Nove semanas depois, isto é no correr de maio, a femea tem de dois a quatro filhos, que nascem com os olhos fechados, e que abriga n'um buraco aberto na praia, entre as raizes grossas das arvores, onde

forma o ninho tapizado de hervas, que o tornam macio e confortavel.

A mãe é extremosa pelos filhos, e diz J. Franklin «que repetidas vezes prefere deixar-se matar a abandonar a progenie. Quando lhe tiram os filhos persegue o roubador, manifestando o pezar que a opprime por gritos que se assimilham até certo ponto com a voz humana. Os pequenos, a seu turno, chamam pela mãe, e no tom de voz dos seus queixumes arremedam as creanças.»

Nove dias depois de nascidos, os pequenos abrem os olhos, e quando teem oito semanas a mãe leva-os á pesca. Vivem em sua companhia seis mezes, durante os quaes ella trata da sua educação. Na edade de tres annos são já adultos e aptos para a reproducção» (Brehm).

Persegue-se a lontra não só pelo valor do pello, como tambem pelos estragos que faz, que, como já dissemos, são importantes, matando maior numero de peixes de que carece para alimentar-se. Para apanhal-as servem-se de laços que lhe armam debaixo d'agua, interrompendo a passagem nos rios pouco fundos por meio de estacas, deixando tamsómente livre

Gr. n.° 108 — A lontra ordinaria

uma pequena abertura onde a armadilha está preparada e por onde a lontra se vê obrigada a passar. Nos grandes lagos caçam-se a tiro, esperando que venham ao lume d'agua para respirar, e pelas bolhas d'ar que veem á superficie, conhece-se o sitio onde estão.

Este meio, porém, só se póde usar onde a agua é pouco baixa, porque a lontra morta vae ao fundo, e só volta á superficie quando já está em putrefacção, e o pello portanto inutilisado.

Tambem se empregam os cães ensinados a caçar este animal, os unicos que sabem fugir-lhe ás mordeduras, porque os outros encontram n'ella inimigo perigoso, com o qual a maior parte das vezes não levam a melhor.

Sobre a domesticidade da lontra é hoje opinião assentada, apezar da asseveração de Buffon, que considerava este animal indomesticavel, por nunca ter conseguido amansar algumas lontras novas que possuiu, que este animal não só se domestica, vivendo na melhor harmonia com o homem, a quem se afeiçoa a ponto de seguil-o como um cão, e com outros animaes, mas é tambem bastante intelligente, e aprende a pescar por conta do dono, trazendo-lhe o peixe que apanha, e contentando-se com uma pequena parte do producto da pesca.

Para domesticar a lontra parece ser indispensavel não só apanhal-a em quanto é nova, como tambem ter cuidado de a sujeitar a regimen que não seja completamente animal.

Entre os muitos factos narrados por diversos escriptores, que provam quanto a lontra é facil de domesticar-se, transcreveremos os seguintes:

Brehm conta que durante a sua permanencia em Hespanha, onde a lontra é vulgar, elle e seu irmão poderam apanhar tres d'estes animaes muito novos, que conservaram por algum tempo e domesticaram rapidamente; mas não lhes deixando a sua vida de caçadores ter os cuidados que era mister, os animaes morreram todos durante uma viagem.

Wenkell diz: «uma lontra nova que tinha sido creada pelo jardineiro de meu pae, gostava principalmente de estar ao pé dos homens; quando estavamos no jardim vinha ter comnosco, trepava pelo fato, e escondia-se entre o peito e a roupa ficando com a cabeça de fóra. Quando era mais crescida bastava assobiar-lhe ou chamal-a pelo nome, para que ella saisse do tanque onde se divertia a nadar e viesse ao nosso encontro. Aprendeu depressa a trazer o perdido, e a dar cinco e seis cambalhotas seguidas.

Se fazia algum disparate, o modo de a castigar, superior á pancada, e de que mais se receiava, era deitar-lhe agua por cima.

Tinha por favorito um valente baixote, que tão depressa apparecia no jardim era logo festejado pela lontra, que lhe saltava sobre o dorso e que assim se deixava conduzir. Ás vezes andavam ás cambalhotas, qual debaixo qual de cima. Se o cão passava distante e não parecia disposto a vir comprimental-a, chamava-o por meio d'um assobio; se o dono o não estorvava, o baixote não faltava á chamada.

Quando a lontra estava de bom humor, ouvia-se-lhe continuamente uma especie de risota.

A seguinte historia, narrada por Lenz, e primitivamente contada por um polaco, o marechal Chrysostome Passek, é uma das mais interessantes que temos lido ácerca das lontras domesticadas.

«Em 1686, estando eu em Ozowka, o rei João Sobieski mandou-me uma carta por Straszewski, e o seu estribeiro-mór escreveu-me tambem, pedindo-me que presenteasse o rei com a minha lontra, que pedisse eu o dinheiro que quizesse, e que em troca teria mais quantos favores desejasse. Este pedido foi como uma punhalada que me dessem; resisti por muito tempo, mas finalmente vendo que o pedido se repetia sem treguas, tive de me resolver a separar-me do meu animal favorito.

Um dia eu e Straszewski, depois de havermos tomado aguardente, dirigimo-nos para uma veiga onde estava situado o tanque, á roda do qual a lontra andava habitualmente, e chamando-a pelo nome, *Ver*, saiu do centro d'uns cannaviaes, veiu aos saltos direita a mim, e acompanhou-me até a casa. Straszewski estava maravilhado, e não fazia senão repetir — «Como o rei ha de estimar um animal tão bem ensinado!» ao que lhe respondi: — «Ainda agora só tiveste occasião de avaliar a sua docilidade, o que fará quando lhe puderes conhecer as outras qualidades.»

Encaminhámo-nos para um tanque proximo da nossa habitação, e perto d'elle disse á lontra — *Ver*, vae buscar peixe para os hospedes, salta! A lontra atirou-se á agua e trouxe-me um mugem, mandei-a segunda vez e apanhou um solho pequeno, e á terceira vez um solho grande.

Straszewski batia na testa dizendo: — «Que vejo, pois é possivel!»

— «Queres que vá buscar mais, perguntei-lhe eu, irá tantas vezes quantas eu lhe mandar.»

E o meu hospede não cabia em si de contente, esperando surprehender o rei com a narração d'estes factos. Antes d'elle se retirar fil-o sabedor de todas as boas qualidades da minha lontra.

Deitava-se a meu lado, e era muito asseiada; nunca me enxovalhava a cama nem o quarto. Era uma excellente guarda, um verdadeiro *Cerbero*. De noite ninguem podia aproximar-se do meu leito, á excepção do criado uma unica vez, para levar as botas; mas se elle voltava a lontra dava gritos até acordar-me. Se acontecia deitar-me depois de haver bebido em demasia, e que o somno fosse mais pesado do que era habitualmente, agitava-se por tal fórma sobre o meu peito, e fazendo tão grande bulha, que conseguia sempre acordar-me. De dia deitava-se a um canto, e dormia tão profundamente que era possivel levantal-a d'onde estava e leval-a nos braços, sem que abrisse os olhos. Não comia peixe nem carne crua.

Á sexta feira e ao sabbado, dias de jejum, era necessario mandar cozer um pombo ou um frangão; e ainda assim não lhe tocava, se não fossem preparados com salsa, herva de que muito gostava.

Quando alguem me puxava pelo fato, e eu lhe gritava: — Olha que me roubam! atirava-se-lhe dando um grito agudo, agarrando-lhe o fato e as pernas como um cão.

Gostava muito d'um cão d'agua chamado *Caporal*, tinha aprendido as habilidades que este fazia, e viviam sempre na melhor harmonia, quer fosse em casa ou em viagem, andando sempre juntos. Não vivia com os outros cães, e enxotava-os ás patadas ou ás dentadas, e nenhum se atrevia a resistir-lhe.

Um dia voltavamos d'uma viagem, eu e Estanislau Ozarawski, e ao chegarmos a casa fui visitar a minha lontra, que, não me vendo havia muitos dias, veiu para mim, cobrindo-me de caricias. O meu hospede, que trazia comsigo um bello galgo, disse ao filho: — «Samuel, segura o cão, não vá elle estrangular a lontra.

— «Não te dê isso cuidado, respondi-lhe, porque pequena como é, fica certo que não supporta uma aggressão.»

— «Estás brincando, replicou-me, sabe que o meu galgo atira-se ao lobo, e que o raposo que lhe cae entre os dentes fica como fulminado.

A lontra, depois de me haver acariciado por muito tempo, deu pelo cão estranho, e aproximou-se fixando-o. Este tambem não tirava os olhos d'ella. Em seguida a lontra andou em volta do cão, farejou-o, recuou, e afastou-se.

Já eu tinha dito commigo—a lontra não faz mal ao cão, quando, estando nós a conversar, foi-se aproximando do galgo, deu-lhe com as patas no focinho, obrigando-o a ir refugiar-se por detraz do fogão, onde foi perseguil-o. O cão como não tivesse por onde sair, saltou para cima da mesa, quebrando dois copos cheios de vinho, e logo que lhe abriram a porta saiu e não mais voltou ao quarto, apezar do dono alli se conservar até ao meio do dia seguinte.

Quando a lontra encontrava um cão no caminho, dava taes gritos que o animal deitava a fugir.

Era muito util em viagem; quando na quaresma passavamos perto d'uma ribeira ou d'um tanque, apeava-me, e dizia á lontra — *Ver*, salta! O animal saltava immediatamente e trazia-me peixe para mim e para a minha comitiva. Trazia-me rãs e tudo quanto encontrava.

O unico dissabor que isto me causava era o ajuntamento de curiosos que se fazia para ver o animal, como se tivesse vindo da India.»

A parte da historia que prova a domesticidade d'esta lontra termina aqui, e não transcrevemos o resto porque o espaço nos não sobra.

A carne da lontra, pelo cheiro desagradavel, e pela dureza, nada tem de agradavel e era tida pela egreja como podendo ser comida na quaresma, porque pela sua vida aquatica a lontra era considerada como peixe.

A pelle é bonita, muito lustrosa e aquece bastante; usa-se em varios artigos de vestuario, e o maior numero vem da America do Norte, onde estes animaes abundam.

A LONTRA MARINHA

Mustela lutris de Linneo. — *La loutre de mer* dos francezes

Este animal tem o corpo cylindrico, pescoço curto e grosso, cabeça redonda e obtusa, o beiço superior grosso com tres ordens de pellos em fórma de bigodes, olhos grandes, dedos das patas dianteiras curtos e unidos por uma membrana espessa, nua na face inferior, e armados de unhas pequenas e pouco curvas; os dedos das patas trazeiras, mais curtos os do centro, são tambem unidos por uma membrana palmar; a cauda curta e achatada. O pello é formado de pennugem branda e de pellos sedosos, grandes, trigueiros escuros ou pretos, mosqueados de branco. Os pellos pretos, no dizer de Steller, são superiores em brilho ao melhor velludo. Muitas vezes os pellos sedosos teem a extremidade branca, e a pelle então apresenta uma côr prateada.

A lontra do mar vive nas ilhas e nas costas do grande Occano, entre a Asia e a America septentrional, habitando proximo do mar.

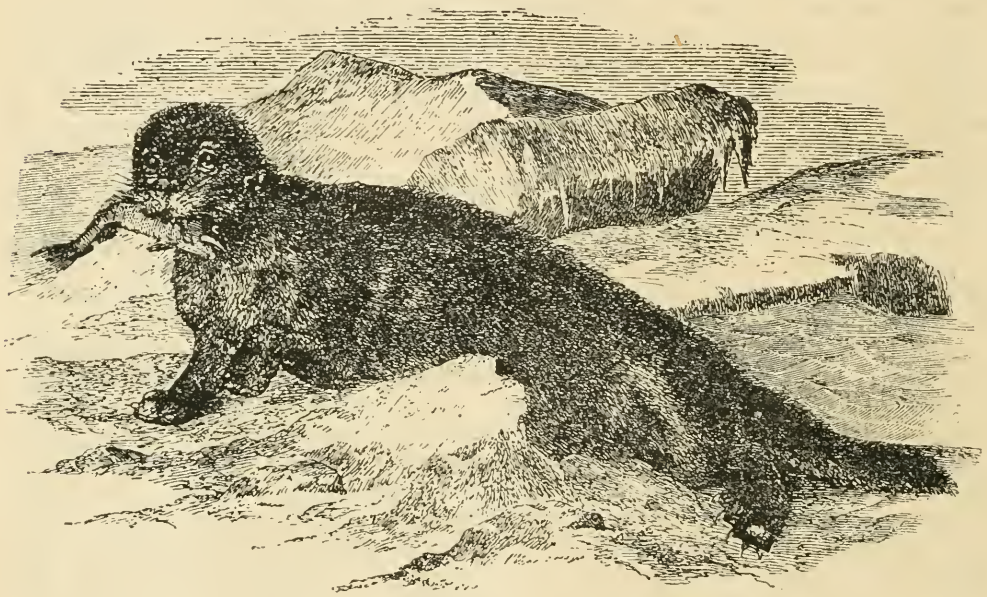
A melhor descripção d'esta especie, que vae gradualmente desapparecendo, tornando-se rara, é devida a Steller, companheiro do celebre navegador Behring. Encontramol-a em Brehm, d'onde a transcrevemos na parte que melhor serve para descrever o animal.

«A pelle da lontra do mar é superior em belleza á pelle do castor, e nem mesmo póde admittir-se a comparação. As me

lhores vendem-se no Kamtschatka por trinta rublos, [1] em Jakontsk por quarenta, e nas fronteiras da China trocam-se por mercadorias do valor de oitenta a cem rublos. A carne d'este animal é boa para comer.

A lontra do mar é um animal interessante, agradavel, brincalhão e muito meigo. Vive em familias compostas do macho e da femea, dos filhos quasi adultos e dos que ainda mamam. O macho faz festas aos filhos com as patas dianteiras, de que se serve á maneira de mãos, e a femea brinca com os pequenos á similhança da mãe mais carinhosa. Amam ternamente a sua progenie, expõem-se por ella a todos os perigos, e quando lh'a roubam choram e gemem como creanças. Vi-as reduzidas a esqueletos, pelo pezar de lhe haverem levado os filhos, não indo ao mar durante quinze dias.

Encontram-se todo o anno com os filhos, tendo a femea em terra só um de cada vez, que nasce com os dentes todos. A mãe leva-o na bocca, e ao entrar na agua deita-o de costas, sustendo-o com as patas dianteiras, como uma ama faz á creança que amamenta. Brinca com os filhos, abraça-os, atira-os ao ar e apanha-os nas patas; deita-os á agua para lhes ensinar a nadar, e quando estão fatigados segura-os. A femea quando aleita



Gr. n.° 109 — A lontra marinha

os filhos e a perseguem, leva-os na bocca, e só depois de morta os abandona. Tirei os filhos a algumas para observar o que faziam: gemiam como um homem, e seguiam-me de longe; as mães chamavam pelos filhos com os seus gemidos, e estes respondiam pela mesma forma; se os punha no chão vinham as mães e levavam-os; e se já eram mais crescidos empurravam-os adiante de si.

Vi um dia uma lontra que dormia com a cria, e que vendo-me quiz acordal-a; como porém o pequeno estivesse mais disposto para dormir do que para fugir, levantou-o nas patas dianteiras e atirou-o ao mar como se faz a uma pedra.

Se a lontra pode escapar ao caçador e fazer-se ao largo, é divertido observar os seus movimentos, que parece demonstrarem que o animal mofa do seu perseguidor: levanta-se na agua em posição vertical, salta, põe uma das patas adiante dos olhos como para defendel-os dos raios solares, e atira com o filho á agua para ir apanhal-o. Quando se vê presa, rosna e sopra como um gato assanhado.

Se fôr ferida mortalmente deita-se de lado, junta as pernas trazeiras e tapa os

[1] Dinheiro russo de prata que vale aproximadamente 650 réis.

olhos com as dianteiras. Depois de morta estende-se como um homem, com as pernas de diante abertas, em forma de cruz.

A lontra marinha alimenta-se de molluscos, de peixes pequenos, e pouco de plantas marinhas. Parece-me que, se tivessem tentado, conseguiriam acclimal-a na Russia, e multiplicar-se-hia n'um tanque ou n'uma ribeira; observei muitas vezes que se demoram muitos dias nos lagos e nas ribeiras do interior. Eu e os meus companheiros devemos muitos beneficios a este animal, que durante seis mezes foi o nosso alimento, servindo para curar os atacados de escorbuto.

Os movimentos da lontra marinha são faceis e graciosos; nada maravilhosamente e é das coisas mais bellas ver um d'estes animaes, que parece vestido de seda preta e brilhante. É facto digno de menção que quanto mais viva, alegre e esperta é a lontra, tanto mais bella é a pelle.

As lontras todas brancas, provavelmente muito velhas, são bastante astutas, e difficilmente se deixam apanhar; as que teem o pello grosseiro, com uma pennugem trigueira, são indolentes, dormilonas, estupidas, deitam-se sobre os rochedos ou no gelo, tem os movimentos muito vagarosos, e deixam-se apanhar facilmente.

Quando dormem em terra as lontras marinhas enrolam-se como os cães, e ao sair da agua sacodem-se e esfregam o pello com as patas dianteiras; correm rapidamente como os gatos, dando muitas voltas. Se lhe cortam a retirada para o mar, param, dão-se ares de bravura, sopram, e ameaçam atacar o inimigo; basta, porém, uma pancada na cabeça para cairem como mortas, tapando os olhos com as patas dianteiras. Deixam-se ferir estando deitadas de costas; mas se lhe tocam na cauda, voltam-se e ficam de frente para o aggressor.

Ás vezes fingem-se mortas ao primeiro golpe, mas tão depressa o caçador se afasta fogem. Se as perseguiamos e levantavamos os machados, sem as ferir, deitavam-se, fazendo-nos festas, ou rojavam-se vagarosamente á roda de nós, como fazem os cães; e logo que o perigo passava, atiravam-se ao mar.

Mudam o pello em julho ou agosto, e são n'esta epoca mais trigueiras: as melhores pelles são as dos individuos que se apanham em março, abril e maio. Ha quinze annos (em relação á nossa data aproximadamente cento e cincoenta) podia-se haver uma pelle das melhores em troca de uma faca ou de um fuzil; mas hoje o preço augmentou consideravelmente, sem duvida pela procura que lhe fazem os chins.

A maior parte das pelles de lontra marinha vae para a China, porque os habitantes do celeste imperio, vestindo-se de seda, preferem para guarnecer as suas vestiduras a pelle espessa da lontra marinha á da marta zibelina, que é mais leve.

OS URSINOS

Ursus — O urso

Esta familia comprehende os verdadeiros carnivoros plantigrados; isto é, que assentam toda a planta dos pés no chão, podendo levantar-se nas patas trazeiras como fazem os monos. Teem cinco dedos em cada membro, armados de unhas grandes, fortes, curvas e agudas, mas que não sendo retracteis se tornam rombas pelo uso.

Vão comprehendidos n'esta familia, além dos ursos propriamente ditos, outros animaes de que Linneo formou o seu genero *Ursus*, e com os quaes alguns naturalistas modernos, e com especialidade Blainville, formaram um grupo que recebeu a denominação de *sub-ursos* (subursus) ou ursos menores.

Falaremos em primeiro logar dos *ursos propriamente ditos*, e é de Figuier a descripção que se segue.

«Os ursos são grandes mamiferos de fórmas pesadas, pelle espessa, e cauda

muito curta. Os dedos, em numero de cinco em cada pata, teem unhas rijas que não são retracteis, a planta dos pés é excessivamente larga, e assentam-n'a completamente no chão quando andam. A cabeça, larga na parte posterior, termina pelo focinho bastante pontudo, os olhos são pequenos, vivos e meigos, as orelhas curtas e pelludas. O cerebro é volumoso e apresenta numerosas circumvoluções, que denotam uma tal ou qual intelligencia.

Não obstante as fórmas serem grosseiras na apparencia, e os movimentos de ordinario vagarosos, os ursos são, comtudo, mais lestos do que geralmente se julga. A correr passam sem difficuldade adiante do homem, e em geral trepam perfeitamente ás arvores. Podem equilibrar-se nas pernas trazeiras, sendo n'esta posição que ordinariamente atacam o inimigo, caminhando porém com difficuldade.

São dotados de força enorme, e sem grande custo suffocam um homem entre os membros anteriores. Tschudi no seu livro ácerca do mundo alpestre, conta que o urso dos Alpes tira uma vacca do estabulo pelo tecto, e arrasta um cavallo atravessando um riacho profundo.

Estes animaes quando comem sentam-se como os cães, segurando os alimentos com as patas dianteiras, que levantam ao mesmo tempo que baixam a cabeça, de sorte que o encontro faz-se a meio caminho, e assim introduzem os alimentos na bocca. A ursa só tem filhos uma vez cada anno, dois a tres, que trata com o maior desvelo, protegendo-os contra todos os perigos, ainda mesmo com risco de vida.

Nos primeiros mezes evita que o macho se lhe aproxime, porque este sem o menor escrupulo devoral-os-hia. Só quando uma nova ninhada reclama os seus cuidados, é que abandona os filhos já crescidos, e tem o costume de lamber os pequenos para asseial-os.

Quando o alimento é abundante, o corpo do urso está cercado por uma camada de gordura sub-cutanea, a que outr'ora se concedia propriedades medicinaes contra diversas doenças. Hoje, que já não se acredita nas virtudes de tal remedio, sabe-se que a gordura do urso póde substituir sem desvantagem a manteiga nos preparados culinarios, tendo cuidado de primeiro tirar-lhe o cheiro que lhe é particular, o que se consegue derretendo-a, deitando-lhe sal quando está bem liquida, e agua fria em seguida. Em muitos paizes come-se a carne do urso, cujo sabor, dizem, é similhante ao da carne de porco.

A pelle, grosseira na verdade, é comtudo excellente para aquecer, e propria para coberturas de viagem e tapetes para junto dos leitos.

Quando se apanham novos, os ursos domesticam-se facilmente, e como são doceis aprendem diversos exercicios, taes como dançar nos pés posteriores ao compasso da musica, dar cambalhotas, e outros manejos eguaes. Prestam-se a todos estes exercicios rosnando sempre, e como são teimosos, quando os obrigam zangam-se. É sempre prudente, principalmente quando o urso já é adulto, não se fiar n'elle demasiadamente, e é preciso tel-o açaimado.

Os ursos não gostam de calor, são frequentes nas regiões septentrionaes do globo, e os que se encontram nos paizes quentes ou temperados, vivem unicamente nas montanhas mais elevadas. A Europa, a Asia, e a America possuem muitas especies ou variedades, não sendo caso averiguado que existam na Africa. Todos os ursos conhecidos se podem incluir nas cinco especies seguintes: o *urso trigueiro* da Europa, o *urso pardo* da America, o *urso branco polar*, o *urso beiçudo*, e o *urso malaio*.

Falaremos tamsómente de tres especies, representadas nas nossas gravuras n.os 110, 111 e 112, o *urso trigueiro*, o *urso beiçudo*, e o *urso branco*, apresentando nos seus habitos differenças dignas de menção, comparados com os das outras especies.

O URSO TRIGUEIRO

Ursus arctos de Linneo. — *L'ours brun* dos francezes

O urso trigueiro tem o corpo grosso, costas arqueadas, pescoço grosso e curto, cabeça muito grossa, formando por cima dos olhos uma saliencia muito pronunciada, olhos pequenos e obliquos, pernas vigorosas e compridas, patas armadas com unhas compridas e fortes.

O pello é crespo e formado de pennugem comprida e macia, e de pellos sedosos mais compridos, sendo mais longos na face, no ventre, e entre as pernas, e mais curtos no focinho. O colorido do pello soffre grandes alterações, desde

trigueiro puro, trigueiro amarellado, e trigueiro ruivo até pardo prateado, escuro, ou sarapintado. Quando é novo tem uma colleira branca, bem distincta, que na primeira muda alarga perdendo a côr branca e fazendo-se amarella trigueira, e que por fim deixa de ser visivel.

O urso branco é um dos maiores mamiferos da Europa, chegando o macho adulto a ter de 1^{m},60 a 2 metros de comprimento, comprehendidos n'este numero 0^{m},10 de cauda, e medindo nas espadoas 1 metro a 1^{m},30. Tem sido mortos ursos pesando 250 kilogrammas.

O urso trigueiro encontra-se nos Pyreneos, nas montanhas das Asturias, nos Alpes, nos Abruzzos, nos Karpathos, nas montanhas da Transylvania, nos Balkans, nos Alpes scandinavos e no Caucaso. No tempo em que a Suissa se cobria de vastas e cerradas florestas, o urso era alli muito frequente; hoje é raro.

Nas florestas da Bohemia ainda hoje se mata algum de tempos a tempos.

«O urso trigueiro não se afasta das montanhas; nas grandes florestas bem espessas, solitarias, nas quebradas impraticaveis, nas gargantas mais agrestes estabelece o seu domicilio. É assim que as grandes florestas da Russia, da Polonia, da Lithuania, da Suecia e da Noruega, onde o homem penetra raras vezes, para perseguir os hospedes selvagens d'estas regiões, são os logares de preferencia escolhidos pelo urso para habitação. Ahi vivem vida regalada, na posse inteira e mansa d'aquelles logares, andando de floresta em floresta e de montanha em montanha, em busca de alimento.

Os cantões, onde a terra se cobre de rochedos, isolados e sombrios, as gargantas, as cavernas, os troncos d'arvores cavados pelos annos, os antros nos barrancos ou entre raizes, os soutos mais espessos e mais impraticaveis, tranquillos e seguros, são os logares onde estabelecem o seu retiro. Vagueiam tanto de dia como de noite, espantando a caça, em prejuizo dos outros carnivoros.

Entretanto o urso, emquanto novo, não faz grande concorrencia aos lobos, aos lynces, aos raposos, e aos glotões, que vivem n'aquellas paragens, porque n'essa edade alimenta-se tamsómente de vegetaes, preferindo, ainda mesmo depois de adulto, o regimen vegetal. O urso trigueiro come sementes, hervas, renovos, fructos, cogumelos, raizes, folhas, ramos de alamo e d'outras arvores; commettendo algumas vezes grandes devastações nas searas de trigo e de aveia. Sentando-se nas pernas trazeiras, de cada vez colhe um feixe enorme a que devora as espigas. É guloso das bagas maduras, e o gosto decidido que tem pelos fructos, sendo o seu unico defeito, é muitas vezes causa da sua morte.

No outono, quando as videiras das margens do Rhodano vergam ao peso dos cachos maduros, e que os pecegueiros, dispersos pelo centro da vinha, estão cobertos de pequenos pecegos côr de rosa, o urso desce então a montanha ou abandona a floresta sombria, e vem vindimar adiante do vinhateiro. Colhe as uvas e deita os pecegos ao chão, a maior parte das vezes sem arruinar as arvores nem as vinhas, comquanto n'algumas arranque a cepa para colher o cacho e parta os ramos para haver os pecegos. No dia seguinte vem o fazendeiro, vê os estragos, trata de averiguar quem seja o autor d'aquellas malfeitorias; e muitas vezes, ao nascer do dia, encontra-o ainda na vinha repleto de uvas, incapaz de se escapar para a floresta.

No principio do verão o urso está sempre magro; mas de ordinario engorda no fim d'esta estação e no outono, farto de fructos de toda a especie.

Em geral os grandes carnivoros não atacam os animaes muito pequenos senão em casos extremos, quando lhes faltam as suas presas habituaes; o urso trigueiro não segue este exemplo, e ainda mesmo que o alimento seja abundante na região que habita, não desdenha os animaes infinitamente pequenos em relação a elle. Vae escavar os formigueiros, e devora com prazer as larvas que alli encontra e as formigas.

O que sobretudo procura com mais afinco são os favos, porque o mel é manjar seu predilecto; valendo-lhe este costume a alcunha de *guardador d'abelhas* (bartink), que lhe dão os aldeãos da Lithuania. As abelhas procuram ás ferrotoadas obrigar o ladrão do seu thesouro a pôr-se ao largo, mas pouco damno lhe causam, protegido como é por pelle tão espessa; é necessario que o enxame inteiro o ataque pelo focinho, ferindo-o n'esta parte do corpo, vulneravel e sensivel, para que o urso, pelos seus grunhidos e movimentos de cabeça, exprima quanto lhe é desagradavel similhante aggressão.

Á maneira que envelhece, o urso trigueiro muda de regimen. Se um dia, por acaso, teve occasião de conhecer que a carne não é para desprezar, sendo mais facil de encontrar que as bagas, as castanhas e o mel, desde esse momento o urso tornou-se um carnivoro, na mais lata extensão da palavra. Ataca todos os animaes, preferindo os carneiros, com quanto não receie atirar-se aos bois, aos cavallos e a toda a sorte de caça grossa.

Ataca os animaes grandes por detraz, depois de os fatigar, perseguindo-os durante muito tempo; ou quando pastam no alto da montanha busca amedrontal-os com os rugidos, obrigando-os a precipitar-se no abysmo, onde elle desce depois, com todo o cuidado, para saciar-se com a carne da victima. O successo torna-o mais ousado, e então emprehende expedições mais difficeis e mais longas; penetra de noite no interior das aldeias, e até mesmo nos estabulos, em busca da presa.

Nos Alpes vê-se ás vezes o urso postar-se n'um ponto habilmente escolhido para vigiar todo um rebanho, e arremessar-se quando a occasião o favorece. Se algum dos animaes se afasta do grosso do rebanho torna-se presa do urso, que lhe apparece de subito, e o persegue sem treguas, até que se renda pela fadiga, ou que desesperado se arremessse n'um precipicio.

«Uns pastores, conta Tschudi, tinham por costume fechar cuidadosamente todas as noites um pequeno rebanho de cabras n'um aprisco isolado, que ficava n'um dos pontos mais agrestes da cadeia de Rheticon, nos Alpes, e notaram uma manhã, na vizinhança do curral, excrementos que não eram vulgares, que a herva basta dos arredores havia sido pisada e roida por cima, e que a porta do curral estava arranhada e com signaes de ter sido forçada. As cabras sairam cheias de medo, mas não faltava nenhuma.

Os pastores não deram com qual seria o visitador nocturno; mas suspeitando que fosse algum lobo ou lynce que vivesse n'aquelles sitios, deram, sem resultado, uma batida nos arredores e n'um pinhal que ficava da parte de cima do curral. Sem embargo resolveram fazer uma espera á fera, e pediram emprestado na aldeia mais proxima um velho mosquete, que foi limpo e carregado com todas as precauções. No dia seguinte as cabras teimaram em ficar junto das vaccas, não querendo afastar-se, e só a muito custo os pastores conseguiram obrigal-as a entrar no aprisco.

Dois dos pastores occultaram-se por detraz d'um rochedo, a tiro de espingarda da choupana, e promptos em caso de perigo a dar rebate aos companheiros, que dormiam no chalet. Passou-se a primeira e a segunda noite sem incidente. Na terceira, já a vigilancia das sentinellas havia afrouxado, e tinham adormecido, quando foram despertadas pela bulha que vinha do lado do curral das cabras, e viram um urso que, encostado á porta, a arranhava, andando depois em volta da choupana diligenciando descobrir sitio por onde podesse introduzir-se. Pelo tinir dos chocalhos percebia-se que as cabras estavam lá dentro despertas e desassocegadas.

Os pastores, não estando habituados a taes encontros, não estavam muito á vontade. Um foi-se de mansinho correndo ao chalet para acordar os companheiros, emquanto o outro, tremendo como varas verdes, tentava pôr o mosquete em estado de fazer fogo.

Entretanto o urso aproximou-se novamente da porta, carregou com todo o peso sobre ella, e conseguiu arrombal-a.

As cabras sairam em tropel, gritando, e foram refugiar-se nos rochedos vizinhos, e o urso appareceu por ultimo, trazendo uma cabra que havia morto de uma dentada, e começou a devoral-a alli mesmo, principiando pelas tetas.

N'este meio tempo chegaram os pastores, armados de paus ferrados, e dos escabellos de um pé só onde usam sentar-se quando ordenham as vaccas, avançando com precaução. Um d'elles, que na sua mocidade tinha caçado a camurça, tirou o mosquete das mãos tremulas da sentinella e marchou direito ao urso, que se levantou dando um grunhido de mau agouro. O aldeão fez fogo, e a bala raspou pelo lado direito do peito da fera. Animados por este successo, os restantes precipitaram-se sobre o animal, que se defendia com as garras, e mataram-n'o. Era um urso trigueiro, que pesava 240 arrateis.»

Citam-se ainda outros exemplos de eguaes attentados feitos pelos ursos, e que são, segundo consta, muito frequentes na Noruega e na Suecia. Ahi é raro que arrombem a porta, mas conseguem

entrar pelo tecto, formado de ramos, de cavacos e de cortiça. Em Wermeland, e em outros muitos sitios, ha o costume de fazer as camas das criadas nos sotãos, o que dá occasião a que o urso sem querer lhes entre no quarto, com grande terror das pobres raparigas. Dar de cara com um apaixonado de tal estôfa junto á cama, é demasiado para uma fraca mulher, e muitos homens se sentiriam seriamente embaraçados na presença de similhante intruso. O urso foge ao ouvir os gritos de alarme que a sua presença motivou. Este facto deu-se duas vezes no districto de Rada.

Quando o urso consegue introduzir-se n'um estabulo, mata uma das vaccas, arranca-lhe o cabresto, abraça-a com uma das pernas dianteiras, deitando a outra ao madeiramento do tecto, e tem força sufficiente para levantal-a e sair com ella pela abertura por onde penetrou no estabulo. Arrasta depois a victima para longe, e muitas vezes, n'uma noite, devora-a quasi toda.

Não ha obstaculos que o urso não saiba

Gr. n.º 110 — O urso trigueiro

vencer para levar a presa; arrasta uma vacca ou um cavallo, atravessando os sitios mais perigosos dos Alpes, não tendo duvida em passar uma ponte feita de dois troncos de arvore, lançados sobre um precipicio.

Nos Alpes o urso é muito para temer principalmente durante os nevoeiros, porque então consegue aproximar-se dos rebanhos sem ser visto, e leva uma das vaccas sem que as outras suspeitem sequer da presença da fera. Quando, depois de ter apanhado algum d'estes animaes, é avistado pelo rebanho, as outras vaccas, mugindo, cercam-n'o, e o touro atira-se a elle com a cabeça baixa, e obriga-o a fugir; se, raivoso, em logar d'uma vacca não estrangular uma duzia, como, dizem, pratica algumas vezes.

Ainda a victima não está bem morta, já o urso começa a devoral-a, segundo affirmam, pelas tetas e pelos rins, parecendo ser estes os bocados da sua predilecção; o que não obsta a que os vitellos, os bois e os cavallos, apezar de não terem tetas, lhes sirvam de pasto. Os veados, cabritos montezes, camurças, graças á rapidez com que se escapam, raras vezes são alcançados pelo urso, que apezar d'isso não deixa de perseguil-os, acontecendo o mesmo aos rangiferos, nos paizes do Norte. Come peixe, indo buscal-o dentro d'agua. É raro que aproveite os sobejos da ultima refeição, comquanto

haja exemplos que provem que nem sempre é tão desperdiçado.

Conta Louis Enault, no seu livro *A Noruega*, que certo dia um caçador de Hermandsnaze errou um urso dos maiores, e antes de ter tempo de desembainhar a faca, o animal atirou-se a elle e derrubou-o. O homem perdeu os sentidos, e a fera que o julgou morto, estando farta n'aquella occasião, — o urso possue, mais do que o homem, a virtude da temperança, e só come quando tem fome — resolveu guardal-o para lhe servir na proxima refeição, e entretanto tratou de enterral-o.

Por felicidade o homem voltou a si antes que a operação terminasse, e como não lhe fosse agradavel servir de alimento ao urso, conseguiu soltar um braço, deitar a mão á faca, e cortar a carotida ao seu terrivel coveiro.

O urso quando tem alimento vegetal em abundancia não persegue os animaes, e se os encontra pequenos em quantidade sufficiente não ataca os maiores. N'alguns paizes é um animal pouco para temer, e até divertido.

Conta Steller que em todo o Kamtschtka se encontram ursos em grande quantidade, e muitas vezes em volta de rebanhos numerosos: se não fossem tão mansos e pacificos, o paiz estava despovoado. Na primavera descem das montanhas, para onde se haviam retirado no outono, em procura de sustento e para passarem o inverno, e veem até á foz dos rios, demorando-se á beira, pescando os peixes que atiram para terra, e de que só comem a cabeça quando a pesca é abundante. Se topam com uma rêde, puxam-n'a para a praia, e comem os peixes que n'ella encontram. No outono quando os peixes veem pelo rio acima, seguem-n'os, e voltam para a montanha.

Quando um kamtschadal vê um urso, dirige-lhe a palavra de longe, pedindo-lhe que se porte amigavelmente; as mulheres e creanças não teem medo dos ursos que encontram quando vão apanhar fructos ás turfeiras; quando de resto o urso vem para ellas é tamsómente para se apropriar dos fructos e comel-os. Só se arremessam ao homem se este lhe fôr perturbar o somno, e é raro que se atirem ao caçador ainda mesmo depois de feridos.

São todavia bastante atrevidos; introduzem-se nas casas, e roubam o que lá encontram que lhes convenha.

Atkinson conta a seguinte historia que está em perfeita harmonia com o dizer de Steller.

«Duas creanças de quatro a cinco annos haviam ido para longe de casa, e algum tempo depois, quando os paes deram pela falta, procuraram-n'as por todos os cantos da aldeia, e depois na turfeira, indo encontral-as brincando com um urso: uma dava de comer ao animal, e a outra montava-lhe no dorso, e o urso retribuia esta confiança infantil com as suas festas mais amigaveis. Transidos de susto á vista d'este espectaculo, os pobres paes deram um grito que poz em fuga o companheiro de brinquedos dos filhos.

O urso trigueiro é melhor dotado de olfato do que de qualquer dos outros sentidos, e por elle se guia, principalmente na procura da presa. Fareja o homem a duzentos ou trezentos passos, e segue uma pista sem erral-a. Não obstante o pequeno desenvolvimento das orelhas ouve bem; vê pouco, com quanto se não possa dizer myope. O gosto é singularmente desenvolvido nos ursos trigueiros.» (Brehm).

A epoca do cio dos ursos não é bem conhecida, e da mesma fórma o não é o tempo que a ursa anda prenhe, isto com referencia aos animaes d'esta especie que vivem em liberdade; para os captivos é nos mezes de maio a junho, e os pequenos nascem em janeiro. A mãe ama os filhos e defende-os expondo a vida para salval-os, tornando-se durante este periodo perigosa para o homem e para os outros animaes.

Os filhos ficam com a mãe até á proxima epoca de cio, e então a mãe repelle-os obrigando-os a viver independentes. Um naturalista russo, Eversmann, acredita que a ursa utilisa os cuidados dos filhos mais velhos na guarda e educação dos mais novos, e a proposito d'uma familia d'ursos que atravessou o Kamar conta o seguinte:

«Ao chegar a uma das margens a ursa viu o *pestun* — nome que os russos dão aos aios das creanças — seguil-a vagarosamente, sem auxiliar os irmãos mais novos que estavam ainda na outra margem; quando elle saltou em terra a mãe deu-lhe uma bofetada, que o fez voltar pelo mesmo caminho, para ir buscar um dos pequenos e trazel-o na bocca. A ursa entretanto observava o caso.

Depois de haver trazido para terra o primeiro, foi buscar segundo, e deixan-

do-o cair na agua, a mãe foi-se ao desastrado, disposta a corrigil-o pela sua falta de cuidado, o que não realisou por que o mal tinha sido remediado. Em seguida a familia foi seu caminho.»

Não se sabe em que edade o urso alcança o seu completo desenvolvimento, calculando-se ser aos seis annos; com respeito á sua duração, julga-se que pode viver muito porque captivos alguns teem attingido a edade de 50 annos.

Sobre a forma de caçar este animal encontramos em Brehm a narração d'um caçador illyrico, de que vamos transcrever alguns periodos.

Na Illyria mata-se o urso fazendo-lhe uma espera, perseguindo-o na floresta, ou fazendo-o levantar pelos baixotes e sair do covil; mais simplesmente indo atacal-o na sua residencia d'inverno. Não empregamos os processos ordinarios usados no Norte; e assim não caçamos os ursos com os grandes cães de caça; estes processos não são os melhores na pratica.

A espera é a fórma mais segura. D'ordinario o caçador vae só, armado com uma carabina de dois tiros, um dos canos raiado, outro liso, para poder mais facilmente ser carregada, e usa de balas de 20 a 22 em libra. Á cinta leva uma faca de caça de boa tempera, de dois gumes, metade da folha de ferro e os cortes de bom aço de Styria, que não quebra facilmente e que pode cortar um osso.

Assim armado, e que a coragem lhe não falte, o caçador dirige-se para a espera, de manhã antes de nascer o dia, ou á tarde pelo crepusculo. O urso segue invariavelmente o mesmo caminho para dirigir-se á pastagem ou á seara d'aveia, em quanto não fôr perseguido, avançando com prudencia, sempre contra o vento, e quando presente coisa que lhe pareça suspeita, levanta-se, fareja, escuta, que veja ou não o inimigo foge a trote largo, e durante alguns dias não passa por aquelle sitio.

Se o caçador estiver perto d'um campo d'aveia, não deve atirar ao urso logo que o tenha ao alcance da espingarda, espere o momento em que o animal se levanta nas pernas trazeiras para arrancar a aveia, e póde matal-o ao primeiro tiro.

Quando se encontra o corpo d'um animal despedaçado e coberto de folhas e musgo, pode-se ter a certeza de que ao cair da noite o urso não falta, e o caçador deve occultar-se nas proximidades.

Comquanto o caçador disponha de dois tiros, pode acontecer errar ambos, e n'este caso é necessario provar o seu valor n'um duello braço a braço. O urso, ao ouvir a detonação, foge se fica incolume; mas se fôr ferido levemente, levanta-se e caminha nas patas trazeiras direito ao sitio d'onde partiu o tiro. Se o caçador tem outro tiro, e conserva o sangue frio, não corre perigo; põe a arma á cara, deixa que o urso se aproxime a dez ou doze passos, ou mais perto ainda, e faz-lhe a pontaria á cabeça ou ao peito, tendo todo o cuidado em não errar.

Ao sentir o estrondo, se por precipitação ou medo a bala lhe não acertou, o urso agita a cabeça sem comtudo mudar de logar, e o caçador não tem outro recurso senão dispôr-se a um combate de vida ou de morte, não podendo appellar para a fuga nem mesmo ir procurar abrigo sobre uma arvore. O urso não abandona o campo, luta até que elle ou o adversario deixe de existir.

O caçador tem tempo de desembainhar a faca, porque o urso não apressa o passo; como um habil professor de esgrima, o animal sabe aparar os golpes com as patas, ainda mesmo depois de penderem meio decepadas. Rangendo os dentes, furioso, atira-se ao adversario, e um golpe rapido, profundo, dado em cheio no peito, obriga-o a vacillar, mas não cae. O caçador deve diligenciar feril-o de lado com um bom golpe debaixo da espadoa porque então cae moribundo.

As vezes estes combates duram um quarto de hora e mais, e o vencedor póde apenas respirar de fadiga.

A luta nem sempre é favoravel ao homem; acontece que ao primeiro golpe atirado ao peito, parte-se a folha da faca, ou o animal consegue partil-a com as mãos, uma pancada das quaes é sufficiente para matar um boi, e n'este caso resta ao caçador recuar alguns passos, segurar a espingarda pelo cano com as duas mãos, e atirar á cabeça do urso uma pancada bastante forte para abrir-lhe o craneo.

Estes combates não são raros, e d'elles resulta saber-se, entre outras coisas, que uma pancada entre os olhos mata o animal rapidamente, e que se lhe derem mais abaixo apenas fica aturdido, voltando a si em breve, se não seguir sem demora outra pancada á primeira. Destreza, cora-

gem e força, e acima de tudo sangue frio, são requisitos indispensaveis para a caça ao urso, e quem não possuir estas qualidades é melhor ficar em casa, salvo se estiver cançado de viver.»

O urso trigueiro domestica-se facilmente, e emquanto novo é um animal interessante, asseiado, facil de alimentar, obediente, affeiçoando-se até certo ponto ao homem e aos outros animaes domesticos; mas á maneira que vae crescendo em edade torna-se menos agradavel, mau, irritavel, e perigoso.

O urso possue um certo grau de intelligencia; na Russia e na Siberia ensinam os ursos novos a fazer girar uma roda para tirar agua dos poços, e a levar certos objectos a logares designados.

No palacio d'um dos principes Radziwill, os ursos desempenharam por muito tempo as funcções de lacaios, o que nem sempre era do agrado dos convivas.

Um capitão inglez empregava um urso domesticado como guarda, mas desempenhava as funcções com fidelidade e zelo desmasiados. Tinha-o comprado caro ao seu primeiro dono, que o maltratava brutalmente.

O urso, parecendo comprehender quanto o seu novo amo era mais benevolo, manifestava-lhe o seu reconhecimento á moda dos ursos, o que sendo pouco do agrado do official, resolveu desfazer-se d'elle, e leval-o para o campo onde estava o regimento, esperando alli encontrar occasião de melhor se ver livre do animal. Alugou uma carruagem, metteu-se dentro com o urso, tendo-se prevenido com uma grande porção de morangos, e deu ordem ao cocheiro que fosse o mais depressa possivel.

O urso atirou-se aos morangos, comeu-os com toda a delicadeza, atirando fóra os calices verdes, e como os fructos desappareceram em breve, o proprietario do urso chegou a receiar que poderia muito bem ser que elle estivesse tambem proximo a desapparecer d'esta vida, receio que se não realisou.

O urso, ao chegar onde estava o regimento, encontrando-se no meio d'uma multidão de casacos vermelhos, teve medo, e foi esconder-se atraz do dono, como para lhe pedir protecção.

Á hora de jantar o official confiou o urso a um criado, e veiu para a sala; mas como o urso conseguisse escapar ao guarda, appareceu de subito na casa de jantar, com grande terror dos presentes. Habituado a comer á mesa em casa do antigo dono, entendeu que podia fazer o mesmo, subiu a uma cadeira que estava devoluta, e tratou de ir lambendo os pratos, com tal desembaraço, que parecia toda a sua vida não haver feito outra coisa. O urso, pela forma porque se comportou e pela sua amabilidade, pôde em breve obter as boas graças de todo o regimento.

Infelizmente tiveram a lembrança de lhe confiar a guarda d'um carro de bagagens, e d'ahi veiu a sua perda. Uma manhã, um soldado, que tentava roubar um objecto que estava no carro, foi mordido tão cruelmente pelo urso, que se tornou necessaria a amputação d'um braço; e alguns dias depois, uma creança, que se aproximou do carro para tirar outro objecto, foi morta pelo urso. Receiando que o animal se tornasse sanguinario, fuzilaram-n'o.

A baroneza de W., conta Brehm, tinha creado de pequeno um urso macho, e tinha-o sempre no seu quarto; era asseiado como um cão, e haviam-lhe preparado uma cama proximo do quarto da dona. Durante um anno deu taes provas de affeição, e parecia de tão boa indole, que ninguem suspeitou que um animal tão manso pudesse tornar-se perigoso; mas apezar d'isso, uma manhã foram encontrar a baroneza estrangulada pelo urso no seu leito.

Em muitos paizes o governo dá um premio a quem apresentar uma cabeça de urso, e por isso perseguem-n'os tenazmente; a pelle é valiosa, e a gordura muito procurada. A carne do urso, quando o animal tem sete ou oito mezes, é muito agradavel ao paladar, e uma cabeça de urso preparada com cogumelos, diz Brehm, é uma iguaria exquisita, que só se encontra nas mesas dos ricos.

O URSO BEIÇUDO

Ursus labiatus, de Blainville — *L'ours jongleur*, dos francezes

D'um dos caracteres mais notaveis d'este animal, o enorme comprimento dos beiços, tirámos a denominação de *beiçudo*, que demos a esta especie, comprehendida nos ursos propriamente ditos, por não lhe conhecermos em portuguez nome que a designasse.

O urso beiçudo tem a cabeça achatada e o focinho pontudo, alongado em forma

de tromba, beiços muito compridos e extensiveis, excedendo no estado normal a queixada, e podendo o animal alongal-os. A lingua é extraordinariamente comprida, as orelhas direitas, curtas e obtusas, olhos pequenos, parecidos com os do porco; as cartilagens nazaes formam uma superficie plana e movel, onde se abrem as ventas, cortadas no sentido transversal; unhas compridas, agudas e recurvadas.

O pello é negro lustroso, com algumas malhas atrigueiradas dispersas, e no peito uma mancha branca com a forma de V. Quando estes animaes são novos, não tendo o pello ainda muito comprido, parecem altos de pernas e ageis; mas á proporção que vão sendo velhos, os pellos da cabeça, crescendo muito, dão a esta parte do corpo proporções monstruosas; e os do resto do corpo, chegando ao chão, escondem-lhe as pernas e dão-lhe apparencia d'um animal muito mais pesado do que é.

O urso beiçudo vive nas Indias orientaes, em Bengala e na ilha de Ceylão, habitando nas montanhas e nas florestas,

Gr. n.° 111 — O urso beiçudo

e encontrando-se habitualmente nas vizinhanças dos povoados.

A. Brehm descreve da seguinte fórma o urso beiçudo:

«Durante as horas de maior calor, o urso retira-se para uma caverna formada pela natureza, ou para o covil por elle preparado, e sendo muito sensivel ao calor, soffre bastante quando o obrigam a atravessar os logares descobertos da montanha, sob os raios d'um sol ardente. Os caçadores inglezes teem encontrado ursos com as plantas dos pés queimadas, por terem sido forçados a percorrer grandes distancias durante a maior violencia do calor. Acredito estes factos por ter observado casos identicos em Africa, succedidos aos cães. Esta sensibilidade do urso beiçudo é-lhe fatal, tornando-se facil matal-o sempre que se persiga durante as horas de maior calor.

Á similhança dos demais ursos, o urso beiçudo é inoffensivo se o deixarem percorrer tranquillamente a montanha, tornando-se terrivel se lhe despertarem o furor ferindo-o.

Affirma-se que este animal se alimenta quasi exclusivamente de vegetaes, e de pequenos animaes que não pertencem á classe dos vertebrados, e que só por extrema necessidade se atreve a atacar estes. Compõe-se o seu sustento de raizes de to-

das as especies, de larvas, e do mel que encontra nas colmeias, de lagartas, lesmas, formigas, fructas de toda a qualidade, e as unhas compridas e recurvas são-lhe de grande auxilio para desenterrar as raizes e escavar os formigueiros. Derriba facilmente as solidas construcções feitas pelas formigas brancas, causando terriveis devastações nas colonias d'estes insectos. Trepa ás maiores arvores, para ir á descoberta das colmeias e das formigas.

«Um amigo meu, conta Tennent, passava um dia por uma floresta nos arredores de Jaffna, e deu com um *asewail* (nome indigena do urso beiçudo) que estava sentado no alto d'um ramo, introduzindo na bocca com uma das mãos as larvas das formigas vermelhas, emquanto com a outra procurava livrar os olhos e os beiços dos numerosos insectos que procuravam vingar-se dos damnos de que estavam sendo victimas.»

Os veddahs, cuja principal riqueza consiste nas colmeias, vivem em continuo sobresalto, receiando que o urso, attrahido pelo cheiro do seu manjar predilecto, derribe as miseraveis moradas dos guardadores dos cortiços. Torna-se este animal muitas vezes bastante nocivo aos plantadores, sendo para temer as suas visitas ás plantações de canna d'assucar. É perigoso para os outros mamiferos e para as aves, atacando o gado e até mesmo o homem.

Conta-se na India que este animal tortura a presa antes de a devorar, lançando-lhe as garras, e, sugando-a com os beiços, consegue esmagar-lhe os membros matando-a lentamente. De ordinario foge do homem; mas como a sua falta de agilidade obsta a que o faça rapidamente, é então mais por medo do que por ferocidade que ataca para se defender.

São tão terriveis os ataques d'este animal, que os chingalas [1] consideram-n'o como o mais terrivel, não se atrevendo a passar pelas florestas desarmados; o que não tem espingarda leva um *cadelly*, ou machado pequeno, arma de que se servem para combater os ursos. O animal procura lançar as garras ao rosto do adversario, e arrancar-lhe os olhos. Tennent affirma ter visto muitas pessoas que conservavam na cara os vestigios d'estas lutas, cicatrizes que pela sua côr pallida se destacam no colorido escuro da pelle, e que, acima de todas as descripções, melhor attestavam a ferocidade do urso beiçudo.

Os correios que viajam de noite estão mais expostos aos ataques dos ursos, e usam archotes acessos, porque o brilho das luzes espanta estes animaes. Acreditam como todos os chingalas que certas poesias possuem a virtude de os livrar dos ursos, e trazem-n'as sempre suspensas ao pescoço ou nos cabellos, em guisa de amuléto. O urso, porém, encarrega-se de provar áquelles infelizes crédulos que o poder do amuléto não é grande; vêem-se por isso na necessidade de abandonar o campo ao animal furioso, porque sabem que, não obstante a sua docilidade apparente, a colera transforma-o. O urso beiçudo, quando nada o excita, caminha cambaleando, descançando os pés em cheio no solo, com o dorso arqueado e a cabeça baixa; mas aguilhoado pela colera levanta a cabeça, mette a trote, e alcança um homem na carreira. Ás vezes avança para o adversario em pé, sobre as pernas trazeiras. Este animal é tão temido pelos indios, como o urso trigueiro pelos europeus e o urso pardo pelos americanos.

Ácêrca da reproducção d'este animal sabe-se tamsómente que a femea tem um ou quando muito dois filhos de cada vez, e que os traz ás costas como a preguiça faz aos seus.

Este animal captivo tem sido observado muitas vezes na India e na Europa, e na sua patria os saltimbancos e domadores de feras ensinam-no a fazer toda a sorte de habilidades, e percorrem o paiz com elles, como entre nós os exhibidores de ursos. D'esta circumstancia lhe veiu o nome de *ours jongleur* (urso pellotiqueiro), que lhe dão os francezes.

Na Europa, principalmente em Inglaterra, estes animaes viveram captivos, alguns, até dezenove annos, e sustentavam-se de leite, pão, fructos e carne, preferindo o pão e os fructos.

Apanhados novos domesticam-se facilmente, e apezar de na apparencia se mostrarem pouco dispostos ao movimento, entretanto diverte ver as voltas e reviravoltas, os saltos, as cambalhotas que dão, levantando-se sobre as pernas trazeiras e fazendo as caretas mais exoticas quando se lhes mostra o comer. São doceis, muito pacificos, nunca sequer fazem gesto de querer morder, e uma vez que conheçam o homem, este póde fiar-se n'elles completamente.

[1] Indigenas da ilha de Ceylão.

Impresso por Lallemant frères, Lisboa.

OS URSOS BRANCOS

É melhor para os animaes da sua especie do que geralmente são os ursos. Dois individuos, que viviam no Jardim Zoologico de Londres, abraçavam-se ternamente e lambiam-se mutuamente as patas.

Os indios comem a carne do urso beiçudo e aproveitam-lhe a gordura, de que se servem como remedio para dôres.

O URSO BRANCO

Ursus maritimus, de Linneo. — *L'ours blanc ou polaire*, dos francezes

O urso branco polar tem o corpo mais alongado que os outros animaes do mesmo genero, o pescoço mais delgado e mais comprido, focinho grosso na base e pontudo na extremidade; orelhas pequenas, curtas, arredondadas, cauda muito curta e grossa, e garras de tamanho regular, fortes e recurvas.

O pello é comprido, cerrado, sedoso, cobrindo-lhe parte da palma das mãos e da planta dos pés, branco-prateado nos novos, amarellado nos velhos, dizem que em resultado da alimentação muito gordurosa.

É o maior dos ursos, chegando a ter $2^{m},60$ de comprimento, e a pesar de 450 a 600 kilogrammas.

«O urso branco habita na zona polar da Europa, da Asia e da America, á borda dos mares que se conservam gelados todo o anno, ou pelo menos a maior parte, e os que se encontram mais ao sul d'estas regiões, são trazidos pelas massas de gelo fluctuantes.

Sem que nenhum outro animal o persiga nem mesmo o incommode, insensivel ao frio mais intenso e ás terriveis tormentas que se desencadeiam n'aquellas paragens, vagueia em terra ou no mar, sobre o gelo, nadando nos pontos onde o mar se conserva livre, e em caso de necessidade procura um abrigo sob a neve.

Tem o olfato e o ouvido muito apurados, e ao percorrer as vastas extensões do mar gelado, trepa acima das montanhas de gelo para explorar os vastissimos horisontes, que se lhe deparam á vista, e descobrir a presa de que carece, sentindo a enorme distancia o cheiro da baleia ou de outro qualquer animal morto.

As presas ordinarias do urso polar são a phoca, o elephante marinho e até mesmo os baleatos, que os ursos se atrevem a atacar á distancia de dois kilometros da costa. Reunem-se para tal empresa cinco ou seis, não conseguindo, apezar do numero, exito favoravel, porque a baleia, correndo em auxilio do filho, derreia-os dando-lhes pancadas com a cauda e afoga-os. As phocas, apezar do vigor das queixadas, não lhes resistem, porque os ursos aproximam-se-lhes durante o somno, agarram-nas pela parte posterior da cabeça, e esmigalham-lhe o craneo, antes que ellas lhes possam oppôr a minima resistencia. Não acontece o mesmo aos elephantes marinhos, que são mais cautelosos, e não se deixam facilmente surprehender.

Além do alimento que referimos, muito abundante nos pontos habitados pelos ursos brancos, estes animaes devoram grande numero de peixes e outros animaes marinhos, pequenos ou de tamanho mediano. Mergulham com facilidade, podendo conservar-se debaixo d'agua por muito tempo, e nadam com tanta destreza como rapidez, percorrendo por esta fórma muitos kilometros sem descançar.

Todavia, se depois de uma boa caminhada vem a fadiga, o animal salta sobre um dos pedaços de gelo levados pela corrente, deita-se e adormece, entregando-se assim á mercê dos ventos e das ondas, que podem leval-o para o mar largo, onde morre de fome.

«Assim, conta Boitard, aportam á Islandia e á Noruega, sobre grandes massas de gelo fluctuantes, bandos de ursos brancos esfaimados, que se atiram a tudo quanto encontram, tornando-se terriveis para os animaes e até para os homens; e comquanto esta circumstancia seja accidental, repetindo-se todos os annos, tem contribuido para dar ao urso branco a fama de feroz e corajoso. Se, levados pela corrente, são arrastados para o mar alto, não podendo ganhar terra nem abandonar a sua ilha fluctuante, devoram-se uns aos outros, e algum que escapa ao furor dos companheiros morre de fome».

No verão os ursos brancos retiram-se para o interior, e vagueiam solitarios pelas florestas, comendo as sementes, os fructos e as raizes que encontram, indo em busca dos cadaveres, e atacando os animaes com que topam.

É no interior dos bosques que as ursas teem os filhos, depositando-os n'uma cama de musgo e de lichens, onde os alcitam. A gestação dura sete mezes, nascendo os pequenos no mez de março, um ou dois de cada vez, e raras vezes tres.

A mãe ama ternamente os filhos, e F. Cuvier affirma que a ursa algumas vezes leva os pequenos ás costas quando nada.

Nas latitudes altas, onde habitam estes animaes, os estios são curtos, e não se fazem esperar as neves abundantes que cobrem a terra, impedindo os ursos de obter o alimento, e obrigando-os a abandonar a floresta e voltar para a borda do mar. Segue-os a nova familia, e mais os numerosos ursos que a fome obriga a abandonar os bosques, e esta associação casual merece menção, porque os individuos das outras especies d'este genero vivem constantemente sós. Então decidem-se a atacar seriamente todos os grandes animaes marinhos, os rangiferos e outros ruminantes que encontram, e que lhes não oppõem resistencia. Mais tarde, no inverno, voltam ao genero de vida que já descrevemos» (Chenu).

Todos os marinheiros que tem invernado detidos pelo gelo, nos mares polares, foram obrigados a repellir os ataques dos ursos brancos, que chegam a perseguil-os nos barcos, e tentando, de noite, introduzir-se nas cabanas pelas chaminés. É um animal terrivel quando ataca, porque não estando habituado a encontrar resistencia, e nem mesmo suspeitando o perigo, arremessa-se cego de furor ao homem se o encontra em terra, ou assalta-lhe a embarcação no mar.

Scoresby conta o seguinte caso, succedido a um marinheiro pertencente á tripulação d'um navio, que estava na bahia de Davis, retido pelo gelo.

«Um urso, provavelmente attrahido pelo cheiro, aproximou-se do navio, á hora em que a tripulação, incluindo os que estavam de quarto, tomava a sua refeição. Um marinheiro que estava só na tolda, vendo o urso proximo, quiz ter o arrojo de castigar-lhe o atrevimento, e a gloria de se assenhorear da fera, sem auxilio dos companheiros; desceu ao gelo armado com um pique, e correu para o inimigo.

O urso deixou-se ficar, e não lhe dando cuidado a arma do adversario, agarrou-o com os formidaveis dentes, e como provavelmente estivesse esfomeado, arrastou-o com tal rapidez, que já estava longe quando os homens da tripulação, prevenidos pelos gritos do seu camarada, subiram á tolda. Já era tarde para soccorrer o infeliz, do qual nem vestigios encontraram».

Em Brehm lêem-se as seguintes narrações, que vem a proposito aqui transcrever.

«Os hollandezes, quando descobriram o Spitzberg em 1596, tiveram que haver-se com estes terriveis animaes. Estando o navio fundeado n'uma ilha situada proximo do estreito de Waigatz, dois homens da tripulação foram a terra, e passeavam na praia quando um, sentindo-se de subito preso por detraz, e julgando que era brinquedo da parte de algum dos camaradas, lhe disse a rir :— «Quem está ahi?»

O companheiro, que ia a seu lado, voltando-se, gritou : — « É um urso, um urso!» e correu para o navio dando alarme a toda a tripulação.

Os marinheiros vieram correndo para o logar do ataque, armados de piques e de mosquetes, e ao aproximarem-se o animal deixou cair o corpo despedaçado da victima, e quiz atirar-se a um dos assaltantes. Levados pelo terror, os homens fugiram a todo o correr para o navio, mas tão depressa alli chegaram, olhando-se mutuamente, coraram ao considerar no modo pusilanime porque se haviam comportado, e tres d'entre todos resolveram ir sem perda de tempo vingar a morte do companheiro, e procurar os restos do infeliz para lhes dar sepultura.

Chegados a certa distancia fizeram fogo, mas era ella tão grande que as balas não alcançaram o inimigo; então um dos marinheiros, enchendo-se de coragem, chega-se mais proximo do animal, e fazendo pontaria mette-lhe uma bala na cabeça. Ainda assim o urso avançou para os inimigos conservando na bocca o cadaver do homem, que estava a ponto de devorar, e foi então morto a golpes de sabre e ás baionetadas».

«Outro exemplo d'um ataque mal succedido feito a um urso branco foi contado a Scoresby pelo capitão Munroé. Em 1820 o seu navio estava amarrado a um banco de gelo, no mar da Groenlandia, e durante esta demora foi visto um urso enorme espreitar as phocas. Um marinheiro, que n'uma garrafa de rhum encontrara coragem não vulgar, teve a pretenção de caçar um urso branco, e nenhuma consideração pôde dissuadil-o das suas idéas bellicas. Partiu armado de um arpão, por sobre a neve, atravessando os montes de gelo, e depois d'uma carreira de meia hora, quebrado de fadiga e principiando a ver as coisas a sangue frio, aproximou-se do animal que, com

grande surpreza do caçador, se não amedrontou, antes o esperou a pé firme. Como os vapores do rhum se houvessem dissipado, diminuira consideravelmente a coragem do marinheiro, tanto mais que o urso era enorme, e tinha um olhar devéras ameaçador!

O homem estivera a ponto de renunciar á empresa, mas creou animo, temendo principalmente os chascos dos camaradas, que eram certos, e deteve-se preparando a arma para as differentes alternativas da luta. Emquanto, porém, meditava no modo de dar principio ao ataque, o urso, menos prudente que o adversario, avançou, parecendo querer ser o primeiro a atacar. Em presença de tal ousadia esvaiu-se a ultima parcella da coragem do marinheiro, a quem nem já a vergonha d'uma retirada póde suster, e dando-lhe as costas deitou a fugir, começando n'este momento o maior perigo

Gr. n.º 112 — O urso branco ou polar

O urso partiu em perseguição do fugitivo, e habituado a correr pela neve e sobre o gelo, ganhava terreno, e estava proximo a apanhar o homem que ia no cumulo do terror, e que julgando a arma que levava um peso inutil, servindo só para estorval-o, deixou-a cair, afim de poder fugir mais rapidamente. Felizmente a arma attrahiu a attenção do urso, que parou, observou o arpão, cheirou-o, voltou-o com as mãos, mordeu-o, e com estes manejos perdeu tempo que o fugitivo soube aproveitar.

O urso abandonou o arpão, e, continuando a carreira interrompida, foi sobre o homem, que sentindo o animal proximo a alcançal-o, e lembrando-se do effeito produzido pelo arpão, deixou cair uma das luvas. O estratagema produziu resultado, e o animal curioso ficou-se por algum tempo occupado a observar o objecto, vindo muito a proposito esta paragem, porque as forças do pobre marinheiro chegavam ao seu termo. Mas o urso em breve largou a luva e continuou a perseguir o homem a quem não perdia

de vista, e este successivamente deixou cair a outra luva e o chapeo, que o urso promptamente fez pedaços com as unhas e os dentes.

A tripulação, que assistia de longe a esta comedia, vendo que se ia tornando séria, e que o homem finalmente succumbiria, porque o furor do animal tornava-se cada vez mais ameaçador, resolveu que fosse uma parte fazer frente ao perseguidor, deixando livre o perseguido a quem o medo e o cansaço haviam extenuado.

O urso, vendo-se na presença de novos e numerosos adversarios, pareceu a principio querer dar-lhes combate; mas, tendo sido ferido, deteve-se, e como soldado habil, depois de reflectir um instante, julgou que o unico partido que devia tomar, em harmonia com as circumstancias presentes, era fazer uma retirada. Em pouco tempo poz entre si e os aggressores tão grande espaço de terreno, coberto de neve tão desegual e aspera, que os marinheiros se não atreveram a transpôr. O mal avisado caçador, apezar do auxilio dos camaradas, só parou quando se viu a bordo do navio em completa segurança.»

Os povos das regiões polares, os esquimaus e os samoyedes, caçam o urso branco apezar dos perigos que se corre n'estas caçadas, e constroem guaritas de madeira onde lhe fazem espera. No dizer de Seemann, conta Brehm, os indigenas servem-se do seguinte ardil para se apossarem do animal.

Enrolam uma tira de barba de baleia com o comprimento de $0^m,60$ e $0^m,10$ de largura, cobrem-na de gordura de phoca que deixam gelar; em seguida vão em busca do urso, despedem-lhe uma frecha, atiram-lhe com o engodo e fogem. O urso cheira o objecto que encontra no caminho, vê que é do seu agrado e engole-o, não sabendo que mais tarde lhe trará a morte, porque derretendo se a gordura com o calor do corpo, a baleia estende-se e rasga-lhe o estomago.

Não obstante a sua ferocidade, o urso branco sendo apanhado em pequeno póde domesticar-se, e muitos se encontram nas collecções dos museus; não são, porém, susceptiveis de educação, nem se affeiçoam ao homem, conservando-se constantemente n'um estado de selvageria estupida.

No nosso clima só são activos durante o inverno, e nas occasiões de grande frio; de verão tornam-se languidos e doentes, e é necessario, se não teem onde banhar-se, deitar-se-lhe por cima grandes baldes d'agua fria. São mais affeiçoados á alimentação animal do que os outros ursos em geral, comquanto não recusem o pão, e alguns teem sido exclusivamente alimentados por esta fórma, sendo-lhes sufficiente tres kilogrammas por dia.

A carne do urso branco é apreciada pelos povos do norte, e bem assim a gordura, que lhes serve tambem de alimento, e com ella preparam remedios para diversos achaques. A pelle é aproveitada para coberturas, palmilhas de sapatos, botas e luvas.

Diz Brehm que nas egrejas da Islandia, construidas de madeira, vêem-se na frente dos altares pelles de ursos brancos, que os caçadores offerecem aos padres para os proteger do frio durante o serviço divino.

Tendo falado *dos ursos propriamente ditos*, fica-nos para descrever os *sub-ursos*, que, sendo tambem plantigrados, e possuindo as fórmas geraes dos ursos, se distinguem por serem mais pequenos, e pela cauda, que é comprida, grossa e muito felpuda.

Estes animaes podem considerar-se como formando a transição dos ursos para os outros carnivoros, e começaremos tratando dos coatis de focinho curto, que são os que mais se assimilham aos ursos.

OS COATIS DE FOCINHO CURTO

Les ratons, dos francezes

Estes animaes são muito mais pequenos que os ursos, teem os membros mais delgados e mais altos, a cauda comprida ou mediana, muito ramalhuda; a cabeça larga atraz, focinho pequeno e pontudo, olhos grandes e muito proximos um do outro, orelhas grandes lateraes, pello basto, comprido, e tezo; só assentam as plantas dos pés no chão quando estão parados, e levantam os calcanhares quando andam.

Vivem na America as duas especies de que se fórma o genero, uma no norte e outra no sul, a primeira o *coati lavandeiro* e a segunda o *coati caranguejeiro*, este ultimo conhecido no Brazil pelo nome de *guaxinim*.

O COATI LAVANDEIRO

Ursus lotor, de Linneo. — *Le raton lavcur*, dos francezes

Este animal tem aproximadamente de comprimento 0m,65, 0m,26 de cauda, e de altura 0m,35. O pello é cinzento trigueiro, mais claro no ventre e nas pernas, focinho e orelhas esbranquiçados, de roda dos olhos uma mancha negra que desce obliquamente até á queixada inferior; os pellos das faces são brancos e compridos, no beiço superior tem bigodes compridos e fortes, nas pernas o pello é muito curto; a cauda muito ramalhuda, branca-amarellada, com cinco ou mais anneis trigueiros escuros.

Habita em toda a America septentrional, em pequeno numero nas regiões mais povoadas, mas muito frequente nos pontos despovoados, principalmente nas florestas.

«O coati lavandeiro tem predilecção pelos sitios vizinhos dos rios, dos lagos e dos ribeiros; de ordinario vae á caça ás horas do crepusculo, dormindo durante as horas de maior calor nos troncos ôcos das arvores, ou sobre os ramos grossos e bem cobertos de folhagem, onde o não incommodem. Vagueia de dia e de noite.

É um animal esperto, elegante, de movimentos vivos e graciosos, que se não podem observar quando caminha tranquillamente com a cabeça caida, as costas arqueadas, e a cauda pendente, porque então avança vagarosamente e o andar é obliquo. Mas se der com uma pista, ou divisar um animal de que desconfie, muda de physionomia, o pello eriça-se-lhe, as orelhas fitam-se, levanta-se sobre as patas trazeiras, salta, corre, e trepa com rapidez incrivel aos troncos das arvores, ainda aos mais verticaes. Muitas vezes vê-se este animal correr pelos ramos como um mono, com o corpo caido como a preguiça, e dando saltos firmes de um para outro ramo. No solo marcha com facilidade, avançando rapidamente aos saltos, caindo sobre os quatro pés.

Tem no todo um tanto do mono, é como este alegre, activo, curioso, brincalhão e malicioso, valente quando é necessario, assimilhando-se ao raposo nas manhas que emprega para surprehender a presa. Vive na melhor harmonia com os seus eguaes, brincando horas inteiras, ainda mesmo depois de velho. Mais tarde veremos que nem mesmo preso o seu humor jovial o abandona, e que brinca com os outros animaes.

Com referencia á alimentação, o coati lavandeiro é um verdadeiro urso. Á similhança d'este animal come tudo quanto apanha, não deixando por isso de ser guloso, e quando póde sabe escolher os bons bocados. Sustenta-se de castanhas, de milho, de arroz, e de fructos de toda a especie; surprehende as aves, pilha-lhes os ninhos, descobrindo ainda os mais escusos, abre os ovos e sabe aproveitar o conteudo sem perder uma gôta. Introduz-se nos quintaes e nos pateos para roubar as aves domesticas, e saquear os gallinheiros e pombaes.

Os habitantes dos rios contribuem tambem para a sustentação do coati lavandeiro, que apanha os peixes, os caranguejos e os mariscos de concha, mettendo-se n'agua para ir buscal-os ao largo. É apaixonado pelas ostras, sabendo abril-as habilmente, comquanto no dizer de alguns observadores fique ás vezes com a mão entalada na concha.

Os insectos fazem tambem parte da sua alimentação, gostando muito de certas larvas; apanha os gafanhotos com muita habilidade, e trepa ás arvores para ir em busca dos coleopteros. Tem o habito de molhar na agua e de esfregar entre as mãos qualquer presa antes de a comer, sendo a esta circumstancia que deve o nome de lavandeiro; entretanto procede assim quando a fome o não aperta, porque de contrario trata de satisfazer as necessidades do estomago sem primeiro lavar os alimentos. Só procura o sustento pelos dias bons; quando chove, faz vento ou cae neve, deixa-se ficar no covil sem comer.

A femea tem filhos no mez de maio, dois ou tres, e no dizer de Audubon, quatro a seis, que esconde na cavidade do tronco d'uma arvore, que antecipadamente guarneceu com uma camada de folhas.

Caça-se este animal não só para obter a pelle, mas tambem pelo prazer da diversão. Quando é a pelle do coati que se deseja, apanha-se o animal em armadilhas de diversos systemas, servindo-se para engodo de peixe ou de pedaços de carne. Quando é só pelo prazer da caça, o processo é simples.

Os americanos são apaixonados por estas caçadas que são feitas de noite, á luz de archotes. Procura-se a occasião em

que o coati lavandeiro sae do covil, e deslisa silencioso atravez do matto; quando tudo se cala na floresta é que os caçadores se põem em campo. Tão depressa um dos cães encontra a pista do coati, toda a matilha se lança no encalço do animal, que trepa rapidamente a uma arvore, e busca esconder-se entre a espessura da folhagem; os cães formam então em circulo á roda da arvore, ladrando, emquanto o coati se conserva tranquillo, occulto nas trevas.

Os caçadores aproximam-se, juntam os troncos seccos, a rama dos pinheiros, as pinhas, e com estas materias combustiveis fazem uma fogueira, d'onde rebenta um clarão que illumina a paizagem em roda com a sua luz phantastica. Um trepador habil sobe á arvore e persegue o animal entre a folhagem; o homem e o animal percorrem o cimo da arvore, de ramo em ramo, até que o coati corre para a extremidade de um tronco, para alcançar a arvore mais proxima, e então o caçador, que o segue de perto, sacode vigorosamente o tronco, ao qual o animal se agarra com toda a força; esforço inutil porque o seu perseguidor aproxima-se, e sendo-lhe cada vez mais difficil manter-se sobre o ramo, cae.

Os cães festejam a queda do animal com os seus latidos mais alegres; mas a caçada continua, porque o coati sobe a outra arvore, repetindo-se a mesma scena, até que finalmente cae em poder dos caçadores.

O coati lavandeiro, sendo apanhado novo, domestica-se muito depressa, e póde deixar-se andar em liberdade como o cão, sendo todavia necessario conserval-o longe das gallinhas. Pela sua confiança, alegria, e continua mobilidade, torna-se um animal agradavel, e os seus gestos comicos assimilham-se aos do mono. Gosta que o afaguem, mas não manifesta grande affeição pelo dono. Brinca de boa vontade, dando pequenos gritos de alegria como os cães pequenos.

Nos modos parece-se com o mono; sempre attento a quanto vê, examina tudo, tudo cheira, na dispensa, no pateo ou no quintal. Observa os tachos e as caçarolas, e se estão tapados busca tirar-lhes a tampa para se apossar do conteudo.

Não gosta de fructas em doce, mas não recusa o assucar, a carne e o pão. No quintal come as ameixas e cerejas que vae apanhar ás arvores, e rouba os morangos e as uvas. Se pode introduzir-se no pateo, vae ás capoeiras ou ao pombal, e n'uma noite degola os moradores. Como a marta, passa pelas mais estreitas aberturas, e serve-se das patas anteriores como se fossem mãos.

Andando pela casa e esquadrinhando todos os cantos derriba os objectos, parte a louça, e é este um dos principaes inconvenientes que resulta de o deixar andar em liberdade. Não custa a crear, come tudo quanto lhe dão: carne crua ou cozida, aves, ovos, peixe, insectos, pão, assucar, melaço, mel, leite, raizes, fructos, etc.

Até mesmo captivo conserva o habito singular de molhar os alimentos na agua e esfregal-os com as patas dianteiras, apezar das perdas que isso lhe causa, principalmente quando sujeita a similhante processo o assucar, de que é muito guloso. Gosta mais de carne do que das outras substancias. Leva o comer á bocca com as patas anteriores, pondo-se em pé nas trazeiras.

Vive em harmonia com os outros mamiferos, se estes o não excitarem. Se o maltratam procura ver-se livre dos seus perseguidores, mas nem sequer cuida em aggredil-os. Se o tratarem com cuidado pode viver muito tempo na Europa.» (Brehm).

Entre as muitas narrações que encontrámos em diversos autores, e principalmente no que acabamos de citar, todas ellas bastante interessantes, ha uma publicada por L. Beckmann ácerca do animal de que estamos falando, que encerra curiosas observações que permittem conhecer amplamente os habitos do coati lavandeiro. É a que segue.

«Entre as particularidades mais accentuadas que se observa nos usos do coati lavandeiro, é necessario citar a sua curiosidade, avidez, obstinação, e a inclinação que tem para esquadrinhar todos os cantos e recantos; possuindo, por um contraste bem notavel, muito sangue frio e imperio sobre si. Da luta continuada de qualidades tão oppostas resultam factos bem singulares. Se vê a impossibilidade de alcançar um certo fim, a curiosidade é substituida pela mais completa indifferença, e á teima mais absoluta succede a maior inercia. Ao inverso passa do estado de maior aborrecimento á alegria mais viva, e não obstante a sua prudencia e força que tem sobre si, faz as pelloticas

mais exoticas logo que lhe excitem os desejos.

Nas horas de fastio faz mil coisas para matar o tempo. Tão depressa está em pé, só, a um canto, entretido a pôr uma palha em volta do focinho, como distrahido brinca com os pés, ou corre atraz da cauda. Outras vezes, deitado de costas, junta sobre o ventre um pouco de feno ou folhas seccas, e quer impedil-as de cair segurando-as com a cauda que lhe estende por cima, e com as patas dianteiras.

Quando tem sede e vê uma pia com agua faz diligencia para se lhe aproximar, examinando em primeiro logar a altura da agua, não gostando de mergulhar senão as patas dianteiras com que lava tudo quanto encontra; não lhe sendo agradavel mergulhar o corpo todo até ao pescoço. Depois de haver examinado a profundidade da agua, mette-se na pia com cui-

Gr. n.° 113 — O coati lavandeiro

dado, procurando no fundo um objecto que possa lavar, um caco, uma casca de caracol, ou outra qualquer coisa. Se vê a distancia uma garrafa velha, julgando que carece de ser lavada, corre para ella, mas se estiver preso com a corrente que lhe não permitta chegar-lhe, volta-se, como fazem os macacos, e addicionando á corrente o comprimento do corpo estende-se e vae apanhar a garrafa com as patas trazeiras. Em seguida põe-se em pé, e lá vae cambaleando, com a garrafa segura contra o peito. Se lh'a querem tirar, faz como os rapazes mal educados, deita-se de costas com a garrafa segura com as pernas, e tão vigorosamente a segura que por ella se pode levantar o animal. Quando se cança de lavar a garrafa, senta-se sobre ella, balouçando-se brandamente, e diligenciando metter as mãos no gargalo.

Para poder examinal-o bem, é preciso vêl-o em liberdade com o homem ou com outro qualquer animal; levado pela sua

independencia a nenhum mostra affeição, mas brinca com elles.

Trata-se de jantar, de lhe tirar a corrente, ou de coisa que lhe seja agradavel, então conhece o dono, chama-o por uns gemidos tão ternos, e abraça-lhe os joelhos com modo tão supplicante que é difficil resistir-lhe. Teme-se muito dos maus tratos, e se veem d'um estranho procura vingar-se.

Não gosta de estar preso, e na gaiola conserva-se de ordinario quieto, acaçapado a um canto.»

Não podemos resistir a contar aos leitores a seguinte anecdota, ácerca de um coati lavandeiro, a qual anecdota faz parte de extensas observações que se referem a este animal, publicadas por A. Brehm.

«Um coati lavandeiro que vivia n'uma herdade, com outros quadrupedes domesticados, tinha sympathisado com um teixugo que estava solto, e se conservava tranquillo a um canto. Nos dias de grande calor o teixugo saía da toca e vinha fazer o seu somno á sombra de um sabugueiro.

Tão depressa o coati via o teixugo corria para elle; mas como se receiasse das mordeduras ficava a distancia respeitosa, contentando-se com tocar-lhe por detraz com a extremidade dos dedos. Era isto o sufficiente para despertar o teixugo, que se desesperava, e atirava uma dentada ao coati que a esse tempo já estava longe.

Ainda o teixugo não adormecera de novo, e já o lavandeiro voltava a repetir o facto, parecendo que o não fazia por maldade, e tamsómente para ser util ao teixugo, tal era a consciencia e serenidade imperturbavel com que cumpria esta tarefa.

Um dia, porém, a repetição d'estes factos pareceu insupportavel ao teixugo, que se levantou a rosnar e foi esconder-se na toca; mas como o calor fosse muito ficou com a cabeça de fóra. O coati ao vêl-o n'esta posição, convencendo-se que não podia continuar prestando ao seu amigo os mesmos serviços, ia retirar-se, quando o teixugo despertando e vendo o seu perseguidor escancarou a bocca.

O coati ficou estupefacto, e voltou-se para examinar por todos os lados os dentes brancos do teixugo, que continuava immovel na mesma posição, augmentando cada vez mais a curiosidade do coati lavandeiro, a ponto que se atreveu a estender a pata prudentemente, e dar ao de leve no focinho do teixugo, que não se moveu.

O coati lavandeiro não podia comprehender esta alteração nos habitos do seu companheiro, e por isso crescia a sua impaciencia por não encontrar a explicação do que via; impaciente, agitado, hesitando se devia depois da pata estender a cabeça para melhor observar, decidiu-se por este ultimo alvitre, e metteu o focinho na bocca aberta do teixugo. Não é difficil adivinhar o resto.

O teixugo fechou a bocca e o coati ficou com o focinho entalado como n'um torno; gemia e movia-se como um rato preso na ratoeira, e quando conseguiu retiral-o escorria sangue, e o animal tratou de se fazer ao largo, devéras zangado.

Por muito tempo lhe ficou gravada na memoria esta aventura, e todas as vezes que passava perto da toca do teixugo ia com uma das patas ao focinho, não deixando comtudo de continuar as suas provocações.»

O coati lavandeiro, a julgarmos pela descripção que d'elle fizemos, e pelo mais que a respeito d'elle temos lido, póde considerar-se como um animal muito interessante, que dá ao dono frequentes occasiões de agradavel distracção.

O COATI CARANGUEJEIRO

Ursus cancrivorus, de Linneo—*Le raton crabier*, dos francezes

Este animal substitue na America do Sul o coati lavandeiro, e é muito commum no Brazil, vivendo no littoral; alli, como já dissemos, é conhecido por *guaxinim*.

É maior que o coati lavandeiro, mais alto de pernas, orelhas mais curtas, pello mais espesso e menos comprido. O colorido geral da pelle é pardo amarellado, passando a branco no ventre; as patas trigueiras escuras, os cantos da bocca, uma faxa por cima dos olhos e uma malha pequena no angulo externo dos mesmos, brancos; a cauda preta com tres ou quatro anneis brancos amarellados.

Tem os mesmos habitos do lavandeiro, e como elle gosta de habitar nas proximidades dos rios, dos lagos e do mar, e deve o appellido de caranguejeiro á predilecção que tem pelos molluscos e crustaceos, de que se alimenta, apanhando-os nas praias.

Apanhado emquanto novo domestica-se perfeitamente, e brinca seja com quem fôr que o afague; vive em boa harmonia com os animaes domesticos, sem comtudo mostrar maior sympathia por nenhum. Á tarde torna-se activo e corre por toda a casa ou pelo pateo, cheirando os objectos, aproximando o nariz das fendas e dos buracos, e levantando-se nas pernas trazeiras para vêr de mais perto. Come tudo quanto encontra, sem comtudo accommetter nenhum dos animaes domesticos.

Sustenta-se com carne de boi, raizes cozidas e fructos; como o lavandeiro segura os alimentos entre as patas dianteiras, virando-os muitas vezes de cima para baixo, mas sem os molhar na agua como o seu congenere.

Não gosta que o perturbem quando come, e se tal lhe fazem encolerisa-se, e morde ainda mesmo a pessoa que cuida d'elle.

OS COATIS DE FOCINHO LONGO

Les coatis, dos francezes

Estes animaes, pelas fórmas geraes e por diversas particularidades da sua organisação, teem muita analogia com os coatis de focinho curto, mas differindo principalmente por terem o nariz prolongado muito adiante da bocca, movivel para todos os lados, em fórma de tromba, e a cauda quasi tão comprida como a cabeça e o tronco. Exhalam de si cheiro bastante desagradavel.

São duas as especies principaes d'este genero, com quanto alguns naturalistas não queiram admittir senão uma, e considerem como variedades as pretendidas especies que são o *coati sociavel*, ou *coati ruivo*, e o *coati solitario* ou *coati pardo*. Como os individuos das differentes especies, segundo uns, ou variedades, segundo outros, tenham os mesmos habitos, fazendo nós a descripção do *coati solitario* pode o leitor ficar conhecendo o genero de vida e os costumes dos individuos das diversas especies, tanto mais que essa descripção se refere ás duas especies nos pontos em que os seus habitos apresentam dessimilhanças.

Os coatis de focinho longo vivem na America do Sul, e n'algumas localidades do Brazil teem o nome vulgar de *ursos narigudos*.

O COATI SOLITARIO

Viverra nasua, de Linneo — *Le coati roux*, de Cuvier

Este animal, muito frequente no Brazil onde é chamado *cuaty-mundé*, tem o pello ruivo, a cauda com sete anneis trigueiros amarellados e nos intervallos outros sete trigueiros escuros, focinho cinzento escuro com tres malhas brancas em volta dos olhos, e pernas trigueiras.

Mede de comprimento aproximadamente 1 metro, incluindo a cauda, ao comprimento da qual pertence, com pequena differença, metade d'esta extensão.

A descripção que se segue, do coati solitario, devemol-a a Brehm d'onde foi extrahida.

«Como indicam os nomes das duas especies a que nos referimos (coati sociavel e coati solitario), differem ellas em que os individuos da primeira vivem em bandos de oito a vinte individuos, em quanto que os da segunda vivem sós, n'uma pequena area, e só se reunem na epoca do cio.

O coati solitario parece que tem muitas moradas, passando as noites ora n'uma ora n'outra, emquanto que o sociavel não tem morada, nem sitio onde vá caçar habitualmente; é vadio, anda pela floresta de dia, e quando anoitece aloja-se na cavidade d'um tronco, entre as raizes d'uma arvore, sobre o tronco no sitio onde se bifurcam dois ramos, e alli dormindo aguarda a manhã. É mais frequente que o seu congenere.

Os coatis sociaveis caminham afastados uns dos outros, dando uns gritos particulares, metade grunhido metade assobio, que se ouvem muito antes de se avistar o bando.

O coati solitario parece menos cauteloso que os seus congeneres, porque estes, emquanto alguns velam pela segurança do bando, podem comer descançados, o que não acontece ao solitario que é obrigado a desempenhar ao mesmo tempo estas duas funcções. Quando um coati sociavel avista o inimigo, previne immediatamente os companheiros por um grito forte, sibilante, e trepa sem demora a uma arvore, para onde o seguem os outros, e n'um momento o bando inteiro se refugia nos ramos. Se os perseguem, ou batem no tronco da arvore, corre cada um para a extremidade d'um ramo, e depois saltam para o chão, ou antes deixam-se cair como corpo morto, e fogem.

Se os não perseguem, descem da arvore com a cabeça para diante, ao contrario dos outros animaes, e estendem as pernas trazeiras para traz, agarrando-se vigorosamente ao tronco. Trepam aos ramos com cuidado, e não saltam de ramo em ramo como os monos, comquanto não sejam menos habeis que estes e os gatos.

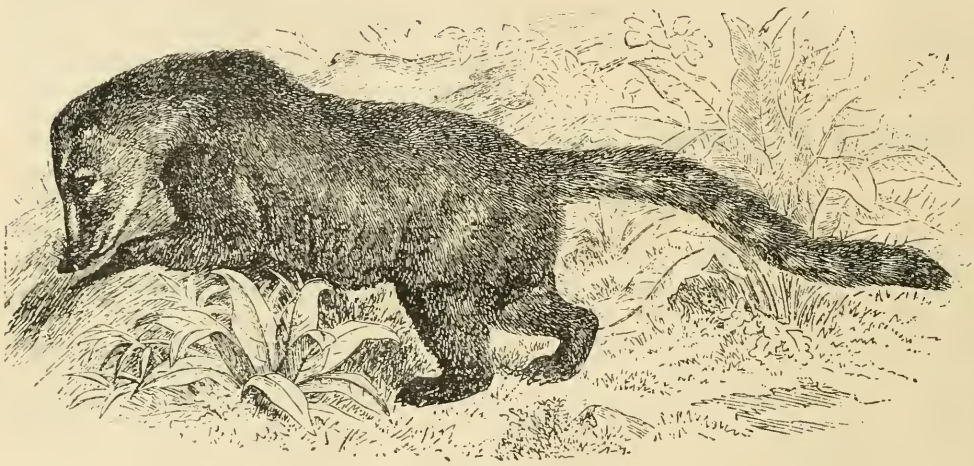
Esquadrinham o solo coberto de ramos e de folhas seccas, introduzindo o nariz nos buracos, e não deixando fenda nem greta que não seja explorada; nunca se demoram muito a observar o mesmo objecto.

O coati solitario caminha silenciosamente, de vagar, examinando tudo detidamente, com prudencia, não receiando ser perturbado por outro animal da mesma especie.

O coati, quando descobre no solo ou n'um ramo uma larva de insectos, emprega todos os meios para se apossar d'ella, raspa com as patas dianteiras, introduzindo de tempos a tempos o nariz na abertura, farejando como fazem os cães quando perseguem os ratos, até conseguir assenhorear-se d'ella.

Ás vezes observa-se um bando inteiro que trepa a uma arvore, para desaninhar e surprehender os passaros, percorrendo-a rapidamente para passar a outra. O coati solitario, mais preguiçoso, não se dá a esse incommodo; deixa-se ficar no chão.

Nos coatis sociaveis não se descobre harmonia na maneira de proceder dos individuos de que se compõe o bando;



Gr. n.° 114 — O coati solitario

cada um faz o que lhe convem, sem se importar com os companheiros, a não ser para acompanhar o bando, que parece ser conduzido por um dos mais velhos.

Andam toda a manhã occupados a gritar, a esquadrinhar, a cavar, a trepar, em lutas uns com os outros, até que chegam as horas de maior calor, indo então em busca de um logar commodo onde durmam a sésta. Escolhida uma arvore, cada qual estende-se sobre um ramo e ahi adormece, recomeçando a viagem depois do meio dia, e á tarde procuram outro abrigo onde passam a noite.

No solo movem-se com menos agilidade, e caminham a passo, com a cauda levantada verticalmente ou avançam aos saltinhos, tocando no chão apenas com metade das plantas dos pés. Assentado ou em pé nas patas trazeiras apoia então toda a planta dos pés no solo. Comquanto a sua organisação não seja a melhor para lhe permittir correr com grande velocidade, entretanto tem uma andadura rapida.

Parece que não gostam de entrar na agua, porque só o fazem em caso extremo, nadando todavia perfeitamente, atravessando com facilidade as ribeiras e os rios.

O sentido mais apurado n'estes animaes é o olfato, e depois o ouvido, os tres restantes são pouco perfeitos. Em noites escuras não vêem nada, e de dia vêem mal.

Nada se sabe ácerca da reproducção do coati solitario, e com relação ao coati sociavel, no dizer de Rengger, a femea tem de tres a cinco filhos por cada vez, em

outubro, que nos paizes em que elle vive é um dos mezes de primavera, indo depositál-os na cavidade d'um tronco d'arvore, n'uma toca, n'alguma escavação coberta pelo matto, ou finalmente em logar bem escuso, e ahi se demora cuidando dos filhos até que possam acompanhal-a nas suas correrias. Não vem tarde essa epoca, porque com os bandos encontram-se individuos tão novos, que apenas possuem os dentes incisivos.

Os indios da America do Sul caçam os coatis para lhes obter a pelle e comer a carne, que por elles é muito estimada, e que, sendo bem preparada, é agradavel até mesmo ao paladar de um europeu. Os brancos caçam-n'os por distracção, e empregam os cães para perseguil-os na floresta, obrigando-os a refugiar-se nas arvores, onde lhes atiram.

O coati solitario sabe defender-se dos cães, e um d'estes animaes não basta para subjugal-o, fazendo ás vezes frente a quatro e cinco, e pondo-os fóra de combate antes d'elle proprio succumbir.

Nos paizes em que habitam os coatis, é vulgar encontral-os domesticados; sendo vistos frequentemente nas habitações dos indios, e tendo muitos sido transportados para a Europa.

É facil crear os coatis, ainda mesmo muito novos, alimentando-os nos primeiros tempos com leite e fructos, e mais tarde com carne cozida ou crua. O alimento animal não lhes faz falta; contentam-se com o regimen vegetal e mostram-se satisfeitos. Bebem muita agua, tendo o cuidado de levantar a extremidade do focinho para o não molhar.

É preferivel tel-os n'um pateo, presos com uma corrente, ou em casa durante o mau tempo, a encerral-os n'uma gaiola; não haja receio de que elles tentem quebrar a prisão, e tornam-se mais mansos. Deixando-os correr livremente pelas casas tornam-se nocivos, porque esquadrinham todos os cantos, observando tudo e derribando os objectos. Se encontram um livro viram-lhe as folhas, uma a uma, com as patas dianteiras, alternadamente. Gostam muito de que brinquem com elles, e os cocem atraz das orelhas; agradecem os bons tratamentos, e dando-se com o homem e com todos os animaes domesticos, não testemunham todavia a nenhum maior sympathia. Se os perturbarem quando estão comendo, encolerisam-se e mordem.

OS POTOTES

Les kinkajous, dos francezes

Por muito tempo este genero não teve logar certo na serie zoologica, sendo um dos mais curiosos da classe dos mamiferos, porque os animaes n'elle incluidos apresentam caracteres communs aos dos individuos pertencentes a outras familias, isto é, aos quadrumanos e aos viverreanos. Ainda hoje para alguns naturalistas os pototes fazem parte d'esta ultima familia; mas como a cauda, comprida e prehensivel, e principalmente a sua dentadura, indicando serem omnivoros, são caracteres que não coincidem com os dos viverreanos, são por muitos naturalistas incluidos na familia dos ursinos.

Não se conhece senão uma especie, que é a seguinte.

O POTOTE AMARELLADO

Viverra caudivolvula, de Linnco — *Le kinkajou ou poto*, dos francezes

N'alguns pontos da America do sul este animal é chamado *cuchumbi*, ou *manavari*, e sabemos tambem que no Brazil lhe dão o nome de *macaco da noite*.

O pototc tem o corpo alongado, pernas curtas, cabeça curta e grossa, focinho muito curto, olhos grandes, orelhas ovaes e membranosas, pés com cinco dedos, armados com unhas fortes e recurvas, e a planta dos pés nua. A cauda é comprida e prehensivel, como a dos monos urradores.

O pello é espesso, comprido e lanoso; nas costas e aos lados pardo amarello claro, formando uma faxa larga sobre o dorso, escura, claramente desenhada; na parte inferior do corpo trigueiro arruivado, mais claro no ventre; no lado externo dos membros e na cauda trigueiro. Este colorido da pelle está sujeito a grandes alterações.

Este animal tem de comprimento do focinho á raiz da cauda aproximadamente $0^m,50$, e a cauda outro tanto, e ás vezes mais; d'altura mede $0^m,17$.

É muito frequente em todo o norte do Brazil, no Peru, na Guiana, e no Mexico; e na America septentrional, na Louisiana e na Florida.

A. Brehm descreve o potote pela seguinte fórma:

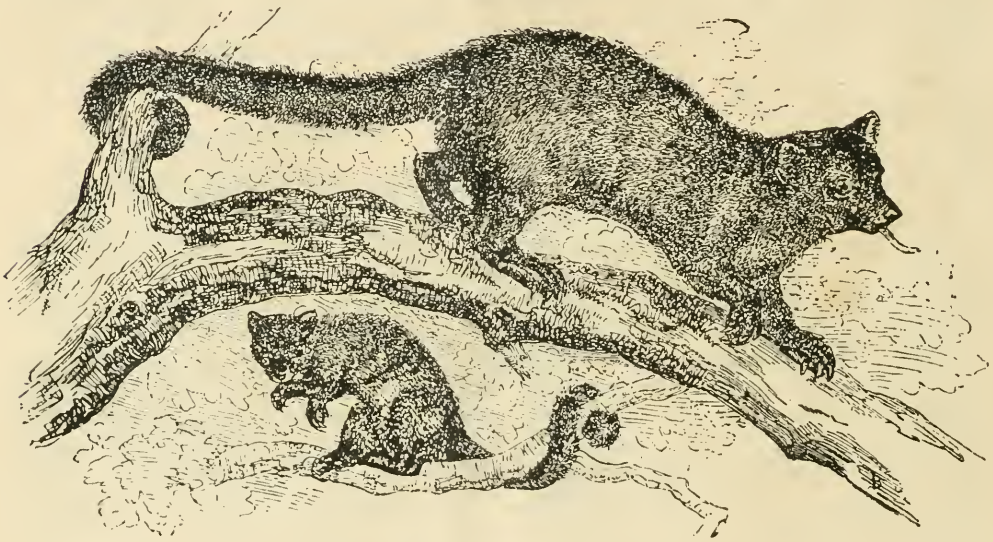
«Vive nas florestas virgens, proximo das

correntes d'agua, e habita sobre as arvores. É noctivago, passa o dia dormindo nas cavidades dos troncos, e á noite é activo, esperto, e corre pelo cume das arvores em procura do alimento. Não é inferior ao mono em agilidade, e a cauda, que é muito prehensivel, torna-se-lhe um grande auxiliar.

Todos os seus movimentos são rapidos e firmes; suspende-se aos ramos das arvores com a cauda ou com as patas trazeiras, e desce com a cabeça para baixo. Quando caminha assenta no chão toda a planta dos pés.

A sua alimentação consta de mamiferos pequenos, passaros, ovos, insectos, larvas, mel e fructos, principalmente bananas e figos. Gosta muito de mel e devasta as colmeias, o que o faz odiado pelos indios; os missionarios deram-lhe o nome de *urso meleiro*. Para se apossar d'elle, serve-se da lingua, que é extensivel, penetrando nas mais estreitas fendas ou nos buracos mais pequenos, e que, introduzindo-se nas colmeias, destroe os favos lambendo o mel; serve-se d'ella como o elephante da tromba. No estado livre, este animal é cruel e sanguinario, comquanto prefira a alimentação vegetal.

Nada se sabe ácêrca da reproducção do potote; porém como a femea só tem duas



Gr. n.° 115 — O potote amarellado

mamas, póde suppôr-se que não tem mais de dois filhos de cada vez. Captivo nunca este animal se reproduziu.

É affirmado por todos os naturalistas que o potote é muito docil com o homem, e que no fim de viver algum tempo com elle se torna tão meigo como o cão; recebe as festas com manifesto prazer, conhece a voz do dono, e prefere a companhia do homem á dos animaes da sua especie; provoca as pessoas a que brinquem. Na Nova Granada é dos animaes domesticos que os indigenas mais estimam.

Ainda mesmo preso dorme todo o dia, cobrindo o corpo e principalmente a cabeça com a cauda. Quando lhe dão a refeição desperta, mas tão depressa a finalisa adormece novamente. Ao pôr do sol acorda, deita a lingua de fóra, dá alguns passos incertos, dirige-se para onde está a agua, bebe e lava-se, e fica depois esperto e alegre; salta, trepa, faz mil cabriolas, brinca com o dono, assobiando devagar ou rosna como os cães pequenos quando o excitam.

Senta-se nas pernas trazeiras e come com as mãos como os monos; nos modos do potote encontra-se ao mesmo tempo similhança com o urso, com o cão, com o mono e com a civeta. Serve-se da cauda para apanhar os objectos a que não póde chegar com as mãos ou com os pés.

É por tal fórma sensivel á claridade do dia, que no momento de nascer o sol vae esconder-se no sitio mais escuro, e

a pupilla reduz-se a um pequeno ponto. Se se lhe colloca uma luz proxima, mostra-se descontente e agitado.

Come tudo quanto lhe derem: pão, carne, frutas, batatas cozidas, legumes, assucar; bebe leite, café, vinho, e até aguardente, embriaga-se com as bebidas espirituosas e fica doente muitos dias. Quando de tempos a tempos agarra uma ave, mata-a e suga-lhe o sangue, abandonando-a em seguida. Quando está agitado espirra muitas vezes, e se se encolerisa assobia como fazem os gansos, e grita fortemente.

Por mais domesticado que esteja procura sempre rehaver a sua liberdade. Conta A. Humboldt que um potote velho que possuia lhe fugira uma noite, tendo previamente degolado duas femeas do gallo das rochas, que pertenciam á collecção d'aquelle naturalista, levando-as para lhe servirem de mantimento.

Gr. n.° 116 — O benturongo negro

É difficil encontrar nos animaes companheiro mais agradavel, descuidoso como uma creança, e que mais prese as caricias que lhe fazem. Roça-se pela pessoa que lhe faz festas, e não encobre nenhuma malicia; só é mau quando o acordam subitamente; se o chamarem e lhe derem tempo para despertar, mostra-se de bom humor. (Brehm).

O potote, comquanto seja raro vêl-o vivo na Europa, dá-se bem aqui; é um animal interessante, que prende a attenção de quem o vê e que se alimenta facilmente.

O BENTURONGO NEGRO

Este animal é a unica especie do genero *Ictides*, creado por Valenciennes, e conhecido em Java, sua patria, pelo nome de *benturong*, que lhe conservamos dando-lhe terminação portugueza, por

não sabermos que haja em portuguez nome vulgar que o designe.

O benturongo tem grande analogia com o potote; possue como este a cauda prehensivel, e tem sido por alguns naturalistas incluido na familia dos viverreanos, genero *ictides*, e por outros ao lado do potote na familia dos ursinos.

O benturongo negro tem o corpo vigoroso, cabeça larga, focinho alongado, cauda comprida, cinco dedos nos pés, armados de unhas muito fortes e que não pode encolher, orelhas curtas, arredondadas, e terminando por um pincel de pellos negros. O pello é espesso, grosseiro, comprido no tronco e na cauda; o dos membros curto; o beiço superior ornado de ambos os lados de bigodes brancos e espessos. O colorido geral da pelle é preto baço, pardo na cabeça e trigueiro nos membros.

O benturongo vive, como já dissemos, em Java, sendo tambem frequente em Sumatra e Malaca.

São pouco conhecidos os habitos d'este animal no estado livre, e o mais que se sabe é que habita nas florestas, vivendo como os outros carnivoros.

Tem sido observado preso, mas quasi nada ha publicado a seu respeito. As seguintes observações são as que Brehm faz acêrca d'este animal captivo.

«O benturongo é um animal nocturno que dorme de dia enroscado, e que difficilmente desperta. Quando o acordam rosna, arreganha os dentes, e adormece immediatamente. Para me serem agradaveis acordaram na minha presença um que vivia no jardim Zoologico de Londres, que não deu taes signaes de descontentamento, mostrando-se pelo contrario affavel. Desperta ao anoitecer e alimenta-se de substancias animaes e vegetaes. Um d'estes animaes, que F. Cuvier observou e que havia muitos annos existia em casa do dono, comia indifferentemente ovos, cabeças das aves, e a tanchagem, de que era sofrego.

Trepa bem ás arvores, mas devagar, com auxilio da cauda, e quando desce enrola-a aos ramos e escorrega sem a desenrolar. Não come na proporção do tamanho, e é facil de sustentar porque não recusa nenhum alimento. Pode ser bem alimentado e com pouca despeza se lhe derem arroz cozido.

MAMIFEROS

ORDEM DOS INSECTIVOROS

Na ordem dos insectivoros reunem-se os mamiferos cuja alimentação se compõe quasi exclusivamente d'insectos, com excepção dos cheiropteros, que, se pelo regimen alimentar deveriam ser incluidos n'esta ordem, apresentam comtudo differenças tão essenciaes na sua organisação que obrigam a reunil-os n'uma ordem áparte, a dos cheiropteros, de que já falámos.

Os insectivoros teem um systema de dentadura apropriado ao seu genero especial de alimentação; os molares são eriçados de pontas conicas, e os caninos e incisivos muito agudos, e d'este modo aptos para prenderem e perfurarem os insectos, ainda mesmo os que são protegidos por um involucro resistente, como os coleópteros.

Á ordem dos insectivoros pertencem os mamiferos mais pequenos, e entre elles citaremos o musaranho etrusco, de que mais tarde falaremos, que mede de comprimento da cabeça á raiz da cauda trinta e cinco millimetros, tendo esta vinte e cinco.

Os animaes da ordem dos insectivoros teem a intelligencia muito pouco desenvolvida, não são susceptiveis de educação, são medrosos, desconfiados, solitarios, habitando, o maior numero, debaixo da terra ou em logares muito escusos; outros vivendo na agua e alguns sobre as arvores. Muitos dos insectivoros caem em lethargia quando a temperatura desce a um determinado grau, e assim passam o inverno.

Apezar do odio com que estes animaes, em geral,são perseguidos, odio mal fundado, prestam grandes serviços nas terras amanhadas, evitando a maior propagação dos insectos nocivos, que sem elles seriam por tal fórma numerosos que devastariam os campos.

Dividiremos esta ordem em tres familias, comprehendendo cada uma diversos generos, que são as *toupeiras*, os *musaranhos* e os *ouriços cacheiros*.

FAMILIA DAS TOUPEIRAS

Todos os membros d'esta familia teem uma physionomia particular que não permitte confundil-os com qualquer outro animal. O corpo, bem fornido de carne, é quasi cylindrico, não se distinguindo o pescoço do tronco; o focinho prolonga-se em forma de tromba, os membros anteriores terminam por mãos largas formando uma especie de enxada relativamente enorme, e os trazeiros delgados e alongados como os dos ratos; a cauda é curta.

São quatro os generos que se comprehendem n'esta familia.

A TOUPEIRA ORDINARIA

Talpa europæa, de Linneo. — *La taupe d'Europe*, dos francezes.

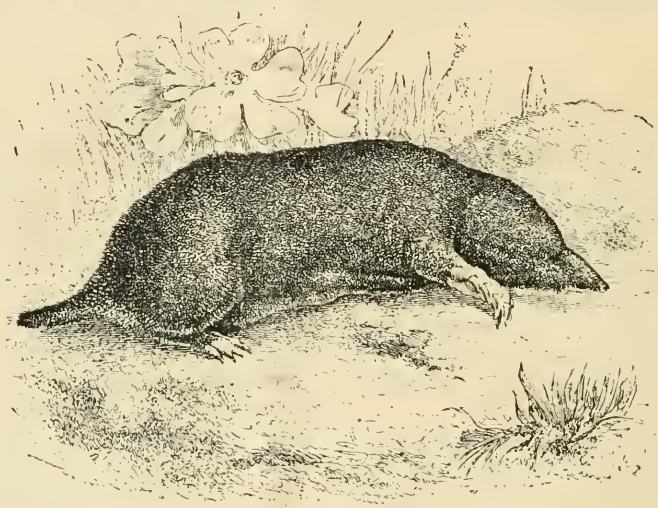
Este animal, que pode servir de typo ás *toupeiras propriamente ditas*, é dos mais

singulares. Tem o corpo curto, grosso, cylindrico, sem orelhas, olhos negros e quasi imperceptiveis, escondidos entre o pello, com o qual se confundem, cauda curta, focinho alongado em fórma de tromba, membros curtos, e os anteriores tão curtos que o animal descança o peito no chão, terminando por duas mãos, cuja palma é aspera e callosa, voltada para fóra e para o lado de traz, permittindo ao animal lançar para os lados a terra que escava.

Tem cinco dedos, reunidos quasi completamente por uma membrana palmar, e armados de unhas largas, compridas e vigorosas. Os pés são mais fracos, tem os dedos separados e as unhas menos fortes.

Ha ainda quem acredite que a toupeira é cega, o que é um erro, devido, como já dissemos, a ter os olhos pequenos, occultos entre o pello, e um e outros tão negros, que confundindo-se não permittem á primeira vista enxergal-os. Entretanto é certo que a visão é pouco perfeita na toupeira, tendo em compensação o ouvido muito apurado, porque se exteriormente lhe falta o pavilhão, é no interior muito desenvolvido. O olfato é excellente. A bocca é grande e bem guarnecida: tem quarenta e quatro dentes, que se dividem em numero egual pelas duas queixadas.

O pello é espesso, curto, avelludado, preto cinzento, variando de colorido á



Gr. n.º 117 — A toupeira ordinaria

frente, por detraz ou de lado. A toupeira tem ordinariamente de 0m,14 a 0m,15, 0m,1 de cauda, e 0m,5 de altura. A femea é mais delgada que o macho.

Ha toupeiras cinzentas claras, outras pretas com malhas brancas, e raras vezes todas brancas; estas são simples variedades, não constituindo especies.

A toupeira ordinaria é muito frequente na Europa, multiplicando-se extraordinariamente nos pontos onde a não perseguem.

A toupeira vive debaixo da terra, occupada constantemente na abertura de compridas galerias subterraneas, de que se conhece a direcção e extensão pelos monticulos de terra que se observam á superficie do solo, e que servem para denunciar a presença do animal.

As toupeiras vivem isoladas nas suas galerias subterraneas, não vindo á superficie da terra senão em busca de terreno mais rico em alimento, ou então na epoca do cio. Os machos são mais vigorosos que as femeas; e nota-se nos trabalhos subterraneos d'aquelles, em relação aos d'estas, que as galerias que construem são menos tortuosas, os monticulos de terra que formam no exterior mais numerosos e mais proximos uns dos outros. As toupeiras novas abrem pequenos conductos tortuosos, e os monticulos de terra são pouco volumosos e collocados de longe em longe.

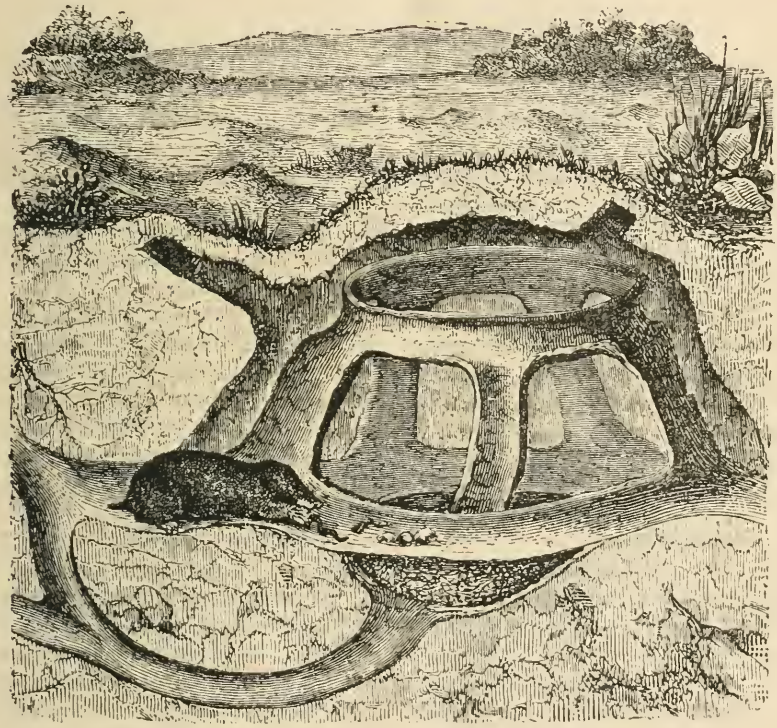
Variando com as estações, as galerias

são mais ou menos profundas, porque a temperatura obriga os insectos e os vermes a internar-se mais ou menos no solo, e as toupeiras precisam acompanhal-os n'estas mudanças; da mesma forma variam de profundidade conforme a qualidade do terreno. Sendo arenoso as raizes profundam pouco, os insectos andam quasi á superficie, e então as toupeiras construem as galerias á flor da terra, ficando muitas vezes salientes.

Os monticulos de terra que se observam á superficie do solo são formados pela que lhes sobra das escavações, e que não sendo tirada lhe obstruiria a passagem; com a cabeça levantam o terreno n'um ponto até fazer uma abertura, por onde atiram fóra o desaterro.

A habitação da toupeira merece descripção minuciosa, porque nenhum dos animaes que vivem sob a terra construe a sua morada tão artisticamente e á custa de tantas fadigas. É um dedalo, provavelmente feito para o animal melhor poder escapar aos seus perseguidores.

A sua habitação propriamente dita é



Gr. n.° 118 — A habitação da toupeira

de ordinario formada n'algum sitio onde não possa ser observada pela parte superior, sem o que se denunciaria por um monticulo de terra, grande e abaulado; é feita sob as raizes d'uma arvore ou debaixo d'um muro, ficando separada do terreno, onde a toupeira caça diariamente, por um corredor, que tem algumas vezes a extensão de 30 a 45 metros, cortado por numerosas galerias subterraneas que se cruzam de mil fórmas.

No centro d'esta construcção fica um compartimento sobre o redondo, onde o animal repousa sobre uma cama feita de musgo, palhas, estrume, raizes muito delgadas, materiaes que as toupeiras encontram sob a terra ou que vem buscar á superficie; compartimento que é cercado de duas galerias circulares e concentricas, a de fóra situada no mesmo nivel, e a interior em plano mais elevado.

Do quarto de dormir da toupeira partem tres corredores, que subindo obliquamente vão dar á galeria circular interna, e esta communica com a seguinte por cinco ou seis corredores descendentes, tambem obliquos, que se não abrem em frente dos outros.

Em volta d'esta galeria, que é a que fica mais afastada do quarto de dormir da toupeira, abrem-se outros oito ou dez corredores, alternados com os que já referimos, que, partindo em diversas direcções e formando curvas, vão dar a um corredor principal.

Ha ainda uma abertura no fundo e no meio do quarto de dormir da toupeira, que dá entrada para um tunnel que, passando sob as galerias, sóbe e vae abrir-se no corredor que serve para a ventilação.

Já dissemos que o terreno onde a toupeira caça é situado a distancia da habitação, e cortado por numerosas galerias; falta-nos dizer que estas são temporarias, feitas tamsómente para o animal caçar, construidas com pouca solidez, conhecendo-se a direcção pelos monticulos de terra que se observam na superficie do solo, producto do desaterro. Independentemente das galerias que já mencionámos, a toupeira abre outras, na epoca do cio, para estar em communicação directa com a morada da femea.

«A toupeira, diz Brehm, abre o solo com a maior facilidade, auxiliada pelos musculos bastante desenvolvidos da nuca, pelas mãos que são verdadeiras enxadas, e pelo focinho, cavando a terra com as mãos e lançando-a para traz de si com extraordinaria rapidez.

Como tem a faculdade de fechar os ouvidos, a terra e a areia não podem alli introduzir-se, e quando o desaterro que lhe fica atraz é em quantidade que póde estorvar-lhe a passagem, abre uma saida para a superficie da terra, e para ahi o atira, com o auxilio do focinho. Emquanto dura o trabalho de minar, está sempre envolvida n'uma camada de terra movediça de $0^m,14$ a $0^m,16$ de espessura. Surprehende a ligeireza com que trabalha.

«Diz Oken que teve uma toupeira tres mezes n'uma caixa com areia, e que circulava por entre ella quasi tão rapidamente como um peixe n'agua, deitando com as mãos a areia para os lados, e com os pés atirando-a para traz.

Os movimentos d'este animal são mais rapidos do que se suppõe; até mesmo sobre o solo, onde está como que fóra do seu elemento, corre com a ligeireza necessaria para que qualquer homem tenha difficuldade em apanhal-a. Quando corre pelas galerias da sua habitação, deve egualar um cavallo a trote. Nada admiravelmente, e tem sido vista atravessando ribeiros, e até mesmo passando braços de mar.

«Conta Bruce que n'uma tarde do mez de junho, proximo de Edimburgo, um numeroso grupo de toupeiras atravessou a nado um braço de mar com a largura de 200 metros, para ir estabelecer a sua morada n'uma ilha. Vê-se muitas vezes a toupeira nadar nos rios e em tanques, com o focinho no ar, egualando o rato d'agua na agilidade. Abre galerias até debaixo dos rios, e passa assim de uma para outra margem, não conhecendo limites as suas excursões, e conseguindo sempre, com tempo, achar sitio que seja adaptado ao seu modo de vida.»

A alimentação das toupeiras compõe-se de insectos e de vermes que encontram sob a terra, comquanto comam tambem os molluscos, os pequenos mamiferos e os passaros que encontram mortos; as lesmas, os musaranhos, os ratos, as rãs, os lagartos, e as cobras que penetram nos corredores da sua habitação não escapam á sua voracidade.

Blasius diz que viu muitas vezes uma rã ser surprehendida por uma toupeira, e arrastada para baixo da terra; o que Lenz affirma egualmente com relação ás cobras.

«A toupeira é verdadeiramente carniceira, diz Figuier, e talvez que nenhum animal, até mesmo os animaes ferozes mais temidos, sintam em tão subido grau a necessidade de despedaçar a victima e de saciar a sua voracidade n'uma presa viva. «A toupeira, diz E. Geoffroy Saint-Hilaire, não sente fome como todos os outros animaes; n'ella esta necessidade toma proporções extraordinarias, e a falta de alimento degenera em frenesi.» Ataca a victima pelo ventre, enterra a cabeça toda inteira nas entranhas palpitantes da victima, e refestella-se com prazer immenso. Se duas toupeiras do mesmo sexo forem fechadas n'uma casa, não passará muito tempo sem que a mais forte tenha devorado a mais fraca. Depois de saciar a fome, a toupeira é tomada de uma sede ardente, e procura todas as maneiras de satisfazer esta necessidade.

A toupeira é insaciavel, diz Brehm, e tem necessidade d'uma quantidade d'alimento egual em peso ao do proprio corpo, não podendo estar mais de doze horas sem comer. A este respeito teem sido feitas interessantissimas observações.

Flourens, querendo saber qual o alimento que este animal prefere, fechou

n'uma caixa cheia de terra duas toupeiras, e deitou-lhes um rabano. No dia seguinte o rabano estava intacto, mas d'uma das toupeiras só existia a pelle

A toupeira que estava viva foi mettida n'uma caixa vazia, e como dava signaes de agitação e de estar esfomeada, deram-lhe um pardal a que cortaram as azas. A toupeira acercou-se sem demora do passaro, que lhe deu umas tantas bicadas, obrigando-a a recuar; mas finalmente, precipitando-se sobre elle, rasgou-lhe o ventre, alargou a abertura com as mãos, e em breve havia devorado metade da victima, deixando-lhe a pelle intacta. Flourens poz lhe proximo um copo com agua, e tão depressa a toupeira o viu, ergueu-se arrimada a elle, e bebeu com avidez. Voltou de novo para junto do pardal, comeu ainda e pareceu então saciada.

Sendo-lhe tirados os restos do pardal e a agua, o animal em breve pareceu novamente esfomeado, inquieto, farejando com a tromba para todos os lados; vendo outro pardal vivo que lhe deram, correu para elle, abriu-lhe o ventre, devorando metade, depois do que, tendo bebido com sofreguidão, ficou tranquilla. No dia seguinte de manhã comeu o resto do pardal e mais uma rã, e ao meio dia tinha outra vez fome.

Então deram-lhe um sapo, e mal ella o viu encrespou-se, voltou o focinho manifestando uma repugnancia invencivel á vista d'este animal, e não o comeu. No dia seguinte estava morta de fome, sem haver tocado no sapo, nem nas cenouras, couve e outras hervas que tinha junto de si.

As toupeiras que Flourens teve presas, dando-lhes raizes e folhas, todas morreram de fome; as que sustentava com pardaes, rãs, carne de boi, e bichos de conta, viveram muito tempo.

Uma vez fechou dez toupeiras n'um quarto, sem lhes dar alimento, e ao fim de pouco tempo a mais robusta começou a perseguir uma mais fraca, que no dia seguinte de manhã foi devorada, e assim successivamente aconteceu ás outras, até que existindo unicamente duas, ter-se-hiam devorado se não lhes tivessem dado de comer.

Pode observar-se, diz Brehm, nas toupeiras captivas, quanto o olfato d'estes animaes é apurado.

«Um dia puz uma dentro d'um caixote cheio de terra, que tinha 0^{m},15 de altura aproximadamente, e o animal metteu-se por ella dentro sem demora; calquei a terra e a um canto puz um pedaço de carne golpeada. Minutos depois vi a terra levantar-se n'aquelle ponto, apparecer a tromba da toupeira, e a carne foi comida. Por isso creio que pelo olfato se guia a toupeira nas suas caçadas.

É a vista que lhes serve para se guiarem quando atravessam uma corrente d'agua, e para provar que a este animal não falta este sentido basta atiral-o á agua. Immediatamente afasta os pellos que lhe cobrem os olhos, que podem então ser observados, apparecendo como uns pontinhos negros e salientes.»

A toupeira vive solitaria a maior parte do anno, trabalhando tres horas e dormindo outras tres; depois vae caçar durante um lapso de tempo egual, e dorme outras tres horas, e assim passa a sua vida a caçar, a comer e a dormir. Nos mezes de março ou julho, porém, vae em busca d'um individuo da sua especie de sexo differente, e o encontro faz-se ou sobre a terra, ou no interior. Em geral os machos são em maior numero.

Quatro semanas depois, tempo que dura a gestação, a femea tem de tres a cinco filhos, que nascem sem pello, cegos, muito volumosos em relação ao tamanho da mãe e ao volume que mais tarde hão de ter. Ainda muito novas, dão provas de egual voracidade á dos paes, e crescem rapidamente; com cinco semanas teem pouco mais ou menos metade do tamanho da toupeira adulta, com quanto continuem a viver no ninho, onde os paes lhes fornecem o alimento.

Diz Figuier «que embora as toupeiras destruam quantidades enormes de larvas e de insectos, nem por isso deixam de ser tidas como nocivas á agricultura, em vista dos estragos que fazem ao abrir as suas galerias subterraneas por entre as raizes das plantas. Se não se alimentam das raizes dos vegetaes, como se tem affirmado, cortam-n'as para abrir passagem, e assim revolvem, por forma deploravel, plantações e sementeiras. Ainda mais; quando preparam o ninho agarram as plantas pela raiz, e puxando-as ao de leve, levam-n'as para debaixo da terra, para fazerem a cama aos filhos que hão de nascer. Em um ninho de toupeiras encontraram-se 402 pés de trigo, para ahi levados com as folhas. Finalmente estes animaes, levantando o solo, criam em-

baraços aos ceifeiros, impedindo-os de cortar a planta tão rente como convem.

É este o libello formulado contra a toupeira, ao qual, embora não faltem razões de certa força, pode-se comtudo responder invocando os serviços que este animal presta, na sua qualidade de insectivoro, e ainda mais demonstrando que essas galerias, consideradas prejudiciaes, constituem canaes de drainagem, incontestavelmente uteis.

Depois de bem pesados os prós e os contras, conhece-se que o util é superior ao nocivo, e que em resumo a toupeira, quando não deva ser incluida na cathegoria dos animaes uteis, deve pelo menos ser classificada de inoffensiva. »

Depois este escriptor, falando ácerca das diversas armadilhas para apanhar as toupeiras, diz que a mais usada é a de Delafaille. «Consiste n'um cylindro de madeira óco, com $0^m,25$ a $0^m,30$ de comprido, e com o diametro pouco mais ou menos egual aos das galerias da toupeira. Em cada uma das extremidades tem uma porta que só abre de fóra para dentro. Comprehende-se bem o que acontece quando esta armadilha se colloca ao comprido, n'uma das galerias por onde passa a toupeira. O animal, querendo reparar os estragos que encontra na galeria, aproxima-se do canudo, e empurra a porta, que se fecha atraz d'elle, ficando prisioneiro.

O inventor aperfeiçoou mais tarde este apparelho, collocando no interior do tubo uma haste delgada, posta verticalmente, que sae fóra da armadilha, na extremidade da qual se põe um bocado de papel, e assim o homem advertido pelo movimento do papel, sabe quando a toupeira cae no laço, e levanta a armadilha.

Além do homem, a toupeira tem mais inimigos: o tourão, o mocho, o francelho, o tartaranhão, o corvo, a cegonha, e a doninha que a persegue até mesmo debaixo da terra; muitas vezes é tambem victima da vibora. Só os raposos, as martas, os tourões e as aves que citamos comem a toupeira, os outros animaes matam-n'a mas não a comem.

É difficil conservar a toupeira captiva, em vista da difficuldade de encontrar a enorme quantidade de insectos de que este animal carece para alimentar-se; devendo accrescentar-se que a toupeira não póde viver n'um espaço muito limitado, e que encerral-a n'uma caixa ou ainda mesmo n'uma casa é matal-a. Accommettida em breve da nostalgia do sub-solo, morre á falta de alimento para a sua actividade febril.

Entretanto o doutor Franklin conta que um americano, chamado Titian Peale, conseguira domesticar uma. Comia e bebia muito, e alimentava-se de carne cozida ou crua; naturalmente alegre seguia as mãos do dono pelo cheiro, ia passear algum tempo por debaixo da terra e voltava para comer.

O pello da toupeira é fino e luzidio; mas, além do cheiro activo que lhe é particular, e que nenhuma preparação lhe faz perder, a pelle é tão pequena que para poucos usos poderia servir.

No reinado de Luiz XV as damas da sua côrte usavam da pelle da toupeira em substituição das sobrancelhas que a natureza lhes dera escassas.

A TOUPEIRA CEGA

Talpa cæca — La taupe aveugle, dos francezes

Existe na Europa uma toupeira, que foi considerada como faltando-lhe o orgão da visão, estando hoje completamente demonstrado que essa opinião proveiu de que o globo do olho se não pode observar por estar coberto com uma membrana muito delgada, translucida, que tem um orificio egual ao que produz a ponta d'um alfinete, e que não é dilatavel.

Nos outros pontos da sua organisação, a toupeira cega pouco differe da toupeira ordinaria, e é do mesmo tamanho.

Encontra-se este animal no sul da Europa. Nos habitos é similhante á toupeira que já descrevemos, comquanto as suas galerias subterraneas sejam menos extensas e abertas mais á superficie da terra.

A TOUPEIRA DOIRADA

Talpa asiatica, de Linneo.—*Le chrysochlore du Cap*, dos francezes

A toupeira doirada é o representante da familia no sul da Africa; tem, como a toupeira ordinaria, o corpo cylindrico, e nas suas formas geraes é similhante a esta, differindo comtudo na dentadura, em não ter cauda, e em possuir unicamente tres dedos nas mãos, armados de unhas vigorosas, em forma de foice.

O pello é trigueiro, apresentando reflexos metalicos brilhantes, eguaes aos

que se observam n'alguns insectos, e que se não encontram em nenhum outro mamifero; á roda dos olhos e n'uma faxa, que partindo d'este ponto vae ter aos cantos da bocca, o pello é amarello trigueiro, e na garganta esverdeado.

As toupeiras doiradas habitam no sul da Africa, na vizinhança do Cabo da Boa Esperança, onde se affirma que são muito frequentes.

Teem os mesmos habitos da toupeira ordinaria, e os indigenas perseguem-n'as pelos estragos que lhes fazem nas fazendas.

A TOUPEIRA DE CRISTA

Sorex cristata, de Linneo.— *Le condylure étoilé*, dos francezes

A toupeira de crista é a especie unica do genero condylure dos francezes, e distingue-se das toupeiras da Europa principalmente pelo nariz, que é armado de pontas cartilaginosas, moviveis, pontudas, e dispostas em fórma de estrella. É mais pequena que a toupeira ordinaria, pois só tem 0m,12 de comprimento do focinho á raiz da cauda, e esta 0m,5. O pello é curto, macio, menos fino e basto que o da toupeira da Europa, mas da mesma côr negra avelludada.

Gr. n.º 119 — A toupeira de crista

Este animal representa na America a toupeira ordinaria, e habita no Canadá.

Os seus habitos são similhantes aos da toupeira ordinaria, como ella construe a sua morada subterranea, e alimenta-se de insectos, de larvas, e de vermes.

OS MUSARANHOS ATOUPEIRADOS

Sorex aquaticus, de Linneo. — *Le scalope aquatique*, dos francezes

Estes animaes formam a transição das toupeiras para os musaranhos, de que vamos em seguida falar, e distinguem-se pelo focinho pontudo muito similhante ao d'este animal.

O musaranho atoupeirado tem o comprimento de 0m,20; a pelle é trigueira anegrada, com reflexos castanhos, a cauda e as patas brancas, os olhos muito pequenos e escondidos, de fórma que pela fenda da palpebra com difficuldade se poderia dar passagem a um cabello; a cauda é negra.

Vive nos Estados Unidos da America.

O musaranho atoupeirado prefere os sitios humidos, e nos habitos é similhante á toupeira ordinaria. Os americanos dizem que se pode domesticar, que brinca

com o dono, e conhece quem lhe dá de comer.

FAMILIA DOS MUSARANHOS

Os animaes comprehendidos n'esta familia teem certa similhança com os ratos, e o observador desprevenido tomal-os-ha por um d'estes roedores, differindo comtudo no focinho que termina n'uma especie de tromba, pontuda ou achatada, que os distingue dos ratos.

Teem habitos muito diversos, segundo os differentes generos a que pertencem, e d'estes mencionaremos tres: os *musaranhos propriamente ditos*, os *musaranhos almiscarados*, e os *macroscelidos*.

O MUSARANHO ORDINARIO OU MURGANHO

Sorex araneus, de Linneo. — *La musaraigne commune*, ou *musette*, dos francezes

Este animal é mais pequeno que o rato; tem quando muito 0m,08 de comprimento e 0m,03 de cauda. A côr da pelle varia entre o trigueiro ferrugento e o preto luzidio; aos lados é sempre mais clara que no dorso; no ventre é branca cinzenta, e na cauda trigueira escura na parte superior, e trigueira amarellada na inferior.

O murganho é commum em toda a Europa. Habita nas planicies ou nas montanhas, nos campos, nos quintaes, e na vizinhança das habitações. No inverno estabelece a sua residencia nas casas, principalmente nos celleiros e nos estabulos.

Prefere viver debaixo da terra. Quando o terreno é leve abre uma toca muito á flor da terra ou apropria-se das habitações das toupeiras e dos buracos dos ratos que encontra deshabitados, refugiando-se tambem nas fendas dos rochedos ou nos buracos dos muros.

«Como a maior parte dos animaes d'esta familia, o murganho é mais nocturno que diurno; de dia não abandona voluntariamente a sua morada subterranea, e nunca sae durante as horas de grande calma; parece que o sol o incommoda.

Ha quem julgue que a maior parte dos murganhos que se encontram mortos, no verão, á borda dos caminhos e dos fossos, foram cegos pelo sol, que os impediu de encontrar a toca. Pode ser que haja n'esta opinião alguma coisa de verdade, entretanto é certo que os raposos; os gatos e os cães, são os maiores culpados d'essas mortes.

Os murganhos andam constantemente a farejar por todos os lados, em busca de alimento, e comem os filhos e os corpos mortos dos seus similhantes. «Tive, diz Lenz, muitos murganhos, e não consegui sacial-os com moscas ou vermes; era preciso dar-lhes um rato, um musaranho morto, ou um passaro do tamanho d'elles.

Por pequenos que sejam comem um rato por dia, deixando-lhe a pelle e os ossos. Consegui assim engordal-os. Se os deixarem passar fome, morrem em pouco tempo.

Tentei dar-lhes pão, rabanetes, peras, semente de linhaça, cenouras, etc.; não tocavam n'estas substancias, e morriam de fome. Se encontravam outro murganho ou um rato apanhado n'um laço devoravam-n'o sem demora.»

O poeta Welcker foi testemunha da maneira porque os murganhos caçam os pequenos roedores. Possuia um murganho, e prendia-lhe a um pé um cordel; assim preso peixava-o entrar n'algum dos numerosos buracos que se encontram no campo, onde vivem os ratos campestres. Pouco depois do murganh entrar, saía o rato, seguido de perto pelo seu aggressor, que se lhe atirava mordendo-o no pescoço, sugando-lhe o sangue, e assim o matava para o devorar. Esta ferocidade é vantajosa para o homem, porque assim se destroe grande quantidade de animaes nocivos.

O murganho é leve e agil nos movimentos, nada se necessario fôr, e trepa ás arvores de troncos inclinados. A voz, como a dos individuos de todas as especies d'este genero, consiste n'uma sorte de assobio penetrante, tremido, que dá muitas vezes quando esquadrinha entre a herva alta, nas sebes, pelo meio das silvas, ou quando dois se aggridem.

Dos sentidos, o olfato é o mais desenvolvido. Acontece que um murganho que tenha sido apanhado n'uma ratoeira, e o soltarem, volta de novo, attrahido pelo cheiro que lá deixou. Parece que a vista e o ouvido de pouco lhe servem, e que o olfato substitue estes dois sentidos.

Ha poucos animaes tão insaciaveis como os murganhos, e que tão ferozes sejam uns para os outros; só se lhes póde comparar a toupeira. Mesmo o macho e a femea só vivem bem durante a epoca do cio. Em qualquer outra occa-

são os murganhos devoram-se, não lhes importa o sexo. Vêem-se muitas vezes dois murganhos lutar com tamanho ardor, que que se deixam agarrar á mão, formando ambos um só corpo roliço, e mordendo-se com a raiva dos bull-dogues. Por fortuna os murganhos não teem a possança do leão; se a tivessem despovoariam a terra, e acabariam tambem morrendo de fome.

A femea construe o ninho com musgo, hervas, folhas e hastes, que colloca no buraco d'um muro, ou debaixo das raizes de uma arvore, e n'este caso faz-lhe muitas aberturas lateraes; enche-o bem para que fique muito macio, e em maio, junho ou julho, alli deposita de cinco a dez filhos, que nascem com os olhos e as orelhas fechados. A principio ainda manifesta pela sua progenie grande affeição, que pouco a pouco se vae esvaindo, e então são os pequenos que correm em busca do alimento. Desde esse momento todo o sentimento de affeição desapparece, e para o murganho, novo ou velho, tudo que seja carne, até mesmo a dos seus irmãos lhe serve de alimento.

Poucos são os animaes que comem o murganho; os gatos matam-n'o porque á primeira vista julgam ser um rato, mas nunca o devoram. Os raposos e o maior numero dos musteleanos tambem o desprezam. Algumas aves de rapina, as cegonhas e as viboras, engolem-n'o.

A repugnancia dos mamiferos pelo murganho é, sem duvida, resultado do cheiro desagradavel a almiscar que elle exhala, devido a um liquido segregado por duas glandulas, situadas nas ilhargas, mais proximas dos membros anteriores do que dos posteriores. Tudo quanto o murganho tocar fica enfrascado no tal cheiro. A este animal se tem attribuido, sem razão, a qualidade venenosa e até á sua mordedura o poder de matar os cavallos.» (Brehm).

« O simples contacto com um murganho, diz Brehm, a dar credito ao que dizem certos espiritos acanhados, é prenuncio certo de doença; o homem ou animal que fôr tocado pelo murganho fica doente, salvo se recorrer a um remedio infallivel, o unico capaz de curar a doença causada pelo murganho, e que se obtem com um ramo de freixo, no qual se haja inoculado a virtude therapeutica pela seguinte maneira.

Toma-se um musaranho vivo e leva-se para junto do freixo, que deve servir para livrar o genero humano das garras de Satanaz, que se esconde sob o pello do pequeno insectivoro, e abre-se no tronco da arvore um buraco, onde se mette o murganho, tapando-se solidamente a entrada. O animal, por pouco que possa viver assim entaipado, morto em sacrificio á tolice humana, tem o tempo necessario para dar ao freixo a sua virtude sobrenatural.»

Para os nossos leitores poderem avaliar como eram tidas por verdadeiras as mais disparatadas opiniões acerca das virtudes therapeuticas do murganho, vamos dar-lhe como amostra as seguintes linhas extrahidas d'uma obra d'um naturalista inglez, Eduardo Topsell, escripta em 1658, de que nos dá noticia Brehm.

Falando do musaranho diz: — «E' um animal voraz, dá profundas mordeduras e o seu contacto é venenoso e mortal. E' nocivo para todos, não ha creatura a quem elle tenha affeição, todos os animaes o temem, os gatos caçam-n'o mas não o comem, porque se tal fizessem morreriam.

Quando um murganho cae n'uma rodeira morre, porque não pode d'ahi sair, e assim o affirmam Marcelus Nicander e Plinio, e Philes dá como razão que o animal na rodeira está como se fôra preso. Assim os antigos recommendam que se abram rodeiras como preservativo para as mordeduras do murganho.

Ha outros meios ainda que combatem a acção do veneno d'este animal, servindo tambem para a cura d'outras doenças. Um murganho que tiver morrido, por haver caido n'uma rodeira, é queimado e reduzido a pó, que misturado depois com areia e gordura de ganso, fórma um unguento que serve para curar todas as inflammações. Um murganho morto e pendurado de modo que não toque no chão, cura quem tiver o corpo coberto de chagas e ulceras, se tocar tres vezes com o corpo do animal nas feridas (!)

Um murganho encontrado morto e enrolado n'um panno de algodão ou linho serve para curar os abcessos e todas as inflammações. A cauda do murganho queimada e misturada com qualquer unguento é seguro preservativo contra a raiva (!!)

Muitas outras virtudes se attribuem ao murganho, basta, porém, para amostra, o que fica escripto.

O MUSARANHO ETRUSCO

Sorex etruscus, de Savi. — *La musaraigne étrusque*, dos francezes

O musaranho etrusco é, como já dissemos, o mais pequeno de todos os mamiferos, actualmente existentes, e pode dizer-se o antipoda do elephante. O pello é trigueiro claro ou pardo arruivado, a tromba e as patas são côr de carne, a cauda é annegrada na parte superior e mais clara na inferior, e tem as patas cobertas de pellos esbranquiçados.

Vive na Italia, na Criméa, e no norte da Africa.

Nos habitos é similhante aos outros musarenhos, frequenta as quintas que ficam mais proximas dos povoados, e até mesmo se aloja nas habitações. É mais sensivel ao frio de que os musaranhos do norte da Europa, e procura sitios bem abrigados para passar o inverno.

O MUSARANHO DAS FONTES

Sorex fodiens — La musaraigne d'eau, dos francezes

O musaranho das fontes é a maior das especies que vivem na Europa, tem 0m,13

Gr. n.° 120 — O musaranho etrusco

de comprimento dos quaes 0,05 pertencem á cauda. O pello é fino, farto, macio, negro no dorso, pardo claro ou esbranquiçado debaixo do ventre, e algumas vezes malhado de preto. Tem o pello por tal forma basto, que nem um pingo d'agua pode atravessal-o. Os dedos, pelo lado inferior, são cobertos de pellos compridos e duros, que substituem a membrana palmar, e que, alargando-se, formam uma especie de pá de remo, que facilita ao animal correr pela agua.

O musaranho das fontes encontra-se em toda a Europa, em Inglaterra e nas margens do Baltico, que são os pontos mais ao norte onde vive, e d'ahi até Hespanha e Italia.

Este animal vive nos pontos montanhosos, junto das nascentes, preferindo os regatos d'agua limpida que correm sob fundo arenoso ou d'argila, por entre arvoredo, e que atravessam os prados. N'estes pontos encontra-se frequentemente em grande quantidade. Entretanto a sua existencia não está completamente dependente da vizinhança da agua; vagueia pelas campinas vizinhas, acouta-se debaixo dos molhos de feno, entra nos celleiros e nos estabulos, e introduz-se até no interior das habitações.

«Nos terrenos brandos, diz Brehm, proximo da agua, abre galerias subterraneas, ou apossa-se das habitações das toupeiras e das dos pequenos roedores. A galeria principal tem sempre muitas entradas, uma d'ellas que fica debaixo d'agua, e as outras que communicam com a terra. N'este abrigo o animal refugia-se dos seus inimigos.

Nos logares frequentados, o musaranho das fontes passa todo o dia escondido na toca; mas onde não tem a receiar as perseguições dos seus inimigos, apparece de dia, principalmente na epoca do cio. Raras vezes nada ao longo das margens; a maior parte das vezes atravessa d'um para outro lado; mas se quer ir a qualquer sitio que fique para cima ou para baixo do regato, vae a descoberto pela margem ou debaixo d'agua pelo fundo. É muito activo, prudente, agil, e causa prazer observar-lhe os movimentos, que são firmes e rapidos.

O animal conserva-se raras vezes debaixo d'agua por muito tempo; é á superficie que se demora, e ahi especialmente se pode observar, até mesmo de dia, nos logares solitarios e tranquillos. De tempos a tempos dá um salto no ar para apanhar um insecto que passa voando, e torna a cair na agua com a cabeça para baixo. O pello está sempre secco e liso, e a agua escorrega n'elle como por uma tela encerada, e só perde esta propriedade quando o animal está doente.

E' principalmente na epoca do cio, nos mezes d'abril ou maio, que o musaranho das fontes se mostra mais activo, e o macho então corre apoz a femea dando o seu grito bem conhecido, *sisisi*.

A femea foge do seu perseguidor, mergulha e vae apparecer mais longe; o macho, porém, não cede e vae sobre ella, que de novo mergulha, continuando este exercicio algumas vezes durante um quarto de hora. Entretanto os dois não perdem occasião de ir apanhando os insectos que encontram, ou qualquer outra presa, não se esquecendo de esquadrinhar todos os buracos que houver pela beira do regato.

Em relação ao tamanho os musaranhos das fontes são carniceiros insaciaveis, e comem insectos de todas as especies, vermes, molluscos, caranguejos, reptis, peixes, aves e mamiferos pequenos.

O rato que o musaranho encontra na toca está perdido; vê uma arveloa nova, que descuidosa vae caminhando pela margem do regato, o musaranho arremessa-se a ella com tão grande voracidade, como o lynce ao cabrito montez, e estrangula-a. Se vê uma rã saltar imprudentemente no buraco onde elle se abriga, agarra-a pelas patas trazeiras, e arrasta-a comsigo. O modo como apanha os peixes pequenos é curioso: persegue-os até os obrigar a entrar n'alguma curva estreita que haja nas margens, e turvando a agua espera-os á saida; tão depressa um dos peixes se aproxima atira-se a elle, e d'ordinario não lhe escapa. Pesca, como se costuma dizer, nas aguas turvas.

O musaranho das fontes accommette animaes que são proximamente sessenta vezes maiores do que elle, e, guardadas as devidas proporções, pode-se dizer que não ha nenhum carnivoro que mate maiores presas.

«Ha alguns annos, conta Brehm, segundo refere meu pae, encontraram-se no lago de Heinspitz, em Eisenberg, muitas carpas, com duas libras e mais de peso, com os olhos e os miolos comidos. Este facto, que foi narrado n'um jornal, deu logar a grande controversia entre dois sabios que viviam na cidade proxima, pretendendo um que tinham sido as rãs que, empoleiradas sobre as cabeças dos peixes, lhes haviam arrancado os olhos, e comido os miolos; e este tinha por partidarios todos os que não gostavam das rãs, accusando-as de, por exemplo, emmaranhar o linho ou comer a aveia. O proprio Blumenbach interveiu na questão, porque houvera dito que as rãs comiam os peixes e os passaros.

O adversario defendia as rãs habilmente; mas o seu antagonista era difficil de vencer, e apresentava as queixadas das rãs dissecadas, para por ellas demonstrar a voracidade d'estes animaes.

Finalmente fui chamado a tomar parte na discussão, e para tornar bem evidente a innocencia das rãs, e principalmente as suas boas qualidades, mostrei que era impossivel, com os fracos meios que tinham á sua disposição, tornarem-se culpadas dos crimes que lhes imputavam. Parece que me acreditaram, mas o matador continuava a ficar incognito.

Eu sabia que o musaranho das fontes apanhava os peixes, que até mesmo os perseguia avidamente; tinha-os possuido por algum tempo captivos, e sabia quanto eram vorazes; mas não acreditava, com-

tudo, que tão pequeno animal podesse apanhar e matar peixes tão grandes. Em breve, porém, tive provas de que assim era.

Um proprietario d'aquelle sitio tinha tirado, no outono de 1829, umas famosas carpas que tinha n'um tanque, para as deitar na bacia d'uma fonte que estava situada em frente das janellas da casa, onde a agua nunca gelava. Em janeiro de 1830 caiu tal frio, descendo o thermometro a 22° abaixo de zero, que todos os regatos gelaram, ficando só livres as nascentes.

Um dia o nosso homem encontrou uma carpa morta, com os olhos e os miolos arrancados, e alguns dias depois, outra mutilada da mesma fórma, e assim por este modo ia perdendo todos os peixes uns apoz outros.

Uma vez, porém, sua mulher viu um *rato* trepar pela borda do tanque, deitar-se a nado, e ir empoleirar-se na cabeça d'uma carpa, segurando-se com as mãos. Embora aquella abrisse a janella immediatamente, ainda assim o rato tivera tempo para comer os olhos ao peixe; mas espantado ia retirar-se quando um gato o filou, não lhe dando tempo a escapar-se. Tiraram o animal das garras do gato e trouxeram-m'o; era um musaranho das fontes, que guardei, preparando-o depois para o conservar junto com o manuscripto onde se narrava este facto. Assim se descobriram os autores das mortes do lago de Heinspitz.

A femea do musaranho das fontes, tres semanas depois de se reunir ao macho, tem seis a oito filhos, que nascem cegos, e que ella deposita em um ninho situado áborda d'agua, e confortavelmente preparado com musgo, filamentos de linho canhamo e folhas; no fim de cinco a seis semanas os pequenos já estão bastante crescidos, e acompanham a mãe nas suas caçadas.

O musaranho das fontes tem os mesmos inimigos que o murganho; de ordinario nada tem que receiar de dia; mas quando vagueia de noite é victima dos mochos e dos gatos. Os primeiros devoram-n'o, os segundos matam-n'o mas desprezam-no, por causa do cheiro d'almiscar que o animal exhala de si.»

Os musaranhos das fontes não supportam o captiveiro por muito tempo: morrem ao fim de poucos dias, e mostram-se sempre medrosos e bravios.

OS MUSARANHOS ALMISCARADOS

Les desmans, dos francezes

Estes animaes são mais aquaticos do que o musaranho das fontes, e o seu caracter mais curioso é o nariz, que representa uma verdadeira tromba, formada de dois conductos, delgados, cartilaginosos, de que o animal se serve para diversos misteres, principalmente como orgão do tacto.

Na raiz da cauda teem uma glandula que segrega um liquido, que exhala cheiro d'almiscar muito activo.

Só se conhecem duas especies d'este genero, que vivem na Europa.

O MUSARANHO ALMISCARADO DA RUSSIA

Sorex moschata, de Linneo. — *Le desmun musqué*, dos francezes

Este animal tem 0,^{m}25 de comprimento e a cauda mede 0,^{m}19, tendo 0,^{m}4 de altura. A pelle é bella, luzidia, formada de duas especies de pellos, uma pennugem macia e pellos sedosos lisos, trigueiros, mais claros na parte superior do corpo e mais escuros nas ilhargas; o ventre branco prateado, e alguns pontos brancos nas faces. A cauda é mais curta que o corpo, escamosa, quasi nua, comprimida na base, alargando para o centro onde se torna redonda, e muito comprimida verticalmente na extremidade.

Esta especie do musaranho almiscarado vive na Russia meridional.

A. Brehm dá a seguinte descripção d'este animal:

«Nos habitos assimilha-se á lontra, e vive ora em terra ora na agua. A agua parada, ou de curso vagaroso, que corre entre margens escarpadas, onde possa facilmente construir a toca, é o sitio que escolhe de preferencia, e a sua habitação parece-se com a da lontra. Uma galeria, abrindo-se ao lume d'agua, sobe obliquamente, no comprimento de 6 metros e mais, indo ter a um compartimento situado a metro e meio aproximadamente acima do nivel da agua, e sempre superior á altura a que chegam as maiores cheias, não existindo conductor para a ventilação.

Como nadador e mergulhador de grande força, o musaranho almiscarado passa a maior parte da vida dentro d'agua, e só quando as inundações o obrigam a

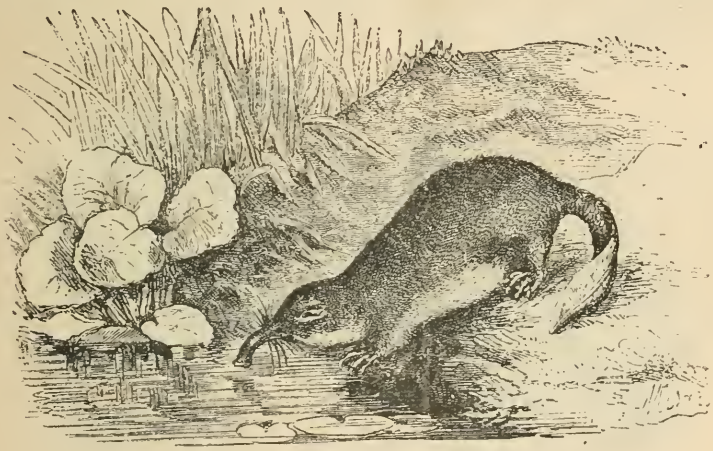
abandonar a sua morada subterranea, é que se alarga pela terra dentro, sem comtudo se afastar muito do seu meio predilecto. Na agua passa os dias e as noites, de verão e de inverno, até mesmo quando ella se cobre com uma camada de gelo, não deixando de perseguir a presa, e só se retira para a toca fatigado e farto.

Alimenta-se de sanguesugas e outros vermes, molluscos aquaticos e larvas de insectos. Os pescadores dizem que come as raizes e as folhas do lyrio dos charcos, o que é um erro, que tem por causa principal ser por entre estas plantas que o musaranho almiscarado caça.

Não obstante a sua apparencia, que o faz suppor pesado e inepto, é bastante agil; anda debaixo d'agua por entre os juncos, volta-se rapidamente, busca os vermes com a tromba, e de tempos a tempos vem ao lume d'agua respirar. Quando o tempo está bom, brinca á superficie d'agua ou vae para terra tomar o sol.

Vira a tromba em todas as direcções, e com ella apalpa os objectos, quando a mette na bocca, o que executa muitas vezes, grita como os patos; se o excitarem, assobia e procura defender-se mordendo. Apanha habilmente os animaes pequenos com a tromba, e com o auxilio d'ella leva-os á bocca; este habito seria sufficiente para justificar o nome de musaranho elephante, que poderia ser-lhe applicado.

Em sitio onde não existe agua, o musaranho almiscarado manifesta o seu mau estar pela inquietação, e procura escapar-se; mas vendo-se dentro do seu elemento predilecto dá signaes evidentes do prazer que sente.



Gr. n.° 121 — O musaranho almiscarado da Russia

Nada se sabe com relação á propagação d'este animal; parece comtudo que a femea tem filhos mais d'uma vez cada anno, e muitos de cada barriga, pois que tem oito mamas» (Brehm).

Este animal não resiste á perda da liberdade, por maior que seja o cuidado com que o tratem; mas quando assim não fôra, apezar de ser bastante interessante e agradavel, pela graça e vivacidade dos seus movimentos, tornar-se-hia impossivel conserval-o dentro de casa pelo cheiro insupportavel d'almiscar que de si exhala. Os peixes do rio, que o devoram, tomam tal cheiro a almiscar que se não podem comer.

A pelle é procurada e d'ella se fazem bonnés e outros artigos.

O MUSARANHO ALMISCARADO DOS PYRENÉOS

Desman des Pyrénées, dos francezes.

Esta especie foi descoberta não ha mais de trinta annos.

O musaranho almiscarado dos Pyreneos é um animal de $0^{m},27$ de comprimento, metade dos quaes pertence á cauda, com o pello trigueiro acastanhado no dorso, pardo trigueiro nas ilhargas, e prateado no ventre; tem sobre o beiço superior bigodes em forma de pente, e os lados da tromba cobertos de pellos brancos; a cauda é trigueira escura com pellos brancos.

Este animal, como os individuos da especie antecedente, alimenta-se d'insectos, e exhala da mesma fórma cheiro bastante forte a almiscar.

Diz Brehm que por muito tempo se suppoz que só existia nos Pyrenéos, porém que ultimamente foi encontrado na Serra de Gredo, sendo provavel que habite em todo o norte da Hespanha. No dizer d'este naturalista os hespanhoes chamam-lhe *almizilero*.

OS MACROSCELIDOS

Les macroscélides, dos francezes

Estes animaes derivam o nome de duas palavras gregas, que significam *pernas grandes*; são animaes essencialmente saltadores. Os membros anteriores são muito mais curtos do que os posteriores, os olhos vêem-se mais do que os da toupeira e dos musaranhos, as orelhas são desenvolvidas, e o focinho prolonga-se em forma de tromba. O corpo é grosso e curto, a cauda comprida e escassa de pellos. Ha seis especies, cinco que vivem perto do Cabo da Boa Esperança, e uma na Africa Septentrional, nos arredores de Bone e d'Oran, que é a seguinte:

O MACROSCELIDO DE ROZET

Macroscélide de Rozet, dos francezes

Os animaes d'esta especie teem o pello côr de rato, um pouco amarellado ou trigueiro, bigode comprido composto de pellos que variam de côr, amarellos, pardos ou negros, orelhas escassas de pello, cauda parecendo formada de pequenos anneis escamosos, sobrepostos, e mal coberta de pellos tesos. Tem de comprimento do focinho á raiz da cauda 0,m16, e de cauda 0,m12. Esta especie, como já dissemos, vive na Barbaria, e nos arredores de Bone e Oran, e dizem que perto de Argel, habitando principalmente nas fendas das grandes rochas soltas, que existem n'uma montanha situada á borda do mar proximo de Oran.

Gr. n.º 122 — O macroscelido

Alimenta-se de larvas de insectos, de gafanhotos e de molluscos terrestres, e como não pode quebrar a concha dos caracoes grandes, introduz-lhe a tromba e apanha o animal antes que elle tenha tempo de se refugiar no interior.

Não abre covas fundas, e para depositar os filhos quando nascem prepara-lhes a cama entre os ramos da palmeira anã. Anda com as quatro pernas; mas sempre que trata de apanhar a presa serve-se tamsómente das trazeiras, que pelo seu grande comprimento lhe facilitam dar grandes saltos. É muito docil, e pode-se conservar preso, sustentando-o de sementes diversas, comquanto prefira a todo e qualquer alimento os insectos, a que se atira com avidez quando lh'os mostram.

FAMILIA DOS OURIÇOS CACHEIROS

Les herissons, dos francezes.

Esta familia é bem caracterisada pelos pellos substituidos por espinhos, e comprehende os maiores insectivoros. Os animaes que n'ella se incluem teem o corpo baixo e grosso, coberto d'espinhos, tesos ou flexiveis, direitos ou curvos, membros curtos, cauda muito curta ou nul-

la, orelhas grandes, e focinho em fórma de tromba.

Faremos a descripção das tres seguinses especies.

O OURIÇO CACHEIRO ORDINARIO

Erinaceus, de Linneo. — *L'herisson d'Europe*, dos francezes.

Este animal tem o corpo grosso e curto, focinho alongado em forma de tromba, bocca e orelhas grandes, olhos negros e pequenos, membros muito curtos, cinco dedos nas mãos e nos pés, armados d'unhas fracas, cauda muito curta. As partes superiores do corpo são cobertas de espinhos tesos, muito agudos na extremidade, com 0m,03 de comprimento, collocados aos grupos, divergentes, cruzando-se em todas as direcções, com a ponta esbranquiçada, bem como as duas terças partes começando na raiz, e um annel trigueiro no principio da terceira parte; o focinho, cabeça, faces, pescoço

Gr. n.° 123 — O ouriço cacheiro ordinario

e pernas cobertos de pello aspero, branco amarellado sujo, os pés e a cauda revestidos de pellos curtos e asperos.

O ouriço cacheiro ordinario mede 0m,20 de comprimento, e a cauda 0m,03.

É commum na Europa, á excepção das regiões muito frias, e encontra-se tambem n'uma parte da Asia.

Vamos transcrever de A. Brehm a descripção que este escriptor faz do ouriço cacheiro ordinario, aproveitando d'ella tamsómente o que julgamos mais importante para ser conhecido dos nossos leitores, tendo sempre em vista a exiguidade do espaço.

«O ouriço ordinario vive indifferentemente na planicie ou na montanha, e frequenta as florestas, os prados, os campos e as quintas, refugiando-se e estabelecendo a sua habitação entre o matto mais espesso, nos troncos das arvores ôcos na base, nas sebes, nas pilhas de madeira, nas estrumeiras, nos montes de folhas seccas, nos buracos dos muros, n'uma palavra, em toda a parte encontra um abrigo.

O ouriço é um ser exquisito, mas um bom animal, timido, que vive do producto do seu trabalho. Não é sociavel, encontra-se sempre só, ou quando muito na companhia da femea. Faz a cama, o mais commodamente possivel, formada de folhas, palha ou feno, n'alguma cavidade ou debaixo de ramos grossos. Se não en-

contra abrigo, arranja um, e guarnece-o da mesma fórma.

A toca que construe fica aproximadamente a 0m,30 abaixo da terra, com duas aberturas viradas uma ao meio dia, outra ao norte, e á maneira do esquilo tapa aquella que ficar do lado d'onde sopra o vento. Se estabelece a sua morada entre a herva alta, então é raro que cave a toca; contenta-se com formar um grande ninho. A habitação da femea nunca fica longe da do macho.

Algumas vezes o macho passa a estação calmosa na habitação da femea, e então brincam, provocam-se, correm um atraz do outro, e afagam-se.

Nos sitios tranquillos saem de dia, no caso contrario só vagueiam de noite. Um rumorejar de folhas seccas denuncia a marcha do ouriço, que caminha em linha recta, com difficuldade e vagarosamente, não obstante os seus passos precipitados. O nariz vae sempre inclinado para o solo, como os cães, e fareja todos os objectos que encontra no caminho.

Durante as suas excursões, corre-lhe do nariz um liquido particular, suppondo alguem que é pelo cheiro que d'elle se exhala que o animal se guia na volta para a toca. Pela minha parte não acredito tal asseveração, pois que pude conhecer sufficientemente quanto estes animaes possuem o conhecimento dos logares.

O ouriço tão depressa ouve algum ruido suspeito, pára, escuta, cheira, e dá a conhecer que é principalmente o olfato o sentido mais desenvolvido, superior á vista. Acontece que um ouriço caminhando vae ao encontro do homem, a certa distancia, porém, pára subitamente, fareja e foge, a não ser que se ennovele.

Depois de enrolado, o ouriço tem um aspeto singular, e não parece o mesmo animal; apresenta um corpo oval regularmente arredondado, com um sulco profundo no logar do ventre, no fundo do qual está o focinho, as pernas e a cauda, e o animal respira facilmente porque o ar passa atravez dos espinhos emmaranhados. Quando o animal está tranquillo a pelle parece lisa, os espinhos encobrem-se, sobrepostos uns aos outros; mas quando se ennovela, levantam-se, e o animal fórma uma bola eriçada de espinhos. Com alguma pratica é facil levantar do chão um ouriço ennovelado, pondo-o na posição que elle teria se andasse, e deitando-lhe os espinhos para traz; assim pode-se segural-o com a mão sem a ferir nos espinhos.

Ha muitos meios para obrigar o ouriço a desennovelar-se: deitando-lhe agua sobre o corpo, particularidade que o raposo não ignora, e que muitos cães conhecem, ou fazendo-lhe penetrar atravez dos espinhos o fumo do tabaco. Parece que o cheiro do tabaco lhe offende o olfato, e o embriaga, porque o animal levanta-se, ergue o focinho, e caminha cambaleando até que o ar fresco o restabelece.

Ennovelar-se, é para o ouriço o unico meio de defesa que pode oppôr a todos os perigos a que anda exposto. Se dá um passo em falso, cae do alto d'um muro, ou descamba por uma encosta pedregosa, ennovela se subitamente e passa sem se ferir; dá quedas da altura de 6 metros sem que lhe resulte damno.

O ouriço dorme de dia, e á hora do crepusculo vae em busca da presa, provando ser habil caçador. Comquanto os insectos sejam a parte principal do seu alimento, o que o torna bastante util, o seu regimen não é exclusivamente animal, e os mamiferos e passaros pequenos não estão a salvo dos seus ataques. Come gafanhotos, grillos, escaravelhos, bósteiros, larvas de todo o genero de insectos, vermes, lesmas, ratos e passaros pequenos.

Custa a acreditar que o ouriço, animal pesado e vagaroso, possa apanhar os ratos, ageis e rapidos; vale-lhe porém ser habil caçador. Pude observar este animal e fiquei admirado da sua destreza. Na primavera, vagueando por entre as hervas, pára em frente do buraco do rato campestre, fareja para todos os lados, voltando-se em todas as direcções, até poder averiguar onde fica a morada do roedor, e tão depressa a conhece cava rapidamente a galeria que lá vae dar, e apanha-o sem demora; um grito da victima e um murmurio de contentamento do ouriço, indicam que este alcançou a presa.

São sobretudo dignas de admirar-se as lutas que o ouriço sustenta com as cobras, dando provas d'uma coragem que não é de presumir n'este animal.

N'uma carta dirigida ao redactor do *Salut Public* de Lyão, o sr. Cherblanc, *maire* de Lentilly, advogando a favor do ouriço, e querendo mostrar as vantagens da sua existencia, diz que este animal é

o maior destruidor de todas as especies de reptís, incluindo as viboras.

«A natureza, diz elle, perfeita em tudo quanto fez, armou-o de ponto em branco para que pudesse atacar reptis tão temiveis. O ouriço, similhante ao porco, no olfato, que vae a 0m,30 de profundidade buscar as tubaras que vegetam sob a terra, presente os reptis que se escondem no interior do solo, e com auxilio do focinho e das patas vae buscal-os a 0m,30 e 0m,40 de profundidade para os devorar.

Se alguem pozer em duvida o que affirmo com relação á destruição das viboras, accrescenta o sr. Cherblanc, experimente fechando em qualquer sitio um ouriço e uma vibora, e verá que a luta não se faz esperar, sendo victima a vibora. O ouriço cobre-se com o seu capacete de espinhos, arremessa-se sobre o reptil, e com os agudos dentes parte-lhe a columna vertebral e destronca-lhe a cabeça.»

A experiencia que o sr. Cherblanc indica foi feita de ha muito pelo professor Lenz, diz Brehm, que sobre este ponto pôde colher observações interessantes, de parte das quaes vamos dar conhecimento aos nossos leitores, não as transcrevendo na integra por extensas.

«Em 24 de agosto, diz Lenz, fechei uma femea n'uma grande gaiola, e o animal dois dias depois teve seis filhos, já cobertos de espinhos, aos quaes prodigalisou todos os cuidados. Dei-lhe diversos alimentos, observei que só comia de boa vontade insectos, vermes, rãs, anguinhas, cobras e até sapos. Os ratos eram o seu manjar predilecto, e só comia fructos á falta de alimentação animal. Tendo-o forçado durante dois dias a comer exclusivamente substancias vegetaes, comeu tão pouco, que dois dos pequenos morreram de fome, porque o leite da mãe começava a enfraquecer.

Punha em acção notavel coragem na luta contra animaes perigosos. Um dia que colloquei dentro da gaiola oito ratos cricetos, animaes maus e pouco sofredores, tão depressa os sentiu que eriçou os espinhos, e com o nariz no chão, lançou-se a um d'elles. Ouvia-se-lhe um murmurio particular, como se estivesse tocando a avançar, os espinhos da cabeça, deitados para a frente, serviam-lhe de capacete. O criceto enfurecido em vão procurava mordel-o; só conseguia pôr a bocca em sangue, recebendo ao mesmo tempo tantas picadas pelas ilhargas, e mordeduras nas pernas, que succumbiria de certo se eu lhe não acudisse, tirando-o para fóra da gaiola. O ouriço então voltou-se para os inimigos que restavam e a todos se arremessou com egual ardor, obrigando-me a tiral-os de junto d'elle.

Vejamos agora a luta com as viboras, e, admirando o seu valor, precisamos confessar que não teriamos coragem para tanto.

No dia 30 de agosto, ás dez horas e meia, na occasião em que o animal aleitava os filhos, deitei-lhe na gaiola uma grande vibora, muito venenosa, que dois dias antes matara um rato. O ouriço conheceu-a immediatamente pelo olfato, porque é por este sentido e não pela vista que se guia, levantou-se, e acercou-se d'ella sem medo. Cheirou-a desde a cauda até á cabeça, e principalmente a bocca. A vibora assobiou e mordeu-o repetidas vezes no focinho e nos beiços.

Como se quizera zombar de tão fraco inimigo, contentou-se com lamber as feridas; depois, continuando no seu exame, foi novamente mordido, mas d'esta vez na lingua; nem por isso deixou de proseguir no seu intento, continuando a cheirar a vibora, e a lambel-a, sem comtudo tentar mordel-a.

Finalmente agarrou-a pela cabeça, triturou-a, esmagou-lhe os dentes e as glandulas venenosas, e devorou-lhe metade do corpo, indo em seguida deitar-se junto dos filhos para lhes dar de mamar. Á noite comeu outra vibora, e o que havia sobejado da primeira. No dia seguinte comeu duas viboras recem-nascidas, continuando a saude a ser excellente, bem como a dos pequenos, e as feridas que a vibora lhe fizera nem ao menos estavam inchadas.

Estes combates repetiram-se muitas vezes, e sempre o ouriço triturava a cabeça da vibora, não procedendo da mesma fórma quando se tratava de cobras que não eram venenosas.»

É muito notavel esta observação, diz Brehm. Pelas leis physiologicas não se comprehende que um animal de sangue quente possa soffrer sem inconveniente mordeduras que n'outro animal produziriam a decomposição do sangue e em seguida a morte. Entretanto a mordedura da vibora é sufficiente para matar mamiferos com trinta vezes o peso d'um ouriço.

Este animal, porém, parece offerecer

aos venenos uma resistencia singular, porque não só come cobras cujo veneno só opera quando é immediatamente introduzido no sangue, mas engole outros animaes, que se tornam venenosos no estomago, as cantharidas, por exemplo, cujo unico contacto é sufficiente para irritar e inflammar a pelle, e que ingeridas no estomago matam outros animaes. Uma pequena porção de pó de cantharidas, dada a um cão ou a um gato, causa-lhe dôres atrozes.

Diz-se que o ouriço supportaria dozes enormes de opio, arsenico, sublimado corrosivo e até mesmo de acido prussico. É Oken que o diz, prestando fé ao caso, que eu cito com reserva.

No dizer de Tschudi, o licor acre que se derrama da pelle do sapo parece não lhe ser agradavel, porque todas as vezes que devora algum, limpa o focinho depois de cada dentada.

Do que fica dito póde-se afoitamente concluir que o ouriço é um dos animaes mais uteis. Os estragos que porventura possa fazer não serão sufficientemente compensados? E resta ainda saber se na verdade alguns lhe podem ser imputados.

Dizem que gosta apaixonadamente dos ovos das gallinhas, e que sabe procural-os e beber-lhes o conteudo sem perder uma gota. Ha quem affirme tel-o visto descançar prudentemente o ovo no chão, segural-o entre as mãos, abrir um orificio na casca e sorvel-o. Tem-se dito que saqueia os gallinheiros, e um creador affirma ter apanhado um ouriço que lhe estrangulára quinze gallinhas n'uma noite, devorando uma. Entretanto todas estas asseverações caem diante de um exame minucioso.

Quando um proprietario, ao observar tão grande destroço, prepara as armadilhas em volta do gallinheiro, e no dia seguinte de manhã encontra tres ouriços, accusa-os injustamente d'estes crimes, que a marta, mais astuta, provavelmente commetteu, e os pobres ouriços, sem duvida, cairam nos laços quando andavam em busca dos ratos. O mesmo se dá com a morte dos coelhos e d'outros animaes, que lhe é attribuida. Nós declaramos o ouriço innocente de crimes similhantes, e não podemos permittir que se deixem no escuro os serviços que elle presta.

A época do cio para este animal é desde o fim de março até principio de junho, mostrando-se bastante excitado durante este tempo. Sete semanas depois da reunião de dois animaes de sexo diverso, a femea tem tres a sete pequenos, que deposita n'uma cama bem macia, debaixo d'uma sebe, sobre um monte de folhas ou de musgo, ou n'uma terra de trigo. Os recem-nascidos teem cêrca de $0^{m},07$, de comprimento, são brancos e sem pello, porque os espinhos só lhes apparecem alguns dias depois. Entretanto Lenz, como já vimos, observou nos pequenos ouriços, nascidos em sua casa, que os espinhos já existiam no momento de nascerem.

Os ouriços novos teem bigodes em volta da bocca, os olhos e as orelhas fechados, e nas primeiras vinte e quatro horas os espinhos crescem aproximadamente $0^{m},01$; no fim d'um mez já teem a mesma côr dos adultos, e comquanto ainda mamem, já comem. Só muito tarde, porém, é que os ouriços novos gozam da faculdade de se ennovelarem, e de cobrirem o focinho com a pelle da cabeça. A mãe logo nos primeiros tempos lhes traz vermes, lesmas, fructos que caem das arvores, e á noite leva-os comsigo nas suas excursões. Em liberdade é mais terna com os filhos do que captiva, porque n'este estado não tem duvida em devoral-os, apezar de lhe não faltar alimento abundante e do seu agrado.

Ao chegar o outono, os ouriços novos já podem procurar o alimento de que carecem; e antes que o frio se faça sentir, cada qual tem obtido a sua provisão de gordura, necessaria para o inverno, e trata de preparar a morada para passar a estação fria; a morada consiste n'um monte de palha, feno, folhas ou musgo, e no centro da qual arranja a cama cuidadosamente. Dizem que o ouriço conduz estes materiaes ás costas, que rolando-se sobre as folhas seccas as prende nos espinhos, e assim as transporta para fazer a sua habitação, e da mesma fórma procede com os fructos de que faz provisão.

Este facto, posto em duvida por muitas vezes, foi observado por Lenz, e não é permittido suspeitar da veracidade de um facto affirmado por tal observador.[1]

Tão depressa caem os primeiros frios o ouriço introduz-se na morada que preparou, e ahi passa todo o inverno adorme-

[1] Alguns naturalistas negam terminantemente este facto, e consideram-n'o como um conto a que se não deve prestar fé.

cido; é um dos animaes cujo somno hibernal é mais profundo.

Custa a despertal-o, e ainda depois de o conseguir, recae novamente em lethargia. Pode-se cortar a cabeça a um ouriço assim adormecido sem que o animal manifeste a mais leve impressão, e tem-se observado que o coração continua a pulsar por muito tempo. Este somno dura até março.

O ouriço domestica-se facilmente; basta para isso tel-o em logar conveniente. Tratando-o bem e procedendo intelligentemente, dando-se-lhe um retiro bem escuso, supporta bem o captiveiro, e habitua-se ao homem, deixando de temel-o. Acceita o alimento que lhe dão, e procura-o elle proprio em casa, nos pateos e nos celleiros. É um excellente caçador de ratos.

Conta Figuier que nas margens do Don e do Volga o ouriço tem nas habitações o logar que nas nossas occupa o gato.

Wood diz:—«Em nossa casa havia um ouriço que levava verdadeira vida nomada; vinham continuadamente pedil-o emprestado para ir nas quintas vizinhas destruir os grillos; andando sempre pelas casas d'um e d'outro. Era muito manso, e até mesmo de dia vinha comer a sua sopa de leite. Passeava muitas vezes no jardim, introduzindo o nariz em todos os buracos, esquadrinhando todos os cantos, voltando até as folhas que encontrava no caminho. Se ouvia passos a que não estava habituado, ennovelava-se immediatamente, e assim aguardava immovel que o perigo passasse; não tinha receio das pessoas de casa, e comia á nossa vista.»

Não é o homem o unico inimigo do ouriço, que persegue por ignorancia e maldade, os cães odeiam-n'o, e se o descobrem atacam-n'o raivosos. O ouriço, porém, deixa-se ficar immovel, ao abrigo de sua couraça, e o cão só consegue pôr o focinho em sangue. Pode-se dizer que a colera do cão é antes o despeito de não levar a melhor com o ouriço, ferindo-se a si proprio.

O raposo persegue o ouriço tenazmente, e parece que consegue obrigal-o a desenrolar-se. Leva-o adiante de si, empurrando-o com as patas, até perto d'um regato, deita-o n'agua, ou então voltando-o com o ventre para cima, rega-o com a urina que é muito fetida, obrigando o infeliz animal a descobrir-se, sendo agarrado subitamente pelo focinho e logo morto. É assim que morre grande numero d'estes animaes, principalmente emquanto novos. Superior, porém, a todos os seus inimigos, está o frio; os novos, inexperientes, sentindo-se com fome, vão pela noite, já no fim do outono, em busca de alimento, e a geada gela-os e morrem. Outros morrem porque as moradas em que se abrigam estão expostas ao vento e á chuva.

Em certos pontos da Europa come-se a carne do ouriço; em Hespanha, segundo diz Chenu, não só é apreciada, como considerada da que pode ser comida na quaresma, sem offensa dos preceitos da egreja.»

Referindo-se aos ciganos que vagueiam pelos campos, e que se alimentam d'estes animaes, Brehm descreve pela seguinte fórma o modo porque elles preparam o ouriço para ser comido.

«A confeição do guisado é simples e ao mesmo tempo engenhosa. Cobrem o animal com uma camada de barro fino, muito bem amassado, e assim preparado poem-n'o ao lume, tendo cuidado de viral-o; e tão depressa o barro está secco e bem duro, é signal que o assado está prompto. Tiram-n'o então do lume, deixam-n'o esfriar, quebram em seguida o envolucro, e presos a elle veem os espinhos.

Este modo de preparar o ouriço tem a vantagem de conservar á carne todos os succos, e de fornecer a esta gente um manjar que deve ser muito do seu agrado, mas que provavelmente não seria acceite por pessoas de paladar mais apurado.»

N'outro tempo, a pelle d'este animal servia para cardar a lã.

O OURIÇO CACHEIRO ORELHUDO

L'herisson oreillard, dos francezes

Este animal distingue-se dos individuos da especie precedente, não só pela grandeza das orelhas, mas tambem pelos olhos maiores, pernas mais compridas, cauda mais curta e espinhos menos agudos. Os pellos da cabeça são brancos sujos, os espinhos brancos na raiz, pardos no centro e amarellados na ponta.

É pouco mais pequeno que o ouriço cacheiro ordinario.

O ouriço orelhudo vive na Russia, na Siberia, na Tartaria e no Egypto.

Pelo pouco que se sabe dos seus habitos, vê-se que são similhantes aos do ou-

riço da Europa, não se conhecendo ponto algum em que diffiram.

O OURIÇO CACHEIRO SEM CAUDA

Erinaceus ecaudatus, de Linneo. — *Le tanrec soyeux*, dos francezes

Esta especie faz parte d'um genero, a que os francezes chamam *tanrecs*, e que vulgarmente conhecem por *ouriços sedosos*, e é a mais conhecida do genero.

O ouriço cacheiro sem cauda, no dizer de Brehm, assimilha-se mais ao porco do que ao ouriço, e é mais alto de pernas e mais delgado do que este. A estructura do corpo do animal é das mais notaveis.

Tem o corpo delgado com a cabeça muito larga na parte detraz, afunilada para a frente, e egual em comprimento a metade do tronco; orelhas curtas, arredondadas, lançadas para traz; olhos pequenos, maiores do que os dos ouriços propriamente ditos; pernas regulares, as trazeiras mais altas, cinco dedos em cada pata, o do meio maior que os outros, com unhas fortes.

O corpo é coberto de espinhos, de sedas e de pellos, parecendo que os primeiros são resultado da transformação dos ultimos, amarellos claros na extremidade e na base, trigueiros escuros no centro, principalmente os do dorso. As faces são trigueiras, as pernas, as orelhas,

Gr. n.° 124 — O ouriço cacheiro orelhudo

e os bigodes trigueiros escuros. Mede de comprimento $0^{m},28$.

O ouriço cacheiro sem cauda encontra-se em Madagascar.

«Vive nas proximidades dos rios e do mar. É um animal timido, desconfiado, que se esconde durante o dia, saindo só de noite, e sem se afastar para longe da habitação. Só se observam na primavera ou no estio, depois das primeiras chuvas até ao principio da estiagem. Durante esta, que corresponde ao inverno, conserva-se retirado no fundo da toca que elle proprio construe, e ahi dorme desde junho até novembro.

Os indigenas acreditam que os estalidos do raio annunciando as primeiras chuvas, despertam o ouriço sem cauda do seu somno lethargico.

A primavera é para este animal a melhor epoca do anno; é então que elle obtem a gordura que o ha de alimentar durante o inverno. Tão depressa as primeiras aguas veem dar nova vida á terra, o ouriço sem cauda apparece, vagarosamente, com a cabeça baixa, farejando para todos os lados, em busca do alimento, que consiste principalmente em insectos, vermes, lesmas, lagartos, que encontra em maior numero nos sitios humidos. Parece gostar muito d'agua, penetra nos pantanos, e chafurda na lama como os porcos.

A falta d'agilidade e de rapidez na marcha fazem-n'o cair facilmente em poder dos inimigos, em presença dos quaes se encontra desarmado. Por unica defesa, possue o cheiro de almiscar bastante desagradavel, que se exhala continuadamente do animal, com maior força quando

se assusta. O mamifero menos agil derriba-o, e com a maior facilidade é apanhado pelo homem.

As aves de rapina são-lhe da mesma sorte inimigos bastante terriveis, e se não fôra a grande fecundidade das femeas, por certo que a especie estaria hoje extincta.

A femea tem, de cada vez, entre quinze e dezoito filhos, que alguns mezes depois de nascidos teem $0^{m},30$ de comprimento, e em pouco tempo estão aptos para procurar o sustento.

O ouriço cacheiro sem cauda domestica-se facilmente, mas vive pouco tempo captivo, ainda mesmo na sua patria. Por muitas vezes se tem tentado trazel-o para a Europa, dando-lhe á falta de outros alimentos arroz cozido; emmagrece porém, e morre em breve de inanição. Só os negros lhe comem a carne, que acham deliciosa.» (Brehm).

Gr. n.° 125 — O ouriço cacheiro sem cauda

MAMIFEROS

ORDEM DOS ROEDORES

Sob a denominação de roedores estão comprehendidos todos os animaes que, não obstante as importantes differenças existentes em muitos dos seus caracteres, se reunem naturalmente na mesma ordem, em vista da fórma da sua dentadura, que os caracterisa distinctamente.

Os individuos da ordem dos roedores só teem duas especies de dentes — incisivos e molares; os primeiros em numero de dois em cada maxilla, separados dos segundos por um espaço livre, e collocados de fórma que funccionam em guisa de tesoura, assim apropriados para cortar as raizes e os troncos dos vegetaes. São grandes, arqueados e fortes, esmaltados unicamente pela parte de fóra, gastando-se, portanto, mais pelo lado de dentro, com o continuado roçar d'uns nos outros, e por esta circumstancia chanfrando-se naturalmente e conservando constantemente as extremidades muito afiadas, afim de roer as substancias mais rijas.

Com relação aos dentes incisivos dos roedores, nota-se um verdadeiro phenomeno; não obstante gastarem-se pelo uso quotidiano que o animal lhes dá, conservam sempre o mesmo tamanho, devido isto á circumstancia de crescerem pela base á medida que se gastam pela ponta. Este crescimento prova-se facilmente, tirando um dos incisivos a um roedor, ou desviando-lh'o de fórma que fique livre do attrito do incisivo opposto; em qualquer d'estes casos o dente crescerá indefinidamente, saindo-lhe da bocca, retorcendo-se, e chegando a impedir o animal de comer.

Os roedores sustentam-se de sementes, raizes, fructos, folhas e hervas; ha porém alguns que são omnivoros, isto é, que comem tudo; os ratos, por exemplo, que devoram até mesmo a carne em putrefacção.

Como já dissemos, são tão diversamente organisados os individuos da ordem dos roedores, que não é facil, como acontece nas outras ordens, repartil-os em grandes divisões, a que correspondam caracteres facilmente apreciaveis; para os dividir em familias teriamos de usar de um luxo de nomenclatura, que na maior parte seriamos obrigados a aportuguezar, talvez com grande enfado dos leitores, e por isso limitar-nos-hemos a apresentar as especies, umas seguindo ás outras, reunidas em grupos, e para isto teremos em vista as suas maiores affinidades, segundo a opinião dos competentes.

PRIMEIRO GRUPO

OS ESQUILOS

Sciurus, de Linneo — *Les ecureuils*, dos francezes

Estes animaes, os mais graciosos e vivos de todos os roedores, e d'elles os mais intelligentes, formam uma familia que se

divide em numero consideravel de especies.

Falaremos tamsómente do *esquilo ordinario* como typo de toda a familia, dos *esquilos voadores — petaurista,* e *polatucha*, e do *esquilo terrestre.*

O ESQUILO ORDINARIO

Sciurus vulgaris, de Linneo—*L'écureil commun,* dos francezes

O esquilo é um dos mais lindos animaes, pela elegancia das fórmas, facilidade dos movimentos, vivacidade da physionomia, e pelos lindos olhos vivos e salientes, accrescendo a estes caracteres ser um dos raros individuos da ordem dos roedores amigo do homem. Tem merecido o favor dos poetas, antigos e modernos, e alguns o cantaram nos seus versos.

«É facil distinguil-os pela cauda, diz Figuier, grande e levantada sobre a cabeça em fórma de pennacho, guarnecida de pellos dispostos como a rama d'uma penna, orelhas terminando a maior parte das vezes n'um pincel de pellos, pello macio, abundante, asseiado e muito luzidio. As unhas são agudas, e o esquilo trepa com extraordinaria velocidade ao cimo das arvores mais altas.

A floresta é a sua residencia. Dotado de extrema mobilidade habitual, e d'uma petulancia de pasmar, nunca está bem onde está, vê-se sem cessar passando de ramo para ramo ou de arvore para arvore. Outras vezes arremessa-se d'uma altura que amedrontaria muitos animaes, e quando parece que vae esmigalhar-se contra o solo, cae sem se molestar, tamanha é a flexibilidade e elasticidade dos membros, seguindo-se uma serie de cabriolas em todas as direcções. A cauda é um grande auxilio n'estes saltos perigosos, e para transpôr a distancia de doze e quinze passos, que muitas vezes separa duas arvores vizinhas, estende-a horisontalmente durante o salto, e assim ella apresenta uma face larga, que concorre, com os membros tambem estendidos, para augmentar a resistencia do ar.»

O esquilo ordinario tem de comprimento 0,^{m}25, 0,^{m}10 de altura, e a cauda mede 0,^{m}22.

Na côr da pelle influe não só o clima, mas tambem a estação. No verão as partes superiores do corpo são trigueiras arruivadas, com mistura de cinzento na cabeça, e a garganta, o peito e o ventre brancos.

No inverno, nos climas temperados, as costas são trigueiras arruivadas com pellos cinzentos, e o ventre branco; no norte da Europa e na Siberia o pello d'inverno é cinzento, sem nenhum reflexo arruivado, e a pelle muito estimada e cara, de que se fazem regalos e outros artigos que usam as senhoras no inverno, e é então conhecida pelos commerciantes do genero pelo nome de *petit-gris.*

Encontram-se tambem esquilos pretos; os brancos, ou malhados de branco com a cauda branca, são raros.

O esquilo ordinario encontra-se em toda a Europa, desde a Laponia até á Hespanha e Grecia, em toda a parte onde ha florestas, embora não seja frequente em todos os paizes; existe tambem n'uma parte da Asia, principalmente na Siberia.

A seguinte descripção é resumida da que A. Brehm dá d'este animal:

«Sem realmente emigrar, o esquilo ordinario emprehende todavia grandes viagens. Prefere as grandes florestas, sombrias, seccas, formadas de arvores bem viçosas, fugindo aos sitios humidos, e onde penetre francamente a claridade do sol. Quando os fructos estão maduros, introduz-se nas fazendas que ficam contiguas á floresta, ou separadas por vallados. É principalmente nos pinhaes, onde encontra alimento abundante, que este animal fixa a sua residencia.

De ordinario tem muitas habitações, e se se aloja temporariamente nos ninhos abandonados dos corvos, dos gaviões, ou d'outra qualquer ave de rapina, entretanto a habitação em que passa a noite, onde se abriga do mau tempo, e onde a femea deposita os filhos, essa construe-a ella toda, embora vá buscar aos ninhos dos passaros a maior parte dos materiaes que emprega na construcção.

Tem-se affirmado que um esquilo tem pelo menos quatro abrigos; comtudo o numero não está determinado, e creio que varia consideravelmente. Ás vezes o esquilo refugia-se nas cavidades dos troncos das arvores.

O ninho do esquilo ordinario é construido intelligentemente e com bastante arte. O fundo é egual ao dos ninhos dos passaros, e coberto com uma cupula levemente conica, formada de hastilhaços de madeira, com a grossura necessaria para impedir a entrada á agua da chu-

va; o ninho do esquilo, no todo, tem grande analogia com o da péga.

A entrada principal fica na parte inferior, do lado do nascente, e na extremidade opposta, por consequencia na espessura da cupula, existe uma abertura destinada a dar fuga ao animal no caso de ser surprehendido. O interior do ninho, bem cheio de musgo, é muito fôfo, e pelo exterior protegido por alguns ramos solidamente entrelaçados. Quando o esquilo encontra um ninho de péga abandonado, como parte do trabalho está feito, toma posse d'elle, e n'este caso só tem que adaptal-o ás suas necessidades.

O esquilo é sem contradicção um dos ornamentos das florestas. Nos dias bons anda em continuado movimento correndo sobre as arvores; desce e sobe trepando, em busca de alimento, e muitas vezes por mero passatempo. É, para assim dizer, o mono das nossas florestas, e em muitas circumstancias recorda-nos este caprichoso animal dos paizes tropicaes. A sua vivacidade e agilidade são extraordinarias.

Poucos mamiferos são tão espertos e activos: corre e salta d'arvore em arvore, de cimo em cimo, de ramo em ramo, e até mesmo sobre o solo, fóra dos seus habitos, corre rapidamente. Não anda a passo nem a trote, avança aos pulos; o cão alcança-o a custo, e o homem vê-se obrigado a deixal-o fugir.

É principalmente quando trepa, que o esquilo manifesta toda a sua agilidade, deslisando pelos troncos das arvores com firmeza e rapidez incriveis; as unhas, compridas e agudas, são-lhe, n'este caso, de grande auxilio. Trepa agarrando-se com as quatro patas á casca da arvore, e dando impulso ao corpo, vae prender-se mais acima; assim successivamente, seguindo-se estes saltos com tamanha rapidez, que com difficuldade se pode perceber que o animal se detem por algum tempo para de novo avançar. Parece que escorrega pela arvore acima, produzindo em quanto trepa um ruido continuo, que resulta do roçar do corpo contra o tronco, ouvindo-se a distancia.

De ordinario o esquilo trepa até ao cimo da arvore, e tão depressa alli chega corre por um ramo até á extremidade, e salta para outra arvore, transpondo distancias de quatro a cinco metros, sempre em direcção obliqua, de cima para baixo, sendo-lhe a cauda de grande utilidade. Os esquilos captivos, a que se corte a cauda, dão saltos menos extensos.

As patas, comquanto lhe não prestem o mesmo serviço que as mãos prestam aos monos, todavia são aptas para se susterem sobre os ramos mais flexiveis.

Nunca põe uma pata malposta nem cae; chegando á extremidade d'um ramo, sabe segurar-se perfeitamente, resistindo ao balanço, e correndo com agilidade, sem nunca perder da sua elegancia, dirige-se para o tronco da arvore. Não gosta da agua, comquanto saiba nadar muito bem.

Tem-se affirmado que quando as circumstancias obrigam o esquilo a atravessar a agua, aproveita-se d'um pedaço de casca de arvore, em guisa de canôa, a que a cauda serve ao mesmo tempo de mastro e velas. Não passa isto d'uma fabula ridicula, propalada por escriptores credulos em demasia, porque o esquilo, sempre que a necessidade o obriga, nada como todos os outros roedores.

Os grãos, os olhos das plantas, as sementes, os renovos são o principal alimento do esquilo. Quando apanha uma pinha, senta-se nas pernas trazeiras, leva-a á bocca com as mãos, virando-a de todos os lados, até que arranca uma a uma as escamas que cobrem os pinhões, tirando-os com o auxilio da lingua. É muito gracioso quando encontra avellãs, que são o seu manjar predilecto, em quantidade maior. Percorre os avelleiraes escolhendo os fructos mais maduros, e arrancando as avellãs tira-as da cupula, segura-as com as mãos, dá-lhe algumas dentadas na casca, esfregando-as rapidamente até dividil-as em duas metades, tirando em seguida a amendoa que tritura entre os dentes mollares. O esquilo mastiga muito bem os alimentos, e não os conserva na bocca entre os dentes e as faces como fazem muitos roedores.

Come as folhas da murta e as bagas, as sementes do bôrdo, os cogumellos, e até mesmo as tubaras, no dizer de Tschudi. Não come fructos, e só os colhe para haver as sementes ou o caroço. Se apanha uma pera ou uma maçã, deita fóra toda a pôlpa para unicamente lhe aproveitar as pevides. Gosta muito de ovos, pilha os ninhos, comendo os passaros novos, e até mesmo atacando os paes. Lenz tirou um dia a um esquilo um tordo adulto, que fugiu tão depressa se encontrou livre. As amendoas amar-

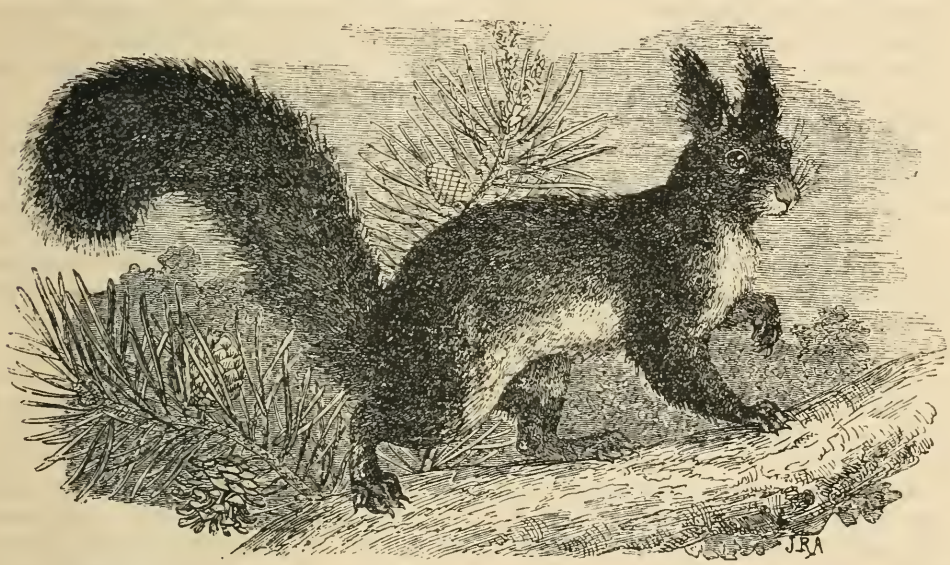
gas constituem um veneno para o esquilo, e bastam duas para matal-o.

A julgar pelo seu regimen, poder-se-hia crêr que o esquilo seja um animal nocivo, mas está longe d'isso; destroe, não ha duvida, mas os estragos que commette não são sensiveis, e só podem sel-o quando estes animaes se reunem em grandes bandos. Nos nossos paizes, os prejuizos que causa são insignificantes.

Quando abunda o alimento, o esquilo faz provisão para a epoca em que elle escasseia, e estabelece os seus depositos nas fendas ou nas cavidades das arvores e das raizes, em buracos que abre no solo, cobertos com o matto, debaixo das pedras, n'alguma das suas habitações, e vae ás vezes muito longe buscar as substancias que guardou n'alguma parte. Este instincto prova quanto este animal é sensivel ás variações da temperatura.

Durante o bom tempo, quando o sol está mais quente do que de ordinario, o esquilo dorme nas horas de maior calma, não saindo do ninho senão de manhã ou á noite. Receia o calor, mas teme muito mais a chuva, a tempestade e a neve, e presente a mudança de tempo.

Meio dia antes do mau tempo se declarar, já se mostra inquieto, saltando



Gr. n.º 126 — O esquilo ordinario

sem cessar de ramo para ramo, dando um assobio particular que só se lhe ouve quando está desassocegado, e tão depressa se manifestam os primeiros signaes da tempestade, o esquilo retira-se para a sua habitação, muitas vezes reunindo-se muitos na morada d'um. Se o vento está do lado onde fica a entrada do ninho, o animal trata de fechal-a com o maior cuidado, e então, assim abrigado, repousa tranquillamente ennovelado. Conserva-se assim socegado dias inteiros, e quando finalmente a fome o obriga a mover-se, vae a algum dos seus armazens buscar as provisões de que carece.

Quando o outono é rigoroso torna-se fatal para os esquilos, impedindo-os de se prevenirem com a comida para o inverno; e se a um mau outono se segue um inverno rijo, morrem muitos, porque a neve cobrindo os seus depositos, priva-os do alimento, encontrando-se então os esquilos mortos nos ninhos, e outros que cairam do alto das arvores, extenuados, ou que não tiveram força para escapar ás martas.

Nas florestas de carvalhos e de faias, o esquilo encontra-se em condições mais vantajosas, porque pode ainda encontrar os fructos da faia, as glandes, ou ainda mesmo procural-os debaixo da neve, e encontra assim o sufficiente para se alimentar.

Ao cair da noite, o esquilo retira-se para a sua habitação, e ahi dorme até ao nascer do dia, comquanto saiba per-

feitamente dirigir-se no meio das trevas. Lenz foi testemunha d'um facto que prova esta asseveração.—Por uma noite muito escura encaminhou-se para a floresta, acompanhado por dois trabalhadores, levando uma escada que encostaram a uma arvore, onde havia um ninho habitado por esquilos novos, passando-se isto no meio do maior silencio. Os dois trabalhadores ficaram em baixo, perto da escada, tendo um d'elles uma lanterna, e Lenz subiu. Mal tocára no ninho, já os animaes se escapavam com a rapidez do vento, trepando dois pela arvore, outro descendo, havendo ainda um quarto que d'um pulo se arremessou ao solo, voltando tudo, n'um momento, a ficar silencioso.

Quando espantam o esquilo dá um grito penetrante, que se póde imitar por *douck*, *douck*; e se está satisfeito ou encolerisado deixa ouvir um murmurio que é difficil de imitar. Excitado ou quando está alegre, dá certo assobio que lhe é particular.

De todos os roedores o esquilo é o mais intelligente, e os sentidos, todos, são desenvolvidos, principalmente a vista, o ouvido e o cheiro. O tacto em geral deve ser apurado, sem o que se não poderia explicar o presentimento que tem das mudanças de tempo. A memoria e os ardis que emprega para fugir aos inimigos, são provas da sua intelligencia. Quando busca asylo n'uma arvore tem a precaução de trepar sempre pelo lado opposto áquelle em que está o inimigo, sobe pelos ramos, deixando apenas ver a cabeça, esconde-se, agacha-se, dando n'uma palavra provas de raciocinio.

Os esquilos mais velhos dos dois sexos juntam-se pela primeira vez em março, e os novos mais cedo; e algumas vezes dez machos, e mais, rodeiam uma femea, e, em homenagem á sua dama, batem-se em combates sanguinolentos, entregando-se a femea ao vencedor e conservando-se com elle por algum tempo. Quatro semanas depois, n'uma das suas habitações, a que estiver melhor situada, tiver cama mais macia e confortavel, deposita a femea entre tres e sete filhos, que durante nove dias se conservam com os olhos fechados, e de que a mãe cuida com a maior ternura.

De preferencia a femea escolhe as cavidades dos troncos das arvores, e algumas vezes, segundo affirma Lenz, o ninho dos estorninhos, que ella apropria ás suas necessidades, guarnecendo-o de substancias que o tornam fôfo, e fazendo-lhe a entrada mais larga.

«Antes dos filhos nascerem, e durante o tempo que a mãe os aleita, diz Lenz, os paes andam brincando em roda do ninho, e quando os pequenos principiam a sair, se faz bom tempo, é um nunca acabar de brinquedos, de saltos, de provocações, de murmurios, d'assobios, durando esta festa apenas cinco dias, depois dos quaes a nova familia desapparece, emigrando para a floresta vizinha.»

A mãe, se a perturbarem em quanto amamenta os filhos, leva-os para outro ninho, muitas vezes bastante afastado do primeiro. Os pequenos são alimentados pelos paes, ainda algum tempo depois de desmamados, e mais tarde entregues aos seus proprios cuidados.

Em junho a femea tem filhos segunda vez, em menor numero do que da primeira, e quando estes já são bastante crescidos para acompanhal-a, vae reunir-se muitas vezes com os filhos da primeira barriga, e encontra-se entre um bando, composto de doze até dezeseis individuos, brincando e explorando juntos uma certa area da floresta.

Além do homem, o esquilo tem muitos outros inimigos, e entre elles a marta o mais temivel, sendo muitas vezes tambem presa das aves de rapina nocturnas. Escapa mais facilmente aos dentes do raposo, trepando a uma arvore, e ás garras do milhafre e do gavião subindo rapidamente em espiral em volta d'um ramo, ou introduzindo-se na primeira cavidade que encontra, do que á perseguição da marta, que trepa tão bem como elle, o segue passo a passo, pelo cimo das arvores e no solo, e penetra nos buracos onde elle queira refugiar-se. Por mais que o esquilo busque fugir-lhe, dando os seus angustiosos assobios, o carnivoro vae-lhe no encalço, rivalisando em agilidade com o esquilo. O unico meio que ainda lhe resta é arremessar-se do alto da arvore para o solo, subir a outra e recomeçar o mesmo manejo, emquanto a marta não deixa de o perseguir. É isto o que o esquilo faz.

Vê-se o animal, que pequena dianteira leva á marta, alcançar o cimo d'uma arvore, trepar com uma rapidez incrivel descrevendo espiraes, e no momento em que o inimigo vae para apanhal-o, lançar-se no espaço com os quatro membros estendi-

dos, transpôr a distancia que o separa do solo, descrevendo uma curva, e mal toca no chão corre em procura d'um asylo inaccessivel ao seu inimigo. Se o não encontra, a marta persegue-o até matal-o. Os esquilos novos, menos astutos e experientes, sem a agilidade dos adultos, estão mais expostos ao perigo; um homem que trepe bem, pode apanhal-os.

O esquilo, notavel pelo asseio, é um dos roedores mais agradaveis depois de preso. Sempre que está tranquillo, lambe-se e limpa-se sem cessar; em liberdade nunca se encontram os excrementos no ninho; vae pôl-os no solo junto á arvore. Pode-se ter um esquilo n'um quarto, e ha muitas pessoas que o tem.

Para o domesticar apanha-se pequeno no ninho, e a principio alimenta-se com pão e leite; havendo uma gata mansa, dá-se-lhe o pequeno esquilo para amamentar, e d'este modo cria-se excellentemente. Já n'outro logar disse como a gata se presta de boa vontade a este encargo, e repito agora que não ha espectaculo mais interessante do que ver dois animaes tão diversos em tão perfeita intimidade.

Emquanto novo, o esquilo é alegre, esperto, inoffensivo, e deixa de boa vontade acariciar-se; conhece o dono, e vem quando o chama. Mas á maneira que envelhece torna-se mau, morde, e os dentes são sufficientemente fortes para fazerem feridas dolorosas, e até perigosas. Na primavera, principalmente na epoca do cio, deve desconfiar-se d'elles.

Não se pode deixar andar o esquilo pela casa solto; cheira, arranha e roe tudo o que encontra. Por isso conserva-se n'uma gaiola forrada de folha, tendo cuidado de lhe dar a roer objectos que possam servir para gastar os dentes, porque sem esta precaução cresceriam de tal modo, que lhe atravessariam as queixadas, e o animal ficaria impedido de mastigar e até de comer. Dá-se-lhe para isto nozes, pinhas, e bocados de pau.

É principalmente na occasião em que come que o esquilo é mais engraçado. Segura o alimento com as mãos, e escolhendo sitio mais conveniente, senta-se, atira a cauda para cima da cabeça, e em quanto come não deixa de olhar para tudo que o cerca; quando acaba de comer nunca se esquece de limpar o focinho e os bigodes.»

O que acabamos de referir do esquilo ordinario, com relação aos seus usos e costumes, póde applicar-se a muitas outras especies, que differem do esquilo da Europa no tamanho e na côr da pelle. Existe uma especie nos Estados-Unidos e no Mexico, chamada *esquilo negro*, com 0,36 de comprimento, com o pello negro e luzidio, a cauda grande, coberta de pellos muito compridos.

Na India e no Malabar vivem outras especies notaveis pelo tamanho, brilho e variedade de côres; citaremos o *esquilo rei* ou *grande esquilo do Malabar*, com o dobro do tamanho do esquilo ordinario, que mede 0m,50 de comprimento, e a cauda 0,48, e que é um dos mais bellos representantes da familia. O pello, geralmente negro luzidio na parte superior do corpo, passa nas ilhargas pouco a pouco a negro-ferrugento ou negro-cereja; os pinceis que terminam as orelhas são ruivos vivos; o ventre, o lado externo das pernas e o focinho amarellos arruivados.

Este animal, muito domesticavel, já tem vindo á Europa; vive bem preso, habitua-se ao homem, e torna-se muito manso. Tem todos os costumes do esquilo ordinario.

Passamos agora a tratar de individuos, embora da mesma familia, que differem por um caracter importante, e vulgarmente conhecidos por *esquilos voadores*. Os animaes que formam os generos que se comprehendem nos *esquilos voadores, ptéromyos* (ratos com azas) e *sciuropteros* (esquilos com azas) teem, por caracter commum, uma membrana alifórme, que se estende das ilhargas entre os membros dianteiros e trazeiros, coberta de pello como o resto do corpo, e que constituindo verdadeiros para-quedas, lhes dá a faculdade de se sustentarem no ar por mais tempo que os outros animaes, e assim transpôrem grandes distancias.

Falaremos das duas especies que se seguem, indo os esquilos voadores representados na nossa gravura n.° 127, para que melhor o leitor possa apreciar a differença que separa estas especies do esquilo de que já tratámos.

O PETAURISTA, OU ESQUILO MAIOR VOADOR

Sciurus petaurista, de Linneo. — *Le taguan*, dos francezes

Este animal é o mais conhecido dos esquilos voadores, comquanto seja pouco

commum, e o maior, tendo de comprimento do focinho á raiz da cauda 0,48, e de cauda comprehendendo o comprimento dos pellos que a terminam, 0,55.

Os pellos da cabeça, do dorso, e na raiz da cauda são cinzentos misturados de preto, os das faces negros, os das orelhas trigueiros escuros, os do ventre brancos sujos, os da membrana alifórme trigueiros escuros ou acastanhados na parte inferior, e cinzentos amarellados na superior; as pernas são trigueiras castanhas, ou pretas arruivadas, e a cauda negra. Tem bigode formados de pellos trigueiros e de comprimento regular, e como todos os animaes nocturnos os olhos são cobertos por grandes pestanas, que servem para abrigal-os da luz.

O petaurista vive na India, em Malaca, Singapor, nas Philippinas, e na maior parte do archipelago indico

«Frequenta as florestas mais cerradas, vivendo só com a femea; dorme durante o dia nas cavidades das arvores, d'onde sae á noite, e então trepa pelas arvores, salta d'umas para outras, mostrando rapidez, agilidade, e firmeza que se não eguala. D'um salto passa d'uma a outra arvore, não indo parar ao mesmo nivel, é certo, porém pouco mais abaixo.

Durante estes saltos a membrana alifórme, que o animal estende alargando as pernas, faz-lhe o serviço d'um grande para-quedas, servindo-lhe a cauda de leme. Como fazem algumas especies de monos, póde mudar subitamente de direcção na occasião do salto. Dizem que os movimentos d'este animal são tão rapidos, que com difficuldade se podem observar.

Os sentidos mais perfeitos do petaurista são a vista e o ouvido.

É menos intelligente, e mais desconfiado e timido que os outros membros da familia dos esquilos, e o mais leve ruido obriga-o a fugir. Com quanto este continuado receio o ponha até certo ponto a salvo dos ataques dos carnivoros, que trepam ás arvores, entretanto é muitas vezes alcançado pelas aves de rapina nocturnas, que o agarram no momento de saltar, e contra as quaes não póde defender-se.

Preso, o petaurista é um animal aborrecido; é muito timido, dorme todo o dia, de noite agita-se arrebatadamente, roe as grades da gaiola, e vive apenas alguns dias ou semanas, por maior que seja o cuidado com que o tratem. Devido a isto, nunca veiu vivo á Europa.» (Brehm).

O POLATUCHA, OU ESQUILO MENOR VOADOR

Sciurus volans, de Linneo — *Le polatouche de Sibérie*, dos francezes

O polatucha, do genero sciuroptéros, e mais pequeno que o esquilo ordinario, só tem $0^{m},19$ de comprimento e a cauda $0^{m},16$. O pello é basto e macio, no verão trigueiro aloirado nas costas, a membrana alifórme e o lado externo das pernas cinzentos escuros, o ventre branco; o lado superior da cauda é cinzento aloirado, e o inferior ruivo claro; o resto do pello é cinzento escuro nas partes superiores do corpo e branco nas inferiores. No inverno o pello tem maiores dimensões, engrossa, e o das costas torna-se mais claro.

O polatucha vive no norte da Europa oriental e em toda a Siberia, e outr'ora encontrava-se na Polonia, na Finlandia e na Laponia.

Vive nas grandes florestas de vidoeiros, e onde alternadamente se encontram estas arvores com os pinheiros; a especie outr'ora muito commum em certos pontos da Europa, tem desapparecido, e torna-se cada vez mais rara.

Como o petaurista, o polatucha é tambem noctivago, vive só ou com a femea, e nunca abandona as florestas; dorme durante o dia no tronco ôco d'uma arvore, ennovelado, e com a cauda deitada sobre o corpo. Só á hora do crepusculo se decide a abandonar o abrigo em que passa o dia, e então prova ser tão agil como o esquilo, trepando admiravelmente, saltando de arvore para arvore, e com auxilio da membrana alifórme dá saltos na extensão de 20 metros.

Subindo ao cimo das maiores arvores, e abrindo o seu pára-quedas, arremessa-se aos ramos d'outra que lhe fique proxima, caindo sempre com differença de nivel. A membrana alifórme, tão util n'esta especie de vôo, no chão torna-se-lhe n'um embaraço, difficultando-lhe o andar, e o animal caminha cambaleando.

O seu alimento consiste nos rebentos e nas flôres do vidoeiro, e em ultimo caso nos renovos dos pinheiros; come sentado como os esquilos, levando o comer á bocca com as mãos. Os habitos d'este animal, embora sejam nocturnos, emquanto que os do esquilo ordinario, como já vi-

mos, sejam diurnos, são similhantes; é muito asseiado, está constantemente lambendo-se, e vae depositar os excrementos no chão.

Para abrigar a sua progenie, prepara uma das habitações, ou algum ninho abandonado pelas aves, preferindo os que existem nas concavidades dos troncos, ou os collocados nos pontos mais elevados da arvore. Guarnece-o abundantemente por dentro de musgo, e fecha cuidadosamente a abertura. Chegada a

Gr. n.º 127 — Os esquilos voadores na floresta

epoca da femea ter os filhos, que é no verão, alli os deposita, dois ou tres, que nascem sem pello e com os olhos fechados, e por muito tempo carecem dos cuidados da mãe, que os aleita, e que para aquecel-os os cobre com a membrana alifórme, tendo cuidado á noite, quando sae, de abrigal-os debaixo do musgo. A mãe durante muito tempo vae passar o dia dormindo no ninho dos filhos, e leva-os comsigo nas suas excursões nocturnas.

No inverno estes animaes reunem-se em sociedade para construirem uma habitação mais vasta, onde vivem em commum durante esta estação.

O polatucha é domesticavel; mas não é muito facil de ser conservado preso pela difficuldade de se lhe proporcionar alimento egual ao que encontra na floresta; entretanto alguns teem vivido por muito tempo captivos.

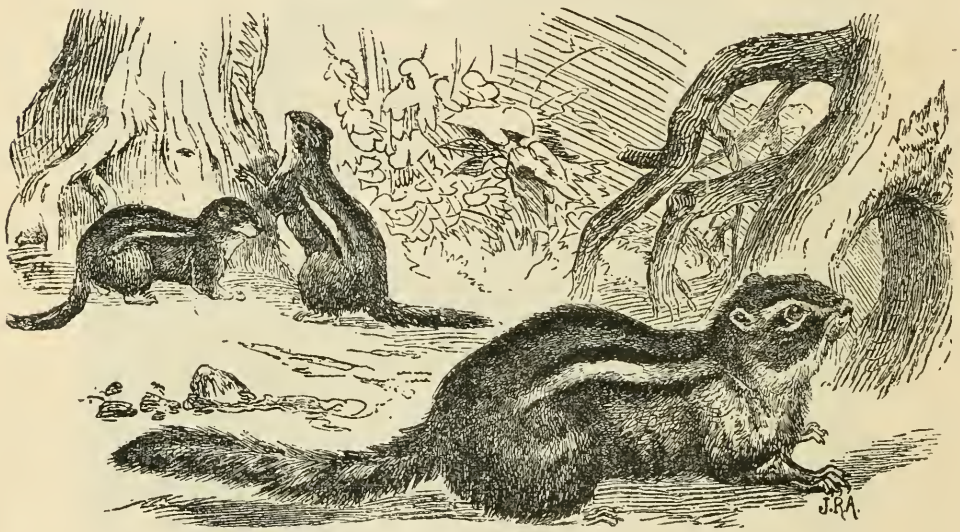
A pelle tem pouco valor.

O ESQUILO TERRESTRE

Sciurus striatus, de Linneo — *Le tamia strié*, dos francezes

Este animal, a que damos o nome de *esquilo terrestre*, á imitação dos francezes, que tambem o conhecem vulgarmente por este nome, devido á circumstancia de viver principalmente no solo, trepando pouco ás arvores e só ás que pela sua inclinação lhe favorecem a subida, não tem, que saibamos, denominação portugueza, e faz parte do genero *tamia* dos francezes, fazendo a transição dos esquilos para as marmotas.

Os esquilos terrestres constituem varias especies, sendo a typica do genero a de que vamos tratar, que vive no norte da Europa, na Russia, e na Asia septentrional até ao extremo da Siberia. Na America do Norte vive uma especie, perfeitamente similhante a esta, que os americanos denominam *hackée*, e os francezes *le tamia de Lyster*.



Gr. n.º 128 — O esquilo terrestre

O esquilo terrestre é mais pequeno, porém mais grosso e vigoroso que o esquilo da Europa, medindo $0^m,15$ de comprimento, $0^m,06$ de altura, e a cauda $0^m,10$. A cabeça é alongada, o focinho curto, sobre o redondo, coberto de pello fino, olhos grandes e negros, orelhas curtas e pequenas, membros vigorosos, cauda longa, annellada e pouco ramalhuda.

O pello é curto e grosseiro, trigueiro aloirado na parte superior do corpo, formando cinco listras longitudinaes trigueiras, a do meio sobre a espinha dorsal, e entre as duas de cada lado, uma outra amarella clara, ou branca amarellada; ventre cinzento claro, cauda preta por cima e amarella por baixo, bigodes negros.

«Vive exclusivamente, diz Brehm. nas florestas de vidoeiros e principalmente nos pinhaes, construindo entre as raizes d'estas arvores uma toca pequena, com communicação para dois ou tres compartimentos onde guarda as provisões, e dando para o exterior por um corredor comprido e tortuoso. A toca raras vezes é funda, devido á humidade do subsolo.

O animal alli estabelece a sua habitação, e arrecada as provisões para o inverno. Alimenta-se de sementes e de bagas, e principalmente da semente do pinheiro. Nos seus celleiros encontram-se ás vezes de 5 a 8 kilogrammas d'estas diversas substancias.

O esquilo terrestre é diurno, e á noite retira-se para a toca, onde dorme. E' es-

perto e agil, e trepa facilmente ás arvores inclinadas.

No outono este animal trata de juntar as suas provisões para o inverno, e então vê-se correr d'um para outro lado, com as bochechas dilatadas pelo producto da colheita, lendo-se-lhe nos olhos o prazer de se ver tão abastado. Este é o modo porque transporta para as suas arrecadações o fructo da faia, as avellãs, as sementes do bôrdo, o milho, substancias que constituirão o seu alimento durante o tempo pelo qual fôr obrigado a conservar-se recolhido na toca.

O somno hibernal do esquilo terrestre soffre interrupções; Audubon, que abriu uma toca d'estes animaes no mez de janeiro, encontrou á profundidade de um metro, pouco mais ou menos, tres esquilos deitados n'um grande ninho feito de hervas e de folhas seccas, parecendo-lhe que não eram os unicos que lá habitavam, e que outros haviam fugido pelos corredores. Os tres esquilos terrestres estavam adormecidos, mas não entorpecidos como os outros animaes hibernantes, porque morderam quando os quizeram apanhar.

O esquilo terrestre retira-se para o seu quartel de inverno no mez de novembro, e só o abandona nos primeiros dias da primavera.

A femea tem filhos duas vezes no anno, a primeira em maio e a segunda em agosto. Na occasião do cio os machos batem-se encarniçadamente, e diz-se que nenhum animal se excita mais n'esta occasião, do que este pequeno roedor.

O esquilo terrestre que vive na Siberia não é nocivo, não podendo dizer-se o mesmo do hackée da America do Norte, que, á imitação dos ratos, se introduz nos celleiros e destroe os generos que lá encontra.

O esquilo terrestre tem inimigos temiveis. Persegue-o a doninha no solo e até no seu retiro, o gato domestico apanha-o como aos ratos, todas as aves de rapina o accommettem. A cobra de cascavel persegue-o tenazmente, e corre rapidamente sobre elle. O inverno destroe tambem grande numero d'estes animaes, que se propagam prodigiosamente no verão, e que por isso, principalmente nos annos menos rigorosos, são muito frequentes, porque a fecundidade da femea é superior a todos as agentes de destruição da especie.»

O esquilo terrestre seria um companheiro agradavel, pela graça e elegancia dos seus movimentos, se podesse conservar-se preso. Resiste apenas algumas semanas á perda da liberdade, e nunca se domestica como o esquilo ordinario; é sempre timido e morde.

Roe tudo quanto encontra, como os ratos, e não deixa nada intacto no sitio onde o fecharem. Alimenta-se facilmente com grãos de todas as especies.

SEGUNDO GRUPO

AS MARMOTAS

Arctomys, de Linneo — *Les marmottes*, dos francezes

As marmotas, de que faremos o segundo grupo dos roedores, differem dos esquilos não só pelos seus caracteres physicos, corpo refeito e cauda curta, mas principalmente pelos habitos e genero de vida.

N'este grupo vão comprehendidos os *spermophilos*, representados pelo *spermophilo vulgar*, ou *marmota citilla da Russia*, e pelo *spermophilo de Hood*, que se aproximam dos esquilos terrestres, servindo para estabelecer a transição entre os esquilos propriamente ditos e os *arctomyos*, ou marmotas propriamente ditas, de que falaremos tratando de duas especies, a *marmota ordinaria dos Alpes* e a *marmota da Polonia*.

O SPERMOPHILO VULGAR, OU MARMOTA CITILLA DA RUSSIA

Le souslik ou *zizel*, de Buffon — *Le spermophile souslik*, dos francezes

O nome de spermophilo significa *amigo de sementes*, e é dado a um genero que, como já dissemos, se liga á familia dos esquilos pelos esquilos terrestres, com os quaes se assimilha, com quanto os spermophilos sejam essencialmente terrestres, pois que vivem unicamente sobre o solo, e os esquilos terrestres trepem algumas vezes ás arvores, como vimos.

O spermophilo da Europa, a que encontrámos o nome vulgar de *marmota citilla da Russia*, é um lindo animal de $0^m,40$ a $0^m,45$ de comprido, $0^m,07$ de altura, medindo a cauda $0^m,08$. É cinzento amarellado no dorso, algumas vezes com malhas brancas, outras com manchas amarellas arruivadas; o ventre arruivado, a queixada inferior e a garganta brancas, a

extremidade do focinho, os bigodes e as unhas pretas, os membros amarellos arruivados. Os diversos individuos da mesma especie apresentam grandes differenças não só no tamanho como na côr.

Habita na Russia, na Austria, na Hungria, na Bohemia, encontrando-se tambem na Siberia.

O nome de *souslik* é de origem russa, e os allemães chamam-lhe *ziesel*.

Estes animaes vivem em grandes bandos, frequentando os campos e os prados, fóra das florestas, procurando de preferencia os sitios seccos e de terreno arenoso, e embora vivam em sociedade, cada qual tem a sua toca.

« A toca propriamente dita do animal, diz Brehm, fica a 1 ou 2 metros abaixo do nivel do solo, é oval, e mede na sua maior extensão aproximadamente 0m,30; a cama é formada por uma camada espessa e macia de hervas seccas; do compartimento onde dorme parte um unico corredor, muito estreito e tortuoso, que muitas vezes corre parallelo á superficie da terra, terminando n'uma abertura que dá para o exterior, onde existe um monticulo de terra. Este corredor só serve por um anno, porque aos primeiros frios o animal fecha-o, e cava outro que vae tambem do quarto de dormir á superficie do solo, e a que só abre communicação com o exterior quando acorda do somno hibernal. Assim pelo numero de corredores póde calcular-se quantos annos tem a toca, não se podendo da mesma fórma julgar da edade do animal, porque muitas vezes um spermophilo vae habitar a toca d'outro que morreu.

Ao lado do compartimento em que o animal habita, existem outros onde arrecada as suas provisões para o inverno. O compartimento onde a femea deposita os filhos recem-nascidos fica sempre a maior profundidade, para que a nova familia esteja com mais segurança.

Á noite, ou durante o mau tempo, conta ainda o mesmo autor, a marmota citilla dorme na toca, e nos dias quentes do verão abandona-a ao nascer do sol, vagueia durante o dia, levantando-se de tempos a tempos sobre os pés, e olhando em redor de si, para observar se algum perigo a ameaça. Os movimentos d'este animal são menos rapidos que os do esquilo, caminha aos saltinhos e devagar, passando por todas as aberturas por onde lhe couber a cabeça. Brinca muitas vezes com os animaes da mesma especie á entrada da toca, e então ouvem-se os silvos agudos dos machos, e os mais fracos das femeas; os machos só gritam quando alguma coisa os excita, emquanto que as femeas ouvem-se repetidas vezes.

Vivem em perfeita harmonia; os machos são mais doceis e as femeas mais vivas, e mais promptas em morder; na epoca do cio, porém, os primeiros batem-se encarniçadamente.

O cuidado de velar pela segurança d'um bando é de ordinario confiado ao macho, —pertencendo-lhe este encargo pela sua maior prudencia,—o qual ao menor signal de perigo dá um silvo, e a este signal o bando dispersa-se desapparecendo debaixo da terra.

A alimentação habitual da marmota citilla consiste em hervas, raizes, ervilhaca, trevo, grãos, legumes, fructos de toda a especie; no outono faz as suas provisões, e transporta-as nas bochechas como o rato cricto. Come os ratos, os passaros que encontra em ninhos situados no chão, saqueia os ninhos, atacando muitas vezes não só os pequenos como tambem os paes, matando-os com algumas dentadas, comendo-lhe os miolos, e devorando-os em seguida. Segura os alimentos com as mãos, e come sentado nas pernas trazeiras. Depois de haver comido limpa o focinho e a cabeça, lambe-se, e alisa o pello. Bebe pouco, e só depois de comer. Os estragos que causam os spermophilos só podem ter importancia se o bando fôr muito numeroso.

Como em todas as especies dos roedores, a femea é muito fecunda: tem filhos em abril ou maio, depois d'uma gestação de vinte e cinco a trinta dias, findos os quaes nascem de tres a oito pequenos, sem pello e com os olhos fechados, que a mãe trata com a maior ternura, amamentando-os e cuidando d'elles, o que faz mesmo depois de crescidos, quando já saem da toca. Os pequenos crescem rapidamente, e ao fim d'um mez teem attingido metade do tamanho dos adultos, sendo difficil no fim do verão distinguil-os uns dos outros. Até ao outono vivem na toca dos paes, e n'essa epoca trata cada um de preparar a sua morada, fornecendo-a com as provisões necessarias, e passa a viver isoladamente.

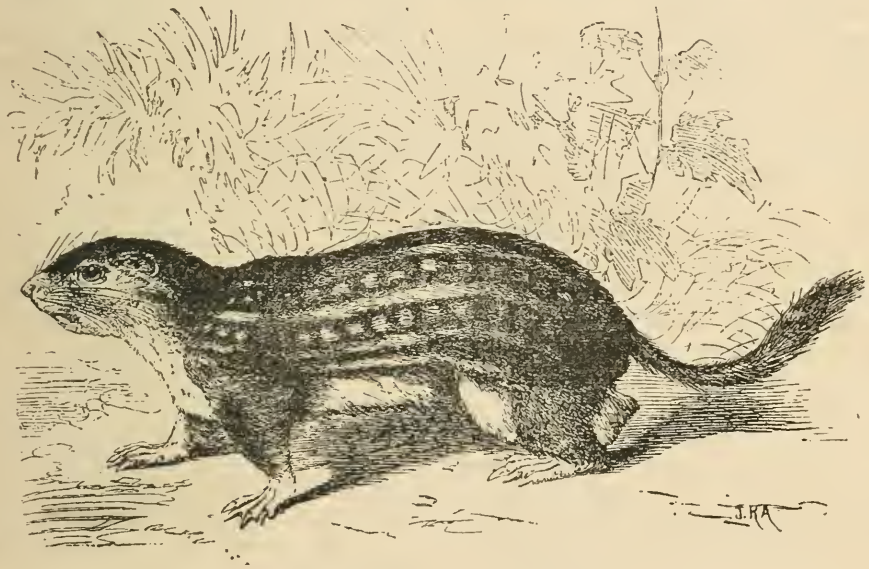
Sem os muitos inimigos que os perseguem, estes animaes seriam innumeros;

ainda assim são menos que as ratazanas e os ratos; mas a marta, a doninha, a fuinha, o tourão, e as aves de rapina, diurnas e nocturnas, o corvo, a garça, os cães e os ratos, perseguem-n'os sem treguas. O homem não é o menos encarniçado dos seus inimigos, caçando-o para lhe obter a pelle e a carne. Assim diminue o numero da marmota citilla.

Ainda existe outro inimigo: o inverno quando é rigoroso. Com o outono finda a vida social d'estes animaes; muito nutridos n'essa epoca, retiram-se para as suas habitações, onde não faltam os generos, tapam a abertura que dava para o exterior, abrem um novo corredor, e adormecem. Muitos, porém nunca mais despertam; se a temperatura baixar extraordinariamente, e o frio e a humidade forem grandes, morrem rapidamente.

A marmota citilla presa é muito interessante; acceita sem resistencia a sua nova posição, e habitua-se depressa ao dono. Um dia basta para que uma adulta se domestique; para a nova bastam algumas horas. As femeas velhas são más, e mordem a valer.

Tratando-o com cuidado, este animal vive preso muitos annos, e, depois do esquilo, é o que melhor se pode ter em casa. Distrahe o dono com os seus movimentos graciosos, e pela sua gentileza, sendo sobre



Gr. n.º 129 — O spermophilo de Hood

tudo notavel pelo asseio. Alimenta-se facilmente com sementes, fructos, pão, não recusa a carne, e gosta muito de leite.

Na Siberia e na Bohemia as classes pobres alimentam-se com a carne da marmota citilla, e emprega-se a pelle para forros, fazendo d'ella tambem bolsas para tabaco. Aproveitam-lhe o interior para composição de remedios caseiros. »

O SPERMOPHILO DE HOOD

Este animal, que vae representado na nossa gravura n.º 129, pertence a uma especie que vive na America do Norte, onde é frequente. É notavel pela belleza da pelle, farta e lisa, loira escura ou trigueira acastanhada no dorso, misturada de pellos negros, com cinco faxas longitudinaes amarellas claras, e entre ellas cinco ordens de malhas quadrangulares amarellas. A cabeça é trigueira arruivada, malhada de branco; em volta dos olhos, os lados dos beiços, a queixada inferior, a garganta, o lado interno das pernas e o ventre, são amarellos. Tem $0^m,22$ de comprimento, $0^m,06$ d'altura, e a cauda $0^m,08$ de extensão, e com o comprimento do pello chega a $0^m,10$.

É similhante nos habitos á marmota citilla; a femea tem entre cinco e dez filhos, dorme do outono á primavera na toca, e durante o verão leva o modo de vida do spermophilo da Europa.

Os americanos chamam-lhe *siksik*, nome que se deriva do grito dado pelo animal.

A MARMOTA ORDINARIA

Arctomys marmota, de Linneo. — *La marmotte commune ou des Alpes*, dos francezes.

As marmotas propriamente ditas compõem a familia dos arctomyos, e o nome vulgar de marmota vem-lhe do italiano, *marmotta*. Fórma diversas especies, que vivem na Europa, na Asia e na America, tendo todas pouco mais ou menos os mesmos costumes, bastando por isso que tratemos da marmota ordinaria, a mais conhecida, para que o leitor possa ficar conhecendo os caracteres e genero de vida dos arctomyos em geral.

A marmota ordinaria tem o corpo curto e refeito, a cabeça chata e grossa; o beiço fendido no meio deixa vêr os dentes incisivos, do comprimento de $0^m,03$ aproximadamente, e recurvos; os olhos são grandes, negros e brilhantes, um pouco salientes; as orelhas pequenas e redondas, muito juntas á cabeça; focinho e pescoço curtos e grossos.

O pello é espesso e grosseiro, amarello ou cinzento arruivado nas costas, trigueiro ferrugento na parte inferior do pescoço e nas do corpo, e negro no alto da cabeça; o pello do nariz e do focinho é metade branco e metade preto, tornando-se amarellado nas faces e nas pernas dianteiras. A cauda é curta, coberta de pello muito espesso, ruivo atrigueirado, terminando por um grande tufo de pellos negros. O animal tem de comprimento, incluindo a cauda, $0^m,40$ a $0^m,48$.

A marmota ordinaria habita na Europa, nos cimos das grandes montanhas, encontrando-se nos Alpes, nos Pyrenéos, e nos Krapaks.

«Poucos dos roedores indigenas da Europa, diz Brehm, teem sido alvo de tantas observações como a marmota, e entretanto ainda se não conhecem todas as particularidades da vida d'este interessante habitante das nossas montanhas, o que póde explicar-se pela difficuldade de seguil-o nas regiões em que habita.

Nos picos mais elevados dos Alpes, onde a neve é eterna, onde não cresce uma arvore, não vegeta um arbusto, não se vê gado, e onde nem mesmo a cabra se aventura, ahi sobre pequenas ilhotas formadas pelos rochedos, no meio das geleiras, que durante seis semanas, quando muito, não estão cobertas de neve, vive a marmota, habitando logares inaccessiveis ao homem. Procurando de preferencia os pontos mais elevados das montanhas, a marmota tem a pouco e pouco desapparecido dos sitios frequentados pelo homem.

Habita em geral as vertentes meridionaes, orientaes e occidentaes; como a maior parte dos animaes diurnos, gosta de estar ao sol, e d'esses lados abre as tocas, umas simples, pequenas, para o verão, outras profundas, extensas, para o inverno. As primeiras servem-lhe de abrigo tamsómente durante o mau tempo; as outras, de residencia para o inverno, que n'aquellas elevadas regiões dura seis, oito e até mesmo dez mezes Alli a vida activa da marmota dura pouco, porque o somno hibernal existe em quanto existem os frios; mas durante esse curto periodo, os seus costumes são curiosos e dignos de observação.»

De verão, conta Tschudi no seu livro *Os Alpes*, passam alegremente. Ao nascer do dia as mais velhas saem das tocas, tendo primeiro deitado a cabeça de fóra, com precaução, apurando o ouvido e espreitando para todos os lados, para se certificarem de que nada se passa de extraordinario nas proximidades, e só então se atrevem a dar alguns passos fóra da toca, e vão almoçar. O banquete dura pouco; consiste na herva verde e principalmente nas lindas flôres que vegetam nos Alpes, flores que rapidamente desapparecem nas vizinhanças das habitações da marmota.

As novas seguem de perto as mais velhas; e tão depressa todas estão fartas, fórmam-se em circulo sobre uma pedra direita, bem exposta ao sol, e que fique mais perto das suas moradas. Começam então os seus brinquedos e folias, que consistem em mutuamente alisarem o pello, coçarem-se, provocando-se umas ás outras, e mostrando a sua elegancia em pé nas patas trazeiras.

Emquanto as marmotas novas assim dão largas ao seu humor folgazão, as mais edosas conservam-se de sentinella, e tão depressa vêem apparecer algum individuo suspeito, um homem, uma ave de rapina, um raposo, ainda que seja a distancia de leguas, dão um silvo claro, agudo e penetrante, que ao mesmo tempo tem um tanto de sentido, e de triste. Os demais individuos do bando, que não

vêem o inimigo, não respondem ao grito da sentinella; mas seguem-lhe todos os movimentos, deixando-se estar tranquillos em quanto ella se não move, e fugindo tão depressa a vêem desapparecer.

Os gritos de *álerta* repetem-se de momento a momento, e assim todas as marmotas que vivem n'aquelle ponto da montanha, prevenidas do perigo, tratam de descobrir o inimigo, e mal o avistam, a seu turno dão outros tantos silvos, e em breve as sentinellas por toda a parte estão vigilantes no seu posto. Se o inimigo se esconde ou se detem, os signaes param, não diminuindo por isso a vigilancia; se o perigo se aproxima, precipitam-se todas nas suas moradas, d'onde se não atrevem a sair sem que todo o motivo de receio haja desapparecido. As que não viram o inimigo são sempre as primeiras que se atrevem a sair.

Não ha certeza de que as marmotas tenham, como a camurça, sentinellas especiaes; os caçadores estão persuadidos que não, e julgam que o seu tamanho, a côr parda da pelle, e mais que tudo a vista penetrante d'estes animaes, que lhes permitte descobrir um homem a tão grande distancia, que só com auxilio do telescopio nós o veriamos, os guardam melhor que a melhor vigia.

Pelo tempo frio deixam-se ficar dias inteiros nas tocas, e de noite nunca saem; proximo do pôr do sol todos os sitios onde elles costumam reunir-se para brincar estão a essa hora desertos. No outono entram para a habitação muito antes do occaso do sol, e se qualquer perigo os espanta, não tornam a sair durante aquelle dia.

As marmotas fazem a sua morada de verão nos oasis de relva que cercam os rochedos e os precipicios, preferindo os sitios onde dá o sol, e evitam quanto podem a humidade. As tocas ficam muitas vezes a 3 ou 4 pés de profundidade, e galerias d'uma ou duas toezas, tão estreitas que com difficuldade cabe a mão fechada d'um homem, vão dar á sua habitação propriamente dita, que tem a fórma d'uma grande bacia. Algumas vezes a entrada fica entre a herva; mas, d'ordinario, está escondida entre as rochas, ou sob uma pedra, sendo impossivel descobril-a. As galerias são ascendentes ou descendentes, simples ou divididas em muitos ramaes, e a terra em volta está de tal fórma batida e calcada, que pouca foi preciso trazer para fóra para as construir.

A reunião dos sexos dá-se depois que estes animaes acordam do somno hibernal, e os pequenos nascem em junho, nunca mais de quatro de cada vez. Não saem emquanto não estão já medianamente crescidos, e vivem na habitação dos paes até ao anno seguinte.

Algumas vezes as marmotas só teem uma morada para as duas estações, e n'este caso construem-n'a segundo o plano das habitações d'inverno, que são mais vastas que as de verão. Em geral, porém, aprazlhes passar a boa estação nos prados mais altos, a 3:000 metros aproximadamente, sendo alli a sua residencia habitual, que as põe ao abrigo de vizinhança perigosa.

Chega, todavia, a epoca em que é necessario abandonar aquellas paragens, e descer para as pastagens que os pastores acabam de abandonar, e ahi construir as moradas para o inverno, que teem de ser muito grandes, para n'uma só, ás vezes, se abrigar uma familia, que se compõe de quinze individuos.

Antes do meiado de outubro, que é a epoca em que definitivamente se encerram nas habitações de inverno, transportam para alli grande quantidade de feno, com que tapizam a toca, e lhe serve, ligado com terra e pedras, para fechar as aberturas. As moradas de verão, e as que não teem de ser habitadas no inverno, ficam abertas. A entrada geral para os corredores fica sempre aberta, e só a um ou dois pés mais para o interior se encontra solidamente fechada a passagem. »

Dos animaes sujeitos ao somno hibernal é a marmota aquelle em que o phenomeno é mais pronunciado. Ácerca d'este facto bastante interessante vamos transcrever alguns periodos d'um livro intitulado — *Noticia ácerca da marmota dos Alpes,* por Sacc.

« A explicação da lethargia prolongada da marmota está nas condições climatericas a que está sujeito este animal, destinado a viver a perto de 3:000 metros acima do nivel do mar, em regiões onde o inverno dura pelo menos sete mezes, e muitas vezes nove, e onde, por consequencia, a alimentação de tres a cinco mezes deve bastar ao entretenimento da vida durante todo o anno. Mal despertam, as marmotas atiram-se aos alimentos até se fartarem, procurando as hervas mais

succulentas, as raizes mais ricas em fecula, e fazendo d'ellas consumo prodigioso; depois de cada uma das bem copiosas refeições, bebem, adormecendo por algumas horas, e logo que despertam de novo vão comer.

Sob a influencia de tal regimen, as marmotas em breve adquirem consideravel nutrição, e pesam então, segundo dizem, até 10 kilogrammas; á medida que a gordura augmenta, cresce a necessidade de dormir, e torna-se tão imperiosa no outono, que, qualquer que seja a temperatura, as marmotas passam muitas vezes dias inteiros a dormir sem comer. O somno augmenta sem cessar, e o animal dorme regularmente durante quinze dias, aproximadamente, até que a bexiga, repleta de urina, o obriga a despejal-a.

A marmota então, semi-desperta do torpor em que está, vae, d'ordinario com os olhos fechados, ao sitio escolhido para depositar as dejecções, que é sempre o mesmo, voltando depois tranquillamente para a sua cama de feno. »

Como já dissemos, é na habitação de inverno que as marmotas se installam antes de cairem em lethargia, depois de fecharem as saídas com terra, pedras e hervas, tudo isto ligado e collocado com tal arte, que fórma um muro solido que tapa a communicação com o exterior. Depois de concluidos estes preparos, a mar-

Gr. n.° 130 — A marmota ordinaria

mota deita-se, cobrindo-se totalmente com uma parte do feno de que existe grande quantidade na toca, e adormece com a cabeça entre as pernas trazeiras, a cauda deitada sobre o nariz, as pernas dianteiras sobre as trazeiras, e, segundo diz Sacc, ennovelando-se de tal modo, que é absolutamente impossivel conhecer onde estão a cabeça e os membros. Então a temperatura do corpo diminue consideravelmente, e tocando-se-lhe durante o somno hibernal, apresenta o frio do marmore. O estomago cessa as suas funcções, e só a respiração continua, embora em menor escala, limitando-se a quinze inspirações por hora, resultando que a circulação é menos activa, e que as pulsações do coração diminuem.

« O seu despertar na primavera, diz ainda Sacc, é verdadeiramente extraordinario, e permitte observar como a vida renasce a pouco e pouco no animal, podendo-se-lhe seguir os progressos tão facilmente como quando se observa o ovo submettido á incubação. O processo é absolutamente o mesmo, isto é, a vida nervosa apparece primeiro, depois activa-se a circulação, e por ultimo a sensibilidade e a excitabilidade muscular. A marmota desenrola-se primeiro dando fortes suspiros, conservando-se-lhe ainda o corpo frio, depois abre os grandes olhos, bellos e limpidos, d'expressão meiga, adquire movimento nos membros anteriores, e começa a andar, arrastando a parte posterior do corpo, tal como o caracol faz á casca.

Impresso por Lallemant frères. Lisboa.

OS CASTORES

A lethargia apodera-se do corpo no sentido inverso do despertar, isto é, começa pela parte posterior do corpo e termina na cabeça. »

A marmota é perseguida pelo homem, principalmente nas regiões dos Alpes, onde lhe serve d'alimento. «E' o coelho das altas montanhas onde reina o frio, diz Sacc, com a immensa vantagem de não se fazer pesada pelo sustento durante o inverno, e de accumular massas enormes de excellente gordura, que constitue um thesouro sem equivalente n'aquellas inhospitas paragens.» Estes animaes são difficeis de apanhar pela constante vigilancia que exercem; e para poder matar uma a tiro é necessario ir á espera antes do nascer do sol, tomando todas as precauções para não ser visto por alguma, que pelos seus silvos denunciaria a todas as outras a presença do caçador. Por isso poucas são as que se matam a tiro, sendo apanhadas em armadilhas, ou antes, o que é mais frequente, nas tocas, no principio do somno hibernal.

Em certos cantões da Suissa é prohibido destruir as habitações das marmotas no inverno, com o fim de se apossarem d'ellas, obstando assim á destruição d'estes animaes, que servem de sustento ás populações pobres, e que seriam victimas d'uma imprevidente cubiça.

A marmota é domesticavel; torna-se tão docil e meiga como o cão, se fôr apanhada nova, porque as velhas não se amansam. Ensina-se com facilidade a dansar, a andar em pé encostada a um pau, servindo-se das mãos com extraordinaria habilidade para pegar n'um pau, ou segurar-se a um dedo que o dono lhe estenda.

Ácerca das marmotas captivas diz ainda o autor que temos citado, Sacc, o seguinte:

«Estes animaes sustentam-se com facilidade, comendo, de preferencia a qualquer outro alimento, pão, fructas e raizes, contentando-se tambem com o trevo, a luserna, e folhas de couve, não comendo porém as folhas duras e seccas das gramineas senão quando sejam aguilhoados pela fome. Recusam a carne, e os ovos, mas bebem leite com avidez, preferindo-o á agua.

Não obstante a sua curta intelligencia, as marmotas conhecem em pouco tempo o dono, e obedecem á sua voz. As que possuimos vagueavam por um grande quintal e vinham logo que as chamavamos, deitando-se-nos nos braços, trepando aos hombros para nos lamber a cara com a sua muito macia lingua, ou alisar-nos os cabellos com os seus longos incisivos e com as palmas das mãos.»

As marmotas vivem em liberdade nove ou dez annos, mas captivas só duram cinco ou seis.

A MARMOTA DA POLONIA

La marmote bobac, dos francezes

Esta especie é um pouco maior que a precedente; tem as costas e o ventre cinzentos arruivados, o focinho e o pello de roda dos olhos trigueiro amarellado.

Vive na Polonia, onde é frequente, na Russia e na Siberia meridional.

O seu modo de viver é similhante ao da marmota dos Alpes, habitando nas grandes planicies descobertas e nas collinas pouco elevadas, procurando sempre o lado mais visitado pelo sol, e vivendo n'uma toca que abre nos terrenos mais duros, onde se acoita uma familia inteira. Come raizes e hervas.

No outono faz grande provisão de feno, guarnece com elle a toca e alli adormece toda a familia, até que a primavera a venha despertar; n'esta epoca tem logar a reunião dos dois sexos.

E' muito domesticavel, e facilmente se habitua a viver com o homem.

TERCEIRO GRUPO

OS CASTORES

Les castors, dos francezes

A familia dos castores comprehende um unico genero, bem distincto, caracterisado pelas patas trazeiras palmadas, e principalmente pela cauda, oval, achatada, e coberta de escamas.

A maior parte dos naturalistas considera o castor da Europa e o da America formando uma unica especie, não encontrando entre elles differenças que justifiquem a sua separação especifica, e assim o animal, que adiante vamos descrever, é o unico que se comprehende no genero, bem celebre em todo o mundo pela arte e intelligencia com que construe a sua habitação.

O CASTOR

Castor fiber, de Linneo — *Le castor* ou *bièvre*, dos francezes

O castor é um dos maiores roedores. Mede 0m,80 e ás vezes 1 metro de comprido do focinho á raiz da cauda, tendo esta 0m,33. Tem o focinho grosso e curto, guarnecido de grossos bigodes, o alto da cabeça achatado, os olhos pequenos, pretos, orelhas curtas e arredondadas, pescoço curto, costas arqueadas, cauda chata, larga, de fórma oval, coberta d'escamas, podendo movel-a em todas as direcções, mas trazendo-a de ordinario de rastos. Os dedos das mãos são bem divididos e quasi inteiramente livres, curtos e pequenos em relação aos dos pés, armados de grandes unhas proprias para cavar, e os dos pés mais compridos, e unidos inteiramente por uma membrana palmar.

O pello é de duas especies: um curto, fino e macio, o outro tezo, elastico e comprido; o seu colorido, que varia muito, é umas vezes tirante a negro, outras a cinzento e até mesmo a cinzento arruivado. Os castores brancos são raros.

Os castores habitam na Europa, na Asia e na America. Na Europa, encontram-se na Russia, na Polonia, na Prussia, na Austria e no meio dia da França, sendo outr'ora communs em todos os pontos d'este paiz, bem como em Inglaterra, d'onde desappareceram completamente. Parece mesmo que outr'ora viveram na Italia e em Hespanha.

Na Asia são mais frequentes que na Europa, e encontram-se nos rios da Siberia e da Tartaria; porém abundam ainda hoje muito na America do Norte, com quanto a enorme exportação que se faz ha seculos das pelles d'estes animaes, tenha consideravelmente diminuido o numero d'elles.

Os castores, na Europa e nos logares frequentados pelo homem, vivem geralmente aos pares, em tocas, emquanto que na America, nos cantões mais tranquillos, onde os não perturba, vivem em grandes familias, trabalhando em commum na construcção das suas vastas e artisticas habitações. Vamos dar ao leitor a descripção d'essas edificações, tal como a faz Buffon, e que, affirmada por todos os naturalistas, se deve ter por verdadeira, por mais extraordinaria que pareça.

«No principio de junho ou julho os castores reunem-se em sociedade, vindo de differentes sitios em grande numero, e formando bem depressa um immenso bando, de duzentos ou trezentos individuos, que escolhem para ponto de reunião o proprio sitio onde pretendem estabelecer-se, sempre á borda d'agua.

Se são aguas quietas, que se conservam sempre na mesma altura, como acontece nos lagos, não é necessario a construcção do dique; mas nas aguas correntes, sujeitas a mudar de nivel, nos rios e nos riachos, construem um açude, que represa as aguas, formando uma especie de tanque, onde se conservam sempre á mesma altura, e que atravessa o rio d'uma a outra margem, tendo muitas vezes 80 ou 100 pés de comprimento, por 10 ou 12 de largura na base. Esta construcção, que parece enorme para ser feita por animaes tão pequenos, e que depende de muito trabalho, ainda é menos para admirar do que a solidez com que é feita.

O ponto do rio escolhido para fazerem o açude é de ordinario pouco fundo, e se na margem existe uma arvore grossa que possa ser derribada e cair dentro d'agua, deitam-n'a abaixo para lhe servir de peça principal da construcção; a arvore é muitas vezes mais grossa que o corpo d'um homem, mas cortam-n'a pelo pé, roendo-a, servindo-se por unico instrumento dos quatro dentes incisivos, e sem que para isso precisem de muito tempo, fazendo-a cair para o lado que lhes convem, isto é, de modo que atravesse o rio. Em seguida cortam-lhe os ramos, para que o tronco possa cair direito, ficando nivelado.

Esta operação faz-se em commum; e em quanto grande numero de castores se occupam a roer o pé da arvore, para derribal-a, outros esperam que ella caia para lhe cortar os ramos, e os restantes percorrem as margens do rio, cortando arvores novas, umas delgadas como a perna outras mais grossas como a coxa, decepando-as e serrando-as a certa altura, para fazer estacas, que trazem por terra até á borda do rio, e que depois por elle conduzem ao sitio da construcção, para com ellas formar estacaria bastante solida, que é entrelaçada pelos ramos que as atravessam.

Este trabalho conseguem-n'o vencendo muitas difficuldades, porque para levantar as estacas e pôl-as quasi perpendiculares, é necessario que os animaes com os dentes levantem a parte mais grossa

até collocal-a na margem, ou sobre a arvore que atravessa o rio, em quanto que outros mergulham ao mesmo tempo para abrir no fundo com as mãos um buraco, em que deve entrar a ponta da estaca para ficar firme.

Á maneira que uns enterram assim as estacas, outros vão em busca de terra que amassam com os pés, batendo-a com a cauda, e que transportam na bocca e nas mãos, em tão grande quantidade que chega para encher todos os intervalos da estacaria.

Esta estacada, composta de muitas ordens de estacas, todas da mesma altura, cravadas umas contra as outras, estende-se d'um a outro lado do rio, e é argamassada; as estacas ficam collocadas verticalmente do lado contrario á corrente, em quanto que no opposto a construcção é em talud, de modo que a calçada que tem na base dez ou doze pés de largura, só conta dois ou tres de espessura na extremidade. Tem pois a obra não sómente toda a solidez e extensão necessarias, mas ainda mais a fórma conveniente para represar a agua, impedindo-a de passar, e sustentando-lhe o peso. No alto d'este paredão, isto é, no sitio onde é menos largo, fazem os constructores duas ou tres aberturas em declivio, que servem para a passagem das aguas, e que alargam ou diminuem conforme o rio sobe ou desce. Depois das grandes cheias, se o dique soffre algumas avarias, tratam de reparal-as, trabalhando tão depressa as aguas desçam.

Seria superfluo, depois de feita a descripção d'estes trabalhos que podem considerar-se communs, dar ainda noticia minuciosa das construcções particulares, se na historia se não devera dar conta de todos estes factos, e se esta primeira obra não fôra feita com o fim de tornar mais commodas as habitações, que são umas cabanas, ou antes uma especie de pequenas casas edificadas á borda d'agua, sobre estacaria, com duas saidas, uma para o lado de terra e outra que vae dar á agua. A fórma do edificio é quasi sempre oval ou redonda, e umas habitações são maiores, outras mais pequenas, desde quatro ou cinco até oito ou dez pés de diametro, havendo algumas com tres andares. As paredes teem proximamente dois pés de espessura, e elevam-se a prumo sobre a estacaria, que serve ao mesmo tempo de alicerce e de sobrado á casa.

Quando o edificio tem um unico andar, as paredes sobem a prumo até certa altura, formando depois uma abobada, á similhança da asa d'um cesto, que termina o edificio, servindo-lhe de cobertura. Todo o edificio é argamassado com perfeição, e rebocado convenientemente por dentro e por fóra, impenetravel á agua da chuva, e resistindo ás maiores ventanias; as paredes são revestidas com uma especie de estuque tão bem amassado, e applicado com tal mestria, que parece ter por alli passado a mão do homem. A cauda serve-lhe de trolha para a applicação d'esta argamassa, que é amassada com os pés.

Os castores usam de materiaes diversos; pau, pedras, terras barrentas que não se desligam facilmente com agua, e as madeiras de que usam são sempre das mais leves e macias; amieiro, choupo, e salgueiro, arvores que nascem naturalmente á borda d'agua, e que são mais faceis de descascar, cortar e transportar, do que outras que dão madeira mais dura e pesada. Quando atacam uma arvore não a deixam sem derrubal-a; é depois feita em pedaços, e transportada para o sitio que lhes convem, e cortando-a sempre á altura d'um pé ou pé e meio do solo.

Trabalham sentados; além da vantagem d'esta posição mais commoda, teem ainda, quando desempenham esta tarefa, o prazer de roer a casca verde e tenra dos ramos novos, que os castores preferem á maior parte dos seus alimentos usuaes, e de que fazem ampla provisão para o inverno. Não gostam da madeira secca.

É dentro d'agua, e perto da habitação, que estes animaes construem os seus armazens de comestiveis; cada casa tem o seu, proporcionado ao numero de habitantes, tendo todos egual direito aos generos que lá se guardam, e nunca roubando os dos vizinhos.

Tem sido vistas aldeias compostas de vinte e vinte e cinco casas; mas é raro tão grande numero de edificios juntos, e estas especies de republicas são d'ordinario menos populosas, sendo formadas por dez ou doze tribus, tendo cada uma o seu armazem e os seus alojamentos separados, não consentindo que estranhos venham estabelecer-se das suas portas a dentro.

As casas mais pequenas são habitadas por dois, quatro, e seis castores; e as maiores por dezoito, vinte, e até mesmo trinta, segundo se affirma, quasi sempre

aos pares, tantas femeas como machos, e assim pode dizer-se que, pelo menos, é uma sociedade composta de cento e cincoenta ou duzentos obreiros associados, que todos trabalham primeiro nas obras de utilidade geral, e depois por grupos na edificação das habitações particulares.

Por mais numerosas que sejam estas associações, a paz mantem-se inalteravel, servindo o trabalho em commum para estreitar os laços que unem os seus membros, e que mais duradoiros são pelas commodidades de que sabem rodear-se, e pela abundancia de comestiveis que existe nos seus depositos. Os seus appetites moderados, a simplicidade de gostos, e a aversão que estes animaes teem á carne e ao sangue, não permittem sequer a idéa de guerra e de rapina, e assim desfructam d'uma felicidade que o homem tamsómente antevê, e de que não lhe é dado gozar.»

Reinando a mais completa harmonia entre os individuos que formam uma colonia, quando qualquer d'elles suspeita da existencia de algum perigo, adverte todos os habitantes da pequena republica de que devem pôr-se a salvo, e para isso dá na agua repetidas pancadas com a cauda, que sendo ouvidas em todas as casas, põem os moradores de sobreaviso para tomarem as suas medidas afim de se subtrahir ao perigo, uns mergulhando e outros recolhendo-se no interior das habitações, que só o homem consegue destruir.

Ha uma qualidade nos castores que merece especial menção: é o seu extremo asseio ; não consentem a menor sujidade no chão da sua morada, habito que não perdem nem mesmo na domesticidade. Buffon conta que possuiu um, que estando fechado por muito tempo, depositava os excrementos junto da porta da gaiola, e tão depressa lh'a abriam, o seu primeiro cuidado era deital-os fóra. Parece que o horror que estes animaes teem á falta d'asseio, é resultado da exquisita sensibilidade do olfato, que não pode supportar os maus cheiros.

A epoca do cio varía segundo os paizes em que o castor habita, havendo alguns autores que dizem ser em fevereiro ou março, e outros no principio do inverno. Não é bem conhecido o tempo que dura a gestação, que é de dois a quatro mezes, e a femea tem de cada vez dois ou quatro pequenos, que nascem com os olhos fechados, de que cuida com a maior ternura, amamentando-os por espaço de um mez, trazendo-lhe ramos de arvores para se alimentarem, e que seis semanas depois de nascidos acompanham a mãe nas suas excursões.

O macho conserva-se sempre fiel á sua companheira, vivendo ambos na melhor harmonia; e sobre este ponto vamos ainda transcrever alguns interessantes periodos de Buffon, tão celebre naturalista, como admiravel narrador.

« É no principio do verão que os castores se reunem, empregando os mezes de julho e agosto na construcção do dique e das habitações, e o de setembro em fazer a sua provisão de casca das arvores, e de ramos tenros, passando em seguida a desfructar o producto dos seus labores, gozando as doçuras domesticas. É chegado o tempo de repousar, ainda mais, a epoca dos seus amores. Não sendo estranhos um ao outro, já de antemão ligados pelo habito de se verem, e pelas fadigas e alegrias do trabalho em commum, nunca um casal se fórma, resultado do acaso, reunindo-se os dois unicamente para satisfação d'uma necessidade natural, e sim existindo escolha, a que preside o gosto. Passam juntos o outono e o inverno, contentes um com o outro, nunca se separam, vivem bem no seu domicilio, saindo apenas para passeiarem agradavelmente, ou por conveniencia, indo em busca das cascas verdes das arvores, que preferem ás que já estão seccas, ou demasiadamente embebidas pela agua.

Dizem que a gestação dura quatro mezes, e que tem os filhos no fim do inverno, de ordinario tres ou quatro ; por essa epoca os machos separam-se, vão para o campo gozar das doçuras e dos fructos que veem com a primavera, indo de tempos a tempos a casa, sem nunca lá ficarem. Só a mãe lá se conserva, occupada em aleitar, cuidar e crear os filhos, que no fim de algumas semanas podem sair, chegando-lhe então a sua vez de passeiar, restabelecer-se ao ar livre, comer as cascas tenras das arvores, o peixe e os caranguejos [1] e assim passam o verão nos bosques e nos rios.

Só de novo se juntam no outono, a

[1] Em nenhum outro naturalista encontramos que o castor se alimente de peixe, e temos que n'esta parte a narração de Buffon é menos exacta.

não ser que as innundações tenham rompido o dique ou destruido as cabanas, porque então reunem-se mais cedo para reparar os estragos.

Ha sitios que o castor habita de preferencia, e tem sido vistos alguns, a que por mais d'uma vez foram destruidas as moradas, voltarem todos os verões a reedifical-as, até que finalmente, cançados de ser perseguidos e dizimado o bando, tomam o partido de mudar de sitio, indo viver nas mais fundas solidões.

É principalmente no inverno que os caçadores os perseguem, porque n'essa estação a pelle é mais valiosa ; e quando depois de lhes haver arrazado os edificios, se apossam de um grande numero de animaes, o bando assim diminuido nunca mais se reconstitue, e o limitado numero de individuos que escapam á morte ou ao captiveiro dispersa-se, tornando-se fugitivos ; o genio, abatido pelo receio em que vivem, não se expande, e sepultam-se, elles e os seus talentos, n'uma tóca, onde baixando á condição dos outros animaes, levam vida receiosa, occupando-se tamsómente das suas mais instantes necessidades, e só exercendo as suas faculdades individuaes, perdendo para sempre as qualidades sociaes que acabamos de admirar».

Os nossos leitores, por certo, depois do que acabam de ler, vacillarão em julgar se os actos praticados por estes pequenos architectos se devem suppor filhos da intelligencia, se do instincto d'estes animaes. Vamos sobre este ponto transcrever alguns periodos de Figuier, que julgamos bastante conceituosos.

«Ha homens doutos, taes como Buffon, Frederico Cuvier, Izidoro Geoffroy Saint-Hilaire, Flourens, etc., que pretendem explicar pelo *instincto* os factos maravilhosos que acabamos de contar. (São os que o leitor conhece, pela descripção de Buffon).

Estes naturalistas declaram unanimemente que o castor faz as suas construcções por instincto, pelo simples prazer de edificar · é uma machina de construcção. Em apoio d'esta doutrina, Cuvier e Flourens citam o facto do castor ainda depois de captivo se divertir algumas vezes a edificar, sem *utilidade alguma*, accrescentam estes doutos pensadores.

Se tivessem encerrado Paganini n'uma prisão, teria elle tocado rebeca para se distrahir ; e se Rubens estivesse preso, haveria pintado para passar o tempo ; ora os que seguem a opinião dos sabios que acima nomeámos, devem concluir d'isto que Paganini era uma machina de tocar rebecca e Rubens de pintar.

Parece-nos superflua outra refutação mais séria á doutrina que recusa a intelligencia ao castor.

O castor deixa de edificar quando as condições da sua existencia, em harmonia com as quaes foi creado, se tornam impossiveis por qualquer razão. É assim que se explica porque os castores da Europa, que ainda restam, em logar de se reunirem para trabalhar e viver em commum, como os seus similhantes da America, se conservam isolados, habitando nas tocas. Por esta razão lhes chamam *castores de toca*.

Comprehende-se facilmente que a vizinhança do homem, as suas incessantes perseguições, e o vae-vem continuado que interrompe, entre os povos civilisados, a tranquillidade dos rios, sejam outras tantas causas poderosas, que perturbem da mesma fórma o socego d'estes roedores, obrigando-os a modificar os seus habitos.

É um facto triste e provado que o castor vae dessapparecendo cada vez mais, não só na Europa como na America. Tem sido tão desmedida a perseguição que se tem feito a este animal, que n'este ultimo seculo o numero tem consideravelmente diminuido, podendo calcular-se a epoca em que a especie deixará de existir.

O homem de tudo abusa, privando-se, por culpa sua, de prazeres que poderia gozar eternamente, tendo mão na sua cubiça.

«As sociedades de castores, diz Ernest Menault, existiram no nosso solo até quasi ao fim da edade media, não obstante as perseguições do homem. Á medida, porém, que este aperfeiçoou as suas armas e os processos de caça, os castores augmentaram de prudencia, de astucia e de sagacidade ; mas finalmente tiveram de ceder em frente das armas de fogo. A vida em commum tornava-se perigosa; foi pois necessario renunciar ás suas doçuras.

As familias despersaram-se, e como não encontravam bastante segurança nas suas cabanas, que attrahiam a attenção do homem, os castores procuraram um asylo nas fendas das rochas escarpadas, que bordavam as margens dos rios. Foi assim que este animal se privou da vida social, adoptando costumes e habitos que não

eram seus, creando industria nova, o pedreiro tornou-se mineiro, ao inverso do homem, que começando por se abrigar nas cavernas, mais tarde construiu a sua cabana á luz do dia, quando já não tinha que receiar dos animaes ferozes.»

Ernesto Menault, falando ácerca da intelligencia dos castores, e referindo-se a quatro d'estes animaes que vieram da America em 1868, para o Jardim das Plantas de Paris, diz d'elles o seguinte :

«São quatro, dois que foram dados pelo capitão Laynel, que os trouxe da Terra Nova, e que teem um anno, e os outros dois comprados a M. Douenel. Estão todos quatro alojados n'uma grande caixa de madeira, que tem uma abertura á borda d'agua.

Tão depressa os castores conheceram que as condições em que viviam eram favoraveis, metteram mãos á obra para tornar mais solida a sua habitação, e para defendel-a das injurias do tempo, e sem duvida para melhor se abrigarem. E deu-se um facto notavel, que não pode attribuir-se ao habito, nem unicamente ao instincto, e foi que os castores arrancaram a relva que cobria o pequeno prado que formava o seu dominio, e levaram-n'a para cima da cabana, pondo-a de modo que a cobriram completamente, formando-lhe uma especie de telhado, sobre o qual a agua corre, e assim os castores ficaram ao abrigo do frio e da bulha. N'uma palavra, executaram um trabalho especial, que não entra nos seus habitos.

Ainda outro rasgo da sua intelligencia. Do lado opposto á entrada da casa dos castores tinha-se feito uma abertura por onde lhes davam o sustento, pão e cenouras, e que lhes pareceu inutil, pode ser até que a julgassem pouco conveniente á sua segurança, e por isso trataram de fechal-a, fazendo-lhe uma parede de terra. Todos os dias o guarda lhe destruia o trabalho já feito, e todos os dias elles recomeçavam. Finalmente resolveu-se deixal-os socegadamente concluir a sua obra.

O sr. Milne Edwards, que tem com elles o maior cuidado, mandou dar-lhes ramos d'arvores, que elles se entretiveram a roer, levando os sobejos para a habitação, que estes intelligentes animaes conservam sempre muito asseiada, tendo o cuidado de atirar para fóra os excrementos.

Este inverno pensaram em tapar a entrada da cabana para se abrigarem do frio ».

O castor domestica-se perfeitamente, vivendo por muito tempo captivo; e comquanto a agua seja o seu elemento natural, póde viver afastado d'ella sem inconveniente. Um que Buffon possuia, diz Figuier, e que havia sido apanhado em pequeno no Canadá, manifestava até mesmo receio á vista da agua, e não queria entrar n'ella ; mas depois que o forçaram a tomar um banho d'alguns minutos, tomou-lhe o gosto, e d'ahi em diante ia patinhar cada vez que tinha occasião. Quando pedia de comer agitava as mãos, dando fracos gritos.

«Hearne possuiu, diz Brehm, castores que conservava presos durante muito tempo, vindo quando os chamava, seguindo-o como os cães, e gostando muito que os acariciassem. Quando os deixavam sós por algum tempo pareciam desassocegados, tornando-se alegres, pelo contrario, quando o dono lhes apparecia, trepando por elle, deitando-se-lhe sobre as costas, levantando-se nas pernas trazeiras, n'uma palavra, imitando o cão que manifesta a sua alegria por tornar a vêr o dono, depois de longa ausencia.»

Em diversas localidades, díz ainda o mesmo autor, teem querido impedir a extincção dos castores, e acclimal-os nos rios e nos lagos. Ainda existe uma colonia de castores em Rothenhof, na Bohemia, nas propriedades do principe de Schwarzenberg; outras colonias existem no castello de Hallbrunn, em Salzbourg e Schoenau, na Austria. Em Nymphenberg, na Baviera, ha muitos annos que ahi vivem castores e Lenz lá os viu em 1837.

Habitavam n'um pequeno lago, e haviam construido as suas cabanas em secco. Um d'elles vivia preso havia trinta e tres annos, outro havia trinta e um, e o guarda affirmou-lhe que um terceiro alli se conservára durante cincoenta annos.

Estes castores, diz Lenz, possuiam uma linda habitação, feita de grandes lascas de madeira de salgueiro, que haviam cortado com os dentes, como se poderia fazer com uma faca. Preferiam o salgueiro, a que comiam as folhas e a casca, a qualquer outra arvore, alimentando-se tambem de avellãs, pão e fructas.

Uma femea teve filhos cinco vezes, quatro vezes a dois e um d'outra

Diz Figuier que se teem feito experien-

cias para conseguir propagar o castor em domesticidade, pondo-o em condições de poder desenvolver os seus instinctos naturaes, facilitando-lhe para isso, por diversas maneiras, a manifestação d'esse instincto. Um ensaio d'este genero foi tentado pelo sr. Exinger de Vienna, nas margens d'um grande lago situado nos arrabaldes de Modlin, na Polonia, de que falou o *Boletim da Sociedade de Acclimação* de janeiro de 1866.

Os castores do sr. Exinger eram dos que viviam em tocas, e o seu observador póde estudal-os durante seis annos. Eram muito timidos, e só de tarde se atreviam a abandonar as suas moradas. Quando o inverno veiu, o sr. Exinger mandou cortar alguns salgueiros e choupos novos, que mandou collocar á borda do lago, com o tronco dentro d'agua. Logo que os primeiros frios se fizeram sentir, os castores arrastaram as arvores para o fundo do lago, enfileirando-as umas ao lado das outras, e entalando-as de maneira que formavam um todo solido e resistente.

O doutor Sacc, a proposito d'este facto, lembrou que seria uma maneira excellente de aproveitar os immensos pantanos do norte e leste da Europa, procurando que os castores ahi se estabelecessem e se multiplicassem. Para isso seria sufficiente plantar á borda dos pantanos as arvores favoritas dos castores, salgueiros, choupos, amieiros, etc. A empreza não seria dispendiosa, e daria uma fonte de riqueza para a Europa, que encontraria no seu territorio as pelles preciosas que tão caras compra presentemente na America.

Na Europa ainda existem colonias de castores edificadores. O facto foi conhecido em 1827 por um observador allemão, perto de Magdebourg, n'um dos confluentes do Elba. Os castores haviam-se reunido n'aquelle sitio, onde construiram trabalhos absolutamente eguaes aos dos castores da America.

Como bem se deve julgar, estas colonias são excessivamente raras, e excitam a mais viva curiosidade.

Os estragos que o castor causa são bem compensados pela utilidade dos productos que se obteem do animal. Havendo mais a notar que vive em paragens desertas, e que não destroe senão arvores novas das que crescem rapidamente.

A pelle, a carne, e o castoreo pagam não só os estragos que possa fazer, mas tambem todos os trabalhos e fadigas para o alcançar.

A pelle do castor, reduzida aos pellos mais curtos, é muito estimada, e isto desde os tempos mais remotos. Antes de se usar, tiram-se-lhe todos os pellos sedosos, de que se fazem chapeos de feltro, ou que se tecem para luvas, fitas e estofos. Uma pelle chega a fornecer 750 grammas d'estes pellos, que valem aproximadamente 12$000 réis. Uma pelle em bruto vale entre 6$000 e 13$500 réis.

O consumo hoje diminuiu consideravelmente, não só pelo uso que se faz actualmente das pelles d lebre e de coelho, ou porque os chapeos de seda teem substituido em grande parte os de feltro.

A carne do castor passa por ser excellente, sobretudo se o animal se alimentou de nenuphares[1], e a da cauda principalmente é tida como um manjar delicadissimo, pagando-se outr'ora uma por 2$200 réis. A egreja egualava a carne do castor á do peixe, e autorisava o seu uso na quaresma e nos dias de jejum.»

Além da pelle, o castor segrega um producto aromatico, chamado castoreo, de que se fazia uso na medicina como antispasmodico, e que é segregado por duas glandulas existentes na raiz da cauda.

OS MYOPOTAMOS

Les myopotames, dos francezes.

N'este grupo vae incluido este genero que não tem ainda logar certo na ordem dos roedores; mas que pelos costumes e caracteres dos individuos que o formam, é por muitos naturalistas collocado proximo dos castores.

Os *myopotamos* (ratos dos rios), que teem notavel similhança com os castores no tamanho, e nos pés da mesma fórma palmados, teem, porém, a cauda redonda como a dos ratos, e escamosa.

Este genero contém uma unica especie.

O COYPU

Le myopotame coypou, dos francezes

Este animal, a que damos o nome porque é geralmente conhecido, não só dos

[1] Planta aquactica.

naturalistas francezes, mas ainda dos inglezes e allemães, e para o qual não sabemos que haja nome em portuguez, tem aproximadamente um metro, incluindo n'esta extensão a cauda que não tem menos de $0^{m},33$.

O coypu faz lembrar o castor, nas formas do corpo; tem a cabeça larga, o focinho obtuso, orelhas pequenas e redondas, pés e mãos compridos, aquelles palmados, estas com os dedos livres, unhas grossas e recurvas, cauda comprida, grossa, escamosa e semeada de pellos grossos. Os dentes incisivos são muito fortes.

O pello é na base trigueiro cinzento, na ponta ruivo ou trigueiro amarellado, e os pellos mais compridos e sedosos são mais escuros que os curtos, ou pennugem, que fica coberta por aquelles; de ordinario as costas são trigueiras acastanhadas, as ilhargas ruivas claras, e o ventre trigueiro escuro. Ha alguns inteiramente ruivos, e todos, qualquer que seja o colorido geral, teem a extremidade do focinho e os beiços brancos, ou pardos claros.

A pelle do coypu, muito similhante á do castor, tem sido como a d'este animal empregada na industria de chapéos, sendo enviada aos milhares para a Europa, ainda mesmo antes que o animal fosse bem conhecido pelos naturalistas.

O coypu é frequente nas diversas provincias do Chili e em Buenos Ayres; encontra-se tambem no Paraguay e no Brazil, sendo porém n'estes dois paizes pouco vulgar.

«No dizer de Rengger o coypu frequenta as margens dos lagos e dos rios, preferindo comtudo as aguas paradas, onde vegetam as plantas aquaticas e que fórmam á superficie da agua uma camada de verdura com a resistencia necessaria para aguentar o peso do animal. Os coypus vivem aos pares, e cavam á borda d'agua uma toca com 1^{m} a $1^{m},20$ de profundidade, e $0^{m},50$ a $0^{m},65$ de diametro, na qual o macho e a femea passam a noite e parte do dia. É alli que a femea deposita os filhos quando nascem.

Este animal nada perfeitamente, mergulhando mal; em terra os seus movimentos são vagarosos, e tem as pernas tão curtas que o ventre quasi toca no chão. Só vae a terra para passar d'um rio para outro. Quando receia algum perigo salta para dentro d'agua e mergulha, e se o perseguem refugia-se na toca. E' pouco intelligente, e habitualmente medroso e desconfiado.

Ácerca da propagação d'estes animaes nada se sabe de positivo, e apenas que a femea tem de cada barriga entre quatro e seis filhos, que crescem rapidamente, e acompanham a mãe nas suas excursões. Caça-se o coypu nas vizinhanças de Buenos Ayres com cães adestrados a perseguil-o dentro da agua, até trazel-o ao alcance da espingarda do caçador, ou que o atacam e o trazem, apezar de se defender vigorosamente. Outras vezes preparam-se armadilhas nos sitios onde elle passa de preferencia, ou á entrada da toca.

No Paraguay só caçam este animal quando o encontram no caminho, e é difficil ao homem aproximar-se-lhe, porque ao mais leve ruido foge e esconde-se, e poucas vezes se consegue matal-o ao primeiro tiro. O pello, muito espesso, não deixa passar o chumbo, e ainda mesmo ferido o coypu escapa-se. Se o ferirem na cabeça vae para o fundo como um prego; e se o caçador não tiver um cão bom, póde julgar o animal perdido.

O coypu captivo conserva-se timido, aprendendo comtudo a conhecer o dono; mas se o apanharem já velho torna-se furioso, diligenciando morder, e recusa qualquer alimento que lhe dêem; por isso não póde conservar-se por muito tempo. N'estes ultimos annos foram trazidos para a Europa alguns, e existem no Jardim Zoologico de Londres.

«Wood diz do coypu, a que dá o nome vulgar de *castor dos pantanos*, que é animal vivo e agil, muito interessante para quem o observa. Nada tão bem como o castor, só com o auxilio dos pés, e serve-se das mãos habilmente.

Tenho muitas vezes assistido aos brinquedos dos coypus, e divertia-me vêl-os nadar, examinando com attenção tudo quanto encontravam. Se lhe atiravam com herva, agarravam-n'a com as mãos, sacudindo-a para lhe fazer cair a terra que vinha junta ás raizes, lavando-a depois tão bem, que qualquer lavadeira o não faria melhor.» (Brehm).

A caça ao coypu faz-se principalmente com o fim de lhe aproveitar a pelle, e os pellos curtos servem para fazer chapeos. O coypu, da mesma fórma que o castor, tende a desapparecer, pela grande destruição que se faz n'estes animaes, exportando-se grande quantidade de pelles.

Brehm conta que todos os annos se exportam de Buenos-Ayres para a Europa milhares de pelles d'este animal, pelles que se conhecem no commercio pelo nome de *lontras da America*.

Entre os diversos numeros que este autor cita, figura o de cincoenta mil pelles enviadas em 1830 para Inglaterra, pertencentes a coypus que viviam nos paúes que existem nas vizinhanças de Buenos-Ayres e Montevideo.

N'alguns pontos os indigenas comem a carne do coypu, considerando-a os catholicos como podendo ser comida sem quebra dos preceitos quaresmaes, substituindo d'este modo o peixe.

QUARTO GRUPO

OS RATOS

N'este numeroso grupo incluiremos, além dos *ratos propriamente ditos*, bem conhecidos por todos, os generos a que pertencem os diversos animaes que com elles teem analogia, conservando um certo ar de familia, e que vulgarmente se conhecem pela denominação geral de

Gr. n.º 131 — O coypu

ratos. São os que Linneo incluia no seu genero *Mus*.

OS RATOS PROPRIAMENTE DITOS

Estes animaes, entre todos da ordem dos roedores, são os mais conhecidos e os mais temidos pelos estragos que fazem. Teem seguido o homem por toda a superficie da terra, indo com elle estabelecer-se até mesmo nos pontos mais desertos, sendo esta affeição pela especie humana, que os leva a acompanhal-a por toda a parte, filha unicamente da sua conveniencia, porque não ignoram que onde o homem estiver ahi encontrarão com que se alimentar. Tornando-se os mais descarados rapinantes, são perseguidos sem treguas nem misericordia, sendo injustamente tidos como animaes repellentes, quando, pelo contrario, muitas especies são notaveis pela sua belleza e elegancia, e se não foram tão importunos, visitando-nos contra nossa vontade, despertariam bastante interesse.

Os ratos espalharam-se por todo o globo n'uma epoca não muito remota, e ha pontos onde ainda é conhecida a data em que alli appareceram. Hoje encontram-se por toda a terra, vivendo sem inconveniente em todos os climas, e assim se explica como elles habitam no interior de

navios, que vão d'um a outro hemisphe-rio, sem que nunca alli se extingua a es-pecie. Vamos em seguida descrever as es-pecies principaes.

O RATO GRANDE CASEIRO ORDINARIO, OU RATAZANA

Mus rattus, de Linneo — *Le rat noir*, dos francezes

O RATO DECUMANO CASEIRO

Mus norwegicus, de Linneo — *Le surmulot*, dos francezes

Vamos falar simultaneamente d'estas duas especies, porque os animaes que lhes pertencem teem os mesmos habitos e cos-tumes, differindo comtudo em viver o rato ordinario nos andares superiores dos edi-ficios, nos celleiros, nos armazens, em quanto que o rato decumano habita nos subterraneos, nas adegas, nos canos d'es-goto, nos canaes e á borda d'agua.

O rato decumano é o maior inimigo do rato grande ordinario, persegue-o por toda a parte, movendo-lhe a mais crua guerra, e assim este vae retirando na pre-sença d'aquelle, o maior e o peior dos ratos da Europa. D'esta fórma o rato grande ordinario ou ratazana tende a des-apparecer desde a invasão do rato decu-mano, havendo pontos, como em Ingla-terra, onde o primeiro já é excessivamente raro, sendo substituido pelo segundo.

Entretanto F. Cuvier affirma que as duas especies vivem em boa harmonia, nos sitios onde os alimentos forem abun-dantes.

O rato ordinario ou ratazana tem o fo-cinho agudo, a queixada inferior mais curta que a superior, olhos grandes e sa-lientes, grandes bigodes negros, orelhas ovaes, grandes, pardas e nuas. O pello em geral é comprido, na parte superior do corpo cinzento escuro, tornando-se mais claro á maneira que se aproxima do ventre, onde é cinzento claro; as pernas são escuras, pouco cobertas de pello, ten-do alguns brancos nos dedos, que são cin-co nos pés e quatro nas mãos, onde uma unha substitue o pollegar. A cauda é maior que o corpo, quasi nua, formada aproxi-madamente por duzentos e cincoenta an-neis escamosos, e de côr escura.

A ratazana tem de comprimento, in-cluindo a cabeça e o corpo, $0^{m},21$, dos quaes $0^{m},04$ pertencem á cabeça; a cauda mede $0^{m},22$.

O rato decumano tem a cabeça mais alongada, o focinho mais curto que a ra-tazana, olhos maiores, salientes, redondos e negros; na proporção as orelhas mais curtas e com algum pello, e a queixada inferior quasi egual á superior.

A parte superior do corpo é trigueira arruivada, com mistura de pellos pardos, e a inferior cinzenta clara ou esbranqui-çada; os pellos são em geral rijos e sem-pre eriçados, os pés quasi nus e a planta côr de carne. A cauda é mais curta que o corpo, quasi nua, coberta de pequenas escamas, formando pouco mais de duzen-tos anneis. A femea tem doze mamas.

O comprimento do corpo desde a ex-tremidade do focinho até á raiz da cauda é de $0^{m},28$, a cabeça mede $0^{m},07$ e a cauda $0^{m},21$.

Nas duas especies existem individuos todos brancos com olhos encarnados.

Não se sabe com exactidão d'onde a ratazana é originaria, parece porém que veiu da Asia, e que o grande numero que hoje existe na America e na Africa des-cende das que para ahi teem sido trans-portadas pelas embarcações, e que des-embarcando com as mercadorias, mais tarde se espalharam pelo interior dos continentes.

O rato decumano é indigena da India e da Persia, e veiu para a Europa pela via maritima, a bordo dos navios que faziam commercio entre esta parte do mundo e a Asia; é conhecida a data do seu apparecimento na Europa. Segundo affirmam alguns escriptores, a sua en-trada em Inglaterra data de 1730, e em França só em 1750 se deu pela sua exis-tencia.

Nós, os portuguezes, não deveriamos ser dos que menos concorressem para a introducção d'este animal na Europa, principalmente em Portugal e Hespanha, pelas frequentes relações maritimas que tinhamos com a India.

Já dissemos que ambas as especies teem habitos similhantes, e accrescentaremos agora que ambas vivem em toda a parte onde o homem estabelece a sua morada; sendo comtudo a ratazana a que mais se aproxima dos logares habitados. Com or-ganisação especial e apta para destruir, nada ha que possa oppôr-se a que pene-tre em toda a parte: para taes rapinantes não ha portas, fechaduras, nem muralhas. Se não existe passagem, abrem-n'a, seja atravez da mais forte prancha de carvalho ou do muro mais bem cimentado, bas-

tando que n'este a mais pequena pedra se desligue, para elles poderem atravessal-o.

A sua immensa voracidade torna-os muito nocivos; tudo lhes serve; não ha substancia de que o homem use para seu alimento, que os ratos não comam; e como se isto lhes não bastara, atacam os animaes vivos e mortos, devoram a carne em putrefacção, e os excrementos; as substancias vegetaes que não comem roem-n'as.

Levam a audacia a ponto de atacarem creanças dormindo nos berços, devorando-lhes partes do corpo.

E o homem não consegue livrar-se de taes inimigos, que se não fossem tão detestados seriam admirados pelo atrevimento e temeridade com que se atrevem a aproximar-se-lhe, sempre que percebem não haver outro inimigo de que mais tenham a recear, vindo quasi exercer as rapinas na sua presença.

«Conta Las Cases, diz Brehm, que no no dia 27 de junho de 1816, em Santa Helena, Napoleão I e os seus companhei-

Gr. n.º 132 — O rato decumano caseiro

ros não encontraram que almoçar; os ratos haviam-se introduzido de noite na cozinha, e devoraram tudo. Eram innumeros na ilha, e d'uma maldade e atrevimento extremos.

Poucos dias lhe foram necessarios para furar as paredes e os tabiques que dividiam a habitação imperial. Emquanto o imperador estava á mesa entravam na casa de jantar, e depois de finda a refeição era necessario travar contra elles uma verdadeira batalha.

Uma tarde indo o imperador a pegar no chapéo, saiu-lhe de dentro um grande rato. Os criados nunca conseguiram evitar que elles lhe comessem a creação, subindo até ás arvores para se apossarem dos passaros que alli dormiam.

As tripulações dos navios são as que mais razão de queixa teem contra estes roedores, e não ha embarcação que os não tenha, nem se consegue destruil-os quaesquer que sejam os meios que se empreguem.

«Nas viagens longas, diz Brehm, multiplicam-se de tal forma, se lhes não faltam os comestiveis, que o navio torna-se quasi inhabitavel. Quando Kane, na sua viagem aos mares polares, ficou detido no gelo, os ratos haviam-se por tal maneira

propagado, que os estragos tornaram-se consideraveis. Tendo-se resolvido afumal-os, fecharam-se todas as saidas, e largou-se fogo no porão a uma mistura de enxofre, coiro e arsenico, e a tripulação passou na tolda a noite de 30 de setembro.

No dia seguinte, conhecendo-se que o meio fôra improficuo, accenderam grande quantidade de carvão, esperando matal-os por esta fórma.

Alguns momentos depois o porão e a coberta estavam cheios de gaz acido carbonico, e dois marinheiros, tão imprudentes que se atreveram a descer, cairam asphyxiados, e com custo os poderam tirar; a luz d'uma lanterna apagou-se. Finalmente o fogo pegou no navio, e só á custa de grandes esforços, expondo mais d'uma vez a vida, o capitão e os marinheiros conseguiram apagal-o. No dia seguinte apenas encontraram vinte e oito ratos mortos, e os que sobreviveram continuaram a multiplicar-se a ponto de nada poder subtrahir-se ás suas rapinagens.

Comiam as vestiduras de pelles, o fato, o calçado, introduziam-se nas camas, entre a roupa, nas luvas, nos bonés e nos caixotes que continham as provisões, devorando-lhe o conteudo. N'estas circumstancias, empregou-se outro meio.

Desceram ao porão um dos melhores cães que havia a bordo, mas em breve, pelos uivos que o animal dava, conheceram que não era elle que levava a melhor com os ratos, e indo buscal-o viram que os terriveis roedores lhe haviam roido os pés.

Mais tarde appareceu um esquimau que se offereceu para matar os ratos ás frechadas, e com tal arte desempenhava o seu mister, que Kane, que comia os ratos cozidos, teve carne fresca todo o inverno. Por fim um raposo que haviam apanhado foi encerrado no porão, onde parecia viver muito commodamente dos ratos que apanhava em sufficiente quantidade.»

Os ratos são eximios em todos os exercicios corporaes: correm com rapidez, trepam admiravelmente ainda pelas superficies mais lisas, nadam como o mais habil nadador, dão saltos extensos, e sabem até cavar a terra quando lhes é necessario. O rato decumano é comtudo mais forte e dextro que a ratazana, mais habil em todos estes exercicios, e mergulha, conservando-se debaixo d'agua por muito tempo.

De todos os sentidos o mais apurado é o ouvido; segue-se o olfato, e a vista não é das peiores; parece que o gosto não é nullo, por quanto ao encontrarem-se em sitio onde existam diversas especies de comestiveis, não é por certo aos peiores que dão a primazia. Deve-se accrescentar que se lhes não póde recusar uma tal ou qual intelligencia.

Os nossos leitores sabem que não é raro encontrar correndo as cidades certos pelotiqueiros que exhibem ratos adestrados, que fazem determinadas habilidades á voz do dono, prova de que estes animaes são susceptiveis de ensino, e sobretudo de se habituarem ao homem, com quem vivem nas melhores relações.

Conta Figuier que o cavalheiro de Latude, celebre pelo seu longo captiveiro na Bastilha, era de noite fortemente perseguido pelos ratos que lhe andavam sobre a cara, e que por vezes o mordiam a valer. Como não podesse destruil-os, resolveu entrar em relações amigaveis com os seus importunos vizinhos.

Principiou offerecendo pão a um, tendo sempre em vista não o assustar por algum movimento mais repentino, e pôde conseguir que ao fim de tres dias o rato se familiarisasse com elle, vindo buscar o alimento á mão do prisioneiro. Tinha conseguido o mais difficil. O exemplo d'este fez com que viessem outros, que se não mostraram mais bravios, e ainda não haviam decorrido quinze dias já a sociedade se compunha de dez ratos, que foram nominados por Latude. Quando os chamava corriam para junto d'elle, deixando apanhar-se sem receio, mostrando até que lhes era agradavel que os coçasse por baixo do pescoço, não querendo porém que lhes tocasse nas costas.

«Vinham comer commigo no prato, conta o infeliz prisioneiro, mas como esta liberdade me parecera demasiada, vi-me na necessidade de lhes pôr um talher á parte, para assim lhe pôr termo.» No fim de um anno a familia compunha-se de vinte e seis ratos.»

Estes animaes propagam-se extraordinariamente, e a femea tem filhos muitas vezes no anno, doze e mais de cada vez, e em pouco tempo estes estão aptos para concorrerem para a reproducção da especie. A *polygamia* é seguida pelos machos, que em nada se occupam da sustentação e creação dos filhos. Em vista d'esta enorme propagação, os ratos tor-

nar-se-hiam uma praga terrivel, se não existissem poderosos meios de destruição, que limitam tão nociva multiplicação. Certas aves de rapina, as corujas, os mochos, os tartaranhões, o tourão, a doninha, o gato e o cão, são inimigos terriveis do rato, e elles proprios se destroem uns aos outros, devorando-se mutuamente quando se guerreiam por causa da posse das femeas, ou principalmente na falta de alimentos sufficientes. O rato não tem duvida em devorar os proprios filhos.

O gato é um dos seus inimigos e o mais terrivel, pela tenacidade com que os persegue, não lhes deixando um momento de socego; vaguea de noite e de dia em sua perseguição sem que o mais leve ruido o denuncie, esquadrinhando todos os buracos, e todos os cantos que lhe pareçam suspeitos. Os ratos temem um tal vizinho, e basta muitas vezes a presença do gato para que elles tratem de emigrar, indo em busca de sitio mais asado ás suas rapinas.

Ha entretanto gatos que não atacam as ratazanas; e os ratos decumanos, que muitas vezes chegam a ter 0^{m},30 de comprido, não teem duvida em medir-se com elles. Para estes é necessario o bull-dog e o terrier.

Brehm, na sua *Vida dos animaes*, fala de uma doença muito curiosa que ataca estas especies de ratos, e que consiste n'um grande numero de individuos se ligarem pelas caudas, que ficam como que soldadas umas ás outras. Diz este escriptor que é desconhecida a causa d'este phenomeno, julgando-se ser resultado de uma exsudação especial da cauda que colla estes orgãos, e assim por vezes apparece grande numero de ratos presos uns aos outros, não podendo mover-se, sendo alimentados pelos seus similhantes.

Lenz conta o seguinte ácerca d'este facto:

«Em Doellstedt, aldeia a duas milhas de Gotha, encontraram-se em dezembro de 1822 dois d'estes grupos de ratos assim ligados. Tres malhadores que estavam n'um palheiro ouviram chiar de mansinho, e indo em busca da causa, encontraram na cavidade d'um barrote quarenta e dois ratos vivos. A cavidade havia sido provavelmente aberta por elles, tinha aproximadamente 0^{m},15 de profundidade, e nas proximidades não se encontrou nem excrementos, nem sobejos de qualquer alimento. Era de facil accesso aos ratos, e todo o anno estava coberta com palha.

Um dos criados que ajudára os malhadores n'esta busca, tirou para fóra os ratos, que não podiam ou não queriam abandonar a sua morada, e esses homens observaram que vinte e oito ratos compunham um grupo, presos uns aos outros pela cauda, formando um circulo á roda do ponto onde as caudas se soldavam, e os quatorze restantes apresentavam egual disposição.

Os quarenta e dois ratos pareciam todos esfomeados, chiando continuadamente, mas de resto parecia gozarem excellente saude. Eram do mesmo tamanho, e por elle se podia calcular terem nascido na primavera passada.»

Os ratos não teem utilidade alguma, e nada dão ao homem em troca dos estragos que lhe causam, a não ser quando a necessidade o obriga a aproveital-os como alimento. Em mais d'uma occasião estes roedores teem sido um recurso precioso; que o digam os que no mar se teem visto forçados, na falta de mantimentos, a recorrer á carne dos ratos para se alimentarem; ultimamente ainda, no cerco de Paris pelos prussianos, o rato chegou a ser, como em muitos casos similhantes, um verdadeiro acepipe.

Só, pois, em casos extremos o rato póde ser d'algum proveito ao homem.

O RATO PEQUENO CASEIRO ORDINARIO

Mus musculus, de Linneo—*La souris domestique*, dos francezes

Este animal é similhante aos ratos que acabamos de descrever, com quanto seja mais pequeno, mais elegante e mais bem proporcionado; mede de comprimento incluindo o corpo e a cabeça 0^{m},12, e de cauda tem 0^{m},11. O pello é pardo trigueiro levemente misturado de pardo amarellado, tornando-se mais claro á maneira que se aproxima do ventre; as pernas são cinzentas.

O rato pequeno tem *physionomia* agradavel e espirituosa; é um animal que, bem observado, se póde considerar dos mais interessantes. O olhar tem tal expressão de vivacidade, que apraz observal-o, e é bastante curioso vêr este animal, n'um contínuo vae-vem, brincando e saltando, n'alguma parte onde se julgue a salvo de todo o perigo.

Com toda a sua gentileza, porém, estes animaes não são mais estimados que

os seus congeneres, de que ha pouco falámos, tornando-se desagradaveis porque nada lhes está ao abrigo dos dentes, e o seu atrevimento eguala bem a sua voracidade e gulodice. Peiores que as ratazanas, vão aonde aquellas não podem introduzir-se.

O rato pequeno não vive unicamente nas casas; encontra-se da mesma fórma nos quintaes e no campo, e o mais pequeno buraco ou fenda lhe serve de habitação ou centro das suas excursões.

Domesticado, diz Brehm, é um animal muito vivo e esperto, que corre com grande rapidez, trepa maravilhosamente, dá grandes saltos, andando ás vezes aos pulos. Quando se observa o rato pequeno preso, é facil ver com que ligeireza executa todos os movimentos.

Se perde o equilibrio quando caminha sobre um pau ou uma corda estendida, enrola-lhe a cauda para se segurar, como fazem os outros animaes de cauda prehensivel, e segue o seu caminho. Toma as mais encantadoras posições, e todos os seus movimentos são graciosos. Levanta-se sobre as pernas trazeiras, apoiando-se um pouco sobre a cauda, e póde assim dar alguns passos. Sabe nadar, mas só em caso de necessidade se atira á agua.

Todos os sentidos são apurados: ouve o mais leve ruido, o olfato é excellente, e vê bem, parece que melhor de noite que de dia.

Seria estimado pelo seu bom caracter, se não fossem os roubos e outros prejuizos de que tão amiudadas vezes se torna culpado, e que não podem ser-lhe perdoados. E' docil, inoffensivo, e n'este ponto não se assimilha á ratazana; tão curioso que tudo examina com o maior cuidado, alegre, prudente, percebendo facilmente quando o poupam, e habituando-se ao homem, correndo por diante d'elle, sem que lhe sirva de estorvo para a execução dos seus actos.

Se o fecham n'uma gaiola, no fim de alguns dias, sendo já velho, domestica-se facilmente, e sendo novo, torna-se o mais manso de todos os roedores. N'estes animaes dá-se uma circumstancia bastante curiosa, e é a sua predilecção pela musica, que os obriga a sair dos buracos, fazendo-lhes perder o medo. Em pleno dia apparecem na casa onde se estiver tocando qualquer instrumento.

Ha quem diga que de noite, se se deixar o piano aberto, gostam de correr sobre as teclas e sobre as cordas, para assim satisfazerem a sua paixão musical.

Este animal multiplica-se por fórma extraordinaria, porque tendo filhos cinco ou seis vezes por anno, póde ter de cada vez oito, o que dá, pelo menos, um total de quarenta individuos por anno. Assim se explica o grande numero d'estes animaes, não obstante a destruição que lhes faz o homem, e todos os animaes que os perseguem, taes como o gato nas habitações, o mocho nas ruinas, e no campo o tcurão, a doninha, o ouriço e o musaranho.

Terminaremos a descripção d'este roedor tão conhecido dos leitores, dizendo que a femea tem muito cuidado nos filhos, e que por elles arrosta os maiores perigos. Ha um exemplo bem frisante do seu amor maternal no seguinte caso referido por Weinland:

«Foi encontrado um dia um ninho de ratos pequenos, onde estava a mãe e nove filhos; podendo ella fugir, não fez o mais pequeno movimento. Pozeram n'uma pá os filhos e a rata, e esta deixou-se ficar, e assim a levaram para o pateo, descendo bastantes degraus, sem que a mãe abandonasse os pequenos.»

O RATINHO ARRUIVADO DOS MATTOS

Mus sylvaticus, de Linneo — *Le mulot*, dos francezes

Este animal parece-se com o rato pequeno, tem a parte superior do corpo mais ou menos arruivada, o ventre e as pernas brancas, passando nas ilhargas de uma a outra côr sem transição. As orelhas são grandes e negras nas extremidades, a cauda escura na parte superior e branca na inferior. Tem de comprimento, incluindo a cabeça e o corpo, $0^{m},10$, e a cauda, $0^{m},08$. O ratinho dos mattos vive em todos os paizes da Europa, á excepção dos situados mais ao norte.

A residencia habitual d'este roedor é no campo, principalmente nas florestas, nos quintaes, e menos vezes nos campos descobertos. No inverno procura a habitação do homem, preferindo os andares superiores.

O seu regimen então é egual ao do rato pequeno caseiro; no campo alimenta-se d'insectos, vermes, até mesmo dos passarinhos que encontra nos ninhos, de fructos, glandes, e em caso de necessidade da casca de arvores, tornando-se verdadeiramente nocivo, já tirando debaixo da

terra as sementes que ahi se lançaram, ou roendo a casca das plantas novas, e destruindo-as por esta fórma. As searas soffrem com estes animaes, que cortam as espigas para comerem uma parte do grão, estragando o restante.

Teem o cuidado de se fornecerem de provisões para o inverno, embora não sejam sujeitos ao somno hibernal, como outros animaes de que já falámos, e unicamente para se prevenirem para os dias do inverno. O seu deposito é feito em buracos que elles cavam na terra, dando-lhes a profundidade de 0,^{m}30 aproximadamente, e que são feitos onde o matto seja bem espesso.

E' tão esperto e agil como o rato pequeno caseiro, mas differe d'este em ser mau e carnivoro ; nas habitações não tem duvida em atacar os passaros que encontrar nas gaiolas, e estrangulal-os para os devorar. Os manjares que mais lhe agradam, quando os não come, ou não póde leval-os, cobre-os de palha e de pedaços de papel.

As femeas teem filhos muitas vezes no anno, e de cada vez nove e dez, que nas cem com os olhos fechados.

Gr. n.° 133 — O ratinho arruivado dos mattos — O ratinho agrario

O RATINHO AGRARIO

Mus agrarius. — Le rat agraire, dos francezes.

Este rato tem o focinho mais pontudo que o do rato pequeno caseiro, a cabeça mais obliqua, orelhas arredondadas e mais curtas, pello arruivado na parte superior do corpo, onde lhe corre pelo dorso uma risca preta, estreita, desde a cabeça até á raiz da cauda ; o ventre e as patas são brancas, pernas muito delgadas, e cauda pouco mais comprida que metade do corpo, delgada, escura na parte superior e esbranquiçada na inferior. Mede 0,^{m}11 de comprimento no corpo, e a cauda 0,^{m}09.

Este roedor vive na Europa central, na Russia da Europa e da Asia, e é muito commum na Siberia.

Habita nos campos, nas orlas das florestas, entre o matto pouco cerrado, indo no inverno procurar abrigo nos palheiros, nas cavallariças e nos estabulos. Não é tão destro e agil como a especie de que antecedentemente falámos, mas é mais docil.

O seu alimento principal são os grãos, as plantas novas, os tuberculos, os insectos e os vermes, e, como o ratinho dos mattos, arrecada as provisões para o inverno. No verão a femea tem tres ou quatro vezes filhos, quatro a oito de cada vez.

O RATINHO ANÃO

Mus minutus. — La souris naine, dos francezes.

Entre todas as especies de ratos, algumas que comprehendem animaes notaveis pelas suas fórmas elegantes, nenhuma apresenta um animal mais engraçado e mais bonito que o ratinho anão. E' entre todos o mais vivo, o mais esperto e o mais destro. Não tem mais de 0,^{m}08 de comprimento do focinho á raiz da cauda, e esta 0,^{m}06 de comprimento. Mais pequeno do que este mamifero só existe na ordem dos insectivoros o musaranho etrusco.

A côr do pello é muito variavel, mas d'ordinario é ruiva na parte superior do corpo, mais clara nas ilhargas, perfeitamente branca no ventre e no peito.

O ratinho anão vive nos paizes temperados da Europa, mas é frequente em França, na Belgica, e em Inglaterra encontrando-se tambem na Russia e na Siberia.

A. Brehm descreve pela seguinte fórma este animal, muito interessante pelos seus

Gr. n.º 134 — O ninho do ratinho anão

habitos, e que principalmente se torna notavel pela perfeição com que construe o ninho, verdadeiro primor d'arte.

«O ratinho anão encontra-se em todos os campos cultivados, nos cannaviaes, entre os juncos, é no verão em companhia do ratinho dos mattos e do agrario por entre as searas. No inverno abriga-se entre as pilhas de madeira ou nos palheiros.

Durante os frios mais rigorosos dorme, sem comtudo cair em lethargia, e alimenta-se das provisões que arrecadou no verão, prevenindo-se para quando ellas escasseiam no campo. Como todos os seus congeneres, sustenta-se de hervas, grãos e insectos de qualquer especie.

No que, porém, o ratinho anão leva a palma a todos os mamiferos, pondo-se á altura dos passaros, é na construcção do ninho; parece que a toutinegra ou a carricinha lhe deram lições. O ninho tem a fórma arredondada, da grossura d'um pulso ou d'um ovo de ganso, e, em harmonia com o logar onde foi construido, é situado sobre vinte ou trinta folhas d'uma planta da familia das gramineas[1], reuni-

[1] Uma das familias do reino vegetal, que comprehende as plantas vulgarmente conhecidas por hervas e cereaes.

das de fórma que o envolvem por todos os lados, ou então suspenso a um metro do solo, nos ramos d'um arbusto, ou n'um caniço, e balouçando-se no ar. A cobertura exterior é formada de folhas de canna, ou d'outra graminea, sendo as hastes a base de todo o edificio. O pequeno architecto pega nas folhas com os dentes, divide-as em seis, oito e dez tiras, que entrança ou de certo modo tece, por fórma digna de menção. O interior é tapizado com a pennugem da parte superior das cannas, com amentilhos e petalas das flores, e a entrada é pequena e lateral. Todas as diversas partes de que se compõe o ninho estão por tal fórma ligadas, que o tornam bastante solido.

Se compararmos os meios de que dispõe o rato, ao qual falta o bico que possuem os passaros, muito mais apropriado para a execução de tal trabalho, não nos cançaremos de admirar esta construcção, e vemo-nos obrigados a conceder ao ratinho anão habilidade superior á que tem muitas aves.

Sendo o ninho feito, pelo menos em grande parte, com as folhas dos vegetaes que lhe servem d'apoio, resulta d'esta cir-

Gr. n.º 135 — O rato da Barbaria

cumstancia ser da mesma côr que as plantas no meio das quaes está construido. O ratinho anão só d'elle se serve para depositar os filhos quando nascem, sendo por isso muito curto o tempo que ahi vive, e os filhos abandonam-n'o ainda antes que as folhas de que o ninho é formado tenham seccado, tomando côr diversa do resto da planta.

As femeas mais velhas construem os ninhos mais perfeitos que as mais novas, mas estas procuram imital-as, e no anno seguinte fazem-n'os tão solidos e regulares como aquellas.

Parece que a femea do ratinho anão tem filhos duas ou tres vezes cada anno, entre cinco e nove de cada vez; a mãe tem todo o cuidado em conserval-os bem abafados, fechando a entrada do ninho todas as vezes que sae em busca d'alimentos.

Ás vezes, quando desmama uns, nascem outros, porque a gestação n'estes animaes dura apenas vinte e um dias. Tão depressa os pequenos estão em estado de prover á sua alimentação, a mãe abandona-os.

Se alguem consegue surprehender um d'estes animaes, ao sair do ninho pela vez primeira com a sua progenie, póde ter a certeza de presencear uma das mais encantadoras scenas de familia. Por mais destros que sejam os ratinhos anões, não

podem dispensar-se, ao entrar no mundo, de que a mãe os dirija; é vêl-os então trepados sobre o restolho, chamando este pela mãe, aquelle pedindo-lhe de mamar, e emquanto uns se lavam e se asseiam, outros seguram entre as mãos um grão de trigo que buscam roer; se algum mais debil se deixa ainda ficar no ninho, em compensação o mais forte, quasi sempre um macho, já vae longe do grupo, e vê-se nadando nos charcos onde nascem os juncos. N'uma palavra, a familia entra em plena actividade, e a mãe lá está no meio dos filhos, vigiando-os, prestando-lhes o seu apoio, chamando-os, e servindo-lhes de guia.

Estes animaes domesticam-se sem difficuldade, e é facil sustental-os dando-lhes grãos, carne e moscas, que elles seguram com as mãos para comer.

O RATO DA BARBARIA

Mus Barbarus, de Linneo — *La souris de Barbarie*, dos francezes.

Esta especie é bonita pelo colorido da pelle, amarella trigueira ou amarella ruiva, com uma facha longitudinal que, partindo da cabeça pelo dorso, segue até á raiz da cauda, existindo outras dos lados, que lhe correm parallelas, trigueiras escuras; o pello do ventre é branco. As orelhas são curtas e nuas, os bigodes pretos com a extremidade branca, e a cauda trigueira escura na parte superior e trigueira amarellada na inferior.

Mede este animal $0^{m},10$ de comprido, e a cauda é pouco mais ou menos do comprimento do corpo.

O rato da Barbaria habita o norte e o centro da Africa, onde substitue as especies da Europa, até mesmo nos estragos que faz. Depois da conquista da Argelia, tem sido transportados alguns para França, onde se dão perfeitamente.

Este animal tem os mesmos habitos dos ratos da Europa, alimenta-se de diversas substancias vegetaes, e como alguns dos seus congeneres arrecada uma certa quantidade de provisões, que lhe servem para os dias frios e tempestuosos do inverno.

E' destro, agil, e tão gracioso e elegante como são em geral todos os ratos.

OS CRICETOS

Les Hamsters, dos francezes

Este genero, que comprehende algumas especies, é composto de animaes, pouco mais ou menos do tamanho do rato grande casciro, tendo porém o corpo mais refeito, pernas curtas, cauda muito pequena, e se distinguem principalmente pela existencia de grandes papos nos dois lados da bocca, abertos nas bochechas, e que se estendem quasi até ás costas. Teem estes roedores cinco dedos nos pés e quatro nas mãos.

Pela especie de que adiante vamos fallar, podem conhecer-se os habitos e genero de vida d'estes animaes.

O RATO CRICETO DO NORTE

Mus cricetus, de Linneo. — *Le Hamster ordinaire*, dos francezes

Este animal tem a cabeça, em proporção, maior que a do rato ordinario, olhos salientes, orelhas muito compridas, quasi nuas, pescoço curto, a parte superior da cabeça, do pescoço, das costas, e as ilhargas trigueiras arruivadas; nas faces uma malha amarella, bocca branca, ventre e pernas pretas, os quatros pés brancos, e uma malha branca no peito.

O colorido d'estes animaes soffre grandes alterações, existindo alguns completamente pretos, outros pretos com a parte inferior do pescoço branca, e até alguns todos brancos.

O rato criceto, que em França é conhecido vulgarmente por *marmota d'Allemanha*, habita nos paizes do centro da Europa: na Russia, na Polonia e na Allemanha, e outr'ora em França, quando a Alsacia lhe pertencia. Na Asia encontra-se tambem na Siberia e na Tartaria.

Este roedor procura de preferencia os campos cultivados, fugindo das florestas e dos logares pantanosos; nos sitios onde vive em condições favoraveis, propaga-se por tal fórma, que se torna um verdadeiro flagello.

Conta Lenz, «que no termo de Gotha, onde o criceto parece viver muito á sua vontade, foram mortos, em 1817, 111:817 animaes d'esta especie, e de 1818 a 1828, 129:754, devendo notar-se que estes numeros se referem aos animaes que eram presentes ás autoridades encarregadas de premiar quem os destruisse; addicionan-

do-lhes ainda os que seriam victimas de outros animaes, seus inimigos, e os que morriam por diversas causas, de que as autoridades não tinham noticia, poder-se-ha fazer idéa da extraordinaria propagação dos individuos d'esta especie.»

A habitação do rato cricetо merece descripção minuciosa, e vamos por isso transcrevel-a tal qual a faz A. Brehm:

«A toca do cricetо ordinario é construida com bastante arte. Consiste n'uma grande cavidade, situada á profundidade de um a dois metros, com um corredor de saida obliquo, e outro de entrada vertical. Este compartimento principal, que é o quarto de dormir do animal, communica com outros, que são os depositos de provisões, por galerias muito fundas. As tocas apresentam fórma diversa, conforme a edade e o sexo do animal, sendo as dos novos mais pequenas e mais á superficie da terra, emquanto que as das femeas são maiores e as dos machos já velhos muito vastas e situadas a maior profundidade. A toca do cricetо conhece-se facilmente por um monticulo de terra

Gr. n.° 136 — Os cricetos

existente na frente do corredor da saida, e geralmente coberto de grãos de trigo.

O corredor d'entrada é, como já dissemos, vertical, e muitas vezes póde-se alli introduzir um pau de 1 ou 2 metros de comprimento; mas não vae dar em linha recta ao quarto de dormir, fórma uma curva primeiro, e segue depois obliqua ou horisontalmente até áquelle compartimento; o corredor de saida, ao inverso, é sempre sinuoso. As duas aberturas distam pelo menos $1^{m},20$ uma da outra, e algumas vezes até $1^{m},50$ a 2 metros.

Conhece-se facilmente quando uma toca é ou não habitada: se a entrada estiver obstruida pelo musgo, pelos cogumellos, ou pela herva, e as paredes arruinadas, certo é que o cricetо a abandonou; no caso contrario estaria limpa e bem conservada, como é seu costume fazer. Quando uma toca é habitada ha muito tempo, as paredes chegam a ser polidas pelo roçar continuo do corpo do animal.

As aberturas que servem de entrada e de saida á toca são sempre maiores que os corredores que se lhes seguem, e estes teem quando muito de $0^{m},05$ a $0^{m},08$ de diametro. Os diversos compartimentos va-

riam de tamanho, sendo o que serve de habitação propriamente dita o mais pequeno, e tapizado de palha fina, que serve de cama, e bem macia, ao animal; as paredes são lisas e polidas. Tres corredores alli vão dar: um que serve d'entrada, outro de saida, e o terceiro que conduz ao armazem das provisões, que na fórma é egual ao quarto de dormir, oval ou arredondado, arqueado na parte superior, e com as paredes lisas. No fim do outono encontra-se o armazem sempre cheio de trigo.

Os cricetos novos só construem um deposito de comestiveis, os velhos tres até cinco, onde se encontram de 2 a 4 hectolitros de grão. Muitas vezes o criceto tapa com terra o corredor que conduz ao deposito das provisões, outras vezes enche-o tambem de grãos, e ficam por tal fórma calcados, que quando alguem encontra a toca do criceto, precisa, para se apossar das provisões que ella contém, fazer uso da enxada.

A toca das femeas differe da que acabamos de descrever, porque, tendo como esta uma unica saida, tem de duas a oito entradas, servindo só uma emquanto os filhos não estão no caso de poder sair, porque chegada esta epoca servem todas. O quarto de dormir é circular, com $0^m,33$ de diametro e $0^m,08$ a $0^m,14$ de altura, guarnecido com uma camada de palha miuda, e d'alli partem tantos corredores quantas são as aberturas para o exterior, e estes corredores ás vezes communicam entre si. Os depositos para provisões são raros, porque a femea emquanto vive com os filhos não trata de arrecadal-as.»

O criceto, que apparentemente figura ser um animal pesado, é bastante agil, caminha quasi de rastos como o ouriço, dando passos miudos; mas tão depressa o excitam move-se com rapidez, dando grandes saltos, trepando perfeitamente, principalmente se fôr em sitio onde possa amparar-se dos dois lados, como por exemplo entre uma parede e um movel, ou por um canto de uma caixa, e a mais pequena saliencia lhe serve para se segurar.

Cava habilmente com as mãos, empurrando a terra para debaixo do ventre, e atirando-a depois com os pés para traz, até que juntando determinada quantidade, a leva para fóra da toca, caminhando de recuo. Não gosta de se metter na agua, mas sabe nadar, e com rapidez, acompanhando este acto com repetidos guinchos, que attestam quanto este exercicio lhe é desagradavel.

Serve-se habitualmente das mãos, não só para limpar e alisar o pello, mas tambem para levar o comer á bocca, esfregar as espigas até que larguem os grãos, e arrecadal-os depois nos papos que tem nas bochechas.

O criceto é um animal irascivel e mau, sempre prompto a arreganhar os dentes, e como não seja menos corajoso que mau, atira-se a qualquer animal que o ataque, e se tiver por inimigo um cão que não seja dos mais habeis em apanhar e estrangular ratos, a victoria pertence-lhe.

Conta Brehm «que o criceto ataca até mesmo o homem, e algumas vezes sem que este o provoque. Basta que alguem passe tranquillamente proximo d'uma toca onde esteja o criceto, para que este se lhe arremesse subitamente, ficando dependurado do fato. Os cavallos não escapam ás suas mordeduras. Quando os cricetos são levados por alguma das aves de rapina, que costumam perseguil-os, não deixam de resistir procurando defender-se. Presa a que elles deitem os dentes, só a largam quando a vida os abandonar.

Comprehende-se que um animal de tão má indole com todos viva mal. Os pequenos, desde que teem attingido um certo crescimento, não podem viver com a mãe, e o macho fóra da epoca do cio mata a femea. E' raro vêl-os viver juntos em boa harmonia, ainda mesmo presos; os velhos guerreiam-se constantemente, e só os novos manteem relações um pouco mais amigaveis.»

O criceto é omnivoro; todas as substancias fornecidas pelo reino vegetal lhe servem de alimento: hervas, fructos de toda a qualidade, raizes, etc., tudo lhe convém, não deixando por isso de atacar os passaros novos, os ratos pequenos, os lagartos, as cobras, e os insectos, dos quaes da mesma fórma se alimenta. Quando apanha um passaro, arranca-lhe as azas, e, matando-o com uma dentada na cabeça, devora-o.

A epoca do cio d'este animal é no mez de abril, e então o macho procura a femea na toca, vivendo os dois por algum tempo em boa harmonia, dando provas de mutua affeição, e até em caso de perigo prestando-se auxilio. Se um macho encontra outro na toca da femea, é certa entre ambos a luta, que só ter-

mina pela morte ou pela fuga do mais fraco. As boas relações do macho e da femea duram pouco, porque ainda antes que esta tenha os filhos, já ambos se separaram, tornando-se tão estranhos um ao outro como se nunca se houveram visto.

Quatro ou cinco semanas depois da reunião de dois individuos de sexo differente, a femea tem de seis a oito filhos, que nascem com os olhos fechados, mas já com dentes, e que deposita na sua toca, em sitio convenientemente preparado, tendo em vista que seja macio e abrigado, e tratando-os com bastante carinho. Quando já teem quinze dias de nascidos, a mãe emancipa-os, pondo-os fóra da toca, para que cada qual vá tratar da sua vida, o que aliás lhes não é difficil, por que ainda com os olhos fechados já sabem trincar, com os dentes bem agudos, um grão de trigo que encontrem, levando-o á bocca com as mãos. A femea tem filhos duas vezes no anno, a primeira no mez de maio.

Pelo meiado do outono o criceto abri-

Gr. n.° 137 — O hydromyo amarello

ga-se na toca, tapa todas as entradas, e alli se conserva até á primavera, alimentando-se então das provisões que fez no verão; se a temperatura baixa consideravelmente, enrola-se e dorme com o somno lethargico dos animaes hibernantes, de que só accorda em fevereiro ou março.

É bastante curioso observar o criceto no momento de fazer as suas provisões, que de ordinario é ao nascer do dia, ou então nas primeiras horas da noite. Entrando nas searas, com as mãos verga o pé da planta, corta-lhe a espiga com os dentes, e depois, segurando esta entre as mãos, dá-lhe voltas, apertando-a até que os bagos se soltem do involucro, introduzindo-os nas bochechas para ir despejal-os no logar onde estabelece o deposito de comestiveis. De cada vez póde o criceto levar o peso de cem grammas de bagos de trigo.

O criceto é um animal bastante nocivo aos agricultores, que o perseguem encarniçadamente em toda a parte onde vive, e que em troca dos estragos que faz só tem de utilidade a pelle, que se aproveita para objectos de vestuario, e a carne, que n'algumas localidades é aproveitada pelo homem como alimento.

OS HYDROMYOS

Les hydromys, dos francezes

Este genero tem analogia com os myopotamos, que já descrevemos, pelo seu genero de vida; as suas fórmas, porém, são similhantes ás dos ratos. Teem a cabeça alongada, o focinho obtuso, pernas curtas, cauda comprida, orelhas arredondadas, cinco dedos nas mãos e nos pés, e os d'estes muito compridos e reunidos por uma membrana larga, um pouco felpuda. Grandes bigodes fortes e tão compridos como a cabeça.

A especie mais conhecida d'este genero, é a seguinte.

O HYDROMYO AMARELLO

Hydromys chrysogaster — Le hydromys a ventre jaune, dos francezes.

Este animal tem o tamanho d'um coelho pequeno; o pello das costas é trigueiro escuro, luzidio, mosqueado de ruivo, o das ilhargas e do ventre amarello claro, em volta da bocca esbranquiçado; bigodes negros, cauda trigueira escura com a extremidade branca.

O hydromyo é natural da Oceania, e encontra-se nas ilhas do estreito de Bass e na terra de Van-Diemen.

Os seus habitos são pouco conhecidos, sabendo-se apenas que frequenta as margens dos rios e do mar, vivendo da mesma fórma na agua doce ou na salgada, que é excellente nadador, mergulhando com facilidade, e muito similhante nos habitos ao rato campestre amphibio.

O RATO ALGALIOSO

Mus zibethicus, de Linneo — *L'ondatra*, dos francezes

Este animal tem organisação apropriada aos seus habitos aquaticos. Por muito tempo os naturalistas o consideraram como uma especie dos castores, com os quaes effectivamente se assimilha nos habitos, e na maneira de construir as habitações.

O rato algalioso, que os francezes vulgarmente conhecem pela denominação de *rato almiscarado do Canadá*, tem quatro dedos nas mãos, pois que o pollegar é apenas rudimentar, cinco nos pés, guarnecidos aos lados com pellos duros e tezos, que substituem a membrana dos pés dos castores e d'outros mamiferos aquaticos, cauda comprida, achatada aos lados, coberta d'escamas, e semeada de pellos.

Estes animaes teem uma glandula que segrega um licor branco, com cheiro parecido ao do almiscar, excessivamente penetrante, derivando d'esta circumstancia o nome porque é conhecido.

O pello é similhante ao do castor, espesso, macio e brilhante, um mais curto e lanoso e o outro comprido e sedoso, trigueiro nas costas, pardo arruivado no ventre, a cauda preta. O rato algalioso mede ordinariamente $0^{m},33$ de comprimento do focinho á raiz da cauda, e aproximadamente outro tanto a cauda.

Este animal só se encontra na America do Norte, sendo frequente tamsómente no Canadá, d'onde se exportam milhares de pelles do rato algalioso para a Europa.

O rato algalioso, diz Brehm, «frequenta as planicies que bordam os grandes lagos, os rios com corrente branda, os regatos, os pantanos, mas principalmente as lagoas pouco extensas, cobertas de plantas aquaticas. N'estes sitios encontram-se constituindo familias ou tribus, como os castores, a ponto de serem estes dois animaes considerados como irmãos pelos selvagens; sendo o castor, mais perito e industrioso, o mais velho, e o rato algalioso, ainda inexperiente, o mais novo.

Á similhança do castor, o rato algalioso é muito sociavel, vive grande parte do anno em bandos, formando ás vezes grandes colonias, e como o primeiro construindo habitações que se elevam a cima do sólo, ás quaes muitas vezes vae dar um certo numero de corredores subterraneos bastante profundos, eguaes aos que se encontram nas moradas dos ratos campestres.

Á borda d'um lago, d'um rio, ou d'uma ribeira, cujas aguas se deslisem mansamente por entre as margens cobertas de juncos, e com fraco declivio, construe o rato algalioso de preferencia a sua cabana. Na execução d'esta obra dá este animal provas d'um instincto admiravel, podendo dizer-se que conhece o ponto mais alto a que chegam as aguas por occasião das maiores cheias, e edificando por isso a habitação fóra do seu alcance. Ainda mais: prevenindo uma cheia extraordinaria, o edificio tem mais d'um andar, e o ultimo é sempre bastante ele-

vado para não ser invadido pela agua. No exterior a morada dos ratos algaliosos tem a fórma d'uma cupula.

Os materiaes que entram na construcção são juncos, enterrados no solo a bastante profundidade, enredados uns nos outros com grande regularidade, e cobertos exteriormente com uma grossa camada de barro, que o animal amassa e transporta com os pés, servindo-se da cauda para primeiro assental-o e em seguida alisal-o.

Uma cobertura de juncos entretecidos, algumas vezes com a espessura de 0m,12, cobre o primeiro frontal, que não tem menos de 0m,11 a 0m,16 de espessura, de fórma que os dois perfazem a espessura total de 0m,23, pouco mais ou menos, que fica sendo a das paredes da cabana. As dimensões do edificio variam com o numero dos habitantes, sendo o diametro interior de 0m,66 aproximadamente para uma familia composta de sete ou oito individuos.

Gr. n.° 138 — O rato algalioso

Um corredor subterraneo, que parte do compartimento mais baixo do edificio, vae dar á agua, e d'este corredor nascem muitas galerias que teem applicações diversas: umas, sem saida, servem unicamente para pôr a descoberto as raizes das plantas aquaticas, de que o animal se alimenta no inverno; outras vão abrir-se em compartimentos que ficam a grande profundidade, e aonde o animal lança os excrementos. Quando a colonia é numerosa, as diversas habitações, formando grupos, apresentam o aspecto geral d'uma verdadeira aldeia.

Estas habitações, construidas com tanta arte e á custa de grandes trabalhos, não são, todavia, aproveitadas senão no inverno pela maioria dos individuos que formam a colonia, e principalmente pelos machos, que chegando a primavera as abandonam, indo viver muitas vezes aos pares, nos pontos altos do paiz. Parece comtudo que a femea volta para a sua habitação proximo da epoca de ter os filhos.

Suppõe-se ser em março ou abril que a femea do rato algalioso tem os filhos, de tres a seis de cada vez, ignorando-se se no mesmo anno tem outra ninhada.

Este animal alimenta-se principalmente de vegetaes que crescem nos sitios alagadiços, mas parece que tambem come os molluscos, abrindo com os dentes os que teem a concha menos dura, e esperando que os outros se abram para lhe saltar subitamente e devoral-os. Nas plantações fazem grandes estragos, destruindo mais do que carecem para alimentar-se, pelo habito de minarem o solo em busca das raizes das plantas.

Os ratos algaliosos domesticam-se facilmente quando são apanhados novos, sendo naturalmente mansos; não acontece, porém, o mesmo com os velhos, que são maus e mordem. Para os conservar presos, é necessario usar de gaiolas forradas de folha, porque, sem esta prevenção, no espaço de algumas horas fazem uma abertura sufficiente para poderem escapar-se.

A carne d'estes animaes é aproveitada no inverno pelos indios, que dizem ser boa n'essa estação; a pelle é bastante procurada para fazer o feltro, não podendo ser usada em vestuario pelo fortissimo cheiro a almiscar que d'ella se exhala, e que não é possivel tirar-lhe completamente.

OS CAMPESTRES

Les campagnols, dos francezes

Os campestres distinguem-se dos ratos propriamente ditos, porque tendo estes a cauda nua e geralmente tão comprida como o corpo, aquelles a teem curta e coberta de pellos, sendo este o caracter mais importante, que serve para distinguir os dois generos.

Como o nome indica, os animaes que pertencem a este genero vivem nos campos, onde se multiplicam com uma rapidez prodigiosa, tornando-se realmente uma calamidade para os agricultores. Encontram-se na Europa, na Asia e na America

Os estragos que estes animaes podem causar são realmente enormes, e bem para receiar, porque, invadindo em grandes massas qualquer ponto d'um paiz, podem destruir completamente as searas, trazendo apoz si a fome e a ruina de povoações inteiras.

Vamos dar aos leitores alguns interessantes apontamentos ácerca de invasões feitas pelos campestres, e por ellas se póde julgar quanto estes roedores são nocivos. Transcrevemol-os em resumo da excellente obra de A. Brehm, a que mais de uma vez nos temos referido.

Em 1792, as terras que pertenciam á abbadia de Dommartin, na communa de Tournefontaine (Pas-de-Calais), foram invadidas por tão prodigiosa quantidade de campestres, suppondo-se serem da especie *campestres agrarios*, durante os mezes de julho a setembro, que em toda a sua extensão, mas principalmente n'uma superficie de 30 hectares, a terra foi minada pelas galerias que estes animaes construem, e a herva, as sementes, as plantações, as searas, tudo foi devastado, não obstante todos os meios empregados para impedir tão grande destruição. Finalmente, o proprietario offereceu um real aproximadamente por cada cabeça de rato campestre, e em menos de dois mezes trouxeram-lhe 53:114. N'este numero não se comprehende os ratos mortos pelos criados da herdade.

No principio d'este seculo muitos paizes da Europa foram invadidos ao mesmo tempo pelos ratos campestres, e n'alguns causaram tão grandes estragos nos campos, que se tornou necessario repetir as sementeiras. Em 1818 era tão consideravel o numero d'estes animaes na margem direita do Rheno, que as autoridades impozeram a todos os fazendeiros d'aquella região a obrigação de apresentar todos os dias doze cabeças de campestres, que lhe eram pagas por um florim. Esta medida deu em resultado que só na aldeia de Offenbach foram mortos em tres dias 47:000 d'estes roedores.

Maior ainda foi o numero d'estes animaes mortos em 1822, nos districtos de Nidda, de Putzbach e no cantão de Saverne, onde se organisou uma batida para destruir os campestres, e pôr termo aos enormes estragos que faziam, dando em resultado a destruição de mais de dois milhões d'estes animaes.

De todas as invasões de que ha noticia, feitas pelo rato campestre na Europa, a que maiores prejuizos causou foi a do verão de 1801, que durou até ao outono de 1802, e de que foram victimas muitos departamentos da França, mas principalmente a Vendéa, onde a devastação attingiu terriveis proporções, sendo as sementes destruidas tão depressa eram lançadas á terra, as searas arruinadas ainda em pé, plantações inteiras devoradas, e os prados por tal fórma minados pelos

ratos, que os pastos seccavam não sendo possivel a engorda do gado. A commissão, nomeada pelo governo para aconselhar os meios de terminar tão grande flagello, avaliou os estragos, só na Vendéa, em perto de quinhentos contos de réis, da nossa moeda.

Não nos deve, pois, admirar, em frente d'estes algarismos, que em tempos remotos, segundo referem alguns autores d'essa epoca, paizes inteiros fossem destruidos pelo rato campestre, e as populações obrigadas a abandonar os campos que elles devastavam, indo em busca de outros onde podessem encontrar com que se alimentar.

N'aquella epoca os meios a empregar para a sua extincção eram os exorcismos, como diz Aldrovande, que se faziam no seculo XIV e XV, para afugentar os campestres das quintas e dos campos; havia um do teor seguinte: *Eu vos esconjuro, ó ratos que aqui estaes, para me não causardes prejuizos. Prohibo-vos que entreis n'esta terra, e se depois d'esta minha prohibição aqui vos encontrar, dou por testemunha a mãe dos deuses que de cada um farei sete pedaços.*

Parece que os ratos não tinham em grande conta a prohibição que se lhes fazia, porque era o homem que se via obrigado a retirar dos sitios que elles infestavam, tal era o estado a que se via reduzido.

As enormes cifras, que acabamos de apresentar, deixarão de parecer fabulosas depois do que vamos dizer ácerca da propagação d'estes animaes, e das suas emigrações.

Os campestres vivem aos casaes, e não sendo que se encontre a mãe com os filhos ainda por desmamar, só se vêem na mesma toca o macho com a femea, dando-se comtudo algumas vezes o facto de viverem na melhor harmonia duas ou tres femeas, com um só macho.

Não acontece, porém, o mesmo com os machos, porque se um se introduzir na toca onde exista outro, a luta é certa; o dono da habitação precipita-se furioso sobre o intruso, perseguindo-o encarniçadamente, e se consegue matal-o, devora-o em parte. As femeas ás vezes imitam este procedimento, principalmente quando acabam de ter filhos, porque então não toleram junto de si até mesmo as companheiras, com as quaes até essa occasião haviam vivido na melhor harmonia.

Com quanto pareça, no dizer de Brehm, que a epoca do cio d'estes animaes seja desde o meiado de janeiro até ao fim de junho, o certo é que a maior parte das especies, principalmente o rato campestre ordinario, se reproduz em qualquer epoca do anno, e em casaes captivos só tem podido observar-se algumas que tiveram de quatro a cinco ninhadas nos primeiros seis mezes do anno, e duas ou tres nos mezes de julho a janeiro do anno seguinte.

A gestação na femea do campestre dura apenas vinte dias, e tres ou quatro depois de ter os filhos, reune-se de novo com o macho. Quando se aproxima a epoca de ter os filhos, o macho e a femea trabalham juntos na abertura d'um compartimento, apenas com alguns centimetros de profundidade, e communicando com uma das galerias subterraneas da toca em que habitam, tratando de tornal-o bem confortavel, tapizando-o de hervas, que cortam em pedaços muito miudos. Algumas vezes, porém, se o facto se dá durante o verão, o ninho é construido entre algum massiço de plantas, n'um cannavial, tendo a fórma espherica, uma unica entrada, e com quanto os materiaes empregados na construcção não sejam sobejamente rijos, são todavia de tal maneira ligados e empilhados, que em geral apresentam bastante resistencia, não inferior á do ninho do ratinho anão, de que já tratámos.

O numero de filhos que as femeas dos campestres podem ter de cada barriga varia segundo as especies, sendo de seis nas femeas que teem oito mamas, e de quatro, o maximo, nas que só possuem quatro. Os campestres nascem sem pello, com os olhos e as orelhas fechados, e mamam durante quinze ou dezoito dias.

Vem de molde contar aos leitores um dos factos mais curiosos da historia dos campestres, facto que se observa quando a femea julga os filhos ameaçados por qualquer perigo. A mãe, por certos estremecimentos ligeiros, mas repetidos, annuncia aos pequenos que o perigo se aproxima, e elles ainda fracos para poderem fugir, seguram-se fortemente ás tétas da mãe, e deixam-se arrastar para fóra do ninho. Se o perigo passou, a mãe de novo os conduz, pela mesma fórma, para o ninho; e se algum se deixou ficar no caminho, vae procural-o, e, como muitos outros mamiferos, traz o filho na bocca.

A solicitude e ternura maternal das fe-

meas dos campestres vae enfraquecendo á maneira que os pequenos crescem, até que de todo se torna em indifferença tão depressa podem passar sem os seus cuidados. Os pequenos então, reunidos em casaes, vão por seu turno construir uma toca não muito longe do sitio onde nasceram, e contribuir para a propagação da especie. Mez e meio ou dois mezes depois de nascidos estão aptos para exercer as funcções de reproducção, e muito antes de haverem adquirido o completo desenvolvimento.

Depois do que acabamos de referir, não parecerá extraordinaria a quantidade prodigiosa de ratos campestres que existe, e bem assim que por vezes possam formar bandos tão consideraveis, como aquelles a que nos referimos ao narrar algumas das grandes invasões d'estes animaes na Europa.

Os campestres apparecem muitas vezes de subito n'um ponto onde nunca foram vistos, vindo em bandos numerosos, parecendo ser a falta de comestiveis o verdadeiro motivo que os obriga a mudar de residencia amiudadas vezes.

Tão depressa os recursos que existiam n'um determinado ponto se hajam esgotado pela voracidade dos innumeros individuos que formam os bandos de campestres, esse sitio é abandonado, e eil-os em busca d'outro paiz que possa fornecer-lhes os meios de continuarem a sua obra de destruição.

As emigrações dos campestres estendem-se por vezes a distancias consideraveis; estes animaes caminham reunidos em bandos enormes, sempre em frente, sem que nenhum obstaculo possa impedil-os de seguir ávante: os rios mais largos, os lagos, até mesmo os grandes braços de mar não são impedimentos bastantes para os estorvar de seguir o seu destino, atravessando-os a nado sempre que seja necessario.

Para melhor explicar como os campestres podem, pequenos como são, ainda mesmo em tão grande numero, arruinar e devastar regiões inteiras, é necessario dizer-se que o que estragam é muito superior ao de que carecem para se alimentar. Sem falar das sementes, dos grãos e das raizes que arrecadam nos seus depositos, e de que uma parte se arruina sem proveito, é consideravel a quantidade d'estas substancias que desprezam, depois de lhe haverem aproveitado só uma parte; se cortam uma planta junto á raiz, roem-lhe apenas alguns centimetros acima do corte, e deixam-n'a por outra, e assim successivamente até estarem fartos.

Estes factos repetidos por milhares de individuos podem, como bem se comprehende, destruir em pouco tempo qualquer cultura que exista no logar onde estabeleçam a sua residencia por algum tempo.

O campestre tem como correctivo á sua tão nociva propagação, não só a guerra que o homem lhe faz, mas tambem as inundações que todos os annos matam grande numero d'estes animaes nas tocas, os grandes frios, e finalmente os gatos, as doninhas, os raposos, as aves de rapina nocturnas, as cobras, e elles proprios, que se devoram uns aos outros.

Os campestres são todos mais ou menos habeis em cavar a terra, e se entre elles ha algumas especies que se abrigam nas tocas abandonadas por alguns dos seus congeneres, nos buracos dos muros, entre os montes de pedras ou nas fendas das rochas, outras ha que só vivem debaixo da terra, minando-a para construir a sua habitação.

«As tocas que cavam, diz Brehm, são formadas de galerias que se multiplicam e prolongam por successivas excavações, que unicamente interrompem durante os fortes calores ou na epoca dos grandes gelos, e são tanto mais complicadas quanto os seus habitantes mais dados são a viver sob a terra.

As tocas d'estes ultimos são um dedalo de corredores que se ramificam, e se cruzam, subindo e descendo; uns que, áparte as sinuosidades determinadas pelos obstaculos que appareceram, correm horisontalmente a poucos centimetros do solo, dividindo-se e subdividindo-se muitas vezes, e outros que, em menor numero, descem obliquamente até á profundidade de $0^{m},33$ a $0^{m},48$, indo abrir-se em diversas cavidades.

Uma d'estas cavidades, tendo de ordinario a forma espherica, e $0^{m},08$ a 0^{m} 10 de diametro, guarnecida com uma espessa camada de hastes seccas de gramineas, reduzidas a pedacinhos tanto mais pequenos quanto mais ficam ao centro, serve de quarto de dormir; outra, geralmente situada a curta distancia d'esta, no mesmo plano, ás vezes em plano superior ou inferior, variando de capacidade e de fórma, serve de deposito ou armazem de

provisões. Dependentes do deposito existem ás vezes compartimentos mais pequenos que lhe ficam lateraes.

Finalmente, no quarto de dormir existe uma abertura que dá para uma galeria descendo perpendicularmente 0m,10 ou 0m,15, e que, descrevendo em seguida uma curva rapida, vae abrir-se n'algum dos muitos corredores tortuosos, ou galerias de que já falámos. A passagem a que ultimamente nos referimos é a parte não menos importante da habitação do campestre, pois tem por fim, em caso de perigo, facilitar-lhe a fuga.

Nas tocas dos ratos d'agua (uma das especies dos campestres), a passagem construida para lhe proteger a fuga prolonga-se tanto quanto fôr necessario para ir abrir-se abaixo do nivel da agua, ficando assim sempre coberta. Esta disposição da galeria, que parece resultado do instincto d'estes animaes, dá-lhes os meios, pela faculdade que possuem de mergulhar, de poderem abandonar a habitação, logo que a isso os obriguem, ou entrar para ella, sem que possam ser observados por algum dos seus inimigos.

Para levarem a cabo todos estes trabalhos, os campestres só possuem as fracas unhas que teem nas mãos, os dentes incisivos, e, como auxiliares, os pés e o focinho. Todavia, são estes fracos utensilios postos em movimento com energia, actividade, e perseverança incriveis, que lhe permittem perfurar os terrenos mais solidos, cavando n'uma noite as peças principaes da habitação. Emquanto com as unhas escavam a terra a pouco e pouco, com os incisivos vão cortando as raizes que lhes estorvam a passagem, e com os pés atiram para longe a terra. Logo que esta seja em quantidade bastante para entulhar a galeria, o obreiro interrompe por algum tempo o seu trabalho de mineiro, e, auxiliando-se do focinho, vae empurrando-a até que em determinado sitio a lança para a superficie do solo.

D'esta sorte os campestres aquaticos (ratos d'agua), minam e furam os diques, as calçadas, e as margens dos rios, que, sob a acção de chuvas abundantes, se desmoronam. Ainda mais: o trabalho subterraneo do campestre traz da mesma fórma resultados funestos para a vegetação, porque as plantas ou ficam com as raizes cortadas e morrem, ou encontram o terreno minado, e a custo se sustentam, fructificando mal.

Seja pelas escavações mais á flôr da terra, pelas passagens construidas entre as hervas, ou pelas galerias subterraneas mais profundas, onde a escuridão é completa, os campestres caminham com extrema rapidez e desembaraço, mostrando pelo contrario certa hesitação na marcha quando se encontram fóra d'esses logares; parece que estes animaes só gozam de toda a sua liberdade de movimento quando percorrem caminhos bem batidos, e principalmente os que elles construem.»

Ainda que a sua organisação não seja muito apta para treparem, os ratos campestres possuem esta faculdade, embora em mais limitado grau de que outros pequenos roedores. Trepam aos arbustos, ás plantas, até mesmo aos muros, todas as vezes que a superficie seja um tanto aspera.

Existem muitas especies de campestres, mas a historia nos não dá conhecimento de particularidades que mereçam menção, e por isso só falaremos, resumidamente, de tres principaes.

O RATO CAMPESTRE ORDINARIO

Mus arvalis, de Linneo — *Le campagnol des champs ou vulgaire*, dos francezes

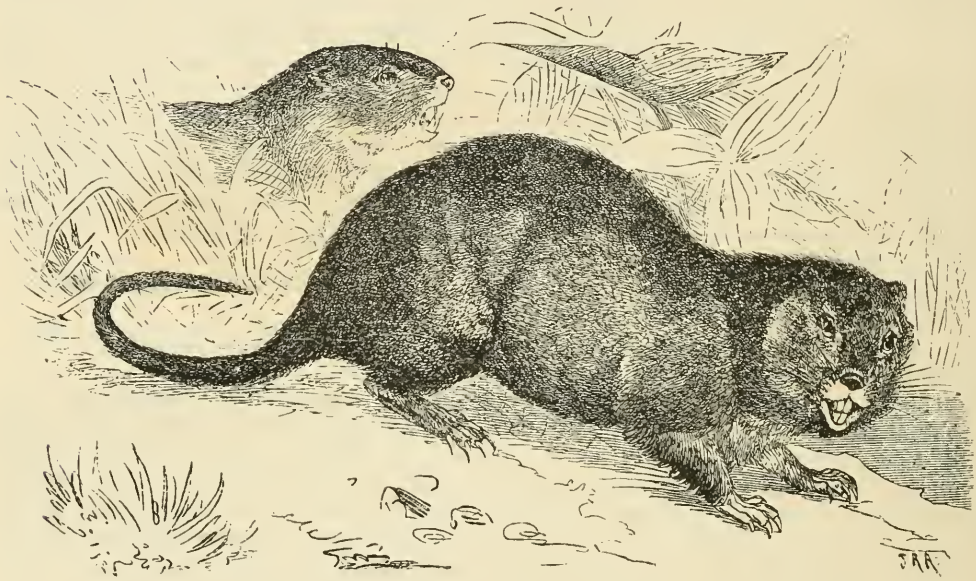
Este animal tem aproximadamente 0m,10 ou 0m,11 de comprimento no corpo, e a cauda 0m,03 ou 0m,04; orelhas muito grandes, e como a cauda guarnecidas de pellos curtos amarellados. As costas são trigueiras amarelladas, as ilhargas mais claras, o ventre branco ou branco sujo, e as patas tambem brancas.

Vive este pequeno roedor em quasi todos os paizes da Europa, com excepção da Inglaterra e da Italia, onde habitam outras especies, sendo muito commum em França e na Belgica.

São os animaes d'esta especie que mais infestam os paizes do baixo Rheno, e a França, e que occasionaram os estragos a que nos referimos quando tratámos dos campestres em geral, e de que Lenz conta «que no outono de 1856 foi tão grande o numero de campestres que appareceu n'uma extensão de quatro leguas, entre Erfurth e Gotha, que doze mil geiras de terra tiveram de ser novamente lavradas. N'uma grande propriedade proxima de Breslau apanharam-se 200:000, que foram levados para a fabrica de guano d'aquella cidade, que pagava um vintem, aproximadamente, por cada duzia.

Houve moradores n'aquelle sitio que apanharam 1:400 e 1:500 n'um dia.»

O rato campestre ordinario vive principalmente nos campos descobertos, nos prados, e raras vezes nas orlas das florestas, sendo-lhe indifferente que o sitio onde habita seja humido, secco ou pantanoso. Comquanto construa as tocas como todos os campestres, no outono abriga-se nas medas de trigo, e outras vezes nas casas, nos palheiros, nas cavallariças, e principalmente nos subterraneos, onde vive á maneira do rato pequeno caseiro. Vagueia pelo campo de dia ou de noite, até nas horas de maior calor, e o seu alimento consiste quasi exclusivamente em substancias vegetaes, folhas das gramineas, luzerna, raizes, fructas e bagas; é guloso de rabanos, de cenouras e de grãos de diversas especies, e nos campos semeados de fresco apossa-se das sementes que o agricultor confiou á terra. Quando as searas principiam a aloirar, os ratos campestres ordinarios cortam a planta pela raiz, derrubam-n'a, e, arrancando a espiga, levam-n'a para a toca. Emquanto dura a ceifa, seguem na rectaguarda dos ceifeiros para comer os bagos soltos das espigas, e com as que pelo campo ficam espalhadas augmentam as suas provisões.



Gr. n.º 139 — O rato d'agua

No inverno o rato campestre ordinario, durante os frios mais intensos, não abandona a toca, conserva-se ao abrigo da intemperie, alimentando-se do que arrecadou nos bons dias; e comquanto a sua actividade n'essa epoca seja menor, não é accommettido do somno lethargico dos animaes hibernantes.

Este roedor do genero campestre é um dos mais dados a viver na sociedade dos seus similhantes, e por isso se encontra de ordinario em numerosos bandos, como já dissemos, e construe a toca proxima das dos outros. Emquanto á sua prodigiosa multiplicação, dissemos, ao tratar dos campestres em geral, o sufficiente para que possa ser conhecida.

O RATO D'AGUA

Mus amphibius, de Linneo. — *Le campagnol amphibe*, dos francezes

Este animal tem aproximadamente $0^m,20$ de comprimento da cabeça á raiz da cauda, e esta mede $0^m,10$ ou $0^m,11$.

O pello nos animaes d'esta especie é trigueiro ferrugento na parte superior do corpo, nas costas e na parte trazeira mais comprido e mesclado de preto, nas ilhargas trigueiro arruivado, e no ventre cinzento escuro, com seus toques ruivos ou amarellos. Os pés são escuros, e a cauda trigueira escura na parte superior é mais clara na inferior.

Vive este roedor em quasi todos os pai-

zes da Europa central e occidental, na margem dos rios e dos charcos, frequentando principalmente os quintaes e os logares humidos, alimentando-se de raizes, preferindo as das arvores fructiferas, e dos bolbos das plantas aquaticas, tornando-se por esta fórma bastante nocivo.

O rato d'agua construe a toca junto d'agua ou nos terrenos amanhados: no primeiro caso um corredor obliquo vae dar ao quarto de dormir, que tem o chão coberto com uma camada de vegetaes; no segundo, abre uma galeria de muitos centos de passos, formando á superficie do solo varios monticulos de terra, como as toupeiras, e faz a sua habitação no interior do maior d'esses monticulos. A femea habita com o macho a mesma toca, e é raro encontrar mais d'um casal vivendo juntos.

O rato d'agua cava com perfeição e nada habilmente, e como seja dotado de boa vista e excellente ouvido, é difficil surprehendel-o, comquanto vagueie pelos sitios tranquillos tanto de noite como de dia.

Como todos os campestres, o rato d'agua arrecada no outono uma certa quantidade de provisões para o inverno, e para isso, chegada aquella estação, trata de abrir uma cavidade junto ao quarto de dormir, ligando os dois compartimentos por um corredor, e faz o seu fornecimento de bolbos, batatas, raizes e ervilhas, substancias estas que lhe servem de alimento desde o fim do outono até á primavera.

Os ratos d'agua, como todos os seus congeneres, propaga-se extraordinariamente, tendo a femea até sete filhos, tres ou quatro vezes por anno, que deposita na toca, para o que antecipadamente construe um ninho macio e confortavel, ou excepcionalmente prepara-o á superficie do solo, n'alguma moita bem espessa ou nos cannaviaes.

A mãe é extremosa pelos filhos, defende-os em frente do perigo, e quando os julga em risco, transporta-os para outro sitio levando-os na bocca, e atravessando assim ribeiras bastante largas. Os ratos d'agua não vivem presos por muito tempo, e nunca se domesticam completamente.

O RATO CAMPESTRE PARCO

Mus œconomus — Le campagnol économe, dos francezes

O campestre parco deve o nome a um dos seus habitos caracteristicos, o de arrecadar no outono, em quantidade verdadeiramente extraordinaria, os diversos alimentos que lhe hão de servir para o inverno. Este animal tem aproximadamente 0,m09 de comprimento, e 0,m03 de cauda. Differe do rato campestre ordinario em ter a cabeça mais curta, os olhos mais pequenos e as orelhas quasi nullas. O pello das costas é trigueiro amarellado, o do ventre pardo, e a cauda trigueira na parte superior e branca na inferior.

O rato campestre parco vive na Siberia.

A habitação d'este animal é a mais complicada de quantas construem os seus congeneres. «Consiste, diz Figuier, n'uma cavidade principal, com 0,m30 de diametro por 0,m10 de altura, d'onde partem em todos os sentidos numerosos corredores, que vão abrir-se na superficie do solo, formando uma especie de poços com uma pollegada de diametro, que ficam a certa distancia uns dos outros.

Tres ou quatro galerias sinuosas, que partem da mencionada cavidade, e seguem sempre pelo interior da terra, vão dar a outros tantos vastos depositos, onde os moradores, o macho e a femea, arrecadam as diversas raizes que são d'antemão raspadas, seccas ao sol, e depois dispostas em pilhas, separadas segundo a especie de plantas a que pertencem. Se apezar do cuidado que este animal emprega na arrecadação dos mantimentos, a humidade entra com elles, o campestre parco transporta-os de novo para a superficie da terra, para seccal-os segunda vez.

Pode-se, em vista d'estes actos que denotam tão grande intelligencia, ter como séria a opinião que a todos elles dá por origem o instincto dos animaes?

As quantidades de raizes que o rato campestre parco arrecada por esta forma são por vezes bastante importantes, elevando-se o seu peso até 30 libras, e constituindo um recurso precioso para as populações miseraveis que vivem na Siberia oriental.

Os habitantes d'esta região vão em buscas das tocas dos campestres parcos para lhes pilhar os comestiveis, tendo comtudo o cuidado de lá deixar uma pequena parte dos generos que encontram, para que o pequeno roedor não fique de todo sem recursos.

Como os ratos lemmingos de que em seguida vamos falar, os campestres parcos emigram em grandes bandos em épo-

cas não determinadas, e Brehm referindo-se a esta circumstancia diz o seguinte:

«Estes animaes fazem emigrações curiosas, com grande pezar dos indigenas. Põem-se a caminho, muitas vezes na primavera, dirigindo-se para oeste, andando sempre em linha recta, atravessando os rios e transpondo os montes. Milhares d'elles que se afogam são devorados pelos peixes e pelos patos; outros, tambem em grande numero, são apanhados pelas martas zibelinas, e pelos raposos que seguem na rectaguarda d'estas caravanas. Depois de haverem atravessado um rio, extenuados pela fadiga, descançam por algum tempo na margem a que acabam de aportar, continuando mais tarde a marcha assim interrompida. Andam duas horas sem descançar.

Depois de haverem chegado ás vizinhanças de Penschina, dirigem-se para o sul, e chegam a Ochota pelo meado de julho; voltando ordinariamente para o Kamtschatka, em outubro, depois de haverem feito um grande percurso, enorme se tivermos em vista o tamanho d'estes animaes. Os kamtschadales dizem que quando os ratos campestres parcos emigram, o anno se annuncia humido; e vendo-os partir com pezar, celebram a volta como um acontecimento feliz.»

OS RATOS LEMMINGOS

Les lemmings, dos francezes

Os lemmingos pelos seus caracteres aproximam-se muito dos campestres, sendo a differença mais pronunciada entre os dois generos a pequenez da cauda dos lemmingos, que é apenas rudimentar. O corpo d'estes é mais refeito que o dos campestres.

Os animaes que se comprehendem n'este genero, formado por uma duzia de especies, vivem nos paizes septentrionaes da Europa, da Asia e da America, onde se encontram em grande quantidade.

Damos em seguida a descripção da especie mais conhecida, e de todas a mais curiosa.

O RATO LEMMINGO DA NORUEGA

Mus norwegicus, de Linneo. — *Le lemming de Norwège*, dos francezes

Os lemmingos da Noruega teem a cabeça curta, focinho obtuso, orelhas e olhos pequenos, pernas muito curtas, principalmente as de diante, o beiço superior fendido, bigodes curtos, e unhas vigorosas, especialmente nos dedos das mãos.

O pello comprido e farto, é trigueiro amarellado com manchas mais escuras; na cauda e nas patas amarello, e no ventre amarello assimilhando a côr da areia. Tem de comprimento $1^{m},16$, dos quaes $0^{m},02$ pertencem á cauda.

Esta especie habita não sómente na Noruega, como se póde julgar pelo nome, mas tambem na Laponia e na Groenlandia.

N'este animal ha uma circumstancia bem digna de mencionar-se; é a sua apparição subita n'um certo ponto da terra, de que desapparece mais tarde não menos repentinamente. Ainda hoje os montanhezes da Scandinavia acreditam que o lemmingo cae das nuvens, e assim explicam este facto.

Os habitos do lemmingo da Noruega, descriptos por diversos naturalistas, dos quaes Linneo foi o primeiro, encerram particularidades tão extraordinarias, que facilmente seriam tidas por fabulosas, se a autoridade de quem as narra não fosse garantia da sua veracidade.

Damos a palavra a A. Brehm, de quem vamos transcrever, em parte, a descripção d'este animal:

«Estes animaes assimilham-se a pequenas marmotas e aos cricetos, dos quaes teem alguns dos habitos. Encontram-se nos logares seccos dos paues que cobrem em grande extensão o solo da Noruega. Habitam em pequenos corredores, debaixo das pedras ou entre o musgo, e véem-se repetidas vezes vagueando por entre os pequenos outeiros, que se erguem no centro dos pantanos.

De dia e de noite andam em continuado movimento, correndo tão rapidamente, que o homem a custo póde alcançal-os. No modo de passarem de um para outro ponto, procurando os sitios seccos, para lhes servirem de ponte quando atravessam os pantanos, dão provas de grande intelligencia. Não gostam d'agua, e se os deitarem n'um tanque ou n'um regato, rosnam, gritam e buscam o mais rapidamente possivel alcançar sitio enxuto.

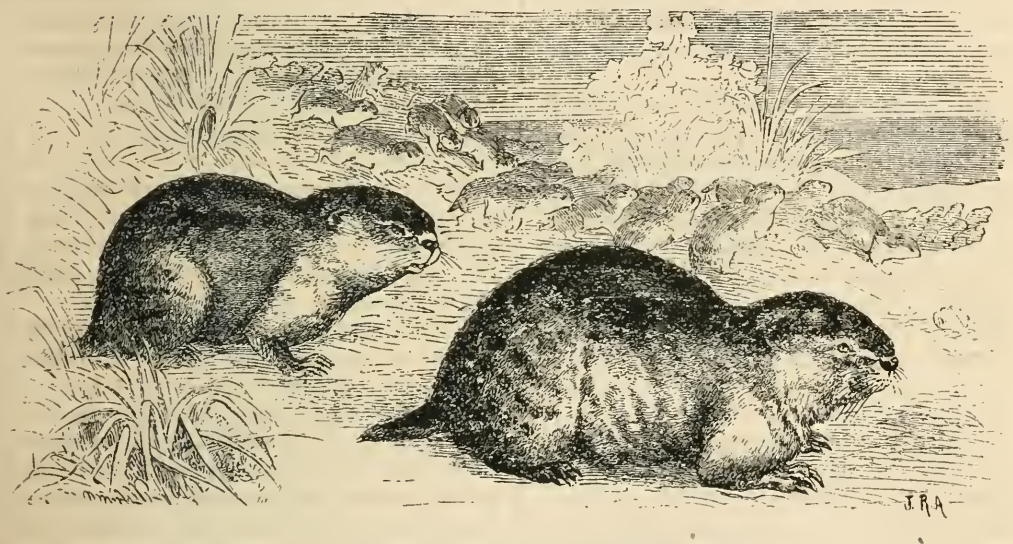
São elles que de ordinario se denunciam, porque embora tranquillamente deitados na toca, ao abrigo dos olhares dos transeuntes, basta que vejam um

homem para se excitarem por tal fórma, que não lhes é possivel ficar silenciosos; recebem-n'o com gritos, e rosnando á similhança do porquinho da India. Se estão fóra das tocas só fogem se os perseguirem, e então precipitam-se no primeiro buraco que encontram, e ahi se acantoam sem se resolverem a sair, sendo facil matal-os ou deitar-lhes a mão.

São em extremo corajosos, e muito me divertia em todas as occasiões que tinha de provocal-os. Mal alguem se abeira das tocas, arremessam-se fóra d'ellas, gritando, rosnando, pondo-se em pé nas patas trazeiras, e com a cabeça levantada, fitando o adversario, lançam-lhe olhar tão ameaçador, que elle hesita se melhor será deixal-os socegados, ou aggredil-os. Na frente do inimigo portam-se com valor: se se lhes toca com a bota, com a bengal-a, ou com o cano da espingarda, mordem com ancia qualquer d'estes objectos, e muitas vezes agarravam-se-me ás calças com os dentes, e tão vigorosamente, que só com difficuldade podia livrar-me d'elles.

N'estas circumstancias a sua colera é violenta, e assimilham-se aos cricetos.

Se correrem sobre elles, recuam, gritando e rosnando, sempre com a cabeça levantada; e se deparam com qualquer obstaculo, fazem-lhe frente, sendo mais



Gr. n.° 140 — Os ratos lemmingos

facil deixarem-se apanhar do que desviarem-se do seu caminho.

Ousam até mesmo arremessar-se ao adversario, parecendo não receiar nenhum animal, e havendo poucos a que elles se não atrevam a atacar. Nas ruas são ás vezes esmagados sob os pés dos transeuntes, dos quaes não buscam afastar-se.

Nas lutas que travam entre si não se mostram menos corajosos, e as victimas que porventura haja são devoradas pelo vencedor. Ch. Martins affirma que dois lemmingos, apanhado em tocas diversas, lutam até que um deixe de existir; e que para os reunir na mesma gaiola é necessario que sejam apanhados na mesma toca.

Scheffer affirma que ao encontrarem-se duas columnas emigrantes quando caminham ao longo dos lagos, dos prados e dos rios, dão batalhas, havendo numerosas victimas.

No inverno os ratos lemmingos cavam compridas galerias sob a neve, e ahi construem, como se póde observar depois do degelo, um ninho com paredes bem solidas, tapizado de hervas mastigadas, a 0,^{m}20 e 0,^{m}25 de profundidade, d'onde partem longos corredores em diversas direcções. A maior parte d'estes corredores fica entre a superficie musgosa do solo e a camada de neve que o cobre, sendo por tanto abertos entre uma e outra.

Não é conhecido o numero de vezes em cada anno que a femea do lemmingo tem filhos, devendo ser tantas como os

campestres, pelo menos a julgar pela sua multiplicação. De cada vez, no dizer de Linneo, tem cinco a seis filhos.

Os ratos lemmingos da Noruega alimentam-se de varias plantas que vegetam na sua patria: de hervas, de lichens, e de diversas raizes. Só se encontram estes animaes nos logares onde cresce o lichen dos rangiferos, e onde o não houver o lemmingo não existe, servindo este facto para indicar que esta planta é o seu principal alimento. Pelo que pude observar, não fazem deposito de provisões, vivem no inverno do que podem encontrar debaixo da neve.

Conta Linneo que este animal gosta tanto d'uma especie de queijo que os lapões fazem com leite dos rangiferos e folhas da *rumex acetosa*, que para o furtar á sua voracidade é necessario enterral-o profundamente.

As emigrações dos lemmingos da Noruega parece que se effectuam de longe em longe, todos os dez ou vinte annos, dizem uns, com mais frequencia, affirmam outros, não se effectuando porém em periodos certos, e os naturalistas que tiveram a fortuna de poder ver de perto o começo d'este phenomeno — porque ninguem até hoje pôde observal-o até final — estão de accordo que em geral as emigrações se fazem no outono e especialmente no verão.

Da cordilheira dos Alpes scandinavos partem, no dizer dos observadores, os bandos emigrantes, uns que se estendem para os lados do mar do Norte, e outros para os do golpho de Botnia, seguindo a direcção parallela ao curso dos rios e dos ribeiros. As viagens que os lemmingos emprehendem são um dos phenomenos naturaes mais curiosos para ser observado. A um tempo, como obedecendo a um signal que lhes fosse transmittido, descem todos do alto das montanhas para se reunirem nos valles ou na planicie, e formarem-se em columnas enormes, que em geral tomam differente direcção. Todos os autores, que falam com conhecimento de causa ácerca das emigrações dos lemmingos, são concordes em affirmar que estes animaes, reunidos em bandos, avançam sempre em linha recta, devorando o que encontram no caminho, cavando no solo, por entre as hervas, sulcos profundos, de 4 e 6 centimetros, a distancia alguns metros uns dos outros, resultando d'isto que os campos por onde passam ficam com a apparencia de terras lavradas.

Nada os desvia do caminho, nem os detem; transpõem os obstaculos arrojadamente: se encontram um homem na passagem, passam-lhe por entre as pernas; se topam com uma meda de trigo ou de feno, que lhes sirva de obstaculo, abrem caminho atravez da meda, com auxilio dos dentes; se é um rochedo que se ergue na sua frente, rodeam-n'o, e vão buscar, para seguir o seu caminho, o ponto que fica exactamente na mesma direcção que traziam.

Se no caminho encontram um lago atravessam-n'o em linha recta, qualquer que seja a sua largura, e muitas vezes onde é mais largo. Se fundeada no rio que vão atravessando se lhe depara uma embarcação, trepam por ella, e lançam-se n'agua pelo lado opposto. Não os detem a corrente do rio, por mais rapida que seja, atirando-se ás ondas, ainda que nem um só escape.

Estas minudencias, cujo conhecimento em grande parte se deve a Linneo, estão confirmadas por todos os autores que, depois d'elle, teem assistido ás emigrações dos lemmingos.

Estes animaes conservam durante a viagem os habitos que tinham na vida sedentaria: inactivos, ou quasi, n'uma parte do dia, só se põem em marcha ao pôr do sol; da mesma fórma os que se conservam presos, agitam-se ao cair da noite, correm pela gaiola e procuram roer-lhe as grades. Depois de haverem caminhado toda a noite, e parte da madrugada, fazem alto, e descançam; este descanço não os impede de devastar os campos em que se encontrarem por tal fórma, que mais parece resultado d'um incendio.

Estas innumeras legiões de emigrantes, que comsigo levam a devastação aos sitios por onde passam, e ás quaes coisa nenhuma póde impedir a marcha, encontram finalmente duas barreiras impossiveis de transpôr: o mar do Norte e o golpho de Botnia, onde chegam consideravelmente dizimados. Por melhores nadadores que sejam, grande numero morre ao atravessar os rios, e muitos, principalmente, são victimas dos numerosos inimigos naturaes que lhes vão no encalço. Estas causas de destruição, que tanto operam de dia como de noite, devem necessariamente rarear as fileiras

dos emigrantes, e comprehende-se que bem poucos sejam os que de novo vêem os altos platós d'onde partiram, se é certo, como affirma Hoegstroem, que voltam ao mesmo sitio. Este autor, o unico que até hoje assistiu á volta, diz que um cento apenas regressa á montanha.

Só aguilhoado pela necessidade o homem persegue os lemmingos, e nos paizes abundantes da Scandinavia deixa-os viver tranquillos. Não se utilisa da pelle, que nada vale; não lhe come a carne, a que tem a repugnancia que nós temos pela do rato; e só o pobre lapão, levado pela fome, caça o lemmingo. Outra caça não encontra, a carabina que elle maneja habilmente torna-se um instrumento inutil; arma-se pois d'um pau, e mata o lemmingo para prolongar a propria existencia.»

OS ARGANAZES

Les loirs, dos francezes

Os arganazes fazem parte da grande divisão natural dos ratos, e se não fossem certas differenças bem pronunciadas que existem entre a sua estructura e a dos esquilos, seriam, como foram outr'ora n'alguns antigos tratados de zoologia, reunidos a estes animaes, com os quaes muito se assimilham, não só nos seus caracteres exteriores, como tambem nos habitos.

Os arganazes são animaes pequenos, muito graciosos e elegantes, de corpo delgado e alongado, cabeça muito similhante á do rato, orelhas grandes e arredondadas, olhos rasgados e salientes, grandes bigodes escuros muito espessos, cauda comprida e muito ramalhuda. O pello é abundante e muito macio.

Existem oito a dez especies diversas, vivendo todas na Europa, na Asia e na Africa. Daremos noticia de tres mais principaes, que vivem na Europa.

O ARGANAZ ORDINARIO, OU LIRÃO

Mus glis, de Linneo — *Le loir vulgaire*, dos francezes

O arganaz é animal conhecido desde tempos bem remotos, que os romanos conservavam captivo em logares especialmente destinados para este animal viver, e onde o engordavam para mais tarde apparecer ás suas mesas, constituindo para os gastronomos d'aquella epoca um dos mais deliciosos manjares.

O arganaz ordinario tem o tamanho de um rato pequeno: $0^{m},15$ da extremidade do focinho á raiz da cauda, e esta tem $0^{m},13$ de comprimento. O pello é pardo cinzento na parte superior do corpo, mais esbranquiçado na inferior, e em volta dos olhos trigueiro; a parte inferior do focinho, faces e garganta, brancas; cauda parda trigueira, com uma faxa branca longitudinal pela parte inferior. O colorido da pelle varia muito n'estes animaes.

O arganaz vive em quasi todos os paizes da Europa, incluindo o nosso, e só se não encontra nos situados mais ao norte. Habita nas regiões medias das montanhas, passando a vida sobre as arvores.

«De dia conserva-se escondido nos troncos ôcos das arvores, nas fendas das rochas, dos muros ou em buracos abertos entre as raizes das arvores, na toca abandonada pelo cricето, ou n'algum ninho de pega ou de corvo. Só á noite deixa o seu escondrijo, indo em busca do alimento, e voltando ao ninho a fazer a digestão, para mais tarde saír novamente; recolhendo de manhã, quasi sempre em companhia da femea ou de algum dos seus similhantes.

Só de noite o arganaz mostra toda a sua vivacidade e quanto é agil, trepando ás arvores e aos rochedos, com destreza egual á do esquilo, saltando de ramo em ramo, atirando-se de qualquer arvore para o solo e correndo com grande rapidez. Só se observa este animal conhecendo-se o seu paradeiro, sem o que, protegido pelas sombras da noite, escapa ás vistas do homem melhor que ás dos seus inimigos naturaes.

Poucos são os roedores que levam a palma ao arganaz ordinario em voracidade; come até não poder mais, servindo-lhe principalmente de sustento as glandes e as avellãs, não desdenhando as nozes, as castanhas, os fructos doces e saborosos, e pilhando os ninhos que se lhe deparam. Bebe agua raras vezes, e se tiver fructos succulentos não bebe nenhuma.

No verão vagueia toda a noite, excepto quando o tempo está mau, e nas suas excursões vae parando a cada momento; senta-se, e com as mãos leva á bocca as substancias que encontra e de que se alimenta. Ouve-se constantemente o estalar das nozes que parte com os dentes, e o ruido dos fructos meio devorados que deixa cair no solo.

No outono arrecada n'um buraco uma

certa quantidade de provisões que lhe hão de servir para o inverno; e embora n'esta epoca esteja bem gordo, come ainda assim tudo quanto póde, e trata de preparar um abrigo onde possa passar o inverno. Construe n'algum buraco bem fundo, aberto na terra, na fenda de uma rocha ou de algum muro, ou na cavidade d'um tronco d'arvore, um ninho preparado com musgo fino, e ahi se deita enrolado, ordinariamente em companhia de muitos outros animaes similhantes, e dorme por muito tempo, ainda antes que a temperatura haja descido a zero.

Torna-se então insensivel como todos os animaes hibernantes, e talvez este seja de todos o que dorme somno mais profundo, podendo pegar-se-lhe e leval-o de um para outro lado, sem que perca a immobilidade. Pondo-o em sitio quente, desperta a pouco e pouco, move as pernas, urina ás gotas, agita-se ainda um pouco mais, sem todavia despertar completamente. Em liberdade, acorda espontaneamente, uma ou outra vez, petisca nas provisões que arrecadou, parecendo comtudo não ter consciencia dos seus actos.

Os arganazes que Lenz conservou todo o inverno em logar frio, despertavam pouco a pouco, de quatro em quatro semanas, e comiam, adormecendo de novo profundamente.

O arganaz ordinario desperta de todo quando já a primavera vae adiantada, ra-

Gr. n.º 141 — O arganaz ordinario, ou lirão

ras vezes antes do fim de abril, durando pois o somno hibernal d'este roedor sete mezes completos, dando razão ao dictado francez — *dormir comme un loir* — que se applica ás pessoas que dormem muito. [1]

Pouco tempo depois do seu despertar, o macho e a femea acasalam-se, e apoz uma gestação que dura seis semanas aproximadamente, a femea tem de tres a seis filhos, que nascem com os olhos fechados, e que ella deposita na cavidade de algum tronco d'arvore, ou em qualquer outra, mas nunca sobre as arvores como o esquilo, e escondendo-os quanto póde. Os pequenos crescem rapidamente, mamam pouco tempo, e em breve vão elles proprios procurar os alimentos de que carecem. Onde o sustento fôr abundante, propaga-se este animal rapidamente.

Tem muitos inimigos que obstam á sua multiplicação: a marta, o tourão, o gato montez, a doninha, as aves de rapina nocturnas, são outros tantos destruidores do arganaz, contra os quaes elle busca defender-se á dentada, e servindo-se das unhas; mas succumbindo sempre na luta.

Raras vezes se encontra o arganaz preso, porque não sendo agradavel nem intelligente, ainda mais se torna aborrecido pela sua grande voracidade. A melhor qualidade d'este animal é o asseio: quando não dorme passa o tempo a limpar se; áparte esta circumstancia, é um animal enfadonho.

Está sempre irritado, não brinca com

[1] Arganaz deriva-se da palavra grega *arghia*, que significa inercia.

o dono, rosna a todos que se lhe aproximam, e não havendo cuidado morde a valer, demonstrando não estar de modo algum disposto a deixar-se tocar. De noite, pelos saltos continuos que dá na gaiola, chega a tornar-se incommodo, e se não tiverem cuidado de lhe dar todo o alimento de que carece, roe a gaiola ou devora pelo menos a cauda d'outro que com elle esteja, porque o arganaz quando tem fome atira-se ao seu similhante, mata-o, e devora.» (Brehm).

O ARGANAZ DOS POMARES

Mus avallanarum, de Linneo. — *Le lerot*, dos francezes.

O arganaz dos pomares tem $0^{m},14$ a $0^{m},16$ de comprimento no corpo, e a cauda $0^{m},10$ a $0^{m},12$ O corpo e a cabeça são mais curtos que os do arganaz ordinario, o focinho mais pontudo, orelhas maiores, pello pardo arruivado na parte superior do corpo, esbranquiçado na inferior, uma malha negra em volta de cada olho, estendendo-se até á parte detraz das orelhas; cauda comprida, ramalhuda só na extremidade, negra, com a ponta branca. Os olhos muito escuros dão ao animal expressão de viveza e intelligencia.

O arganaz dos pomares vive nas regiões temperadas da Europa central e occidental, faltando nos paizes mais septentrionaes.

Este animal, ao contrario do arganaz ordinario, prefere a vizinhança dos po-

Gr. n.° 142 — O arganaz dos pomares

voados, e amiudadas vezes se introduz nos quintaes, nos jardins, e principalmente nos pomares, onde faz grandes prejuizos. Se consegue introduzir-se na habitação, come a manteiga e bebe o leite; na floresta pilha os ninhos, devorando os ovos e os passaros novos.

Salta e trepa perfeitamente, não ficando a dever nada ao esquilo, e estabelece a sua morada sobre as arvores no verão, n'um ninho a descoberto, ou refugia-se nas fendas dos muros, nas tocas das toupeiras, que elle torna confortaveis tapizando-as com musgo, ou n'algum ninho abandonado pelo esquilo. Sendo necessario, elle proprio construe o ninho entre dois ramos.

Os individuos dos dois sexos reunem-se em maio, e depois de uma gestação que dura aproximadamente um mez, a femea tem de quatro a seis filhos, sem pello e com os olhos fechados, que deposita de ordinario n'algum ninho de esquilo, de melro ou de corvo, de que se apossa, e que antecipadamente tornou mais commodo, enchendo-o de musgo e de pellos.

A mãe aleita os filhos durante muito tempo, e quando já podem comer, fornece-lhe alimentos em quantidade. Se alguem lhe toca no ninho, ou lhe quer tirar os filhos, rosna, incendeiam-se os olhos, arreganha os dentes, e não tem duvida em saltar ás mãos ou á cara do roubador, dando grandes mordeduras. Em poucas semanas os pequenos attingem o tamanho dos paes, vagueiando por algum

tempo em volta do ninho onde nasceram, em busca de alimento, e sob a vigilancia da mãe.

O arganaz dos pomares estabelece a sua morada para o inverno — morada que abastece com os mantimentos necessarios para passar esta estação e parte da primavera,— no chão, nos buracos da toupeira ou dos ratos, procurando de preferencia os quintaes mais bem amanhados, e os pomares onde haja arvores ou troncos ôcos, e em qualquer d'estes logares prepara uma cama feita de hervas. de musgo e de folhas, e ahi dorme, ás vezes com oito ou dez companheiros, encostados uns aos outros, formando uma especie de bola, no meio das provisões, e dormindo d'um somno continuo, mas pouco profundo, despertando para comer todas as vezes que a temperatura se eleva, voltando ao seu primeiro estado de entorpecimento logo que o frio augmenta.

O arganaz dos pomares é detestado pelos prejuizos que causa nos fructos, procurando sempre os melhores e mais maduros; e como ás vezes se engana, deita fóra os que não encontra a seu gosto, destruindo assim muito mais do que come. O arganaz dos pomares não é facil de ser conservado preso, tem todos os defeitos do arganaz ordinario, não se habitua ao dono, e serve-se sempre que pode dos dentes, que são bastante agudos, para fazer feridas profundas e dolorosas.

Gr. n.º 143 — O arganaz muscardino

O ARGANAZ MUSCARDINO

Mus avellanarum minor, de Linneo — *Le muscardin*, dos francezes

O muscardino é um dos roedores mais graciosos, vivos e interessantes; agrada pela elegancia de fórmas, pela belleza do pello, e pelo asseio em que se conserva constantemente. É manso, e presta-se facilmente a viver junto do homem.

A cabeça é mais larga, o focinho menos alongado, os olhos maiores e as orelhas mais curtas que as do arganaz ordinario e do arganaz dos pomares. A cauda, toda da mesma côr, é coberta de pellos curtos e de egual dimensão.

O muscardino eguala em tamanho o rato pequeno caseiro, tendo de ordinario apenas $0^{m},14$, metade dos quaes pertence á cauda. O pello é espesso, liso e luzidio, amarello arruivado, mais claro no ventre que nas costas, branco no peito e na garganta. Em volta dos olhos e das orelhas é ruivo claro, o lado superior da cauda trigueiro ruivo escuro, as patas ruivas, os dedos brancos. Emquanto pequeno o pello é loiro claro. O arganaz muscardino vive nos paizes da Europa,

desde Portugal e Italia até á Suecia, encontrando-se tambem frequentemente em Inglaterra.

Este animal habita nas matas, e nas sebes, preferindo comtudo os avelleiraes. Os seus habitos são nocturnos, e de dia conserva-se escondido a dormir. Chegando a noite sae em busca de alimento, que consiste em glandes, sementes, fructos succulentos, bagas e renovos, preferindo a todo e qualquer alimento as avellãs.

Os muscardinos trepam muito bem, correm pelos ramos das arvores, ainda os mais flexiveis, imitando não só os esquilos e os arganazes, mas tambem os monos; porque para deitarem a mão a um fructo que esteja mais abaixo do logar em que estiverem, sabem dependurar-se pelos pés, correndo com egual rapidez pela parte superior ou pela inferior d'um ramo.

A femea, depois de quatro semanas de gestação, tem no mez d'agosto tres ou quatro filhos, que nascem sem pello, com os olhos fechados, e que deposita no ninho em que passou o verão, dando-lhes de mamar por espaço d'um mez. Os pequenos crescem rapidamente, e na época em que retiram para a sua habitação de inverno, são quasi tão grandes como os paes.

No meiado de outubro o muscardino retira-se para o sitio onde estabeleceu o seu deposito de mantimentos, e com ramos unidos, folhas, hervas e musgo prepara um alojamento, onde se accommoda, fazendo-se n'uma bola, e adormecendo d'um somno profundo, interrompido por vezes, e que nos invernos rigorosos póde durar sete mezes, despertando completamente quando os beneficos raios do sol da primavera lhe vem dar vida e calor.

O muscardino é difficil de ser apanhado pela sua grande esperteza, não se deixando cair facilmente nos laços que lhe armam; mas caindo na mão do homem, não só não procura mordel-o, como se resigna á sua sorte, domesticando-se com facilidade, embora se conserve sempre timido.

E' um animal agradavel pela sua gentileza, manso e gracioso, e que se póde conservar preso nas nossas habitações.

Em Inglaterra encontram-se á venda, mettidos em gaiolas á maneira de passaros.

QUINTO GRUPO

OS RATOS ATOUPEIRADOS

Nos ratos atoupeirados incluimos tres generos d'um grupo de roedores que, tendo na dentadura similhança com os ratos, teem grande analogia com as toupeiras nas fórmas e nos habitos.

A sua organisação especial torna-os aptos para viverem sob a terra; armados de unhas robustas, cavam profundas galerias nos terrenos leves, cortando com os dentes incisivos, que são rijissimos, as raizes que encontram na passagem.

Teem estes animaes o corpo cylindrico, orelhas quasi nullas, olhos occultos entre o pello, que é macio e curto, cinco dedos nas mãos e nos pés, armados de unhas rijas, principalmente nas primeiras, cauda curta ou nulla.

N'uma das especies, que adiante vae descripta, os olhos não existem, ou se existem são imperceptiveis e occultos no pello, não servindo para a visão.

OS GEOMYOS

Les géomys, dos francezes

Para alguns autores os geomyos, — termo que se deriva de duas palavras gregas, que significam *rato da terra*, — formam uma familia; porque embora se assimilhem ás toupieras, principalmente no seu genero de vida, são caracterisados por grandes papos exteriores ao lado da bocca, vindo-lhe d'esta circumstancia o nome de *ratos de papos*, porque vulgarmente são conhecidos.

A especie mais conhecida é o *geomyo de papos*, de que vamos falar.

O GEOMYO DE PAPOS

Geomys bursarius, de Linneo — *Le géomys à poches*, dos francezes

Este animal, conhecido na sua patria pelo nome de *rato bochechudo do Canadá*, tem a cabeça obtusa, focinho curto, orelhas pequenas, cinco dedos nos pés e nas mãos, armados d'unhas fortes, dois grandes papos externos ao lado da bocca, cauda redonda e macia, pello curto e fino, cinzento na raiz e ruivo na ponta, na parte superior do corpo pardo amarellado, e cauda branca. Tem de comprimento 0m,30, incluindo a cauda que mede 0m,08.

Os geomyos vivem na America do Norte.

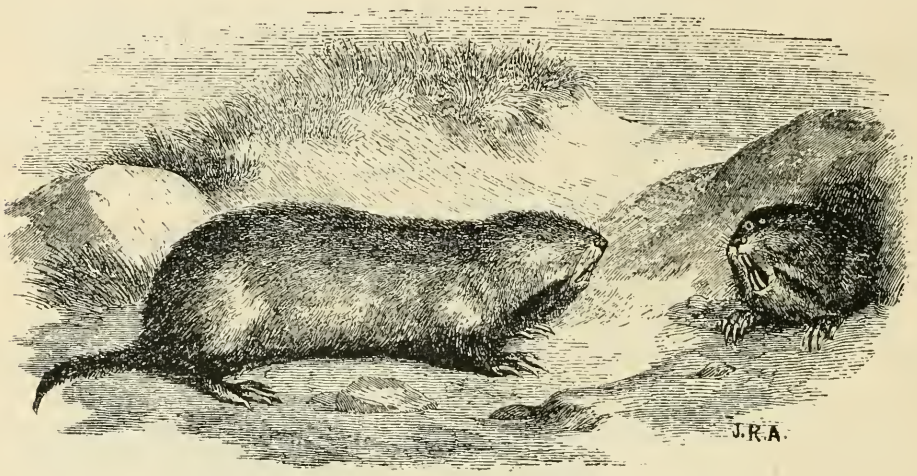
A. Brehm, dando em resumo a historia d'este animal, feita por Audubon e Gesner, diz o seguinte:

«Os geomyos fazem a toca á profundidade de $0^{m},30$, e os monticulos de terra que formam á superficie são em ziguezagues, a distancia aproximada de 1 metro uns dos outros. Os corredores mais antigos teem as paredes calcadas, o que não acontece nos novos, e ramificam-se de espaço em espaço.

O compartimento principal da toca fica situado entre as raizes d'uma arvore, pouco mais ou menos a $1^{m},50$ da superficie da terra, e onde vão dar os diversos corredores, geralmente seguindo em espiral. Este compartimento, que é o quarto de dormir do animal, assimilha-se ao ninho do esquilo, e é tapizado de hervas tenras.

Em março ou abril, a femea tem de cinco a sete filhos, n'um ninho analogo ao seu quarto de dormir, preparado porém com o pello que tira de si. Como nas tocas da toupeira, o compartimento principal é rodeado de galerias circulares, d'onde partem os corredores longitudinaes. Gesner encontrou n'uma toca uma passagem que ia do quarto de dormir a um grande deposito de provisões, que estava cheio de raizes, batatas, nozes e grãos.

De manhã, das quatro ás dez horas, o geomyo trabalha sem descanço em alargar a habitação, minando a terra, pro-



Gr. n.° 144 — O geomyo de papos

vavelmente para procurar alimento. Se o sitio é farto abre uma galeria de tres a cinco metros de comprimento, formando de dois a cinco monticulos de terra no exterior, e no caso contrario prolonga-a trabalhando mais tempo. Ás vezes deixa de trabalhar durante semanas inteiras, parecendo alimentar-se das provisões que arrecadou.

A terra que lhe sobeja das excavações lança-a para o exterior como a toupeira; sae da toca o menos possivel, e quando vem á superficie da terra é unicamente, no dizer de Audubon, para procurar a herva de que carece para fazer ninho, e algumas vezes tambem para se aquecer ao sol.

Tem o olfato finissimo, o ouvido muito apurado, e por isso está ao abrigo das surprezas que lhe queiram fazer; ao menor signal de perigo esconde-se nas suas galerias mais profundas, e em caso de necessidade excava rapidamente a terra e desapparece.

Quando andam a pasto, os geomyos enchem com o auxilio da lingua, os papos que teem na bocca e vasam-n'os apertando-os entre as mãos. Os papos dilatam-se á medida que o animal os vae enchendo, alongando-se, tomando a forma oval, não ficando porém, á maneira de dois saccos, caidos aos lados do focinho, como se tem dito, nem estorvando-lhe o andar.

Os geomyos podem causar grandes estragos; roendo as raizes conseguem em poucos dias destruir centos de arvores uteis, e devastar por isso terras inteiras de plantas tuberculosas; são persegui-

dos encarniçadamente, e armam-se-lhes laços de toda a especie. Quando o geomyo se vê preso, faz todos os esforços possiveis para rehaver a liberdade, deixando ás vezes uma perna na armadilha e fugindo. Defende-se á dentada, e dá mordeduras bastante profundas.

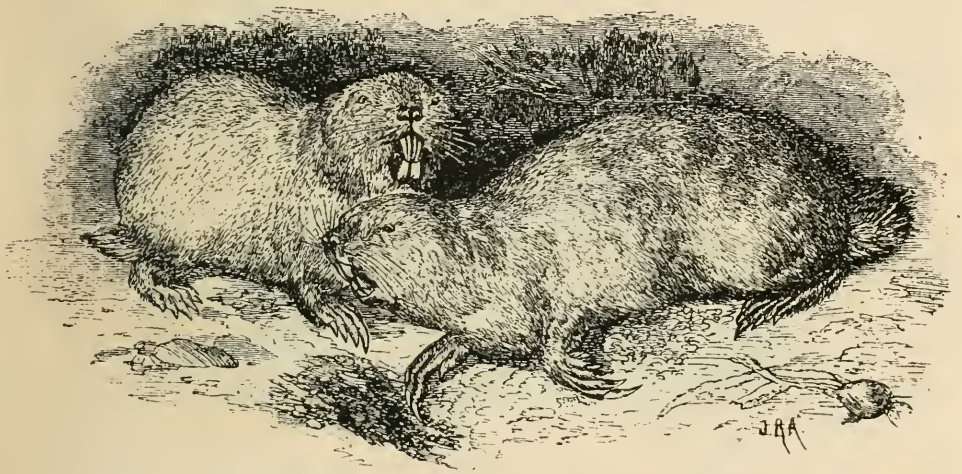
Audubon teve por vezes alguns geomyos presos, durante semanas, alimentando-os facilmente com tuberculos; eram muito vorazes, e não bebiam nem agua nem leite. Não deixavam de roer as paredes e a porta da gaiola, juntavam quantos trapos lhes dessem para fazer o ninho, e roiam o coiro.

Um d'estes animaes pôde um dia fugir e foi esconder-se dentro d'uma bota de Audubon; mas em vez de sair por onde havia entrado, roeu o bico da bota e escapou-se pela abertura que lhe fez. O habito, que não perde, de roer quanto encontra, e a bulha que d'isto resulta, tornam este animal muito desagradavel.

OS BATHYERGOS

Les bathyergues, dos francezes

A denominação que se dá a este genero é tirado de duas palavras gregas que significam *trabalho profundamente;* porque os animaes que pertencem ás suas diversas especies cavam galerias muito extensas, e a grande profundidade da superficie do solo.



Gr. n.º 145 — Os bathyergos

Os bathyergos teem o corpo pesado, pernas muito curtas, cabeça larga e obtusa, sem orelhas, olhos extremamente pequenos, cauda reduzida a um coto com um tufo de pellos, dentes incisivos compridos e salientes.

Descrevemos em seguida a especie mais conhecida d'este genero.

O BATHYERGO MARINHO

Bathiergus maritimus, de Linneo. — *Le bathyergue maritime*, dos francezes.

Este animal, conhecido por Buffon pelo nome de *grande toupeira do Cabo,* tem 0m,35 de comprido, pello espesso, macio e fino, branco arruivado nas partes superiores do corpo, esbranquiçado nas inferiores; a cabeça cheia de pellos longos e tezos.

O bathyergo marinho vive no sul da Africa, principalmente no Cabo da Boa Esperança.

Os logares de preferencia escolhidos por estes animaes são os terrenos arenosos, fugindo dos logares onde o solo é consistente, e a vegetação abundante. Encontram-se com frequencia nas dunas, á borda do mar.

O bathyergo vive sob a terra como os geomyos de que falámos, como elles abrindo a grande profundidade compridas galerias, que se ramificam, e se denunciam pelos monticulos de terra que se observam no exterior.

A claridade parece incommodal-os; só accidentalmente veem á superficie da terra e por pouco tempo.

Estes animaes minam por tal forma o

terreno que se torna perigoso para o homem e para os cavallos passar sobre as suas tocas, acontecendo ás vezes enterrarem-se até ao joelho.

Quando o assanham, o bathyergo morde profundamente.

Nada mais se sabe dos habitos d'este animal, ignorando-se as particularidades da sua propagação.

OS RATOS TOUPEIRAS

Les rats-taupes, dos f ancezes

Este genero, conhecido pelo nome scientifico de *spalax*, comprehende tres especies de animaes, essencialmente subterreos, vivendo á maneira das toupeiras, em quanto que pela dentadura, e consequentemente pelo regimen, se assimilham aos ratos, comendo como estes raizes e sementes, e fazendo grandes estragos nos campos cultivados.

O corpo d'estes animaes é muito refeito, a cabeça mais grossa que o tronco, quasi sem pescoço, orelhas nullas, olhos rudimentares, cobertos de pelle, não podendo servir ao animal para vêr; pés e mãos muito largos e armados d'unhas rijas. Não teem cauda.

A especie de que falamos adiante é a

Gr. n.º 146 — O rato typhlo

mais conhecida, e que Buffon descreve sob o nome de *zemni*.

O RATO TIPHLO

Mus tiphlus. — Le rat-taupe aveugle, dos francezes

Este animal, muito parecido com a toupeira, é ainda mais feio do que ella. Tem $0^{m},23$ de comprido; o pello é espesso e macio, pardo amarellado na parte superior do corpo, mais claro na cabeça; em volta da bocca, na queixada inferior e nas pernas branco sujo; o ventre pardo cinzento com riscas longitudinaes brancas e manchas da mesma côr entre as pernas trazeiras.

O rato tiphlo encontra-se na Russia meridional, n'uma parte da Hungria, na Grecia e na Turquia.

Este animal segue o genero de vida das toupeiras, construindo como ellas a habitação debaixo da terra, a grande profundidade, e que se denuncia pelos monticulos de terra que se vêem á superficie.

Vive só como a toupeira, mas na epoca do cio encontra-se por vezes sobre a terra, tomando o sol em companhia da femea.

Não faz deposito de provisões; come raizes, tuberculos, e em caso de necessidade a casca das arvores. Na habitação prepara a femea o ninho para receber de dois a quatro filhos, que tem d'uma barriga.

SEXTO GRUPO

OS GERBOS

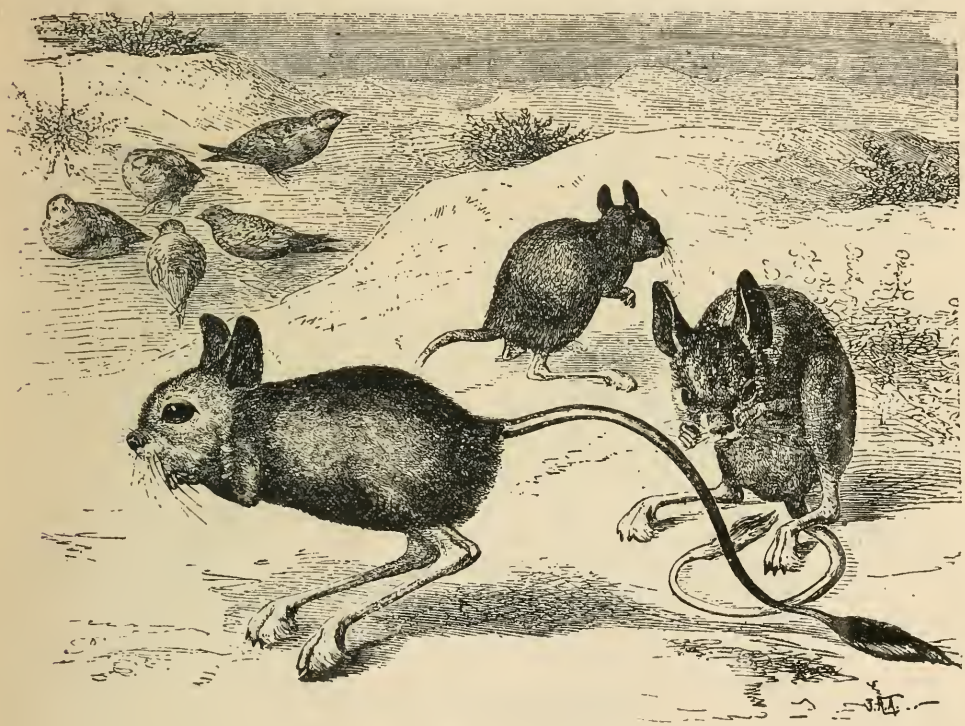
Os animaes de que em seguida nos vamos occupar são caracterisados pela desproporção que existe entre os seus membros anteriores e posteriores, de modo que as pernas são quatro ou cinco vezes mais compridas do que os braços. Os angosi deram a estes roedores a denominação de *dipus*, que significa *com duas pernas*, julgando que estes animaes se serviam para andar tamsómente dos membros posteriores.

N'este grupo vão incluidos tres generos principaes: *os gerbos propriamente ditos*, *os helamyos e os gerbinhos*.

OS GERBOS PROPRIAMENTE DITOS

Les gerboises, dos francezes

As especies d'este genero, que se póde considerar como sendo o typo de toda a familia dos *dipodianos*, são as mais conhecidas; por caracteres geraes tem a ca-



Gr. n.° 147 — O gerbo d'Arabia

beça muito larga, orelhas compridas e pontudas, olhos muito grandes e salientes, grandes bigodes, cauda muito mais comprida que o corpo, terminando por um tufo de pellos tezos; os membros anteriores muito curtos, com quatro dedos armados d'unhas compridas, agudas, e recurvas, e os posteriores seis vezes mais compridos que aquelles, terminando por tres dedos cobertos de pellos compridos. O pello do corpo é macio e sedoso.

Existem cinco ou seis especies pertencentes a esse genero; só faremos, porém, a descripção das duas que seguem, e por ellas se póde ficar conhecendo os habitos e genero de vida de todas:

O GERBO DA ARABIA

Mus sagitta — La gerboise d'Egypte

Este animal tem o pello amarello, similhante á côr da areia, na parte superior do corpo, branco na inferior, e uma faxa d'esta côr que separa as coxas do resto do corpo; a cauda é amarella clara em cima, esbranquiçada por baixo, e com

a extremidade preta, terminando em pellos brancos.

Este lindissimo roedor mede de 0,m16 a 0m,18 de comprimento do focinho á raiz da cauda, e esta 0m,22, chegando a 0m,26 contando com os pellos. Encontra-se esta especie no Egypto, na Arabia, na Syria, na Siberia oriental, e nas margens do Volga.

O gerbo d'Arabia vive nas planicies arenosas e desertas, nas regiões mais aridas, onde parece impossivel que encontre com que se alimentar. Anda em grandes bandos, e recolhe-se em tocas abertas na terra, a pequena profundidade, que cava com as unhas agudas das mãos. Dizem os arabes que todos os individuos d'um bando trabalham em commum na construcção das suas habitações. Sempre inquietos, e receiosos, ao menor ruido escondem-se nas tocas, sendo difficil vêl-os a distancia, tanto a côr do pello se confunde com a do solo.

Quando caminha tranquillamente, o gerbo move-se sobre os quatro membros; mas quando por qualquer circumstancia precisa correr serve-se tamsómente dos pés, dando saltos superiores a tres metros.

É curiosa a fórma porque o animal salta: agachando-se primeiro, estende e inteiriça a cauda contra o solo, para lhe servir de ponto d'apoio, e depois, como que impellido por uma mola, arremessa-se para a frente, indo cair a grande distancia; assim faz successivamente, repetindo este movimento tão rapidamente, que quasi não é possivel apreciar o tempo que decorre d'um salto ao outro. Visto a distancia, caminhando assim, parece uma frecha que atravessa o ar. O homem correndo não consegue alcançal-o, e até mesmo para um habil atirador é empresa difficil poder acertar-lhe.

A posição ordinaria do gerbo, quando nada o assusta, é sentado sobre a parte posterior do corpo, com as mãos caídas contra o peito, apoiando-se na cauda.

O principal alimento d'este animal consiste em tuberculos ou raizes que desenterra; e segundo affirma Heuglin, come tambem folhas, fructos, grãos, não desprezando os insectos, antes tendo-os por acepipe muito do seu agrado. Como animal de habitos nocturnos, só dá começo ás suas excursões ao pôr do sol, comquanto seja visto algumas vezes a brincar junto da entrada da toca, exposto aos raios mais ardentes do sol.

Ácerca da reproducção d'estes animaes, diz Brehm que nada se conhece de positivo. «Os arabes, diz este autor, contaram-me que o gerbo faz o ninho no sitio mais recondito da toca, revestindo-o, á maneira dos coelhos, com o pello que arranca do ventre, e ahi deposita de dois a quatro filhos, que tem d'uma só barriga. Com quanto eu não affirme a veracidade d'estas observações, entretanto é certo que ninguem melhor do que os arabes conhece este animal.»

Os povos que habitam as regiões frequentadas pelo gerbo, dão-lhe caça para aproveitar a carne que por elles é muito apreciada; para os apanhar procuram-n'os nas tocas, ás quaes tapam as saídas, menos duas; uma aonde collocam uma rêde, e outra por onde introduzem um pau, obrigando por este meio o animal a fugir, ficando preso na rêde. D'este modo, diz Brehm, apanham-se vivos dez ou vinte de cada vez.

Áparte o homem, poucos são os inimigos naturaes do gerbo, existindo apenas o fenneco, o lynce caracal e a cobra de cascavel do Egypto, uma das mais terriveis e venenosas cobras da Africa, que persegue o gerbo até mesmo na toca, bastando uma unica mordedura para o matar.

Sobre a domesticidade d'estes animaes, diz Brehm,— que possuiu alguns, e que refere ter escripto a sua historia tendo um n'uma gaiola, em frente de si,—as seguintes palavras:

«Posso dizer, por experiencia propria, que faz gosto ter o gerbo dentro de uma gaiola, ou mesmo fechado n'um quarto. Durante a minha estada em Africa recebi por vezes dez a doze gerbos, que eu fechava n'uma casa grande, para poder observal-os á minha vontade.

Logo no primeiro dia mostravam-se muito dados; eram inoffensivos, e podia tocar-se-lhes ou acaricial-os, que nada tinham de ariscos; sendo necessario ter cuidado em não pisal-os, porque se deixavam ficar quando alguem se aproximava. Qualquer que fosse o numero de gerbos que estivessem juntos, reinava sempre a melhor harmonia entre todos, conchegando-se uns com os outros, principalmente de madrugada, quando o frio era mais rijo.»

Este naturalista, continuando a descripção dos gerbos que possuia, fala do seu grande asseio e do grande cuidado que empregam em pentear e alisar o pello,

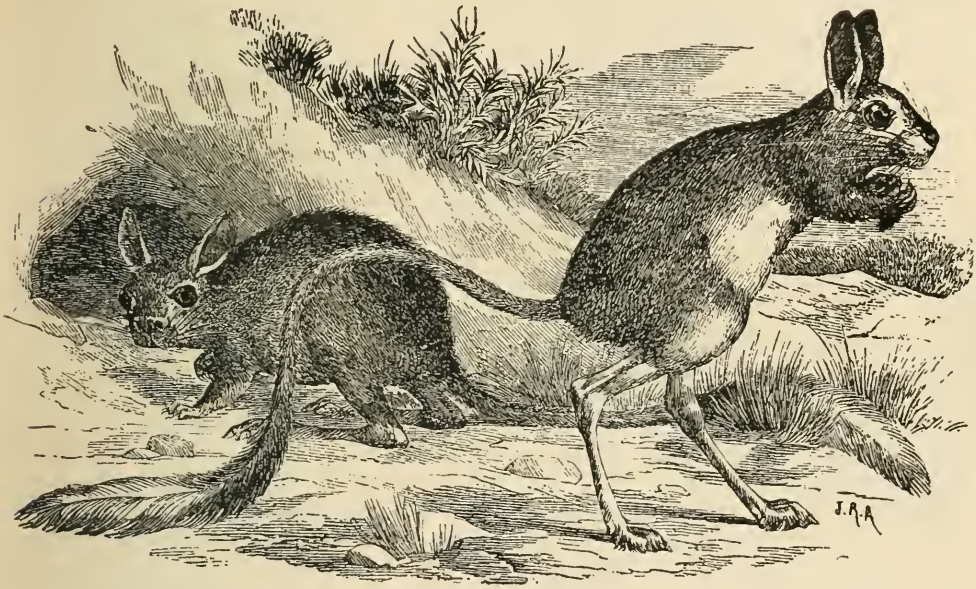
não deixando uma unica parte do corpo sem limpeza. Diz que para comer se firmam nas plantas dos pés, segurando com as mãos os alimentos. «Não ha nada mais interessante, escreve elle, que ver o gerbo quando se lhe dá um bago d'uva, uma tira de cenoura ou uma maçã: segura qualquer d'estes fructos com as mãos, virando-o repetidas vezes, e assim o roe sem nunca o deixar caír.» Bebiam o leite de um modo particular: molhavam as mãos no liquido, lambendo-as depois.

A. Brehm diz, finalmente, que de todos os roedores que teve, nenhum o interessava mais do que um gerbo que possuia ao tempo de escrever as observações a que nos temos referido, tornando-se agradavel a todos pelas suas boas qualidades; tão inoffensivo, docil, gentil e alegre se mostrava, que sem enfado se passavam horas inteiras a observal-o.

O GERBO COMMUM

Mus jaculus — L'alactaga fleche, dos francezes

O gerbo commum differe do gerbo da Arabia na fórma da cabeça, que é pequena e redonda, e nos pés, que teem cinco dedos. As orelhas são grandes, delgadas, mais compridas que a cabeça; os bigodes



Gr. n.° 148 — O gerbo commum

grandes; as pernas quatro vezes maiores que os braços; as unhas das mãos compridas, agudas e recurvas; as dos pés curtas e obtusas.

Na côr do pello pouco varia do seu congenere, de que antecedentemente falámos. As costas são amarellas arruivadas, as ilhargas e as coxas mais claras, e o ventre e as pernas brancos; a cauda é da mesma côr das costas, e o tufo de pellos que tem no fim, collocados á maneira das barbas d'uma penna, é preto na primeira metade e branco na segunda.

Este animal vive na Russia meridional, na Criméa; mas a sua verdadeira patria é a Asia, onde é muito frequente em varios pontos.

O gerbo commum habita nos terrenos argilosos; ao contrario do gerbo da Arabia, retira-se dos terrenos arenosos ou delgados, onde não póde construir a toca com a solidez necessaria. É um animal sociavel, que vive com os seus similhantes; de dia está escondido na toca, saindo á noite em busca do alimento.

A toca do gerbo commum é feita por elle, e consiste n'um simples corredor, mais ou menos sinuoso, que se abre n'uma galeria principal, ás vezes com ramificações, que seguem até uma cavidade muito vasta, com communicação para um compartimento accessorio, que é o quarto de dormir. Da cavidade parte outro corredor, que, seguindo direcção opposta ao

da entrada, vae abrir-se na superficie do solo, e serve ao animal no caso de fuga.

Quando o gerbo commum entra para a toca, tapa todas as aberturas, e por isso quando se encontra alguma com as entradas abertas, é signal certo que está deshabitada. Na mesma toca vivem de ordinario dois ou tres casaes, e n'este caso existem outros tantos compartimentos ao lado da cavidade.

Este animal sustenta-se de bolbos e raizes, comendo tambem os insectos que encontra, ovos e aves pequenas.

Nos movimentos assimilha-se a todos os *dipodianos,* andando com os pés e as mãos quando pasta, e só com os pés quando foge ; salta como o gerbo da Arabia, ainda a maiores distancias do que este, dando que fazer a um cavallo para alcançal-o. Quando foge não corre em linha recta, vae em ziguezagues, cançando por esta fórma o seu perseguidor.

A femea tem filhos mais de uma vez cada anno, de seis a oito de cada barriga, que deposita em um ninho preparado com o pello que tira de si.

Chegado o inverno, o gerbo commum refugia-se na toca, fechando ainda com maior cuidado as entradas, e ahi, conchegados uns aos outros e deitados n'uma cama bem macia, adormecem, caindo em lethargia até á primavera, não arrecadando porém, como outros roedores, provisões para essa epoca.

Este animal vive captivo, e muitos tem sido vistos na Europa. Hayne, que descreve um que conservou por mais d'um anno, termina dizendo, n'uns periodos transcriptos por Brehm, o seguinte :

«Era tão docil, que sem receio lhe podiam pegar ; nunca mordeu ninguem. Era timido como a lebre, e tinha medo até dos animaes mais inoffensivos.

Muito sensivel ao frio, era necessario tel-o perto do lume. Creio que se não tivesse morrido victima de um desastre, teria vivido muito tempo.»

Nos sitios onde este animal vive é perseguido pelos caçadores, sendo muito estimada a sua carne.

OS HELAMYOS

Les helamys, dos francezes

Os helamyos, ou *gerbos da Cafraria*, são os representantes dos gerbos na Africa meridional. Os colonos hollandezes do Cabo da Boa Esperança denominam-n'os *lebres saltadoras.*

Estes animaes distinguem-se dos gerbos propriamente ditos pelo corpo mais alongado e mais grosso na parte posterior; pescoço grosso mas bem separado do tronco, membros anteriores curtos e mais grossos que os d'aquelles animaes, e os posteriores muito compridos e vigorosos, com cinco dedos nas mãos e quatro nos pés.

A cabeça é grande e muito felpuda ; focinho comprido e obtuso; olhos grandes, muito salientes ; orelhas regulares, delgadas e pontudas ; bigodes curtos.

O GERBO DA CAFRARIA

Mus caffer—L'hélamys cafre, ou gerboise du Cap, dos francezes

Este animal tem o pello comprido, espesso e macio, amarello arruivado misturado de preto nas costas, e branco no ventre. Tem o tamanho de uma lebre grande, com a cauda maior que o corpo.

O gerbo da Cafraria é muito frequente no Cabo da Boa Esperança.

«Vive indifferentemente, diz Brehm, nas montanhas ou nas planicies, formando ás vezes verdadeiras colonias. Construe moradas subterraneas muito profundas, a que vão dar numerosos corredores, que se ramificam, alguns abertos á flor da terra. Uma grande familia, que se compõe de muitos casaes, vive de ordinario n'estas tocas, onde as abelhas vão muitas vezes depositar os favos, partilhando pacificamente a morada dos gerbos.

Os hottentotes dizem que os helamyos se servem para minar a terra das mãos e dos dentes, e Lichtenstein póde verificar que nem sempre é facil desencovar este animal. Tendo encontrado grande numero de entradas d'uma toca de gerbos, empregou muitos hottentotes armados de enxadas e pás para pôl-a descoberto; mas trabalharam em vão, porque os corredores formavam uma tal rede, que era impossivel cortar todas as saidas aos animaes ; além d'isso é provavel, no dizer dos hottentotes, que o gerbo cave mais depressa o solo do que o podem fazer os caçadores.

Como os demais individuos da familia dos dipodianos, o gerbo da Cafraria é noctivago, sendo á hora do crepusculo que começa o seu viver. Sae então vaga-

nte da toca, mais de rojo do que
ando, e assim vae á busca das
das hervas e dos grãos de que se
ta. A cada momento levanta-se so-
s pés e escuta; está continuamente
oso.

Quando não come, passa o tempo a
mpar-se, ou a velar pela propria segu-
rança, dando de tempos a tempos um
grunhido, uma especie de balido, sem
duvida para chamar os companheiros.
Como os outros gerbos de que falámos,
leva o comer á bocca com as mãos.

Tanto este animal é vagaroso quando
se move sobre os quatro membros, como
agil quando corre, dando saltos succes-
sivos á maneira dos outros gerbos e dos
kangurus. Em geral o gerbo da Cafra-
ria dá saltos de dois e meio e tres me-
tros, alcançando seis e dez quando o per-
seguem, no dizer de Forster e Sparrmann.

Esta rapidez nunca se modera, e por

Gr. n.° 149 — O helamyo ou gerbo da Cafraria

isso o animal escapa constantemente ás perseguições que lhe fazem.

A humidade parece que lhe paralysa os movimentos: os hottentotes affirmaram a Lichtenstein que quando chove nunca os gerbos saem da habitação, sendo então facil apanhal-os. Deitando-lhe agua na toca, apanham-se quantos se desejar; não sendo, porém, empresa sempre facil, porque se defendem vigorosamente com os pés, fazendo feridas profundas com as unhas que são muito agudas.

Pouco se sabe ácerca da propagação d'este animal; sabe-se só que a femea tem no verão tres ou quatro filhos, que aleita durante muitas semanas, conservando-os ainda depois na toca por algum tempo em sua companhia.

O gerbo da Cafraria conserva-se facilmente preso se o tratarem bem, e até mesmo se domestica em pouco tempo, tomando affeição ao dono. Só morde quando o maltratam. É muito asseiado, e bom de alimentar, dando-se-lhe trigo, pão, plantas das que geralmente usamos para salada, e couves. Dorme sentado com

a cabeça escondida entre as coxas, estendendo os braços por cima das orelhas e dos olhos.

Os colonos hollandezes do Cabo da Boa Esperança teem em grande estima a carne do gerbo da Cafraria, dando á pelle o mesmo uso que nós damos á da lebre, e por isso se empregam com grande empenho na caça d'este animal.

Os estragos que estes roedores podem causar são amplamente compensados pelo proveito que dão depois de mortos, sendo facil a qualquer vêr-se livre dos que lhe sejam nocivos».

OS GERBINHOS

Les gerbilles, dos francezes

Estes animaes teem grande analogia com os gerbos de que acabamos de falar e tambem com os ratos, sendo por isso incluidos por alguns autores n'este grupo.

Teem a cabeça comprida, e n'algumas especies muito similhante á dos ratos propriamente ditos; orelhas curtas arredondadas na extremidade; os membros de diante curtos e os de traz compridos ou muito compridos, quatro dedos nas mãos e cinco nos pés, uns e outros armados de unhas. A cauda é comprida e coberta de pellos.

Ha muitas especies, duas apenas bem conhecidas, que vivem na Europa oriental, na Asia e na Africa, variando os individuos de tamanho, que é egual ao da ratazana ou ao do rato pequeno caseiro.

Estes animaes vivem em buracos, alimentando-se quasi exclusivamente de vegetaes, que arrecadam nas tocas para lhes servir durante o inverno. A sua marcha é aos saltos como os gerbos, sendo muito habeis n'esta fórma de caminhar, não andando nem correndo á maneira dos outros roedores.

SETIMO GRUPO

AS CHINCHILLAS

Não é muito remoto o conhecimento perfeito d'esta pequena familia dos roedores, denominada tambem *Eriomyos*, do grego *ratos de lã*, que comprehende diversas especies d'animaes, para as quaes se podem tomar por typo as chinchillas e os lagostomos ou viscaques, vivendo todos na America meridional. Estes animaes, dos quaes se póde dizer, n'uma descripção curta mas exacta, que são *lebres de cauda comprida e ramalhuda*, possuem pelle fina, macia e muito linda, de que os indigenas se serviam para diversos usos desde os tempos mais remotos, e que só começou a apparecer na Europa no fim do seculo passado, mas tomando em pouco tempo taes proporções a exportação, que do Chili e do Peru se fazia para esta parte do mundo, que de 1825 a 1832 se venderam só em Londres mais de 18:000 pelles, sendo necessario que o governo chileno tomasse medidas repressivas para evitar a completa destruição da especie. Hoje, comquanto a pelle da chinchilla não tenha a mesma procura, é ainda bastante estimada.

Comprehende esta familia tres generos — que se distinguem pelo numero dos dedos e por caracteres de menor valor, — são as *chinchillas*, os *lagotios* e os *lagostomos* ou *viscaques*, e de cada um d'estes generos vamos descrever a especie mais conhecida.

AS CHINCHILLAS

Les chinchilles, dos francezes.

As chinchillas, propriamente ditas, teem a cabeça grossa, achatada no alto e alargando na região temporal; orelhas grandes, membranosas como as da lebre, arredondadas na extremidade, e quasi nuas; bigodes longos; os membros posteriores com o dobro do comprimento dos anteriores, quatro dedos nos pés e cinco nas mãos; a cauda comprida e coberta de pellos; o pello comprido, sedoso e finissimo.

Os naturalistas distinguem duas especies, ambas similhantes nos habitos e genero de vida, e só faremos a descripção da que se segue.

A CHINCHILLA ORDINARIA

Mus laniger — Le chinchilla vulgaire, dos francezes

Este animal tem aproximadamente $0^m,33$ de comprimento, e a cauda $0^m,15$. O pello nas costas e nas ilhargas alcança $0^m,08$ de comprimento, é pardo azulado escuro na raiz, branco no centro e pardo escuro na extremidade, apresentando em geral o tom prateado, com reflexos mais escuros; o do ventre e das pernas é bran-

co, e o da cauda, na parte superior d'este orgão, forma duas faxas mais escuras. Os bigodes são pardos, e os olhos pretos.

A chinchilla encontra-se em grandes bandos nas montanhas do Peru e do Chili.

«Os viajantes que sobem a vertente occidental da cadeia de montanhas da America do Sul, chegando á altura de 2:600 a 3:600 metros, avistam as rochas cobertas de chinchillas, havendo quem n'um dia tenha contado mais de mil d'estes animaes. Encontram-se de dia, sentadas á entrada das tocas, constantemente do lado da sombra, sendo principalmente de manhã cedo a melhor occasião de poder observal-as. Vivem até nos pontos mais aridos da montanha, sobre rochedos, onde só vegetam algumas magras plantas.

Movem-se com rapidez, correndo pelas rochas mais escalvadas, trepando ainda mesmo pelas superficies que parece não lhes offerecerem apoio, subindo assim á altura de 6 ou 9 metros, com grande agilidade.

Embora se não possa chamar timidas ás chinchillas, não permittem comtudo que o homem se lhes aproxime muito.

Gr. n.° 150 — A chinchilla

e ao menor indicio que elle dê de querer chegar-se, desapparecem subitamente: se em certo ponto estiverem reunidos centos d'estes animaes e alguem disparar uma espingarda, n'um momento desapparecem todos, como por encanto, por entre as fendas das rochas.

Entretanto o viajante que se demorar n'aquellas altas regiões, se der mostras de não querer perseguil-os, vê-se muitas vezes litteralmente cercado por estes animaes, que vestem inteiramente os rochedos, não havendo buraco ou fenda d'onde se não veja surdir uma cabeça. Confiantes e curiosas, as chinchillas atrevem-se a mais: saem e veem finalmente passar por entre as pernas das mulas.

Á maneira dos ratos, a chinchilla salta mais do que anda, e para descançar senta-se nas pernas trazeiras, junta as mãos sobre o peito, e estende a cauda. Quando quer põe-se em pé, podendo conservar-se n'esta posição por algum tempo.

Para trepar serve-se das anfractuosidades dos rochedos, e a menor saliencia é-lhe ponto de apoio. Todos os observadores são concordes em affirmar que este animal sabe perfeitamente prolongar a vida nas regiões aridas e selvagens em que vive, sendo motivo de distracção e prazer para

o homem que ousa atravessar estas paragens desertas.

Nada se sabe de positivo com referencia á multiplicação d'este animal, encontrando-se, porém, em todas as epocas do anno femeas prenhes No dizer dos indigenas, a chinchilla tem de quatro a seis filhos de cada vez, que se tornam independentes tão depressa podem sair do ninho onde nasceram, e desde esse momento a mãe não mais cuida d'elles.

Outr'ora as chinchillas eram mais frequentes nos pontos menos elevados, onde hoje se não encontram, e que abandonaram pelas continuas perseguições que lhes faziam, indo habitar as zonas mais altas. Desde as epocas mais remotas pouco tem variado os processos para apanhar este animal, porque embora os europeus se sirvam de béstas e espingardas, este meio não é dos melhores, porque se o animal não morrer immediatamente, desapparecerá em qualquer buraco, com perda para o caçador.

Os indios seguem um processo melhor para apanhar as chinchillas: armam-lhes laços em frente das fendas dos rochedos aonde podem chegar, indo de manhã buscar as que ficaram presas, apanhando por esta fórma duzias de cada vez. Outras vezes o systema é egual ao que usamos na caça aos coelhos, ensinando a caçar a doninha do Perú, *mustela agilis*, que empregam como nós empregamos o furão, e que aprende a introduzir-se nas tocas das chinchillas, e a trazer as que lá encontra depois de as estrangular.

É vulgar na America encontrar chinchillas domesticadas; e pela graça dos movimentos, asseio e facilidade com que se resignam á perda da liberdade, ganham em pouco tempo a affeição de quem as possue. São inoffensivas, e podem deixar-se correr pela casa em liberdade.

Entretanto mais de uma vez se tornam desagradaveis pela sua curiosidade, e pelo habito de tudo examinarem, até mesmo os objectos que se suppõem fóra do seu alcance; trepar a uma mesa ou a um armario, é empresa muito facil para ellas, e muitas vezes saltam d'ahi á cabeça ou aos hombros das pessoas que passam.

A intelligencia d'estes animaes parece não exceder a dos coelhos e porquinhos da India, não mostrando affeição alguma pelo dono. Embora se conservem cheias de vivacidade depois de presas, são entretanto menos vivas que em liberdade, e mostram-se sempre timidas.

E facil alimental-as dando-lhes feno e hervas seccas, principalmente trevo. Em liberdade comem hervas, raizes e musgo; sentadas na parte trazeira do corpo, levam o comer á bocca com as mãos.» (Brehm).

OS LAGOTIOS

Les lagotis, dos francezes

Estes animaes differem das chinchillas no tamanho das orelhas que são maiores, na cauda tão comprida como o corpo, bigodes mais longos, e cinco dedos nas mãos e nos pés.

A especie mais conhecida é a que mencionamos em seguida:

O LAGOTIO DE CUVIER

Lagotis Cuvierii — Le lagotis, de Cuvier

N'este animal, o pello muito comprido e notavel pela grande flexibilidade, é branco na raiz, branco sujo na ponta e trigueiro amarellado no centro, sendo o colorido geral pardo, mais claro nas ilhargas e tirante a amarello. Os pellos da cauda, na parte inferior e aos lados, são curtos e trigueiros amarellados, e os do lado superior mais compridos, brancos e pretos, sendo os da extremidade todos pretos. Os bigodes são negros e tão compridos que lhe alcançam as espadoas; as orelhas, arredondadas nas extremidades, medem $0^{m},09$ de comprimento.

Tem o tamanho e as proporções d'um coelho, com as pernas trazeiras maiores e a cauda do tamanho do corpo.

Esta especie habita nos sitios montanhosos do Perú e do Chili.

Os lagotios são similhantes ás chinchillas no genero de vida e nos habitos; como estas, são vivos e ageis, e da mesma fórma sociaveis e faceis de domesticar.

OS LAGOSTOMOS

Este genero comprehende um animal que se parece mais com a chinchilla do que com o lagotio, tendo os seguintes caracteres: corpo muito curto, arqueado, os membros posteriores com o dobro do comprimento dos anteriores, quatro dedos nas mãos e tres nos pés; cabeça larga, focinho curto e obtuso, pescoço curto,

Impresso por Lallemant frères. Lisboa.

OS VISCAQUES

bigodes espessos, orelhas pequenas, delgadas e nuas pela parte de dentro, e o beiço superior fendido. A unica especie do genero é a que em seguida descrevemos.

O VISCAQUE

Lagostomus trichodoctylus. — *Le viscache*, dos francezes

Esta especie é denominada pelos indigenas *ararouca* e *trui*, e pelos hespanhoes *biscacha* A pelle d'este animal é espessa, em geral parda trigueira, mais escura na parte superior do corpo. A cabeça em cima é negra, de cada lado tem uma grande faxa esbranquiçada, que se estende desde o focinho, que é trigueiro, até á parte de traz dos olhos; a parte inferior do corpo é branca, bem como é branco o lado de dentro das pernas. A cauda é coberta de pellos brancos sujos e amarellos. Mede de comprimento do focinho á raiz da cauda aproximadamente $0^{m},50$ e a cauda $0^{m},20$.

O viscaque é representante da familia na parte oriental dos Andes, cuja vertente occidental occupam as chinchillas e os lagotios, e encontra-se nos pampas que vão desde Buenos-Ayres até á Patagonia.

Em todos os logares onde vive é abundante, e ha sitios onde se encontra aos bandos, d'um e d'outro lado dos caminhos. Habita as regiões mais aridas e desertas.

Construe as tocas, trabalhando em commum, e cada toca comprehende grande numero de corredores, tendo muitas vezes quarenta e cincoenta entradas, e tantos compartimentos ou quartos de dormir quantas são as familias que lá habitam.

«Oito ou dez familias, diz Brehm, vivem na mesma habitação, acontecendo, porém, frequentemente, que umas tantas a abandonam e vão formar nova morada na vizinhança da antiga, o que acontece sempre que o mocho das cavernas vae estabelecer-se na habitação d'estes animaes. Por esta fórma o solo é frequentemente minado na extensão de muitos kilometros quadrados, como acontece na Republica Argentina, na provincia de Santa Fé.

A familia conserva-se occulta na sua morada todo o dia; ao pôr do sol sae um viscaque, depois outro, e assim successivamente, até que ao crepusculo já é numerosa a sociedade que se reune á entrada da toca. Depois de se certificarem que tudo está tranquillo, principiam vagueando em volta da morada commum, brincando e grunhindo de modo que se ouve a distancia. Finalmente tudo fica silencioso; é chegada a hora da refeição, e comem tudo quanto encontram: hervas, raizes e a casca das arvores, e se nas vizinhanças existe uma terra cultivada, para lá se dirigem, pilhando o que lá houver.

Como animaes muito prudentes, nunca se esquecem de velar pela sua segurança, e um ou outro levanta-se sobre as pernas trazeiras para observar o que se passa. Ao mais leve ruido foge, o bando inteiro gritando, indo refugiar-se nas tocas, e é tal o medo d'estes animaes, que ainda lá do fundo das suas moradas se lhes ouvem os gritos.

Os viscaques assimilham-se aos coelhos nos movimentos, sendo-lhes, todavia, inferiores em agilidade. São alegres, espertos, muito dados a brincar, e nas suas excursões vão em continuas folganças, provocando-se mutuamente, saltando uns sobre os outros.

Á maneira do chacal e do raposo da America do Norte, teem o habito bastante curioso de juntar á entrada das tocas quanto pódem encontrar, e por vezes ahi se encontram ovos, cavacos, bosta de boi, finalmente um sem numero de objectos que lhes não são de nenhuma utilidade. Os gauchos tão depressa dão por falta d'algum objecto, dirigem-se ás tocas mais proximas dos viscaques, certos de lá o encontrar. No interior da habitação não guardam nada, nem mesmo os corpos mortos dos seus similhantes. É duvidoso se estes animaes arrecadam provisões para o inverno, e só o affirma um dos antigos naturalistas.

Nada se sabe de positivo com respeito á reproducção dos viscaques, julgando-se que a femea tem de cada vez, de dois a quatro filhos, que em dois ou quatro mezes são adultos. Gœring nunca encontrou uma viscaque com mais d'um filho. A mãe cuida d'elles com ternura, e defende-os corajosamente.

Um dia Gœring atirou a um d'estes animaes, que ia acompanhado pela cria; esta caiu morta ficando a mãe apenas ferida. Quando se aproximou para deitar a mão ao pequeno viscaque, viu a mãe fazendo vãs tentativas para levar comsigo o filho, e andando em volta d'elle pare-

cia afflicta ao ver que todos os seus esforços eram baldados; vendo o animal abeirar-se o caçador, levantou-se nas patas trazeiras, deu um pulo, e atirou-se a elle grunhindo, tão furiosa, que Gœring se viu na necessidade de repellil-a ás coronhadas. Depois, convencida que tudo era inutil, e nada podia salvar-lhe o filho, retirou-se para a toca lançando ao matador olhares em que a um tempo se podia lera colera e o medo de que estava possuida.

O viscaque tem por inimigos naturaes o grypho grande do Peru, que o devora, os cães selvagens e os raposos que o perseguem encarniçadamente. Não obstante a destruição causada por estes animaes nos viscaques o numero d'elles não diminuiria se o homem, arroteando tractos de terreno outr'ora incultos, os não obrigara a concentrar-se n'uma menor extensão, tornando-se assim o seu mais temivel inimigo» (Brehm).

Os indigenas caçam o viscaque menos pela carne e pelo valor da pelle do que para evitar que minem o solo, tornando perigosos os sitios onde vivem em abundancia, dando logar a que qualquer cavallo, que por alli passe, vá abaixo, ou quebre uma perna. Um dos meios mais usados para destruir estes animaes é inundar-lhes a toca, obrigando-os a sair, e largando-lhes em seguida os cães, que os matam.

Os viscaques, sendo apanhados novos, domesticam-se facilmente, e podem conservar-se sem custo nas nossas habitações, dando-lhes para alimento pão, cenouras e outras substancias analogas.

OITAVO GRUPO

OS RATOS ESPINHOSOS

Os animaes que formam este grupo, a que os naturalistas dão o nome de *echimyos*, do grego *ouriço rato*, são parecidos com os ratos no tamanho e nas fórmas, differindo na dentadura e na pelle, formada de pellos macios na parte inferior do corpo, e na superior de pellos e de numerosos espinhos, achatados, e muito agudos.

Este roedor que, como já dissemos, se assimilha aos ratos na fórma geral do corpo, tem a cabeça grossa, focinho obtuso, o beiço superior fendido, olhos pequenos, orelhas grandes e ovaes, pernas curtas, cinco dedos nos pés e quatro nas mãos com o pollegar rudimentar, todos armados de unhas curvas. A cauda é comprida, a maior parte das vezes escamosa, ou coberta de pellos curtos.

N'este genero comprehendem-se muitas especies, e até mesmo algumas em que os espinhos são nullos, servindo esta circumstancia, bem como a cauda escamosa ou coberta de pellos, para as distinguir.

Muito longe nos levaria, e talvez com desagrado do leitor, se quizessemos dar noticia de todas as especies que se conhecem, e dos caracteres que servem para distinguil-as, tendo de nos servir para isso d'uma nomenclatura arrevêssa, pouco agradavel ao ouvido e difficil de conservar na memoria. Daremos apenas breve descripção das especies seguintes.

O RATO ESPINHOSO

Echimys spinosus — L'echimys épineux, dos francezes

Os individuos d'esta especie teem o tamanho do rato, e o pello pardo arruivado na parte superior do corpo é branco na parte inferior. A cauda é coberta de numerosos pellos curtos, e mais curta que o corpo, que mede entre $0^m,20$ e $0^m,25$.

Este animal habita no Paraguay, onde é pouco frequente.

Rengger, que pôde observal-o, diz que «vive em grandes bandos nas vertentes das montanhas, onde construe a sua morada subterranea, formada d'um grande corredor com 1 metro ou $1^m,50$ de comprimento, e que vae dar a um compartimento tapizado de hervas seccas.

Parece que o seu alimento consiste em raizes, hervas, grãos e fructos silvestres, unicas substancias vegetaes que encontra nos logares aonde habita.

E' raro que saia da toca de dia, conta o mesmo autor, e á hora do crepusculo nunca vae além de uns trinta passos da habitação. Quando se passa a noite ao ar livre no campo, ouve-se, circumstancia de que Azara já fez menção, o grito d'este animal, *cu-tu*, que em certos pontos do paiz serviu para denominal-o.»

N'este grupo incluiremos ainda o seguinte genero:

OS CAPROMYOS

Les capromys, dos francezes

Comquanto estes animaes tenham muita analogia com os ratos nas suas fórmas geraes, os pellos asperos e tezos, de côr sombria, e o modo de andar dão-lhes certa similhança com um javali de pequenas dimensões, e d'esta circumstancia vem a denominação de capromyos, do grego *javali rato*.

São do tamanho de coelhos, com o corpo curto e grosso, cabeça comprida e larga, focinho alongado e obtuso, orelhas largas, olhos grandes, o beiço superior fendido, cinco dedos nos pés e quatro nas mãos, armados de unhas fortes, recurvas, e agudas. A cauda, aproximadamente com metade do comprimento do corpo, é escamosa e còm poucos pellos.

A especie typica do genero, e a mais interessante, é a seguinte:

O CAPROMYO DE FOURNIER

Capromys Fournieri — Le capromys de Fournier, dos francezes

O nome que démos a este animal é o que lhe dão os zoologistas francezes, sen-

Gr. n.° 151 — O capromyo de Fournier

do conhecido nas Antilhas pelos indigenas pelo de *chemi* ou *utia*.

E' um animal aproximadamente de 0m,50 de comprimento, com a cauda medindo 0m,22, de pello aspero, trigueiro escuro tirante a ruivo escuro em toda a parte superior do corpo; mãos, pés e focinho negros com alguns pellos brancos, o ventre e o peito pardos trigueiros.

Vive na ilha de Cuba.

Da descripção feita por A. Desmarest, que possuiu alguns d'estes animaes, resumimos as seguintes observações:

Quanto aos costumes dos *utias* em liberdade, só sei que habitam os bosques, trepando ás arvores, e alimentando-se de vegetaes. Presos, pude observar dois que tive, e que se mostravam tão intelligentes como os esquilos e os ratos, e muito mais curiosos. De noite eram mais activos do que durante o dia; e se o olfato não era tão desenvolvido como nos coelhos e nas lebres, com quanto as ventas estivessem em continuo movimento, principalmente quando se tratava de cheirar um objecto desconhecido, entretanto o gosto era apurado, permittindo-lhe distinguir qualquer vegetal que tivesse estado em contacto com substancias animaes, pelas quaes estes roedores manifestam grande repugnancia.

Vivem em boa harmonia, dormindo encostados uns aos outros, e chamando-se por um pequeno grito agudo, muito di-

verso do que dão os ratos; harmonia que só é alterada dando-se um fructo a um, que o outro busca tirar-lhe, mas sem nunca se morderem.

Brincam, pondo-se á maneira dos kangurus sobre as plantas dos pés, e apoiados na cauda. Vêem com indifferença os outros animaes, mas gostam de ser acariciados, e principalmente que os cocem debaixo do focinho não mordendo nunca a pessoa que os afaga, e apenas ao de leve lhe roçam os incisivos pela mão.

Não eram difficeis na escolha dos alimentos, tendo comtudo predilecção pelas plantas aromaticas; gostavam muito de uvas.

Não se conhece a época do cio d'estes animaes, nem o numero de filhos que a femea tem de cada vez».

«Em muitos pontos da ilha de Cuba, diz Brehm, este animal é conhecido pelos creoulos hespanhoes pelo nome de *agutia* ou *huita conga*, e dão-lhe caça para lhe aproveitar a carne. Os negros, principalmente, perseguem-no encarniçadamente nas arvores, apanhando-o entre os ramos, ou então no solo largam-lhe os cães, que em breve o apanham e o matam.»

NONO GRUPO

OS PORCOS ESPINHOS

Estes roedores, para os quaes o grupo antecedente serviu de transição, distinguem-se bem pela existencia de grandes espinhos que lhes cobrem parte do corpo; e com quanto haja grandes differenças nos caracteres dos diversos animaes que fazem parte d'esta familia, todavia póde designar-se um certo numero que lhes são communs: corpo refeito, olhos e orelhas pequenas, focinho curto e obtuso, e o beiço superior fendido. Os outros caracteres variam segundo as especies, e os espinhos, differindo muito em comprimento e espessura, são umas vezes misturados com uma pennugem escassa, e outras com longos pellos sedosos, que os cobrem completamente.

Melhor se poderão apreciar estas differenças na descripção das seguintes especies, uma por cada um dos seis generos que incluimos n'este grupo: os *porcos espinhos propriamente ditos*, os *porcos espinhos da America*, os *atheruros*, os *coandus*, os *sphigguros* e os *aulacodes*.

PORCOS ESPINHOS PROPRIAMENTE DITOS

Les porcs-epics, dos francezes

Os porcos espinhos propriamente ditos, *histrix*, de Linneo, teem o corpo curto e refeito, a cabeça grossa, focinho obtuso, cauda curta, cinco dedos nos pés e nas mãos, n'estas o pollegar rudimentar, armados de unhas robustas.

Uma terça parte do corpo, a contar da cabeça, é revestido de pellos e sedas que n'algumas especies formam uma verdadeira crina, e as duas restantes cobertas de espinhos compridos, que o animal tem a faculdade de abaixar ou eriçar segundo as circumstancias.

Vamos em seguida descrever a especie mais conhecida; a especie typica do genero, e a mais commum.

O PORCO-ESPINHO COMMUM

Histrix cristata, de Linneo -- *Le porc-epic à crête*, dos francezes

O porco espinho commum é um dos maiores roedores conhecidos, chegando a ter $0^{m},65$ de comprimento, a cauda $0^{m},16$, de altura nas espadoas $0,^{m}25$, e a pesar de 10 a 15 kilogrammas.

O focinho, curto e obtuso, é mal coberto de pellos, á excepção do beiço superior que é ornado de grandes bigodes negros e luzidios; ao longo do pescoço tem uma crina formada de sedas muito compridas, delgadas e flexiveis, arqueadas para o lado detraz, e que o animal póde a seu belprazer levantar ou eriçar: são brancas ou pardas com a extremidade branca. O resto do corpo é coberto de espinhos muito unidos, curtos uns, outros compridos, lisos, agudos e entremeados de pellos sedosos; nas ilhargas e nas espadoas os espinhos são sempre mais curtos e rombos.

Os espinhos mais compridos, que são tambem mais delgados e flexiveis, teem um sulco pouco profundo ao meio, e medem $0,^{m}034$; os mais curtos, que são mais fortes, de $0^{m},014$ a $0^{m},028$; todos ôcos ou cheios de uma substancia medullar, e exteriormente annellados de trigueiro escuro e branco, as duas côres alternadas, sendo a raiz e a ponta brancas.

A cauda não é guarnecida de espinhos

como o corpo, mas de uma especie de canudos, com a extremidade aberta, de $0^{m},05$ de comprimento, eguaes aos tubos das pennas das ave, cortados na ponta, e que, batendo uns contra os outros quando o animal se move, produzem um ruido secco e especial. Como os espinhos estão mal implantados na pelle, caem facilmente, tendo esta circumstancia dado motivo a que se diga que o porco espinho os arremessa contra o inimigo que o persegue.

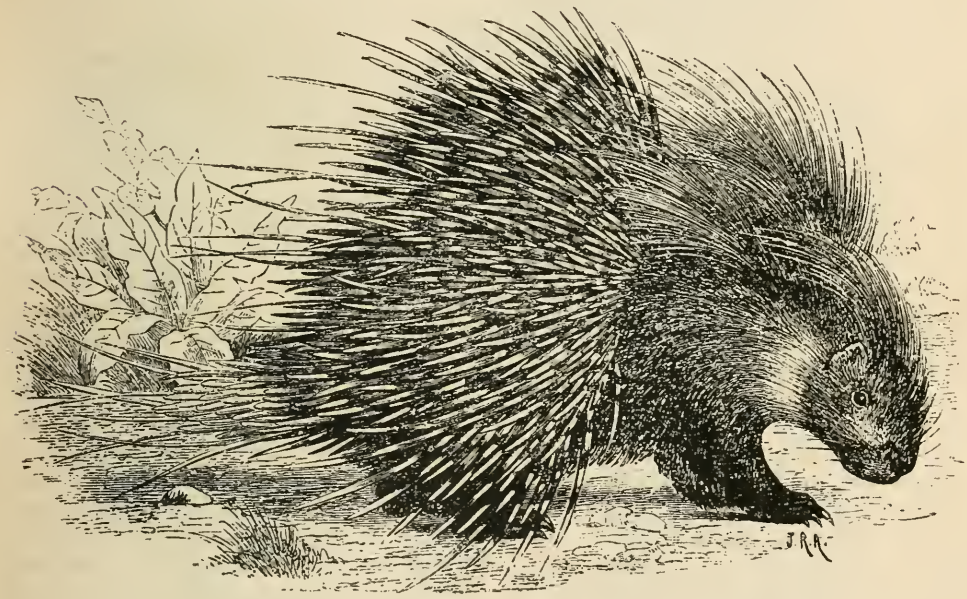
As partes inferiores do corpo são cobertas de pellos macios, trigueiros escuros, ruivos na extremidade e formando no ventre uma faxa branca.

O porco espinho commum habita na Europa, encontrando-se na Italia, nas serras de Hespanha, na Grecia, e tambem no norte da Africa e na Asia.

A. Brehm descreve este animal pela seguinte fórma:

O porco espinho leva vida triste e solitaria, de dia dormindo n'uma toca estreita e profunda que elle proprio cava, saindo á noite em busca do alimento. Come plantas de todas as especies, principalmente cardos, raizes, fructos, flôres e as cascas das arvores. Corta as plantas com os dentes, conservando-as seguras com as mãos emquanto as come.

Não é agil nem destro nos movimen-



Gr. n.° 152 — O porco espinho commum

tos: caminha de vagar e sempre receioso, e é pouco veloz a correr; cava habilmente, mas não tão depressa que por este meio consiga escapar d'um inimigo leve que o persiga. No inverno e no outono sae menos da toca, passando dias inteiros a dormir, sem comtudo ser atreito ao somno hibernal.

Quando este animal é surprehendido no covil, levanta a cabeça com ar ameaçador, eriça os espinhos, produzindo um ruido particular ao roçal-os uns nos outros, principalmente os da cauda, ruido que é bastante para amedrontrar qualquer pessoa ignorante ou timida. Se o excitam bate com os pés no chão, e se o agarram dá uns grunhidos surdos como os do porco.

Não obstante a sua terrivel apparencia, o porco espinho é um animal perfeitamente inoffensivo, timido, que foge de todos, que não pensa sequer em fazer uso dos dentes, e para o qual os espinhos não constituem arma offensiva, mal lhe servindo para defender-se. Se um incauto se lhe aproximar póde ferir-se, o que de certo não acontece ao caçador habil e cauteloso, que, agarrando o animal pela crina, consegue segural-o facilmente e sem perigo. Se, deitando a cabeça para traz e os espinhos para a frente, corre para o adversario, uma pau-

lada basta para desviar os espinhos e um panno para desarmal-o.

Quando se vê seriamente ameaçado o porco espinho ennovela-se como o ouriço, e então é difficil deitar-lhe a mão. Comtudo póde dizer-se que este animal, não obstante parecer á primeira vista medonho, é victima de qualquer inimigo um pouco destro, do leopardo, por exemplo, que sabe perfeitamente o modo de matal-o, sem se ferir, com uma unica patada na cabeça.

A intelligencia d'este animal é mesquinha; dos sentidos só o olfato é perfeito; a vista e o ouvido são escassos.

A epoca do cio varia conforme os climas; em geral é no principio da primavera: em janeiro na Africa e em abril na Europa. N'esta occasião o macho vae em busca da femea, vivendo juntos por algum tempo, e sessenta ou setenta dias depois tem ella de dois a quatro filhos, que deposita na toca, onde os aguarda um ninho preparado com folhas e raizes, que o tornam bem macio.

Os pequenos nascem com os olhos abertos, e já com espinhos, que então são curtos, macios, collados á pelle, mas que em pouco tempo endurecem, crescendo rapidamente. Tão depressa podem prover ás suas necessidades, abandonam a mãe e tornam-se independentes.

Não se pode affirmar que o porco espinho seja um animal muito nocivo: não é abundante em parte nenhuma, e apenas se podem mencionar pequenos estragos que faça nas fazendas ou na vizinhança da toca, sendo certo que procura sempre estabelecer-se em sitio longe quanto possivel das habitações do homem; apezar d'isso porém é perseguido sem treguas.

Preparam-se-lhe armadilhas á entrada da toca; outras vezes caçam-n'o de noite com auxilio d'um cão bem adestrado, que o não deixa escapar-se, e n'este caso agarra-se á mão, ou mata-se com uma paulada no focinho.

É uso na Italia andarem alguns pobres pelotiqueiros de cidade em cidade mostrando um porco espinho a troco d'alguns cobres, como os saboyanos fazem com as marmotas, ganhando assim com que prolongar a sua miseravel existencia. O porco espinho sendo bem tratado pode viver oito ou dez annos preso, alguns teem chegado a durar dezoito annos, e domestica-se facilmente; aprende a conhecer o dono se for apanhado novo, seguindo-o á maneira d'um cão.

Não perde, porém, a timidez natural; tem medo das coisas mais insignificantes, e promptamente eriça os espinhos. Sustenta-se de cenouras, batatas, couves, plantas proprias para salada e de fructos, que prefere a tudo. Não bebe agua se lhe derem folhas e fructos succolentos, e muito pouca se o sustentarem com alimentos seccos.

O porco espinho não é um companheiro aprazivel, que possa conservar-se em casa, porque, correndo todos os cantos, roe os pés dos moveis, as portas e as guarnições de madeira, podendo tambem ferir alguem com os espinhos. Encerrado, como se faz nos jardins zoologicos, n'um espaço de terreno calçado, fechado com uma grade, e onde elle tenha a sua toca, de dia dorme no fundo da habitação, e á tarde sae, grunhindo, em busca d'alimento. Habitua-se em pouco tempo a acceitar da mão de qualquer o que lhe derem, e então póde observar-se que menos pesado e desazado do que parece á primeira vista, segura os alimentos com as mãos, sabe abrir muito bem qualquer embrulho para se apossar do conteudo, parte as nozes com muita graça, e pega n'um torrão de assucar com toda a delicadeza; n'uma palavra, mostra-se elegante como todos os roedores, na forma de levar e introduzir os alimentos na bocca. (Brehm.)

A carne do porco espinho é excellente, recordando o sabor da carne de porco, e talvez a esta circumstancia e aos grunhidos que dá, se deva attribuir o nome porque é conhecido este roedor. Além da carne, aproveitam-se os espinhos, a que se dão diversos usos, servindo muitas vezes para canetas.

O PORCO ESPINHO DA AMERICA

Histrix dorsatus, de Linneo — *Le urson*, dos francezes

A este animal, como a muitos outros, não encontramos em portuguez nome que o designasse; mas como carecessemos de lhe dar um para fazer a sua descripção, denominámol-o por esta forma, tendo em vista a circumstancia de ser o representante da familia na America do Norte, onde unicamente se encontra. Os indios chamam-lhe *cauquau*.

Esta especie, unica do seu genero, distingue-se principalmente pela fórma

da cabeça, que, vista de perfil, não apresenta a forma geral arqueada, mas uma linha quasi recta. Tem este animal duas especies de pello, um comprido e outro mais curto e macio, e quasi escondido, entre o primeiro, grande numero de espinhos com $0^{m},8$ de comprimento, amarellos, brancos e trigueiros escuros, alternadamente; medem os pellos mais longos $0^{m},10$, e apresentam uma mistura das tres côres, preta, branca e trigueira. Tem quatro dedos nas mãos, cinco nos pés, armados de unhas rijas; a cauda é curta e arredondada.

Este animal encontra-se em quasi toda a America do Norte, e principalmente no Canadá, na Virginia, no Kentucky e no estado de New-Yorck.

Das observações de diversos naturalistas resumimos a seguinte descripção:

Gr. n.° 153 — O porco espinho d'America

O porco espinho da America é um animal de movimentos vagarosos e difficeis, que habita nas florestas de zimbros e nos pinhaes, vivendo sobre as arvores, e alimentando-se da casca que as mesmas lhe fornecem, de fructos e de raizes. Audubon conta ter passado por florestas onde a casca das arvores havia sido por tal forma roida, que parecia cortada com uma faca, ficando a madeira a descoberto.

Dorme muito este animal, e parece que só abandona a sua habitual morada sobre uma arvore, quando esta nada lhe pode fornecer para alimentar-se.

Á vista do homem ou de qualquer animal eriça o pello inclinando-o para a frente, baixa a cabeça para escondel-a, e se o inimigo se aproxima faz-se n'uma bola. Os espinhos são tão mal implantados na pelle, que com facilidade ficam presos a qualquer objecto em que toquem.

Nos mezes de abril ou maio, a femea

tem filhos que deposita na mesma arvore em que habita, se tiver o troncoôco. Em geral tem dois de cada vez e raras vezes tres ou quatro.

Parece que, graças á couraça com que a natureza o dotou, o porco espinho da America pouco tem a temer dos outros animaes, e só o homem consegue levar d'elle a melhor. Audubon diz que os cães, os lobos e até mesmo os jaguares succumbem por vezes ás feridas que elle lhes faz. O homem, porém, persegue-o sem treguas, principalmente os indios que lhe comem a carne, que mesmo os brancos não desdenham, servindo-se da pelle para coberturas, depois de lhe tirarem os espinhos, que lhes servem de alfinetes.

O porco espinho da America pode viver preso, e domestica-se sem difficuldade. Audubon escreveu sobre este animal captivo as interessantes observações que em seguida transcrevemos:

«Pelo espaço de seis mezes conservei um porco espinho da America, e tive differentes occasiões de poder apreciar a excellencia da couraça que protege estes animaes. A pouco e pouco havia-se domesticado, era raro que usasse das suas armas, e podia assim uma vez por outra dar-lhe uma certa liberdade, deixando-o correr livremente pelo jardim. Conhecia-me, e quando o chamava para lhe dar um fructo, voltava a cabeça vagarosamente, mirava-me, e aproximando-se tirava-me o fructo da mão, levantando-se nos pés para o levar á bocca com as mãos.

Ás vezes, quando encontrava a porta aberta, entrava pelo quarto e vinha roçar-se pelas minhas pernas, olhando-me com olhos supplicantes, como que pedindo-me algum acipipe. Por mais encolerisado que estivesse nunca usava dos espinhos contra mim. Não succedia o mesmo com os cães, porque ao avistar algum d'este animaes, abaixava o focinho, com os espinhos eriçados, e, agitando a cauda, preparava-se para a luta.

Na vizinhança havia um cão de fila grande, vigoroso e mau, que tinha por costume atravessar a sebe que fechava um serrado que me pertencia, e vir honrar-me com as suas visitas, que me não eram nada agradaveis. Uma manhã vi o cão a um canto do quintal arremessar-se sobre um objecto, que em breve conheci ser o porco espinho, que havia fugido da gaiola; embora este, segundo o costume, se aprestasse para o combate, o cão não se deteve, convencido que o inimigo não seria mais para temer do que um gato, e atirou-se a elle de bocca aberta.

No mesmo instante o porco espinho pareceu duplicar de tamanho, e, fitando o adversario, atirou-lhe tão certeira pancada com a cauda, que o cão perdeu o animo, ganindo com a força da dôr. O focinho, as ventas e a lingua ficaram cobertos de espinhos, e sem poder fechar a bocca, foi o cão correndo para fóra do quintal. A lição aproveitou-lhe, porque nunca mais voltou ao sitio onde recebera tão cruel castigo, e embora lhe tivessem extrahido immediatamente os espinhos, a cabeça conservou-se inchada durante algumas semanas, e só passados mezes se curou completamente.»

OS ATHERUROS

Les atherures, dos francezes

Os atheruros podem considerar-se os animaes mais perfeitos da familia: são pequenos, com as orelhas curtas e nuas, teem quatro dedos nas mãos e cinco nos pés, e os espinhos que lhes cobrem o corpo nas costas e nas ilhargas são curtos e agudos; o ventre é revestido de pellos.

A cauda é o caracteristico mais notavel d'estes animaes, é comprida, em parte escamosa, terminando por um tufo que não é de pellos nem de espinhos, parecendo antes pequenos pedaços de pergaminho, cortados caprichosamente, collocados uns ao lado dos outros. Pela nossa gravura n.º 154, melhor se póde ficar conhecendo a fórma singular da cauda d'estes animaes.

Existem diversas especies d'estes roedores, que vivem em Fernando Pó, na Serra Leôa, em Sumatra e em Java.

O ATHERURO D'AFRICA

Atherurus africanus — L'atherure Africain, dos francezes

O corpo d'este animal é delgado, medindo o corpo e a cauda $0^{m},66$, dos quaes só a esta pertencem duas terças partes. Os espinhos, brancos sujos na raiz, tornam-se d'uma côr trigueira difficil de descrever, e augmentam de comprimento a partir das espadoas, porque tendo n'este logar $0^{m},04$ aproximadamente, na parte posterior do corpo medem $0^{m},08$. Os bi-

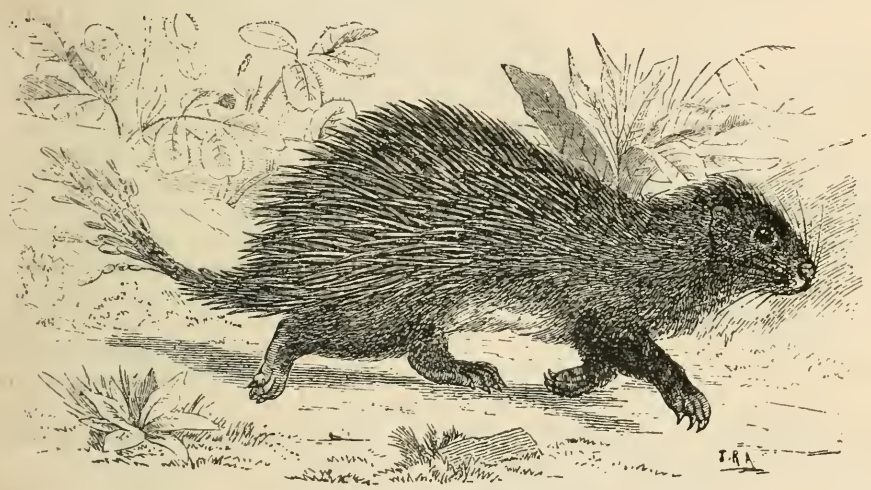
godes são compridos, trigueiros, brancos na raiz; o pello do ventre, macio e espesso, é trigueiro esbranquiçado, e o tufo que termina a cauda, branco amarellado.

Este animal habita na costa occidental d'Africa.

«Não se conhecem, diz Brehm, os seus habitos vivendo em liberdade, podendo comtudo julgar-se, pelo que se tem observado nos individuos captivos, que esses habitos não differem dos do porco espinho propriamente dito. Tive ensejo de poder observal-o muito tempo, e por diversas occasiões, e notei que a apparencia é mais agradavel do que a do porco espinho commum. Como este, esconde-se de dia, occultando-se a maior parte das vezes entre o feno da cama; desperta á noite, e a passos curtos move-se rapidamente d'um para outro lado do recinto onde está encerrado. É leve e destro. Trepa ás pedras e a todos os objectos que encontra, trazendo de ordinario a cauda levantada, e alargando os espinhos de modo que se lhe pode ver a parte mais clara junto á raiz. Este facto dá-se principalmente quando o animal se encolerisa, e então com o tufo que termina a cauda produz um ruido especial.

O atheruro habitua-se ao guarda, aproximando-se-lhe quando lhe dá de comer, e acceitando-lh'o delicadamente das mãos.

Parece que o macho e a femea se dedicam mutua affeição: durante o dia conservam-se deitados um ao lado do outro, e á noite vagueam juntos, asseiando-se mutuamente, e lambendo-se entre os espinhos, que um separa emquanto o outro introduz entre elles a lingua ou as mãos. Basta, porém, qualquer acipipe que lhe déem, para que se altere a excellente harmonia em que vivem. Vi n'um caso d'estes a femea matar o macho com uma dentada que lhe deu na cabeça.»



Gr. n.° 154 — O atheruro d'Africa

OS COANDUS

Os animaes d'este genero teem o corpo completamente coberto de espinhos, a cauda comprida, e com a faculdade de se prender aos objectos; cinco dedos nas mãos, dos quaes o pollegar muito pequeno, e quatro nos pés, armados de unhas delgadas e agudas, proprias para trepar.

Comprehende-se n'este genero uma unica especie bem conhecida.

O COANDU DE CAUDA PREHENSORA

Histrix prehensilis, de Linneo — *Le coendou à queue prenante*

Os animaes d'esta especie teem 0,^{m}65 de comprimento, e a cauda 0,^{m}50. Os espinhos cobrem-lhe o corpo todo começando nas faces, vestindo-lhe as costas e o ventre, as pernas até ás mãos e aos pés, e a metade inferior da cauda, encobrindo-lhe o pello.

Os espinhos são fortes, arredondados, lisos, mais estreitos na raiz e muito agudos na ponta, com 0,^{m}12 de comprimento nas costas, mais curtos nas ilhargas, e transformando-se progressivamente em se-

das que cobrem a metade inferior da cauda. São em geral brancos, amarellados na raiz, negros no centro e brancos na extremidade; os pellos da metade posterior da cauda são trigueiros escuros.

Este animal vive na America meridional, e encontra-se principalmente no Mexico, na Guiana e no Brazil.

São pouco conhecidos os habitos do coandu no estado livre; sabe-se, porém, que habita sobre as arvores, onde dorme durante o dia, movendo-se vagarosamente á noite nos ramos, e dizem que servindo-se da cauda para descer.

Alimenta-se de folhas de toda a especie, de fructos e de raizes.

OS SPHIGGUROS

Les sphiggures, dos francezes

Este genero comprehende os individuos do grupo dos porcos espinhos, nos quaes os espinhos são em menor numero que os pellos, faltando-lhes de todo na garganta, no peito e no ventre. Nem todos os naturalistas admittem este genero, incluindo as especies que o formam nos coandús, com os quaes teem grande analogia.

O SPHIGGURO MEXICANO

Sphiggurus mexicanus — Le sphiggure mexicain, dos francezes

Do notavel naturalista allemão, Brehm, transcrevemos a seguinte descripção do sphigguro, menos alguns periodos finaes que se referem a observações feitas no animal captivo, e que por extensas julgámos dever omittir.

«Tive occasião de poder observar esta especie, uma das mais bellas do genero, n'um individuo vivo, de que o meu amigo Zimmermann fez uma pintura tão exacta, que o tomarei como typo para a minha descripção.

Este animal tem aproximadamente 1^{m} de comprido, e d'este $0,^{m}30$ pertencem á cauda. Os pellos são luzidios, espessos, macios, um tanto crespos, e cobrem quasi inteiramente os espinhos, que se encontram por todo o corpo, á excepção da parte inferior, dos lados interiores das pernas, do focinho e da metade posterior da cauda, que é núa no lado superior, coberta de sedas negras no inferior, e amarellas dos lados. Na garganta ainda se lhe encontram alguns espinhos formando um collar; nas pernas não lhe passam das articulações.

Os pellos parecem negros, sendo trigueiros ou pardos claros na raiz e negros na extremidade; os bigodes são grandes e nos braços e nas coxas encontram-se alguns pellos tezos e compridos. Os espinhos, côr de enxofre, com a ponta negra, são muito delgados na raiz, depois mais grossos, tornando-se agudos na extremidade, lisos no centro, a ponta aguçada terminando como um anzol, voltada para o lado de traz. Em volta dos olhos e das orelhas os espinhos são mais bastos, e cobrem completamente os pellos, sendo mais curtos que em todo o resto do corpo, e de côr mais clara; os espinhos mais compridos são os das costas.

O sphigguro tem os olhos fortemente arqueados, a iris parda clara, e a pupilla quando muito com o volume da cabeça d'um alfinete alongada. Em quanto o animal se conserva tranquillo e nada o excita, só se lhe vêem os espinhos que tem de roda dos olhos e das orelhas, e o resto do corpo parece coberto de pello macio e liso; mas quando se encolerisa eriça os espinhos, e sentem-se quando se lhe passa a mão sobre o pello. Os espinhos são mal implantados na pelle, caindo ao mais ligeiro contacto, e é sufficiente correr a mão sobre o pelo do animal para lh'os fazer cair ás duzias.

Esta especie, como o nome indica, vive no Mexico.

Os habitos do sphigguro mexicano em liberdade são pouco conhecidos; mas sabemos um pouco mais dos do seu congenere, o *couy* dos guaranis, que foi descripto por Azara, Rengger, o principe Wied e Burmeister.

O *cuy* ou *couy*, que se encontra no Brazil e nos paizes limitrophes até ao Paraguay, não sendo frequente em parte nenhuma, habita as grandes florestas e os matagaes. Vive quasi todo o anno só, sobre as arvores, onde dorme de dia enrolado, no sitio onde se bifurcam dois ramos, e só de noite vagueia. Trepa devagar, com prudencia e certeza, e em cima das arvores conserva uma posição especial: senta-se sobre as pernas trazeiras, pondo as mãos junto dos pés, ás vezes viradas de modo que a palma fica para cima, a cabeça deitada para traz, a cauda estendida e um pouco levantada na extremidade. De ordinario firma-se en-

rolando a cauda a um ramo, podendo, comtudo, suster-se nos ramos mais delgados sem este auxilio. Para trepar apoia contra os ramos a planta carnuda dos pés, e agarra-se com as mãos.

De dia, se o não perturbam, não se move. Se o collocam em sitio descoberto, corre cambaleando para a arvore mais proxima, trepa a ella, e escolhendo entre os ramos um logar bem sombrio, ahi se esconde, e come-lhe as folhas. Para passar d'um para outro ramo segura-se com a cauda e nas pernas trazeiras, estende o corpo horisontalmente, e busca assim deitar as mãos ao ramo para onde quer ir, podendo conservar-se n'esta posição incommoda por alguns minutos, e inclinar o corpo para os lados. Depois de seguro ao ramo com as mãos, solta primeiro os pés, em seguida a cauda, balouça-se levado pelo proprio peso, e consegue assim lançar a cauda ao ramo a que está seguro com as mãos, agarral-o tambem com os pés, e segue trepando. Rengger julga que a cauda só lhe serve para descer das arvores, asseveração que está em desaccordo com as minhas observações.

O couy alimenta-se de fructos, renovos, folhas, flores e raizes, e leva o co-

Gr. n.° 155 — O sphigguro mexicano

mer á bocca com as mãos. O sphigguro do Mexico come a casca dos ramos tenros, mas só a que elle escolhe. Ao que estava preso dava-lhe cenouras, batatas, arroz e pão molle; na America sustentam-n'o a bananas. Diz Rengger que o macho e a femea se reunem no inverno e vivem por algum tempo juntos.

Ácerca da reproducção d'este animal sabe-se que a femea tem filhos no fim de setembro ou principio de outubro, um ou dois de cada vez; Azara que abriu uma femea prenhe encontrou-lhe no ventre um feto já coberto de espinhos.

No Paraguay persegue-se este animal encarniçadamente, mas só as tribus selvagens lhe aproveitam a carne, repugnante para os europeus pelo cheiro que exhala. Com relação aos seus habitos depois de preso, é manso e não morde, muito indolente, com medo do animal mais pequeno e inoffensivo, até mesmo d'um passaro, e alimenta-se com pão, milho, mandioca, hervas, flôres e fructos.»

OS AULACODES

Les aulacodes, dos francezes

Estes animaes, a que se encontra certa analogia com as marmotas, teem o seu logar no grupo dos porcos espinhos. O focinho d'estes roedores é curto, largo e obtuso, e as orelhas grandes; teem quatro

dedos nas mãos e nos pés, a cauda aproximadamente egual em comprimento a metade do corpo, e toda coberta de pellos.

Conhece-se uma unica especie, o

AULACODE DE SWINDERIEN

Aulacodes Swinderianus.—L'aulacode de Swinderien, dos francezes

O corpo d'este animal é vestido de pellos grosseiros e compridos, que se assimilham muito aos dos porcos espinhos, com $0^m,02$ de comprimento e annelados de amarello e de trigueiro escuro. A queixada inferior e o beiço superior são brancos, o peito amarello sujo, ventre trigueiro amarellado mosqueado de pardo, orelhas cobertas de pellos brancos amarellados, e os bigodes brancos e pretos. Mede $0^m,77$ de comprimento, dos quaes $0^m,22$ pertencem á cauda.

Encontra-se este roedor na Africa, na Serra Leoa e na Senegambia; e os inglezes conhecem-n'o alli pelo nome de *ground pig*.

São pouco conhecidos os habitos do aulacode, sabendo-se apenas que construe um abrigo entre a herva ou na areia com hervas seccas, e que faz grandes estragos nas plantações de bambus e de canna de

Gr. n.º 156 — O aulacode de Swinderien

assucar. A sua carne é tenra e muito gostosa.

DECIMO GRUPO

AS CAVIAS

Este grupo comprehende um certo numero de especies da ordem dos roedores, grandes e pequenos, na apparencia dessimilhantes, tendo porém como caracteres communs e principaes a dentadura, orelhas grandes, cauda curta, n'algumas especies reduzida a um côto, unhas grossas e arredondadas, e pello grosseiro.

Todas as especies de que se compõe a familia vivem na America central e meridional, e comprehendem-se em seis generos, sendo os principaes as *capybaras*, as *cobayas*, as *pacas*, os *dolichotios* e as *cotias*.

AS CAPYBARAS

Les Cabiais, dos francezes

Estes animaes, conhecidos pelo nome scientifico de hydrocheros, ou *porcos d'agua*, são os maiores roedores conhecidos. No tamanho e no pello parecem-se com o porco; e Linneo, apezar da dentadura ser egual á dos roedores, incluiu-os na familia dos suinos.

O corpo d'estes roedores é grosso, o pescoço curto, a cabeça alongada, alta e larga, o focinho obtuso, os olhos redon-

dos, grandes, muito salientes, as orelhas pequenas e arredondadas, o beiço superior fendido; não teem cauda, e os dedos são unidos por uma membrana que lhes serve para nadar; teem tres dedos nos pés e quatro nas mãos.

A unica especie conhecida, e que serve de typo a este genero, é a seguinte:

A CAPYBARA DO BRAZIL

Sus hydrochœrus, de Linneo — *Le cabiai*, dos francezes

O pello d'estes animaes é aspero e raro, similhante ás sedas do porco, comquanto seja mais fino; o do alto da cabeça, da parte superior do corpo e do lado externo das pernas, é preto em quasi todo o seu comprimento, a contar da raiz, depois annelado de ruivo e negro na ponta; á roda dos olhos, por baixo da cabeça, na parte inferior do corpo e no lado interno das pernas, loiro em toda a sua extensão; os bigodes pretos. Tem este animal 1 metro de comprimento, 0m,50 de alto, e pesa aproximadamente 50 kilogrammas.

A capybara encontra-se na America meridional, principalmente no Brazil, na Guiana e no Paraguay.

Habita as regiões baixas e pantanosas, á borda das ribeiras e dos lagos, e principalmente nas margens dos grandes rios, preferindo os logares incultos. Nos logares povoados, só se encontra de manhã e á noite; nos sitios desertos, em grandes bandos, a toda a hora, sempre proximo da agua, pastando ou dormindo.

Gr. n.º 157 — A capybara do Brazil

«Azara diz que quando a espantam a capybara dá um grito forte e cheio, que se póde imitar pelas syllabas, *a, pé,* e que só n'esta occasião se ouve, lançando-se em seguida á agua, nadando habilmente, conservando fóra só as ventas e uma pequena parte do focinho. Não come peixe nem qualquer outra substancia que não seja vegetal, destruindo as melancias e as aboboras d'agua.

Não cava a terra, passa horas sentada, corre pouco, e vagueia mais de noite que de dia.»

Com quanto este animal procure regularmente o mesmo logar para repousar, não póde comtudo dizer-se que tenha uma habitação, e só acha abrigo contra os inimigos dentro d'agua, para onde se atira mal observa que alguem se lhe dirige.

É pacifico, estupido, come e dorme, não brincando com os similhantes, e tem por unica occupação velar pela propria segurança, para o que de tempos a tempos levanta a cabeça, observando se o inimigo se aproxima. Todavia é animal vigoroso, que dois homens a custo podem segurar.

A femea tem filhos uma vez no anno, de dois a quatro, que andam atraz da mãe logo que nascem. Azara diz que cada macho tem duas ou tres femeas.

O homem persegue este animal para

lhe aproveitar a carne que é boa; mas o seu maior inimigo, que de dia e de noite lhe anda na pista, á borda dos rios, é o jaguar, que habitualmente se alimenta da carne d'este roedor.

A capybara é um animal manso, que se domestica facilmente quando o apanham novo, e com quanto não mostre affeição a ninguem, deixa-se acariciar por todos.

AS COBAYAS

Les cobayes, dos francezes

Todos conhecem a especie typica d'este genero, tão frequente em toda a parte, vivendo nas nossas casas no estado de domesticidade, e a que vulgarmente damos o nome de *porquinhos da India*.

Este animal, que pelo nome se poderia julgar oriundo da Asia, é comtudo, no dizer dos naturalistas, originario da America meridional, e alguns consideram-n'o como descendendo d'uma especie que alli existe no estado selvagem, comquanto o porquinho da India só se encontre na America como animal domestico, e haja entre elle e a *cobaya aperéa*, pretendido tronco primitivo da especie, differenças que põem em duvida esta supposta origem.

O certo é que ainda hoje é problema para resolver a verdadeira patria e origem do porquinho da India, sendo pela maioria dos naturalistas comprehendido no genero cobaya, formando uma especie distincta da cobaya aperéa.

As cobayas são bem fornecidas de carne, teem a cabeça grossa, pescoço curto, orelhas curtas e arredondadas, quatro dedos em cada mão e tres nos pés, e a cauda reduzida a um simples tuberculo.

Vamos em seguida dar a descripção das duas especies, o *porquinho da India*, e a *cobaya aperéa*.

O PORQUINHO DA INDIA

Cavia cobaya, de Linneo. — *Le cochon d'Inde*, dos francezes

O pello d'este animal é liso, variando de desenho e de côr, branco, preto ou ruivo, ás malhas bem contornadas, sendo raro encontrar um individuo d'esta especie todo da mesma côr.

O porquinho da India encontra-se hoje em toda a Europa, no Brazil e no Paraguay, vivendo em domesticidade, sem fim algum util, e só por mera curiosidade, ou porque haja quem acredite que o cheiro que este animal exhala é sufficiente para afugentar os ratos.

«Este roedor, diz Brehm, é um dos mais estimados pela sua mansidão e pela facilidade com que se póde crear. Déem-lhe um logar secco e arejado, onde faça o ninho, e ahi se conservará, comendo todas as substancias vegetaes, raizes ou folhas, as plantas saborosas da mesma forma que as sementes, carecendo apenas que lhe variem a alimentação. Se lhe derem a comer plantas succulentas, póde passar sem beber agua; gosta immenso de leite. Déem-lhe comer com abundancia, que não carece de outros cuidados.

Deixa que lhe façam tudo quanto quizerem, soffrendo socegadamente os maus tratos, circumstancia que o torna excellente companheiro para as creanças, que se divertem a creal-o.

O porquinho da India assimilha-se ao coelho e ao rato. Comquanto não seja veloz, e ande aos saltinhos, todavia não é um animal pesado, antes pelo contrario é bastante agil. Dorme de ordinario descançando o corpo sobre as pernas, com o ventre no chão, ou sentado sobre a parte posterior do corpo, posição que toma quando come. Á maneira de outros roedores, leva muitas vezes o comer á bocca com as mãos.

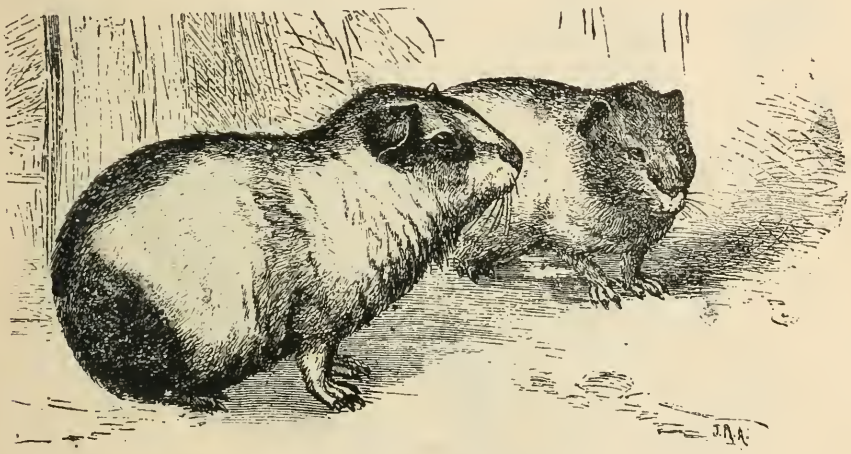
Á força de correr continuadamente em volta do logar onde estiver preso, sempre junto das paredes da prisão, deixa traçado o caminho; e é interessante, quando estão muitos juntos, vêl-os uns atraz dos outros, dar repetidas voltas á roda da habitação. Uma especie de grunhido analogo ao do porco foi causa de que lhe dessem este nome; expressa o seu contentamento por um murmurio que lhe é particular; quando o excitam pia.

Embora no mesmo logar estejam reunidos muitos d'estes animaes, o macho e a femea estão sempre juntos, tratando-se mutuamente com carinho. Asseiados, como todos os roedores, lambem-se um ao outro, penteam o pello com as mãos, e emquanto um dorme o outro vela; se o somno, porém, se prolonga demasiadamente, acordam-se lambendo-se e tão depressa um abre os olhos, o que velava deita-se, e por seu turno adormece. O macho principalmente é bastante meigo para a femea, e dá-lhe repetidas provas de affeição.

Individuos do mesmo sexo vivem em boa harmonia, salvo quando se trata d'algum bom bocado que todos querem, ou de occupar o melhor logar para dormirem. Se dois machos pretendem a mesma femea, exasperam-se, arreganham os dentes, batem com os pés no chão, e tambem um no outro, arrancando-se mutuamente os pellos, e a luta só termina quando o vencido se retira, ou a femea se entrega ao vencedor.

Poucos mamiferos domesticos são tão fecundos como o porquinho da India. No nosso paiz a femea tem filhos duas vezes no anno, e de cada vez quatro ou cinco, numero que nos paizes quentes chega a ser de seis ou sete. Os pequenos nascem perfeitos, com os olhos abertos, e horas depois de nascidos correm atraz da mãe. Ao segundo dia já partilham das suas refeições, comendo herva, e até mesmo grãos.

A mãe aleita-os por espaço de dez ou quinze dias, e durante esse tempo manifesta o seu amor pelos filhos, prodigalisando-lhes mil cuidados, defendendo-os, conservando-os sempre junto de si, e encaminhando-os para o logar onde está o alimento. Quando os pequenos já adquiriram certa experiencia, a mãe diminue de carinhos, e tres semanas depois de nascidos, reune-se de novo com o macho, e torna-se estranha á progenie. O macho mostra-se desde o principio indifferente para os filhos, e ás vezes come-os.



Gr. n.° 158 — Os porquinhos da India

Os pequenos com seis mezes são já adultos e aptos para se reproduzirem ; dos oito aos nove teem attingido todo o seu desenvolvimento. Tratando-os bem, vivem de sete a oito annos. Vivendo muito com o homem, consegue-se tornar este animal perfeitamente domestico, comquanto não perca totalmente a timidez, e a sua curta intelligencia lhe não permitta distinguir o dono d'um estranho. São egualmente doceis para todos, não tentando sequer morder ou arranhar, e uma creança póde brincar com elles.

Por vezes dão mostras de uma indifferença pasmosa : ainda que nos pareça serlhes muito agradavel o sitio onde se aninham, se os transportarem para outra parte não dão signal de que isso lhes desagrade, e deixam-se ir sem o menor indicio de pezar. Quando se lhes dá de comer mostram-se satisfeitos, mas não apparentam gratidão para quem lh'o dá ; só reparam no alimento, a mão que lh'o estende é-lhes indifferente. As rapidas mudanças de temperatura incommodam-os ; adoecem com o frio e a humidade, e morrem.

O porquinho da India não é nocivo, salvo se o deixarem andar á vontade pela casa, podendo então roer os moveis. Este inconveniente, porém, é facil de evitar, e como compensação existem as boas qualidades do animal.»

Estes animaes teem sido empregados repetidas vezes nas experiencias physiologicas, e, tornando-se martyres da sciencia, occupam nos seus annaes um logar distincto, em consequencia de serem uteis ao homem.

A COBAYA APERÉA

Cavia aperéa — Le cobaye apéréa, dos francezes

Os animaes d'esta especie teem o pello direito, forte, luzidio e sedoso, trigueiro e amarello com a extremidade ruiva nas costas, pardo amarellado no ventre, esbranquiçado nas pernas. Os pellos dos bigodes são grandes, tezos e pretos, as unhas trigueiras. Medem de comprimento $0^m,30$ e $0^m,08$ de altura.

A aperéa vive no Brazil, no Paraguay e na Guiana.

Acêrca d'este animal refere Rengger o seguinte:

«Encontrei a aperéa em todo o Paraguay e no Brazil. No Paraguay observa-se principalmente nos sitios humidos, e de ordinario doze ou quinze individuos habitam juntos, na orla das florestas, entre o matto, ou junto das sebes. Não se vêem no interior das florestas nem nos campos descobertos.

Conhece-se o logar onde estes animaes se acoitam pelas passagens estreitas e tortuosas que abrem por entre as bromelias. De manhã e á tarde saem do seu retiro em busca das hervas de que se alimentam, sem nunca se distanciarem a mais de 6 ou 7 metros. Como não são muito timidos, é facil o caçador poder aproxi-

Gr. n.° 159 — A cobaya aperéa

mar-se-lhes a meio tiro de espingarda. Nos movimentos, modo de comer e nos gritos são perfeitamente similhantes aos porquinhos da India.

A femea tem filhos uma vez cada anno, na primavera, um ou dois, que nascem com os olhos abertos, e promptos para correr e acompanhar a mãe.

Além do homem, a aperéa tem por inimigos todos os animaes carnivoros das familias dos felinos e caninos, e principalmente as grandes cobras que de ordinario se acoitam entre os massiços de bromelias.

Na minha viagem a Villa-Rica vi em casa d'um aldeão quatorze aperéas, que descendiam, em quinta ou sexta geração, d'um casal d'estes animaes que elle tinha apanhado, havia sete annos. Eram perfeitamente domesticas, conheciam o dono, vinham quando as chamava, comendo-lhe na mão, e consentindo que as apanhasse. Para os estranhos eram um tanto timidas.

Conservavam a côr das aperéas bravas, e á maneira d'estas escondiam-se durante o dia, não vindo pelo comer senão á noite e de manhã cedo. As femeas tinham cada anno quando muito dois filhos.

A pelle da aperéa não se utilisa, e a carne só a comem os indios apesar do gosto adocicado que tem.

AS PACAS

Les pacas, dos francezes

Os individuos d'este genero teem o corpo refeito, cabeça muito grossa, focinho largo, olhos grandes, orelhas medianas e arredondadas, cinco dedos nos pés e quatro nas mãos, cauda que não passa d'um pequeno côto, papos aos lados da bocca, embora de menor grandeza do que os que se encontram n'outros roedores, e o pello curto, muito raro e duro.

Os zoologistas mencionam duas especies, das quaes a mais conhecida é a seguinte:

A PACA DO BRAZIL

Cavia paca, de Linneo — *Le paca brun*, dos francezes

O pello d'este animal é geralmente trigueiro na parte superior do corpo, tendo nove ou dez faxas brancas longitudinaes, formadas de malhas collocadas ás series, bem separadas entre si ou contiguas; o ventre, o peito e lado interno dos membros, são d'um branco sujo; os bigodes pretos ou brancos, e muito compridos. O

Gr. n.º 160 — A paca do Brazil

corpo d'este animal mede 0m,55, d'altura adiante 0m,33 e um pouco mais na parte posterior.

A paca encontra-se na America em todo o Brazil e no Paraguay, sendo frequente nas regiões mais desertas e rara nos sitios povoados.

Estes animaes habitam d'ordinario na orla das florestas, onde cavam as suas tocas com 1m,30 a 1m,60 de profundidade, com tres entradas, que geralmente occultam com hervas ou com pequenos ramos d'arvores. Quando se quer apanhar uma paca viva, tapam-se duas das entradas, e cavando-se na direcção da terceira consegue-se deitar-lhe a mão, não sem que ella algumas vezes se escape, pois morde a valer e defende-se corajosamente.

« Um dos meus amigos, conta Rengger, teve em casa uma paca por espaço de tres annos, que nos primeiros tempos, embora fosse nova, se mostrava timida e bravia, diligenciando morder quem se lhe aproximava. De dia escondia-se, e á noite corria por toda a casa, querendo escarvar o chão, grunhindo, e apenas tocava no comer que lhe davam. No fim d'alguns mezes habituou-se a estar presa, tornou-se menos arisca, e era muito dada: deixava que lhe tocassem, que a acariciassem, vindo ter com o dono e até mes-

mo com pessoas estranhas, sem comtudo manifestar affeição por ninguem.

Como as creanças de dia lhe não deixassem um momento de descanço, mudou de habitos, e dormia de noite, alimentando-se de tudo quanto nós comiamos, á excepção de carne. Pegava nos alimentos com os dentes incisivos, e bebia com a lingua como os cães. O dono affirmou-me que muitas vezes, introduzindo os dedos nos papos que ella tinha aos lados da bocca, os encontrára cheios de comer.

Andava a passo, e corria aos saltos; parecia que a muita claridade lhe incommodava a vista, e os olhos só brilhavam na escuridão. Apezar de apparentemente se mostrar habituada a viver com o homem, é certo que o seu instincto de liberdade não soffrera, porque ao fim de tres annos aproveitou a primeira occasião para fugir.»

Buffon fala da mesma sorte d'uma paca que possuia, que se tornou domestica a ponto de lamber as mãos das pessoas que conhecia, deixando que a afagassem.

A paca no estado livre alimenta-se de fructos e raizes, e faz ás vezes grandes estragos nas plantações de canna d'assucar, vagueando de noite, e, á imitação de todos os animaes que vivem em tocas abertas na terra, dormindo todo o dia na sua morada subterranea. E' veloz na carreira, dá grandes saltos, e nada habilmente.

Este animal é hoje menos frequente pela perseguição que lhe fazem os caçadores. A carne é muito estimada pelo seu bom gosto, principalmente em certos mezes, nos quaes o animal está mais gordo.

F. Cuvier e outros naturalistas teem lembrado que conviria transportar este animal para a Europa, onde viveria bem, pela facilidade com que supporta o frio; sendo facil d'alimentar e a carne excellente, augmentaria os recursos de que dispomos para a nossa alimentação, tornando-se muito boa acquisição para a economia domestica.

OS DOLICHOTIOS

Les dolichotis, dos francezes

Estes animaes, conhecidos por alguns autores por *cotias da Patagonia*, e que Azara descreveu sob o nome de *lebres dos pampas*, teem com effeito similhança com as nossas lebres, das quaes differem principalmente pelo numero de dedos nos pés, e pelas orelhas que são mais curtas e obtusas.

O dolichotio tem o corpo delgado, mais estreito na parte anterior do que na posterior, pernas compridas e delgadas, quatro dedos nas mãos e tres nos pés, armados de unhas compridas. O focinho é pontudo, orelhas direitas, delgadas e arredondadas, labio superior fendido, cauda curta e levantada.

Só se conhece uma especie.

O DOLICHOTIO DA PATAGONIA

Dolichotis patagonica.— Le dolichotis patagonien, ou mara, dos francezes

Este animal tem o pello curto, macio, espesso e luzidio; nas costas pardo mosqueado de branco, passando a côr de canella clara nas ilhargas e no lado externo dos membros; no ventre e na garganta branco, no peito trigueiro amarellado; junto á cauda tem uma malha clara, rodeada por uma faxa branca, que se continua sobre a cauda; os bigodes são negros e brilhantes. O corpo mede aproximadamente $0^m,50$, e a cauda $0^m,04$.

Encontra-se este animal em toda a parte meridional da America, nos pampas da Patagonia, e é principalmente muito frequente nas regiões atravessadas pelo estreito de Magalhães.

O dolichotio vive principalmente nos logares mais solitarios, aonde o solo desapparece coberto pelo mato, em grupos de seis ou oito individuos, e ás vezes de trinta e quarenta. Habita em tocas, que se julga serem por elle proprio construidas, e Darwin, que viu muitas vezes este animal sentado á entrada da toca, observou tambem que repetidas vezes a abandona, e que em bandos vae percorrer o paiz, não voltando ás suas antigas habitações. Naturalmente timido e cauteloso, é difficil que o caçador possa aproximar-se-lhe ao alcance da espingarda, e não é possivel apanhal-o na toca. Tem os sentidos muito apurados e presente o inimigo a grande distancia, pondo-se em fuga ao mais pequeno indicio de perigo.

Ácêrca da sua reproducção apenas se sabe que a femea tem filhos duas vezes no anno, e dois de cada barriga.

Brehm, falando d'este animal captivo, diz «que é interessante, docil e inoffen-

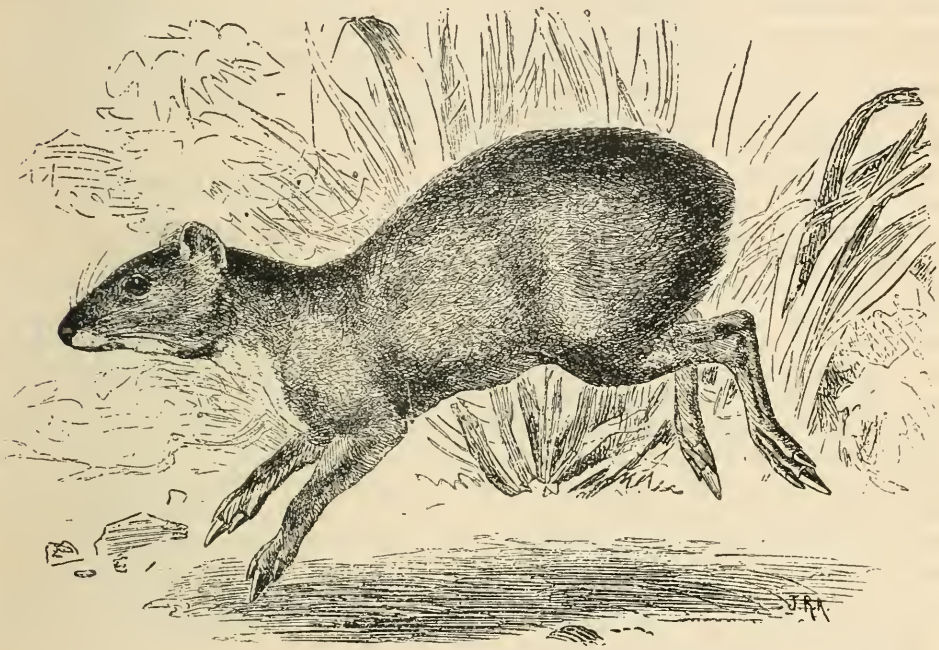
sivo, que logo ao primeiro dia parece affeiçoar-se ao dono, acceitando-lhe o comer da mão, e permittindo que lhe toquem sem que se mostre impaciente.»

Um que Gœring viu gostava immenso que o afagassem; arqueando o lombo e inclinando a cabeça para o lado, dava uns certos grunhidos manifestando por esta forma quanto as festas lhe eram aprazíveis.

AS COTIAS

Les agoutis, dos francezes

As cotias teem certa similhança com as lebres, comquanto exista entre estes dois animaes grande differença. São mais altas, e mais elegantes de formas do que as lebres, a cabeça é comprida, o focinho pontudo, orelhas pequenas e arredondadas, o côto que lhes serve de cauda sem



Gr. n.º 161 — A cotia ou aguti do Brazil

pello, os membros trazeiros mais altos do que os dianteiros, quatro dedos e o pollegar rudimentar nas mãos, tres nos pés, compridos, armados d'unhas fortes e largas, um pouco recurvas.

Na America meridional, patria d'estes animaes, substituem os nossos coelhos e as lebres, com as quaes se parecem não só nos modos e nos habitos, como tambem pela excellencia da carne que é muito estimada.

Os zoologistas dão noticia de quatro especies, das quaes a seguinte é a mais conhecida.

A COTIA, OU AGUTI DO BRAZIL

Cavia aguti — L'agouti commun, dos francezes

A cotia do Brazil é dos mais elegantes animaes do grupo das cavias, e notavel pela belleza da pelle. O pello é liso, espesso e luzidio, colorido de quatro anneis trigueiros que se alternam com outros tantos amarellos arruivados ou amarellos claros, e dos quaes a extremidade é escura n'uns e n'outros clara. A côr ruiva predomina na cabeça, na nuca, na parte anterior das costas e no lado externo dos membros, e a amarella na parte posterior das costas. O tom varia segundo as estações, sendo mais claro no verão e mais escuro no inverno.

De comprimento, medido do focinho á raiz da cauda, tem este animal $0^m,55$, e a cauda que é quasi nulla $0^m,014$; d'altura na parte dianteira do corpo $0^m,25$, e na trazeira $0^m,33$.

Esta especie é bastante frequente na Guiana e no Brazil, e encontra-se tambem no Paraguay e nas Antilhas.

A cotia é um animal medroso, difficil de poder observar-se em liberdade, que vive nas florestas virgens, apparecendo tambem nas campinas que as limitam. De ordinario vive sobre o solo, nas cavidades dos troncos ou em tocas, mais vezes só que em companhia dos seus similhantes.

De dia dorme na habitação, andando por fóra se o logar é solitario, mas de ordinario saindo só ao pôr do sol em busca d'alimento, e vagueando toda a noite. Á maneira da lebre tem o habito de ir para a toca sempre pelo mesmo caminho, servindo este facto para denuncial-o, e assim os cães poderem facilmente seguir-lhe a pista e agarral-o, ou, dando signal de o terem encontrado, avisar o caçador que pode apanhal-o vivo na toca. Sempre que presente a tempo a presença dos cães, a cotia escapa facilmente ao seu perseguidor, graças á rapidez da carreira, indo abrigar-se em logar seguro.

A passo a cotia anda vagarosamente, mas correndo dá provas de immensa agilidade; desapparece n'uma especie de galope em que os saltos se succedem rapidamente, sendo o unico meio que possue para furtar-se aos perigos que a cercam, porque, medrosa e inoffensiva, não faz frente ao adversario. O olfato e a audição são os seus sentidos mais apurados; a intelligencia é mesquinha.

Alimenta-se a cotia de plantas de toda a qualidade, raizes, fructos e sementes, não havendo substancia vegetal que resista ao vigor dos incisivos d'este roedor, que consegue triturar a noz, por mais dura que seja. Nas plantações da canna d'assucar a cotia é bastante nociva, sendo comtudo necessario que o numero d'estes animaes seja grande para que os estragos se tornem valiosos.

Com respeito á propagação sabe-se que a femea é muito fecunda, podendo ter filhos pelo menos duas vezes no anno, e muitos de cada barriga; que os deposita na sua habitação, previamente preparada com folhas, raizes e pellos, aleitando-os por espaço de muitas semanas, mais tarde conduzindo-os para fóra da toca para ensinal-os a procurar o alimento, e protegendo-os durante essa epoca.

Naturalmente mansa, a cotia é facil de domesticar. Pela graça e gentileza são estes animaes dignos da estima do homem, podendo viver na sua habitação, com tanto que haja o cuidado de lhes não dar ensejo de satisfazerem o desejo constante que teem de roer tudo quanto encontram. Uma das suas boas qualidades é o asseio, que se revela no cuidado com que limpam o pello, e a toca.

Rengger conta que viu n'uma floresta ao norte do Paraguay duas cotias domesticadas, que de manhã e á tarde andavam pelo bosque, e á noite voltavam para a cabana d'uns indios, não sendo porém a affeição pelo dono que as obrigava a sacrificar a sua independencia, mas sim a que tinham á morada a que estavam habituadas.

UNDECIMO GRUPO

AS LEBRES

N'este ultimo grupo em que, para facilidade da nossa descripção, dividimos os animaes da ordem dos roedores, vão comprehendidos tres generos que se tornam bem distinctos pelo importante caracteristico que possuem os individuos que os formam, unicos que teem os dentes incisivos em duplicado, isto é, por detraz de cada um outro mais pequeno, rombo, quasi quadrangular.

Na familia das lebres comprehendem-se tres generos: as *lebres propriamente ditas*, os *coelhos*, e os *lagomyos*.

AS LEBRES

Les lièvres, dos francezes

Os animaes d'este genero teem a cabeça grossa, orelhas tão grandes ou maiores do que a cabeça, cobertas de pello por fóra e nuas por dentro, a parte posterior do corpo mais grossa que a anterior, olhos grandes e lateraes, beiço superior fendido, os membros posteriores muito mais compridos que os anteriores, cinco dedos nas mãos e quatro nos pés, armados de unhas pouco desenvolvidas, cauda curta e levantada.

Faremos a descripção da especie mais commum.

A LEBRE ORDINARIA

Lepus timidus, de Linneo — *Le lièvre commun*, dos francezes

A lebre ordinaria tem duas especies de pello, uma pennugem mais curta e pellos

sedosos muito compridos, que a cobrem, pardos, e mais ou menos arruivados, segundo as localidades em que o animal vive, — porque o colorido harmonisa-se sempre com a côr predominante do solo em que vive, — resultado das tres côres de que são annelados, parda na raiz, negra no centro e loira ou ruiva na extremidade. No ventre e debaixo da queixada inferior tem o pello branco, as extremidades das orelhas pretas, e a cauda branca por baixo e preta por cima.

Os machos distinguem-se das femeas em geral por terem a cabeça mais arredondada, as orelhas mais curtas e a cauda mais comprida e branca. Os lebrachos teem muitas vezes uma estrella branca na testa.

Este animal é frequente em toda a Europa, á excepção das regiões mais septentrionaes, sendo-lhe limite ao norte a Escossia, a Suecia meridional e o norte da Russia. Encontra-se tambem na Asia Menor, e na Syria.

Comquanto a lebre seja n'alguns pontos do nosso paiz um animal muito frequente, e poucas pessoas haja que não a tenham visto, embora depois de morta, é certo porém que poucas lhe conhecerão os habitos, e vamos, d'accordo com as observações de diversos naturalistas, fazer a descripção d'este animal.

A lebre habita indistinctamente nos montes ou nas planicies, comquanto seja nos terrenos planos e pouco altos onde se encontra em maior numero. Não abre tocas á maneira dos coelhos; vive sobre o solo, onde prepara a sua pousada que varia de local segundo as estações: no verão n'alguma encosta com exposição ao norte, á sombra das estevas ou das vinhas; e no inverno pelo contrario em logar descoberto bem exposto ao sol. Deitada na terra, acaçapada n'um rego, escondida entre dois torrões, confundindo-se-lhe a côr com a do solo, logra escapar assim ás vistas dos que passam.

Á excepção da epoca do cio, em que este animal entra n'um estado de excitação extraordinaria, a lebre não se move da sua pousada durante o dia, e só quando o sol desapparece no horisonte vae em busca do alimento, que se compõe de hervas, raizes, folhas, até mesmo da casca das arvores, tendo grande predilecção pelas plantas aromaticas, taes como o trevo, o serpão, o tomilho, e particularmente pela salsa. Gosta muito de couves e de nabos.

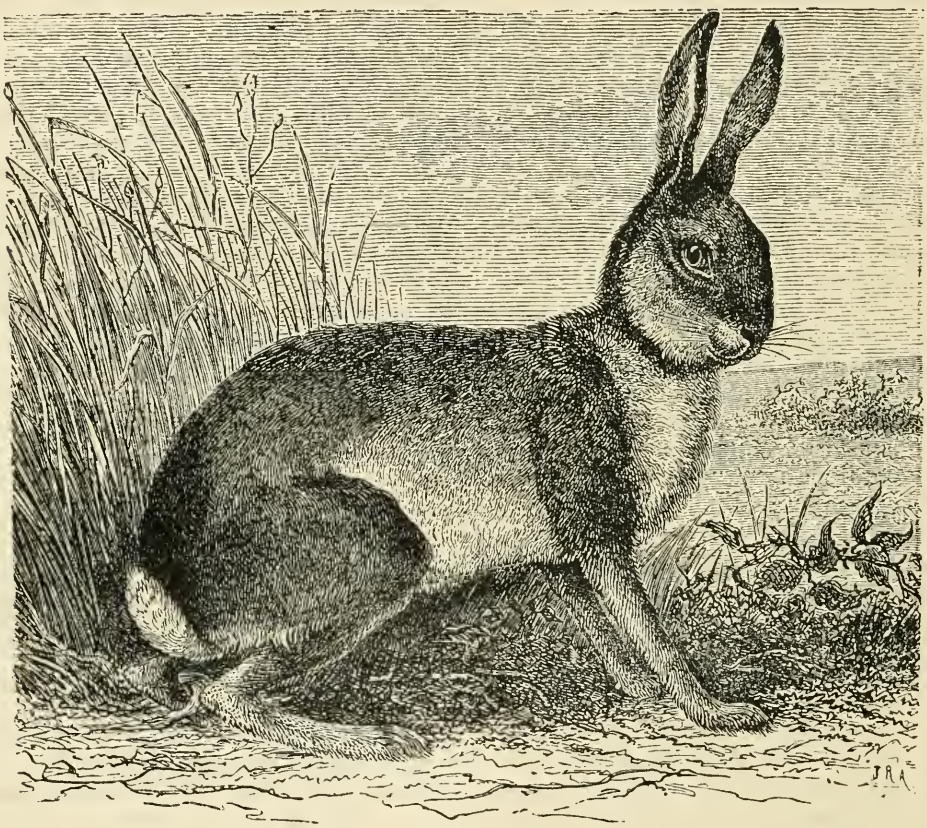
Em geral a lebre não abandona por sua vontade o logar em que nasceu e onde tem vivido; se a deixarem tranquilla não muda de residencia, e invariavelmente volta todas as manhãs para a sua pousada, da qual nunca se aparta para muito longe, conservando-se nas vizinhanças. Quando a lebre que é perseguida foge, afastando-se muito do logar em que foi vista, é certo que não reside n'aquella localidade, ia de caminho, ou, o mais provavel, é algum macho que, não encontrando no ponto em que vivia femea a que reunir-se, vinha em busca d'ella a terra estranha. Quando por falta de alimento, ou, como já dissemos, por não encontrar animal de sexo differente, a lebre se vê obrigada a abandonar a sua residencia habitual, a maior parte das vezes volta no outono ou depois da fecundação para a sua antiga morada.

Dizem alguns observadores que este animal nunca se encaminha directamente ao sitio onde se acantoa; passa sempre além para depois retroceder; e ainda na volta, apartando-se um pouco, dá um salto de lado, e chega emfim ao logar que lhe serve de pousada, dando um grande pulo.

A lebre tem medo de tudo, e vive em continuos sobresaltos; o mais leve ruido, a aragem que passa, uma folha que cae é sufficiente para perturbar-lhe o somno. Um reptil que lhe passe por ao pé é bastante para obrigal-a a abandonar a pousada, e se quando vae na corrida ouvir um ligeiro assobio pára. O ouvido, a julgar pelas suas enormes orelhas, é de todos os sentidos da lebre o mais apurado; o olfato não é mau, mas a vista é bastante imperfeita, e os olhos pela sua posição ao lado da cabeça não permittem que o animal possa bem divisar os objectos que lhe estão na frente. Tem acontecido que a lebre indo na carreira vae de encontro ás pernas do caçador, quando este estiver perfeitamente na sua frente.

As faculdades intellectuaes d'este animal são dominadas pela sua grande prudencia e pela sua extraordinaria vigilancia, que nunca se abranda ou interrompe. A defesa da lebre consiste na rapidez com que foge, que é resultado da sua organisação especial: as pernas muito mais compridas que os braços permittem-lhe a grande velocidade com que corre, maior na subida do que na descida.

«Parece que a natureza, diz Winkell, deu á lebre, para compensal-a da sua natural timidez, a vigilancia, a rapidez na carreira e a astucia. Quando encontra de noite com que saciar o appetite, se o tempo está bom, de manhã cedo, ao nascer do sol, encaminha-se para algum sitio secco e arenoso, aonde, ou só ou em companhia d'outras, se entrega ás suas diversões, que constam de saltos, de corridas á roda, de cambalhotas, chegando a sua attenção a ser de tal modo absorvida pela embriaguez dos folguedos, que toma o raposo por seu companheiro, erro que lhe custa a vida. A lebre já velha não se deixa surprehender por esta fórma, e quando é forte e sadia logra quasi sempre escapar-se pela fuga á perseguição dos seus inimigos, procurando fazer-lhe perder a pista por repetidos ziguezagues e desvios.



Gr. n.° 162 — A lebre ordinaria

Se lhe vae um galgo no encalço, busca então substituir-se por alguma outra lebre que encontra no caminho, e para isso expulsa-a da sua pousada, indo tomar-lhe o logar; introduz-se n'um rebanho de ovelhas que encontre, esconde-se entre um cannavial, ou até mesmo atravessa um ribeiro a nado.

Nunca faz frente seja a que animal fôr, e só o ciume póde leval-a ao extremo de se bater com os seus similhantes. Por vezes, quando o perigo se apresenta de surpresa, as suas faculdades paralysam-se de tal modo, que, olvidando-se de todos os meios de escapar-se, corre d'um para outro lado, dando gritos sentidos.»

É grande a fecundidade d'estes animaes, sem a qual a especie não haveria resistido ás numerosas causas de destruição que a cercam. A epoca do cio é no fim de fevereiro ou principio de março, e ácerca d'este ponto ouçamos ainda o mesmo autor.

«Ao principiar a epoca do cio, os machos vagueiam por toda a parte e sem descanço á procura das femeas, seguindo-as pela pista, com o nariz no chão á maneira dos cães. Quando o macho e a fe-

mea se encontram, começam por provocar-se, correndo em circulo, levantando-se nas pernas trazeiras, e no enthusiasmo d'estas demonstrações leva sempre a femea a primazia. Em breve, porém, chegam outros machos, e comquanto o primeiro faça diligencia por que a femea o acompanhe, ella resiste e entrega-se finalmente ao mais valente. Facilmente se póde prever que o caso se não passa a bem, e que os machos aguilhoados pelo ciume se batem, embora sem resultado fatal. O espectaculo é dos mais interessantes.

Dois ou tres machos, ás vezes mais, correm uns para os outros, recuam, põem-se de pé, de novo se arremettem, dando com as mãos e com os pés uns nos outros, voando o pello por todos os lados, até que por ultimo o mais forte vence a contenda, ficando de posse da femea; se esta, o que muitas vezes acontece, não aproveitou a occasião para se escapar com um dos combatentes, ou com algum curioso que, estranho á luta, appareceu entrementes.»

A gestação n'este animal dura trinta dias; tem filhos quatro vezes no anno e excepcionalmente cinco; de cada vez tres a cinco, que deposita n'algum sitio mais escuso, sobre uma camada de folhas seccas, sem tecto que os abrigue, ás vezes sobre a terra nua. Nascem com o corpo coberto de pellos, os olhos abertos; a mãe aleita-os durante vinte dias, passados os quaes abandona-os, indo cada qual viver independente, sem comtudo se afastar para longe do logar onde nasceu. Quando se encontra um lebracho, ha quasi a certeza de que nas proximidades existem mais.

Em geral a mãe tem pequena affeição aos filhos, e esta circumstancia, aggravada pelo pouco resguardo que lhes offerece o ninho em que os deposita, é causa de de que muitos morram nos primeiros dias de nascidos, principalmente se o tempo n'essa occasião se conserva frio. A lebre vive, no maximo, sete ou oito annos.

Os lebrachos domesticam-se facilmente, e habituam-se á comida que em geral se dá aos coelhos, tendo porem curta duração. No dizer de Brehm, esta prolonga-se, dando-lhe por alimento feno, pão, aveia, nenhuma planta verde, e agua para beber. Tornam-se familiares a ponto de virem á chamada do dono, e receberem os alimentos de sua mão. Longe de ser tão estupida como muitos suppõem, a lebre é, pelo contrario, susceptivel de ensino, e a algumas se tem conseguido ensinar a tocar tambor, a dansar ao som da musica e outras habilidades similhantes. Conservando-se presas são ainda assim alegres e vivas, tornam-se interessantes pelas cabriolas que fazem, pela sua docilidade que nunca se desmente, não perdendo, porém, totalmente, a innata timidez.

Este animal é objecto em toda a parte da activa perseguição do homem, que o caça por todos os meios, empregando as armadilhas, os cães, ou a espera. A carne é excellente, muito saborosa, com propriedades excitantes, e talvez por esta circumstancia a lei de Moysés e o Alkorão prohibem o seu uso. O logar onde estes animaes vivem tem grande influencia na qualidade da carne, porque segundo o alimento habitual, será esta mais ou menos agradavel. As lebres que vivem nos sitios montanhosos, onde vegetam as plantas aromaticas, taes como o tomilho, o serpão, embora mais magras, porque o sustento é mais escasso, são sempre preferiveis ás que habitam os logares baixos e pantanosos, porque a carne d'estas é escura e má.

Os pellos são utilisados na confecção do feltro, e a pelle depois d'elles extrahidos serve para fazer colla forte.

Além da especie de que acabamos de falar existem outras, que por muito similhantes nos habitos não merecem descripção especial, e apenas daremos os seus caracteres especificos.

A LEBRE VARIAVEL

Lepus variabilis, de Linneo. — *Le lievre variable*, dos francezes

Este animal é pardo trigueiro no verão e branco no inverno, á excepção da extremidade das orelhas que são constantemente pretas nas duas estações. Tem de comprimento 0m,80.

As lebres d'esta especie habitam principalmente na Noruega, na Laponia, na Groenlandia, nas montanhas da Escossia, na Russia e na Siberia.

A LEBRE DO EGYPTO

Lepus capensis, de Linneo. — *Le lievre d'Egypte*, dos francezes

Os animaes d'esta especie distinguem-se por serem mais pequenos que a lebre

ordinaria, e terem as orelhas maiores que as d'esta. A côr da pelle é analoga á do terreno arenoso dos paizes em que vivem, parda arruivado na parte superior do corpo e branca na inferior.

Encontra-se esta lebre no lado oriental da Africa, e parece ser frequente no Egypto, aonde é a unica representante da familia.

Ácêrca dos habitos d'este animal, conta A. Brehm, que o viu repetidas vezes nos pontos em que habita, a seguinte particularidade.

«Os abyssinios, mahometanos ou christãos, observam ainda a lei de Moysés, e desprezam a carne da lebre; assim este animal não é perseguido pelo homem n'aquelles paizes, e habituou-se a não ver n'elle um inimigo. Só assim posso explicar a estupidez d'estes animaes d'orelhas enormes e grandes pernas.

É muito frequente nos sitios onde os europeus não residem, e não é raro ver quatro, seis ou oito, levantarem-se diante do caçador; mas por maior que seja a abundancia d'estes animaes, raras vezes se podem observar na sua pousada, tanto a côr do pello se confunde com a do sólo. Ao mais leve ruido desperta e procura conhecer-lhe a causa, e toda a vez que o ruido seja produzido pela aproximação do homem, não se apressa a fugir, dirige-se vagarosamente para a primeira moita, e ahi se esconde com as orelhas inclinadas para o lado d'onde vem o homem.

.....

Não acontece o mesmo com o cão, e provavelmente com o raposo, chacal ou lobo quando lhe segue a pista. Então sabe o animal que ás corridinhas não escapa, e que as moitas lhe não servirão d'asylo, e foge e corre com tão grande velocidade como a lebre da Europa. A maior parte das vezes escapa-se; mas paira no ar um inimigo ainda mais temivel, a aguia, que aguarda o momento em que o misero roedor sae do matto para campo descoberto, para arrebatal-o, suffocando-o não obstante a sua resistencia.»

OS COELHOS

Les lapins, dos francezes

Os animaes d'esta especie differem das lebres propriamente ditas não só nas orelhas, que as teem mais curtas que a cabeça, mas tambem na menor desproporção dos membros anteriores e posteriores, e no corpo que é mais refeito. Nos habitos a differença é grande: estes roedores cavam as tocas onde habitam, ou aproveitam-se das que encontram feitas, não estabelecendo a sua pousada sobre o solo, como fazem as lebres.

O COELHO BRAVO

Lepus caniculus, de Linneo. — *Le lapin de garenne*, dos francezes

O pello d'este animal é na côr muito similhante ao da lebre, com quanto seja menos arruivado: é pardo na cabeça, nas costas e nas orelhas, e estas sem a extremidade preta; na garganta e no ventre esbranquiçado, pardo na parte superior da cauda e branco na inferior. O comprimento do corpo em geral é de $0^{m},38$ e a cauda tem $0^{m},6$.

O coelho diz-se ser originario da Africa, e que d'esta parte do mundo passou á Europa pela Hespanha, estendendo-se em seguida por todos os paizes da Europa meridional e central, onde actualmente é muito commum. Em vão o tem pretendido acclimar na Suecia e na Russia, sendo certo que não póde existir nos paizes do norte da Europa.

Este roedor habita geralmente nos logares onde lhe seja facil occultar-se, e nunca nos campos descobertos; por mais minguados que sejam os recursos que o solo lhe offereça, vive nos pontos mais agrestes e multiplica-se rapida e extraordinariamente.

E' mais sociavel que a lebre, e vive em commum. Em agilidade não lhe é inferior; mas menos robusto do que ella, não se fia na solidez das pernas, e ao ver-se perseguido busca refugiar-se na toca que elle proprio escava, e na qual encontra asylo seguro contra todos os seus inimigos; alli não podem penetrar o cão nem o raposo, e só o homem consegue expulsal-o com auxilio do furão. Um buraco qualquer, a fenda d'uma rocha, um monte de pedras servem-lhe de abrigo para escapar aos seus perseguidores. Na vista, no ouvido e no olfato nada fica a dever á lebre.

As tocas que os coelhos escarvam são sempre em logares expostos ao sol, e consistem n'um compartimento circular, onde vae dar um grande numero de corredores, que communicam uns com os outros, por vezes tão estreitos que o animal só póde

passar por elles de rojo. Existem ás vezes muitas tocas proximas umas das outras, vivendo em cada uma um casal, e que se communicam entre si.

Dissemos já que o coelho era muito sociavel, e sobre este ponto ouçamos A. Brehm.

«Como nas pequenas aldeias aonde os habitantes são todos parentes mais ou menos proximos, todos se conhecem, e para nenhum ha estranhos, assim os individuos d'uma tribu de coelhos se consideram como descendendo d'um tronco commum, e manteem entre si as melhores relações de vizinhança. Sabem que o interesse geral é o de cada um em particular, e chegada a occasião protegem-se e auxiliam-se mutuamente

Quando andam por fóra das tocas, em procura do serpão ou do trevo, não deixam por isso os mais experientes, embora não percam uma dentada, de velar pela sua segurança, com o olho á mira e o ouvido á escuta, e ao menor perigo dão o signal d'alarme, batendo com as pernas no chão, signal que se repete em toda a linha das tocas. O bando em geral apressa-se a recolher-se ás habitações; mas se alguns, os mais novos, desprezam este primeiro aviso, os mais velhos ficam, repetem o signal batendo muitas vezes com as pernas no chão, e expõem-se assim ao perigo a bem dos seus similhantes.

Quantos outros factos não menos interessantes nós poderiamos registrar em abono d'estes animaes, se nos fosse possivel conhecer as particularidades da vida dos individuos que compõem essas pequenas republicas subterreas! Quantos factos, verdadeiras maravilhas, se passam junto de nós, debaixo dos nossos pés, que ainda hoje são, e serão sempre, segredos que não podemos penetrar!»

Á maneira da lebre, o coelho conserva-se todo o dia na toca, a menos que o sitio seja bem escuso e coberto, e elle possa sem ser visto ir roendo nas plantas que encontrar. Á hora do crespusculo sae com mil precauções para ir tomar a refeição da noite, tosar a herva fresca, e principalmente foliar em companhia dos seus similhantes á luz da lua.

Não queremos privar o leitor dos seguintes periodos, que transcrevemos de A. Brehm, que tão bem e fielmente descrevem este animal nas suas excursões pelo campo, em busca do alimento:

«La Fontaine foi bem conceituoso quando, ao apresentar o coelho, lhe deu por companheiras tres coisas lindas: a aurora, o tomilho e o rocio. O que a natureza possue de mais tenro, de mais fresco, e de mais perfumado, reservou-o para si o modesto roedor.

Se quereis encontral-o ide á floresta ao despontar da aurora, no momento em que os contornos sombrios dos ramos das arvores principiam a resaltar no horisonte, já illuminado com os primeiros clarões do dia, e alli, á entrada, ou na clareira, occulto com um arbusto gotejante de orvalho, aguardae silencioso. Vereis em breve deslisar sobre a relva uma sombra, um corpo cujas fórmas ainda se não distinguem bem, e que alternadamente se alonga e se encurta, avançando aos saltos: é o coelho que vem pela refeição da manhã, deleitando-se entre as plantas aromaticas que revestem o solo.

Quando o dia vae adiantado não se vê, conserva-se escondido entre as hervas altas, ao sol, ou nos silvados. Se alguem passa junto d'elle não se move, e só se resolve a fugir quando o homem já está tão proximo que quasi lhe toca com o pé; então salta, batendo primeiro no solo com as pernas, que se dilatam como se uma mola as impellisse, e desapparece sem que o vejam, deixando apenas ouvir o ruido que faz ao atravessar por entre as hervas.»

A epoca do cio para estes animaes começa em fevereiro ou março, durando a gestação trinta dias. Tão depressa a femea tem os primeiros filhos, reune-se novamente ao macho, de modo que um casal, n'um anno, tem uma progenie numerosa.

A coelha não deixa, como a lebre, os filhos expostos ás inclemencias do tempo; pelo contrario, alguns dias antes d'elles nascerem cava na terra uma toca, guarnece-a com uma camada de hervas seccas, e depois tapiza-a com o pello que arranca do ventre; n'esta cama, commoda e confortavel, deposita os filhos, quatro a oito de cada barriga.

Assim que os pequenos acabam de nascer, e depois de lhes haver dado de mamar pela primeira vez, a coelha sae do ninho, tendo todo o cuidado de tapar a entrada, servindo-se para isso da terra que lhe sobejou quando abriu a toca, calcando-a com o ventre e com os pés. Em quanto os filhos se conservam com

os olhos cerrados, o ninho continua cuidadosamente fechado, e só a pouco e pouco, á maneira que as palpebras se lhes vão descerrando, vae a mãe deixando uma pequena abertura, que progressivamente vae alargando na proporção da robustez que os filhos adquirem. Dá-lhes de mamar durante vinte dias aproximadamente, e para isso introduz-se na toca todos os dias, julga-se que de madrugada, e nunca mais alli volta no correr do dia.

Diz-se que a femea esconde os filhos para os livrar do pae; mas esta asseveração é falsa. A. Brehm affirma que o macho não é menos carinhoso para os filhos de que a femea. «Quando saem do ninho, diz este escriptor, conhece-os, e segurando-os entre as patas, lambe-lhes os olhos, alisa-lhes o pello, e auxilia a mãe na sua educação, ensinando-os a procurar o sustento, e partilhando egualmente entre todos os seus cuidados e caricias. Diz-se até que esta ligação se prolonga além da primeira edade dos pequenos, e que estes aprendem a conhecer o pae, acatando sempre a sua autoridade, e mostrando-se respeitadores da sua dignidade de pae e de mais velho.»

São bem conhecidos os meios que o homem emprega para se apossar d'este animal, não só para assim obstar aos estragos que elle faz nas plantações, como principalmente pela carne que é excellente e geralmente estimada. Além das armadilhas, dos cães, e das armas de fogo, figura entre os maiores inimigos do coelho o furão, e sem este a maior parte das vezes o roedor zombaria dos esforços dos caçadores, porque, apezar de ser considerado como animal tão pusilanime como pouco esperto, o coelho quando é perseguido dá provas de certa astucia e até mesmo de audacia. Acerca d'este ponto vem ainda a proposito transcrever os seguintes periodos do autor que acima citámos:

«Mais desconfiado e manhoso que a lebre, o coelho não se deixa surprehender quando anda a pasto, e quasi sempre consegue encontrar onde refugiar-se. Em campo descoberto, e correndo a direito, seria em breve alcançado pelos cães, e por isso ao ver-se perseguido por alguns d'estes animaes, dos maiores, que devorando o caminho n'um galope frenetico, não lhe deixam um momento de descanço, certamente não perde tempo e trata de se esconder na toca o mais breve possivel; mas se percebe que os animaes que lhe vão no encalço são alguns baixotes, então aproveita o tempo, e resta saber se a caçada se não tornou para elle n'um folguedo.

Em meia duzia de saltos põe os cães fóra do rasto, e depois pára, escuta, dá volta a uma arvore ou a algum massiço de arbustos, e ao vêl-os novamente abala, fazendo-lhes mais uma vez perder a pista, seguindo-se nova paragem que aproveita para se assentar a seu commodo, e afagar as orelhas e o focinho com as mãos, como que zombando da matilha e dos caçadores.

Assim, durante uma hora, e quando muito n'uma geira de terra, que não seja campo descoberto, deixa que os cães se afadiguem em perseguil-o, e na maior parte das vezes, se não fôra o homem que armado da espingarda o espera por detraz d'um arbusto, sairia a salvo da caçada, sem uma arranhadura sequer. E note-se que isto se passa ao som de uma trovoada de latidos furiosos, e que o animal se expõe, por uma manobra mal feita, a morte certa.»

O coelho domestico, ou *coelho manso*, como vulgarmente se diz, tem a sua origem no coelho bravo, e se alguns conservam a côr d'estes, outros teem diversas côres, sendo pretos, brancos, ruivos, amarellos, alguns malhados, e são sempre maiores que o coelho bravo.

Entre as variedades de coelhos mansos, citaremos as seguintes:

O *coelho prateado*, originario da Asia, maior que o coelho ordinario, pardo azulado com reflexos prateados, n'algumas partes do corpo côr de ardosia, mais ou menos clara, cabeça e orelhas quasi negras.

O *coelho da Russia*, pardo cinzento com orelhas e cabeça trigueiras, tendo a pelle da garganta fortemente dilatada e caida.

O *coelho d'Angora*, da Syria, notavel pelo comprimento do pello, que é abundante e sedoso, arrastando ás vezes pelo chão. É muito estimado não só pela sua belleza, como pelo valor da pelle.

Com quanto não seja nosso intento tratar do melhor modo de crear os animaes domesticos, e haja ácerca d'este assumpto obras especiaes que se encarregam de o vulgarisar, pareceu-nos comtudo que sendo o coelho um dos animaes domesticos

cuja creação está mais generalisada, em maior ou menor escala, tornando-se principalmente nas freguezias ruraes um commercio ou um passatempo, seriam uteis, ou pelo menos curiosas, as seguintes indicações tendentes a conseguir a propagação d'estes animaes em circumstancias favoraveis, não só á sua maior multiplicação como ao melhor sabor da carne.

A L. Figuier devem-se os seguintes periodos, com referencia ao assumpto:

«As coelheiras são formadas de uma serie de pequenas divisões, com 2 metros aproximadamente, divididas apenas por uma grade, de forma que os coelhos se possam ver uns aos outros, sem os sujeitar ao regimen da prisão cellular. Devem ficar expostas ao sul, tanto quanto fôr possivel, e construidas de maneira que não sejam humidas, e antes bastante arejadas e seccas; o chão deve ser de madeira ou d'argamassa, e coberto com uma camada de palha ou de hervas seccas, abundante e frequentemente renovada.

Aos seis mezes separam-se as femeas e fecha-se cada uma em sua divisão, porque desde essa edade estão aptas para a reproducção, e vae-se introduzindo o macho successivamente em cada um dos oito ou dez compartimentos, de que se pode compor a coelheira, deixando-o ahi permanecer por espaço de oito ou dez dias. Como o periodo da gestação para a coelha é de um mez aproximadamente, a femea da divisão n.° 1 terá tido os filhos ha um mez ou mez e meio quando o macho tiver de sair da ultima divisão, podendo recomeçar-se a operação pela mesma ordem, tendo o cuidado de mudar de macho para o deixar descançar. É tambem indispensavel separar os pequenos dos paes, tão depressa estiverem desmamados, e reunil-os n'um compartimento unico, cujas dimensões se devem regular pelo numero de coelhos novos.

A comida deve-lhes ser fornecida a horas certas, de manhã, ao meio dia, e de tarde; consistindo no verão em hervas verdes e em vegetaes de todas as especies, e no inverno em hervilhaca, batatas, feno, etc. com a expressa recommendação de lhe não misturarem com os alimentos hervas molhadas. Não se deve esquecer dar-lhe agua, principalmente quando as substancias que se lhes fornecem forem seccas.»

O mesmo autor calcula que, fóra as perdas, que necessariamente se dão nos coelhos novos, devidas a causas diversas, cada femea póde fornecer annualmente trinta coelhos, e dar um lucro superior a tres mil réis, tiradas as despezas.

OS LAGOMYOS

Les lagomys, dos francezes.

Os lagomyos differem das lebres nas orelhas que são mais curtas, nas pernas quasi do mesmo comprimento dos braços, e em não terem cauda; os dentes incisivos são largos e com um sulco tão profundo ao centro, que faz com que pareçam divididos em duas partes. Teem cinco dedos nas mãos e quatro nos pés, armados de unhas fracas, arqueadas e agudas.

O genero comprehende seis especies, que todas vivem nas regiões mais septentrionaes da Asia e da America, sendo d'ellas mais conhecida a seguinte:

A LEBRINHA ALPINA DA ASIA

Lepus alpinus. — *Le lagomys alpin*, dos francezes.

Os animaes d'esta especie teem o tamanho e o todo d'um porquinho da India, comquanto a cabeça seja mais comprida, mais delgada, e o focinho menos obtuso. O corpo é refeito, pernas curtas, orelhas regulares, ovaes, nuas pela parte de fóra; o pello aspero, grosseiro e curto.

Nas costas teem o pello amarello-ruivo, mosqueado de preto, nas ilhargas e no pescoço ruivo, no ventre e nas patas amarello claro. As orelhas são pretas no exterior, e amarellas pelo lado de dentro, com a borda esbranquiçada. Mede este animal 0^{m},26 a 0^{m},30, e 0^{m},08 de altura.

A lebrinha alpina da Asia habita em todos os pontos elevados da Siberia, até aos confins da Asia e do Kamtchatka.

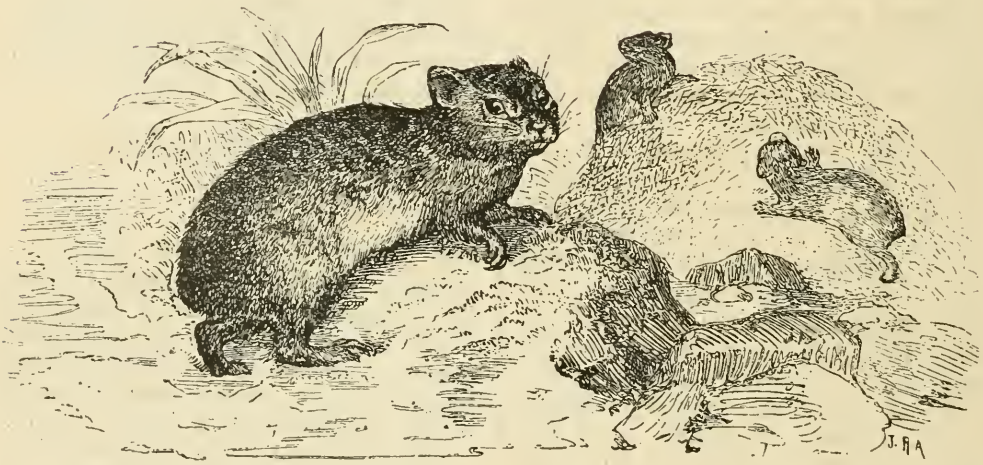
Vive este animal, como todos os lagomyos, nos sitios mais agrestes, aos pares ou formando grandes bandos, habitando em tocas que elle proprio cava, ou nas fendas dos rochedos e nas cavidades das arvores. Nunca se afasta para longe da toca, e n'ella permanece durante o dia, até ao pôr do sol, quando faz bom tempo.

É um animal pacifico, activo, trabalhador, que nos mezes de julho e agosto trata de arrecadar as provisões de que

carece no inverno, e que se compõem de hervas succolentas seccas ao sol, que junta proximo da toca, muito acamadas, e cobertas por grande quantidade de folhas, para assim ficarem ao abrigo da chuva, formando monticulos de $0^m,33$ de altura por $0^m,33$ a $0^m,66$ de diametro, faceis portanto de ser observados, comquanto estejam cobertos de neve todo o inverno. N'esta estação estabelece o animal a communicação entre a toca e as provisões por meio de galerias sinuosas, abertas por entre a neve, tendo cada uma sua saida.

No principio do verão a femea tem seis filhos, que nascem nús, e que ella trata com carinho.

Comquanto não seja bravia nem timida, a lebrinha alpina da Asia é muito difficil de ser apanhada.



Gr. n.° 163 — A lebrinha alpina da Asia

MAMIFEROS

ORDEM DOS DESDENTADOS

Os animaes comprehendidos n'esta ordem, a julgar pela denominação que lhes foi dada na generalidade, poder-se-hiam suppôr privados completamente de dentes; mas comquanto esta circumstancia se dê n'algumas especies, o caracteristico dos desdentados é não possuirem dentes incisivos, tendo a frente das maxillas desprovidas de dentes, podendo tel-os comtudo aos lados, sendo estes todos eguaes, e não variando na forma como acontece ao maior numero dos mamiferos.

Os desdentados teem as unhas excessivamente vigorosas, que lhes servem para escarvar a terra ou para trepar. São dotados de fórmas verdadeiramente exoticas, e a sua intelligencia é nulla. Uns teem pello macio e espesso, outros teso e aspero, e alguns possuem uma verdadeira couraça, solida e resistente, á maneira da concha da tartaruga.

Pelos habitos e pelo regimen alimentar differem tambem consideravelmente os desdentados entre si, segundo as familias a que pertencem, por que em quanto uns vivem sobre as arvores, outros habitam em tocas, havendo especies que se alimentam de substancias vegetaes e outras que precisam de sustento animal.

Os animaes d'esta ordem hoje existentes são em geral pouco corpulentos: as especies maiores teem 1^{m} de comprimento, não incluindo a cauda, e ha uma que é pouco maior que o rato; mas entre as especies que viveram em epocas geologicas anteriores, havia algumas a que pertenciam animaes, tal como o *megatherium*, que egualava em tamanho o elefante. [1]

Divide-se a ordem dos desdentados em cinco familias, pouco ricas em generos, que são os *preguiçosos*, os *armadilhos*, os *orycteropos* ou *tamanduás do Cabo*, os *formigueiros* ou *tamanduás*, e os *pangolins*.

OS PREGUIÇOSOS

Bradypus. — Les paresseux, dos francezes.

Os animaes d'esta primeira familia dos desdentados, comquanto sejam de todos os individuos d'esta ordem os que mais similhança conservam com os mamiferos de que temos falado, são todavia animaes informes, movendo-se com grande difficuldade, circumstancia que lhes valeu o nome de *preguiçosos* ou o de *tardigrados*, que certos autores lhes dão

Os preguiçosos teem a cabeça redonda,

[1] Em 1879 encontrou-se a tres leguas da cidade de Buenos Ayres, n'um terreno d'alluvião, os ossos fosseis d'um animal com o tamanho do elephante, o qual, a julgar por elles, deveria ter 4^{m},60, de comprido por 2^{m},60, de alto. Achou-se o esqueleto quasi completo que existe no museu de Madrid, e o animal recebeu o nome scientifico de *megatherium Cuvieri*.

Mais tarde encontraram-se na America do Sul os esqueletos de outros animaes tambem fosseis, com os caracteristicos dos desdentados.

curta como a dos monos, bocca pequena, orelhas tão curtas que ficam occultas no pello, cauda reduzida a um côto quasi invisivel, e braços mais compridos que as pernas; nas mãos dois ou tres dedos, unidos pela pelle, que os cobre até á raiz das unhas, e tres nos pés, eguaes aos das mãos, tendo todos unhas fortes e recurvas. O pello é comprido, grosseiro, e muito aspero.

Na sua conformação interna teem estes animaes da mesma sorte particularidades não menos curiosas, que os distinguem dos outros mamiferos.

N'esta familia comprehendem-se dois generos, que se distinguem pelo numero de dedos, e que vamos indicar, fazendo simultaneamente a descripção dos seus habitos, que em tudo são similhantes.

A PREGUIÇA DO BRAZIL

Bradypus didactylus, de Linneo. — *L'unau*, dos francezes.

Os animaes d'esta especie só teem dois dedos nas mãos e tres nos pés, cauda nulla, pello pardo trigueiro mais escuro no lado interno dos membros que nas costas, e o d'estas com a extremidade amarella suja ou branca.

O pello da parte superior do corpo é comprido e liso, e o das faces muito curto; a extremidade do focinho é mal coberta com alguns pellos muito pequenos. Tem este animal de comprimento $0^{m},70$.

A preguiça do Brazil vive no Brazil e n'outros paizes da America do Sul.

O PREGUIÇOSO MENOR

Bradypus tridactylus, de Linneo — *L'aï*, dos francezes

Esta especie é mais pequena que a antecedente, e os animaes que n'ella se incluem medem, quando muito, $0,^{m}40$. Teem tres dedos nos pés e o mesmo numero nas mãos. O pello é formado d'uma pennugem fina, curta e basta, e de sedas asperas, duras e lisas. Dos dois lados do dorso, entre as espadoas e as coxas, estendem-se duas faxas trigueiras, mais ou menos visiveis; o resto do corpo é ruivo claro e pardo cinzento e o ventre pardo prateado.

Encontra-se, como a especie precedente, na America do Sul, desde o Brazil até ao Mexico.

Como já dissemos, os animaes d'estas duas especies são similhantes nos habitos, e vamos por isso fazer a descripção dos preguiçosos em geral, descripção que póde ser applicavel a ambas.

Os preguiçosos vivem nas arvores como os monos e os esquilos, mas emquanto estes se movem rapidamente sobre os ramos, aquelles parecem presos aos troncos, passando d'um para outro ramo difficilmente, com auxilio dos seus longos braços, e alcançando assim os ramos mais distantes, segurando-se com as unhas. Ao contrario de todos os animaes que habitam nas arvores, e que só excepcionalmente trepam pela parte inferior dos ramos, os preguiçosos, suspendendo-se com os pés e com as mãos, deixam cair o corpo, agarram-se solidamente aos troncos com as unhas, e assim passam d'uns para os outros, ficando muitas vezes dependurados por esta fórma uma noite e um dia, sem se moverem.

Se os seus movimentos são difficeis e vagarosos sobre as arvores, podem comtudo considerar-se rapidos e ligeiros se os compararmos com os que fazem quando se encontram no solo. Póde dizer-se que se arrastam, tão grande é a difficuldade com que caminham, tocando o solo com o ventre, com os membros estendidos, e assentando no chão tamsómente o lado exterior das patas. A cabeça, que inclinam para um e outro lado, successivamente, parece servir-lhes de maromba.

Nada os póde obrigar a tomar uma andadura mais rapida, e n'estas circumstancias bem lhes cabe o nome de preguiçosos. Quando por acaso se encontram n'agua, sabem muito bem nadar, e movem-se com mais agilidade que trepando ás arvores.

«Alimentam-se, diz Brehm, de renovos, dos ramos tenros das arvores e de fructos, bastando o orvalho que se accumula nas folhas das arvores para lhes matar a sêde. A grande indolencia d'estes animaes manifesta-se principalmente no modo por que procuram os alimentos; contentando-se com tudo, podem passar dias e semanas inteiras, como tem sido affirmado por alguns naturalistas, sem comer nem beber.

Emquanto uma arvore lhes possa fornecer o sustento necessario, não pensam

Impresso por Lallemant frères. Lisboa

A PREGUIÇA DO BRAZIL

em abandonal-a; e só quando principia a faltar-lhes resolvem mudar de pousada, descendo aos troncos mais baixos, e procurando agarrar os ramos das arvores vizinhas, e passar para elles. Outr'ora acreditava-se que estes animaes preferiam uma determinada especie de arvores; depois averiguou-se que todas lhes servem para alimento, comquanto tivessem por onde escolher, tão rica é a terra onde vivem que sem custo encontravam o alimento que mais lhes conviesse.

Nas florestas virgens os ramos das arvores estão por tal fórma entrelaçados, que estes animaes podem facilmente passar d'umas para as outras sem descerem ao solo. A area que exploram é pequena, e as poucas folhas que comem nada são em vista da luxuriante vegetação tropical. Aproveitando-se dos compridos braços para prender os ramos, e colher as folhas e os fructos, as mãos servem-lhes para levar o comer á bocca.»

Para dormirem, os preguiçosos, dependurados d'um tronco, unem os pés com as mãos, deixando cair o corpo por tal forma curvado que parece uma bola, e com a cabeça inclinada para o peito, assim permanecem dia e noite, sem que esta posição os afadigue.

E' raro ouvir estes animaes, e quando de manhã e á tarde, ou aguilhoados pela fome, deixam ouvir a voz, são apenas uns sons fracos, sentidos e penetrantes, que se podem exprimir pela vogal *i*, muitas vezes repetida. Uma das duas especies, a que acima nos referimos, o preguiçoso menor, que os francezes denominam *aï*, deve este nome aos gritos que dá.

Os preguiçosos são inoffensivos porque nenhum sentimento os anima; o seu ouvido é pouco apurado, e a intelligencia nulla. Teem a vida rija, e são insensiveis aos ferimentos mais dolorosos, deixando-se ficar na mesma posição depois de atravessados por uma bala.

A femea, diz Brehm, tem de cada vez um unico filho, que nasce com o pello todo, as unhas já crescidas, e com as quaes se agarra ás ilhargas da mãe, emquanto esta lhe passa um braço pelo pescoço. Para toda a parte que a mãe vae leva o filho. Nos primeiros tempos parece ter pelo filho um vivo affecto; mas bem depressa essa affeição se dissipa, e mal pensa em dar-lhe de comer e asseial-o.

Deixa que lh'o tirem sem manifestar mais do que um ligeiro descontentamento, como se conhecesse o filho unicamente quando o tem junto a si, ou pelos gritos que elle dá. Muitas vezes, apezar de ter passado dias inteiros sem comer, nem por isso deixa de continuar aleitando o filho, que se prende á mãe como esta se agarra ao tronco da arvore.

Existem curtos pormenores acerca dos costumes dos preguiçosos captivos, com quanto tenham vindo muitos vivos para a Europa. «Os viajantes contam, segundo refere Brehm, que não ha animal mais desagradavel do que um preguiçoso preso: passa dias inteiros dependurado em uma vara, sem se importar que lhe dêem ou não de comer. Um d'elles diz que é mais facil este animal deixar-se morrer á fome, do que tirar-se da posição em que estiver para vir buscar os alimentos que lhe offereçam.

OS ARMADILHOS OU TATUS

Les tatous, dos francezes

Estes animaes teem o corpo refeito, cabeça alongada, focinho comprido, orelhas grandes, cauda longa, grossa e arredondada, pernas curtas, cinco dedos nas mãos e nos pés, armados d'unhas vigorosas proprias para cavar a terra.

O corpo d'estes animaes, em substituição do pello que reveste o dos outros mamiferos, é coberto por uma especie de couraça escamosa, muito resistente, que lhe reveste a cabeça e a parte superior do corpo, as ilhargas e a cauda, formada de conchas osseas, dispostas em series parallelas e com formas variadas, que não são separadas da pelle, antes são o resultado d'uma singular modificação da mesma. No alto da cabeça, sobre as espadoas, e na garupa, estas conchas são presas umas ás outras; mas no meio das costas existem umas cintas movediças transversaes, que se sobrepõem, permittindo por esta fórma que o animal execute certos movimentos, podendo ennovelar-se quando o atacam, e cobrir com a couraça todas as partes vulneraveis do corpo, que são simplesmente cobertas de pello.

Os diversos generos d'esta familia caracterisam-se pela dentadura, e pelo numero de cintas que formam a couraça; circumstancias de pequeno valor em vista

das grandes analogias que existem na sua organisação, e nos seus habitos.

Falaremos de tres especies, representadas pelas nossas gravuras n.os 164, 165 e 166, o *armadilho encoberto*, o *armadilho mataco* e o *armadilho gigante*.

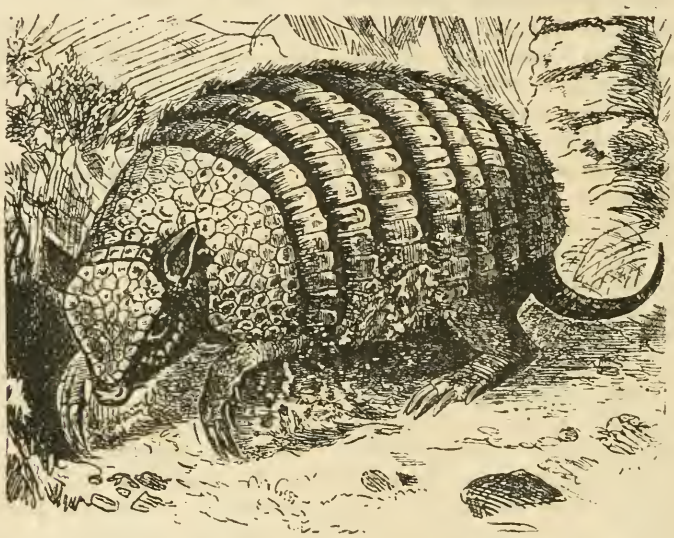
O ARMADILHO ENCOBERTO

Dasypus sexcinctus, de Linneo — *Le tatou poyou* ou *encoubert*, dos francezes

Este animal é o mais conhecido do genero Tem seis ou sete cintas moveis na parte da couraça que lhe cobre a parte media do corpo, formadas de placas grandes, rectangulares, lisas, mais compridas que largas; orelhas muito grandes, cabeça chata na frente, focinho muito curto. A couraça é trigueira-amarellada, e torna-se mais clara pelo constante roçar contra as paredes da toca. Mede este animal de comprimento, do focinho á raiz da cauda, 0,m50, e a cauda 0,m24.

O armadilho encoberto encontra-se na America do Sul, principalmente no Paraguay.

Vive este animal em tocas que elle proprio cava, de que muda repetidas vezes, compostas d'um corredor de 1 ou 2m de comprido e 0,m25 a 0,m66 de largura, variando segundo o tamanho do



Gr. n.º 164 — O armadilho encoberto

morador, e alargando no fundo o sufficiente para o animal poder voltar-se. O armadilho conserva-se alli durante todo o tempo que não emprega na procura d'alimentos, e nos pontos mais povoados só de noite vagueia, passando na toca todo o dia até ao pôr do sol.

Muitos naturalistas dizem que estes animaes procuram estabelecer a toca por baixo dos formigueiros, para assim terem o sustento proximo, e que depois de destruirem um, devorando os pequenos insectos que lá existiam, vão em busca d'outro, para proximo d'elle construir a nova morada, e assim successivamente.

O armadilho não se alimenta tamsómente de formigas, come todos os coleopteros, as larvas, os vermes, a carne em decomposição; e no dizer d'Azara as aves que aninham no chão, os lagartos e as cobras não estão livres de ser devorados por elle. Além d'estas substancias animaes, é certo que o armadilho não desdenha os vegetaes, e que fazem parte da sua alimentação.

Acêrca da sua propagação, diz-se que o macho e a femea, encontrando-se por acaso, se cheiram, tendo logar a fecundação, e que em seguida cada um vae para seu lado, com a maior indifferença.

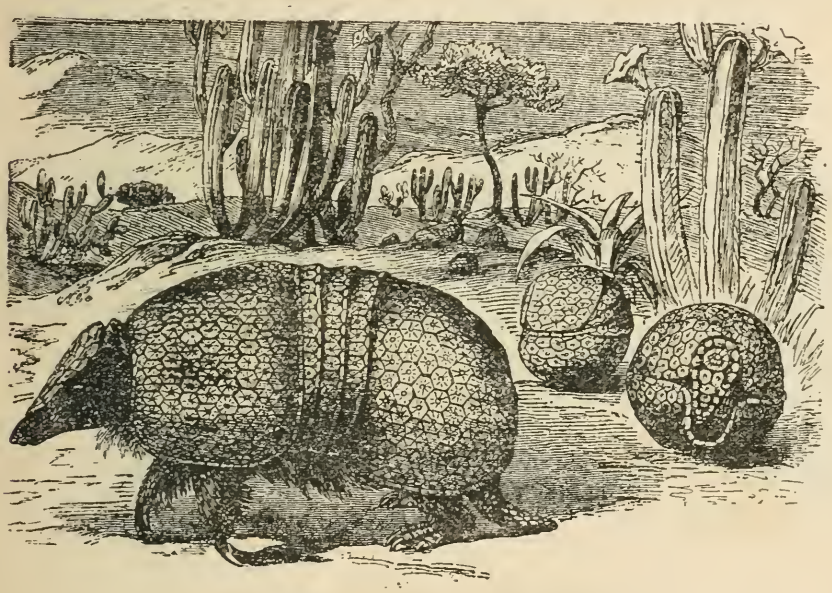
A femea tem de tres a nove filhos, que durante algumas semanas se conservam na toca, mas que tão depressa podem prover ás suas necessidades se separam, indo cada qual para seu lado.

Pela sua organisação especial, que lhe

não permitte mover-se com rapidez, o armadilho não sae d'uma pequena area, e nada pode obrigal-o a apressar o passo; não salta, volta-se vagarosamente e, fugindo, o homem com facilidade consegue alcançal-o. Se tivesse a fuga por unico recurso para se esquivar ás perseguições do inimigo, por certo que lhe não escaparia; mas o que lhe escasseia em agilidade, sobra-lhe em força muscular.

Quando o armadilho presente um inimigo, em menos de tres minutos, diz Brehm, cava uma toca onde se esconde. As unhas das mãos servem para cavar a terra, que lança para traz de si com os pés. Depois de se haver introduzido completamente na toca, o homem mais robusto não consegue tiral-o para fóra, ainda que empregue toda a sua força, puxando-lhe pela cauda. A entrada da toca tem justamente o diametro necessario para o animal passar; é pois sufficiente que elle eleve um pouco o dorso, para que as costas da couraça e as unhas, de encontro ao terreno, opponham tão grande resistencia, que toda a força do homem não consegue vencer.»

«Se a força não basta, diz Roulin, emprega-se a astucia: emquanto se segura o animal com uma das mãos, com a outra



Gr. n.° 165 — O armadilho mataco

dá-se-lhe uma paulada no sitio do corpo a que se lhe possa chegar, e então o armadilho, por um movimento instinctivo, encolhendo as pernas para se ennovelar, como costuma fazer quando se vê ameaçado por algum perigo, dá ensejo a que possa ser tirado para fóra da toca.»

Muitos d'estes animaes teem sido transportados para a Europa. Diz Brehm, «que é raro vêl-o captivo no Paraguay. Pelo seu ar triste e sombrio, e pelos estragos que causa escavando a terra por toda a parte, o armadilho não se faz desejado do homem, que o não quer ter ao pé de si. Encerrado n'uma gaiola, conserva-se todo o dia a um canto, com as pernas debaixo de si, e o focinho no chão, e só ao cair da noite principia a mover-se, a comer os alimentos que lhe deram, sempre diligenciando escarvar o chão da gaiola. Se o deixam solto, logo ao primeiro dia, e com certeza na primeira noite, desapparece debaixo da terra, e passa a viver como em liberdade, isto é, apparecendo só de noite, e mudando de morada de tres ou de quatro em quatro dias.

Não manifesta o mais leve indicio de intelligencia; apenas sabe distinguir o homem dos outros animaes, porque, deixando-se agarrar por elle, foge na presença dos cães e dos gatos. Se qualquer coisa o amedronta, avança alguns passos e trata de abrir um buraco no solo para esconder-se. Quando foge, não

se desvia seja do que fôr que lhe fique em frente, um objecto qualquer ou até mesmo um animal. O olfato é o mais apurado dos seus sentidos, a audição é pouco perfeita, a luz do sol deslumbra-o, e de noite não vê senão os objectos muito proximos.

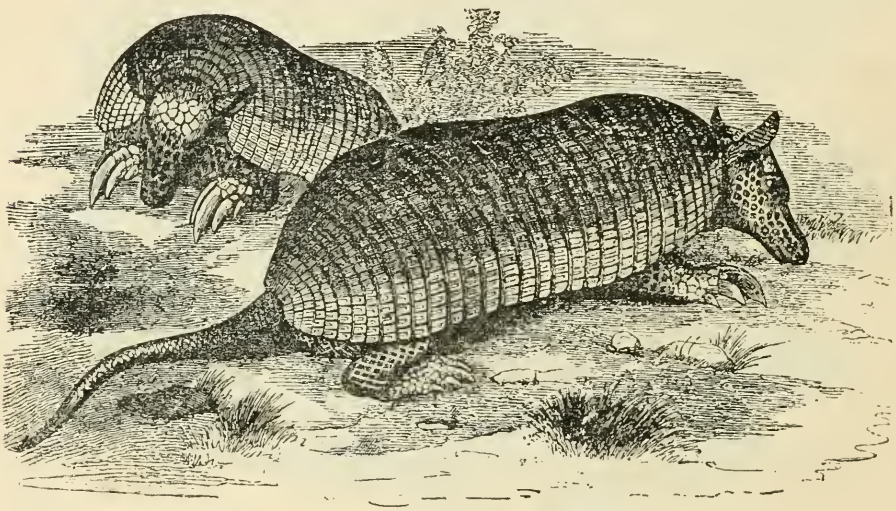
Captivo, sustenta-se de vermes, insectos, carne crua ou cozida, cortada em bocados miudos, não tocando nos pedaços maiores. Pega nos alimentos com os beiços, ou com a lingua, que é coberta de papillas.»

A carne dos armadilhos é comida pelos indios; mas os europeus só aproveitam a de duas especies, que, no dizer de Rengger, depois de assada e bem adubada com pimenta e sumo de limão, é um delicioso manjar.

O ARMADILHO MATACO

Dasypus tricinctus, de Linneo — *Le tatou apar, ou apar mataco*, dos francezes.

A couraça que cobre o corpo dos individuos d'esta especie, a que os indigenas dão o nome de *apar* ou *mataco*, é formada de tres conchas: uma na cabeça, e as duas restantes nas costas e na garupa, e estas separadas por tres cintas transversaes e moveis. Teem as orelhas pequenas, focinho pontudo, cauda curta, e unhas fracas. Medem de comprimento, do focinho á raiz da cauda, 0,^{m}46, e a cauda



Gr. n.° 166 — O armadilho gigante

0^{m},07. Encontram-se no estado de Tucuman e nos pampas de Buenos Ayres.

Azara, descrevendo este animal ainda pouco conhecido, diz que nos pontos em que vive muitas pessoas lhe chamam *bolita*, pela faculdade que tem quando lhe tocam, ou alguma coisa o assusta, de esconder a cabeça e os membros e fazer-se n'uma bola, que por divertimento as creanças fazem rolar; e só a custo se consegue que o animal se desenrole.

«Julgo que este armadilho não pode cavar a toca, porque tendo os membros mais debeis que todas as demais especies da familia, e as unhas pouco aptas para este exercicio, deve habitar sobre o solo, e só abrigar-se debaixo da terra em tocas abertas pelos outros animaes.»

A. Brehm conta que Gœring, possuiu um d'estes armadilhos vivo, que pouco depois de preso se tornou muito dado, acceitando o alimento da mão das pessoas que lh'o offereciam, consistindo em folhas e frutas, sendo necessario cortar-lhe estas substancias em bocados pequenos, sem o que os não podia comer pela estreiteza da bocca.

Comia socegadamente, andava sem receio diante de muitas pessoas, mas tão depressa alguem lhe tocava ennovelava-se, e se lhe pegavam fazia-se n'uma bola. Era um animal engraçado, e os seus movimentos, apezar de singulares, não deixavam de ser interessantes; a maneira de andar sobre as unhas, que n'estes animaes são compridas e recurvas, chamava prin-

cipalmente a attenção de todos que o observavam.

O ARMADILHO GIGANTE

Dasypus gigas — Le priodonte geant, dos francezes

Este animal é o maior da familia dos armadilhos, a que os brazileiros chamam *tatú-canastra*, chegando a ter 1m,50 de comprimento, do focinho á raiz da cauda, e esta 0m,50.

A cabeça d'este desdentado é proporcionalmente mais pequena que a dos outros armadilhos, arqueada no alto, e cylindrica desde os olhos até á extremidade do focinho; tem as orelhas curtas e pontudas, deitadas obliquamente para o lado de traz. A couraça é formada de muitas ordens de cintas, sendo doze ou trezc d'estas nas costas moviveis, e a cabeça e a cauda são cobertas de laminas osseas de fórma irregular. Este animal, apezar de pertencer á ordem dos desdentados, possue d'ordinario noventa e oito dentes, sem que possa conhecer-se a utilidade de tão bem fornecida dentadura, sendo o regimen alimentar d'este armadilho egual ao de todos os outros.

Encontra-se este animal nos pontos mais septentrionaes do Paraguay, onde lhe chamam o *grande tatú das florestas*, e no Brazil.

Os seus habitos são muito pouco conhecidos, sabendo-se que cava a terra com grande facilidade, circumstancia que lhe permitte desenterrar os cadaveres, segundo contam os cultivadores do Paraguay, sendo necessario para preserval-os dos seus ataques cobril-os com taboas ou com ramos d'arbustos espinhosos.

OS ORYCTEROPES

Les orycteropes, dos francezes

N'esta familia comprehende-se um animal que vive na Africa, principalmente nas proximidades do Cabo da Boa Esperança, encontrando-se tambem na Abyssinia e na Senegambia, constituindo um unico genero com tres especies, que teem entre si tão grandes similhanças, que é duvidoso se todas tres não deverão formar uma só.

Comquanto estes animaes tenham muita analogia com os armadilhos, de que já falámos, e com os *formigueiros* de que adiante nos occuparemos, e que para certos zoologistas constituam com estes uma familia, os *myrmecophagyanos*, isto é, *que comem formigas*, é certo que se distinguem dos primeiros por terem o corpo coberto de pellos, como a maioria dos mamiferos, e dos segundos por possuirem dentes, que os formigueiros não teem.

Os dentes d'estes animaes apresentam uma estructura particular: teem a fórma de pequenos cylindros, a corôa chata e sem esmalte, são formados da agglomeração de pequenos tubos collocados uns contra os outros em sentido vertical, e fazendo-se-lhes um corte horisontal, apresentam a forma d'um bocado de junco.

Os orycteropes teem o corpo grosso e comprido, pescoço delgado, cabeça comprida terminando n'uma especie de tromba, orelhas longas e pontudas, pernas curtas, quatro dedos nas mãos e cinco nos pés, armados d'unhas vigorosas, quasi direitas, cortantes aos lados, e á maneira de cascos. A pelle é muito consistente e guarnecida de pellos raros e tezos.

A especie typica é a seguinte:

O ORYCTEROPE, OU TAMANDUÁ DO CABO

Orycteropus capensis — Le orycterope du Cap, dos francezes

Este animal mede de comprimento do focinho á raiz da cauda 1m, e a cauda 0m,50, chegando os adultos a ter 2m, incluindo a cauda, e a pesar 50 kilogrammas. A côr do pello é nas costas e aos lados trigueira amarellada com reflexos ruivos, no ventre e na cabeça ruiva clara, e nas pernas trigueira.

O orycterope, que outr'ora foi muito frequente nas vizinhanças do Cabo da Boa Esperança, tornando-se cada vez mais raro, é um animal muito dextro a cavar a terra, abrindo rapidamente a toca em que vive; e podendo introduzir a cabeça e as mãos debaixo da terra não ha homem, por mais vigoroso, que consiga tiral-o d'aquella posição.

O sustento principal d'este animal são os termes, insectos vulgarmente chamados formigas brancas, pela similhança que teem com as formigas, embora maiores, vivendo em edificios relativamente enormes, com a apparencia de grandes monticulos de terra. O orycterope quando tem fome procura um ninho de termes, onde estes insectos habitam aos milhões, e cavando a camada superior de terra até pôr a descoberto a camara central e uma das galerias, obri-

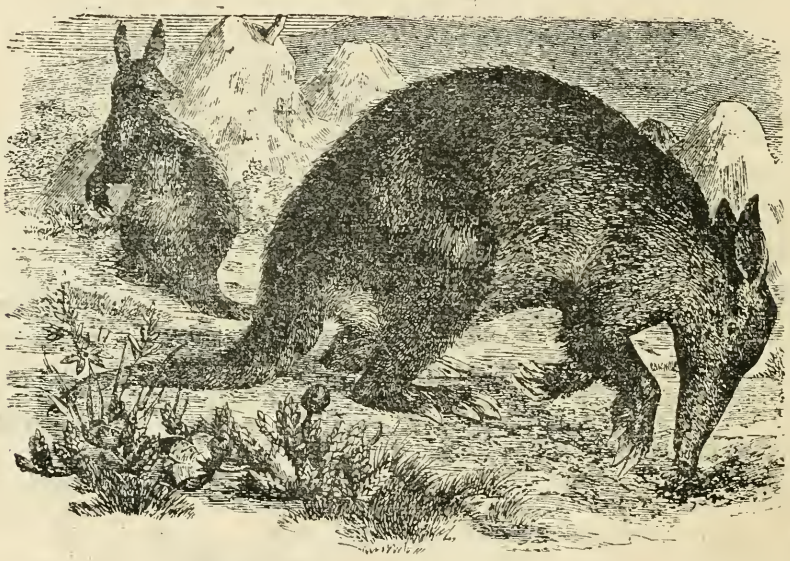
ga os moradores a sair aos milhares, em defesa da sua habitação por este modo devassada. Então o desdentado estendendo a lingua, humedecida com um humor viscoso, deixa que os insectos lh'a invadam em grande numero, para recolhel-a rapidamente, devorando-os assim aos centos de cada vez, e repetindo este manejo tantas vezes quantas sejam precisas para saciar-se. Diz-se que o orycterope é muito timido, tem o ouvido muito apurado, e que ao menor ruido se esconde debaixo da terra, para o que escarva o solo com espantosa rapidez.

Acêrca da reproducção d'este animal pouco se conhece, ignorando-se a epoca em que a femea tem os filhos; unicamente se sabe que pare um de cada vez, nascendo sem pello, e que ella amamenta durante muito tempo. A carne d'este desdentado é saborosa e sadia, estimada não só pelos hottentotes como tambem pelos europeus, que o caçam para a comer. Uma pancada na cabeça é sufficiente para matal-o.

OS FORMIGUEIROS

Les fourmiliers, dos francezes.

Estes animaes, que vivem exclusivamente no novo mundo, conhecidos pouco



Gr. n.º 167 — O orycterope, ou tamanduá do Cabo

tempo depois da descoberta da America, embora se alimentem de formigas, á maneira do orycterope, são comtudo os verdadeiros formigueiros, pela organisação especial que possuem para este genero de alimentação.

Não teem dentes, e a cabeça termina por uma especie de tubo onde se aloja a lingua, delgada, muito comprida, arredondada e extensivel, munida de glandulas salivares muito desenvolvidas, que a conservam constantemente coberta com certo humor viscoso, e que sae da bocca por uma estreita fenda que o animal tem na extremidade do focinho.

O corpo dos formigueiros é alongado; a cauda tem metade do comprimento do corpo n'umas especies, podendo prender-se aos objectos, e n'outra tem a forma d'um pennacho quando o animal a levanta. O pello é aspero e farto, principalmente nas costas, teem nas mãos e nos pés cinco dedos, dos quaes nem todos tem unhas; olhos e orelhas muito pequenos.

Esta familia comprehende tres generos, tendo cada um uma unica especie, e d'estas tres especies faremos em seguida a descripção.

O TAMANDUÁ DE CAUDA CRINITA

Myrmecophaga jubata, de Linneo — *Le tamanoir*, dos francezes

Esta especie, que os brazileiros denominam *tamanduá bandeira*, é a mais no-

tavel da familia dos formigueiros e até mesmo dos desdentados, e a maior de todas, attingindo o comprimento de 1m,50 do focinho á raiz da cauda, tendo esta 1m, e sendo guarnecida de pellos muito compridos, e muito ramalhuda, á maneira d'um immenso pennacho quando a levanta.

O pello é aspero, tezo e basto, pardo cinzento misturado de preto na cabeça, nas partes superiores do corpo, nos membros trazeiros e na cauda ; na garganta, no peito, no ventre e nos membros dianteiros, trigueiro escuro. De cada lado do peito nasce uma faxa negra, bordada de branco, que passando pelas espadoas continua pelo lombo, diminuindo a pouco e pouco de largura e terminando proximo da cauda. As pernas são curtas; tem quatro unhas nas mãos e cinco nos pés. A lingua, que tem apenas de 0,m007 a 0,m010 de grossura, pode estender-se fóra da bocca mais de meio metro.

Este animal vive em grande parte

Gr. n.° 168 — O tamanduá de cauda crinita

d'America meridional, principalmente na Guiana, no Brazil e no Perú, sendo mais raro no Paraguay.

O tamanduá de cauda crinita, segundo a descripção de Rengger, «habita nos sitios pouco frequentados ou desertos do norte do paiz (Paraguay). Não tem morada certa, vagueia todo o dia pelo campo e dorme nos sitios onde a noite o surprehende, procurando para este fim logar coberto de matto, ou onde a herva seja bastante alta. Encontra-se sempre só, e quando se vêem dois, é mãe e filho.

O seu andar é d'ordinario a passo e vagaroso ; mas se o perseguem foge galopando pesadamente, sem a rapidez necessaria para fugir ao homem. Alimenta-se exclusivamente de formigas e de termes, escavando-lhe as habitações com as unhas das mãos, e estendendo a lingua retira-a coberta d'estes insectos, repetindo a manobra até fartar-se, ou até que o ultimo d'elles haja desapparecido.

Não posso dizer em que epoca tem logar a reunião dos dois sexos, nem quanto tempo dura a gestação. A femea tem um

unico filho na primavera, que por muito tempo traz ás costas, ao qual, segundo parece, dá de mamar durante um prazo longo; o pequeno, embora já possa prover ás suas necessidades, ainda assim só abandona a mãe quando esta está novamente prenhe.

O olfato é o sentido mais perfeito do tamanduá, e depois d'elle a audição. Parece que não vê bem, e a voz é uma especie de mugido, que só se ouve quando o animal se encolerisa.

O tamanduá de cauda crinita é um animal pacifico e socegado, inoffensivo para o homem e para os outros mamiferos. Podem enxotal-o que não resiste; mas se o maltratam, levanta-se nos pés, exactamente como diz Azara, estende os braços para o inimigo e diligenceia apanhal-o entre as garras.»

F. Roulin, na sua *Historia natural e recordações de viagem*, conta o seguinte facto, que demonstra o modo porque o tamanduá se defende de quem o ataca.

«No dia 3 de fevereiro, á tarde, tendo ido passear com o cura, vi ao longe um pastor pequeno a cavallo, que conduzia um rebanho de vaccas para o curral, galopando direito a nós, enxotando com o chicote um tamanduá, que havia encontrado a um quarto de hora de distancia a contas com um formigueiro.

Quando divisámos o animal já vinha afadigado, e galopava quasi tanto como as vaccas. Corri para elle, e quando pude alcançal-o deitei-lhe as mãos á cauda, esperando segural-o, o que não conseguiria de certo, ainda que não tivesse sido obrigado a largal-o á voz do moço pastor, que me gritava espavorido que o deixasse, sem o que seria victima.

Sem poder atinar com o perigo, mas servindo-me de advertencia mais d'uma aventura desagradavel em que me achara, por não ter acreditado na experiencia dos indigenas, obedeci ao aviso, e em breve pude conhecer que se tivesse teimado a teima me custaria cara.

Mal eu tinha largado a presa, o tamanduá parando subitamente, e levantando-se nos pés, á maneira do urso, virou-se para mim rapidamente, e descreveu uma curva com o braço estendido, não me alcançando por pouco, pois vi passar a distancia de duas pollegadas da cintura uma unha tão cortante, que me pareceu ter pelo menos meio pé, a qual, se eu estivesse um passo mais á frente, me rasgaria o ventre d'um lado a outro.

Um grunhido de colera acompanhou esta demonstração por si só significativa, deixando-me comprehender que seria temeridade tentar a luta com um inimigo que tinha mãos melhor armadas que as minhas, e por isso fiquei como simples espectador.

O pastor, que governava o cavallo habilmente, conseguiu levar o tamanduá adiante de si até á aldeia, e quando lá chegou, o pobre animal já não podia correr, e foi esconder-se no portico da egreja; então das casas proximas trouxeram laços, com que o ligaram, conduzindo-o em seguida preso pela cabeça e pelas mãos para a praça da aldeia.

Ao fim d'alguns instantes parecia que o animal renunciara a toda e qualquer resistencia, e aproveitei a occasião para o retratar.

Em quanto me conservava a distancia, estava elle perfeitamente immovel; mas se me aproximava para mais detalhadamente poder observal-o, punha-se immediatamente na defensiva, não como a primeira vez, em pé e procurando chegar-me com as unhas, mas deitando-se de costas e abrindo os braços para me apanhar.

Esta posição, a melhor nas condições em que o animal estava, cercado por todos os lados, não é todavia a que costuma tomar quando se vê ameaçado por um só lado, porque em logar de se deitar senta-se, e assim faz frente ao inimigo, ameaçando-o com as suas terriveis unhas.»

Affirma-se que o jaguar não ataca o tamanduá estando elle prevenido, e que se a tanto se atreve este o aperta entre os braços, á maneira dos ursos, e mata-o rasgando-lhe o corpo com as unhas, acontecendo muitas vezes ficarem ambos mortos

O tamanduá é um animal util, porque se alimenta exclusivamente de insectos nocivos á agricultura, principalmente de formigas e de termes.

A carne dos tamanduás é considerada boa, embora inferior á dos armadilhos.

Em Londres, no Regent's Park, existiram dois, e teem vindo á Europa mais alguns, que eram alimentados com pão molhado em leite e ovos, vivendo apenas poucos mezes.

O TAMANDUÁ MEDIOCRE

Myrmecophaga trydactyla, de Linneo. — *Le tamanduá* dos francezes.

Esta especie é o *tamanduá-cavallo* dos brazileiros, e os animaes que a formam são mais pequenos que o precedente, tendo quando muito 1 metro, incluindo a cauda que mede $0^{m},45$. Teem a cabeça menos alongada, o focinho menos proeminente que o tamanduá de que acima falámos, orelhas ovaes, pescoço grosso, as unhas das mãos grandes e recurvas e as dos pés mais curtas, menos recurvas e eguaes entre si. A cauda é grossa, redonda, muito vigorosa, com pello curto, e nua no terço a contar da extremidade, podendo prender-se aos objectos.

O pello é luzidio e tezo, branco amarellado na cabeça, nas costas e no peito; tem uma faxa de cada lado, negra, que partindo do pescoço passa pela espadoa, e alargando-se vae cobrir-lhe completamente as coxas. A ponta do focinho e os beiços não teem pello, e são negros.

Gr. n.° 169 — O tamanduá mediocre

Quando são novos, estes animaes teem o pello branco amarellado, e só aos dois ou tres annos mudam de côr, havendo grandes variedades no colorido do pello.

O tamanduá mediocre habita nos mesmos paizes que o tamanduá de cauda crinita.

«No Brazil e no Paraguay, diz Brehm, encontra-se este animal nas regiões solitarias, na orla das florestas, nos matagaes, e algumas vezes perto das habitações. Os seus habitos não são exclusivamente terrestres.

Comquanto seja pouco agil, como os preguiçosos, trepa comtudo ás arvores com bastante desembaraço, servindo-se constantemente da cauda para guardar o

equilibrio. Quando dorme deita-se sobre o ventre, prende-se com a cauda, dobra a cabeça sobre o peito cobrindo-a com as mãos.

Á similhança do tamanduá que primeiro descrevemos, o seu alimento em geral são as formigas, e principalmente as que vivem nas arvores. O principe de Wied diz que nunca encontrou no estomago do tamanduá mediocre outros alimentos que não fossem as formigas, os termes e as larvas d'estes insectos. Encontra-se tambem terra e pedacinhos de madeira. Parece que não desdenha o mel.

No andar é mais ligeiro que o tamanduá de cauda crinita, sendo comtudo um animal indolente e estupido. Poucas vezes se lhe ouve a voz.

Na primavera a femea tem um unico filho, que por muito tempo anda ás costas da mãe.

A carne d'este animal tem cheiro a almiscar, o que a torna insupportavel ao paladar de um europeu, sendo todavia apreciada pelos negros e pelos indios.

O TAMANDUÁ PEQUENO

Myrmecophaga didactila, de Linneo — *Le fourmilier a deux doigts*, dos francezes.

Este animal, o mais pequeno da familia, do tamanho de uma ratazana, tem quando muito 0,43 dos quaes 0,25 pertencem á cauda. Tem só dois dedos nas mãos, e quatro nos pés; a cauda na maior parte não tem pello e prende.

O pello é sedoso, ruivo nas costas e pardo no ventre, muito sujeito a variar de colorido nos diversos individuos da especie.

Este formigueiro vive na Guiana e no Brazil, sendo conhecido n'este ultimo paiz pelo nome de *tamanduá mirim*.

O tamanduá pequeno vive só, é noctivago, e dorme durante o dia nos ramos das arvores. É pesado, tem os movimentos difficeis, trepando comtudo com certa agilidade, auxiliando-se da cauda que prende aos ramos. Alimenta-se de formigas, e de vermes, e parece que tambem de abelhas e d'outros insectos, que encontra nas arvores.

A femea tem de cada vez um unico filho, que deposita na cavidade dos ramos, e que, á maneira dos outros tamanduás, anda ás costas da mãe.

OS PANGOLINS

Les pangolins, dos francezes

Os pangolins, *bichos vergonhosos*, ou *teriós de Gôa*, podem considerar-se como representantes no antigo continente dos formigueiros do novo mundo. Vivem estes animaes na Africa e na Asia, e teem, como os formigueiros da America, de que antecedentemente falámos, grande analogia não só nas formas e na organisação, com principalmente nos habitos e no regimen, porque, como estes, não teem dentes, e a sua alimentação consiste especialmente em formigas.

Caracteres importantes separam ainda assim os pangolins dos formigueiros, para d'aquelles se formar uma familia distincta, e o mais importante, que se não encontra em nenhum outro mamifero, é a forma porque o corpo é coberto de escamas grandes, duras, inseridas na pelle por um lado, e postas como as telhas n'um telhado ou antes á maneira d'uma pinha. Estas escamas cobrem-lhe o corpo todo, á excepção do ventre e da parte inferior da cabeça.

O corpo d'estes animaes é alongado, cauda comprida, pernas curtas, cinco dedos nos pés e nas mãos armados d'unhas vigorosas proprias para cavar a terra; teem a cabeça pequena e o focinho pontudo. O seu aspecto geral é o d'um lagarto, e quem fôr menos versado em zoologia tomal-o-ha á primeira vista por um d'estes repetís.

Dos dois generos que se comprehendem n'esta familia descreveremos de cada um a especie mais conhecida.

O PANGOLIM MENOR

Manis tetradactylus, de Linneo — *Le pangolin tetradactyle*, dos francezes

Este animal tem pouco mais de 1 metro, pertencendo á cauda, que é maior que o corpo, 0,^{m} 66. O corpo é cylindrico e muito alongado, o focinho pontudo, com a queixada superior excedendo a inferior, uma fenda muito pequena que lhe serve de bocca, por onde passa a lingua que é comprida, redonda, extensivel como a dos tamanduás. Os olhos são pequenos, as orelhas apenas visiveis, e as pernas curtas e grossas; a cauda larga e um pouco achatada, vae-se adelgaçando da raiz para a extremidade.

As escamas cobrem-lhe a parte superior do corpo e os lados, e nos logares onde as não tem, são substituidas por sedas tezas e asperas. A côr em geral é trigueira escura, com reflexos ruivos, no centro das escamas, e as extremidades amarelladas; as sedas são pretas.

O pangolim menor encontra-se na Africa, nas florestas da Guiné.

Os habitos d'este animal são pouco conhecidos, comquanto não seja raro. Alimenta-se de formigas e de termes, como os formigueiros da America, introduzindo a lingua nas moradas d'estes insectos, depois de lh'as destruir cavando a terra com as mãos. Parece que come tambem vermes e outros animaes pequenos.

Caminha vagarosamente, e para escapar aos inimigos que o perseguem enrola-se, eriçando as escamas, que, como já dissemos, são cortantes, e deitando a cauda sobre o ventre; assim consegue livrar-se a maior parte das vezes do seu mais terrivel inimigo, o leopardo, que o persegue sem descanço.

É um animal inoffensivo, a não ser para as formigas, das quaes destroe enormes quantidades.

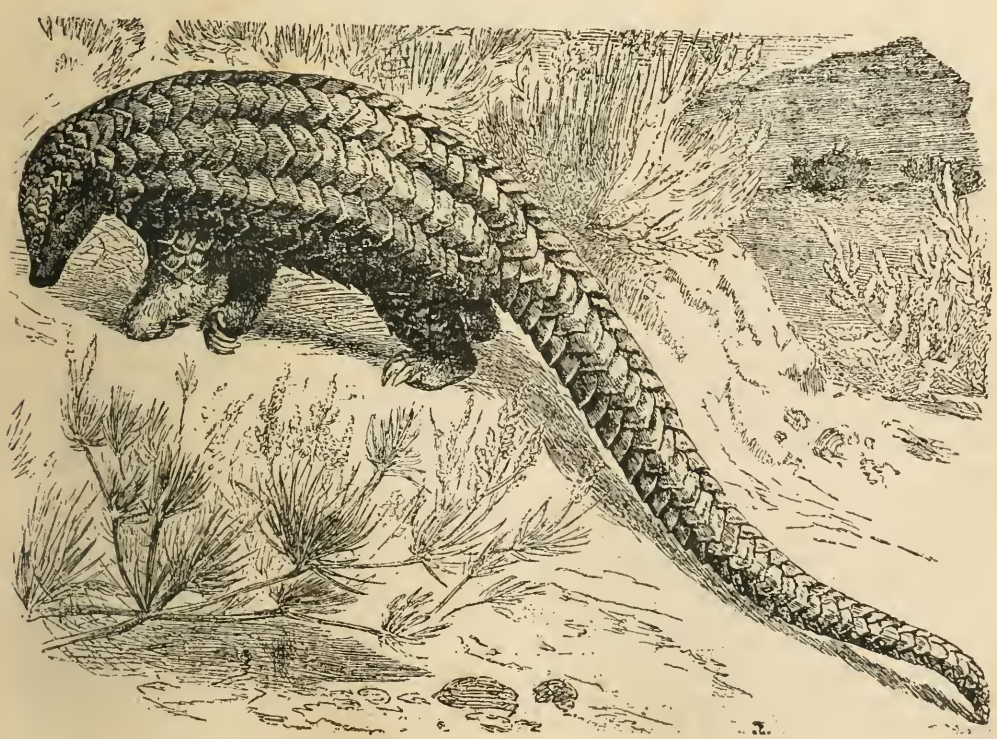
O PANGOLIM MAIOR, OU TERIÓ DE GOA

Manis pentadactylus, de Linneo. — *Le pangolin pentadactyle*, dos francezes

Este animal differe do pangolim de que acabamos de falar em ser maior, tendo a cauda mais curta, e tão larga na raiz como o corpo. As escamas são triangulares, voltadas para fóra na ponta, e cortadas de sulcos longitudinaes. Mede de comprimento, incluindo a cauda, 1,^{m}30.

Vive este desdentado na India continental, e na ilha de Ceylão e Sumatra.

Tennant, referindo-se a este animal, diz «que é o unico desdentado que vive em Ceylão, a que os chingalas chamam *caballaya* e os malaios pangolim ou *peng goling*, exprimindo por estes nomes a propriedade que teem estes animaes de se fazerem n'uma bola, com a cabeça encostada ao peito, e este coberto com a cauda, pondo-se assim ao abrigo de qualquer ataque. Encontram-se em tocas com profundidade superior a 2 metros, tocas que cavam no solo enxuto, e onde vivem com a femea, que tem todos os annos dois ou tres filhos.



Gr. n.º 170 — O pangolim menor

MAMIFEROS

ORDEM DOS PROBOSCIDEOS

Os *proboscideos*, com os *jumentados* e os *porcinos*, ordens de que em seguida trataremos, constituem a ordem dos *pachydermes*, de G. Cuvier e d'outros naturalistas, que a dividiram em tres familias: os *elephantes ou proboscideos*, os *pachydermes ordinarios* e os *solipedes*. Seguindo a classificação dos zoologistas que d'estas familias fizeram ordens distinctas, nós dividimos os animaes que se comprehendem nos pachydermes de Cuvier nas tres ordens a que acima nos referimos, e da quaes os proboscideos são a primeira.

O unico representante dos proboscideos que hoje existe é o elephante; mas em epocas geologicas anteriores viveram outras especies d'esta ordem, o *mastodonte*, o *dinotherio* e o *mammouth*, e d'esta ultima os gelos da Siberia conservaram os corpos de individuos com a pelle e o pello, atravez tantos seculos, sendo ainda hoje estes animaes fosseis que fornecem uma grande parte do marfim de que se usa.

O elephante é o maïor de todos os mamiferos terrestres; um verdadeiro gigante da creação, que se caracterisa principalmente pela tromba e pelas *defensas*, vulgarmente chamadas dentes de elephante. A tromba é um prolongamento do nariz, dotada de grande mobilidade, que o animal estende ou encolhe, segundo as necessidades, e terminando por um appendice, especie de dedo, com cinco pollegadas aproximadamente de comprimento, dotado de grande sensibilidade, e que pode apanhar do solo um grão de trigo, ou uma agulha. A tromba do elephante pode considerar-se como sendo ao mesmo tempo um orgão de olfação, de tacto e de prehensão.

No estado natural o elephante serve-se da tromba para levar os alimentos á bocca, para beber, enchendo-a d'agua e deixando em seguida cair o liquido na bocca, e finalmente para atacar ou defender-se do inimigo, agarrando-o e esmigalhando-o, atirando-o ao ar, ou derribando-o para depois o pisar.

As defensas, outro caracteristico não menos singular, são dois dentes incisivos que possue na maxilla superior, extraordinariamente alongados, chegando por vezes a exceder o comprimento de $2^{m},50$, e a pesar de 75 a 90 kilogrammas.

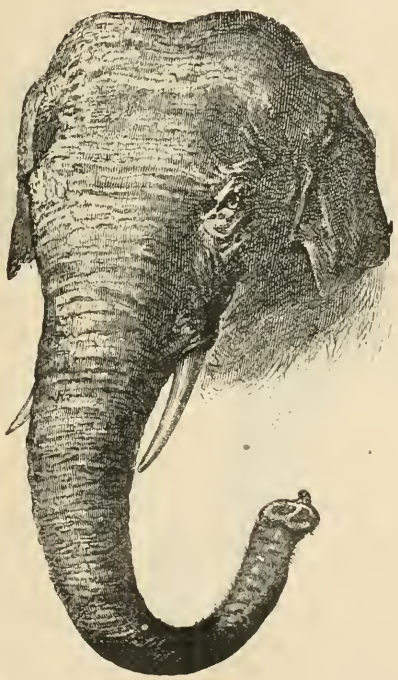
Os elephantes teem o tronco curto e grosso, pescoço curto, cabeça redonda, olhos pequenos em relação á grandeza do animal, orelhas enormes, largas, delgadas e pendentes, similhantes a dois grandes pedaços de coiro, que o animal move em todas as direcções, servindo-lhe por vezes de leque. Os membros são verdadeiras columnas proprias para sustentar tão grande corpo, terminando com cinco dedos de tal modo incrustados na pelle, que lhe cobre os pés, que se não vêem, apparecendo apenas as unhas implantadas nas bordas d'esta especie de casco. A cauda é mediana, alcança a ar-

ticulação da perna, e termina n'um feixe de sedas grossas e asperas.

O elephante tem a pelle em geral de côr parda suja quasi negra, comquanto haja alguns em que a pelle é mais clara, ou esbranquiçada, como se vê em individuos da especie que vive na Asia. O pello é raro, e nos elephantes hoje existentes só se encontra na cabeça, em volta dos olhos, e na extremidade da cauda. Os da especie fossil da Siberia tinham o corpo coberto de pello comprido.

«Diz Brehm que geralmente se exagera o tamanho do elephante, o que se explica pela falta de termo de comparação, e porque os viajantes não são de ordinario observadores minuciosos. Corse e Tennent, que estudaram principalmente o elephante da India, dizem ambos ser raro haver algum que tenha mais de tres metros d'altura nas espadoas.

O elephante d'Africa é maior, sem duvida, mas a differença não é tão consideravel como se julga, e pode dizer-se sem receio de errar, que não existem em Africa elephantes que tenham mais de 5



Gr. n.° 171. — Cabeça do elephante da Asia

metros d'altura. O comprimento do corpo, não incluindo a tromba, varia de 3 a 5 metros, dos quaes 1^{m},30 aproximadamente pertencem á cauda ; a tromba pode ter de 2 metros a 2^{m},60 de comprimento. Avalia-se o peso d'um elephante adulto em duas ou duas e meia toneladas ; e no dizer d'alguns escriptores 4:500 a 5:000 kilogrammas. Darwin fala d'um elephante que depois de morto foi posto aos pedaços n'um carro, e pesava 6:500 kilogrammas. As defensas d'um elephante d'Africa podem ter peso excedente a 150 kilogrammas.»

Existem duas especies de elephantes, de que simultaneamente descreveremos os habitos e o regimen.

O ELEPHANTE DA ASIA

Elefas indicus—L'elephant des Indes

Os animaes d'esta especie teem a cabeça oblonga, testa concava, quatro unhas nos membros posteriores, e as orelhas e as defensas mais pequenas que os da especie que vive na Africa, sendo ainda mais pequenas nas femeas.

Encontra-se na India, na Cochinchina, em Sião, no Indostão e nas ilhas de Ceylão, Java, Borneo e Sumatra.

O ELEPHANTE D'AFRICA

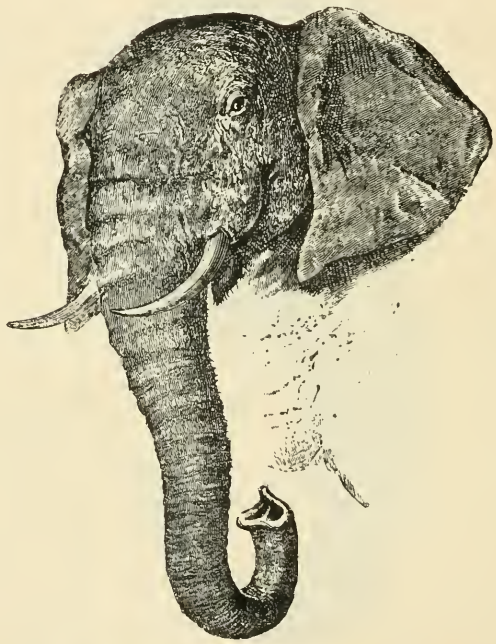
Elefas africanus — L'elephant d'Afrique

O elephante da Africa tem a cabeça mais curta do que o seu congenere da Asia, e redonda, testa convexa, olhos grandes, tres unhas nos membros posteriores, orelhas muito mais desenvolvidas que na especie asiatica, grandes defensas, eguaes nos individuos d'ambos os sexos.

Este elephante encontra-se ao presente no centro da Africa, e sendo outr'ora frequente nas proximidades da Cabo da Boa Esperança, é hoje alli raro.

O elephante, tão notavel pela grandeza das fórmas como pelo desenvolvimento das suas faculdades intellectuaes, que o collocam apenas inferior ao homem; e egual se não superior ao cão, tem direito incontestavel a descripção mais larga e circumstanciada n'esta *biographia* dos animaes.

Com este intuito, transcrevemos de diversos autores parte das suas observações sobre este animal, e com alguns curiosos pormenores que obtivemos em varios zoologistas bastante autorisados, fazemos a seguinte descripção, despida de quantas



Gr. n.° 172. — Cabeça do elephante d'Africa

fabulas se hão creado com respeito aos habitos e modo de viver do gigantesco mamifero.

Ouçamos em primeiro logar A. Brehm, o distincto naturalista a quem tantas vezes nos temos referido n'esta obra:

«Apezar dos antigos terem numerosos ensejos de observar os elephantes em vida, não nos legaram senão descripções defeituosas; e muitas das fabulas que tinham curso n'aquelle tempo, por mais extraordinario que isto pareça, continuaram a tel-o, chegando até á nossa epoca, e só nos ultimos tempos se conseguiu conhecer realmente a historia d'estes animaes. Devemol-a, principalmente, aos dois autores que já citámos, Corse e Tennent, e foram as suas obras que me serviram de guia na redacção d'este artigo.

O elephante da India é mais conhecido que o da Africa, e por isso nos referiremos principalmente ao primeiro sem comtudo pôr de parte a historia do seu congenere.

O elephante encontra-se em todas as vastas florestas dos paizes onde vive, crescendo o numero na proporção da abundancia d'agua que as abastece. Não são as florestas, porém, a sua morada exclusiva, e apezar de se dizer que estes ani-

maes evitam as regiões altas e frias, observações mais exactas negam estas asseverações. Em Ceylão encontram-se os elephantes principalmente nos pontos montanhosos.

«Em Urach, refere Tennent, onde os altos platós estão constantemente cobertos com uma camada de geada, os elephantes habitam a uma altitude superior a 2:600 metros, emquanto que debalde se procuram nos juncaes da planicie. Não ha sitio, por mais alto, que seja para elles excessivamente frio ou desabrigado, se ahi encontrarem agua com abundancia. Ao inverso do que vulgarmente se diz, o elephante evita o mais que pode os raios do sol, e conserva-se durante o dia nas brenhas mais espessas, aproveitando as trevas e frescura das noites para realisar as suas excursões. Á maneira dos pachydermes é mais nocturno que diurno, e se pasta durante o dia, é comtudo no silencio da noite que a sua actividade mais se manifesta.

Quando o viajante surprehende de dia um bando de elephantes, vê-os deitados uns ao lado dos outros, e basta-lhe o aspecto d'estes animaes para servir de desmentido a todos os contos que vogam ácerca da sua maldade, da sua ferocidade, e do gosto que teem, dizem, pela vingança. É vêl-os á sombra da floresta, uns colhendo com a tromba os ramos e as folhas das arvores, outros abanando-se com as folhas á maneira d'um leque, outros dormindo, emquanto os mais novos correm alegremente pelas immediações; e assim como estes são a verdadeira imagem da innocencia, os mais velhos são o symbolo vivo da sisudez e da tranquillidade.

É notavel que todos estes animaes executam o seu movimento especial: movem a cabeça em circulo, agitando-a da direita para a esquerda, balouçam uma perna, agitam as orelhas, ou levantam e deixam cair successivamente uma das mãos. Muitos autores que affirmaram que estes movimentos, observados da mesma fórma nos elephantes captivos, tinham por causa as grandes marchas que elles faziam, nunca viram elephantes selvagens.

Tão depressa um bando de elephantes divisa o homem, sendo sufficiente presentil-o, foge todo, indo esconder-se no sitio mais cerrado da floresta.»

O mesmo succede com o elephante da Africa. No paiz dos Bogos encontrei vestigios d'estes animaes á altura de 1:600 e 2:000 metros, e foi-me affirmado pelos indigenas que em Hamasée se encontravam elephantes nas montanhas mais elevadas, á altura de 2:600 e 3:300 metros acima do nivel do mar. Van der Decken, na sua ascensão ao Kilimandscharo, encontrou vestigios d'estes pachydermes á altura aproximadamente de 3:000 metros.

Nas florestas habitadas pelos elephantes, vê-se o caminho por onde transitam, d'ordinario dirigindo-se dos pontos altos aos sitios onde corre a agua, e é raro encontrar d'estas veredas que se cruzem. Em todas as grandes florestas virgens, que bordam as margens do Nilo Azul, só se consegue penetrar pelos caminhos traçados pelo elephante, que n'aquellas paragens representa a direcção de obras publicas.

O guia do bando caminha tranquillamente pelo meio da floresta, sem que o estorve o matto que pisa a pés ou os ramos das arvores, que vae partindo com a tromba e comendo-lhe as folhas· O bando, de ordinario, faz alto nas clareiras onde o solo é arenoso ou poento, e ahi os elephantes cobrem o corpo de poeira como fazem as gallinhas. Vi n'alguns pontos covas profundas, do tamanho de um d'estes animaes, provavelmente abertas com o auxilio das defensas, para n'ellas se espojarem.

Nas montanhas os caminhos são traçados com tal arte, que motivam a admiração dos peritos. Tennent, engenheiro inglez, refere que o elephante, quando sobe a montanha, sabe procurar os pontos mais favoraveis, e firmar-se admiravelmente. Por estes caminhos, franqueados atravez das serras, não conseguiria passar um cavallo.

A falta de agilidade do elephante é mais apparente do que real, porque para tudo é destro. De ordinario anda a passo furtado, socegadamente, á maneira do camelo e da girafa; mas póde apressar a andadura a ponto de ser difficil que um cavallo o acompanhe a trote. Querendo, póde andar tão subtilmente, que apenas se lhe ouçam os passos.

Quando se trata de subir as rampas mais fortes, dá o elephante provas de ser habil trepador. Muitas vezes me diverti vendo o nosso elephante captivo subir os taludes: dobrava prudentemente as articulações carpianas, e, abaixando o corpo adiante, ia avançando estendendo as per-

nas, e como que escorregando nas mãos assim dobradas. Com auxilio d'este manejo trepava perfeitamente, mas a descida tornava-se-lhe mais difficil por causa do peso do corpo. Se descesse, caminhando como de ordinario, perderia rapidamente o equilibrio, e, despenhando-se, era provavel que a queda lhe custasse a vida; mas n'este caso mudava de tactica : ajoelhava no alto da rampa, de modo que o peito tocasse no chão, e n'esta posição, estendendo os braços até encontrar ponto de apoio, encolhia as pernas, e descia assim escorregando pela montanha.

Todos os elephantes que tem sido observados nos jardins zoologicos, desmentem a antiga fabula que pretende que este animal não possue a faculdade de se poder deitar. A verdade, porém, é que o elephante póde dormir em pé, deitando-se quando quer estar mais commodamente, e levantando-se com egual agilidade á que emprega em todos os seus movimentos. Nada com desembaraço, mergulhando menos que os outros quadrupedes, vantagem que deve ás suas fórmas roliças e á capacidade do peito ; comtudo a tromba, que levanta para respirar, permittir-lhe-hia, melhor que a outro qualquer animal, poder mergulhar o corpo todo sem suffocar-se. O elephante deleita-se dentro d'agua, e atravessa em linha recta e sem hesitação os rios mais largos.

Com a tromba executa este animal os mais singulares movimentos; e não sabemos se mais é para admirar a força de que este orgão é dotado, ou os variados movimentos que póde executar, e a facilidade com que apanha qualquer objecto. Em virtude do appendice, em fórma de dedo, que termina a tromba, o elephante pode apanhar os objectos mais pequenos : uma moeda, ou um boccado de papel, ao passo que com ella consegue vergar uma arvore. Seria impossivel descrever tudo quanto o animal póde executar com auxilio d'este orgão.

O elephante emprega as defensas em diversos misteres : com ellas levanta fardos, derriba pedras, escarva a terra, servindo-lhe tambem de armas offensivas ou defensivas ; poupa-as porém quanto póde, porque a sua força não reside n'ellas. Mercer mandou d'uma vez a Tennent a parte de uma defensa de elephante, tendo $0^{m},14$ de grossura, e pesando aproximadamente de 10 a 12 kilogrammas, que outro havia partido. Os indigenas tinham ouvido um ruido pouco commum, e correndo para o sitio d'onde vinha a bulha, avistaram dois elephantes que se batiam: um tinha defensas, e com ellas atacava o inimigo, que por ser femea estava privada d'estas armas, conseguindo, porém, d'uma trombada partir metade d'uma defensa ao adversario.

As faculdades physicas d'este animal estão em perfeita harmonia com a sua organisação. Os sentidos são muito apurados, á excepção da visão que não é perfeita, e os que teem observado o elephante em liberdade affirmam que, pelo menos, o espaço que o animal abrange com a vista é bastante limitado. Como é facil observar n'estes animaes captivos, o gosto e o tacto são relativamente delicados. Todos os caçadores podem dar testemunho da perfeição com que este animal ouve, bastando o mais leve ruido para lhe despertar a attenção : um ramo que estale torna-o inquieto. O olfato é tão apurado como o dos rhinocerontes, obrigando os caçadores a caminhar contra o vento quando querem aproximar-se-lhe. A tromba é um orgão de palpação extremamente subtil, podendo o appendice digitiforme que a termina rivalisar com o dedo exercitado d'um cego.

Quem observar o elephante descobre-lhe as vastas faculdades intellectuaes de que este animal é dotado. Não é possivel negar-lhe intelligencia, e o surprehendente desenvolvimento que ella alcança pela educação.

O elephante n'este ponto eguala os mamiferos melhor dotados : o cão e o cavallo. Reflecte antecipadamente nos actos que vae praticar, e melhor do que qualquer outro animal recebe as lições que lhe dão, aperfeiçoando-se cada vez mais, e conseguindo reunir um avultado peculio de conhecimentos. Este animal no estado selvagem differe muito do elephante domestico, porque a timidez e a prudencia, que lhe são innatas, velam-lhe as vastas faculdades intellectuaes, que nos segundos adquirem tão grande desenvolvimento.

Não faltam exemplos para provar estas asserções ; dois, porém, bastam.

«Um plantador de café, chamado Ravaxa, conta Tennent, observou que ao começar a tempestade os elephantes selvagens fogem precipitadamente da floresta, e vão deitar-se em campo descoberto, longe do arvoredo, e ahi se conservam em

quanto não cessa o estampido da trovoada.» É uma prova da intelligencia innata do elephante, velando pela sua conservação.

Captivo, porém, vivendo com o homem, a sua intelligencia manifesta-se mais claramente. «Uma tarde, conta ainda Tennent, passeava eu a cavallo pela floresta, perto de Kandy, quando subitamente o cavallo estacou, medroso da bulha que partia d'um lado da floresta, ao mesmo tempo que se ouviam uns gritos surdos e repetidos, que se podem imitar por *ourmf ourmf*. Em breve conheci a causa do ruido, vendo um elephante domestico que vinha só, e que se mettera na difficil empresa de transportar um madeiro bastante pesado, que elle proprio carregára nas defensas, e que demasiadamente comprido para poder passar pela vereda, que era muito estreita, o obrigava a inclinar a cabeça successivamente para um e outro lado, exercicio que o punha de mau humor, obrigando-o a dar grunhidos que eu e o cavallo sentiramos. Tão depressa nos avistou, levantou a cabeça, observou-nos por um momento, atirou com o madeiro ao chão, e, encostando-se a um lado da vereda contra as arvores, franqueou-nos a passagem. O cavallo tremia como varas verdes, e o elephante, reparando n'esta circumstancia, cada vez mais se encostava para o lado, contra o matto, repetindo o seu *ourmf*, mas d'esta vez em tom mais brando, e como que para nos dar animo. O cavallo, porém, continuava a tremer, e eu cheio de curiosidade pelo desfecho da aventura.

O elephante continuou a apertar-se contra o matto cerrado que bordava o caminho, para nos deixar passagem franca, esperando com impaciencia que o cavallo passasse, e que finalmente passou, mas sempre tremendo de medo. Em seguida o intelligente animal saiu d'entre o matto, tornou a carregar o madeiro, e proseguiu na sua ardua tarefa.»

Vem a proposito interrompermos esta narração para contar ao leitor duas curiosas anecdotas, uma em que o elephante comprehende a justiça, pagando o bem e o mal que lhe fazem na mesma moeda; e a outra que revela a sua intelligencia a par da mansidão do seu caracter.

Um dia o cornaca d'um elephante de Madagascar, partiu, por maldade, um coco na cabeça do animal que conduzia. No dia seguinte o elephante, passando por uma rua onde viu cocos que estavam expostos á venda n'uma loja, pegou n'um com a tromba, e bateu com elle tão forte pancada na cabeça do seu conductor, que o deixou morto.

O doutor Franklin conta o seguinte facto:

Vi, eu proprio, na India, a mulher d'um mahoud confiar aos cuidados d'um d'estes gigantescos animaes uma creança muito pequena, e diverti-me immenso observando a sagacidade e delicadeza com que este colosso, feito aia de meninos, prodigalisava todos os cuidados ao pequeno Tinha finalmente tomado a serio o seu papel.

A creança que, como todas, não gostava de se conservar por muito tempo na mesma posição, e queria que a entretivessem, gritava sempre que a deixavam só. Acontecia até mesmo que se ia metter debaixo das pernas do elephante, ou por entre os ramos das arvores que serviam d'alimento ao animal. Este então tirava-a com o maior carinho, pegando-lhe com a tromba, ou arredava os objectos que estorvavam os movimentos ao rapazinho

Prosigamos agora na interessante descripção que haviamos interrompido, e é ainda Brehm quem fala.

«O elephante selvagem é mais ingenuo do que cauteloso, e a intelligencia não alcança tornal-o astuto, porque vivendo em pontos onde a natureza é por tal forma rica e opulenta que lhe fornece a mãos largas o alimento de que carece, dispensa-o de pôr em acção todas as suas faculdades intellectuaes. O seu viver é tranquillo e inoffensivo. Ao primeiro aspecto, o observador desprevenido tomal-o-ha pelo mais estupido dos animaes; mas tão depressa o medo o incite, obrigando-o a reflectir, não ha animal que lhe seja superior em intelligencia.

Injustamente se tem dito que o elephante é um animal terrivel, quando é manso e pacifico, vivendo em paz com todas as creaturas. Nunca ataca o homem se não for provocado, e evita cuidadosamente encontrar-se com qualquer outro animal, ainda mesmo com os mais pequenos «O mais terrivel de todos os inimigos do elephante é a mosca, diz Tennent,»—«Um ratinho, diz Cuvier, tem o poder d'assustar o elephante a ponto de o obrigar a tremer.» Todos os contos que correm ácerca de combates entre este

animal e o rhinoceronte, o leão e o tigre não merecem credito, e sejam levados, sem excepção, á conta de fabulas. Nenhum dos carnivoros se atreve a atacar o elephante, e este não dá a creatura nenhuma motivo ou occasião de se irritar e pretender vingar-se.

Alguns animaes, principalmente certos passaros, vivem na melhor harmonia com o elephante. No sul da Africa é um d'elles a *buphaga africana*, no norte a *ardeola bubalcus*, e na India outros, que se empregam constantemente em livrar o grande pachyderme de toda a casta de insectos incommodos, embora movidos pelo interesse, porque para elles o gigantesco mamifero representa o seu fornecedor de viveres.

Na Africa não é possivel figurar o elephante sem a garça real, e é dos mais bellos espectaculos assistir á passagem do grande proboscideo, caminhando tranquillamente, e levando sobre o dorso uma duzia d'estas lindas aves, de plumagem branca e brilhante, das quaes uma dorme, outra faz a sua toilette, emquanto uma terceira explora todas as dobras da pelle do animal, em busca d'um insecto, ou das sanguesugas que na occasião do banho se lhe agarram.

Cada bando de elephantes forma uma grande familia, mais ou menos numerosa, havendo-os que contam 10, 15, 20 e até mais de 100 individuos. Anderson viu um bando, perto do lago N'gami, composto de 50 elephantes; Barth, um de 96 junto ao lago Tschad; e na Cafraria, Wahlberg observou um bando de 200. Muitos viajantes affirmam ter visto 400 ou 500 elephantes reunidos, numero que se deve julgar exagerado. Nos paizes por onde andei, as manadas nunca eram superiores a 30 até 50 individuos.

A familia nos elephantes forma um todo bem distincto; nenhum outro animal alli tem ingresso, e o que por qualquer causa tem a infelicidade de se perder da manada, ou que sendo captivo fugiu, é forçado a viver só. Pode pastar nas vizinhanças dos sitios onde estiver o bando, ir beber e banhar-se nos mesmos logares, seguil o, conservando-se porém a certa distancia, sem nunca ser recebido no seio da familia. Se tenta alli introduzir-se, recebem-n'o nas defensas e ás trombadas; até mesmo as femeas o aggridem.

A estes elephantes chamam na India *gundahs* e *rogues*, são maus e temidos. Emquanto o bando vae socegadamente a seu caminho, evitando encontrar-se com o homem, atacando-o só na ultima extremidade, os *rogues* não teem tal reserva. A vida solitaria que levam torna-os furiosos. Na India perseguem-n'os, ninguem tem dó d'elles, nem mesmo se occupam em apanhal-os com vida.

Os indios, que, melhor do que nenhum outro povo, conhecem este animal, affirmam que para cada familia existem caracteres distinctivos; e referem os inglezes que alguns índios conhecem os individuos da mesma familia, ainda encontrando-os dispersos. «N'uma manada de 21 elephantes que foi apanhada em 1844, conta Tennent, as trombas de todos tinham um caracter especial: eram arredondadas e todas da mesma grossura. N'outra de 32 animaes, todos apresentavam a mesma disposição dos olhos, o mesmo abaulado das costas, e egual forma nas faces». Os indios sabem que o numero de individuos que compõem uma manada, á parte o augmento que resulta da reproducção, é sempre constante: a menos que não seja diminuido por accidentes particulares, os caçadores durante muitos annos nunca encontraram n'uma manada senão tantos individuos quantos conseguiram escapar-lhes aos anteriores ataques. Termo medio pode admittir-se que um elephante macho é para oito femeas.

O elephante mais prudente é o chefe do bando, e pode ser um macho ou uma femea. As suas funcções consistem em conduzir a manada, prevenir os perigos, tomar conhecimento do paiz, n'uma palavra, velar pela segurança de toda a familia. Todos os elephantes selvagens são, como já dissemos, muito timidos e prudentes, mas o elephante guia excede-os dez vezes. As funcções que tem a desempenhar são-lhe por certo penosas, obrigando-o a maior actividade; mas em compensação todos os seus subordinados lhe obedecem em tudo. Nunca as suas ordens deixam de ser cumpridas: não ha rebeldes, elle indica o caminho e os outros seguem-n'o, embora os leve á sua perda.

«Na força da estiagem, conta o major Skinner, na India, os rios, os lagos e os pantanos seccam, e então os animaes, soffrendo com a falta d'agua, reunem-se em grande numero em volta d'algum

Impresso por Lallemant frères. Lisboa.

O ELEPHANTE

d'estes reservatorios d'onde, porventura, a agua ainda não haja desapparecido. Tive uma vez ensejo de poder observar, estando nas proximidades d'um lago, que ficava entre uma espessa floresta virgem, que junto d'elle começava, e uma vasta planicie descoberta, a surprehendente prudencia dos elephantes. Fazia um luar esplendido, que assimilhava aquella noite a um dos nossos dias do norte, e como tivesse encontrado sitio asado para o meu intento, subi a uma arvore gigantesca cujos ramos assombreavam o lago, podendo servir-me de observatorio, para onde fui antes da noite, resolvido a aguardar a occasião de poder observar os elephantes.

«Não estava a menos de quinhentos passos d'estes animaes, mas só duas horas depois avistei o primeiro. Era um grande elephante, que saiu da floresta a trezentos passos do lago, e que se deteve para escutar: havia caminhado sem que o mais leve ruido o trahisse, e ficou por alguns minutos immovel como uma rocha. Depois avançou um pouco, parou novamente, repetindo esta manobra tres vezes, e deixando-se ficar durante alguns minutos sem mover-se, abrindo os ouvidos para melhor poder escutar. Assim veiu aproximando-se até chegar á beira do lago, onde eu via desenhar-se a sua imagem, sem que todavia tratasse de matar a sede, demorando-se alguns minutos em observação. Depois voltando-se silenciosamente e com cautela, seguiu pelo caminho por onde viera, e tornou a entrar na floresta pelo mesmo logar por onde saíra.

Não decorreu muito tempo que o elephante não tornasse a apparecer, d'esta vez seguido de cinco companheiros, que todos caminhavam com egual prudencia, mas menos silenciosamente. O guia collocou os cinco elephantes de sentinella, voltou para o interior da floresta, d'onde saiu ainda outra vez, trazendo atraz de si toda a manada que se compunha de oitenta a cem individuos. Todos caminhavam tão silenciosamente, que eu via-os mover sem lhes ouvir os passos, e detiveram-se a meio do caminho.

Só o guia avançou até junto das sentinellas como para conferenciar com ellas, e quando se convenceu de que nada havia a receiar, deu ordem ao bando para avançar. Só então a manada, sem mais temor, se precipitou dentro d'agua. Todo o receio de perigo e a timidez d'estes animaes haviam desapparecido; tinham confiança plena no chefe, e n'elle se alliviavam dos proprios cuidados. Entregaram-se então, sendo o guia o ultimo, ao prazer de mitigarem a sede, e de se refrescarem n'um banho saudavel.

Nunca vi tantos animaes juntos em tão pequeno espaço, e cheguei a convencer-me que o lago ficaria vasio. Depois de os haver observado com o mais vivo interesse, até que todos se mostrassem saciados, quiz ver o effeito que produziria qualquer ruido, embora insignificante, e fiz estalar um ramo delgado, sendo sufficiente tão pequena bulha para que todo o bando fugisse para a floresta.»

Com egual cautela vão os elephantes em procura do alimento. Na floresta em que vivem é tão rica a vegetação, que não conhecem fome, havendo sempre alimento em abundancia; ainda assim parece não serem vorazes nem glutões. Partem os ramos das arvores em geral por passatempo, abanando-se com elles para enxotar as moscas, suas inimigas, comendo-os em seguida. Engolem troncos que teem a grossura d'um braço. Os ramos pequenos colhem-n'os em molhos, mettem-n'os na bocca, e mastigam-n'os ou antes trituram-n'os com os dentes, e descascam as raizes grossas sem offender o interior. Os elephantes preferem á herva os ramos das arvores e as raizes, com quanto não desdenhem aquella. Quando uma manada chega a qualquer sitio abundante em herva succulenta, os individuos que a compõem arrancam-n'a aos molhos com a tromba, batem-n'a de encontro a uma arvore, para lhe tirar a terra que vem de envolta com a raiz, e engolem-n'a.

Nas suas excursões nocturnas, os elephantes visitam ás vezes as plantações, e ahi causam grandes prejuizos; mas o menor espantalho, uma sebe por mais fraca que seja, é sufficiente para impedil-os de entrar. Os indios deixam ficar atravez os campos compridas veredas que dão passagem aos elephantes que vão beber agua, e fecham os quintaes com uma sebe de bambús pouco resistente, que d'uma simples trombada o elephante poderia derribar; e todavia nunca estes animaes diligenciam destruir tão fragil obstaculo. Só os *gundahs* ou *rogues*, ás vezes, não praticam d'esta fórma, mas todos se introduzem nos campos amanhados, assim que

lhe franqueam as entradas. Depois da colheita os aldeãos deixam a resteva para os elephantes, e logo que as portas das palissadas são abertas estes penetram em massa nos campos, e comem o que lá encontram.

Os habitantes do Sudan attribuem o modo de proceder do elephante não á sua timidez e prudencia, mas a um sentimento innato de justiça.

«Os elephantes, dizia-me um *cheik*, nas margens do Nilo Azul, não te molestam se tu os deixares em paz. Nunca offenderam meu pae, nem meu avô, e quando é chegada a época das colheitas, dependuro os amuletos no alto de grandes varas, bastando isto para animaes tão justos. Veneram a palavra do propheta, enviado de Deus! Temem os castigos que estão reservados para os maldizentes, e são amantes da justiça.»

O elephante serve-se da tromba para levar os liquidos á bocca, aspirando-os e enchendo as cavidades d'aquelle orgão, para depois derramar o conteudo na bocca. Quando se aproxima da agua, bebe primeiro até saciar-se, e só depois mergulha o corpo todo. A tromba não só aspira os liquidos, como tambem junta a areia e o pó que o animal lança depois sobre o corpo para expulsar os insectos.

Como é facil de comprehender, estes grandes animaes multiplicam-se pouco; e está averiguado que o elephante na época do cio segrega um liquido fetido que provém de duas glandulas que existem por detraz das orelhas. N'esta occasião andam excitados, e tornam-se muitas vezes perigosos até para os cornacas, com quem de ordinario são muito dados.

A época do cio varia, podendo ser em fevereiro, abril, junho, setembro ou outubro; e tres mezes depois da fecundação observou Corse n'uma femea os primeiros signaes da gestação, que durou vinte e dois mezes e dezoito dias. «Teve um filho com $0^{m},96$ de altura, que começou a mamar apenas nasceu, estando a mãe em pé, e o pequeno deitando a tromba para o lado segurava a teta com a bocca. Dizem quasi todos os observadores que a mãe não tem grande amor ao filho; mas pelo contrario tem-se visto não só nas femeas que vivem em liberdade mas tambem nas domesticas, prestarem-se com carinho á creação do filho, sem nunca se recusarem a dar-lhe de mamar.» (Brehm.)

Os elephantes mudam os dentes molares, dizem, oito vezes, e o modo porque uns se succedem aos outros merece mencionar-se, porque em quanto nos outros mamiferos os dentes da segunda dentição substituem os dentes de leite, crescendo verticalmente, nos elephantes uns succedem-se aos outros detraz para diante, de maneira que á medida que um dos dentes se gasta, o que o deve substituir impelle o antigo na direcção do comprimento da maxilla, pela qual vae escorregando, até que cae, deixando logar ao novo mollar que o veiu substituir. As defensas caem uma vez como todos os dentes de leite.

O elephante nasce com $1,^{m}$ de altura, cresce no primeiro anno $0,^{m}30$, no segundo $0,^{m}22$, no terceiro $0,^{m}16$, no quarto e quinto $0,^{m}14$, e depois $0,^{m}9$ e $0,^{m}7$, e só alcançam o seu completo desenvolvimento aos vinte e quatro annos, podendo comtudo reproduzir-se aos vinte. É regra geral nos mamiferos que o animal deve viver seis ou sete vezes o tempo que dura o seu crescimento, e por esta regra deve viver o elephante aproximadamente 120 annos. Alguns observadores, porém, affirmam que o elephante póde viver 150 annos.

A voz do elephante é uma especie de grunhido mais ou menos forte, segundo o estado de excitação do animal, porque quando se encolerisa dá gritos agudos e fortissimos. A musica parece causar-lhe grande prazer, que o animal manifesta acompanhando-a com a voz e com movimentos cadenciados do corpo.

Em 1813, conta Figuier, em Paris, uns tantos musicos reuniram-se para dar um concerto ao elephante macho que então existia no Jardim das Plantas. O animal gostou immenso de ouvir cantar *ó ma tendre Musette;* mas a aria *charmante Gabrielle* de tal modo o impressionou, que seguia o compasso fazendo oscillar a tromba de um para outro lado, balouçando ao mesmo tempo o enorme corpazil. Conseguiu até dar alguns sons mais ou menos afinados com a musica.

As grandes symphonias não lhe mereceram tanto agrado; parecia comprehender melhor as melodias que a musica classica, e mais d'um individuo conheço em que n'este ponto não discordaria do elephante. Quando o concerto terminou, o sensivel proboscideo aproximou-se de um dos musicos, o que tocava trompa, que

mais particularmente o sensibilisara, e ajoelhando diante d'elle acariciou-o com a tromba, testemunhando-lhe por mil afagos o prazer que sentira ao ouvil-o.

O elephante da Asia é o que geralmente se domestica, não porque o da Africa não recebesse da mesma fórma a educação que o homem lhe désse, mas resultado dos habitos diversos dos indigenas d'estas duas partes do mundo. Os povos da Asia são geralmente mais industriosos que os da Africa, e emquanto estes se limitam a caçar o elephante, armando-lhe laços ou ás frechadas, para lhe utilisarem a carne e apossarem-se das defensas, na Asia o elephante tem sido desde os tempos mais remotos admittido ao serviço domestico e militar, uso que tem continuado até aos nossos dias.

O elephante é nas Indias o ornamento indispensavel de todas as grandes solemnidades publicas, figurando nos sequitos dos grandes, nas procissões e nos cortejos. Hoje não se empregam na guerra, porque a bulha e o clarão da fusilaria seria sufficiente para os pôr em fuga, emquanto que outr'ora nas batalhas em que entravam os antigos povos da Asia, este animal tomava parte na luta trazendo sobre o dorso uma torre occupada por homens d'armas que, ao abrigo d'aquelle reducto, lançavam sobre o inimigo pedras, frechas e zagaias.

O elephante domesticado vende-se na India aproximadamente por 180$000 a 200$000 réis, chegando a valer um conto de réis e mais, segundo o tamanho e belleza. Empregam-se hoje em transportar grandes pesos, e alguns proprietarios de grandes tractos de terreno, em certos pontos da India, teem mettido estes animaes á charrua. Nas caçadas aos tigres os caçadores vão montados em elephantes, que em caso de necessidade servem para defendel-os dos ataques do terrivel felino.

As mulheres dos potentados, na India, quando viajam, ou vão ás grandes solemnidades publicas, são transportadas n'uma especie de gaiolas com grades, a que se dá o nome de *medémbers*, e que os elephantes levam ás costas. A andadura d'estes animaes é apressada, mas por vezes incommoda, e assimilhando-se ao jogar d'uma embarcação. O elephante é, nas marchas, governado por um guia ou *cornaca*, que vae sentado no pescoço, por detraz das orelhas, e armado com um forcado de ferro, que tem uma das pontas curva, e com o qual o dirige e castiga.

Serve o animal muitas vezes para ostentar a riqueza e opulencia do dono, e cobrem-n'o então com custosos arreios, pintam-n'o, põe-lhe anneis de oiro nas defensas, brincos de diamantes nas orelhas, e são servidos em baixellas de oiro ou prata.

A alimentação do elephante em domesticidade custa cara, porque, além da grande quantidade de herva e folhas de que carece, come arroz, fructas, raizes, pão, assucar, especiarias, taes como pimenta, gengibre, nós moscada, e principalmente *arak*, ou aguardente de arroz, de que gosta muito. Bebe tambem vinho, aguardente e toda a especie de licor.

Na India o seu alimento ordinario são 50 kilogrammas d'arroz cozido por dia, acompanhado de grande quantidade de hervas e folhas, necessarias para o conservar em boas condições de saude.

Refere Figuier, que o elephante que veiu para Versailles, no tempo de Luiz XIV, comia setenta pães por dia e dois baldes de sôpa, bebia seis canadas de vinho, além da enorme quantidade de bolos que lhe davam as pessoas que iam visital-o.

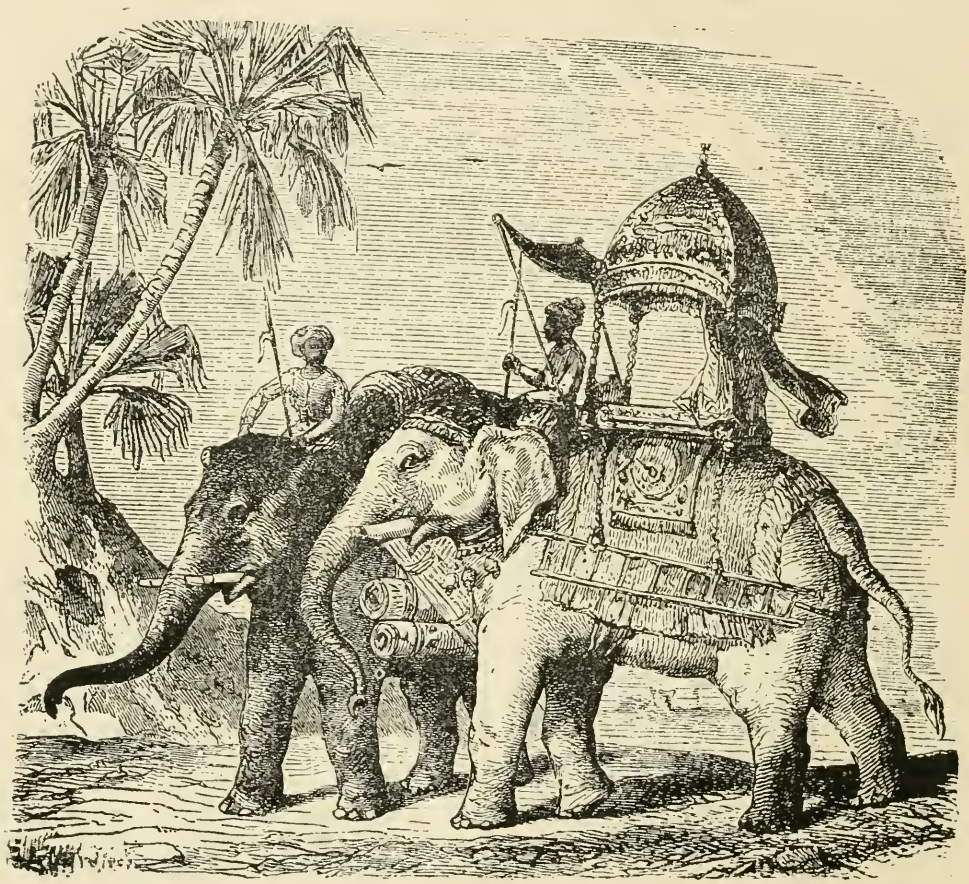
Vem agora a proposito dizer que o elephante da Africa, que hoje serve unicamente de caça aos negros, n'outro tempo desempenhou funcções de certo valor e importancia. Na antiga Carthago, foi este animal empregado em muitos dos misteres que hoje desempenham oscavallos e outros animaes de carga, e nas batalhas appareciam sempre nas primeiras filas. A historia fala do papel importante que os elephantes da Africa, que faziam parte dos exercitos de Annibal, representaram na guerra contra os romanos, quando este general invadiu a Italia, pondo em risco o poderío d'estes dominadores do mundo.

Já dissemos que só o elephante da Asia se domestica, mas é necessario que se saiba que estes animaes domesticos, empregados nos variados misteres que referimos, não nascem na domesticidade, e são arrancados á vida livre da floresta, sendo os indios quem os apanha e amansa.

A maneira porque estas grandes caçadas se fazem na India, pondo em poder do homem centos d'estes animaes, que em pouco tempo se domesticam, e o papel importante que n'ellas representam

os elephantes domesticos, merece que se destine algumas paginas d'este livro á interessante descripção feita por Tennent, referida por A. Brehm na sua *Vida dos animaes*, a qual, embora extensa, daremos ainda assim na integra.

«Destina-se para estas caçadas a epoca em que estando terminada a colheita do arroz, é menor o destroço nos campos; o povo, além do divertimento que estas caçadas lhe proporcionam, tem immediato interesse em que o numero de elephantes diminua, pelos estragos que fazem nas fazendas e nos campos. Os padres, pela sua parte, incitam os caçadores, não só porque os elephantes lhe comem as folhas d'uma arvore sagrada como tambem levados pelo desejo de terem alguns d'estes animaes para serviço dos templos.



Gr. n.º 173 — O elephante domestico na India

Os ricos teem occasião n'estas montarias de ostentar não só o numeroso pessoal da sua casa, mas tambem as qualidades dos elephantes domesticos que possuem, e que emprestam para estas caçadas; e os aldeãos empregam-se durante algumas semanas em metter estacas, abrir caminhos por entre os juncaes, ou em revezar os batedores.

O logar onde se effectua a caçada é escolhido sempre nas vizinhanças dos caminhos mais frequentados pelos elephantes, perto de sitio onde haja agua, para que estes animaes alli possam beber durante o tempo que dura o cêrco, e depois emquanto amansam tenham onde banhar-se. Quando se construe o corral, poupam-se cuidadosamente as arvores e o matto que houver no recinto, principalmente do lado da entrada, pela necessidade que ha de encobrir a palissada que fecha o corral.

As estacas que se empregam tem 3m, 30 a 3m, 33 de espessura, e enterram-se a 1m de profundidade, ficando com a altura de 4 a 5 metros acima do nivel do terreno; d'uma estaca a outra fica o espaço necessario para poder passar um homem, as estacas entrelaçam-se depois com bambus e cipós, e para maior solidez escoram-se.

O recinto a que me refiro (Tennent fala d'uma caçada a que assistiu como espectador) tinha aproximadamente 150 metros de comprimento e 75 de largura. N'uma das extremidades ficava a entrada, que em poucos momentos se podia fechar, e os dois lados da palissada, que fechavam o corral, continuavam-se até certa distancia além da entrada, para que a manada, caso não entrasse immediatamente no corral, e se desviasse para algum dos lados, encontrasse a passagem vedada, e fosse obrigada a penetrar pela abertura que lhe dava livre accesso.

N'um massiço d'arvores havia-se construido um estrado para o governador e para os seus convidados, d'onde se podia dominar a scena, e assistir a todas as peripecias da caçada, desde o momento em que os elephantes penetrassem no recinto que lhes estava preparado.

E' quasi desnecessario dizer que a palissada, por mais forte que fosse, não resistiria ao elephante que se precipitasse contra ella armado de todo o vigor de que dispõe, e este caso tem-se repetido mais d'uma vez, dando ensejo a que todo o bando que se conseguira fazer entrar no recinto podesse escapar-se; mas a verdade é que se conta mais com a timidez dos animaes do que com a solidez dos tapumes, e até mesmo com a destreza e arrojo dos caçadores, sendo certo que o elephante não conhece a sua propria força.

Logo que o corral está concluido, os batedores põe-se em campo, tendo muitas vezes de estabelecer um cordão de muitas leguas, para que o numero dos elephantes seja importante, devendo a sua marcha executar-se com toda a cautela e paciencia. E' preciso não espantar os elephantes, porque d'outro modo poderiam fugir na direcção opposta á que é preciso que sigam.

Como estes animaes, essencialmente pacificos, e que só desejam que os deixem tranquillamente pastar, fogem mal se sentem perseguidos, é necessario aproveitar esta circumstancia para a pouco e pouco os levar na direcção do corral. Quando, porém, se mostram demasiadamente inquietos e agitados, prestes a pôr-se em fuga, é necessario pôr em pratica meios mais energicos: em volta do ponto que occupam accende-se de dez em dez passos uma fogueira, que se alimenta de dia e de noite.

O numero de batedores que se emprega n'estas batidas orça por dois a cinco mil, e abrem-se caminhos atravez os juncaes, para que a linha que devem occupar não seja interrompida, e os chefes possam verificar que cada um occupa o seu posto, porque uma falta havida n'um ponto póde ser causa de que um bando inteiro possa escapar-se, inutilisando assim o trabalho de muitas semanas. Por isso, quando os animaes parece quererem forçar um ponto qualquer da linha, concentra-se ahi a gente necessaria para os repellir. Finalmente, quando as duas extremidades do cordão formado pelos batedores, que então occupa aproximadamente uma legua, chegam ao corral, os batedores ficam esperando o signal.

Estes preparativos tinham levado dois mezes, e terminado quando chegámos, indo occupar o estrado d'onde podiamos ver a entrada dos elephantes no corral. Proximo do logar em que estavamos, ficavam os elephantes domesticos, que pertenciam aos principes e aos templos, e que haviam sido emprestados para auxiliar a captura dos elephantes bravos. Tres bandos diversos d'estes animaes, representando ao todo quarenta a cincoenta individuos, estavam cercados pela linha dos batedores, e occultos entre os juncaes que ficavam proximos do corral. Era prohibido todo e qualquer ruido; só se conversava em voz baixa, e o silencio dos batedores era tal, que se ouvia a bulha d'um elephante colhendo as folhas d'uma arvore.

Deu-se o signal, e o silencio que até então reinara na floresta foi substituido pelos gritos das sentinellas, pelo rufar dos tambores, e pela detonação das armas de fogo. O estrepito começára no ponto mais afastado, tendo em vista obrigar os elephantes a fugir para o corral; os batedores, á maneira que viam passar a manada, iam juntando os seus gritos aos que já se ouviam, e assim o barulho crescia sempre; por vezes os animaes tentaram romper o cordão, mas de todas as vezes foram repellidos pelos gri-

tos dos caçadores, pelo estrepito das armas de fogo e pelo rufar de tambores.

Finalmente o estalar dos ramos e do matto advertiu-nos de que o bando se aproximava, e vimos então o guia sair d'entre os juncos, e aproximar-se a vinte metros da entrada do corral, seguido pelo bando. Um instante mais, e todos penetrariam no corral; mas de subito desviaram-se para a direita, e voltaram para o juncal. O chefe dos batedores veiu explicar-nos a razão d'esta fuga: fóra a apparição inesperada d'um javali, que passára na frente do guia da manada. Accrescentou mais que em vista do estado de excitação em que se encontravam os animaes, os caçadores pediam para se esperar pela noite, para então recorrer ao uso d'archotes e fogueiras.

Ao pôr do sol o espectaculo tornou-se duplicadamente interessante, e as fogueiras que durante o dia só se denunciavam pelo fumo, começaram a brilhar, espalhando o seu clarão avermelhado nas trevas, allumiando assim os differentes grupos com uma luz phantastica, e o fumo subia em turbilhões atravez as folhas das arvores. Reinava o maior silencio entre os espectadores e podia-se ouvir o vôo dos insectos.

Subitamente ouviu-se rufar um tambor, e depois um tiro: era o signal para recomeçar a caçada, e então os batedores avançaram em altos gritos. As fogueiras, alimentadas com folhas seccas, levantaram grandes labaredas, formando um vasto cordão luminoso, que não alcançava o corral, envolvido na mais completa escuridão, e onde finalmente entraram os elephantes.

O guia chegou á entrada, parou um momento, olhando em volta de si, e depois, abaixando a cabeça, arremessou-se no recinto que lhe estava preparado, aonde toda a manada o seguiu. No mesmo momento o corral appareceu allumiado como por encanto, e os caçadores correram para lá com archotes, que accendiam nos que lhes ficavam mais proximos.

Os elephantes avançaram até ao fundo do corral, e encontrando o caminho tomado, voltaram, procurando sair por onde haviam entrado; mas achando a saida fechada, o terror subiu ao seu auge, e corriam rapidamente á roda do cerrado; o fogo porém, cercava-os por todos os lados; se tentavam derrubar as estacas, os caçadores agitavam os archotes e elles viam-se obrigados a recuar; em todos os pontos que tentavam forçar eram recebidos pelo estrondo das armas de fogo e com immensa bulha. Então agruparam-se, ficando immoveis por algum tempo, para de novo se arremessarem contra a palissada como se tivessem visto uma saida; mas de novo repellidos, vieram descançar para o centro do corral.

Este espectaculo que era interessante para os espectadores, parecia sel-o tambem para os elephantes domesticos. Á chegada da manada dos elephantes bravos, dois d'aquelles, principalmente, que estavam na frente, ficaram tão fortemente excitados, que mal os viram penetrar no corral, um partiu as prisões e foi-lhes no encalço, derrubando uma arvore, nada pequena, que lhe estorvava a passagem.

Por mais d'uma hora os elephantes percorreram o corral em todas as direcções, sem que o mau resultado que até então haviam tido os desanimasse, procurando derrubar a estacaria. A cada tentativa infructifera rugiam de raiva.

Cada vez mais se esforçavam por derrubar a porta, parecendo que estes animaes não ignoravam que no sitio onde tinham entrado devia existir uma passagem; mas aturdidos pela bulha de novo se afastavam. Assim estas tentativas tornaram-se menos repetidas, e apenas alguns corriam de um para outro lado, vindo logo juntar-se aos companheiros, até que finalmente todo o bando, exhausto de fadiga, se reuniu n'um grupo, de que os mais novos occuparam o centro, conservando-se immovel no centro do corral.

Tomaram-se as providencias necessarias para passar a noite: o numero das sentinellas triplicou-se em volta da palissada, alimentando-se continuadamente as fogueiras para que não se apagassem antes do nascer do sol.

Os batedores tinham levantado tres manadas de elephantes; mas como estas se tivessem sempre conservado longe umas das outras, só uma havia dado entrada no corral; tendo sido fechadas as portas as duas outras tinham ficado fóra, escondidas entre os juncos. Para impedir que escapassem, foram mandados os batedores para o seu posto, accenderam novamente as fogueiras, e tomadas todas estas providencias, dirigimo-nos para o nosso quartel, que ficava a trinta passos do corral.

O somno foi interrompido pelo ruido que faziam os caçadores na floresta, repellindo as tentativas dos elephantes que pretendiam escapar-se.

Ao nascer do dia tudo estava soeegado no corral, e quando o sol appareceu no horisonte, deixaram-se apagar as fogueiras. As sentinellas, que tinham sido rendidas, dormiam perto da palissada; em volta d'esta estava uma multidão de homens e creanças, armados de chuços e de grandes varas, e no centro os elephantes tranquillos, quebrados de forças, aterrados e assombrados de medo.

Eram nove os prisioneiros, d'estes tres muito grandes e dois pequenos, apenas com alguns mezes de edade; um dos maiores era um vagabundo, que não fazia parte do bando, e que não fôra recebido no grupo, conservando-se a certa distancia.

Tratou-se então de fazer entrar no corral os elephantes domesticos, para se prenderem os prisioneiros. Prepararam-se os laços, tiraram-se com cautela as traves que fechavam a entrada, e dois elephantes domesticos entraram no recinto silenciosamente, cada qual montado pelo seu cornaca e por um servente, levando ao pescoço uma forte colleira, da qual pendiam duas correias de pelle d'antilope, terminando em nó corredio. Ao mesmo tempo, e encobrindo-se com elles, entrou o chefe dos *laçadores de elephantes*, desejoso de ter a honra de deitar o laço ao primeiro. Era um homem baixo, vivo, aproximadamente de setenta annos, que já havia recebido duas distincções, como recompensas honorificas pelos seus serviços. Acompanhava-o um filho, tão celebre como o pae, pela sua coragem e destreza.

N'esta caçada entravam dez elephantes domesticos: dois que pertenciam a um templo proximo, um dos quaes havia sido apanhado no anno anterior, quatro que eram propriedade dos principes que moravam nas vizinhanças, e os restantes pertenciam ao governo: dois d'estes foram os primeiros que entraram no corral.

Um era muito velho, e havia mais d'um seculo que estivera ao serviço do governo hollandez, passando depois para os inglezes. O outro, chamado *Siribeddi*, tinha aproximadamente cincoenta annos, e era notavel pela sua grande mansidão e intelligencia. Era uma perfeita *sereia*, e tinha gosto decidido por estas caçadas.

Adiantou-se mansamente, sem ruido, com ar indifferente, encaminhando-se para os elephantes bravos, e detendo-se de instante a instante para colher um tronquinho ou meia duzia de folhas, e assim conseguiu abeirar-se d'elles, que vieram ao seu encontro, sendo acariciado ternamente na cabeça pela tromba do guia, que em seguida voltou pausadamente para junto dos companheiros.

Siribbedi seguiu-o vagarosamente, e tão proximo se foi postar, que deu ensejo a que o velho laçador podesse passar por debaixo do ventre, e sem ser visto pelo elephante guia, lhe prendesse a uma perna o laço que trazia preparado. O animal de prompto deu pelo perigo, e sacudindo a corda virou-se para o homem, que caro pagaria a sua temeridade, se Siribeddi o não houvesse protegido desviando com a tromba o aggressor. Ainda assim, levemente ferido, teve que retirar-se, e foi seu filho Ranghanie quem foi substituil-o.

Os elephantes então formaram-se em circulo, com a cabeça para o centro, e os dois domesticos introduziram-se no meio do grupo, pondo-se um de cada lado do maior, que era um macho. Este sem resistir, apenas manifestava o seu descontentamento levantando successivamente uma das pernas. Ranghanie adiantou-se então, levando, aberta nas mãos, a laçada que havia na extremidade d'uma das correias presa á coleira de Siribeddi e aproveitando o momento em que o elephante levantou uma das pernas, enfiou-lh'a correndo o nó, e fugiu. Siribeddi em seguida destacou-se do grupo, e puxando pela corda conseguiu afastar o animal dos companheiros, em quanto o outro elephante domestico ia metter-se de permeio entre o elephante laçado e a manada.

Era indispensavel prender o elephante assim filado a uma arvore, mas para isso era necessario arrastal-o uns vinte metros, o que não se conseguiu realisar sem que o animal oppozesse a mais energica resistencia, rugindo e calcando a pés as arvores novas, como se fossem caniços.

Siribeddi, sempre puxando, passou a corda á arvore, conservando-a sempre reteza, mas para enrolal-a tinha forçosamente que passar entre a arvore e o elephante preso, que era mister manter se-

guro, o que seria impossivel conseguir, se o outro elephante domestico, percebendo a difficuldade com que o companheiro lutava não viesse em seu auxilio. Empurrando o elephante captivo conservou-o afastado da arvore, emquanto Siribeddi passava a corda, sempre esticada, ao tronco, vindo depois o homem acabar de prendel-o. Passaram-lhe os homens depois segundo laço á outra perna, que prenderam á mesma arvore, e finalmente ataram-lhe ambas com as cordas ensebadas, para evitar que se ferisse.

Os dois elephantes domesticos facilitaram ainda a Ranghanie poder laçar as mãos do animal e prender-lh'as a outra arvore, ficando d'este modo bem seguro; depois do que o homem e os seus dois auxiliares se foram em busca d'outra presa. Emquanto os dois elephantes domesticos se conservaram juntos do pobre captivo, estivera este immovel, sem tentar resistir; mas tão depressa se viu só diligenciou soltar-se, para ir reunir-se aos companheiros. Com a tromba procurava desatar os nós, e se umas vezes recuava para conseguir desprender as mãos, outras arremessava-se para a frente com o intuito de se soltar dos laços que lhe prendiam as pernas: os ramos das arvores treniam como se a tempestade os sacudisse.

Mugia, levantava a tromba no ar, deitava a cabeça no chão, e outras vezes carregava no chão com a tromba, como se quizesse enterral-a no sólo.

Finalmente perdeu de todo a esperança, e ficou immovel: era a verdadeira imagem da prostração e do desespero!

Ranghanie, entretanto, aproximava-se do estrado do governador, para receber a recompensa concedida ao que laçasse o primeiro elephante; foi recebido com uma chuva de rupias, regressando em seguida á sua arriscada tarefa.

Os animaes que compunham a manada haviam-se de tal fórma apertado uns contra os outros, que formavam como que um todo compacto, e só de tempos a tempos algum dos elephantes, mas impaciente, se destacava, adiantando-se alguns passos e observando. Os restantes então seguiam-n'o, ao principio vagarosamente, depois mais depressa, e por fim o bando inteiro tentava mais uma vez transpôr a palissada. Estas tentativas tinham tanto de magestosas como de ridiculas, porque independente da enorme força d'estes animaes, o andar era vacillante e pesado, e á furiosa investida com que pretendiam rehaver a sua liberdade, succedia sempre uma retirada mansa, a que os obrigava o medo. Arremessavam-se com o dorso arqueado, a cauda levantada, as orelhas retezas, a tromba no ar, soprando e rugindo; um passo mais, e teriam destruido a palissada; mas de subito detinham-se defronte d'umas varas brancas que lhe punham em frente, e espantados pelos gritos dos caçadores, corriam em volta do corral, e voltavam ao primitivo pouso. Os sitiantes, pela maior parte mancebos e creanças, davam provas de notavel firmeza, correndo immediatamente ao ponto atacado pelos elephantes, apresentando-lhe as varas e obrigando-os a fugir pelos seus repetidos gritos.

O segundo elephante que se laçou era uma femea, e o processo foi egual ao que se seguiu com o primeiro; mas quando lhe passaram a corda ás mãos, agarrou-a com a tromba, levou-a á bocca, e tel-a-hia cortado, se um dos elephantes domesticos não lhe tivesse posto um pé em cima, obrigando o animal a largal-a e abaixando a laçada. Os caçadores tinham sempre em vista o animal que conduzira a manada na sua ultima tentativa de fuga, para por elle seguir a ordem na captura, e esta, termo medio, não levava mais de meia hora para cada individuo.

Merece especial menção um facto singular: os elephantes selvagens nunca atacam os cornacas que vão montados nos elephantes domesticos, e ainda que estes se introduzam no meio da manada o homem nada tem que receiar. « Parece, diz o major Skinner n'uma carta, que qualquer pessoa pode afoitamente penetrar n'um corral, ficando ao abrigo dos ataques dos elephantes bravos, se fôr montado n'um d'estes animaes domesticos. Vi uma vez o principe Mollegadde, no centro d'uma manada de elephanles selvagens, montado n'um animal tão pequeno, que a cabeça do principe mal se nivelava com o dorso dos elephantes. Eu estava temendo pelo resultado, mas passou a salvo. »

Tão depressa a manada se viu sem chefes, a excitação cresceu; mas qualquer que fosse o sentimento que estes animaes tivessem vendo os seus companheiros presos, o certo é que nenhum tentou soltal-os. Aproximavam-se-lhes, entrelaçavam as trombas, lambiam-lhe o pescoço

e os membros, dando signaes que não deixavam em duvida o pezar que sentiam, mas nunca diligenciaram quebrar os laços que os prendiam.

O modo porque se portaram os elephantes domesticos era realmente admiravel, porque, manifestando em todos os seus actos elevada intelligencia, mostravam não ignorar o fim para que alli estavam, e os meios que deviam pôr em pratica. Esta caçada parecia ser-lhes agradavel, não por maldade, mas porque lhe proporcionava um passatempo de seu agrado.

Não era menos surprehendente a prudencia d'estes animaes: nunca o seu zelo era em demasia, nem deixava de haver a melhor ordem nos seus movimentos; não vi que nenhum se enredasse nas prisões que seguravam os prisioneiros, nem nas lutas que tiveram de sustentar contra estes, a nenhum fizeram a mais leve ferida. Mais d'uma vez vi, quando algum dos elephantes bravos diligenciava com a tromba agarrar o laço, no momento de lh'o passarem á perna, Siribeddi desviar-lhe a tromba. A um dos elephantes, a que já haviam laçado uma das pernas, não conseguiam laçar a outra, porque no momento em que lhe iam a passar o laço deixava cair o pé: Siribeddi então, aproveitando uma occasião em que o animal levantou a perna, poz-lhe o pé por baixo, e deu assim ensejo a que o caçador enfiasse o laço na perna do elephante.

Dir-se-hia que os elephantes domesticos se divertiam á custa do terror dos captivos, mettendo a ridiculo a sua resistencia: quando estes não queriam ir para a frente empurravam-n'os, e se queriam fugir seguravam-n'os; se havia algum que se deitasse, immediatamente um dos elephantes domesticos ajoelhava sobre elle, e, subjugando-o, permittia que o caçador podesse prendel-o.

Só um dos elephantes selvagens, o mais temido da manada, e um dos domesticos tinham defensas; mas este nunca as empregou como armas offensivas, servindo-lhe apenas para separar dois animaes que estivessem tão proximos que por entre elles não lhe passasse a cabeça, ou para levantar mais facilmente algum que estivesse deitado. Muitas vezes, quando os companheiros não conseguiam domar os elephantes selvagens, bastava que elle se aproximasse para que algum mais recalcitrante se contivesse, e se deixasse subjugar.

A coragem e destreza do homem n'estas caçadas occupam logar secundario; pertence o primeiro sem duvida aos elephantes domesticos, pela sua intelligencia. É certo que o laçador carece de ter vista perspicaz para aproveitar o menor movimento do animal, que permitta passar-lhe o laço, manobra que executa com grande habilidade; mas o mais habil e o mais ousado não conseguiria, sem o auxilio dos elephantes domesticos, levar a cabo esta empresa.

Já todos os animaes de que se compunha a manada estavam laçados, quando se ouviu a distancia os sons d'uma flauta, que produziu sensação singular em muitos dos captivos. Fitavam as orelhas para o lado d'onde vinham os sons, e os acordes sentidos da musica tornavam-os calmos. Só os mais novos mugiam, lastimando a perda da liberdade, e levantando em torno de si nuvens de pó; com a tromba agarravam tudo quanto se lhes deparava ao alcance.

Se a prudencia, o socego e a intelligencia dos elephantes domesticos nos surprehenderam, não é menos para admirar o modo porque os selvagens se comportaram, no momento em que lhes roubavam a liberdade. Ao inverso do que muitos caçadores affirmam, pintando estes animaes como bravios, falsos e vingativos, quando na verdade só depois de atormentados pelos seus inimigos usam da força e da intelligencia para escapar-se ou defender-se, no corral mostraram-se innocentes e timidos. Depois d'uma luta em que não manifestaram a mais leve disposição para se entregarem a actos violentos, ou para se vingarem, rendiam-se desesperados á sua sorte, tomando uma postura supplicante: era tocante a dôr d'estes animaes, e os seus surdos queixumes chegavam ao coração. Ninguem teria consentido que os torturassem inutilmente, ou mesmo que os maltratassem.

As duas manadas que estavam cercadas entraram no corral como a primeira, e á sua entrada os elephantes captivos mostraram-se desassocegados. O segundo bando entrou de dia, e mais rapidamente que o primeiro, conduzido por uma femea que tinha 3 metros d'altura. N'uma tentativa que esta fez para escapar-se, foi mister dar-lhe com um archote acceso na cabeça para conseguir detel-a.

Os que entraram de novo não presta-

ram a mais pequena attenção aos prisioneiros; passavam até por cima d'elles. O primeiro que laçaram foi a femea que guiava a manada, e que depois de presa por uma das pernas se conheceu ser mais vigorosa que Siribeddi, o qual, para poder aguentar a corda que a prendia, foi necessario deitar-se sobre ella com todo o peso do corpo, o que sendo observado pelo elephante domestico que tinha as defensas, veiu collocar-se-lhe na frente, e obrigou-a a recuar passo a passo, até poder ser preza a uma arvore.

Tratava-se por ultimo de desligar os prisioneiros e conduzil-os ao rio: para isto passou-se ao pescoço de cada um uma colleira feita de fio de coco, e metteu-se entre dois dos domesticos, que tinham tambem fortes colleiras, e aos quaes se ligava o prisioneiro. Durante esta operação, foi uma vez necessario que um dos elephantes domesticos desviasse com a tromba a do elephante captivo, que não queria deixar-se ligar, diligenciando agarrar o braço do cornaca. Em seguida desligaram-lhes os pés, e dirigindo-se aos grupos para o sitio onde corria agua, deu-se-lhes um banho. Trazidos depois para a floresta, prenderam os elephantes bravos ás arvores, e cada um ficou entregue a um guarda encarregado de lhe dar de comer.

O elephante não é difficil de domar: ao fim de tres dias principia a comer bem, e então dá-se-lhe por companheiro um elephante já domesticado, e dois homens acariciam-no pelo lombo e falam-lhe com suavidade. A principio está furioso, dando com a tromba para todos os lados; mas os homens aparam-lhe as trombadas na ponta dos chuços, até que o animal sentindo-se ferido renuncia ao emprego da tromba como arma offensiva, e aprende a conhecer que o homem é mais forte. Os elephantes domesticos auxiliam muito a sua educação, e em tres semanas pode conduzir-se o animal a banhar-se, sendo sufficiente mostrar-lhe a vara de ferro com que por mais d'uma vez o castigaram.

No fim de dois mezes, termo medio, não carece de andar acompanhado pelo elephante domestico, e o cornaca póde montal-o, e passados tres ou quatro mezes obrigal-o a trabalhar. E' necessario, todavia, não lhe dar que fazer antes de um certo prazo, porque mais de uma vez tem acontecido que o elephante, que pela primeira vez se carrega, deita-se e morre; «*estala-lhe o coração*, dizem os indigenas, sem que saibamos a causa.»

MAMIFEROS

ORDEM DOS JUMENTADOS

Os jumentados fazem parte da ordem dos pachydermes de Cuvier, a que já nos referimos, e os animaes que n'ella se comprehendem teem os dedos envolvidos n'um casco, sem que os pés sejam rachados, ou *bisulcos*, segundo o vocabulo proprio. Teem tres especies de dentes, e os mollares com excavações no esmalte apropriadas ao seu regimen vegetal.

O cerebro dos jumentados apresenta circumvoluções, e entre os animaes d'esta ordem contam-se alguns intelligentes, sem comtudo egualar os da ordem dos proboscideos, de que ultimamente nos occupámos.

Os jumentados dividem-se em tres familias: os *equidios*, os *rhinocerontes* e os *tapiros*.

OS EQUIDIOS

Les equidés, dos francezes

N'esta primeira familia dos equidios, ou *solipedes*, que quer dizer *só tem pés*, estão comprehendidos os animaes da ordem dos jumentados cujos membros terminam n'um só dedo, *monodidatos*, e este envolvido n'um casco, como o cavallo, a especie mais importante da familia.

Estes animaes teem a cabeça secca e alongada, olhos grandes e vivos, orelhas regulares ou grandes, pontudas e movediças, e as ventas muito abertas; o pescoço é forte e musculoso, o tronco arredondado, pellos macios, curtos e muito bastos, tomando grande desenvolvimento na parte superior do pescoço e na cauda. Possuem ouvido muito apurado, e o beiço inferior, sendo muito movel, serve-lhes de orgão de prehensão.

A familia dos equidios é formada d'um unico genero bem distincto, os *cavallos*, que comprehende seis especies: o *cavallo propriamente dito*, o *jumento*, o *hemione*, a *zebra*, a *cuagga*, o *dawn*, e os animaes hybridos, como o *mulo*, o mais notavel, que é o producto do cruzamento das duas primeiras especies.

Faremos seguidamente a descripção de cada uma d'estas especies.

O CAVALLO

Equus, de Linneo. — *Le cheval*, dos francezes

De todos os animaes domesticos, sejanos permittido o termo, nenhum parece ter sido destinado a acompanhar o homem por toda a parte como o cavallo, nobre e bravo companheiro na guerra, nos trabalhos e nos folguedos. A nenhum animal tambem deu o homem a sua estima como ao cavallo, cuja existencia, como animal domestico, se perde na noite dos tempos.

Não é conhecida a epoca em que o primeiro cavallo foi domado, nem o paiz onde este animal primeiro se empregou no serviço do homem, julgando-se todavia ter sido na Asia Central. No Egypto

encontra-se este animal representado nos mais antigos hieroglyphos; na Persia e na India, a historia aponta-nos o cavallo como companheiro do homem desde os tempos historicos; e dando credito ao que se lê nos antigos livros chinezes, o cavallo já era empregado nas expedições militares d'este povo, dois mil annos antes da nossa era.

Já Moysés dizia aos hebreus que na guerra não receiassem os cavallos dos inimigos, e que tivessem confiança no Deus de Israel. — Salomão possuia 400:000 cavallos de tiro e 12:000 de sella.

Na Europa a domesticidade do cavallo vae além dos tempos heroicos da antiga Grecia; e Homero, na Iliada, falando das numerosas coudelarias de Priamo, diz que Erichtonio, um dos antepassados d'este ultimo rei troyano, possuia 3:000 eguas e egual numero de pôtros.

Não iremos mais longe na nossa narração sem dar aos leitores a magnifica descripção, que se deve a Buffon, do cavallo e das suas qualidades.

«A mais nobre conquista que se deva attribuir ao homem é sem duvida a d'este bravo e fogoso animal, que com elle partilha das fadigas da guerra e da gloria depois do combate. Tão intrepido como o dono, conhece o perigo e affronta-o, afaz-se ao ruido das armas, ama-o, busca-o, e ouvindo-o cresce em impetos. Com o dono partilha da mesma fórma os prazeres da caça; e nos torneios ou na carreira, brilhante e cheio de fogo, mas sempre tão docil como corajoso, não se deixando dominar pelo ardor que o anima, sabendo reprimir os movimentos, não só obedece á mão que o guia, como parece consultar a vontade do cavalleiro. Obediente sempre ás ordens que recebe, parte na mais impetuosa carreira, modera o passo, estaca, executando tamsomente o que lhe mandam: é uma creatura que renunciando á sua propria existencia só vive da vontade alheia, sabendo até prevenil-a, executando-a promptamente, com a maior certeza nos seus movimentos. As impressões que recebe não o obrigam a ir além do que se deseja, nem dá mais do que se lhe pede: entrega-se sem reserva, a nada se recusa, emprega no serviço todas as suas forças, por vezes ultrapassa-as, e morre para não desobedecer.»

Linneo em poucas palavras descreveu o cavallo pela seguinte fórma:

«Animal herbivoro, raras vezes carnivoro; generoso, soberbo, fortissimo correndo, carregando e puxando; aptissimo para a equitação; fogoso na carreira; deleita-se nos bosques; chama a companheira rinchando; combate escoiceando.»

Diz-se que a arte de montar se deve aos scythas, hoje tartaros, que ao penetrarem na Thracia, de tal modo amedontraram os gregos, que estes os tomaram por seres metade homens e metade cavallos, affirmando-se ser esta a origem dos centauros da Fabula. Os mexicanos não sentiram menor espanto, e consideraram do mesmo modo os cavalleiros hespanhoes de Fernando Cortez.

Acerca da estirpe primitiva do cavallo, e das raças que vivem hoje em liberdade, independentes do homem, nas planicies da Asia e da America, vamos transcrever os seguintes periodos de L. Figuier, que, dando interessantes noções sobre este assumpto, mais se accommodam ás proporções d'esta obra.

«A epoca remota a que remonta a domesticidade do cavallo torna difficil determinar qual é a patria d'este animal. Por muito tempo se julgou ser a Arabia; mas os factos historicos e outras considerações tiradas da propria natureza do cavallo, tornam esta hypothese pouco provavel. Hoje tem-se o cavallo, geralmente, como originario da Asia, tendo apparecido pela primeira vez no grande plató central que occupa uma vastissima extensão d'esta parte do mundo, ou então a nordeste do Caucaso.

Não existindo hoje em parte nenhuma o cavallo montez, e sendo impossivel encontrar-lhe os primeiros vestigios nos tempos historicos, não se póde dizer com certeza qual fosse o ponto onde viveram os primeiros cavallos, como da mesma fórma não podemos indicar onde appareceram os primeiros bois, as primeiras cabras, os primeiros porcos, os primeiros carneiros, ou os primeiros cães.

Algumas raças de cavallos selvagens vivem, todavia, ainda hoje, nos desertos da Asia e nos pampas da America; mas todos os zoologistas são concordes em consideral-os como descendendo das raças domesticas, tendo recebido modificações nas formas e nos movimentos, modificações devidas á vida selvagem a que voltaram.

Quando se descobriu o Novo Mundo,

não existia em nenhum dos paizes n'elle comprehendidos animal algum do genero cavallo, encontrando-se hoje, pelo contrario, bandos consideraveis de cavallos selvagens, que no estado livre perderam os caracteres que deviam á educação primitiva. Estes cavallos, chamados *tarpans*, vivem em manadas de quinze a vinte individuos, formadas d'um unico macho, das eguas e dos pôtros.

Nos pampas do Paraguay, as manadas compõem-se algumas vezes de mais de dez mil individuos, conduzidos por um chefe, que marcha á sua frente nas excursões ou nos combates, e que deve a posição que occupa á sua maior coragem e força. Cada manada habita uma parte do paiz, que defende contra as invasões das hordas estranhas, e que só abandona levada pela escassez dos pastos, ou para esquivar-se aos ataques dos grandes carnivoros.

É espectaculo grandioso para o viajante assistir a essas emigrações dos cavallos selvagens, que atravessam as planicies do Novo Mundo, fazendo tremer o solo sob os seus passos cadenciados! Precedidos por exploradores, e dividido o bando em pelotões, formados d'um macho e das suas femeas, a columna viaja com segurança. Se pelo caminho encontram cavallos domesticos, convidam-n'os com relinchos a que se reunam ás suas phalanges errantes, recuperando assim a liberdade que perderam. Muitas vezes os cavallos domesticos, respondendo á chamada d'estes seus irmãos, correm a reunir-se á cohorte dos livres.»

Finalisamos n'este ponto a transcripção de Figuier, para darmos alguns periodos da descripção dos *tarpans* por A. Brehm, o qual só dá o nome de *tarpan*, e com elle outros zoologistas, ao cavallo selvagem das planicies da Asia, e para transcrever alguns periodos d'um livro d'Azara, ácerca dos cavallos selvagens da America do Sul, a que Brehm dá o nome de *cimarrones*.

«Os habitantes das planicies, que se dão á criação de cavallos, temem mais dos tarpans do que dos lobos, em vista dos destroços que aquelles lhes fazem. Tão depressa os tarpans avistam um vehiculo puxado por cavallos domesticos, que antes de amansados foram seus companheiros, correm a elles, e, conhecendo-os pelos relinchos, cercam-n'os, e a bem ou a mal levam-n'os comsigo. Pobre de quem estiver no vehiculo, porque por mais que grite e apezar das pancadas dos criados, os cavallos selvagens, furiosos, fazem pedaços a carruagem aos couces, e arrancando com os dentes os arreios aos seus antigos companheiros, dão-lhes a liberdade, conduzindo-os em triumpho alegres e relinchando.»

Acêrca dos cavallos selvagens que vivem na America do Sul, em grandes manadas, conta Azara o seguinte:

«D. Pedro de Mendoza aportando com uma frota em 1535 á hoje cidade de Buenos Ayres, fundou esta povoação, que breve foi abandonada pelos seus habitantes que emigraram para o Paraguay; mas tão precipitada foi a saida que não levaram comsigo as eguas todas que haviam trazido da Andaluzia e da ilha de Teneriffe, abandonando muitas.

D. João Garay, quando de novo povoou Buenos Ayres, em 11 de agosto de 1580, com sessenta individuos que comsigo trouxe do Paraguay, já alli encontrou numerosos cavallos selvagens, provenientes das eguas que alli haviam ficado abandonadas, e que os novos colonos trataram de domar. Os agentes do fisco oppozeram-se, com o fundamento de que estes animaes pertenciam ao rei, dando este incidente motivo a varios processos. Um vi eu, nos archivos do Paraguay, cuja sentença proferida em 1596 declara injusta a pretenção do fisco, determinando que os cavallos selvagens d'ahi em diante pertenceriam a quem d'elles se apossasse.

Eis a origem dos infindos cavallos selvagens que existem ao sul do Rio da Prata, que se estenderam até ao Rio-Negro, e segundo se pretende até mesmo aos pampas da Patagonia.»

Os cavallos selvagens da America, á maneira dos da Asia, ao encontrar os cavallos domesticos, dirigem-se para elles relinchando, e buscam trazel-os comsigo. Estes animaes formam manadas de 12:000 individuos, cada garanhão tem tantas eguas quantas póde reunir, e todas compõem a manada, sem chefe conhecido. Vendo um cavalleiro, caminham para elle em linha, uns atraz dos outros, cercam-n'o, e não é facil espantal-os, conseguindo quasi sempre que o cavallo domestico os acompanhe.

Quando os hespanhoes ou os indios querem assenhorear-se dos cavallos selvagens, obrigam-n'os a entrar n'um recinto fechado, a que dão o nome de cor-

ral, e então um cavalleiro armado com um laço, formado d'uma corda com uma bola de chumbo na extremidade, lança-o ao pescoço do cavallo, e assim subjugado arrasta-o para fóra do corral. Em seguida derribam-n'o, atirando-lhe um laço ás pernas, e ligam-lhe os pés, para poderem mais facilmente passar-lhe uma correia á bocca, que atam solidamente por baixo do beiço inferior, tendo-lhe previamente ferido as gengivas e os beiços para os tornar mais sensiveis a este freio improvisado e pouco resistente.

Põem-lhe depois uma sella e obrigam-n'o a levantar-se, sendo então montado pelo domador; tão depressa se vê solto, o animal parte a toda a brida, fazendo esforços inuteis para atirar fóra o cavalleiro, que não cessa de excital-o com as esporas, obrigando-o a correr por muito tempo, não só para o cançar como para poder apreciar a sua ligeireza e folego. No fim d'este tempo consegue trazel-o novamente ao corral aonde foi apanhado, sendo certo que está domado e pode reunir-se aos cavallos domesticos.

Os indios procuram sempre os cavallos novos para domar, aos dois annos e meio, porque os velhos são indomaveis.

Os cavallos da Asia podem domesticar-se da mesma forma, principalmente os que vivem nas vizinhanças do Caucaso, que se diz descenderem dos cavallos abandonados por Pedro o Grande, por occasião do cerco de Azoff, por lhe haverem faltado as forragens para sustental-os.

Além dos cavallos selvagens de que nos temos occupado, outros existem no norte da America e na Oceania, e n'alguns pontos da Europa vivem muitos d'estes animaes a que se não póde chamar domesticos, porque vagueiam uma parte do anno em liberdade. Existem na Islandia d'estes animaes, aos quaes os donos deixam vaguear em liberdade pela montanha, durante todo o tempo que d'elles não carecem; — os dos cossacos do Don, que vivem nos desertos da Ukrania, sendo necessario apanhal-os e prendel-os para se conseguir domal-os; — tambem os ha em França, nos terrenos pantanosos das boccas do Rhodano; e nas ilhas septentrionaes da Grã Bretanha, conhecidos pelo nome de *poneys de Shetland*, de que os indigenas só cuidam quando d'elles precisam para algum mister, ou para vendel-os, deixando-os todo o anno correr livremente pela floresta.

Depois de falarmos do cavallo vivendo em liberdade, vamos occupar-nos do cavallo domestico, cujos caracteres geraes já descrevemos quando tratámos dos equidios; accrescentaremos agora o que tivermos por mais interessante e util, dando a primazia ás seguintes linhas escriptas por Buffon, tratando da estructura do cavallo.

«O cavallo é, de todos os animaes de maior estatura, o que conserva melhor proporção e elegancia em todas as partes do corpo, e comparando-o com os outros animaes, que com elle possam ter alguma analogia, maiores ou mais pequenos, observa-se que o touro é mal feito, que o leão tem a cabeça demasiadamente volumosa, que o boi tem as pernas muito delgadas e curtas em relação ao corpo, que o camelo é disforme, e que os animaes maiores, o rhinoceronte e o elephante, não passam, por assim dizer, de grandes massas informes...

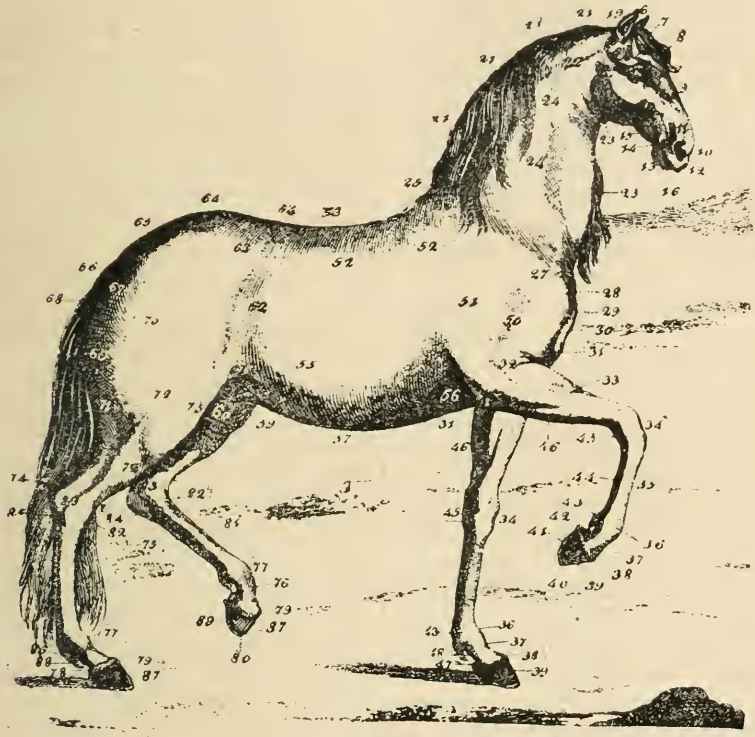
A regularidade das proporções da cabeça dá ao cavallo certo ar de ligeireza, que a belleza da taboa do poscoço não desmente. O cavallo parece pretender elevar-se acima da sua qualidade de quadrupede pelo levantado da cabeça, e n'esta attitude nobre olha para o homem cara a cara; os olhos são vivos e bem rasgados, orelhas bem feitas e de tamanho regular, sem ser curtas como as do boi, ou compridas em demasia como as do burro. A cabeça e o pescoço são bem guarnecidos pelas crinas, que lhe dão ares de valentia e arrogancia, e a cauda ramalhuda e roçagante termina-lhe o corpo vantajosamente.

Ao inverso da cauda curta do veado e do elephante, da cauda nua do burro, do camelo e do rhinoceronte, etc., a cauda do cavallo é formada de crinas longas e fortes, que parece nascerem da garupa, porque o côto aonde prendem é muito curto. Não póde, á maneira do leão, levantar a cauda, mas vae-lhe melhor caida; e podendo movel-a para os lados, serve-lhe para afugentar as moscas que o incommodam, porque não obstante a pelle d'este animal ser consistente, e bem coberta de pello espesso e cerrado, é todavia muito sensivel.»

Os nomes das differentes partes do corpo do cavallo parece-nos ser assumpto curioso e interessante, porque muitas vezes na conversação temos ensejo de empregal-os, e por isso os damos com a nossa gravura n.º 174.

Resta-nos, pois, para completarmos a descripção minuciosa dos caracteres do cavallo domestico, falar ácerca das diversas côres do pello e nomes porque se conhecem, signaes e andaduras naturaes.

«Todos os autores assentam, diz Andrade na sua *Luz da liberal e nobre arte de cavallaria*, de unanime accordo, em que os cavallos teem quatro côres produzidas dos quatro humores de que elles se compõem, a saber: *sangue*, *fleuma*, *colera* e *melancolia*. Os sanguineos são castanhos maduros, castanhos rodados, casta-



Gr. n.° 174. — Nomes de algumas partes do corpo do cavallo.

1, Lagrimal. — 2, Pupillas. — 3, Alvas dos olhos. — 4, Covas dos parietaes, ou olhaes. — 5, Ossos petrosos. — 6, Orelhas. — 7, Topete. — 8, Testa. — 9, Agulhas das ventas. — 10, Ventas. — 11, Membrana das ventas. — 12, Beiço superior. — 13, Beiço inferior. — 14, Barbada. — 15, Agulhas da queixada inferior. — 16, Bocca. — 17, Faces. — 18, Queixada superior. — 19, Nuca. — 20, Axilas, ou ganacha. — 21, Cernelha, ou crinas. — 22, Taboa do pescoço. — 23, Esofago. — 24, Jugulares. — 25, Cruz, ou agulha do thorax. — 26, Ponta superior da espadoa. — 27, Ponta da frente da espadoa. — 28, Clavicnlas. — 29, Peito. — 30, Cartilagens do peito. — 31, Ponta do osso externo. — 32, Junta do codilho. — 33, Cana do braço. — 34, Joelho. — 35, Canela do braço. — 36, Junta da quartela. — 37, Distancia da quartela. — 38, Corôa do casco. — 39, Tapa, ou cinta do casco da mão. — 40, Ponta do casco. — 41, Palma da mão. — 42, Talão. — 43, Machinho da quartela. — 44, Nervo principal do braço. — 45, Curva do joelho. — 46, Polpa do braço. — 47, Ranilhas, ou arnilhas. — 48, Travadouros da quartela. — 49, Codilho. — 50, Osso do braço. — 51, Polpa da espadoa. — 52, Costellas. — 53, Espinhaço. — 54, Logar dos rins. — 55, Ventre. — 56, Sovacos. — 57, Embigo. — 58, Verga. — 59, Testiculos. — 60, Bargadas. — 61, Virilhas. — 62, Ilhaes. — 63, Quadris. — 64, Ancas. — 65, Canal da garupa. — 66, Nascimento do cabo. — 67, Nadegas. — 68, Sabugo do cabo, ou cauda. — 69, Polpa da nadega. — 70, Polpa do femur. — 71, Curva da nadega. — 72, Tibia. — 73, Soldra. — 74, Jarrete. — 75, Nervo principal da perna. — 76, Comprimento do travadouro do jarrete. — 77, Junta do jarrete. — 78, Calcanhar. — 79, Corôa do casco do pé. — 80, Ponta do casco do pé. — 81, Canella da perna. — 82, Junta inferior do curvilhão. — 83, Junta superior do curvilhão. — 84, Junta da fórma, e polé. — 85, Junta do articular, e entre-osso. — 86, Machinho do jarrete. — 87, Tapa do casco do pé. — 88, Comprimento do travadouro do jarrete. — 89, Palma do pé.

nhos dourados, castanhos escuros, castanhos claros, castanhos pezenhos mais ou menos escuros, castanhos rosilhos, castanhos malhados, e sendo maior a parte castanha que a malhada, se deve entender influe mais n'elle o humor sanguineo. Os cavallos de todas estas côres são de bom temperamento, maiormente se elles teem a cauda, os braços e pernas dos joelhos e curvilhões para baixo tudo preto.

Os cavallos russos claros são fleumaticos, e da mesma fórma o russo queimado, o russo rodado, o russo cardão, o russo tordilho, o russo abatardado, o russo pezenho, o russo rosilho, o russo manchado e o russo sabino.

Os lazões são colericos, e n'elles domi-

na o fogo: ha lazão escuro, lazão alaranjado, lazão tostado, lazão melado, lazão dourado, uns mais escuros outros mais claros, ha lazão escuro e rabicão. Os que parecem melhores são o lazão tostado, o lazão escuro, o rabicão e o lazão alaranjado, maiormente se alguma d'estas côres é manchada de preto, ou bem rodada, tendo o cavallo as crinas ou da mesma côr que a do corpo, ou pretas, e da mesma fórma os braços dos joelhos para baixo e as pernas dos curvilhões para baixo.

Os murzellos são melancolicos. Ha murzello andrino, murzello rodado, murzello amelroado, murzello acastanhado, que teem alguns pellos castanhos nas virilhas, no ventre e nas ilhargas. Ha murzello manchado, ou mosqueado de branco e de castanho. Os que são malhados de castanho são bons, os que são mosqueados, ou nascem com estes signaes, são da mesma sorte bons, porém se as pintas são produzidas de os haver picado as moscas, teem a pelle molle e são ordinariamente frouxos.

Os pellos dos cavallos, de qualquer côr que sejam, devem ter a côr viva, sendo finos e de tal modo lustrosos, que em o cavallo trabalhando alguma coisa deve mostrar bem por toda a cutis as ramificações das veias. Os murzellos pardos de uma côr suja e desengraçada, os côr de rato com o pello grosso, como de boi, não provam bem: os totalmente brancos com pello grosso e arrepiado de ordinario provam mal, maiormente se elles teem as crinas e as sedas da cauda grossas e crespas.

Os salgados manchados, de ordinario, teem feia cara; os murzellos malhados de branco, os castanhos da mesma forma malhados, pela maior parte, são mais vistosos na pelle do que no prestimo.

Os cavallos baios, sopa de leite, zabellos, e de côres deslavadas com o pello grosso são quasi todos fracos, desengraçados e pouco vistosos; ordinariamente são dotados de um espirito cobarde, e de umas determinações muito desanimadas.

O signal branco que alguns cavallos teem no meio da testa, acima dos olhos, vulgarmente chamado *estrella*, é bom. Ao signal, ou laivo branco, que principia acima dos olhos no meio da testa, e acaba declinando para as ventas, se chama *silva*. Ao signal branco, largo e direito, que, principiando no meio da testa, e sem tocar os olhos, se estende até ás ventas, chamam *frente aberta*. O signal branco na verga dizem que é bom, e o mesmo dizem do pé esquerdo branco, e sendo ambos com algumas manchas ou arminhos, nos murzellos, castanhos e lazões brancos, e nos russos pretos, é melhor.

As moscas pretas e os signaes pretos nos cavallos russos são de ordinario um bom signal. As moscas brancas nos castanhos, murzellos e lazões tambem são bom signal, não sendo, como deixamos notado, produzidas por os haver picado as moscas emquanto novos. Sendo que todos estes signaes quanto a mim concorrem mais para fazer os cavallos vistosos, do que para prognosticar com infallivel certeza a sua boa ou má inclinação, e o seu prestimo.

A estrella, que principia a baixo dos olhos, é feio signal; e assim o é a silva que tem principio do mesmo logar, e se tiver manchas da mesma côr do pello do cavallo, a que chamam *sobresaltados*, é peior. A silva que se derrama do meio da testa para as queixadas é feia, e é tida por mau signal. Se o cavallo tem a meia queixada branca, a que chamam *falsalvo* é feio signal; e se fôr a esquerda dizem que é peior. Ao signal branco, que alguns cavallos teem, e lhes cobre toda a frente, e entra na bocca, chamam *mortalha*, *touca branca* ou *toalha*; os cavallos que teem as pontas dos labios brancas, dos quaes se diz *que bebem em branco*, são tidos por mal assignalados. Os cavallos que teem as alvas dos olhos faltas de fogo ou de côr, e ficam as sobreditas alvas sendo claras, e brancas, é tambem mau signal.

Da mesma sorte são ruins todas as nodoas brancas que alguns cavallos teem sobre as retinas, e alvas dos olhos, a que chamam *gazios*. E finalmente qualquer outro signal branco que tenham os cavallos dos olhos para baixo, segundo a geral opinião dos melhores cultores das mais distinctas raças, se devem reputar inteiramente por mau signal.

Ao cavallo que tem sómente o pé direito branco, chamam *argel*, ao que tem branco o pé e a mão direita, chamam *argel travado*; e o mesmo nome dão tambem ao que tem branco o pé direito e a mão esquerda; e quando é juntamente branco o pé e mão direita e mão esquer-

da, *argel trestavado*, ou *argel manalvo*, e áquelles que não teem signal algum chamam *zaino.*»

As andaduras naturaes do cavallo são o passo, o trote e o galope.

O *passo* executa-se em quatro tempos: o cavallo levantando, por exemplo, a mão direita, ergue em seguida o pé esquerdo, e depois a mão esquerda, seguindo-se o pé direito, e assim successivamente.

O *trote* tem dois tempos: o animal, suppondo-se que levanta a mão direita primeiro, ergue ao mesmo tempo o pé esquerdo, e descança ambos no chão a um tempo, levantando em seguida a mão esquerda e o pé direito, que executam egual movimento. O trote é andadura duas vezes mais rapida que o passo; mais violenta, porém, para o cavallo e para o cavalleiro.

O *galope* é formado de dois balanços, em que as mãos e os pés executam movimentos eguaes: as mãos levantando-se são immediatamente seguidas pelos pés, havendo um espaço, embora curtissimo, em que todos os quatro membros se conservam no ar.

Além d'estas andaduras naturaes, communs a todos os cavallos, ha as que elles adquirem pelo habito ou pela educação, e que são, entre outras, o passo travado, a andadura ou furta passo, e o entrepasso ou traquinado.

O *passo travado* executa-se á maneira do passo natural, a quatro tempos, á mão direita seguindo o pé esquerdo, e á mão esquerda o pé direito, com a differença dos movimentos serem mais rapidos e desembaraçados, mettendo o animal as pernas muito para debaixo do corpo.

A *andadura* ou *furta passo* é um meio de progressão em que os movimentos são mais rasteiros e rapidos de que no passo ordinario, bom na estrada plana, dando excellente commodo ao cavalleiro. Executa-se em dois tempos: o animal levanta e descança no chão a mão e o pé do mesmo lado e ao mesmo tempo; seguindo-se a outra mão e pé que executam identico movimento. Este modo de andar accusa muitas vezes doença ou cansaço do animal.

O *entrepasso* ou *traquinado* é andadura propria dos cavallos que não teem força nos rins, ou que por outras doenças tomaram este mau andar: consiste em mover as mãos como em furta passo e os pés como em trote ou em galope. Observa-se esta andadura na maior parte dos cavallos estropeados.

A velocidade do cavallo póde variar entre 1^m e $2^m,60$ por segundo.

«A conformação dos olhos do cavallo, diz Brehm, é tal, que lhe permitte estender a vista a grande distancia, em direcção horisontal, até mesmo quando anda a pasto, e embora não esteja comprehendido no numero dos animaes nocturnos, vê todavia de noite melhor que o homem. A membrana interior, ou choroidea, que reveste o fundo do olho, tem no cavallo o mesmo brilho que nos gatos.

O ouvido é apurado, e o animal tem a faculdade de melhor receber os sons pela grandeza e mobilidade das orelhas.

Pelo movimento das orelhas se póde apreciar não só o caracter do cavallo, como as suas impressões de momento: o cavallo quando caminha deve deitar as orelhas para a frente; se vae fatigado as orelhas caem-lhe; se o animal é vivo e esperto tem as orelhas arrebitadas e em constante movimento; os colericos ou manhosos trazem as orelhas, alternadamente, uma deitada para diante outra para traz.

O cavallo que agita constantemente as orelhas para todos os lados, principalmente se é ao mesmo tempo reparador, franzindo as palpebras superiores, e com o olhar ora fixo ora incerto, é medroso e espantadiço. O cavallo que, fitando as orelhas, quer cheirar a pessoa que se lhe aproxima, é manso, dado, e recebe bem as caricias que lhe façam. Os cavallos que teem a bocca secca não provam tão bem como os que conservam a bocca humida, enchendo-se de escuma ao contacto do freio.

As fossas nasaes do cavallo são amplas, e as ventas apropriadas a receber a impressão das particulas odoriferas a grande distancia. O cavallo tem o olfato extremamente apurado; presente o homem a meia legua de distancia, e descobre ao longe o sitio onde houver agua. E' sabido que as caravanas dos arabes, dos tartaros e dos mongoes, e bem assim os pastores hespanhoes nos areiaes de Caraca [1], aproveitam a grande finura de olfato do cavallo para descobrir algum deposito d'agua ignorado. Durante os quarenta annos que os hebreus passaram no deserto, por muitas vezes lhes foi recurso o instincto d'es-

[1] Ilha situada na costa sul de Hespanha, a 10 kilometros ao SE. de Cadiz, com 5:000 habitantes.

tes animaes para terem agua. Os cavallos americanos escarvam a terra com os pés para descobrir a nascente cuja existencia o seu instincto lhes denunciara.»

«E' mais delicado na escolha dos alimentos, diz Menault na sua obra *A intelligencia dos animaes*, de que o maior numero das especies herbivoras. O gosto no cavallo é mais perfeito, e o beiço superior, pela sua grande mobilidade, póde palpar e reunir os alimentos. A pelle é dotada de grande sensibilidade, possuindo a faculdade de poder enrugar-se para expulsar os insectos nocivos ou incommodos.»

A voz, que tem o nome de *rincho*, consiste n'uma serie de sons entrecortados, ao principio muito agudos, seguindo-se gradualmente outros mais graves, todos, porém, muito claros e sonorosos. O rincho modula-se pelas sensações, pelos desejos e pelas paixões, dando ensejo a que se possam distinguir cinco especies de rinchos, bem distinctos.

1.° O que exprime contentamento: n'este os sons crescendo progressivamente alcançam o tom mais forte e mais agudo; o animal salta, parecendo querer arrojar-se sobre a pessoa que lhe estiver em frente, sem comtudo pretender maltratal-a.

2.° O que exprime desejo: os sons então prolongam-se, tornando-se mais graves.

3.° O que denota colera: é curto, agudo, entrecortado; o animal arremessa-se diligenciando fazer mal com as mãos se é vigoroso, e morder se é mau.

4.° O produzido pelo medo: é grave, rouco, parecendo sair-lhe do nariz; e curto como o antecedente.

5.° O causado pela dôr: é um gemido, uma especie de tosse suffocada, cujo som grave e surdo acompanha os movimentos da respiração.»

O cavallo possue, em alto grau, a memoria dos logares, sabendo conhecer, melhor que o homem, o caminho por onde uma vez tenha passado. Certo de que se não engana, desobedece obstinadamente ao dono que quer leval-o por caminho errado. O cocheiro ou o cavalleiro podem adormecer tranquillamente, que o cavallo irá seu caminho; e mais d'um cocheiro embriagado, conduzindo o trem em noite escura, deveu a vida ao instincto do cavallo.

Este animal, passados annos, conhece a estalagem onde uma vez tenha descançado, e ás vezes ao avistal-a mostra o seu contentamento rinchando, e lá vae parar sem que o mandem. Parece que duvidando que o dono se recorde tão bem como elle da casa que lhe deu hospitalidade, quer fazer-lh'a notar; mas se o não deixam deter-se, segue o caminho tranquillamente, como se tivera comprehendido que se o dono alli não entrou foi por não querer. Como prova de que não é o instincto que o guia, basta vêr que nunca pára á porta da estalagem onde pelo menos não tenha descançado uma vez.

O cavallo tem excellente memoria, e ha bastantes factos que são provas irrecusaveis d'esta asserção. Conta Dupont que um cavallo do carro de Cuvier, tendo um dia escorregado n'uma chapa de ferro que havia na rua de Mont-Blanc, hoje Chaussé d'Antin, chapa das que servem para fechar as pequenas aberturas que vão dar aos canos, nunca mais deixou de se desviar rapidamente para qualquer dos lados, ao avistar alguma, evitando assim pôr-lhe os pés.

O illustre e virtuoso Kosciusko viveu muito tempo em Soleure, na Suissa, e um dia, querendo mandar de presente uma garrafa de excellente vinho a um pobre pastor das vizinhanças, desejando furtar-se-lhe aos agradecimentos, encarregou um rapaz de lh'a levar, e como o caminho fosse extenso emprestou-lhe o cavallo que habitualmente montava. O rapaz, na volta, quando veiu dar conta a Kosciusko do modo por que desempenhara a commissão, accrescentou sorrindo-se: — Para a outra vez peço-lhe o favor de me não emprestar o cavallo sem ao mesmo tempo me dar a sua bolsa. —Porque? perguntou Kosciusko—Porque o seu cavallo mal avista um mendigo, ainda que vá a galope, pára subitamente, e não ha nada que o obrigue a continuar o caminho sem que se dê esmola ao pobre. Pode calcular o embaraço em que me vi, dizendo-lhe que não trazia commigo um real, e que para me sair d'este aperto tive por todo o caminho de imitar o gesto de quem dá esmola.» Este habito do cavallo denunciava bem os habitos piedosos do dono!

O cavallo lembra-se do antigo dono e reconhece-o annos depois; corre para elle, rincha, lambe-o, e busca, n'uma palavra, manifestar do melhor modo que sabe a alegria de que está possuido.

Montado por pessoa estranha, não dei-

xa de notar immediatamente a substituição, voltando a cabeça para se certificar. Conhece a voz do tratador e obedece-lhe. Sae da cavallariça para ir ao sitio onde está a agua, para ser arreado, ou mettido ao carro, seguindo o cocheiro como um cão. Se o cocheiro é novo olha attentamente para elle, e faz o mesmo ao cavallo com que de novo o emparelhem. Tudo quanto vê pela primeira vez lhe chama a attenção, e uma carruagem nova é para elle caso importante. Se devisa um objecto que pelo tamanho, pela fórma ou pela côr, lhe dá na vista, corre para elle, cheira-o e examina-o.

«Em 1809, refere Huzard, professor da escola d'Alfort, os tyrolezes, por occasião d'uma das suas insurreições, aprisionaram quinze cavallos bavaros, e montaram-n'os; mais tarde, n'um encontro que tiveram com o esquadrão d'um regimento do mesmo paiz, os cavallos, ao avistarem o uniforme dos seus antigos cavalleiros, metteram a toda a brida, levando os tyrolezes, e não obstante os esforços dos insurgentes dirigiram-se para as fileiras dos bavaros, que aprisionaram os cavalleiros tyrolezes.»

As qualidades intellectuaes do cavallo, a sua mansidão, até mesmo a sua bondade, tornam-n'o apto para aprender tudo quanto se póde ensinar ao elephante, ao burro e ao cão. Os diversos exercicios que se ensinam aos cavallos que figuram nos circos, dão-nos idéa de quanto este animal é susceptivel de ser educado.

Outras muitas provas da sua intelligencia se poderiam citar. «O cavallo, diz Scheitlin, adivinha enigmas, responde ás perguntas que lhe fazem, dizendo sim ou não com a cabeça, diz as horas que são batendo com as mãos. Não perde nenhum dos movimentos das mãos ou dos pés do dono, comprehende os diversos movimentos do chicote, a palavra, necessita emfim ter na cabeça um pequeno diccionario. Á voz do dono faz-se doente, inteiriça as pernas, deixa pender a cabeça, cáe desamparado no chão, fingindo-se morto, e então pódem assentar-se-lhe em cima, puxar-lhe pelas pernas ou pela cauda, metter-lhe os dedos nas orelhas, que são extremamente sensiveis, sem que se mova, até que nova ordem o mande levantar e continue na sua andadura, sendo bem certo que nada d'isto o diverte; saltar e correr são exercicios mais do seu agrado.

Quanto tempo é necessario para ensinar um cavallo a atravessar um arco de papel, que para elle representa uma parede? E quando no circo assistimos aos diversos exercicios, não é o homem que mais nos admira: é o cavallo. Que o homem queira e possa aprender, não nos surprehende; mas espanta-nos que seja o cavallo que o faça. Não se deve pergun tar o que o cavallo póde aprender, é melhor dizer: o que ha que elle não possa aprender?

O cavallo tem noções das distancias, e aprende a andar a passo, a trote, a galope e a dançar; sabe medir o tempo, e conhece a manhã, o meio do dia e a tarde. Distingue os sons; como o soldado gosta do som do clarim, e ao ouvil-o, bate impaciente e alegre com os pés no chão quando toca a avançar ou quando o chama ao combate. Conhece os sons do tambor, e qualquer outro, finalmente, que lhe desperte a coragem ou o medo. O ruido da artilheria é seu conhecido, mas não lhe apraz ouvil-o, quando tem visto os companheiros derribados. Da mesma fórma não gosta do estrepito da trovoada, e é provavel que a tempestade lhe seja desagradavel.

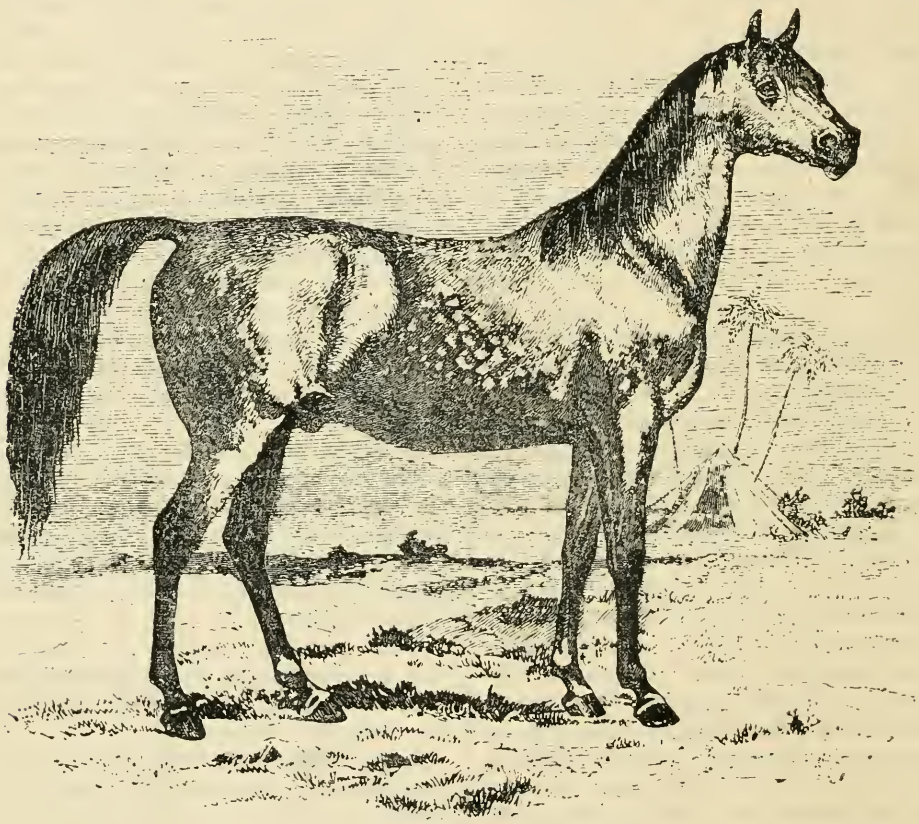
E' accessivel ao medo: qualquer ruido a que não esteja costumado, um objecto desconhecido, um panno que veja fluctuar, o amedrontam. Observa attentamente o terreno por onde caminha quando é escabroso, e entra n'agua com toda a cautela.»

Como prova da sensibilidade d'este animal, e da dedicação de que é susceptivel, parece-nos bem contar o seguinte facto, que lêmos em Brehm:

Um cultivador de Simeon possuia um cavallo muito velho, com os dentes por tal forma gastos, que já não podia mastigar o feno e menos triturar a avêa, sendo alimentado por dois cavallos que com elle viviam na mesma cavallariça. Estes dois animaes tiravam da grade o feno, mastigavam-n'o e em seguida punham-n'o em frente do cavallo velho, fazendo o mesmo com relação á avêa, que trituravam até tornal-a bem miuda, e que depois collocavam ao alcance do animal enfermo. Houve bastantes pessoas que foram testemunhas d'estes actos de dedicação, que, por mais que admirem os nossos leitores, são rigorosamente verdadeiros, e foram-nos contados por pessoa que temos por digna de todo o credito.

Contam-se actos maravilhosos da affeição e dedicação de muitos cavallos. Alguns tem havido que inclinando-se pezarosos sobre o cadaver dos donos, observam-n'os e choram-n'os, não querendo abandonal-os, e conservando-se fieis até na morte. Na batalha, arrojam-se entre os cavallos dos inimigos e tomam parte activa na luta.»

«Tem-se visto, diz Scheitlin, o cavallo agarrar o dono prestes a afogar-se, para ajudal-o a salvar, e outro recuando dar ensejo ao dono de retirar o pé preso no estribo. O cavallo que vive com gente boa torna-se docil e manso, e na sociedade dos homens maus faz-se mais brutal. Entretanto nem todos possuem os mesmos instinctos, e se uns são doceis e dados, outros são viciosos, falsos e velhacos. Uma vez um cavallo, que estava para ferrar, deitou-se subitamente ao ferrador, derrubando-o com uma cabeçada, e calcando-o aos pés; arrancaram-lh'o lavado em sangue.»



Gr. n.º 175 — O cavallo arabe

A gestação na egua dura de dez mezes e meio a um anno, e o animal só tem de cada vez um filho, que nasce com pello, podendo logo ter-se em pé e andar momentos depois.

«O potro nove dias depois de nascido póde acompanhar a mãe, diz Brehm; deixa-se mamar durante cinco mezes, permittindo-se-lhe n'este tempo que corra e brinque livremente; em seguida desmama-se a pouco e pouco, depois de o haver ensinado a comer.

Desmamam-se os potros, geralmente, aos seis mezes, e addiciona-se então ás forragens, avêa e fava pisadas. A semea, que muitos creadores teimam em darlhes, é mau alimento para os potros; comem e gostam muito de cenouras que lhes são muito convenientes na epoca de os desmamar. Durante todo o tempo em que o animal se está creando póde deixar-se de lhe dar ração, e então a alimentação parece menos despendiosa; como, porém, dando-se-lhe uma ração mode-

rada de cevada ou avêa se consegue ganhar um anno no seu completo desenvolvimento, a alimentação com o grão não é finalmente muito mais cara, e obtem-se melhor cria.

A ração diaria que se deve dar a um potro de um a dois annos, creado em cavallariça, é aproximadamente a seguinte:

Feno	2^k,500
Palha	3^k,500
Avêa ou cevada, alternadamente	4 litros

Segundo a edade e força do animal estas dóses soffrem augmento relativo, e assim ao cavallo que está no seu quarto anno devem dar-se-lhe as dóses seguintes:

Feno	7 kilos
Palha	7 »
Avêa ou cevada	8 litros

No primeiro anno o cavallo cobre-se de pello lanoso, e tem as crinas curtas, hirtas e crespas, e a cauda da mesma forma. No segundo anno os pellos tornam-se mais luzidios, as crinas e a cauda crescem e fazem-se mais lisas.

A edade dos cavallos conhece-se pelos dentes incisivos, e é de grande importancia conhecel-a, porque augmentando o valor do animal á medida que se aproxima a epoca em que póde prestar melhores serviços, perde-o quando vae caminhando para a velhice.

Os cavallos teem quarenta dentes, e as eguas trinta e seis; os dentes dividem-se em 12 incisivos, 4 presas ou colmilhos e 24 molares ou queixaes.

Cada maxilla tem seis dentes incisivos, seguidos de duas presas, uma de cada lado, que muitas vezes faltam nas eguas, principalmente os da maxilla inferior, e de seis queixaes por banda. Entre as presas ou colmilhos e os queixaes existe um espaço vasio, que corresponde ao angulo dos beiços, as *barras*, onde se colloca o freio. Os incisivos teem nomes especiaes: chamam-se *pinças* aos dois mais da frente em cada maxilla, *medios* aos dois lateralmente immediatos, e *cantos* ou *angulares* aos ultimos.

O potro nasce, em geral, sem dentes na frente, tendo apenas dois queixaes de cada lado, nas duas maxillas. Seis até oito dias depois apparecem as pinças, que, como já sabemos, são os dois incisivos do meio, e no correr do primeiro mez um terceiro mollar; os *medios* dos trinta aos quarenta dias, e entre os seis mezes e meio e os dez saem-lhe os *cantos* e o quarto queixal. A primeira dentadura está completa, e os dentes de leite conhecem-se pela sua pequenez, por serem muito brancos, e mais estreitos na base, circumstancia que se não dá nos dentes *substituintes*, que são mais largos.

A segunda dentadura começa dos dois annos e meio para os tres; e as pinças são os primeiros que caem e são substituidos; dos tres annos e meio aos quatro acontece o mesmo aos medios, começando a apparecer as presas inferiores. Os cantos são substituidos dos quatro annos e meio aos cinco, as prezas superiores furam então as gengivas, e apparece o quinto queixal.

De maneira que um cavallo que tiver tres annos, deve ter quatro dentes incisivos d'adulto, ou substituintes; o que tiver quatro annos, oito; e o de cinco annos, deve ter todos.

Na superficie da corôa dos incisivos substituintes, como já existia tambem nos de leite, ha uma cavidade que desapparece á maneira que os dentes se gastam pelo uso, a que se chama *rasamento*, circumstancia por onde se póde conhecer a edade do cavallo, pela fórma seguinte:

Nos dentes de leite a cavidade desapparece aos dez mezes nas pinças inferiores, nos medios aos doze, e nos cantos aos vinte e quatro mezes, e diz-se que estão rasos.

Os dentes substituintes, ou de adulto, estão rasos: as pinças aos seis annos, aos sete os medios, e aos oito os cantos, e diz-se então que o cavallo está cerrado.

D'aqui por diante só se pode julgar aproximadamente da edade do cavallo pelo comprimento, configuração dos dentes, côr, etc., não cabendo nos limites d'esta obra entrar em mais amplas explicações.

«Não é facil marcar a media dos annos que pode viver o cavallo, variando, no dizer de Brehm, segundo o paiz em que vive, e os habitos dos povos que melhor ou peior sabem d'elle tratar. Termo medio pode calcular-se de quinze a trinta annos.

Pode, porém, chegar aos quarenta; mas de ordinario é tão mal tratado que aos vinte annos está velho. Alguns teem chegado aos cincoenta annos (diz Buffon), sessenta e cinco e até setenta (diz Plinio), e Old Billy, um cavallo de que existe a cabeça

no museu de Manchester, passou dos sessenta e dois annos.

Eis um exemplo recente da longevidade do cavallo. Em novembro de 1862 morreu o decano dos cavallos do exercito inglez, *Bob, o crimeano*. Sentou praça n'um regimento de hussards em 2 de outubro de 1833, e depois de longos annos de paz, sempre em serviço, fez a campanha da Criméa, tomando parte na memoravel carga de Balaklava, e nas batalhas de Alma e de Inkermann. De volta a Inglaterra, o general em chefe não quiz que o vendessem, e foi-lhe concedida uma reforma honrosa, dando-se-lhe quartel na caserna do deposito do regimento.

O cavallo que o marechal Lecy montava na guerra da Turquia, foi por ordem do imperador da Austria tratado com todos os cuidados até morrer, e chegou aos quarenta e seis annos. O bispo de Metz tinha um cavallo com cincoenta annos, que poucos dias antes de morrer ainda fazia trabalhos leves.

Os viajantes que visitam Tzarskoë-Selo, povoação situada a 21 kilometros de S. Petersburgo, não suppõem, a maior parte, que n'um extremo da bella propriedade imperial existe um estabelecimento, provavelmente o unico na Europa, e talvez no mundo, o hospital imperial dos cavallos invalidos, que tiveram a honra de ser montados por suas magestades czareanas. Existe, é verdade, em Inglaterra, um estabelecimento analogo a este, para os cavallos dos particulares reconhecidos aos serviços que lhes prestaram; mas não se encontra aqui, como no estabelecimento russo, um cemiterio com monumentos e as suas inscripções. As pedras tumulares estão alinhadas com rigor, e cada uma tem o nome do animal, que assim se desejou perpetuar, o do soberano que o tornou illustre, muitas vezes a data do nascimento e a da morte do animal, e n'algumas lêem-se factos historicos. N'uma d'estas sepulturas ha um epitaphio em russo, onde se lê que alli jaz o cavallo, ou antes o *amigo*, que Alexandre I montava por occasião da sua entrada em Paris, á frente dos exercitos alliados.

Este singular hospital é perfeitamente administrado: cada um dos cavallos tem o seu compartimento bastante confortavel, é bem tratado e alimentado, e de tempos a tempos deixam-n'o ir passear no vasto prado coberto de relva, e fechado por uma palissada, que fica a um dos lados do cemiterio.

Os srs. Blanchard e Augusto Jourdier viram em Tzarskoë-Selo cinco pensionistas, um dos quaes bem conservado, com quanto tivesse dezesete annos: era a famosa egua ingleza *Victoria*, que o imperador Nicolau tanto gostava de montar.

Em geral os cavallos que fazem o serviço pessoal dos imperadores da Russia vivem muitos annos, pelo excellente tratamento que se lhes dá. E' preciso ver as cavallariças para se poder fazer uma idéa. O actual director, o barão de Mayendorff, estribeiro-mór, tem por ajudante um inglez chamado Mons ou Mors, muito habil na arte de ferrar, sendo bem sabida a influencia que pode ter na duração do cavallo a boa ferragem. Em 1859, no hospital dos cavallos invalidos de Tzarskoë-Selo, existia ainda um animal de vinte e cinco annos, que tinha o garbo d'um potro.»

Comquanto o cavallo forme uma unica especie, está esta dividida em raças, que se distinguem por modificações constantes da sua forma e volume, além das suas aptidões especiaes e que transmittem á geração.

Segundo a opinião do distincto zoologista A. Brehm, á frente dos povos que mais estimam o cavallo devem collocar-se os arabes, os turcos e os persas; depois os inglezes e os hespanhoes, em terceiro logar os francezes, os alemães, os italianos, os portuguezes e os dinamarquezes.

Não nos admirou ver os portuguezes collocados em terceiro logar, e os penultimos na ordem da designação; surprehendeu-nos porém a citação, pela raridade do facto.

Não cabe nas proporções d'esta obra tratar largamente das raças cavallares; entretanto á sombra do que referem alguns autores, dedicaremos algumas linhas á descripção resumida das principaes raças, começando pela arabe, o typo ideal do cavallo, e a primeira do mundo.

Raças arabes.— Estas raças fornecem os melhores cavallos do mundo, e quando estes são de sangue puro, pódem considerar-se como o typo mais perfeito da especie, não só no physico como no moral.

O cavallo arabe tem a cabeça larga e chata, quasi quadrada, pescoço direito, ventas largas e muito abertas, bocca pequena, orelhas curtas, direitas, um tanto

curvas na ponta e movediças ; largos peitoraes, membros seccos e nervosos, e unha rija ; sob a pelle lisa e de pello curto, desenham-se as numerosas veias que lhe percorrem o corpo em todos os sentidos. Este animal é, de ordinario, russo, tornando-se branco com a edade, havendo porém individuos pretos, baios e alazões ; o pello fino e sedoso, com lindos reflexos doirados ou prateados, tem todo o brilho do setim. Estatura variavel de entre 1,^{m}45 a 1,^{m}56.

Nenhum outro cavallo tem ao mesmo tempo a força e agilidade d'este animal, que, apezar da sua sobriedade, póde fazer habitualmente oitenta kilometros por dia. Vigoroso, ligeiro e bom, podendo transmittir aos seus descendentes tão preciosas qualidades, não ha raça nenhuma que não tenha a ganhar com a mistura de tão nobre sangue, ainda mesmo aquellas que pela estatura e pelas fórmas differem consideravelmente.

O arabe não estima o cavallo só pela belleza das fórmas, e antes mais lhe quer pelas qualidades ; não são os mais bellos que escolhe para propagar a raça, e muitas vezes o cavallo de sangue puro não tem a belleza e fórmas que póde ter um mestiço. Vem aqui a proposito dizer que o famoso *Godolphin*, cavallo arabe, que mais principalmente serviu de origem á actual raça cavallar ingleza, nada tinha de bello, e foi comprado por quantia insignificante em Paris, onde puxava a carroça d'um aguadeiro, e trazido d'aquella cidade para a coudelaria de lord Godolphin.

«Os arabes, diz Brehm, estão firmemente convencidos que desde tantos seculos os cavallos se conservam puros, e teem o maior cuidado na sua reproducção, para evitar qualquer mistura de sangue estranho. É uso entre elles que nunca o macho se reuna á femea senão diante de testemunhas, e esta circumstancia repete-se quando a femea pare. O possuidor d'um garanhão deve emprestal-o a quem lh'o peça para cobrir egua de raça, e sendo os bons garanhões muito estimados, os donos das eguas fazem viagens de centos de leguas para lhes trazer as eguas, recebendo em troca o dono uma certa quantidade de cevada, um carneiro, e um odre de leite. Levar dinheiro é deshonroso, e o que tal fizer fica sujeito a que lhe digam que *traficou com o amor do cavallo*, injuria grave entre os arabes. O dono, porém, tem direito a recusar o prestimo dos seus garanhões para eguas de raça somenos, facto que raras vezes se dá, porque este povo, melhor de que nenhum outro, é conhecedor de cavallos.»

A genealogia dos cavallos entre os arabes, principalmente quando se trata de animaes de nobre estirpe, ou da raça que elles chamam *Kohchlani*, faz-se com a authenticidade que por vezes se não póde dar á das familias mais distinctas da nossa nobreza. Dão os arabes á nobre raça de que falámos dois mil annos de existencia, e vão-lhe buscar a origem ás coudelarias de Salomão.

«Durante a gestação, o arabe, diz Brehm, trata a egua com o maior desvelo, mas não a poupa ao trabalho senão nas ultimas semanas. Chegada a occasião do parto são chamadas as testemunhas, como já dissemos, para se provar a filiação do potro.

Este é tratado com todos os cuidados, e desde os primeiros dias vive na tenda do arabe, fazendo, por assim dizer, parte da familia. Por isso os cavallos arabes podem considerar-se verdadeiros animaes domesticos, como o cão, e podem deixar-se sem receio na mesma habitação com as creanças. Vi uma egua brincar com os filhos do dono, como brincaria com creanças um cão grande : eram tres rapazes, e d'elles o mais pequeno apenas se sustinha em pé, que brincavam com este intelligente animal, qual d'elles fazendo-lhe mais diabruras, e elle deixava-se ficar, ou ainda mais, parecia prestar-se aos caprichos das creanças.

Durante a lactação, o potro mama não só o leite da mãe, como o da camela. Mal os dentes lh'o permittem, dão-lhe cevada pisada e que fôra antes remolhada ; depois de desmamado pasta a melhor herva, sendo, todavia, a cevada o seu principal alimento.

Aos dezoito mezes principia a educação do nobre animal, que dura até á adolescencia. É primeiro uma creança que o monta, que o leva a beber agua, ao pasto, que o limpa, d'elle cuida, e assim aprendem ambos, o potro e a creança, um a ser um bom cavallo de sella e a outra um destro cavalleiro. E nunca o moço arabe obriga o potro que lhe confiam a mais do que lhe permittem as forças. A educação principia no campo e continua-se na tenda ; o homem sempre attento aos menores movimentos

do animal, trata-o com amor e carinho, sem comtudo lhe consentir uma maldade, ou uma desobediencia.

Aos dois annos põe-se-lhe a sella pela primeira vez, guardadas todas as precauções, leve quanto seja possivel, e o freio guarnecido de lã, muitas vezes molhado com agua e sal, para que o cavallo se habitue mais facilmente. Aos tres annos augmenta-se-lhe o trabalho, vae-se habituando a usar da força que tem, e não se lhe recusa quanto alimento quizer. Só aos sete annos, porém, se considera o cavallo feito, e d'aqui vem o proverbio arabe: *Sete annos para meu pae, sete annos para mim*, e *sete annos para o meu inimigo*.

Ninguem, como os arabes, acredita na influencia da educação no cavallo, e por isso dizem: *Que o cavalleiro faz o cavallo como o marido a mulher*».

O arabe estima em primeiro logar a egua, e é necessario que um cavallo tenha qualidades superiores para que no seu entender a possa egualar. Quando o chefe da familia se arrisca n'uma empresa difficil ou perigosa, é ao cavallo e não ao homem que os seus desejam toda a casta de felicidades; se este morre é menor o pezar do que vendo-o voltar a pé, porque o animal fosse morto ou ficasse em poder dos inimigos; n'este caso os gritos e os lamentos não teem fim, e o lucto dura mezes.

Para melhor dar uma idéa do que é para o arabe o cavallo, ao qual não dirige uma expressão offensiva nem maltrata, que vive na mesma casa, e partilha até da mesma cama, que dirige e manda mais com a palavra do que com o castigo, que finalmente é o seu orgulho e o seu thesouro mais precioso, é necessario que digamos que esta estima, baseada nas qualidades superiores do animal, na sua sobriedade que lhe permitte supportar as maiores fadigas apezar da parcimonia dos alimentos, e na affeição pelo dono, é ainda augmentada pelas lendas, pelas poesias e pelos proverbios, que existem aos milhares, em que se narra, canta-se e se põe em relevo o merito d'este animal.

«A lenda diz, e os sacerdotes repetem, que quando o Todo Poderoso quiz crear o cavallo, disse ao vento do Sul: «De ti vou formar um novo ser, que me fará honra. Condensa-te, pois, deixa a tua fluidez, e reveste-te d'uma forma visivel. Este ser será amado e estimado pelos meus escravos, e temido por todos que seguem os meus preceitos».

O certo é que o vento obedeceu, e que o Creador tomando uma porção d'este elemento tornado corporeo, bafejou-o com com o seu halito, e fez o cavallo.

« — Vae, corre por essas planicies, disse então o Creador ao animal, serás para o homem manancial de riquezas e gozos, e a gloria de te domar fará parte dos brilhantes feitos que elle tem a cumprir. Creei-te e não te dei similhante. Todos os thesouros da terra estão nos teus olhos. Calcarás a pés os meus inimigos, e trarás sobre o teu dorso os meus servidores. Será esse o pedestal d'onde devem partir as preces que subirão até mim. Deves ser feliz no mundo, o teu logar é acima de todas as outras creaturas, e serás o encanto dos grandes da terra. Voarás sem azas e vencerás sem espada!»

Mahomet fez do amor aos cavallos preceito religioso « — Ganharás tantos dias de indulgencia, quantos forem os grãos de cevada que deres cada dia ao teu cavallo.»

Entre os proverbios, citaremos dois, que encontramos referidos por Brehm, assim como a lenda que acabamos de transcrever.

« — O cavallo é a mais bella creatura depois do homem; o mais nobre dos misteres é educal-o; o mais bello gozo montal-o; a melhor das occupações domesticas, tratal-o.

« — O paraiso na terra é o cavallo, os livros doutos, e o coração da mulher.» Note-se que das tres coisas, a primeira é o cavallo.

Os arabes distinguem grande numero de raças cavallares; cada paiz tem a sua, a que se attribuem qualidades differentes. Com quanto seja difficil obter um garanhão arabe, é entretanto mais facil do que haver uma egua, que o arabe não vende ao estrangeiro por preço nenhum.

Raça persa. Os cavallos persas eram já celebres muitos seculos antes dos arabes, diz Brehm: «Eram tidos como os mais aptos para a guerra, e formaram a melhor cavallaria do Oriente. Os cavallos persas de raça pura eram tão estimados, que os reis enviaram-n'os como offerta de grande preço, e os parthas, querendo tornar os deuses propicios por um sacrificio dos mais solemnes, immolavam-lhe um

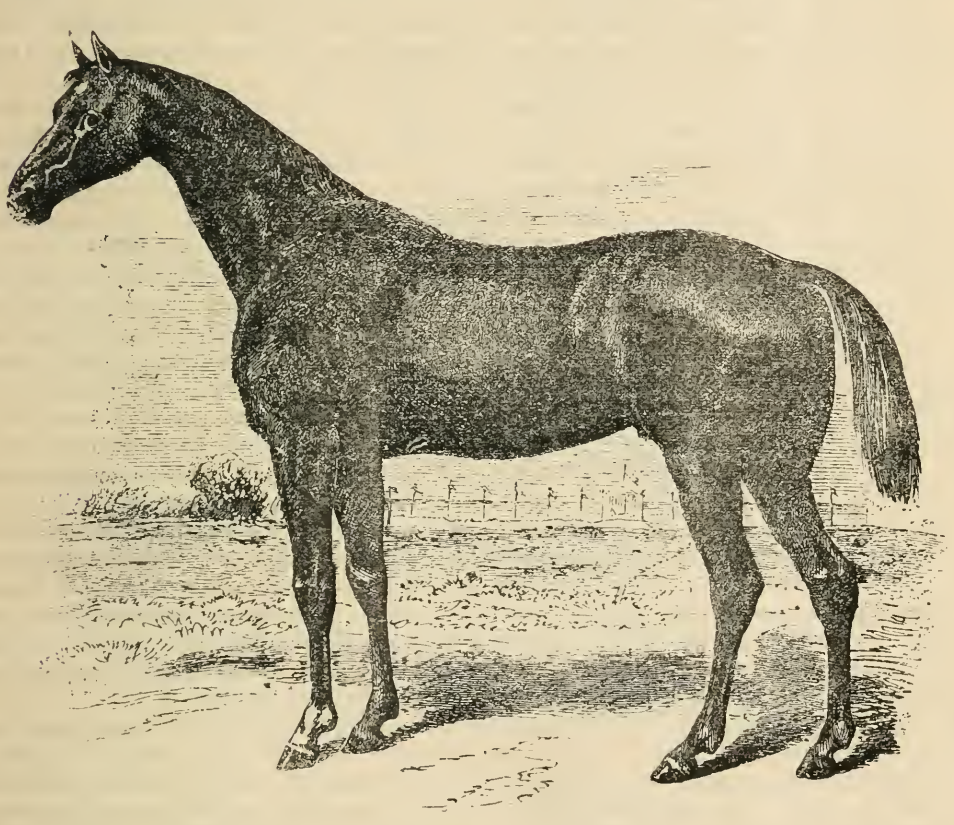
d'estes animaes. A raça não degenerou, e ainda nos nossos dias é tida como uma das mais perfeitas.

O cavallo persa tem muitas affinidades com o arabe, sendo-lhe superior na belleza das fórmas: a cabeça é mais estreita e a garupa mais bem feita. Com quanto ao principio ganhe em velocidade ao cavallo arabe, este passar-lhe-ha adiante n'uma corrida que se prolongue.

Raça turca — É o producto do cruzamento do cavallo arabe e do persa. Os animaes d'esta raça teem o corpo mais comprido e a garupa mais horisontal que o primeiro, e a cabeça similhante á d'elle. Pelas qualidades aproxima-se mais do cavallo persa.

A raça turca serviu de origem aos cavallos de sangue puro inglezes, como se vê dos nomes *Bierley turc* e *Helmsley-turc*, que em Inglaterra tiveram as melhores familias de corredores.

Raça barba. — O cavallo barbo, ou da Barbaria, que provém principalmente de



Gr. n.º 176 — O cavallo de corridas inglez

Marrocos, parece descender do cavallo arabe, pois que mais que nenhum outro d'elle se aproxima pelo vigor, folego e rapidez na carreira; é todavia arisco, e difficil de montar.

As formas do cavallo barbo são lindas, principalmente a volta do pescoço, tornando-se um bello cavallo de manejo, e um dos melhores typos de cavallo de batalha, qualidades que lhe são attribuídas desde tempos remotos. São conhecidos os gabos que os romanos dispensavam á cavallaria numida.

Durante a campanha da Criméa, os cavallos francezes e inglezes eram dizimados, emquanto que os barbos, montados pelos caçadores d'Africa, resistiam melhor.

Raças inglezas. Dos cavallos inglezes, o primeiro a considerar é o cavallo de corridas, o *puro sangue*, que provém da raça arabe introduzida em Inglaterra, e que ahi tem soffrido as modificações devidas ao clima e á educação, que o tornam apto para o serviço do hyppodromo. Os caracteres typicos do cavallo corredor inglez são os da raça arabe, diffe-

rindo d'esta apenas por caracteres secundarios que permittem distinguil-o. O cavallo inglez é de maior estatura, tem o corpo mais alongado e menos torneado do que o arabe, falta-lhe a graça e a flexibilidade nos manejos, e o trote é aspero a ponto de ter obrigado a adoptar-se uma forma especial de montar, chamada á ingleza. E' finalmente rebelde aos manejos de equitação, mau cavallo de sella, e especialmente apto para a corrida em caminho direito.

O primeiro garanhão estrangeiro introduzido em Inglaterra, de que haja noticia pelas antigas chronicas saxonias, foi o *Turco branco*, comprado por Jaques I a um tal Place, depois chefe das coudelarias de Cromwell. Villiers, primeiro duque de Buckingham, introduziu depois o *Helmsley-Turc* e mais tarde o *Fairfax-Morocco*. Em geral, porém, a genealogia do cavallo inglez data do principio do seculo XVIII, de *Darley-Arabian*, oriundo da Syria, que alcançou grande reputação.

Vinte annos mais tarde, lord Godolphin admittiu, na sua coudelaria, como já dissemos,o celebre cavallo arabe Godolphin, comprado em Paris a um vendedor d'agua. Um dos filhos de *Godolphin*, por nome *Loth*, foi um dos primeiros cavallos do seu tempo.

E' conhecido até onde chega em Inglaterra o gosto ou antes o furor pelas corridas de cavallos, que o governo anima destinando premios quantiosos aos cavallos vencedores, e que dão ensejo a apostas avultadissimas entre os *sportmen*. A genealogia dos cavallos celebres conserva-se em Inglaterra com o mesmo cuidado que entre os arabes, e os nomes d'estes heroes do hyppodromo guardam-se, bem como o dos seus ascendentes e descendentes, com todo o escrupulo.

Entre os cavallos celebres de Inglaterra, que descendesse de *Darley-Arabian*, citaremos apenas o *Éclipse*, o typo mais perfeito do cavallo de corridas, que em velocidade não teve outro que o vencesse, pae de numerosos filhos, contando-se trezentos e trinta e quatro cavallos, que em diversas occasiões ganharam os melhores premios nas corridas, dando a seus donos a somma total de cento e sessenta mil libras. N'este ponto *Éclipse* encontrou ainda assim quem o excedesse, e *King-Herod*, tambem descendente de *Darley-Arabian*, deixou quatrocentos e noventa e sete filhos, vencedores em grande numero de corridas, e ganhando, na totalidade, somma superior a duzentas mil libras.

As raças inglezas comprehendem, além do cavallo puro sangue, de que falámos, o *hunter*, cavallo de caça, meio sangue; excellentes cavallos carroceiros, de sella, de carga, tendo os inglezes sabido creal-os para todas as especialidades do serviço. Entre as diversas raças existe uma, a que já nos referimos, nas ilhas de Shetland, ao norte da Escossia, que differe muito das outras, fornecendo cavallos vigorosos, bons corredores, mas tão pequenos, que alguns não excedem o tamanho d'um cão da Terra Nova.

Raças francezas. Os cavallos francezes gozaram na antiguidade de grande fama, e já os romanos, antes das conquistas de Cesar, conheciam e apreciavam bastante os cavallos gaulezes. Na edade media já existiam os cavallos normandos, fortes e ageis, hoje muito estimados; e os limosinos eram tidos como excellentes cavallos de parada; havia ainda magnificos cavallos de tiro no Franche Comté, e optimas facas em Auvergne, no Poitou e em Bourgogne.

Com a extincção do feudalismo em França, começou a degradação das raças cavallares, principalmente devida ao desapparecimento das coudelarias dos ricos senhores; e tendo a revolução franceza abolido e destruido algumas que ainda existiam, e as guerras da Republica e do Imperio dizimado quasi todos os cavallos que restavam, as bellas raças indigenas foram quasi destruidas.

Nos ultimos quarenta annos teem-se dedicado em França á creação do cavallo, procurando restabelecer as antigas raças nacionaes, melhorando-as pelo cruzamento com os garanhões arabes e barbos; e o gosto pelas corridas, que os francezes foram buscar aos seus vizinhos de além da Mancha, tem contribuido bastante para o aperfeiçoamento do cavallo em França.

Raças alemãs. Os cavallos alemães, de grande estatura, solidos, ligeiros, e bem feitos, proveem do cruzamento das eguas indigenas com garanhões inglezes, arabes, barbos e hespanhoes. O commercio de cavallos na Alemanha é consideravel, e é a este paiz que a França vae buscar os cavallos que lhe faltam, principalmente para a sua cavallaria, vindos do Holstein e de Mecklembourg, fornecendo este ul-

timo paiz excellentes parelhas de cavallos finos de tiro.

Raça hespanhola. O cavallo andaluz é de todos o que tem maiores affinidades com o cavallo arabe, e desde o tempo dos romanos que é tido como excellente para cavallaria, chegando a ser considerado como o primeiro cavallo da Europa. Nos fins do seculo XVI o cavallo hespanhol era o cavallo de sella por excellencia, e nenhum como elle reunia á agilidade o equilibrio e garbo que se requeriam na alta escola de equitação. Eram procurados para melhorar em toda a parte as raças cavallares destinadas aos exercitos, e ainda hoje é tido como um excellente cavallo de parada e de sella.

Na descripção que se segue das raças portuguezas, melhor encontrarão os leitores descripto o fino cavallo andaluz.

Raças portuguezas. Com relação aos cavallos portuguezes, nada poderiamos dar de melhor aos nossos leitores, dentro dos limites d'esta obra, do que o artigo sobre este assumpto devido ao notavel professor de zootechnia do instituto, o sr. Silvestre Bernardo Lima, publicado no *Recenseamento geral dos gados em* 1870.

«Indicar e bem descrever as raças de cavallos que actualmente se produzem em Portugal, não nos parece coisa facil.

Afigura-se-nos que existem dois typos: um que denominaremos e se denomina geralmente com o nome de *galliziano*, e outro a que chamaremos *betico lusitano* que é o mais geral e mais commum por todo o paiz; distinguindo-se entre si estes dois typos por differenças morphologicas da cabeça, costado, garupa, membros e estatura.

Typo galliziano. — Cabeça grossa, pelo geral mais curta que comprida, amartellada, ganachuda, de orelhas pequenas e direitas; costado ligeiramente arredondado, dorso e rins curtos e largos: garupa um tanto horisontal e mais vezes larga que estreita, de ancas grossas, sensivelmente pontudas (angui-boiúnas); cauda de sabugo grosso bem crinada de grossas crinas; membros pelo geral menos mal aprumados, grossos de osso e pelle, de espadoas um tanto direitas, e de ordinario machinhudos; estatura pelo mais commum abaixo de 1m,32.

Todos os gallizianos são em geral de rija tempera, sobrios, muito ciosos e rufões por indole.

É no norte do paiz e principalmente na provincia do Minho o solar d'este typo, solar que se estende por Hespanha dentro da Galliza ás Asturias, provincias vascongadas e Navarra.

A este typo se filia, ou com elle tem muita affinidade uma casta de cavallos que se produzem nas provincias de Portugal e Hespanha, limitrophes ao solar antecedente e mesmo n'esse solar, e aos quaes o veterinario hespanhol D. Pedro Zurznello dá o nome de castelhanos. Produzem-se similhantes cavallos em Hespanha, principalmente nas provincias de Leão e Castella. Em Portugal produzem-se alguns no Minho, mais por Trás-os-Montes e por alguns pontos da Beira encostados ao Douro.

Os cavallos de que se trata teem a conformação dos gallizianos, mas distinguem-se d'elles por mais elevada estatura que deita á marca (1m,48) e ás vezes acima d'ella, por terem o costado um tanto estreito, pescoço delgado, e serem pelo geral esquerdos ou estacados de aprumos. Entram como boas bestas de carga nos moleiros e almocravarias, constituindo os mais descompassados nas fórmas as arricólas beiroas.

Typo betico-lusitano. — Cabeça delgada ou secca, direita ou um tanto acarneirada, de regular comprimento (peccando mais vezes por comprida que por curta), de orelhas regulares, bem collocadas e delgadas; pescoço mais ou menos grosso, direito ou um tanto rodado, e de boa volta e bem crinado; costado ligeiramente arredondado tirante a chato, dorso um pouco ensellado; garupa regular, não pontuda de ancas e um tanto descaida; cauda de baixa inserção bem crinada e de crinas finas; ventre um pouco volumoso; membros um tanto acurvilhados, os de traz, espadoas não mui obliquas, antebraços um pouco curtos, canellas um tanto compridas, e assim tambem por vezes as quartellas; estatura variavel de entre 1m,38 a 1m,56.

Os cavallos d'este typo, embora folhões, são castiços e de boa indole, não teem porém a rija tempera dos gallizianos.

O solar de sua producção abrange a vasta extensão da Betica e Lusitania dos romanos, a provincia da Andaluzia e Estremadura hespanhola, e por todo o Portugal de hoje, principalmente as provincias do sul. E' o typo mais geral do reino. Mas ha a distinguir n'elle as castas finas e as castas communs, e em cada uma

d'ellas os cavallos maiores e menores da marca.

Nas castas finas comprehende-se a producção selecta em que, a par da boa escolha de reproductores, corre a creação bem cuidada dos productos. Como exemplares typicos das castas finas aponta-se em Hespanha o fino cavallo andaluz, e entre nós o cavallo fino de Alter que d'elle procede, e que assim descrevemos nos nossos estudos hippicos [1]; cavallo de cabeça um pouco quadrada, suave e ligeiramente acarneirada, ligada a um pescoço airoso e pulchricomo, saindo de um rolo de corpo bem proporcionado, de alta agulha, um pouco ensellado, largos peitoraes, costado quasi redondo, ventre regular, garupa um tanto inclinada, ancha e musculosa, terminada por uma cauda grossa e bem farta de crinas, isto tudo sustentado por quatro membros, um tanto curvos atraz, bem grossos e musculosos em cima, mas seccos e nervudos dos curvilhões e joelhos abaixo, peccando por menos antebraço e mais crescidas canellas, o que facilita ares de manejo de passo levantado, mas pouco progressivo em locomoção, estatura entre 55 e 58 pollegadas, animo, pujança e graça de um nobre alfario, um tanto folhão sem ser arisco, eis em summa o que foi e é ainda o bom cavallo andaluz e o bom cavallo de Alter, os melhores exemplares das castas finas do typo que analysamos.

N'estas castas finas os que não deitam á marca constituem ainda assim lindas cavalgaduras que se chamam facas.

As castas communs, produzindo-se mais sujeitas ás influencias naturaes que aos cuidados do homem, tendo os caracteres geraes do typo,são mais bastas ou menos esveltas nas fórmas, accusando porém seus topicos de differença segundo as localidades da sua producção, que faz distinguir os cavallos beirões dos ribatejanos, uns e outros dos alemtejanos, sendo estes os melhores de todos. Os beirões distinguem-se dos das provincias do sul, principalmente por maior comprimento do corpo, cabeça tambem mais comprida, estreita, de olhos pequenos e pouco aflorados, antebraços e pernas mais compridos, mas pouco musculosos, ancas saidas, mas a garupa um tanto estreita para traz (almendrada como dizem os hespanhoes), coxas chatas e até deprimidas, fraca unha atirando a palmicheia, isto sobretudo no gado campino. »

Todos sabem quanto o cavallo, ainda depois de morto, é util ao homem: aproveita-se-lhe a pelle, os ossos, a crina, e n'alguns paizes a carne, que faz parte da alimentação publica. Na Prussia e nos paizes do norte da Europa de ha muito que se come a carne do cavallo, e em Paris, e n'algumas cidades do norte da França, a carne d'este animal é já hoje um precioso recurso, e entra em parte considerave! na alimentação das classes mais pobres.

[1] *Archivo Rural*, vol. VI, pag. 62. anno de 1864.

O JUMENTO

Equus asinus, de Linneo — *L'ane*, dos francezes

Á maneira do cavallo, o jumento é servidor e auxiliar do homem. Humilde e desprezado, é tambem á parte mais humilde da humanidade, aos desprotegidos da fortuna, que presta principalmente os seus serviços mais importantes, em condições economicas a que de certo o cavallo não poderia resistir. E' um animal sobrio, rustico, soffredor, que affronta a miseria, contentando-se com as hervas mais agrestes para alimento, e uma pouca d'agua para beber, com tanto que seja clara e pura.

« Para que se ha de desprezar, diz Buffon, este animal tão bom, tão soffredor, tão sobrio, tão util? O homem despreza, até mesmo nos animaes, os que melhor o servem, e com menor despendio. Educa-se o cavallo, cuida-se d'elle, ensina-se, exercita-se, emquanto o pobre do jumento, entregue aos tratos grosseiros do ultimo dos criados, ou ás diabruras das creanças, longe de se aperfeiçoar, só tem a perder pela má educação que recebe; e por certo que, se não fôra tão grande o fundo de excellentes qualidades que possue, as perderia pela maneira porque o tratam.

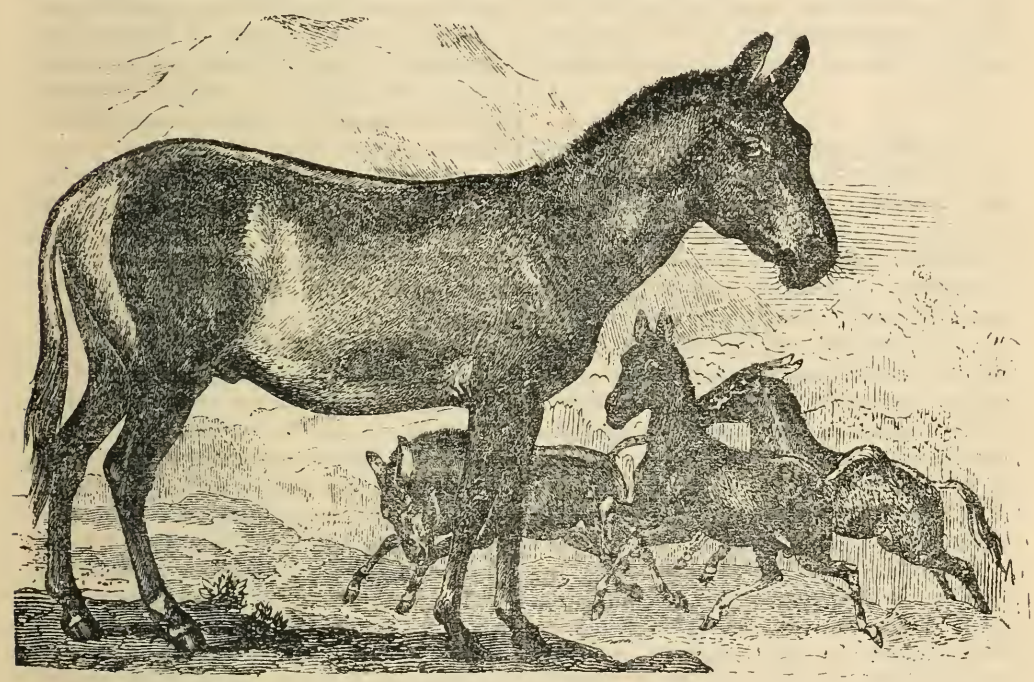
E' o joguete, o alvo das zombarias e a besta de carga do camponio, que o conduz de pau na mão, sobrecarregando-o sem dó nem consciencia, e ainda por cima espancando-o a todo o instante. Não se lembram, os que o maltratam, que o jumento seria considerado pelo homem o melhor, o mais util dos animaes, se o cavallo não existira.»

O typo montez d'este animal, conhecido pelo nome de *onagro*, vive ainda hoje nos desertos da Asia, e os tartaros chamam-lhe *koulan* ou *choulan*. O ona-

gro era muito conhecido dos antigos: encontra-se citado nos livros de Moysés, e d'elle se faz menção na Biblia.

O jumento montez é maior que o jumento domestico, tem as orelhas mais pequenas que as d'este, e pellos tezos e bastos nos beiços. O pello é branco prateado nas partes inferiores e interiores do corpo, e nas superiores e externas isabel; um pouco mais escuro na cabeça, aos lados do pescoço, nas ilhargas e na parte inferior dos membros. A crina é preta, e ao longo do dorso corre-lhe uma risca côr de café, que se alarga na garupa, e que sobre as espadoas é atravessada por outra que só se encontra nos machos. O pello é ainda mais macio e sedoso que o do cavallo, e de inverno póde comparar-se á lã do camelo, sendo de verão fino e liso.

O onagro parece habitar ainda hoje o paiz proximo das boccas do Indo, estendendo-se até á Persia. O jumento montez tem os mesmos habitos do cavallo selvagem, e nas suas viagens reunem-se em grandes bandos, atravessando os vas-



Gr. n.º 177. — O onagro

tos desertos da Asia sob a direcção dos chefes, cumprindo as suas ordens com a mais surprehendente pontualidade. Se os lobos os atacam, formam-se em circulo, pondo no centro os mais novos e os velhos, e defendendo-se com as mãos e os dentes, deixam mal feridos os seus aggressores, levando quasi sempre a melhor. Se escapam, porém, aos lobos, outro inimigo mais temivel se apresenta, o homem, que não só se apossa d'elles, usando de armadilhas, para melhorar as raças domesticas, como tambem para lhe aproveitar a pelle, de que se faz marroquim conhecido pelo nome de *chagrin*. Entre os tartaros a carne d'este animal passa por excellente, e até mesmo por ser manjar dos mais delicados.

A rapidez do onagro na corrida é extraordinaria, e diz-se superior á dos cavallos melhor corredores; todos os autores antigos asseveram este facto.

O ouvido, a vista e o olfato são tão apurados que não é possivel ninguem aproximar-se-lhe; é sobrio, e bebe agua quando muito um dia sim outro não.

Os onagros domesticados fornecem os melhores jumentos de sella, de que se servem na Persia e na Arabia: conservam a belleza, o garbo, a rapidez e a sobriedade dos selvagens, e vendem-se muito caros.

Além do onagro existe no norte da Africa, nas planicies a leste do Nilo, outra raça de jumentos montezes, grandes, pardos cinzentos ou isabel, com o ventre mais claro ; o risco ao longo do lombo e o que atravessa este nas espadoas muito pronunciados, a face externa das pernas cortada de riscos negros transversaes, o que deixa ver n'elles os intermediarios entre os jumentos e as zebras, crina curta e pouco basta, e o tufo que termina a cauda comprido e bem fornecido de pello.

Vive este animal á maneira do onagro, em bandos compostos d'um macho, e de de 10 a 15 femeas, que o guia defende quando seja necessario. Sendo tão prudente como desconfiado, torna-se difficil apanhal-o.

A raça do jumento domestico, ao qual se não conhece exactamente o sólar primitivo, qualquer que seja o tronco de que provenha, é certo que tem sido melhorada pelo cruzamento com o onagro e o jumento do norte da Africa, e que a domesticidade d'este animal data de tempos remotissimos, tendo-a alguns autores por mais moderna que a do cavallo. O jumento domestico, segundo alguns zoologistas, foi trazido da Arabia para o Egypto, onde este animal é conhecido ha muito, d'este paiz para a Grecia, generalisando-se na Italia, França, Alemanha, e principalmente na peninsula iberica.

O jumento domestico, que se encontra na Europa, principalmente nos paizes do norte, pelo desprezo com que é tratado, não havendo o menor cuidado em lhe melhorar as raças, não se pode comparar ao que se encontra no Egypto, na Persia e na Arabia, onde estes animaes são bonitos, espertos, rijos, prestando tão bons serviços como o cavallo, se não mais. Alli trata-se de conservar as raças tão puras como as dos cavallos, e o jumento é bem tratado, não sendo obrigado desde pequeno a trabalhos com que não pode.

A Hespanha e a Grecia são os paizes da Europa onde se encontram os melhores jumentos domesticos, com quanto não egualem os do Levante, principalmente os da Persia e do Egypto.

Ao jumento actualmente existente nos nossos paizes, podem applicar-se estas palavras de Oken:

O jumento domestico está por tal forma degradado pelos maus tratamentos, que em nada se assimilha aos seus antepassados. E' mais pequeno, pardo cizento menos vivo, e as orelhas são maiores e molles. A coragem transformou-se em teima, a velocidade em lenteza, a vivacidade em indolencia, a prudencia em toleima, o amor da liberdade em paciencia, e o valor na resignação com que soffre os maus tratos.»

Todos os sentidos do jumento são bastante apurados, mas principalmente o ouvido, sendo depois d'este a vista o seu sentido mais desenvolvido, seguindo-se o olfato ; o tacto parece ser mediocre, e o gosto nada apurado, o que o torna mais facil de contentar do que o cavallo, em materia de alimentação. A intelligencia do jumento não é tão curta como a muitos se lhe afigura, e vem a proposito contar a seguinte anecdota que lêmos em Brehm, narrada por Hesinius.

«Ha annos um dos meus amigos, viajando pela Italia, encontrou ao pôr do sol, atravessando um bosque, um d'esses pelotiqueiros que andam de terra em terra exhibindo uns tantos animaes habilidosos. Vinha na frente um jumento, que marchava a passo grave, o qual ouvindo dizer ao homem *pára*, estacou rapidamente, e á voz de *escuta*, arrebitou as orelhas, e poz-se á escuta.

Só lhe falta responder-te, disse-lhe o meu amigo ; palavras não eram ditas já o burro lhe respondia, com a sua voz alta e pouco sonorosa. O espectador incredulo ria a bom rir, quando o saltimbanco, para o confundir, atirou ao chão com as vinte e quatro letras do alphabeto, que o jumento juntou sem hesitar, formando as seguintes palavras, para as quaes apontava com a mão: *és um tolo.*

Então o burro ria, e com elle os outros animaes, e o farcista do pelotiqueiro ; só o meu amigo, longe de lhes seguir o exemplo, ainda hoje se mostra enfadado todas as vezes que narra a historia.»

Tem o jumento memoria excellente, sendo notavel a maneira porque conhece o caminho por onde já passou, ou o logar onde já esteve uma vez.

Na *Vida dos animaes*, conta a seguinte anedocta J. Franklin, que pela sua respeitabilidade merece inteiro credito:

«Em março de 1866, um jumento que pertencia ao capitão Dundas foi embarcado em Gibraltar a bordo da fragata *Ister*, com destino a Malta. Tendo o navio batido nos bancos d'areia, perto da ponta de Gat, a alguma distancia da praia, dei-

taram o burro ao mar, dando-lhe assim ensejo de poder alcançar a terra. A sorte do pobre animal não era das mais risonhas, porque o mar era tanto que virara um bote que haviam arriado.

Dias depois d'este facto, uma manhã, ao abrir-se as portas de Gibraltar, o jumento entrou e foi parar á porta da cavallariça de um negociante da cidade, chamado Weeks, onde o animal por muito tempo estivera.

Qual foi porém a surpresa do honrado negociante ao ver o jumento! Acreditou que, por qualquer motivo que ignorava, o animal não tinha embarcado a bordo do *Ister*, e só á volta do navio soube a verdade. Não só *Valiente*, assim se chamava o jumento, conseguira, nadando, alcançar a praia são e salvo como tambem sem guia, sem compasso e sem carta geographica, encontrára o caminho da ponta de Gat até Gibraltar, n'uma distancia superior a duzentas milhas, que nunca percorrera antes d'esta aventura, havendo a notar que o paiz é montanhoso, aspero, e cortado por numerosos ribeiros. Pelo curto periodo da viagem, deixou o animal perceber que não tinha perdido tempo, transviando-se no caminho.»

O jumento é muito sobrio, contenta-se com o peior alimento: a herva e o feno que o boi desdenha, que o cavallo recusa, são para elle verdadeiros acipipes; gosta dos cardos e das plantas espinhosas; é difficil porém de contentar na agua de beber, recusando-a toda a vez que não seja limpa. Embora seja salgada, ou até mesmo amarga, a condição essencial é que esteja limpa.

«Nos nossos paizes, diz Brehm, a epoca do cio no jumento é na primavera e no principio do verão, mas para o sul é todo o anno. O garanhão declara o seu amor á jumenta pelos orneios, que repete cinco ou seis vezes, seguidos por uma duzia de suspiros: é uma declaração a que a jumenta não resiste. Se é a jumenta que primeiro se deixa ouvir, opera-se um alvorôto em todos os jumentos da vizinhança, e o garanhão mais proximo, sentindo-se lisonjeado por aquelles meigos e suaves sons, que lhe são dirigidos, julga-se obrigado a responder, e zurra com todas as forças. Vem então segundo que o imita, depois terceiro, quarto, e dez e mais lhe seguem o exemplo: todos zurram fazendo um barulho infernal, capaz de ensurdecer quem os ouvir.

E' uma demonstração d'affecto, ou gritam pelo prazer de gritar? Eis uma pergunta que deixo sem resposta; notando, porém, que um unico d'estes animaes é sufficiente com os seus orneios para obrigar a que o imitem todos quantos o ouvirem zurrar. Parece que os burriqueiros do Cairo encontram prazer em ouvir a voz dos jumentos que conduzem, porque excitam-os, obrigando-os a dar os seus formidaveis *hi-hau*, imitando-lhes o zurrar; ás vezes basta que o homem faça *hi hi* para que um dos jumentos se encarregue do resto, e todos os outros o imitem: jubilam então os burriqueiros com similhante musica.

Aproximadamente onze mezes, ou duzentos e noventa dias depois da fecundação, a jumenta tem um filho, rarissimas vezes dois, que nasce com os olhos abertos, ao qual a mãe lambe com todo o carinho, e que meia hora depois já mama. Aos cinco mezes póde ser desmamado, mas durante muito tempo a cria anda atraz da mãe. Em quanto novo, o animalzinho de nenhuns cuidados especiaes carece; como os paes come tudo que lhe dão, é pouco sensivel ás mudanças atmospphericas, e raras vezes está doente. E' n'essa epoca um animal vivo e alegre, que manifesta o seu bom humor aos saltos e ás cabriolas. Corre alegremente na frente dos outros jumentos, e começa a habituar-se ao homem.

Quando o separam da mãe, a ambos custa a separação; oppõem-se-lhe os dois, e dão testemunho da sua dôr nos gritos e na agitação. A mãe, em caso de perigo, defende o filho, sacrifica-se por elle, arriscando-se á agua ou ao fogo para salval-o.

Aos dois annos o jumento é já adulto, mas só aos tres dispõe de todo o seu vigor, e não obstante os duros misteres a que o obrigam, consegue attingir edade avançada, havendo alguns que chegam aos 40, 50 e até mesmo aos 56 annos.»

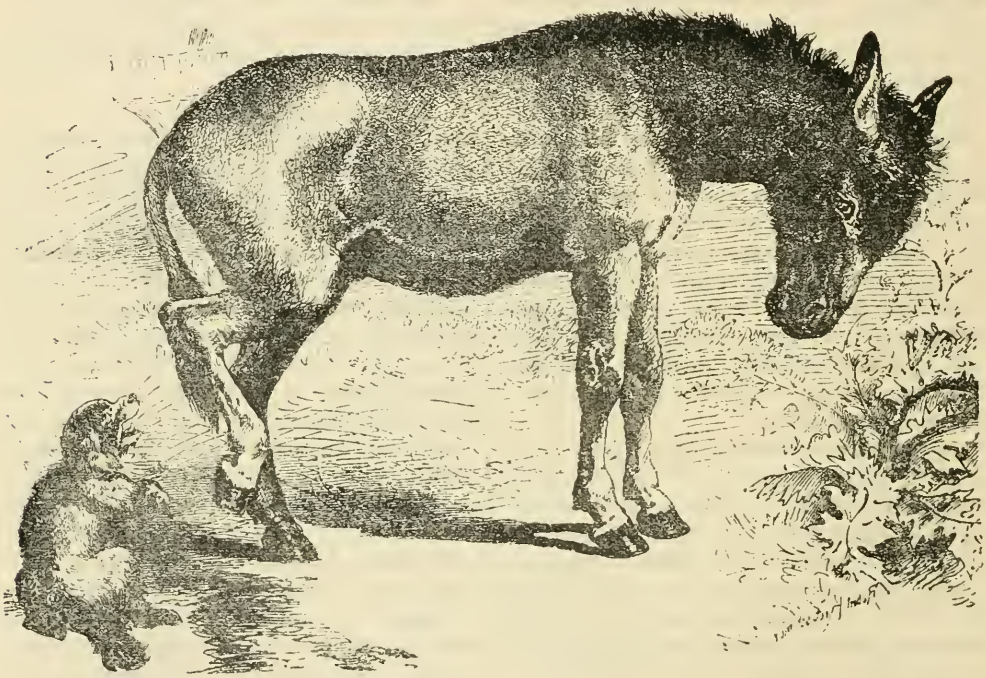
Nos paizes do oriente, e na Africa, o jumento vive regularmente até depois dos 30 annos; na Europa, porém, não vae além dos 12 ou 15.

Além dos serviços que este animal nos presta em vida, — e que nenhum dos nossos leitores desconhece, tendo-se de certo aproveitado d'elle em mais d'uma occasião como meio de transporte, muito

usado em todos os paizes do sul da Europa, em muitos pontos da Asia e na Africa, chegando a haver no Egypto, segundo uma estatistica que vimos, 8:000 burriqueiros, e d'estes só no Cairo 6:000, — ainda nos fornece um alimento bastante util em certos casos, o leite da jumenta.

«O uso do leite da jumenta, refere Brehm, tão geralmente adoptado na Europa, e que todos os medicos recommendam ás pessoas debilitadas e aos doentes do peito, foi introduzido em França por um judeu, passando-se o caso da seguinte fórma:

— Francisco I era muito debil, e as fadigas da guerra reunidas aos excessos trouxeram-lhe um tal estado de languidez, que se aggravava todos os dias, resistindo a quantos remedios tomava. Falaram então ao rei n'um judeu residente em Constantinopla, ao qual se attribuia a sciencia de curar estas enfermidades, e Francisco I deu immediatamente ordem ao seu embaixador na Turquia para obter que o doutor israelita viesse a Paris, cus-



Gr. n.° 178 — O jumento domestico

tasse o que custasse. Veiu o medico, e por unico medicamento receitou o leite de jumenta, remedio facil, que tão util foi ao rei, e que toda a côrte adoptou.»

Depois de morto ainda este animal é util. A pelle dura e elastica emprega-se em diversos usos, sendo um d'elles para tambores, e para crivos depois de furada.

O MULO

Equus mulus — Le mulet, dos francezes

Os muares são nos equidios um producto hybrido, geralmente infecundo, que resulta do cruzamento das duas especies cavallar e asinina, sendo mais commum o que é filho da egua e do jumento, a que se chama *eguariço*, do que o da jumenta e do cavallo, que se denomina *asneiro*. Quando o muar é de pequeno corpo, não chegando á marca, tem o nome de *machego*.

O mulo tem a estatura e as fórmas da egua, e herda do pae o comprimento das orelhas, a cauda pouco provida de crina, a rijeza de pernas e a saude robusta.

Os muares reunem todas as qualidades dos paes: teem a sobriedade e a paciencia do jumento, a força e a corajem do cavallo. E' animal de grande utilidade como besta de carga, de lavoura, de tiro,

e até mesmo de sella, principalmente em sitios montanhosos e por caminhos asperos e declivosos, podendo o cavalleiro fiar-se na solidez dos membros do animal e na sua prudencia.

Na America do Sul o mulo presta valiosos serviços identicos aos do camelo na Asia; e no meio-dia da França, em Hespanha, e n'algumas das nossas provincias é de grande utilidade á agricultura, fazendo o trabalho que geralmente é dado ao boi.

Em Hespanha, e tambem entre nós, o mulo é muitas vezes empregado como animal de tiro, sendo mais apreciada a femea do que o macho, tendo por isso a mula maior valor e sendo mais procurada.

A gestação da egua coberta pelo jumento é um pouco mais longa do que é costume sendo fecundada pelo cavallo ; a cria é menos firme nas pernas ao nascer, e o seu crescimento mais vagaroso ; em compensação, porém, é depois bastante vigorosa, vive muitos annos, e pode trabalhar desde os quatro até aos vinte, trinta, e até mesmo quarenta annos.

Com quanto a mula, em geral, seja infecunda, é certo que ha exemplos de que este animal tenha concebido, e parece que mesmo na antiguidade se conheciam alguns factos d'esses, que se não referiam, porém, n'aquellas epocas, por serem considerados como resultado de sortilegios, ou devidos a influencias sobrenaturaes e mysteriosas.

Comquanto este animal seja conhecido desde tempos muito remotos, falando já d'elle a Biblia, é certo que nos seculos passados se procurou evitar ou restringir a sua producção. Como prova apresentaremos o facto seguinte, citado por Ayrault, e que Brehm transcreve na sua *Vida dos animaes*, obra a que diversas vezes nos temos referido.

«Em 1717, o intendente geral das coudelarias, receioso dos progressos da industria mulateira, prohibiu que fossem cobertas por jumentos as eguas que tivessem mais de 4 pés d'altura, contados desde a extremidade das crinas até á corôa do casco, sob pena de multa e perda dos jumentos.»

Em Hespanha, principalmente nas ilhas Baleares, e n'alguns departamentos da França, especialmente no Poitou, produzem-se hoje os melhores e os mais corpulentos muares da Europa.

O HEMIONE

Equus hemionus — *Le hemione*, dos francezes

Este animal é o meio termo entre o jumento e o cavallo, não só pelas suas proporções como tambem pelas fórmas, circumstancia que o nome tirado do grego indica: hemione quer dizer *meio jumento*.

Assimilha-se ao mulo de corporatura mediana, comquanto seja mais esvelto, medindo geralmente $1^{m},50$ da nuca á raiz da cauda. Tem a cabeça maior que o cavallo, mais estreita aos lados, pescoço mais delgado e sobre o redondo, dorso mais arqueado que sellado, membros altos, seccos e nervosos, orelhas maiores que as do cavallo e mais curtas que as do jumento. A cauda parece-se com a do boi ; delgada, de comprimento regular, e na sua maior extensão coberta de pello curto, e só na extremidade tem um tufo de crinas escuras do comprimento de $0^{m},25$.

O pello, curto e luzidio, é geralmente branco nas partes inferiores e cobertas do corpo, isabel nas superiores e descobertas, e a crina, que tem certa analogia com a do potro, formada de pellos macios, levantados, escuros, começando adiante das orelhas e estendendo-se até ás espadoas, diminuindo pouco a pouco de comprimento, e parecendo continuar-se n'uma faxa da mesma côr que corre ao longo do dorso, indo terminar na extremidade da cauda.

Vive o hemione nos desertos arenosos da Asia, especialmente na Mongolia e no Indostão.

«Os garanhões, diz Brehm, marcham á frente de manadas de vinte femeas com os respectivos potros, comquanto, d'ordinario, estes bandos sejam apenas de cinco ou dez femeas. Os machos ainda novos, que são expulsos da manada, seguem-n'a a distancia, até que se lhes reunam algumas femeas do harem do velho chefe, ou porventura algumas que andem dispersas. É na época do cio que os garanhões velhos expulsam do bando as femeas ainda novas, improprias para a reproducção, e são estas as que formam as novas manadas.

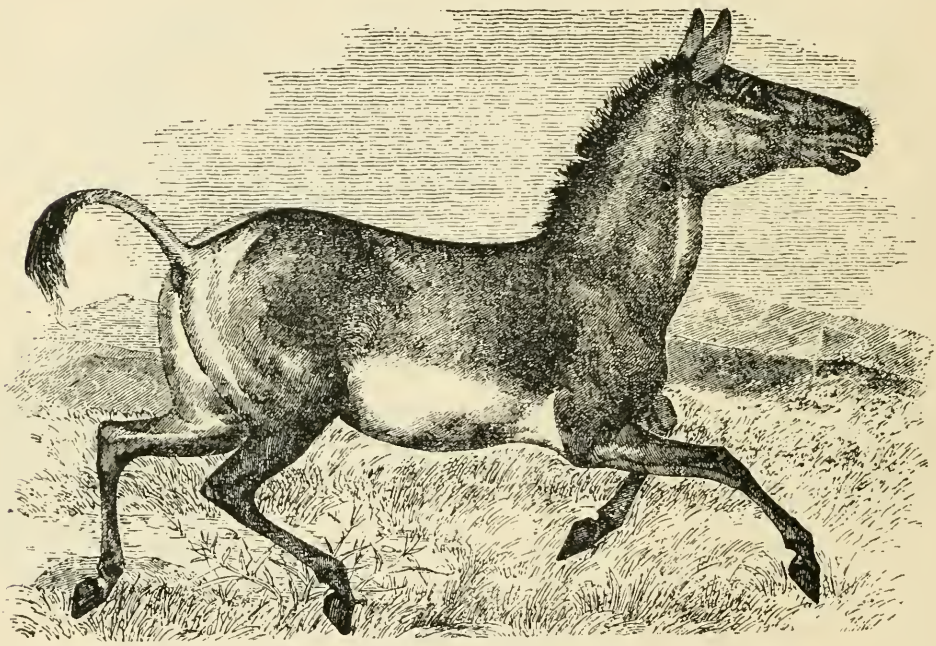
«Conta Radde que é o outono a epoca em que os hemiones emprehendem as suas grandes excursões, estando os potros nascidos no verão já capazes de acom-

panhal-os nas grandes marchas. No fim de setembro os machos novos desamparam a manada com a qual viveram até á edade de tres ou quatro annos, e vão correr as grandes planicies em busca de femeas, para constituirem novas familias.

N'esta epoca o hemione é indomavel, e passa horas inteiras, de pé, contra o vento, na crista mais elevada e escarpada da montanha, d'onde domina vastas extensões da planicie, com as ventas abertas, devassando com o olhar o espaço que tem em frente, aguardando a presença d'um rival. Tão depressa enxerga algum, corre ao seu encontro, trava-se encarniçada luta, e procura roubar-lhe as femeas que o acompanham.

Primeiro, de cauda erguida, passa a galope ao lado do chefe do bando, seu rival, e de passagem atira-lhe um couce; e emquanto a crina mais e mais se lhe eriça, dá ainda alguns saltos, até que subitamente estaca. Depois, correndo direito á manada, anda-lhe em volta, sempre a certa distancia, mas sem nunca perder o chefe de vista; e este aguarda com toda a paciencia que o adversario se aproxime.

Chegado o momento azado, o aggressor investe com o rival, morde-o, maltrata-o



Gr. n.° 179. — O hemione

com as mãos, e por vezes algum dos combatentes perde na refrega um pedaço de pelle ou uma parte da cauda.»

Todos os machos que Radde conseguiu matar estavam cobertos de cicatrizes, que attestam estas lutas.

Os mongoes teem o hemione pelo mais veloz de todos os animaes, e os habitantes do Thibet acreditam que n'elle monta o deus da guerra e do fogo. O certo é que o mais rijo corcel não consegue alcançal-o.

E' difficil poder observar o hemione em liberdade. É timido, e tem os sentidos tão apurados, que ao longe presente o homem, farejando-o a muitos kilometros de distancia. Caminhando a passo, vae sempre com o pescoço levantado; mas quando foge ainda mais ergue a cabeça, para poder observar o que se passa atraz d'elle, levantando ao mesmo tempo a cauda. O garanhão vela constantemente pelo bem estar e segurança das femeas que lhe pertencem, e se algum dos individuos da manada enxerga ao longe coisa que lhe motive receio, elle adianta-se e procede a um reconhecimento. Ás vezes corre sobre os caçadores que o estão esperando, e n'este caso é quasi sempre victima; mas em

Impresso por Lallemant frères. Lisboa.

AS ZEBRAS

geral, ao presentir o perigo, foge acompanhado por todo o bando. A existencia d'uma manada depende de ter á sua frente um bom garanhão, porque se este morre, as femeas dispersam-se, sendo então facil caçal-as, por ser a sua vigilancia sempre inferior á dos machos.

No dizer dos mongoes, a femea tem um filho na primavera, que aos tres annos está formado.»

A maneira de caçar este animal é bastante curiosa, e Radde narra-a pela seguinte fórma:

«Para matar um d'estes animaes, tão presentidos e desconfiados, é necessario que o caçador, de manhã bem cedo, montado n'um cavallo baio claro, dirigindo-se para o lado da montanha, trepe até ao cimo, embora tenha de atravessar montes e valles, percorrendo ermos onde só depara com as marmotas que se aquecem aos raios do sol, e vendo a aguia pairar-lhe sobre a cabeça. Ao chegar áquella eminencia, estendendo a vista para todos os lados, procure divisar algum ponto que pelo negrejar sirva para lhe indicar um bando de hemiones, e então corra rapidamente na direcção do valle, sempre contra o vento, encaminhando-se em seguida para a vertente que ficar mais proxima do sitio onde estiverem os animaes, que estarão como pasmados, sempre com a vista para o norte. Logo que tenha conseguido subir a ladeira, começa a caçada.

Prenda primeiro a cauda do cavallo, para que o vento lh'a não faça fluctuar, e deixe-o pastar livremente, indo em seguida deitar-se de bruços, a cem passos de distancia, com a espingarda prompta a fazer fogo, descançado-a n'uma forquilha que não seja muito alta. N'esta posição aguarde o que vae passar-se. O garanhão do bando mal vê o cavallo, acreditando ser uma femea da sua especie, corre para elle a galope, e só quando chega a distancia de poder reconhecer o erro em que caiu, pára, e é chegado o momento do caçador, fazendo-lhe pontaria ao peito, conseguir muitas vezes derribal-o ao primeiro tiro, comquanto o hemione, por vezes, só morra ao quinto ou sexto.

Acontece algumas vezes que os hemiones, por mais presentidos que sejam, se deixam surprehender, quando nos dias tempestuosos pastam á entrada dos valles.

O hemione foi considerado indomavel até certa epoca; mas sabe-se presentemente que com quanto não seja facil domar este animal, a ponto de poder ser utilisado nos mesmos serviços que presta o cavallo e o burro, não é todavia impossivel amansal-o. Figuier fala d'um hemione pertencente ao museu de Paris, que no fim d'alguns mezes estava tão manso, que pôde ser conduzido a guias de Versailles a Paris; e de outros dois que, tendo sido confiados aos cuidados de Pontalba, no fim de pouco tempo poderam ser montados.

Para o *Jardim das plantas de Paris* vieram em 1838 tres hemiones, um macho e duas femeas, que lhe doara um armador de Bordeos, o sr. Dussumier, os quaes não só se multiplicaram, como tambem pelo cruzamento com o jumento e a jumenta deram *mestiços*.

A ZEBRA

Equus zebra, de Linneo — *Le zèbre*, dos francezes

Este animal é maior que o hemione, attinge a estatura regular do cavallo, e parece-se menos com este do que com o jumento e principalmente com o hemione. O corpo é vigoroso, cabeça curta e grossa, membros seccos, cauda de comprimento regular, similhante á do jumento, por ser como a d'este animal coberta de pello curto em quasi toda a sua extensão, exceptuando tamsómente a extremidade onde tem pellos compridos. A crina é basta e curta.

O pello é branco ou amarello claro no ventre e na parte superior e interna das coxas, e com quanto nas outras partes do corpo seja a côr predominante, desde a cabeça até á corôa dos cascos tem a zebra o corpo coberto de listras negras transversaes, luzidias, ou trigueiras muito escuras. Tem uma listra longitudinal trigueira escura pelo meio do dorso, e outra similhante e na mesma direcção no meio do ventre.

A zebra é originaria da Africa, e vive no Cabo da Boa Esperança; affirmando-se ter sido vista no Congo, na Guiné, e sendo certo que habita tambem a Abyssinia.

Este animal, da familia dos solipedes, não era desconhecido dos antigos, e parece que o *hippo-tigre* a que elles se referiam era effectivamente a zebra.

Brehm diz que as primeiras noções verdadeiras havidas ácerca da zebra se

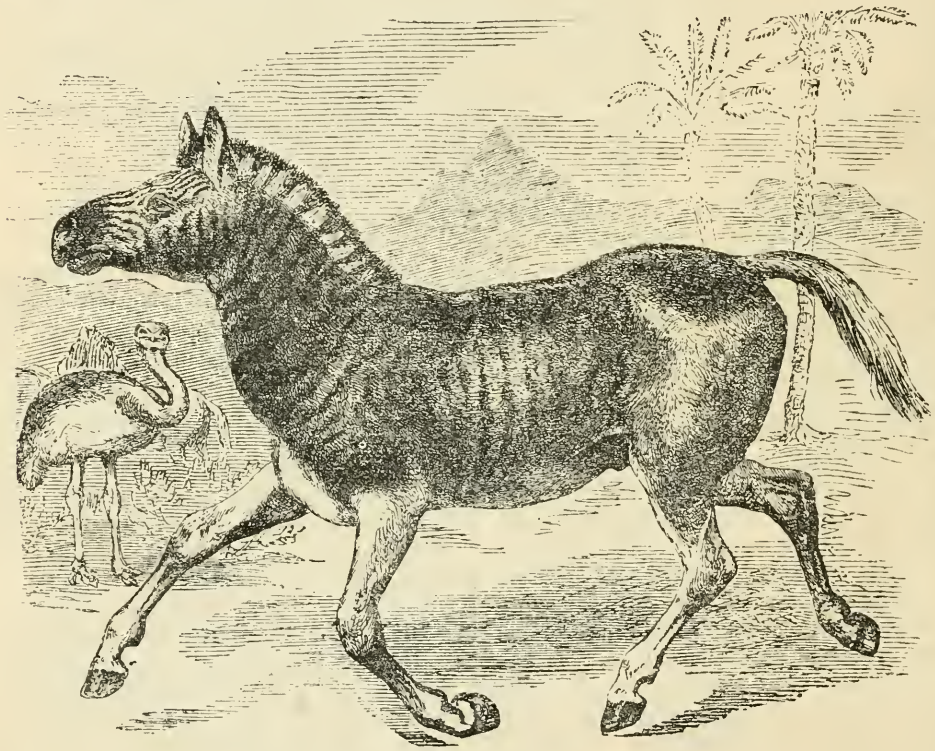
devem aos portuguezes, e que datam do seu estabelecimento na costa oriental d'Africa.

A zebra é um animal bravio, veloz, não tanto como o hemione, e dotado d'uma tal delicadeza de sentidos, que presente qualquer perigo a enorme distancia, fugindo ainda antes que o caçador possa avistal-a. Um bom cavallo de caça pode alcançal-a; mas em terreno direito e depois de porfiada carreira.

Vivem as zebras em numerosos bandos, compostos de dez, vinte, e trinta individuos, guiados por um que mais digno seja d'essa distincção, pela sua viveza e sagacidade, e que vigia constantemente pela segurança do bando. Quando o guia, presentindo o perigo, se torna attento, todos os individuos da manada o imitam, e se o vêem fugir seguem-n'o.

A zebra defende-se vigorosamente de todos os animaes carnivoros, e talvez que seja o leão o unico que consiga vencel-a e devoral-a, por quanto o leopardo só se atreve com as mais fracas, que as mais fortes forçam-n'o a abandonar a presa, pondo-o em fuga aos couces e ás dentadas.

Este animal foi considerado de longa data como indomavel; hoje porém os



Gr. n.º 180 — A coagga

factos parece quererem desmentir esta opinião. Ácerca d'este assumpto, diz A Brehm que Sparmann refere a primeira tentativa feita por um rico colono do Cabo, que conseguira amansar algumas zebras novas, facto que muito o lisonjeara. Um dia, porém, lembrou-se de as metter á carruagem, que elle proprio quiz guiar, e eil-o a caminho: a corrida parece que foi das mais rapidas, porque poucos instantes depois entrava na estrebaria onde se recolhiam as zebras com a carruagem feita em pedaços.

Segunda tentativa é narrada por Fitzinger. — Uma zebra nova tinha sido creada com todo o esmero; mas depois, por haverem descurado da sua educação, de mansa e docil que já era fez-se má. Houve, comtudo, um cavalleiro que, por mais ousado, quiz tentar domal-a.

Conseguiu montal-a, mas a zebra despediu tão repetidas parelhas de couces que caiu, e com ella o cavalleiro, que ainda assim não perdeu a sella; o animal então levantando-se rapidamente correu para a margem escarpada d'um rio que

corria proximo, e atirando-se á agua cuspiu d'esta vez o cavalleiro da sella. O homem, ficando com as redeas na mão, foi para terra arrastado pela zebra.

Aqui, porém, recebeu do animal tal recompensa, que sem duvida lhe ficou bem gravada na memoria: a zebra, virando-se para elle, levou-lhe com os dentes uma das orelhas.

Estas tentativas tão mal terminadas eram de molde para tirar aos colonos do Cabo a vontade de proseguir, e assim declararam indomavel a zebra. Todos os observadores, porém, são de opinião que certamente se obteriam bons resultados, conseguindo-se domar este animal, usando-se para isso de paciencia, que os colonos hollandezes do Cabo não teem, e tendo em vista que a zebra, animal naturalmente altivo e corajoso, carece de ser tratado por forma differente da que se pode usar com um animal timido, e que as pancadas e os maus tratamentos não fazem senão leval-a a uma resistencia obstinada, e nunca a submetter-se completamente. E com quanto isto não queira dizer que seja facil domar este animal, é todavia possivel conseguir amansal-o.

Ao celebre domador de cavallos, Rarey, deram-lhe mais que fazer as zebras que os mais indomitos cavallos; entretanto conseguiu ver coroados de bom exito os seus esforços. As zebras dão-se bem na Europa, e sendo bem tratadas podem aqui viver e até mesmo reproduzir-se. Tem-se obtido mestiços das zebras com o jumento e com o cavallo, parecendo-se geralmente com o pae, e tendo o pello listrado.

A COAGGA

Equus coagga — Le couagga, dos francezes

A coagga tem a pelle menos raiada que a zebra, é mais pequena do que esta, e assimilha-se mais ao cavallo pelas suas fórmas geraes do que ao jumento. A cabeça é bem proporcionada, airosa, orelhas curtas e membros vigorosos, crina curta e levantada, e a cauda coberta em toda a extensão de pellos compridos, mais curtos, porém, que os do cavallo. O pello é curto e liso, trigueiro escuro na cabeça, mais claro no dorso e nas ilhargas, branco no ventre, no lado interior das pernas e na cauda; a cabeça, o pescoço e as espadoas cobertas de raias esbranquiçadas, tirantes a ruivas, e ao longo do dorso, até á cauda, uma risca trigueira escura orlada por ambos os lados de pellos russos-arruivados.

Um macho feito tem 2^{m} de comprido até $2^{m},80$, incluindo a cauda, e de altura $1^{m},30$.

A coagga habita os pontos mais meridionaes da Africa, encontrando se frequentemente na Cafraria.

O nome deve-o o animal aos gritos que dá, que se podem imitar d'este modo: *coua-ag, coua-ag*, repetido muitas vezes.

Vive á maneira de todos os solipedes selvagens, em bandos; ou então de envolta com as zebras, e ao contrario d'estas doma-se facilmente. No Cabo as coaggas domadas empregam-se na conducção de fardos, substituindo até mesmo, por vezes, os cavallos de tiro.

Os colonos hollandezes costumam trazer alguns d'estes animaes nos rebanhos de gado, servindo para defendel-o dos ataques dos animaes ferozes, principalmente da hyena. Quando um d'estes carnivoros ousa atacar algum dos animaes do rebanho, a coagga arremessa-se ao rapinante, derriba-o, esmaga-lhe os rins com os dentes, e, calcando-o a pés, mata-o.

O DAUW

Equus montanus. — Le dauw, dos francezes

Este animal assimilha-se á coagga e á zebra, e tanto com esta ultima, que até certo tempo existiu com ella confundido.

Não vae muito longe a epoca em que o dauw formou uma nova especie na familia dos equidios.

E' um pouco mais pequeno que a coagga, tendo $2^{m},60$ de comprimento por $1^{m},30$ d'altura; corpo arredondado, nuca muito arqueada, crina direita e levantada como a da zebra, cauda coberta de crinas quasi desde a raiz, á similhança da do cavallo, orelhas delgadas e regulares, pello macio, isabel nas partes superiores do corpo e branco nas inferiores.

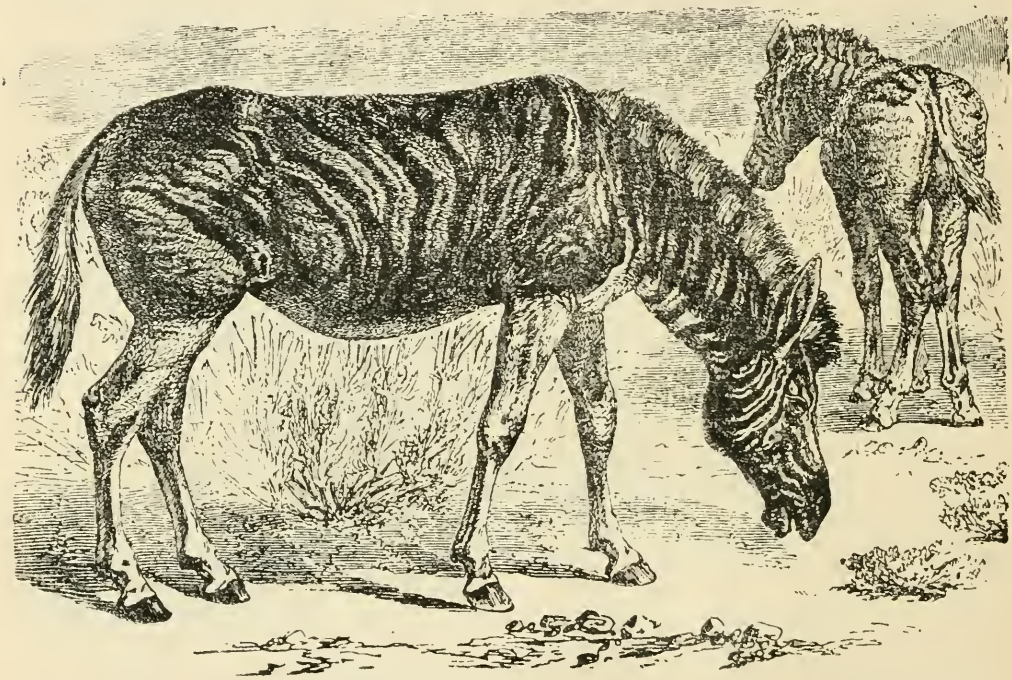
Toda a parte superior do corpo é raiada de fitas negras transversaes adiante, e obliquas na parte posterior, que se unem umas ás outras na extremidade, principalmente as do centro do corpo. A extremidade do focinho é preta, e d'ella partem quatorze listras da mesma côr, que se espalham pela cabeça; as listras do pescoço sobem até á crina. O pello dos membros é todo branco, sem raias, e ao cor-

rer do dorso tem uma listra preta, orlada de branco.

O dauw vive nas vizinhanças do Cabo da Boa Esperança, e bem assim n'uma grande parte das montanhas da Africa Central.

E' um animal selvagem, que habita nos logares mais aridos e ermos, aproximando-se dos sitios cultivados tamsómente quando o alimento lhe escasseia no deserto, o que acontece depois das grandes estiagens, mas voltando para os seus dominios, onde o aguarda vida mais tranquilla e menos cortada de perigos, tão depressa caem as primeiras chuvas.

O dauw doma-se até certo ponto sem grande difficuldade ; conhece o tratador, e recebe-o bem ; reproduz-se na Europa, como se tem observado nos animaes d'esta especie que o museu de Historia Natural de Paris tem possuido. A Geoffroy Saint Hilaire provou que os dauws nascidos de paes captivos podem ser aproveitados pelo homem em determinados serviços.



Gr. n.° 181 — O dauw

OS RHINOCERONTES

Les rhinocéros, dos francezes

Estes animaes, dos maiores depois do elephante, notaveis pelo tamanho e pela força de que dispõem, distinguem-se principalmente de todos os outros mamiferos por um caracter especial, que se não encontra em nenhum outro : a existencia de um ou dois cornos sobre o nariz, adherentes unicamente á pelle, parecendo ser resultado d'uma conglutinação de pellos, e alcançando ás vezes o da frente 1^{m} de comprido, sendo sempre o segundo ou o posterior, nos animaes que possuem dois, mais curto que o primeiro.

São animaes que nada teem d'elegantes, antes são malfeitos, pesados e corpulentos; teem cabeça alongada, pescoço curto, pernas muito grossas e curtas, tres dedos nas mãos e nos pés, e cada um envolvido n'um casco. A pelle que lhe reveste o corpo é muito espessa; com 0^{m},007 no lado interno dos membros, chega a ter 0^{m},02 no ventre e mais nas costas.

Os rhinocerontes são conhecidos de ha muito, tendo já figurado nos combates do colisséo, na antiga Roma, lutando com o elephante ou com o hyppopotamo; parece todavia que o primeiro retrato que se fez d'este animal, e que figura nas antigas obras de zoologia, embora bastante imperfeito, se deve a um de-

Impresso por Lallemant frères. Lisboa

O RHINOCERONTE DA ASIA, OU UNICORNIO

senho feito em Lisboa, e d'aqui enviado para a Alemanha, e a que serviu de modelo um rhinoceronte que el-rei D. Manuel recebeu das Indias em 1513.

Outros vieram depois para a Europa, e ultimamente muitos d'estes gigantescos e curiosos mamiferos tem sido trazidos para os jardins zoologicos de diversos paizes, onde se conservam vivos, sendo hoje muito conhecidos até mesmo os que vivem em liberdade.

Nos tempos antediluvianos eram os rhinocerontes muito mais numerosos do que actualmente, e viviam diversas especies nos climas temperados e até mesmo nas regiões septentrionaes, existindo em numero consideravel ao norte da Asia, onde hoje ainda se encontram numerosos restos fosseis d'estes animaes, e nos terrenos que constituem a França, a Alemanha e a Russia de hoje. Nos nossos dias só se encontram na Asia e na Africa, e são duas as especies mais importantes: o *rhinoceronte da Asia,* ou *abada*; e o *rhinoceronte da Africa.*

O RHINOCERONTE DA ASIA

Rhinocéros unicornis, de Linneo — *Le rhinocéros des Indes,* dos francezes

O rhinoceronte da Asia, *unicornio* ou *abada*, é o maior do genero, tem 3^{m} de comprido e mais de 1^{m},50 d'altura nas espadoas, tendo-se encontrado alguns com 4^{m} de comprimento por 2^{m},30 de altura, pesando de 20 a 30 quintaes.

A cabeça d'este animal é curta e triangular, o pescoço curto e grosso, orelhas compridas, delgadas, pontudas, e levantadas, similhantes ás do porco, olhos muito pequenos, bocca estreita, o beiço superior mais comprido que o inferior, pontudo e movel. O corno que tem sobre o nariz é pontudo, de fórma conica, geralmente com 0^{m},66 de comprido e 0^{m},33 de circumferencia na raiz, um pouco curvo para o lado de traz, e muito solido e rijo, trigueiro avermelhado na parte exterior, e amarello doirado por dentro com o centro negro.

As pernas são muito curtas, grossas, informes, curvas como as do baixote, e mal se differençam as articulações; os tres dedos que tem nas mãos e nos pés ficam envoltos na pelle, e apenas se vêem os cascos; a cauda curta, pendente, estreitando-se da raiz para o centro

A pelle é dura, mais rija ainda que a do elephante, com pregas numerosas e muito fundas, dispostas regularmente, que permittem ao animal mover-se, pois que sem ellas estaria como que emparedado, e que mais parece uma couraça de que o animal se reveste: é nua nos rhinocerontes já feitos, parda trigueira, mais ou menos tirante para ruiva ou azul, ruiva clara ou côr de carne no interior das pregas; apenas se lhe encontram alguns pellos na raiz do corno, nas bordas das orelhas, e na extremidade da cauda

Habita este animal na India e na China, sendo principalmente frequente em Sião, na Cochinchina, e nas provincias mais occidentaes da China.

O RHINOCERONTE D'AFRICA

Rhinocéros bicornis, de Linneo — *Le rhinocéros d'Afrique,* dos francezes

Este animal differe do antecedente em ter dois cornos no nariz, o anterior de 0^{m},66 a 0^{m},80 de comprido, pontudo, um pouco curvo para traz, e o posterior mais obtuso; a pelle não faz as grandes e fundas pregas que se vêem na do rhinoceronte da Asia, comquanto seja espessa e rugosa: é trigueira escura.

Varia o comprimento do corpo d'este rhinoceronte entre 3^{m},50 a 4^{m}, e a cauda mede 0^{m},80.

O rhinoceronte d'Africa encontra-se na Cafraria, e provavelmente em todo o interior da Africa meridional.

Iremos fazendo simultaneamente a descripção dos habitos e modo de vida dos animaes d'estas duas especies.

Encontram-se os rhinocerontes em todos os pontos onde a agua fôr abundante: na margem dos rios, á borda dos lagos, nos pantanos cercados por pastagens abundantes; e quando por vezes se afastam d'estes sitios e se internam pelos campos em busca d'alimento, ou sobem ás montanhas. não deixam, pelo menos uma vez cada dia, de ir beber a algum deposito d'agua e chafurdar no lodo.

Esta operação é uma necessidade dos pachydermes: a pelle, apezar de grossa, não deixa por isso de ser dotada de grande sensibilidade, e no verão os mosquitos, os moscardos, e toda a casta de insectos lhes causam duros tormentos, aos quaes

se pretendem esquivar cobrindo o corpo com grossa camada de lama.

Antes de se pôr a caminho, em busca do alimento, o rhinoceronte dirige-se para algum sitio onde haja agua, e abrindo junto d'ella uma cova, auxiliando-se para isso da arma que possue sobre o nariz, alli se espoja e chafurda até estar completamente enlameado. É tal o prazer que o animal experimenta com esta operação, que se manifesta nos suspiros e grunhidos que dá e que exprimem o seu contentamento, que por vezes abranda na sua habitual vigilancia. É pouco duradoura a protecção que o animal encontra na grossa camada de lama com que se cobre, não tardando a cair-lhe, e a deixal-o outra vez exposto ás mordeduras dos insectos, obrigando-o a pôr de parte a sua habitual indolencia e correr a esfregar-se contra uma arvore, para acalmar o soffrimento.

Os rhinocerontes vagueiam mais de noite do que de dia; e custando-lhe a supportar o calor, nas horas de maior calma dormem á sombra, deitados sobre o ventre, ou de lado, com a cabeça estendida, ou então conservam-se de pé, immoveis, n'algum sitio da floresta bem ermo e sombrio, onde as folhas das arvores os protejam contra os raios do sol. Todos os autores affirmam que estes animaes teem o somno pesado, e que é facil poder o caçador aproximar-se-lhes quando dormem, sem receio de que o ouçam. Resonam os rhinocerontes tão alto que se ouve a distancia.

O rhinoceronte consegue abrir caminho atravez das mais cerradas florestas, por mais emmaranhado que seja o matto, afastando e derrubando os ramos e as arvores novas que lhe não resistem; só os troncos mais grossos o obrigam a desviar-se: n'esta tarefa serve-lhe de grande auxilio a arma singular que a natureza lhe deu.

Diz Brehm que o rhinoceronte, na parte que se refere á alimentação, está para o elephante como o burro para o cavallo, sustentando-se de preferencia com as plantas mais duras e espinhosas, folhas das cannas, juncos, cardos, e o da Africa alimenta-se principalmente das folhas e troncos de mimosas, d'ordinario d'uma especie mais pequena, cobertos de espinhos agudos e curvos. Diz mais este autor que durante a estação chuvosa o rhinoceronte, abandonando as florestas, introduz-se nas plantações, onde causa estragos importantes, que se podem avaliar calculando-se o alimento necessario para encher um estomago que tem $1^{m},30$ de comprido por $0^{m},80$ de largo!

«E' sabido, accrescenta Brehm, que um rhinoceronte captivo come n'um dia pelo menos 25 kilogrammas de forragens, e em liberdade deve, por certo, comer mais. Não desdenha nenhum alimento, e engole não só os renovos, os ramos tenros e os espinhos das mimosas e d'outras plantas espinhosas, como tambem troncos com $0^{m},03$ a $0^{m},06$ de diametro. Agarra os alimentos com a bocca, e os que teem o beiço superior mais comprido, prolongado em fórma de tromba, sabem perfeitamente fazer uso d'este appendice.

Vi um d'estes animaes na India apanhar com o beiço superior objectos muito pequenos, taes como pedaços d'assucar, e collocal-os sobre a lingua. Mastiga os alimentos depressa e mal, mas o esophago tem largura sufficiente para lhes dar passagem, mesmo ainda em pedaços avantajados.»

Este animal depois de captivo alimenta-se de pão, arroz, semeas amassadas, feno e cenouras.

As formas grosseiras do rhinoceronte, e as pernas tão curtas que o ventre quasi lhe arrasta pelo solo, dão a este animal apparencia bastante desagradavel; a pequenez dos olhos parece denunciar a sua curta intelligencia. Comquanto seja um animal pesado, e não possa saltar nem virar-se rapidamente, em caminho direito corre com velocidade, com a cabeça pendida, agitando-a d'um para outro lado, e abrindo regos profundos na terra, se fôr dominado pela colera; n'estas circumstancias, o animal torna-se perigoso até mesmo para quem fôr a cavallo, se o terreno, pelo matto que o obstruir, não permittir ao cavallo correr livremente com a velocidade precisa.

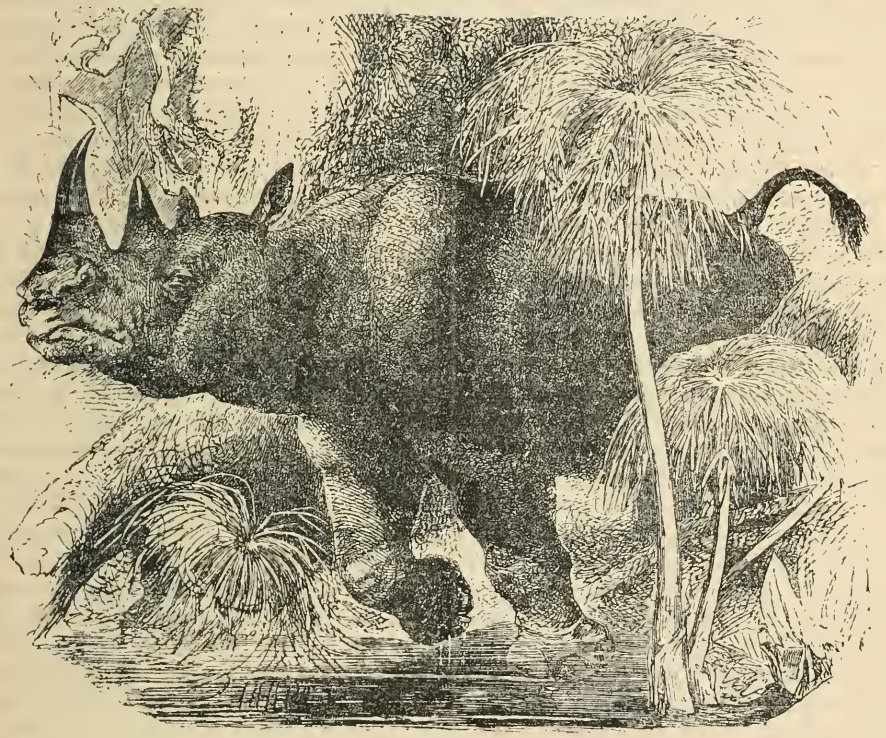
O rhinoceronte, apezar de selvagem e bravio, é em geral pacifico, e nunca o primeiro a atacar: os outros animaes temem-n'o e não se atrevem a provocal-o.

Diz Brehm, porque assim refere Raffle, que o rhinoceronte de Sumatra foge na presença d'um cão; outros viajantes o teem visto afastar-se tão depressa os avista; mas se o excitam esta apathia póde transformar-se em furor. Então não olha ao numero nem á qualidade do inimigo: investe para elle em linha recta, sem tra-

tar de averiguar se tem na sua frente um ser inoffensivo ou adversarios numerosos e bem armados, a colera cega-o.

A côr vermelha parece excital-o e muitas vezes se tem visto este animal precipitar-se sobre pessoas vestidas com fatos de côres vivas, sem haver sido provocado. A furia do rhinoceronte não conhece limites, não lhe basta vingar-se sobre o seu provocador; tudo quanto encontra é victima da sua colera, sem poupar as arvores, e quando não encontra outro objecto no qual sacie a raiva que o domina, escarva a terra fazendo covas de 2 metros e mais de profundidade.

Felizmente não se torna difficil escapar ao rhinoceronte furioso, e o caçador só tem que deixal-o aproximar a dez ou quinze passos, e furtar-lhe depois o corpo. O animal furioso passa adiante, perde a pista do homem, e segue sempre em frente, descarregando muitas vezes a sua colera n'um ser inoffensivo. Lichstenstein fala d'um rhinoceronte que em certa



Gr. n.° 182 — O rhinoceronte da Africa

noite accommetteu um carro e o boi que o puxava, com tão incrivel vigor, que carro e animal foram feitos pedaços.

E' por vezes um animal perigoso para as caravanas, porque sem motivo se arremessa aos viajantes, matando quem o não provoca.

O rhinoceronte trigueiro da Africa é de todos o mais terrivel, e atira-se a tudo quanto possa chamar-lhe a attenção. Vê-se muitas vezes um d'estes animaes arremessar-se contra um massiço d'arbustos, levar horas inteiras a cavar a terra em volta até poder arrancal-os pela raiz, e em seguida deitar-se, completamente indifferente ao que momentos antes tanto o occupara. O rhinoceronte branco da Africa é menos bravío e agil que o seu congenere, e não ataca o homem nem mesmo depois de ferido.

É este animal excellente nadador, com quanto se não entregue a este exercicio senão quando a necessidade o obriga. Dos sentidos o mais apurado é o ouvido, depois o olfato e o tacto; vê mal. A voz, quando está tranquillo, é um grunhir surdo muito similhante ao do porco; quando, porém, alguma coisa o irrita, então ouvem-se-lhe os gritos a grande distancia.

A femea só tem um filho de cada vez, o qual deposita n'algum ponto onde a floresta seja mais espessa, e que nasce do tamanho d'um cão grande, com o pello ruivo e sem pregas, com os olhos abertos, crescendo rapidamente nos primeiros mezes. A gestação dura nove mezes. A mãe é carinhosa para o filho, cerca-o de cuidados, e não é para desejar encontral-a quando vae acompanhada pela sua progenie.

«Refere Bontius, segundo lêmos em Brehm, que um europeu passava a cavallo por certo sitio, e topando com uma rhinoceronte que ia com o filho, ella mal avistou o cavalleiro levantou-se immediatamente e dirigiu-se com vagar para a floresta; não querendo, porém, o pequeno rhinoceronte acompanhal-a, empurrava-o com o focinho. O homem lembrou-se de perseguir a mãe, dando-lhe com o sabre na parte posterior do corpo, sem que outro damno lhe fizesse senão alguns vergões na pelle, que era sufficientemente resistente para que a folha do sabre a não podesse atravessar.

O animal tudo supportou até ao momento em que o filho desappareceu atravez do matto; porque então, voltando-se subitamente, grunhindo, e arreganhando os dentes, caiu sobre o seu aggressor, conseguindo logo ao primeiro ataque fazer-lhe uma bota em pedaços. Á bota seguir-se-hia o homem, se o cavallo, mais prudente que o cavalleiro, não fugisse a toda a brida, sendo seguido pela rhinoceronte que lhe vinha no encalço, derribando e destruindo tudo quanto se oppunha á sua passagem. Dois homens que acompanhavam o viajante, e que estavam a alguma distancia, foram atacados pelo animal, e tiveram de se abrigar por detraz de duas arvores, tão proximas uma da outra, que o animal cego de furor, querendo passar por entre ellas, só conseguia fazel-as vergar, servindo este obstaculo para mais aguilhoar o furor da rhinoceronte, que dava fortes encontrões nas arvores. Resistiram estas o tempo necessario para que os viajantes podessem metter algumas balas na cabeça do animal e matal-o.»

Em toda a parte onde o rhinoceronte habita é perseguido pelo homem, que lhe aproveita a carne, muito estimada principalmente na China, onde, diz Figuier, nada ha de mais delicado, depois dos ninhos de andorinhas, ovos de lagarto e cães pequenos, de que a cauda do rhinoceronte, ou a gelea feita da pelle do ventre d'este animal! A pelle e os cornos teem bastante valor.

Na India a caça faz-se a cavallo, seguindo os caçadores o animal em silencio e de longe até que a fadiga o obrigue a deitar-se para dormir; então aproximam-se da fera, tendo cuidado de caminhar sempre contra o vento, para que o animal não possa farejal-os. Chegados a curta distancia, apontam-lhe as espingardas á cabeça, disparam, e partem sem demora a toda a brida, porque é certo que se o rhinoceronte não cair morto vae em sua perseguição, e não ha tempo a perder. Além da rapidez dos cavallos, os caçadores teem mais a seu favor a circumstancia d'este animal só correr a direito, podendo, pois, com um leve desvio do cavallo, fugir a tão terrivel adversario.

Na Africa os indigenas matam-n'os ás frechadas, procurando para isso surprehendel-os quando dormem; ha entre outras uma maneira de caçar este animal que exige não só muita coragem como destreza pouco commum. — Dois homens montam o mesmo cavallo, um na frente, vestido e armado de azagaias, e o outro levando apenas uma espada muito comprida, monta na garupa. Tão depressa encontram a pista do animal, tratam de perseguil-o, conservando-se a distancia nos sitios cerrados da floresta; mas assim que conseguem fazel-o sair para logar descoberto, passam-lhe adiante, e vão collocar-se-lhe na frente. O animal a principio repara e hesita, até que finalmente investe furioso contra o cavallo, que o cavalleiro obriga a saltar para um dos lados, evitando assim o choque do rhinoceronte, e dando occasião a que o caçador da garupa possa saltar abaixo da cavalgadura, sem que a fera, cuja attenção está completamente absorvida pelo cavallo, dê pela presença do homem, que com a maior destreza lhe atira golpe tão certeiro a uma das pernas, cortando-lhe o tendão do jarrete, que o rhinoceronte cae, não podendo mover-se, e é morto em seguida a golpes de espada e ás zagaiadas.

O rhinoceronte, não obstante a sua irascibilidade, é facil de domar, e captivo é manso e docil, conhece em certos casos o tratador, manifesta até o seu agrado quando o vê, e é sensivel ao bem que lhe fazem. Mas, até mesmo preso, tem por vezes ataques de impaciencia e furor

tão terriveis, que bate violentamente com a cabeça contra as paredes da prisão, virando contra si o furor de que está possuido, á falta de melhor victima sobre que possa descarregar a sua colera.

OS TAPIROS

Esta familia, comprehendendo um unico genero, contem tres especies, duas que vivem na America e uma na Asia: d'aquellas uma é conhecida de ha muito, a outra só o foi muitos annos depois. O tapiro da Asia, não obstante os chins terem d'elle conhecimento remoto, e fazerem menção d'este animal nos seus livros de historia natural, só no principio d'este seculo foi conhecido na Europa, sendo descripto pela primeira vez em 1819 por Cuvier.

O tapiro americano é o maior dos mamiferos actualmente existentes na America meridional.

Distinguem-se estes animaes, principalmente, pelo prolongamento do nariz, formando uma pequena tromba muito movediça; teem quatro dedos nas mãos e tres nos pés, cada um envolvido em seu casco, e a pelle lisa sem rugas nem pregas, como existem na do elephante e do rhinoceronte.

Já dissemos que o genero tapiro se divide em tres especies, duas que habitam na America e uma na Asia; faremos comtudo tamsómente a descripção d'uma das especies americanas, a mais commum e conhecida, e a da especie asiatica.

O TAPIRO, OU ANTA DO BRAZIL

Hippopotamus terrestris, de Lineo — *Le tapir*, dos francezes

Este animal tem o corpo grosso, cabeça grande e alongada, achatada aos lados, olhos pequenos, orelhas direitas, curtas e muito largas, e o nariz prolongando-se forma uma especie de tromba que se contrahe circularmente, e que se estende de oito até dez pollegadas, não servindo ao animal para apanhar os objectos pela falta do appendice digitiforme, que existe na tromba do elephante. O tapiro pega nos alimentos com a bocca, e bebe levantando a tromba para não molhal-a.

O pescoço d'este animal é comprido, e os membros fortes, com quatro dedos nas mãos e tres nos pés, envoltos em pequenos cascos curtos e arredondados; a cauda é mui curta, uma especie de coto. A pelle, espessa e rija, é coberta de pellos curtos, bastos e lisos, mais ou menos trigueiros, á excepção dos da cabeça, da garganta e das extremidades das orelhas, que são esbranquiçados. O macho tem o pescoço ornado de crina composta de pellos tesos, de pollegada e meia de comprimento, e que algumas vezes se encontra tambem nas femeas.

Vive este jumentado em grande parte da America do sul, desde o isthmo de Panamá até ás vizinhanças de Buenos Ayres, e desde o oceano Atlantico até ao Pacifico. E' muito frequente na Guiana, no Brazil, no Paraguay, na Columbia e no Perú.

«O tapiro da America, diz Brehm, vive nas florestas, evitando quanto possivel os logares descobertos. Abrindo atravez o matto veredas que se podem confundir com as dos indios, é facil ao viajante inexperto tomar por uma d'ellas. E mal irá ao que tal fizer: póde caminhar dias inteiros sem encontrar uma choça, ou uma creatura humana, até mesmo semanas, se antes não succumbir á fome e á sêde. Os tapiros percorrem estes caminhos emquanto se não sentem perseguidos, porque ao mais leve indicio de perigo internam-se na parte mais espessa da floresta, derrubando os obstaculos que encontram na sua passagem.

Os tapiros são animaes noctivagos «Percorremos durante muitos mezes, diz Tschudi, as florestas virgens habitadas por milhares de tapiros, sem nunca toparmos com um de dia. Parece que durante as horas do sol se retiram para os pontos mais reconditos e mais sombrios, onde o calor não penetra, preferindo as vizinhanças dos pantanos ou dos charcos, onde gostam de chafurdar.»

«Pela tarde, diz ainda Brehm, os tapiros vão á procura do alimento, e provavelmente vaguciam toda a noite, e n'este ponto teem similhança com o javali. Nunca se reunem, porém, em grandes bandos, e antes vivem isolados á maneira do rhinoceronte. O macho, principalmente, vive constantemente só, reunindo-se á femea unicamente na epoca do cio. E' raro encontrar familias de tapiros, e quando se encontram mais de tres d'estes animaes juntos, certo é que o pasto é alli abundante, e que vieram cada um por sua vez.

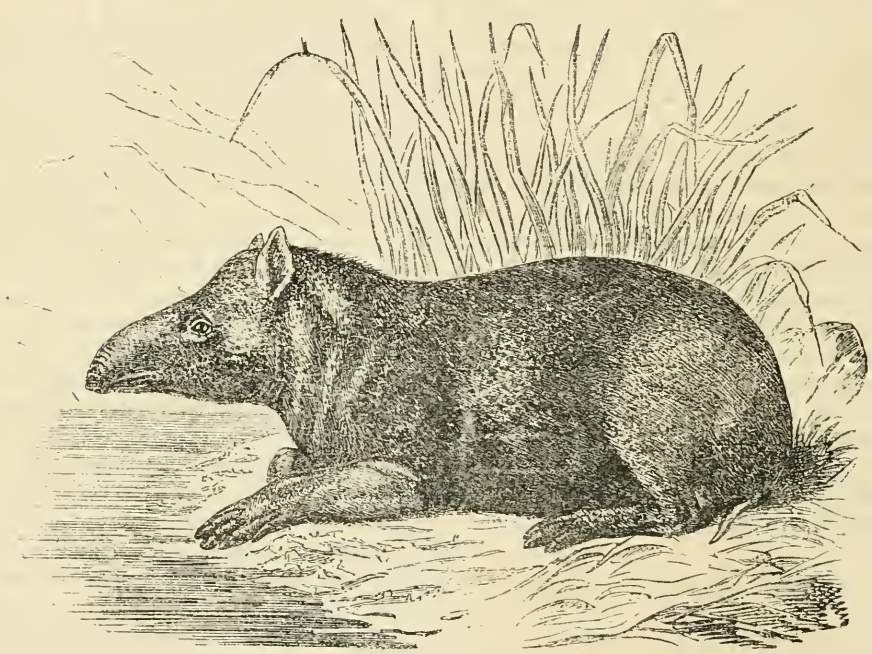
Quatro mezes depois a femea tem um

filho, que nasce com o pello malhado e listrado como os javalis, principiando as malhas a desapparecer aos quatro mezes, sendo aos seis o pello egual ao dos adultos.

É o tapiro um animal timido e pacifico, não só incapaz de atacar qualquer animal, como prompto a fugir na presença de outro muito mais pequeno. O homem, principalmente, inspira-lhe grande medo, e quando visita os sitios habitados, longe das suas florestas, cresce em prudencia, e redobra de vigilancia. Ha casos em que o tapiro se defende, e então não é adversario que se deva desprezar, porque investindo furioso contra o inimigo, busca derribal-o, e serve-se dos dentes á maneira dos javalis. É d'esta fórma que a femea defende o filho quando o vê ameaçado pelo caçador, arriscando por elle a propria vida.

Muitas vezes este animal é victima dos ataques dos grandes felinos da America, que lhe saltam ao dorso segurando-se com as garras, e n'estes casos o tapiro, mettendo-se pelo mais emmaranhado da floresta, diligencia vêr-se livre do seu algoz, batendo com elle de encontro ás arvores.

Na America meridional caça-se o tapiro não só para lhe obter a carne como tambem a pelle: a carne é secca e pouco saborosa, a pelle, porém, é solida e espessa, póde empregar-se em diversos usos; e é bem conhecida pelo nome de *anta*.



Gr. n.º 183 — A anta ou tapiro da America

O tapiro é facil de domesticar-se, e no dizer de Rengger «um tapiro ainda novo carece apenas de estar alguns dias preso para se habituar ao homem, e á morada, d'onde não procura fugir. Aprende a distinguir o seu tratador das outras pessoas, procura-o, acompanha-o até mesmo a certa distancia da habitação, mas se vê que o caminho é muito extenso em demasia, volta só para casa.»

Mostra-se desassocegado quando o tratador se ausenta por muito tempo, e procura-o por toda a parte. Deixa-se acariciar por todos, e a pouco e pouco vae perdendo o modo de viver d'outr'ora, e habituando-se a dormir de noite.

Acostuma-se aos alimentos de que usa o homem, e come tudo quanto come o porco: toda a especie de fructos ou legumes, carne cozida ou secca ao sol, e pedaços de coiro ou farrapos, talvez por terem gosto a sal. Se o deixam correr livremente vae em busca d'agua, e é capaz de estar horas inteiras dentro d'um tanque, á sombra d'uma arvore. Parece que mais lhe apraz a agua para banhar-se do que para beber.

Bem tratado pode o tapiro viver muito tempo captivo, com tanto que lhe dêem uma habitação abrigada, onde esteja agazalhado, porque á similhança de quasi todos os animaes dos paizes tropicaes, o tapiro succumbe muitas vezes a affecções pulmonares.

«Tão facil de alimentar como o porco, diz Isidoro Geoffroy Saint Hilaire, o tapiro parece pelos seus instinctos naturaes perfeitamente predisposto á domesticidade. Na falta de animaes da mesma especie, tenho-o visto procurar a sociedade dos que lhe estejam proximos, com tal empenho, que egual nunca encontrei n'outros mamiferos.

A utilidade d'este animal seria duplicada para o homem: a carne, melhorada por um regimen conveniente, poderia fornecer alimento sadio e agradavel; ao mesmo tempo que, muito superior em tamanho ao porco, o tapiro poderia prestar importantes serviços como animal de carga, a principio nos paizes meridionaes da Europa, e mais tarde nos temperados.»

O TAPIRO DA ASIA

Tapirus indicus — Le tapir indien, ou tapira dos blanc, dos francezes

Este animal é bastante e de ha muito conhecido na China e no Japão, encontrando-se frequentemente representado nas pinturas e nos livros d'aquelles paizes, e os chins chamam-lhe *mé*. Só recentemente, como já dissemos, foi descripto pelos naturalistas.

O tapiro da Asia differe dos congeneres por ser maior, ter a tromba mais comprida e mais grossa, pernas mais vigorosas, falta de crina, e finalmente pelo colorido do pello, que na cabeça, no pescoço, nas espadoas, nos membros e na cauda é preto; e nas costas, na garupa, no ventre, nas ilhargas e na extremidade das orelhas, branco.

Este animal habita nas florestas das ilhas de Sumatra e Borneo, e na peninsula de Malaca.

Os seus habitos e regimen são similhantes aos dos tapiros da America, de que antecedentemente falámos.

Gr. n.° 184 — O tapiro da Asia

MAMIFEROS

ORDEM DOS RUMINANTES

Os ruminantes distinguem-se de todos os animaes pela propriedade singular que possuem de trazer novamente á bocca os alimentos já uma vez mastigados e engulidos, propriedade que devem á estructura especial do estomago, que é mais complicado que o dos outros mamiferos.

Teem os ruminantes o estomago dividido em quatro compartimentos ou quatro *bolsas*, que alguns autores consideram como quatro estomagos, e que são a *pança*, o *barrete*, o *folhoso* e o *coagulador*. O primeiro e o maior é a *pança*, que segue immediatamente ao esophago, occupando grande parte do abdomen, principalmente do lado esquerdo, e onde os alimentos se reunem á medida que o animal os engole, mal triturados pela primeira mastigação.

Segue-se o *barrete*, que é uma cavidade mais pequena, onde os alimentos se dividem a pouco e pouco em pequenas porções, que por effeito das contracções d'este orgão sobem pelo esophago, passando para a bocca, para novamente serem mastigados e engulidos: este phenomeno tem o nome de *ruminação*.

Quando os alimentos assim transformados n'uma pasta molle e semi-fluida voltam de novo ao estomago, vão directamente para uma terceira viscera, o *folhoso*, que assim se chama pelas largas pregas longitudinaes que a guarnecem pela parte interior, parecidas com as folhas d'um livro. Do *folhoso*, finalmente, passam os alimentos para o *coagulador*, que é a séde verdadeira da digestão, e a que se dá este nome por estar constantemente humedecido pelo succo gastrico, succo que tem a propriedade bem conhecida de coalhar o leite. Depois de haver soffrido a elaboração digestiva, os alimentos passam para o duodeno.

Os ruminantes são desprovidos de incisivos e caninos na maxilla superior, e teem seis mollares na maxilla inferior e seis na superior, de corôa chata e bordos cortantes. Todos se alimentam de hervas e folhas, e a maxilla inferior, além dos movimentos que executa, como as de todos os mamiferos, executa ainda outro quasi circular.

Cada pata tem dois dedos, envolvidos cada um em seu casco, adherindo pelo lado interno, parecendo formar uma pata fendida, e por isso a estes animaes dá-se o nome de *animaes de pé rachado ou bisulcos;* os ossos do metacarpo e os do metatarso soldando-se formam um só, a que se chama *canello*.

Encontram-se os ruminantes divididos em maior ou menor numero de familias, segundo os diversos naturalistas; nós, seguindo das classificações a que nos pareceu mais natural e facil, dividiremos os ruminantes em oito familias, a saber: os *camelianos*, os *moschos*, os *veados*, as *girafas*, as *antilopes*, as *cabras*, os *carneiros* e os *bois*.

Impresso por Lallemant frères, Lisboa.

OS DROMEDARIOS

OS CAMELIANOS

Les camèlidés, dos francezes

Os camelianos differem dos outros ruminantes pela dentadura, possuindo dois incisivos superiores e seis inferiores; os cascos são tão pequenos que antes parecem unhas.

N'esta familia comprehendem-se dois generos, os *camelos* e os *lhamas*.

OS CAMELOS

Les chameaux, dos francezes

Os camelos distinguem-se dos lhamas pela sua grande estatura, e por terem uma ou duas corcovas. Teem o pello lanoso e desegual, e calosidades no peito, nos joelhos, e nos talões.

Conhecem-se duas especies: o *dromedario*, que tem uma unica corcova, e o *camelo*, que tem duas. Faremos em seguida a descripção d'ambas.

O DROMEDARIO

Camelus dromedarius, de Linneo. — *Le dromadaire*, dos francezes

«Incontestavelmente, diz Brehm, o dromedario é o animal mais util que existe na Africa, mas é tambem a creatura mais enfadonha, mais estupida e mais desagradavel que imaginar se possa. A sua celebridade deve-a ás suas faculdades physicas; nunca um Arabe se lembrou de gabar a intelligencia d'um d'estes animaes, e comtudo milhares de habitantes da Africa não poderiam viver sem elle »

O dromedario é o *djemmel* dos arabes, um formidavel ruminante, com 1m,50 a 2m de altura, e 2m,20 a 3m de comprido, do focinho á raiz da cauda, e pesando de 3 a 4 quintaes. O dromedario está dividido em raças, não tão numerosas como as do cavallo, distinguindo, porém, os arabes pelo menos vinte raças diversas, entrando n'ellas animaes mais perfeitos e esveltos, — se esta expressão se póde usar falando do camelo, — que constituem especialmente o animal de sella, e outros de fórmas mais imperfeitas, destinados a carga.

O corpo do dromedario é volumoso, e no meio das costas tem uma grande elevação formada pelo tecido adiposo, elevação que caracterisa principalmente este animal. A cabeça é pequena com o focinho alongado, orelhas pouco desenvolvidas, olhos grandes e salientes, as ventas abertas muito antes da extremidade do focinho, formando na pelle duas fendas que o animal póde á vontade abrir ou fechar; o beiço superior é fendido ao meio, e as duas metades são susceptiveis de movimentos diversos. O pescoço é muito extenso, mais grosso no meio, formando uma curva; os membros são muito compridos, parecendo delgados em relação ao corpo que sustentam, e terminando em dois dedos compridos e largos, quasi inteiramente cobertos por a pelle, e pela parte inferior revestidos d'uma especie de *palmilha* calosa, que lhe permitte andar sem difficuldade por terrenos arenosos, ou até mesmo sobre a areia. A cauda assimilha-se á do boi.

O pello é macio, lanoso, muito comprido no alto da cabeça, na nuca, na garganta, nas espadoas e nas corcovas; variando de côr, a maior parte das vezes côr de areia, encontrando-se tambem individuos ruços, trigueiros, pretos com as pernas mais claras, nunca porém, malhados. Os arabes teem os camelos pretos por maus, matam-n'os em novos, e por isso poucos se vêem.

O dromedario encontra-se como animal domestico na Africa e na parte mais oriental da Asia.

«O dromedario, refere Brehm, parece ser originario da Arabia, e ter vindo para o norte da Africa só no terceiro ou quarto seculo da nossa era, comquanto já fosse conhecido no Egypto no tempo de Moysés».

Parece que este animal veiu para o Egypto com os arabes, e que com este povo se espalhou por todo o norte da Africa, sendo certo que n'esta parte do mundo, nem mesmo na Asia, se encontram camelos selvagens.

N'alguns pontos do sul da Europa tem-se tentado com bom resultado a acclimação d'estes animaes, e na America já existem muitos. No dizer de Brehm, desde 1858, cem camelos transitam pelo caminho que vae pelo deserto desde o Mississipi até ao oceano Pacifico.

Muitas tribus arabes possuem numero consideravel d'estes animaes, e o autor a que já nos referimos diz que no Soudan conheceu chefes que tinham de 500 a 2:000 camelos, e viu pastar nas planicies de Kordofan uma manada que não teria menos de 250:000 cabeças.

«Do numero de camelos, diz ainda Brehm, que todos os annos morrem no deserto, só pode fazer idéa quem o atravessa. No deserto da Nubia e no de Bahiouda, vi ao longo dos caminhos os esqueletos d'estes animaes, em muitas leguas d'extensão, como que empilhados uns sobre os outros, servindo d'alguma forma para indicar o caminho aos viajantes.

O camelo sustenta-se exclusivamente de vegetaes, não sendo difficil na escolha dos alimentos; pode dizer-se que entre as suas melhores qualidades a sobriedade é a primeira: todas as forragens lhe servem. Alimenta-se, semanas inteiras, com as plantas mais seccas e definhadas do deserto, algumas das quaes com as folhas cortantes, e com troncos meio seccos; em caso de necessidade basta-lhe um cesto velho, uma esteira tecida de folhas de palmeira. No Soudan oriental é preciso proteger por uma sebe d'espinhos as choças dos indigenas, formadas de meia duzia de ripas e revestidas de colmo, porque sem esta precaução seriam comidas pelos camelos até aos alicerces. Os espinhos mais agudos não ferem a bocca ao camelo, e centos de vezes lhe vi engulir ramos de mimosas eriçados d'espinhos tão agudos, que atravessam até mesmo as solas das botas. Repetidas vezes, caçando, pude fazer a experiencia: alguns d'estes espinhos, que furando a sola do calçado vinham ferir-me os pés, eram os mesmos que os camelos mastigavam impunemente.

Á tarde, quando a caravana faz alto, soltam-se os camelos para que vão em busca do alimento, e indo então de arvore em arvore comem-lhe os ramos a que podem chegar, partindo-os primeiro habilmente com os beiços, engulindo-os em seguida apezar dos espinhos de que estão cobertos.

Gostam principalmente de plantas saborosas, e se conseguem introduzir-se nas terras cultivadas fazem grandes estragos: comem hervilhas, favas, hervilhaca, e agrada-lhes muito toda a sorte de grãos. Nas viagens atravez do deserto, onde é necessario reduzir as cargas ao menos possivel, ainda assim cada arabe traz comsigo uma porção de durrah ou de cevada, para dar todos os dias um ou dois punhados aos camelos que conduz. Nas cidades alimentam-se estes animaes de favas, e no campo de relva secca ou de palha de durrah. Parece, comtudo, que o camelo gosta mais das folhas das arvores e dos arbustos, que busca de preferencia.

Se come hervas succulentas, não vae demasiadamente carregado ou não o apressam, o camelo póde passar semanas inteiras sem beber. Os nomadas do deserto de Bahiouda deixam os camelos escolher elles proprios o alimento, ás vezes durante um mez, e então n'esse tempo os animaes contentam-se para matar a sede com o rocio que cobre as plantas e com o proprio suco d'ellas.

Durante a estiagem já este facto se não repete, e apezar de se haver dito muitas vezes que o camelo pode estar quinze ou vinte dias sem beber, comendo hervas seccas, pode ter-se tal asseveração por falsa.

Em dezembro de 1847 e janeiro de 1848 atravessei o deserto de Bahiouda, e durante a viagem, que durou oito dias, os camelos não beberam pinga d'agua; mas n'esta epoca havia plantas verdes, e os animaes passaram excellentemente. Dois annos depois, no mez de junho, fiz segunda vez este caminho, e então os camelos soffreram fome e sede, apezar de se lhes dar agua ao quarto dia, e estavam por tal fórma extenuados ao sexto e septimo que caiam debaixo de nós, dando-nos serios trabalhos para os conduzir até ao Nilo, sendo necessario descarregar alguns para novamente conseguir montal-os.

Quando de verão se viaja pela Africa, sob uma temperatura abrazadora, o camelo carece de ser bem alimentado, e de beber, descançando de quatro em quatro dias pelo menos trinta a quarenta horas. Só nos casos excepcionaes são obrigados a supportar a sêde, quando se encontra secca alguma das fontes onde se esperava dar-lhes de beber.

Outr'ora pretendia-se explicar a sobriedade do camelo pela conformação especial do estomago, acreditando-se que as grandes celulas dos dois compartimentos d'este orgão serviam de reservatorios d'agua; ainda mais, nas antigas descripções de viagens, principalmente nas obras que eram colligidas de diversos narradores, lia-se que no deserto os viajantes devorados pela sêde recorriam á agua que encontravam no estomago do camelo. Duvidando da veracidade de taes narrações, procurei informar-me dos proprios conductores, mas nenhum tinha conhecimento de similhante fabula, ouvindo-a então pela primeira vez.

Mais tarde, quando assisti á matança de camelos que ainda na vespera tinham bebido, pude convencer-me que era completamente impossivel beber a agua que durante dias se conservara misturada com os alimentos e o succo gastrico. O camelo já tem de si cheiro repellente, mas tal beberagem estomacal repugnaria até mesmo ao homem que estivesse morrendo á sede. O cheiro que se exhala do estomago do camelo, logo depois de aberto, é insuportavel.

É interessante observar os camelos ao aproximarem-se d'uma fonte ou d'algum ribeiro, quando veem fatigados, exhaustos, e esfomeados. Por mais estupidos que sejam não se esquecem estes animaes dos sitios onde uma vez beberam, e ao aproximar-se levantam a cabeça, piscam os olhos, aspiram o ar, deitam as orelhas para traz, e eil-os a correr, e por tal fórma, que quem n'elles montar precisa segurar-se á sella para não cair. Chegados que sejam á fonte empurram-se, procurando passar uns á frente dos outros, e dando bramidos que na verdade são horrorosos.

A sobriedade não é só uma qualidade innata d'este animal, é tambem o resultado da educação, e assim o dromedario supporta melhor ou peior a falta d'alimento consoante a maneira porque tiver sido criado. «Habituam de pequenos os camelos do Soudan e do deserto, refere Brehm, a não beber senão de quatro em quatro dias, e a ter por alimento algumas das hervas resequidas que formam a vegetação da sua patria, tornando-os assim mais aptos para as viagens atravez do deserto do que os nascidos nas regiões situadas mais ao norte, principalmente nas cultivadas pelo homem onde nunca lhes escasseia o alimento e a agua.»

Os dromedarios, que geralmente servem para a sella, emquanto que o camelo é destinado ao transporte de bagagens e mercadorias, são mais ageis e velozes na corrida do que se nos afigura ao vêl-os, rivalisando até mesmo com o cavallo. Ganha este ao dromedario nas primeiras horas de viagem; mas depois nem mesmo consegue acompanhal-o. Um d'estes animaes descansando apenas as horas de maior calma, pode sem grande esforço percorrer em 16 horas 160 kilometros, e continuar esta marcha sem maior descanso durante tres ou quatro dias, vencendo n'este tempo a distancia de 640 kilometros.

Os dromedarios de sella mais ligeiros são conhecidos na Africa pelo nome de *hedjihn*, que equivale ao vocabulo corcel, applicado na nossa lingua ao cavallo, e realisam prodigios de velocidade. Foi montado n'um d'estes animaes que Mahammed-Ali fugiu do Cairo para Alexandria, percorrendo 200 kilometros em doze horas.

O camelo de carga avança d'ordinario vagarosamente a passo, estendendo e encolhendo successivamente o pescoço, mas o bom dromedario de sella anda a trote, unica andadura a que o arabe o habitua. O dromedario a passo obriga o cavalleiro a tão repetidos abalos, sacudindo-o da direita para a esquerda e de traz para diante, que a viagem tornar-se-hia em longo martyrio; a galope, andadura que o animal só toma quando é fortemente excitado, o homem soffre menos, porque antes de tres minutos estará por terra.

O dromedario, como meio de transporte, só é verdadeiramente util nas planicies; não sabendo trepar e descendo com muita difficuldade, essa utilidade é consideravelmente menor nas regiões fortemente accidentadas. O dromedario não sabe nadar, e quando é preciso transportal-o d'uma para outra margem d'um rio, como no paiz não ha senão pequenas embarcações onde não cabe, é necessario suspendel-o ao lume d'agua por meio de cordas que lhe passam ao focinho e á cauda, sem as quaes iria para o fundo como um prego. O animal ao vêr-se dentro d'agua manifesta o seu grande terror agitando convulsivamente as orelhas; as ventas dilatam-se-lhe, e os olhos parece quererem sair-lhe das orbitas.

A voz do dromedario consiste n'um bramido difficil de descrever, parecendo um conjuncto de grunhidos, mugidos, gritos, e rugidos. Dos sentidos o ouvido é o mais apurado, a vista é menos perfeita, e o olfato mau. O gosto, comquanto não seja muito desenvolvido, não se póde dizer nullo.

«O camelo expelle de si tal fetido, diz Brehm, que se o compararmos ao do bode póde o d'este dizer-se um perfume; ensurdece-nos com os seus bramidos, e torna-se desagradavel pela feia cabeçae descompassado pescoço. Tudo isto, porém, é o menos; acima de tudo, possoa ffirmar qu ceste animal, intencionalmente, resiste a todas as determinações do conductor. Dos milhares de camelos que tive ensejo de ob-

servar durante as minhas viagens pela Africa, nem um unico vi que manifestasse a mais leve affeição pelo dono: todos obedeciam e trabalhavam levados pela força.

A unica boa qualidade que lhe conheço é a sobriedade. De intelligencia curtissima, não sente amor nem odio, tudo lhe é indifferente afóra o alimento e o filho. Quando percebe que tem de trabalhar mostra-se de mau humor, e só obedece porque sabe que de nada lhe serviria revoltar-se, submettendo-se então com a indifferença que lhe é peculiar em todos os seus actos. É mau e perigoso quando se encolerisa, e covarde quanto póde ser.

O rugido do leão é sufficiente para uma caravana se dispersar, porque quando os camelos o ouvem, trata cada um de atirar fóra a carga e de fugir. Os bramidos da hyena assustam os dromedarios, e basta um mono, um cão ou um lagarto para os amedrontar. A nenhum animal se affeiçoam, nem mesmo ao jumento como qual vivem em boa harmonia. O cavallo parece tel-os em aversão pela sua fealdade. Finalmente o dromedario considera todos os animaes com a mesma má vontade que tem ao homem...

Para em duas palavras exprimir a minha opinião ácerca do camelo, direi que é o ultimo dos animaes domesticos, completamente privado de intelligencia, obrigando o homem repetidas vezes a perder a paciencia.»

Na dromedaria a gestação dura de onze a treze mezes, e de cada vez só tem um filho, que emquanto pequeno é relativamente bonito, alegre e divertido, como quasi todos os animaes pequenos. Nasce com os olhos abertos, o corpo coberto de pello macio, espesso, lanoso, já muito comprido, e pouco tempo depois de nascido acompanha a mãe, que lhe testemunha vivo affecto. E' maior, quando nasce, que o potro, tendo aproximadamente $0^m,80$, e ao fim da primeira semana 1^m. A mãe dá-lhe de mamar durante um anno, trata-o com carinho, e defende-o com maior coragem do que se poderia suppôr.

Os dromedarios, na época do cio, são ainda mais feios e medonhos que d'ordinario, tornando-se então perigosos, porque, não se limitando aos seus horrorosos bramidos, mordem os companheiros, dão-lhe coices, não estando o homem isento d'estas aggressões. Conta Brehm que certo dia um conductor carregava um dos seus camelos, e este, agarrando-o pelo cotovelo direito, esmagou-lhe a articulação por tal fórma, que o homem ficou estropeado para todos os dias da vida. Ha exemplos de homicidios praticados pelos dromedarios.

O modo de arrear o dromedario não é similhante ao que se emprega com os outros animaes. A sella consiste n'um assento da feição d'uma concha, posto sobre a corcova, ficando mais alto quasi $0^m,30$, e assente sobre quatro almofadas, collocadas ao lado para que não fique comprimida. A sella é presa por tres cilhas largas e fortes, duas das quaes passam por baixo do ventre e uma pelo pescoço, coberta por um tapete muito felpudo encarnado ou azul. As redeas consistem n'um cordão de coiro, muito bem entrançado, que prende o focinho do animal á maneira de cabresto, apertando-lhe a bocca quando se puxa. Os camelos de sella teem mais um bridão, formado por uma tira delgada de coiro, que atravessa as ventas do animal.

Na frente e na parte posterior da sella existem dois ganchos onde se dependuram todos os objectos indispensaveis na viagem: saccos contendo polvora e balas, os coldres, um embrulho com tamaras, e um odre com agua.

Quando o arabe quer montar o dromedario, aproxima-se-lhe, e dando certo grito guttural que lhe é particular, retesando ao mesmo tempo a redea, obriga-o a ajoelhar e a conservar-se n'esta posição até que tomando a redea com a mão esquerda e segurando-se á sella com a direita, estenda a perna direita e deite ambas as mãos ao arção da sella, montando rapidamente, sendo necessario que estes movimentos se executem com desembaraço, porque o dromedario não espera que o cavalleiro busque o seu commodo; levanta-se tão depressa sente o mais leve peso. Por isso antes que o homem possa ageitar-se na sella, o animal, levantando-se sobre os pulsos, estende os membros posteriores e ergue-se finalmente sobre as mãos, tres movimentos tão sacudidos que quem pela primeira vez montar não deixa ao segundo de vir parar ao chão ou de cair-lhe sobre o pescoço. Para os inexpertos usa-se uma escada curta com que mais facilmente podem montar, sem se expôrem a similhantes inconvenientes.

O camelo de carga traz albarda, sobre a qual se carregam dois fardos, um de

cada lado, seguros muitas vezes apenas pelo equilibrio resultante da egualdade do peso; para o carregar collocam-se os fardos a distancia um do outro, obriga-se o camelo a deitar-se entre ambos, e depois de presos com cordas, ergue-se o animal. Para atravessar o deserto, diz Brehm, a carga não deve exceder 150 kilogrammas, e 200 se a viagem fôr curta. Não pode o animal com pesos superiores.

«No Egypto, accrescenta este escriptor, eram tão pesadas as cargas que punham nos camelos, que o governo promulgou uma lei pela qual se não podia carregar nenhum d'estes animaes com peso que fosse além de 700 libras arabes, ou 319 kilogrammas. Estando eu no Egypto, o meu amigo e protector Latief Pachá fez um dia conhecer a um *fellah*, por forma bem palpavel, toda a importancia d'esta lei.

Era elle então governador da provincia de Siout no Alto-Egypto, e tinha plena jurisdicção. Todos os dias elle ia ao palacio

Gr. n.° 185 — O camelo

do governo, pelo pateo do qual passava a estrada que da cidade conduz ao rio, e as grandes portas do *divan* ou tribunal de justiça, estavam sempre francas a todos, sem distincção de classe. Um dia em que estava no tribunal, entrou pela sala da audiencia um enorme camelo, excessivamente carregado, custando-lhe a ter-se de pé com o avantajado da carga.

— «Que tem este animal? perguntou o bey, vejam se a carga é demasiada, pesem-n'a.

Procedeu-se á pesagem e verificou-se que tinha 1:000 libras arabes;n'este meio tempo appareceu o dono do camelo, que ficou surprehendido ao ver o que se passava.

—«Não sabes, disse-lhe o bey, que não deves carregar o teu camelo com carga superior a setecentas libras? Pozeste-lhe mil, pois metade d'este numero de bastonadas deve-te pesar a valer, e assim poderás avaliar quanto o dobro em libras pesa ao animal! Pelas barbas do propheta, e por

Allah, o Todo Poderoso, para quem os homens e os animaes são irmãos, hei de mostrar-te o que succede a quem assim mette a tormentos um animal. Prendam-n'o, e dêem-lhe quinhentas bastonadas!»

A sentença cumpriu-se, e o fellah [1] recebeu as quinhentas bastonadas.

— «Agora retira-te, disse-lhe o juiz, e se outra vez o teu camelo te accusar de egual delicto, peior será o castigo que terás de soffrer.»

— «Que o Senhor te guarde, excellencia, e abençoada seja a tua justiça,» disse o fellah e retirou-se.

Quer-nos parecer que este systema seria entre nós applicado, em boa justiça, a tanta gente que por ahi maltrata os animaes, sem dó nem piedade, não exceptuando mesmo os que, sendo seus companheiros nas canceiras da vida, são tambem o seu ganha pão.

O dromedario vive na Africa quarenta e até cincoenta annos. Tendo referido os serviços prestados por este animal, falta mencionar a utilidade do leite da camela, que é excellente alimento que aos europeus repugna emquanto se não habituam, por ser espesso em demasia e gordurento. Depois de morto o animal aproveita-se-lhe a carne, sendo melhor a dos novos; a pelle que se emprega em diversos artefactos; e o pello para estofos, cordas e para encher colchões.

O CAMELO

Camelus bactrianus, de Linneo.—*Le chameau*, dos francezes

Este animal differe principalmente do dromedario em ter duas corcovas, e em fealdade nenhum ruminante lhe ganha. O pello é mais espesso e mais escuro que o do dromedario.

O camelo vive nos paizes da Asia central e oriental, onde substitue o dromedario.

É similhante o camelo ao dromedario nos habitos e no regimen, e pela descripção que fizemos d'este ruminante, na qual simultaneamente falámos de ambos, pode-se ficar conhecendo os individuos das duas especies.

Desde tempos immemoriaes que o camelo é utilisado pelos tartaros, pelos mongoes e pelos chins como animal de carga, não podendo servir para a sella como o dromedario, pela sua tarda andadura, sendo todavia o unico meio de transporte atravez de vastas regiões desertas, conduzindo as mercadorias dos paizes orientaes da Asia para o extremo oriental da Europa.

Para certos povos nomadas da Asia o camelo é o mais util dos animaes domesticos, servindo para transportar o dono, a familia e as bagagens, fornecendo o leite, e depois de morto a carne e a pelle.

OS LHAMAS

Les lamas, dos francezes

São estes animaes os representantes dos camelos na America, possuindo todos os caracteres principaes d'estes ruminantes, distinguindo-se, todavia, pela falta de corcovas e pela separação completa dos dedos das mãos e dos pés. Além d'isso, sendo mais pequenos que os camelos, são mais esveltos, as formas mais proporcionadas, e o todo airoso e agradavel.

Distinguem-se tres especies de lhamas, o *lhama propriamente dito*, o *alpaca*, e o *vicunha*.

O LHAMA

Camelus glama, de Linneo. — *Le lama*, dos francezes

O lhama era o unico animal de carga que os peruanos conheciam antes da descoberta da America pelos europeus, não existindo n'essa epoca senão como animaes domesticos, sendo os que hoje se encontram selvagens descendentes d'aquelles.

Comquanto este animal esteja dividido em muitas raças distinctas, variando portanto de caracteres, pode dizer-se que em geral o lhama tem pouco mais ou menos o corpo d'um cavallo pequeno, com 1^{m},33 d'altura nas espadoas e 1^{m},60 de comprimento; cabeça pequena e bem formada, calosidades no esterno e nos joelhos, pello espesso e comprido, variando de côr, mais longo e crespo sobre o corpo do que na cabeça, no pescoço e nas pernas; de ordinario trigueiro ou preto, outras vezes trigueiro claro, ou arruivado, e até mesmo branco.

Até á introducção dos cavallos na America eram estes animaes empregados exclusivamente pelos habitantes do Peru como animaes de sella e de carga; hoje, comquanto tenha passado d'uso aprovei-

[1] Nome dado aos camponezes do Egypto.

tal-os como taes, ainda assim, no transporte de pequenos fardos pelos caminhos tortuosos e escarpados das montanhas, ainda este animal é empregado com vantagem pela firmeza com que transita por aquellas declivosas veredas. Anda de vagar, e não carrega peso superior a 75 kilogrammas.

O lhama vive no Peru, e prefere para habitar os altos platós, que ficam a 3:000 e 3:500 metros acima do nivel do mar, e onde se encontram as maiores manadas d'estes animaes. Os indigenas conservam-n'os fechados em recintos proprios, proximo das habitações, largando-os ao nascer do sol para pastarem livremente sem guardas que os conduzam, e os animaes não deixam de recolher-se á tarde, muitas vezes acompanhados por individuos das especies selvagens, que se deteem a distancia das habitações dos companheiros, não desejando partilhar do seu captiveiro. Só os machos servem para carregar; as femeas destinam-se tamsómente á reproducção.

Gr. n.º 186 — O lhama

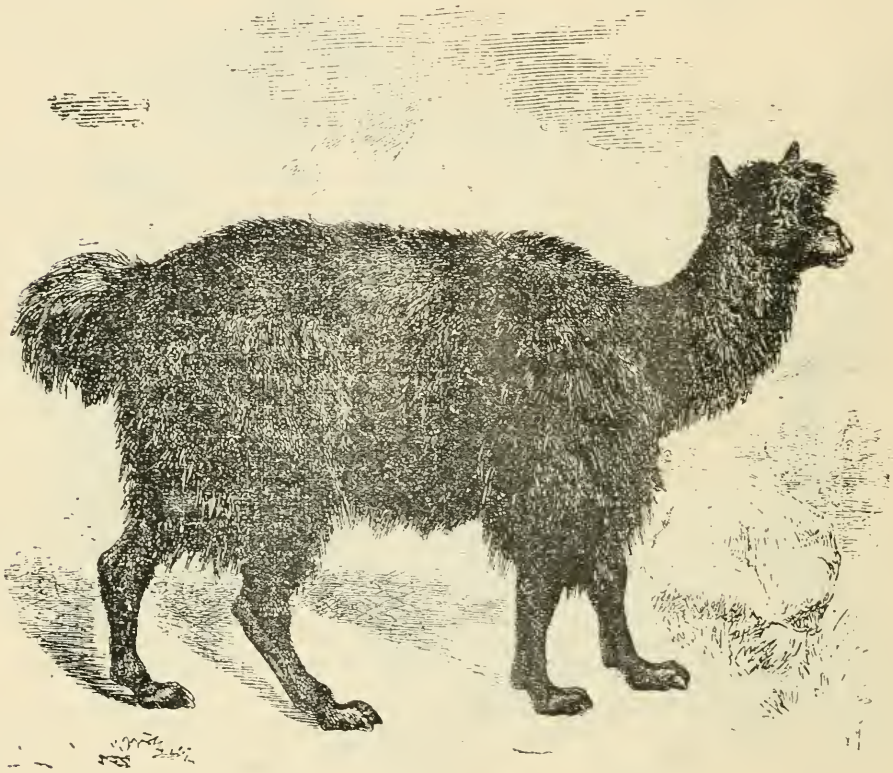
«Não ha nada mais bello, diz Stevenson, do que assistir á passagem d'uma récua d'estes animaes, carregados aproximadamente com o peso d'um quintal, caminhando em boa ordem, uns atraz dos outros, e levando na frente o lhama guia, arreiado a capricho, com campainha ao pescoço e bandeira á cabeça. Assim vão costeando os cimos das cordilheiras, cobertas de neve, por veredas onde a custo poderiam passar as mulas, obedecendo aos conductores, que não carecem de chicote nem d'aguilhada para os fazer andar. Caminham socegados, sem nunca pararem, até ao seu destino.

A gestação d'este animal, na America, dura dez mezes, e mais nos que teem vindo para a Europa; as femeas só teem de ordinario um filho de cada vez, raras

vezes dois, comquanto tenham quatro mamas. Na edade de tres annos a femea está apta para a reproducção, e o lhama pode viver na sua patria vinte cinco a trinta annos.

Esta especie pode viver na Europa, onde por vezes se tem reproduzido, encontrando-se hoje em quasi todos os jardins zoologicos. Quando vivem reunidos, estes animaes são mais mansos e dados; o macho e a femea dedicam-se mutua affeição, e vivem todos na melhor harmonia. «O lhama aprende a conhecer o tratador, é bom para elle; mas para os estranhos, diz Brehm, porta-se como um verdadeiro cameliano, isto é, está sempre mais ou menos de mau humor e prompto a irritar-se.

Este animal é de grande utilidade para os habitantes das montanhas, não só pelos serviços que lhes presta em vida, mas tambem pela boa carne que lhes fornece depois de mortos. A pelle é estimada, e do pello fabricam-se diversos estofos.



Gr. n.º 187 — O alpaca

O ALPACA

Camelus cophis, de Linneo. — *Le lama alpaca*, dos francezes

«O alpaca, ou *paco*, diz Brehm, tornou-se nos ultimos annos o animal mais importante do grupo dos lhamas, tendo-se descoberto que a lã d'este animal tem propriedades superiores ás da lã em geral, e tentando-se por isso acclimal-o na Europa e na Australia. As tentativas feitas em França e em Inglaterra, na Hollanda, e em Lütschenra, perto de Leipzig, não teem dado até hoje grandes resultados, em quanto que os lhamas se dão na Australia perfeitamente. Em Knowsley, em Inglaterra, um individuo chamado Thompson criou um grande rebanho pertencente ao conde de Derby, e os naturalistas inglezes julgam que se poderá conseguir acclimar perfeitamente o alpaca nas montanhas da Escossia.»

O alpaca é mais pequeno que o lhama de que antecedentemente falámos, tem o pescoço comprido e a cabeça pequena, distinguindo-se este animal pelo tamanho

do pello, mais longo no pescoço e nas partes superiores do corpo, nas ilhargas, nas coxas e na cauda, caindo-lhe em compridas madeixas, que lhe escondem as pernas, chegando a ter $0^m,10$ a $0^m,14$ de comprimento. O pello é preto ou branco, e n'alguns individuos malhado.

O lhama alpaca encontra-se nos mesmos sitios que o lhama propriamente dito.

Vive este animal em grandes rebanhos, que se conservam todo o anno nos pontos elevados das montanhas, alimentando-se á maneira dos carneiros; e quando algum se perde do rebanho é difficil a bem ou a mal obrigal-o a caminhar, sendo necessario que uns tantos animaes seus companheiros venham buscal-o. A gestação na femea dura onze mezes, tendo de cada vez um unico filho.

Os indios, refere Brehm, servem-se desde epocas muito remotas da lã do lhama e do alpaca para fabricar capas e coberturas, e no dizer de Acosta chamam

Gr. n.º 188 — O vicunha

á lã ordinaria *hanaska* e á fina *cumbi*. Fabricam com ella tambem pannos de mesa e outros objectos artisticamente trabalhados, que se recommendam pela belleza e duração.

Os incas eram excellentes tecelões, e os melhores habitavam as margens do lago Titicaca, servindo-se de certas hervas para tingir a lã de côres vivas e muito variadas.

Hoje só fazem capotes e coberturas diversas; a lã é exportada para a Europa. Desde que Titus Salt, de Bradfort, encontrou o processo para fial-a e tecel-a, esta industria alcançou consideravel desenvolvimento, diligenciando-se por isso acclimar o alpaca na Europa.»

O VICUNHA

Camelus vicugna, de Linneo— *Le lama vigogne*, dos francezes

O vicunha é o animal mais pequeno do genero lhama, apenas do tamanho d'uma ovelha grande, parecendo-se muito com o lhama, sendo porém mais esvelto: as pernas são proporcionalmente mais compridas, mais delgadas e bem feitas, e a cabeça mais curta. Tem olhos grandes, e o olhar intelligente e meigo, denotando ao mesmo tempo grande vivacidade.

O pello da garganta é amarellado, o do peito, do ventre e da parte interior das coxas branco, o do resto do corpo trigueiro.

No ventre e no peito tem pellos com 0m,14 de comprimento, e a lã d'este animal excede em finura e flexibilidade todas as lãs conhecidas.

«Este animal é mais bravio que o lhama, e vive em rebanhos de seis a quinze femeas, com um unico macho que vigia constantemente pelo bem estar das femeas que lhe pertencem, em quanto estas andam ao pasto; ao mais leve indicio de perigo ouve-se-lhe um assobio agudo, e parte a fugir. O bando então reune-se, voltando todos os animaes a cabeça para o lado suspeito, avançam até mesmo alguns passos n'aquella direcção e fogem em seguida, cobrindo o macho a retirada e voltando-se a miudo para observar o inimigo.

O vicunha pode ser alcançado na planicie por um cavallo a galope; mas trepando pela montanha não ha cavallo que possa apanhal-o.

Este animal tem de cada vez um filho, que vive com a mãe até ser adulto, mas que chegada essa epoca, sendo macho, é posto fóra da manada ás dentadas e aos coices, indo viver com outros da mesma edade em bandos de vinte e cinco a trinta individuos, que não teem chefe, sendo todavia difficil aproximar-se-lhes alguem, pela sua constante vigilancia.

Para se apropriarem da pelle d'este animal, que é muito estimada e objecto de valioso commercio, os indigenas perseguem os vicunhas até ás mais altas e mais escarpadas cristas da cordilheira dos Andes, onde este animal vive em numerosos bandos, que diminuem todos os dias.

Quando se apanham novos, diz Tschudi, os vicunhas domesticam-se, tornam-se dados, mostram até affeição ao dono, e seguem-no passo a passo; mas á maneira que envelhecem fazem-se maus e insupportaveis, principalmente pelo costume que teem de arremessar a saliva ao rosto das pessoas.

Tem-se feito grandes diligencias para aclimar na Europa esta especie, sendo de esperar que o bom resultado compense tão importante emprehendimento, para a boa solução do qual se manteem nos jardins zoologicos de acclimação de diversos paizes muitos d'estes ruminantes.»

OS MOSCHOS

Os animaes d'esta familia e os camelos não teem cornos; pelas fórmas geraes approximam-se dos veados das especies mais pequenas, não teem incisivos na maxilla superior, e os machos distinguem-se do resto dos ruminantes por ter os dois caninos da maxilla superior tão compridos que lhe saem da bocca. Ha entre as diversas especies que constituem esta familia uma muito notavel, pela existencia d'um sacco membranoso no umbigo, na cavidade do qual se produz o almiscar.

Os moschos dividem-se em dois generos, que comprehendem pequeno numero de especies, e d'estas apenas mencionaremos duas mais importantes, que em seguida vão descriptas.

O ALMISCAREIRO

Moschus moschiferus, de Linneo — *Le chevrotain porte-musc*, dos francezes

O almiscareiro é um bonito animal de 0m,80 de comprimento e 0m,66 de altura, com a parte posterior do corpo mais alta que a anterior, pescoço curto, cabeça alongada, focinho arredondado, olhos medianos com longas pestanas, orelhas ovaes grandes e movediças, membros delgados, terminando em cascos compridos, delgados e pontudos. Os caninos são brancos e muito compridos, os da maxilla superior nos machos saindo-lhe da bocca á maneira das defensas do elephante, com o comprimento de 0m,03 a 0m,08, recurvos para traz, cortantes pelo lado posterior e agudos na ponta. Na femea os caninos não excedem os beiços.

Debaixo do ventre, proximo do umbigo, tem este animal um bolsa arredondada, pouco saliente, coberta de pello basto, que contém uma substancia bem conhecida em todo o mundo, o almiscar, aroma que sendo insupportavel para os narizes mais delicados, todavia encontra quem d'elle faça uso.

O pello do almiscareiro é basto, comprido e crespo, com o colorido resultante de diversas côres reunidas, principalmente da trigueira, ruiva e branca, tendo muitas vezes uma malha no meio da testa, e os cascos negros. Ha uma variedade d'esta especie que é completamente branca.

Vive este animal nas regiões montanhosas da Asia central, entrando pela Siberia meridional, e encontra-se em abundancia na China, que exporta grande quantidade de almiscar, e na India.

O almiscareiro vive de preferencia nos pontos mais altos e mais agrestes das montanhas, conservando-se á entrada das flo-

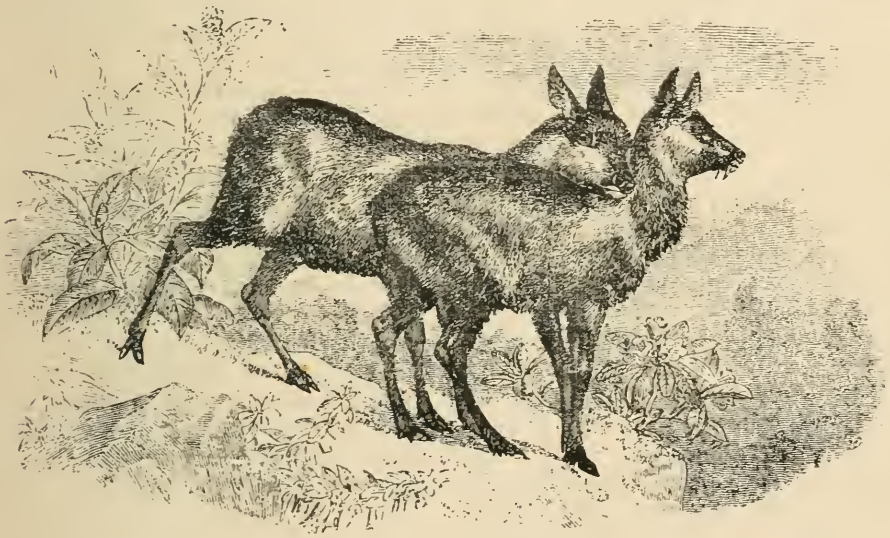
restas, e raras vezes abandona o sitio que primeiro escolhe para sua residencia. Vive só, occulto durante o dia, e vagueando de noite.

Este animal timido, e de escassa intelligencia, possue sentidos apurados, e na agilidade e firmeza dos seus movimentos não é inferior á antilope e á cabra montez, saltando de grandes eminencias sem se ferir, e correndo pelas arestas dos rochedos, onde mal lhe cabe um pé, sem nunca perder o equilibrio. Se necessario fôr, lança-se á agua e atravessa a nado uma ribeira.

A epoca do cio do almiscareiro é no fim do outono; durante esse tempo os machos batem-se encarniçadamente uns com os outros, disputando a posse das femeas, tornando-se então os dentes armas bastante perigosas pelos ferimentos que produzem. E' raro encontrar um macho no qual a abundancia de cicatrizes não certifique estas porfiadas lutas. E' tal o cheiro de almiscar que se exhala d'este animal na epoca do cio, que affirmam os caçadores poder sentir-se a um kilometro de distancia.

A gestação na femea dura seis mezes, e no mez de maio ou junho tem um ou dois filhos, que se conservam com a mãe até ao outono seguinte, nascendo já cobertos de pello e podendo acompanhal-a.

O almiscareiro é herbivoro, alimentando-se de diversas plantas segundo as localidades e as estações, mas parece que sendo delicado na escolha prefere sempre as mais tenras e succolentas.



Gr. n.º 189 — O almiscareiro

Este animal é victima das mais activas perseguições por parte do homem, que procura havel-o ás mãos não só para se apropriar do almiscar, que se contém no bolso a que já nos referimos, e que é pago por bom preço, como tambem pela carne que dizem ser excellente, tendo o cuidado de lhe extrahir, logo depois de morto, a bolsa que encerra aquella substancia odorifera. De ordinario as armadilhas são o meio mais usado para caçar este animal, que não deixa facilmente aproximar o caçador a distancia d'um tiro de espingarda.

Na Russia Asiatica, nas margens do mar Glacial, existe um povo nomada que se emprega na caça d'este animal, matando-o ás frechadas, depois de conseguir attrahil-o imitando a voz dos individuos novos com o auxilio d'um pedaço de casca d'arvore. Conta-se que mais d'uma vez o embuste tem servido para chamar a attenção dos ursos, dos lobos e dos raposos, que correm attrahidos pelos suppostos gritos do almiscareiro.

Pouco se conhece ácerca da vida d'este animal captivo, havendo apenas noticia d'um que veiu para Paris em 1772, gastando tres annos na viagem, e que alli viveu egual periodo, morrendo victima d'um desastre.

O MOSCHO MENOR

Moschus pygmæus, de Lineo — *Le tragule nain*, dos francezes

Este animal é o mais pequeno dos ruminantes, não excedendo em tamanho á lebre, mas verdadeiramente notavel pela elegancia e delicadeza das fórmas.

Fazendo parte da mesma familia a que pertence o almiscareiro, de que antecedentemente falámos, comprehende-se comtudo o moscho menor n'outro genero, composto de diversas especies, discordando os naturalistas no numero d'ellas, e que se distingue do genero almiscareiro pela ausencia da bolsa onde se contém o almiscar, e por ter a cauda curta mas coberta de pellos compridos.

O moscho menor tem $0^m,50$ de comprido incluindo a cauda, que é maior que a do almiscareiro, tendo d'altura nas espadoas $0^m,22$, e $0^m,25$ na parte trazeira do corpo. Se com estas dimensões se figurar uma cabra montez, de tronco forte, pernas seccas e cascos delicadissimos, cauda pequena e graciosa, olhos lindos e brilhantes, pello d'um bello ruivo na parte superior do corpo, passando a loiro nas ilhargas e a branco nas partes inferiores, está feito o retrato d'este animal. Os dentes incisivos dos machos saem-lhe fóra da bocca, e teem $0^m,03$ de comprimento, sendo recurvos com as pontas inclinadas para traz.

Java, Singapura e Pinang são os pontos onde se encontra este lindo animal, que é substituido por outras especies do mesmo genero, diversificando pelo colorido do pello, em Ceylão, Sumatra e Borneo.

É o moscho menor um animal ligeiro e gracioso, que salta e corre com agilidade, vivendo sempre só até á epoca do cio, durante a qual se reune á femea, que tem de cada vez um filho. A sua alimentação consiste em hervas, folhas e fructos de toda a especie, em busca dos quaes emprega a noite, dormindo e ruminando todo o dia, occulto na espessura da floresta.

Conta-se que este animal quando já não póde esquivar-se pela fuga ao inimigo que o persegue, porque os seus membros delicados recusam leval-o mais longe, deita-se por terra fingindo-se morto, e assim descança e aguarda que o seu aggressor se aproxime; e mal este se chega em dois pulos o moscho se põe ao largo, desapparecendo veloz como o raio.

N'estes ultimos tempos tem sido transportados para a Europa muitos moschos de diversas especies, que teem vivido captivos por mais ou menos tempo, tornando-se notaveis pela sua elegancia e delicadeza de fórmas, pela belleza e tamanho dos olhos, e pelo seu esmerado asseio.

A carne d'este animal é estimada, e por isso nos paizes onde vive é activamente perseguido pelos caçadores indigenas.

OS VEADOS

Les cerfs, dos francezes

O caracter que mais distingue os animaes d'esta familia consiste na contextura, fórma e modo de crescimento das protuberancias frontaes que lhe ornam a cabeça, e que geralmente só se encontram nos machos.

Os animaes d'este grupo, de que vamos tratar, teem os cornos massiços, mais ou menos ramificados, caindo-lhe todos os annos e sendo substituidos por outros. Os recemnascidos apresentam apenas maior desenvolvimento nos ossos do craneo do que se encontra nos outros animaes; aos seis ou oito mezes apparecem-lhe duas saliencias osseas que lhe ficam para sempre, sobre as quaes apparecem logo depois dois prolongamentos a principio cartilaginosos, que não tardam a ossificar-se. A principio são duas hastes simples e pontudas, que mais tarde se ramificam, apparecendo então os esgalhos, que podem chegar a doze.

Todos os annos, em epoca determinada, logo depois da reunião dos dois sexos, cae a armação d'estes animaes e a que a substitue traz um esgalho a mais, e assim successivamente até alcançar o numero peculiar a cada especie.

Quasi todos os individuos d'esta familia são notaveis pela elegancia das fórmas, graça e vivacidade nos movimentos, doçura no olhar, e pela grande velocidade. Teem a cauda curta, orelhas pequenas e pontudas, e n'algumas especies existe uma fenda no canto interno de cada olho, chamada *lacrimal*, d'onde sae um humor mais ou menos abundante, diverso porém das lagrimas. Teem oito dentes incisivos na maxilla inferior, e não possuem dentes caninos; as pernas são altas e delgadas.

Na familia dos veados vão comprehendidos cinco generos principaes, a saber:

Impresso por Lallemant frères, Lisboa

O ALCE

os *alces*, os *rangiferos*, os *gamos*, os *veados propriamente ditos*, e os *zorlitos*, e com relação a cada um d'estes generos faremos a descripção d'uma ou mais especies, começando pelas maiores.

OS ALCES

Les élans, dos francezes

Os alces são os maiores animaes do grupo dos veados, attingindo alguns a estatura do cavallo, ou excedendo-a; mas se os compararmos a outros individuos da mesma familia é notavel o contraste, por que não só são feios, como relativamente pesados, estupidos, assimilhando-se na cabeça ao burro, mas para peior. Teem a cabeça muito grossa, o pescoço excessivamente curto, orelhas grandes, olhos pequenos, pernas muito longas, e o corpo mais alto na parte anterior do que na posterior. A armação não tem esgalhos, é espalmada de cima a baixo, com o feitio d'uma pá, denteada na parte superior, e formada de um tecido tão compacto, e por isso de tal modo pesada, que a de um adulto chega a ter 25 kilogrammas. A região nazal é muito desenvolvida, a extremidade do focinho coberta de pello, e o beiço superior, excessivamente comprido e bastante movediço, serve ao animal de instrumento de tacto e de prehensão; a cauda é muito curta.

A especie hoje existente é a seguinte:

O ALCE OU GRÃ-BESTA

Cervus alces, de Linneo — *L'élan*, dos francezes

Alguns d'estes animaes attingem por vezes, no seu completo desenvolvimento, $2^{m},60$ a $2^{m},80$ de comprimento, por 2^{m} de altura nas espadoas, medindo a cauda $0^{m},10$. O pello é curto, rijo e grosseiro, formando sobre a nuca uma pequena crina, que se estende ao longo da espinha dorsal, mas na garganta, continuando-se até ao peito, é comprido, chegando a ter $0^{m},20$, sendo mais curto nas femeas, e servindo para encobrir uma especie de papeira que o animal possue n'aquelle sitio. Em geral o pello é trigueiro, mais ou menos claro, tornando-se pardo-cinzento no verão.

Encontra-se o alce nas florestas dos paizes do norte da Europa: na Noruega, na Suecia, na Prussia, na Polonia e na Russia; ao norte da Asia: na Siberia, na Tartaria e ao norte da China; e na America, vive no Canadá e nas regiões vizinhas dos Estados Unidos.

Este animal habita as florestas, nos pontos mais escusos, preferindo as vizinhanças dos charcos e dos pantanos, onde se conserva durante o verão, retirando-se tamsómente na epoca das inundações para os sitios mais altos. Nas localidades onde o deixam tranquillo vagueia de dia e de noite em busca do alimento; mas se receia que o perturbem só apparece de noite. Alimenta-se de renovos, gomos e casca de arvores, sendo-lhe difficil poder pastar a herva que cresce no solo, porque lh'o não permitte a brevidade do pescoço, sendo necessario para chegar-lhe ajoelhar ou alargar extraordinariamente os membros dianteiros. Corta a casca das arvores com os dentes incisivos como se fôra com uma faca, e apertando os pedaços entre os dentes e o beiço arranca-os da arvore e come-os; com a cabeça faz curvar os troncos mais altos e come-lhe os ramos. Os troncos das arvores despidos da casca são indicio de que o alce não está longe, e servem para o caçador lhe seguir a pista.

O alce vive em pequenos bandos, ou familias, que se compõem do macho, d'um certo numero de femeas e dos pequenos nascidos n'aquelle anno. A gestação na femea dura nove a dez mezes, tem um unico filho da primeira barriga, e dois nas successivas, sendo raro que nasçam tres; se tal acontece morrem cedo. Ao terceiro ou quarto dia já o pequeno acompanha a mãe, e esta mostra-se carinhosa para o filho, defende-o em caso de necessidade, e aleita-o até á futura epoca do cio. Aos tres annos o alce está feito.

Este ruminante possue dois sentidos excellentes, a vista e o ouvido, não sendo o olfato de todo mau, e a elles deve o poder furtar-se ás perseguições dos seus inimigos, embora seja menos timido que o veado. A intelligencia d'este animal parece estar em harmonia com o seu todo, que só denota estupidez; foge do homem, mas vive em boa harmonia com os seus símilhantes, perturbando-se a paz que entre elles reina tamsómente na epoca do cio, brigando então, e excitando-se a tal ponto que até mesmo para o homem se torna perigoso. O alce assim irritado, ou quando se encontra em posição

tão desesperada, que outro recurso lhe não resta senão fazer frente ao seu aggressor, defende-se vigorosamente, e não é adversario que deva desprezar-se. São armas terriveis os cornos, dos quaes o animal sabe servir-se, e não são somenos as mãos e os pés, com que se defendem dos seus implacaveis inimigos: o lobo, o lynce e o urso.

O alce, á similhança do veado, é perseguido sem treguas em todas as partes da terra em que vive, usando-se para caçal-o dos mesmos meios que se empregam para o veado. Na Laponia armam-lhe laços, e n'alguns pontos da America os indios, na epoca em que o solo está coberto de neve, calçados com uma especie de chapins de madeira, com que resvalam sobre a neve, conseguem alcançar o alce que se enterra até ao peito, matando-o em seguida ás frechadas, que lhe despedem de perto e á cabeça, por conhecerem a resistencia e dureza da pelle do animal.

O alce, em quanto novo, é facil de domesticar-se, mas não supporta por muito tempo a perda da liberdade. Na Suecia, ha dois ou tres seculos, parece que se empregava este animal para puxar os trenós, á similhança do rangifero, sendo prohibido tal uso por uma lei especial, que se diz teve por fim evitar que os criminosos se servissem d'este meio para fugir. Nas numerosas tentativas feitas para tornar o alce domestico, observa-se sempre que vive bem emquanto novo, e parece até mesmo afazer-se ao seu novo genero de vida; mas em breve principia a definhar-se, e morre em pouco tempo.

A carne do alce é superior á do veado, a pelle melhor e mais solida, e os ossos muito procurados pela sua rijeza e especialmente por serem muito brancos e polidos.

OS RANGIFEROS

Les rennes, dos francezes.

Estes ruminantes, que teem pouco mais ou menos a estatura do veado da Europa, menos esveltos, porém, com a cabeça larga, um tanto similhante á do boi, sem ter a extremidade do focinho nua como este, distinguem-se facilmente pela forma da armação, que se compõe d'uma haste principal, cylindrica e muito curta, d'onde partem dois grandes esgalhos achatados, um que se eleva para o ar, dividindo-se em mais ou menos ramificações, e outro que se continua horisontalmente, menos esgalhado, e passando tão proximo da pelle do nariz que mal cabe um dedo entre ambos. Esta conformação soffre alterações, sendo comtudo a fórma geral a que descrevemos.

A femea do rangifero tem a cabeça ornada como o macho, sendo a armação mais pequena e menos ramificada.

As pernas d'este animal são delgadas e os pés cheios e revestidos de pello, até mesmo por baixo, circumstancia que faculta ao animal poder caminhar sobre a neve melhor do que qualquer outro.

Alguns naturalistas querem que o rangifero da Europa e o da America formem duas especies; outros porém só admittem uma.

O RANGIFERO

Rangifer tarandus, de Linneo — *Le renne*, dos francezes

Além dos caracteres geraes já descriptos antecedentemente, vamos ainda dar alguns pormenores que melhor possam desenhar este ruminante, o mais importante da familia dos veados, animal verdadeiramente precioso, em toda a extensão que possa dar-se a este vocabulo. O leitor terá occasião de verificar que nada tem de exagerada esta nossa asseveração.

O rangifero mede $1^m,70$ a 2^m de comprimento, e de altura nas espadoas $1^m,15$ tendo $0^m,14$ de cauda. O pello é mais espesso que o de nenhum outro animal da mesma familia, basto, ondeado, tezo e rijo, maior e mais flexivel na cabeça, no pescoço e nos membros que nas outras partes do corpo; na parte anterior do pescoço tem uma especie de crina que se prolonga ás vezes até ao peito. O pello no inverno attinge o comprimento de $0^m,07$, e é tão basto que forma uma cobertura ao animal com a espessura de $0^m,04$, comprehendendo-se que só assim o rangifero possa supportar os frios rigorosissimos das paragens em que vive.

O rangifero selvagem muda o pello duas vezes cada anno: na primavera cae-lhe o do inverno, sendo substituido por outro mais curto, todo pardo, que a pouco e pouco vae sendo substituido por outro branco, até que o animal apparece ruço tão claro, que se assimilha á côr da neve suja. O rangifero domestico, no verão, tem a cabeça, as costas, o ventre e os pés trigueiros escuros, o pello das ilhargas mais

claro, e o do ventre branco. No inverno a côr trigueira vae desapparecendo, e o pello branco substituindo o antigo.

Vive este animal nos desertos de gelo do polo arctico, e nos paizes mais septentrionaes onde habita o homem: no Spitzberg, na Groenlandia, na Laponia, na Tartaria, no Canadá e nas ilhas proximas, onde é muito frequente.

O rangifero busca de preferencia os sitios mais altos, habitando os vastos platós onde só vegetam raras e magras plantas, que brotam atravez das rochas, ou então nas vastas planicies que se cobrem de lichens, principalmente da especie conhecida pelo nome de *lichen rangiferinus*, que este animal desenterra debaixo da neve, escarvando-a com as pontas e atirando-a para o lado com as mãos. Na Siberia introduz-se este animal nas florestas, e ahi encontra nos renovos, nos gomos e nas folhas das arvores alimento abundante.

«No fim de maio, diz Wrangel, os rangiferos selvagens abandonam as florestas onde encontraram abrigo durante o inverno, e em grandes bandos dirigem-se para as regiões septentrionaes, onde n'aquella epoca encontram grande cópia de lichens e de musgo com que se alimentam, e tambem para se esquivarem ás mordeduras das moscas e dos mosquitos, que enxameiam no ar.

Gr. n.º 190 — O rangifero

N'este tempo não vale a pena dar caça ao rangifero, que está magro e coberto de feridas provenientes das mordeduras dos insectos; mas nos mezes de agosto e setembro, quando volta para a planicie, regressando ás florestas, vem nedio e gordo, e a carne é alimento excellente. Nos annos bons os rangiferos emigram aos milhares, reunidos aos bandos, que ás vezes não teem menos de trezentos individuos, indo na trilha uns dos outros.

Quando querem passar um rio, esco-

lhem sitio onde possam facilmente descer até á beira da agua, e para que lhes seja facil saltar em terra na margem opposta, não deixam primeiro de observar que ella seja d'areia. Dentro d'agua nadam tão juntos, que cobrem toda a superficie do rio no ponto onde o atravessam.

O rangifero é um dos animaes mais sociaveis, vivendo sempre em grandes bandos, maiores do que os de nenhum outro individuo da familia dos veados, e nos quaes por vezes se reunem 400 individuos. É raro ver um rangifero isolado, e se algum se encontra é por certo já velho, e foi expulso do bando a que pertencia.

Este animal pela conformação especial dos cascos, que são muito largos, caminha facilmente pelos terrenos pantanosos e sobre a neve, trepando habilmente pelas encostas mais declivosas das montanhas; e quando seja necessario, como já vimos, nada com facilidade, atravessando os rios para passar d'uma para outra margem.

Os sentidos d'este animal são em geral muito desenvolvidos; o olfato é excellente e alcança a grande distancia; o ouvido não é inferior ao do veado, e a vista tão apurada que o caçador para se lhe aproximar, ainda mesmo indo contra o vento, necessita esconder-se embora a grande distancia, para que elle o não veja. É um animal timido e desconfiado, parecendo todavia fugir do homem mais pelo resultado da experiencia, que lhe ensina a consideral-o como inimigo, do que por timidez, pois que se abeira sem receio dos outros animaes, não só dos rangiferos domesticos, como das manadas de bois e cavallos que encontra pastando.

Chegada a epoca do cio, que varia para estes animaes segundo os paizes em que vivem, os machos brigam uns com os outros, muitas vezes entrelaçando por tal fórma as armações, que não é raro vêr dois d'estes animaes ficarem horas inteiras presos um ao outro. A gestação dura na femea trinta semanas, e só tem um filho de cada vez, que aleita durante muitos mezes, e ao qual tem todo o carinho de uma boa mãe.

A femea quando concebe abandona com o seu macho o bando a que pertence, e passam a viver ambos, vagueando em companhia um do outro até ao momento d'ella ter o filho, e ás vezes o enlace vae além d'esta epoca, encontrando-se familias compostas do macho, da femea e do filho. Quando já os pequenos teem um certo desenvolvimento é chegada então a epoca de se reunirem as familias, formando grandes bandos, que um dos individuos mais velhos conduz, vigiando cuidadosamente pela segurança de todos. Ao menor indicio de perigo fogem para muito longe, não voltando ao sitio onde os espantaram, senão dias depois.

O rangifero selvagem, diz Brehm, tem além do homem outros inimigos, e d'elles o mais temivel é o lobo, principalmente no inverno. Quando a neve se solidifica bastante para aguentar o peso do rangifero, difficilmente consegue aquelle carnivoro aproximar-se do rebanho dos rangiferos, e quando o faça são estes animaes bastante vigorosos para lhe fazer frente, e defender-se aos couces; mas o caso muda de figura quando a camada de neve que cobre a terra é tão fragil que o animal se enterra, afadigando-se em breve, e tornando-se presa do inimigo que por detraz d'um pedaço de rocha espreita a victima. Nas montanhas, chegada a epoca dos rangiferos se reunir em manadas, os lobos formam-se em alcateas, e succedem-se lutas sangrentas entre estes animaes. Os lobos acompanham os bandos dos rangiferos quando emigram, e os indigenas chegam a desejar que estes ruminantes se ausentem, para que os lobos abandonem o paiz.

Na Noruega foram os lobos que obrigaram a não proseguir na criação dos rangiferos. Tinham-se mandado vir de Finnmark, na Laponia noruegueza, trinta rangiferos domesticos com os seus respectivos pastores, e estes animaes prosperavam a olhos vistos nas montanhas de Bergener-Stift; em cinco annos os trinta rangiferos multiplicaram-se por tal forma, que já se contavam ás centenas. Jubilavam os proprietarios com tão lisonjeiro resultado, quando n'um bello dia os lobos appareceram, e tantos eram elles, que deu ensejo a julgar que todos os da Noruega se haviam dado ponto de reunião n'aquelle sitio. Por maior que fosse a vigilancia empregada, era baldada, e os lobos não contentes de caçar os rangiferos desceram em massa aos valles, arrebataram os bois e os carneiros que andavam na vizinhança dos casaes, tornando-se até mesmo perigosos para os homens; n'uma palavra, o flagello tomou taes proporções, que foi necessario matar uma parte dos rangiferos e deixar outra em li-

berdade, acabando com a criação d'estes animaes.

Não é só o lobo que persegue o rangifero, imita-o o glutão, o lynce não é menos para temer, e o urso devora grande numero todos os annos.

Entre os inimigos d'este ruminante falta ainda citar talvez os mais temiveis: tres pequenos insectos, uma mosca de ferrão e duas especies de moscas gallinholetas, sendo estes animaes que obrigam os rangiferos a emigrar; e para lhes fugir buscam estes ruminantes asylo á borda do mar ou nos cimos das montanhas, furtando-se assim aos tormentos que elles lhes infligem dia e noite, ou para melhor dizer, durante o immenso dia que é todo o verão...»

Para completar a historia d'este animal, vamos transcrever de L. Figuier os seguintes periodos, que põem principalmente em evidencia os serviços que elle presta á parte mais desherdada da especie humana, para quem a natureza foi menos que madrasta.

«O rangifero, diz Figuier, é um animal precioso para as populações miseraveis que existem espalhadas por todo o circulo polar; sem elle não se poderia viver n'aquelles ingratos climas. Não é possivel ter idéa completa dos serviços que elle presta a alguns povos septentrionaes, principalmente aos lapões, pois que para estes suppre o cavallo, o boi e a ovelha. Depois de domesticado puxa os vehiculos á maneira do cavallo, não lhe sendo inferior, antes levando-lhe vantagem na velocidade, ainda mesmo correndo sobre a neve. Em terreno firme percorre sete leguas n'uma hora, comquanto na sua andadura ordinaria só faça quatro ou cinco n'este periodo.

No paço dos reis da Suecia existe o retrato d'um rangifero, que transportou um official encarregado de despachos urgentes á distancia de trezentas e vinte leguas em quarenta e oito horas, o que dá a velocidade de seis leguas e meia por hora. O animal caiu morto tão depressa chegou ao seu destino.

Os arreios do rangifero e a maneira de guial-o teem o cunho da maior simplicidade: uma colleira de pelle com uma correia, que passando por debaixo do ventre vae prender-se ao trenó, consistindo as redeas n'uma corda atada á raiz das pontas do animal, corda que o seu conductor lhe conserva sobre o dorso, inclinando-a para a direita ou para a esquerda conforme pretende que o animal tome para um ou outro lado. O vehiculo é bastante leve, e é possivel viajar com a maior rapidez em tal carruagem, não sem o risco de quebrar a cabeça, sendo mister grande pratica d'este systema de locomoção, para não virar o vehiculo nos sitios mais escabrosos. O lapão é mestre n'este exercicio.

Ainda não referimos as qualidades mais essenciaes d'este ruminante dos paizes arcticos. A femea fornece leite superior ao da vacca, e d'elle faz-se manteiga e queijo saborosos. A carne é excellente, e constitue um optimo recurso alimenticio, quasi que o unico das regiões polares. A pelle dá uma cobertura confortavel, e despida de pello transforma-se em coiro rijo e flexivel, com que se faz excellente calçado. Com os pellos dos pés guarnecem-se as solas dos sapatos, para impedir que escorreguem; usa-se dos pellos do pescoço como de fios para coser, e os tendões fornecem atilhos muito resistentes.

Das pontas dos animaes velhos fabricam-se utensilios diversos, taes como colheres, e cabos de facas, e das dos animaes ainda novos extrahe-se gelatina, cozendo-as em agua. Os excrementos do animal depois de seccos dão excellente combustivel, e entre aquelles povos ha alguns que aproveitam os lichens que lhe encontram no estomago. Os esquimaus e os groenlandezes misturam com estes residuos carne picada, sangue e gordura, e fumam este mistiforio, que acham delicioso. Os povos nomadas da Siberia addicionam-lhe bagas silvestres e preparam uma especie de bolos, que constituem para elles uma gulodice.

Manso e docil, o rangifero tornou-se o companheiro indispensavel dos povos do norte; o mais miseravel dos lapões possue pelo menos um par, e os ricos teem rebanhos numerosos, de quatrocentas a quinhentas cabeças, numero que se eleva ás vezes a mil e mais. De dia andam a pastar, conduzidos pelos pastores, e á noite fecham-n'os em estabulos, ou reunem-os n'um cerrado, onde estejam ao abrigo dos ataques dos animaes ferozes.

Carecem estes animaes de ser bem guardados, pela tendencia que teem para voltar á vida selvagem, se os deixarem em liberdade. Todos os animaes teem a marca do dono, para que possam ser conhecidos quando se extraviam na floresta,

ou se confundam com outros de rebanhos diversos.

O frio é condição essencial para a existencia do rangifero; e se o transportarem para um paiz quente, ou mesmo temperado que seja, não se reproduz e morre.

OS GAMOS

Les daims, dos francezes.

Caracterisam-se estes animaes pela fórma da armação, que é redonda na base terminando espalmada, e profundamente denteada. A cauda é comprida e a pelle malhada, tanto nos animaes novos como nos velhos. A femea não tem armação.

O GAMO

Cervus dama, de Linneo — *Le daim*, dos francezes

O gamo é mais pequeno que os animaes de que acabámos de falar, não tendo mais de 1^m, 60 de comprido do focinho á raiz da cauda, e 1^m d'altura nas espadoas. Differe dos veados nas pernas que são mais curtas e seccas, pescoço mais curto, orelhas e cauda menos comprida, e principalmente na côr do pello. Tem lacrimaes, e faltam-lhe os dentes caninos.

Os gamos variam no colorido do pello segundo a edade e as estações. No verão teem geralmente o dorso, as coxas e o fim da cauda trigueiros arruivados, o ventre e lado interior das pernas brancos; no inverno a cabeça, o pescoço e as orelhas são pardos cinzentos, ás vezes tirantes a ruivo. Não é raro encontrar gamos todos brancos em qualquer estação, differindo tamsómente no pello ser maior ou menor, e individuos novos amarellos.

Vive este animal em grande parte da Europa, encontrando-se no nosso paiz, em Hespanha, França e Italia, e é muito commum em Inglaterra, habitando em extensos parques, onde se dá excellentemente. No norte da Africa, e n'alguns pontos da Asia, encontra-se tambem o gamo.

A. Brehm faz pela seguinte fórma a descripção d'este animal:

«Dizem que o gamo deve o nome a ser caça favorita das senhoras, e encontra-se nos paizes accidentados, cobertos de charnecas, nos bosques de terreno pedregoso, ou nas florestas onde o solo se reveste de relva curta. No modo de viver assimilha-se muito ao veado, não lhe sendo inferior na agudeza dos sentidos, e só não pode rivalisar com elle na agilidade e na rapidez da carreira.

Differe tambem do veado nos movimentos: quando trota arregaça mais as patas, e quando vae na carreira não salta com os quatro pés ao mesmo tempo, como as cabras; d'ordinario traz a cauda levantada, e só quando está doente a deixa pender. É elegante quando anda, trota muito bem, salta uma barreira de 2^m, e nada habilmente. Deita-se sobre o ventre, e nunca de lado; quando se abaixa curva primeiro as mãos, faz o contrario quando se levanta, estendendo primeiro os membros posteriores.»

A alimentação do gamo consiste em hervas, folhas, fructos e renovos, e quando estes recursos lhe escasseiam, encontra na casca das arvores o preciso alimento.

Raras vezes muda este animal de pouso, preferindo ás grandes florestas muito cerradas, bosques intermeados de terreno descoberto, em logares accidentados, vivendo em bandos mais ou menos numerosos.

Durante a época do cio, que dura quinze dias, andam estes animaes fortemente excitados, ouvem-se-lhe os bramidos até mesmo de noite, e dão-se entre elles lutas encarniçadas, que decidem da posse das femeas. Os machos só são aptos para a reproducção até aos dezeseis annos, não vivendo, de ordinario, além dos vinte. Oito mezes dura na femea a gestação, e findo este periodo tem um filho, raras vezes dois, que nos primeiros dias não póde andar, carecendo que a mãe o cuide e proteja.

Esta rodeia-o de carinhos e defende-o; e se algum animal o ameaça, que não seja dos maiores, aggride-o com as mãos, e consegue pol-o em fuga, mas se um dos grandes carnivoros se apresenta, então recorre á astucia para poder leval-o para longe do sitio onde esconde a sua progenie. Ao avistal-o foge, correndo só quanto seja necessario para que elle a veja e lhe vá no encalço, sem comtudo poder alcançal-a, e quando por este modo consegue desvial-o para longe do logar onde tem o filho, desapparece então a todo o correr, voltando ao seu pouso depois de mil voltas e rodeios.

As pontas apparecem no gamo aos dois annos, com o feitio d'uma adaga, e chama-se ao animal *adagueiro*, e no correr do terceiro cada pau tem outros dois na

parte anterior, começando as extremidades superiores a formar-se, lançando pequenos esgalhos que nos annos seguintes augmentam de volume e de numero, havendo um a mais em cada ponta na parte inferior da extremidade sobre a borda posterior. Cae-lhe todos os annos a armação, d'ordinario em maio ou junho, uma ponta depois da outra, principiando a apparecer as novas oito dias depois.

O gamo é um animal manso, naturalmente alegre e brincão, que se domestica com facilidade, encontrando-se actualmente semi-domestico em muitos parques ou tapadas, principalmente em Inglaterra, destinado a servir nos exercicios cy-

Gr. n.º 191 — O gamo

negeticos dos opulentos senhores d'aquellas propriedades. Apanhado pouco tempo depois de nascido, e creado com leite de vacca ou de cabra, torna-se este animal tão manso, que segue o dono á similhança do cão.

Só os machos, na época do cio, perdem por vezes a sua habitual mansidão, faltando-lhes todavia o vigor necessario para que o homem tenha a receiar das suas aggressões.

A carne do gamo é excellente fóra da época do cio, porque durante esta conserva tal cheiro a bodum, que a torna insupportavel; a pelle, macia e flexivel, é preferivel á do veado.

OS VEADOS PROPRIAMENTE DITOS

Les cerfs, dos francezes

Distinguem-se principalmente estes animaes dos outros membros da familia pela fórma da armação, que é composta de esgalhos redondos, distribuidos regularmente por ambos os lados, e variando de numero conforme a edade, comquanto haja veados da mesma edade que differem todavia no numero de esgalhos, circumstancia motivada pela abundancia ou escassez dos alimentos, ou pela sua qualidade. A femea não tem armação.

Comprehende-se n'este genero grande

numero d'especies que vivem disseminadas por todas as regiões do velho e do novo continente, as quaes especies, conservando os caracteres genericos, se distinguem apenas pela fórma da armação, numero de esgalhos, estatura e côr da pelle. Todas se assimilham nos habitos e no regimen, pelo que julgamos não dever cançar o leitor com a sua longa enumeração, e seguidamente faremos a descripção de duas das mais importantes, ambas da Europa e do nosso paiz.

O VEADO ORDINARIO

Cervus elaphus, de Lineo. — *Le cerf commun*, dos francezes

O veado é um dos mais bellos animaes da Europa, forte e elegante, de presença nobre e altiva, cuja estatura é pouco mais ou menos egual á do cavallo, havendo alguns que tendo mais de $2^{m},50$ de comprimento do focinho á raiz da cauda, e medindo esta $0^{m},15$, teem d'altura nas espadoas $1^{m},50$. A femea que tem o nome de corça é sempre mais pequena.

O pello do animal varía com as estações, sendo menos basto e mais curto no verão, e no inverno mais cerrado e comprido, principalmente na parte anterior do pescoço; no beiço superior tem tres ordens de sedas compridas e delgadas, e similhantes por cima dos olhos. O colorido do pello soffre importantes alterações segundo a estação, a edade e o sexo do animal, sendo trigueiro arruivado ou trigueiro escuro, tirante algumas vezes para ruço, sendo raros os veados malhados de branco ou todos d'esta côr.

O veado ordinario existe em toda a Europa, se exceptuarmos os pontos mais septentrionaes, tendo o numero diminuido consideravelmente nos paizes mais povoados, comquanto ainda hoje seja abundante no centro da Europa, mais ainda na Asia, e principalmente no Caucaso. No nosso paiz existe em maior numero na tapada real de Villa Viçosa.

Os logares montanhosos são pelo veado preferidos ás planicies, principalmente quando aquelles se cobrem de vastas florestas, bem cerradas, onde este animal vive em bandos mais ou menos numerosos, compostos das corças e dos machos que não excedem de dois annos, formando os mais edosos outros grupos mais pequenos, e vivendo os velhos isolados até á epoca do cio. Comquanto, em geral, o veado não mude de habitação quando o não persigam, no fim do outono desce á planicie, e entra nos terrenos cultivados. De dia conserva-se occulto na espessura do matto, deitado, e só á noite abandona o seu pouso para ir procurar o alimento.

A alimentação do veado consiste em hervas, folhas, fructos e renovos; e quando no inverno lhe faltam estas substancias, substitue-as pelos musgos, pelas estevas e lichens, e nos paizes onde a neve o priva d'estes recursos appella para a casca das arvores.

Todos os movimentos d'este animal são faceis, ligeiros e graciosos, com certo cunho de nobreza. Trota muito, e a correr attinge uma velocidade que custa a acreditar, dando saltos enormes sem a menor difficuldade, transpondo facilmente os maiores obstaculos, e quando seja necessario atravessando a nado um rio ou mesmo um braço de mar.

Os sentidos mais perfeitos são o ouvido e o olfato, ambos apuradissimos, e affirma-se que o veado pode presentir um homem a seiscentos passos de distancia, e ouvir o mais leve ruido que venha perturbar o silencio da floresta. Parece que os sons de alguns instrumentos, taes como os da flauta, da trompa e da charamela lhe são agradaveis, e que escutando-os vem por elles attrahido, ou pelo menos se conserva quedo no sitio onde os ouvir.

«E' provavel, diz Brehm, que a timidez do veado seja resultado da experiencia que o ensina a considerar o homem como seu inimigo terrivel, porque nos sitios onde o não caçam mostra-se bastante confiante. No Prater, em Vienna, existem numerosos bandos d'estes soberbos animaes, tão habituados á multidão de passeantes que por alli transita, que, como pude observar, deixam que o homem se lhes aproxime a trinta passos de distancia. Havia um que por mais ousado se aproximava dos cafés, e correndo de mesa em mesa, lambendo as mãos ás damas, vinha pedir-lhes um torrão d'assucar ou um bolo. Se o recebiam bem era manso; mas se o maltratavam fazia menção de se defender com as pontas: morreu victima de um accidente deploravel.

Tendo mettido um dos esgalhos pelas costas de uma cadeira, ao querer soltar-se derrubou a pessoa que alli estava sentada, e tomado de medo embaraçou-se-

lhe cada vez mais a armação no movel; irritou-o por tal modo o peso estranho que este fardo lhe causava, que partiu como doido pelo passeio fóra, espantando os outros veados e arremessando-se ás pessoas que passavam, sendo indispensavel matal-o.

Ha innumeros exemplos de que o veado tenha aggredido o homem, até mesmo o seu tratador, a quem parecia affeiçoado, sendo principalmente na epoca do cio que este animal se torna perigoso, pela constante e extraordinaria excitação. Franze o beiço superior, abaixa a cabeça, e arremette contra o adversario com os esgalhos da raiz, correndo sobre elle com tal rapidez que é difficil escapar-lhe. A corça não tem d'estes accessos de furor; é sempre mansa e inoffensiva, e o olhar meigo e franco deixa ver a sua natu-

Gr. n.º 192 — O veado

ral docilidade. Em prudencia nada fica a dever ao macho, e é sempre uma corça que conduz o bando durante o periodo do cio, até que os machos mais velhos se lhe reunam.

Na epoca dos amores o veado muda completamente o modo de viver, e percorrendo a floresta sem descanço, soltando bramidos sonoros, n'um estado de exaltação que quasi o torna furioso, escarva a terra com os pés, fustiga os arbustos com as pontas, e contra os seus habitos, esquecendo a usual prudencia, ao avistar um objecto que se lhe antolhe suspeito, longe de fugir vae direito a elle para o reconhecer.

Finalmente consegue reunir um certo numero de femeas, mas ainda assim o ciume não o deixa socegado; vigia-as sem descanço, e se um rival se apresenta trava-se a luta, luta encarniçada, em que os dois rivaes procuram ferir-se com as pontas agudas dos esgalhos, parando os golpes com a cabeça. Acontece

algumas vezes que as armações dos dois por tal maneira se embaraçam uma na outra, que sem conseguir soltal-as os adversarios morrem de fome no fim de alguns dias, presos um ao outro. Nas lutas em que um dos contendores é vencido e foge, fica o outro possuidor das femeas até que um novo rival venha por seu turno esbulhal-o d'uma posse, que pelo seu valor adquirira.

Duas ou tres semanas dura esta vida de continuadas excitações e fadigas, aggravadas pela falta de alimento e pelas vigilias repetidas, e no fim d'este tempo o animal está magro e extenuado, retirando-se então para sitio escuso, onde possa tranquillamente recuperar as forças, que só na proxima primavera pode completamente rehaver, adquirindo n'esta época a nutrição que perdera.

Dura a gestação na corça oito mezes, findos os quaes nasce-lhe um filho, raras vezes dois, que deposita entre o matto, e que não tendo nos primeiros tres dias vigor bastante para mover-se, passada uma semana já acompanha a mãe; nasce com o pello loiro malhado de branco.

A caça ao veado tem sido desde muitos seculos considerada como um exercicio nobre, a que nas horas de ocio se entregavam os mais laureados guerreiros, sendo privilegio exclusivo da nobreza, pois que tão avultadas eram as despezas com criados, picadores, cavallos, e com as grandes matilhas de cães, que só a ella era dado poder sustentar tal estado de homens e animaes. Chegou esta caça a constituir uma arte, e como parte principal da montaria tinha uma nomenclatura especial. No nosso paiz, se exceptuarmos as caçadas do rei na tapada de Villa Viçosa, nada ha que possa dar idéa, sequer, da grandeza com que outr'ora, e ainda hoje n'alguns paizes, se executavam as montarias aos veados. Nada existe escripto em lingua portugueza, de que tenhamos conhecimento, sobre este assumpto.

Daremos em poucas linhas breve resumo d'estas caçadas, em que se emprega um verdadeiro exercito de homens, cavallos e cães, para matar um animal pacifico que só tem por defesa a velocidade com que corre, e a astucia com que por vezes faz perder a pista aos cães e aos caçadores.

A caçada é dirigida por um monteiro, que nas caçadas reaes tem a denominação de monteiro-mór, constituindo uma dignidade, e a quem pertence, pelas pégadas do animal, pelos vestigios que encontra do bater da armação nas arvores, e depois de interrogar o pouso habitual do animal, e milhares d'outras observações cuja enumeração seria longa, conhecer antecipadamente o animal, edade, tamanho, sexo, com tanta exactidão como se já o tivera visto.

Conhecido o animal, e estando tudo a postos, soltam-se alguns dos cães mais adestrados que vão na pista do cervo e o levantam, obrigando-o a pôr-se em fuga, começando desde esse momento a caçada. A principio o veado, confiando no vigor e ligeireza das pernas, foge a todo o correr, sempre de cabeça erguida, e busca por este meio esquivar-se aos perseguidores, que por seu turno, não abrandando na carreira, lhe vão immediatamente no encalço; então o animal, sentindo já diminuir-lhe as forças, emprega a astucia, e passando muitas vezes pelo mesmo sitio, d'um para outro lado, consegue ás vezes pôr os cães fóra da pista, e fazer-lhes seguir caminho errado; ou deparando-se-lhe um veado ainda novo, obriga-o á força a correr na sua frente, seguindo-o por alguns momentos, até ao sitio que lhe pareça azado, e ahi, dando um salto para o lado, vae abrigar-se n'alguma brenha ou muda de direcção, conseguindo, se não escapar-se, pelo menos levar a desordem á matilha, e ganhar o tempo necessario para recuperar as forças.

E' raro que a sua grande velocidade, e ainda mesmo os recursos que lhe suggere a sua intelligencia, possam livral-o dos inimigos, que tantos são, e que tendo por seu lado a força e a arte, se empenham em vencer o pobre fugitivo.

Passam-se horas n'estas alternativas, até que depois d'uma carreira de muitas leguas, quando já não pode lutar por mais tempo, sentindo atraz de si a matilha, ouvindo os latidos dos cães e os sons das trompas dos caçadores, que lhe retinem aos ouvidos como um dobre funebre, tenta um ultimo esforço, e levando em mira pôr um obstaculo entre elle e os adversarios, dirige-se para o rio mais proximo, atravessando-o ou conservando-se occulto com a cabeça apenas fóra da agua.

Não lhe vale, porém, o estratagema, porque a matilha segue-o e alli mesmo o ataca, obrigando-o finalmente a saltar em terra, onde o pobre animal, vendo-se perdido, trata de reunir os ultimos alentos,

disposto a vender cara a vida. Arremette furioso contra os cães, e mais d'um rola pelo chão atravessado pelas pontas do veado; mas tem de ceder ao numero, e acossado por todos os lados por aquelles animaes que se lhe arremessam furiosos, começa a abrandar, chegando o momento em que o caçador de mais subida gerarchia lhe deve dar o golpe estendendo-o morto com um tiro. Um dos pés da victima pertence como homenagem ao vencedor, para quem a luta foi facil e sem risco, e o corpo è dado á matilha, que se ceva nos restos da pobre victima.

O veado emquanto novo domestica-se com facilidade; mas á maneira que vae crescendo em annos torna-se mau, irascivel, e perigoso até para as pessoas que se lhe aproximam; a corça, pelo contrario, sempre docil, meiga e obediente, é um lindo e interessante animal.

A carne do veado é muito estimada, e outr'ora a medicina encontrava nas differentes partes do corpo d'este animal remedios para curar diversas enfermidades, hoje inteiramente desprezados.

O ZORLITO

Cervus capreolus, de Linneo — *Le chevreuil*, dos francezes.

Este esvelto animal, uma das mais bellas especies do genero veado, de menor estatura que o veado ordinario, com $1^m,15$ de comprido por $0^m,74$ de alto, cauda quasi nulla, um breve côto com $0^m,02$ quando muito, tem a armação simples, pequena e forcada, composta de duas hastes rugosas, direitas, apresentando nas extremidade dois esgalhos curtos.

A cabeça é curta e obtusa, os lacrimaes pequenos, orelhas medianas, olhos grandes muito vivos, e as pestanas da palpebra superior muito longas; as pernas são altas e seccas e os cascos pequenos, delgados e pontudos. A femea não tem armação.

O pello do zorlito é espesso e liso, variando conforme as estações: mais curto no verão do que no inverno, loiro doirado ou arruivado, atrigueirado o do verão, tirante a pardo na cabeça e esbranquiçado na parte inferior do corpo, o da queixada superior branco, e de ambos os lados do beiço superior uma pequena malha branca. Os pequenos são arruivados, com malhas redondas brancas ou amarellas.

O zorlito encontra-se na Europa, exceptuando os paizes mais septentrionaes, e n'uma grande parte da Asia.

Vive este animal nas grandes florestas, de preferencia nos sitios seccos e bem cobertos d'arvoredo, onde se conserva de dia deitado em macia cama de folhas seccas. O seu alimento compõe-se de hervas, de gomos e renovos das arvores, sendo importantes os estragos que faz nas florestas.

O zorlito é manso, timido e intelligente; o mais leve ruido inquieta-o e obriga-o a fugir. Se o surprehendem, vendo-se ameaçado de perto, toma-se de tal medo que, dando um pequeno grito de terror, não atina por onde deva fugir, caindo facilmente na posse do inimigo.

Os seus costumes são muito diversos dos do veado, não vive como este em grandes bandos, passa a maior parte do anno reunido em pequenas familias, que se compõem d'um macho, da sua femea, raras vezes duas, e da sua progenie. O macho é o guia e defensor da familia, da qual é raro encontral-o separado. Na epoca do cio anda o zorlito inquieto, vagueando pela floresta em busca d'uma femea, sem comtudo estar sujeito á excitação que em egual periodo domina o veado.

Affirmam alguns autores que este animal é fiel á femea que escolheu, e á qual dedica a sua affeição por toda a vida, affeição que por vezes tem começo na primeira edade. A femea do zorlito tem, d'ordinario, dois filhos de cada vez, e de sexo differente, que passam os primeiros tempos da vida ligados pela amizade fraternal, até que esse sentimento se transforma n'outro mais vivo, que os une para sempre. Embora vivam constantemente reunidos, a reproducção só se dá em epoca certa, do fim d'outubro até meiado de novembro.

«Quatro ou cinco dias antes de ter os filhos, diz Brehm, a femea separa-se do macho, nos primeiros dias apenas por algumas horas, e augmentando progressivamente a duração d'estas ausencias, termina isolando-se completamente. As femeas novas só teem um filho, e as mais edosas dois ou tres, que a mãe deposita ao nascer em sitio bem escuso e tranquillo.

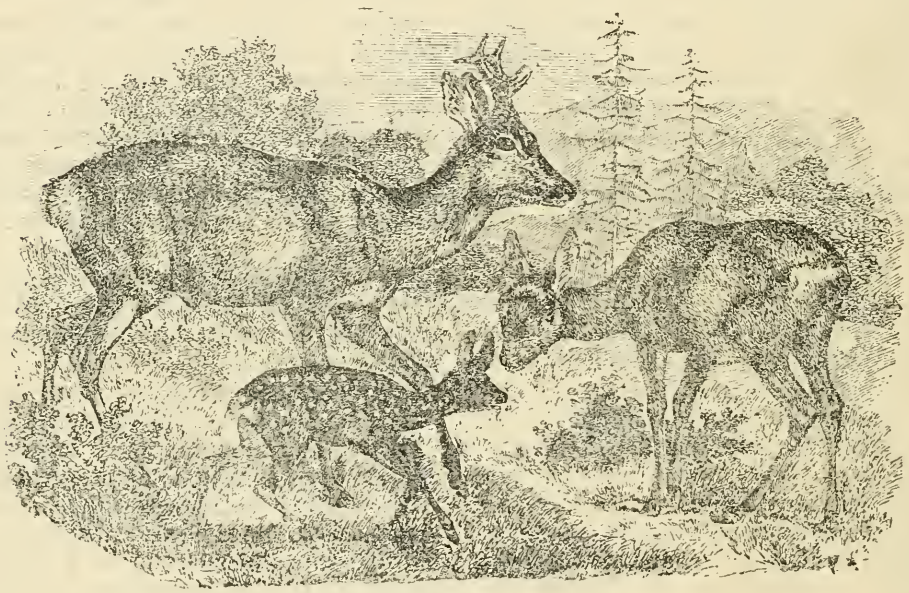
Solícita em pôr a sua progenie ao abrigo dos perigos que possam ameaçal-a, ao mais leve indicio que faça suppôr

a presença d'um inimigo, batendo com os pés no solo adverte os filhos de que o perigo não está longe, e elles se são muito novos escondem-se, e os maiores fogem em companhia da mãe. No primeiro caso busca esta desviar o inimigo attrahindo-lhe a attenção, como fazem os outros animaes seus congeneres; e se lhe levam o filho, segue o roubador, correndo d'um para outro lado, aos gritos, e manifestando por todos os modos a sua dôr.

«O amor materno d'este animal, diz Dietrich de Winckell, teve poder de me sensibilisar por mais d'uma vez, obrigando-me a restituir á mae o filho que lhe roubára; esta agradecia-me examinando primeiro se o filho estava são e salvo, e em seguida testemunhava pelas festas que lhe fazia. e por um sem numero de cabriolas, o jubilo immenso que sentia ao tornar a vêl-o.»

Passados oito dias já os pequenos acompanham a mãe ao pasto, e em dez ou doze estão bastante vigorosos para seguil-a a toda a parte. É chegada, então, a epoca d'ella voltar á sua antiga residencia acompanhada dos filhos, e chamando pelo macho, mostra-lhe a sua alegria ao vêl-o, acariciando-o ternamente. D'ahi em diante o macho toma o seu logar, e é o guia da familia.»

Os pequenos só abandonam a mãe quando está novamente prenhe, isto é aos dez mezes depois de nascidos, e aos quatorze já estão aptos para se reproduzirem, e por seu turno são chefes de familia



Gr. n.° 193 — O zorlito

A caça ao zorlito faz-se do mesmo modo que ao veado, com menos apparato, e o animal, até mesmo quando se vê perdido, é raro que intente defender-se com as pontas, e nunca aggride o homem. O lynce, o lobo, o gato montez e o raposo são-lhe inimigos terriveis, e por vezes a doninha estrangula-lhe os filhos.

Os zorlitos apanhados novos domesticam-se com grande facilidade, e tornam-se verdadeiros animaes domesticos, acompanhando o dono e vindo á sua chamada. Os machos, todavia, á maneira que vão crescendo em annos, fazem-se maus, e por vezes aggridem as creanças podendo feril-as gravemente com as pontas; as femeas ao contrario são sempre mansas, doceis e meigas, e devem ser procuradas de preferencia por quem deseje ter d'estes animaes em estado de domesticidade.

AS GIRAFAS

Les girafes, dos francezes

Caracterisam-se os animaes d'esta familia, que comprehende um unico genero,

1880, Impresso por Lallemant Frères. Lisboa.

A GIRAFA

pela sua grande estatura, pescoço descompassado, e principalmente pelos prolongamentos frontaes que consistem em duas pontas curtas, permanentes, que se não ramificam, e revestidas de pelle coberta de pello comprido.

Existe actualmente uma só especie, que em seguida vamos descrever.

A GIRAFA

Camelopardalis giraffa — La girafe d'Afrique, dos francezes

Este animal, pela sua enorme estatura, proporções singulares do corpo, belleza da pelle, singularidade da andadura, pela indole pacifica e inoffensiva, é um dos mais curiosos; e já em epocas remotas mereceu ser representado nos mais antigos monumentos do Egypto. «Os romanos, diz Brehm, quando pela primeira vez viram as girafas que Julio Cesar e outros imperadores romanos apresentaram nos circos da antiga Roma, não ficaram de certo mais maravilhados do que hoje, nós, europeus civilisados, ao contemplar pela primeira vez este ser quasi phantastico, apezar de mais d'uma vez o ouvirmos nomear, e de o conhecermos pelos retratos, mais ou menos fieis, que existem d'este animal, de ha muito conhecido e descripto.»

A girafa tem a cabeça airosa, comprida e delgada, olhos grandes e bellos, revelando mansidão e intelligencia, orelhas grandes e movediças, e duas pontas, á maneira de cornos, revestidos de pellos; a lingua é negra e muito comprida, o pescoço muito alongado, as pernas altas, o tronco grosso, e o dorso inclinado, em virtude da differença a menos na parte trazeira do corpo em relação ás espadoas, differença aproximadamente de $0^m,60$. As pernas são altas e delgadas, e terminam em cascos bisulcos á maneira dos ruminantes; a cauda termina n'um tufo de crinas pretas.

Mede este animal d'altura nas espadoas $3^m,30$, e da cabeça aos cascos de 5 a 6 metros.

O comprimento do corpo é de $2^m,30$ a $3^m,30$, e a cauda tem $1^m,30$ de comprida incluindo o tufo de pellos que a termina.

A pelle é grossa, e o pello, a excepção do que cobre as duas pontas, o das crinas e o da extremidade da cauda, e é d'egual comprimento em todo o corpo, aloirado, mais escuro no dorso e esbranquiçado no ventre, semeado de grandes malhas irregulares, na maior parte angulares, pardas arruivadas, mais ou menos claras. As malhas desapparecem no ventre e no lado interior dos membros, e o pello que forma o tufo terminal da cauda é preto, como já dissemos.

Vive este animal na Africa desde o Cabo da Boa Esperança até á Nubia, encontrando-se tamsómente nas planicies, fugindo dos logares montanhosos e das espessas florestas virgens. De ordinario vive em pequenos grupos de seis a oito individuos, tendo comtudo sido vistos bandos de trinta e quarenta individuos.

A andadura d'este animal é singular: anda habitualmente a furta passo, isto é, levantando a mão e o pé do mesmo lado e ao mesmo tempo; quando corre move ao mesmo tempo os pés e em seguida as mãos, e aquelles avançam por entre estas, que só novamente se levantam depois dos pés se haverem firmado no solo; acompanha este modo de progressão de certos movimentos de corpo que lhe são peculiares, e baloiçando o pescoço de traz para diante.

Uma das posições mais singulares, no dizer de Brehm, é a que o animal toma quando necessita apanhar alguma coisa que está no solo, ou quando bebe. Em muitas descripções d'este animal tem-se dito que elle ajoelha, o que não é certo: alarga extraordinariamente os membros dianteiros, para poder chegar ao chão com a bocca.

A girafa, pela sua conformação physica, é destinada não para pastar a herva que cobre o solo, mas para alimentar-se das folhas das arvores; e n'estas circumstancias o pescoço, pela sua extensão, torna-se-lhe de grande utilidade, permittindo-lhe chegar aos ramos mais altos. A lingua d'este animal serve-lhe, como a nenhum ruminante, embora estes animaes em geral empreguem este orgão para apanhar os alimentos, quasi exclusivamente de orgão de prehensão. «A lingua é para a girafa o que a tromba é para o elephante, diz Brehm, e póde com o auxilio d'ella apanhar os mais pequenos objectos, colher até mesmo a mais delicada flôr». «No nosso jardim zoologico, diz Omer, tem acontecido a mais d'uma senhora, na occasião de admirar a girafa, ver desapparecer alguma das flôres do chapeo, levada pela lingua do animal».

A girafa alimenta-se principalmente de

folhas, e no sul da Africa os ramos das mimosas constituem o seu principal alimento; quando este é verde, pode o animal passar muito tempo sem beber, o que lhe não acontece quando as arvores perdem as folhas, e não encontra outra alimentação senão hervas resequidas. A girafa rumina de pé, principalmente de noite, e comquanto se deite á maneira do camelo, entretanto o somno é curto e leve, e parece] que póde passar muitos dias sem se deitar, descançando em pé.

Sob o ponto de vista da intelligencia, refere o autor que temos citado, a girafa merece um dos primeiros logares na escala dos animaes intelligentes. É mansa, muito pacifica, vive na melhor harmonia com os seus similhantes e até mesmo com os outros animaes, toda a vez que não a provoquem. Quando a atacam sabe defender-se, e se não usa das pontas, que parecem tamsómente destinadas a ornar-lhe a cabeça, serve-se dos pés e das mãos. Na epoca do cio é por esta fórma que lutam os machos para obter a posse das femeas, e assim defendem as mães os filhos, quando algum dos carnivoros os accommette: d'uma patada póde a girafa derrubar um leão.

O modo de reproducção da girafa é apenas conhecido pelas observações realisadas n'alguns d'estes animaes, dos que ultimamente teem vindo para os jardins zoologicos de Vienna e Londres, verificando-se que a gestação é de quatorze mezes a quatorze mezes e meio, e que o filho, que vinte minutos depois de nascido procura a mãe cambaleando, dez horas depois já corre, e ao terceiro dia começa a saltar. Um dos individuos nascidos n'um dos jardins zoologicos a que acima nos referimos, segundo lêmos em Brehm, sete dias depois de nascido já tinha 2 metros de altura e aos nove mezes $3^{m},15$.

Matar um d'estes animaes pode ser motivo de satisfação, mas é maior prazer apanhal-o vivo; por toda a parte a girafa é estimada e muitos a possuem captiva. Nas cidades do interior da Africa vi repetidas vezes elevar-se acima dos muros dos quintaes a cabeça da girafa, e nas vizinhanças dos povoados encontram-se muitos d'estes animaes domesticados, que vagueam em liberdade.

A' nossa chegada a Kakodj, no Nilo Azul, foi a girafa o primeiro ser que se aproximou da nossa embarcação, como se quizesse saudar-nos: abeirou-se-nos francamente, acceitando de nossa mão grãos de dourah e pão. Pareciamos amigos velhos.

O animal conheceu que nos era agradavel a sua presença, e vinha todos os dias visitar-nos e receber os nossos afagos. Então comprehendi bem a significação do nome arabe dado a este animal, *serahse*, d'onde se deriva o de girafa, isto é, *encantadora*. Encantado estava eu de poder observar este animal que vivia como que em liberdade, o segundo que consegui ra ver, não obstante haver passado muitas semanas em logares muito frequentados por elles.

A girafa fornece carne estimada pelos indigenas, a pelle transforma-se em excellente coiro; e assim este animal é perseguido pelo homem nos paizes onde vive, e morto ás frechadas ou a tiro pelo caçador que o espreita na passagem. E' difficil, se não impossivel, apanhar viva a girafa; foge com tal velocidade, dando saltos repetidos e tão prodigiosos, que o cavallo mais veloz não consegue alcançal-a.

AS ANTILOPES

Se todos os animaes d'esta familia fossem tão graciosos e elegantes como a gazella, uma das especies da familia, deveria ella occupar o primeiro logar na ordem dos ruminantes, que lhe pertenceria como distincção conferida á belleza; mas nem todas podem comtudo ser consideradas egualmente bellas, e algumas ha menos esveltas.

Em geral pode dizer-se que as antilopes são animaes de fórmas esveltas, similhantes ás dos veados, de pello curto e raso, differindo dos animaes que até aqui temos descripto em ter os cornos redondos, e mais ou menos tortuosos.

Comprehendem-se n'esta familia numerosas especies que conservam entre si grande analogia, servindo para distinguil-as a configuração dos cornos, dos cascos, da cauda, e a diversidade do colorido do pello.

Vamos seguidamente descrever algumas das mais importantes especies, que formam a vasta familia das antilopes, dividida pelos naturalistas em numerosos grupos e generos, dos quaes longa seria a enumeração, e pouco em harmonia com os limites d'esta obra.

A GAZELLA

Antilope dorcas, de Linneo —*La gazelle*, dos francezes

A este animal esvelto, extremamente elegante, sem rival na rapidez e ligeireza dos movimentos, deu a natureza olhar tão meigo e attrahente, que em todos os tempos mereceu ser decantada pelos poetas arabes, que só nos olhos encantadores da gazella encontraram comparação consoante os mais bellos olhos da mulher.

«Deixamos de a ver, diz Brehm, mas a sua imagem fica-nos gravada no coração. Ninguem póde esquivar-se ao encanto que se desprende d'este animal, prova cabal e incontestavel de quanto póde a belleza. O forasteiro, ainda mesmo o habitante dos frios paizes do Norte, ao observar a gazella que vagueia livremente pelos desertos da sua patria, comprehende

Gr. n.° 194 — A gazella

promptamente a affeição que os arabes lhe teem, e elle proprio sente-se preso nos seus encantos, inspiração de poetas.»

Tem este animal $1^{m},15$ de comprimento, de $0^{m},60$ a $0^{m},70$ de altura nas espadoas, e a cauda mede 0^{m}, 35. O corpo é refeito, sem deixar de ser esvelto, mais alto na parte posterior que na anterior, dorso levemente arqueado, cauda terminando n'um tufo de pellos, pernas muito delgadas, seccas, e cascos bem feitos. A cabeça é bem proporcionada, alta e larga superiormente, o focinho arredondado, orelhas compridas e pontudas, olhos grandes, vivos, com a pupilla redonda e com lacrimaes. Os cornos são annellados, com o feitio dos ramos d'uma lyra, persistentes e variando de tamanho conforme o sexo, sendo os da femea mais pequenos.

A gazella tem em geral o pello loiro claro, o das costas e dos membros mais ou menos tirante para trigueiro arruivado; uma risca escura nas ilhargas, ao comprimento do corpo, separa o pello das costas do do ventre, que é branco. O pello

da cabeça é mais claro que o das costas, e de cada lado tem uma malha esbranquiçada que lhe rodeia os olhos; as orelhas são pardas amarelladas, bordadas de preto, e a cauda trigueira escura da raiz até meio, e d'aqui até á extremidade negra.

Vive este animal em todo o norte da Africa, no Alto Egypto, na Arabia e no centro da Asia.

A gazella habita as paragens mais desertas da sua patria, nas planicies, sendo raro encontral-a nas montanhas ou á borda dos rios, vivendo principalmente nos sitios mais abundantes em mimosas, vagueando em bandos, ás vezes compostos de 40 a 50 individuos, mas de ordinario em pequenas familias de dois e tres, até oito individuos. «As familias pouco numerosas, diz Brehm, são geralmente formadas por um macho, uma femea e o filho, que se conserva em companhia dos paes até á epoca do cio. Encontram-se tambem bandos exclusivamente compostos de machos, obrigados a viver longe das femeas por outros mais vigorosos, que os expulsaram do bando, vagueando em commum até á proxima epoca dos amores.

O viajante que atravessa o deserto tem a certeza de topar breve com a gazella, a qual, durante as horas de calor mais intenso, do meio dia ás quatro horas, descança á sombra d'uma mimosa, ruminando tranquillamente, e vagueiando constantemente o resto do dia. É mais difcil do que se julga poder avistar este animal, pela analogia da côr do pello com a da areia do sólo, confundindo-se a ponto de escapar a olhos menos exercitados. A vista fraca do europeu não a alcança a 1 kilometro de distancia, e só o olhar penetrante do arabe a distingue por vezes a 8 kilometros.

De ordinario o bando descança á sombra d'um massiço de mimosas, cujos ramos superiores se estendem em guisa de umbrella, protegendo-o contra os raios do sol. A sentinella anda pastando, em quanto os outros animaes do bando se conservam distantes ruminando; e só se consegue distinguir a primeira, porque os demais assimilham-se a um monte de pedras, escapando até mesmo, por mais d'uma vez, ao olhar exercitado do caçador.

Se nada perturba a tranquillidade d'aquelles sitios, o bando, errando d'um para outro lado, não abandona o pouso; retirando, todavia, ao menor indicio de perigo, ou quando o vento muda. As gazellas estabelecendo-se em qualquer ponto, procuram sempre a vertente d'uma collina, ficando de costas para o vento, de modo que d'um lado possam dominar a planicie que se estende na sua frente, sendo ao mesmo tempo advertidas pelo vento do perigo que possa ameaçal-as pelo lado opposto. Ao primeiro signal d'alarme correm para o alto da collina, e, examinando attentamente os arredores, escolhem o ponto que lhes parece dever fornecer-lhes asylo mais seguro.

Não é possivel negar que a gazella seja um animal perfeito sobre todos os pontos de vista: nenhuma das antilopes lhe ganha em actividade; é esperta e sempre elegante, e na carreira veloz sem esforço. Um bando que foge fornece um espectaculo encantador, ainda mesmo quando vae tomado de medo, porque mesmo n'estas circumstancias a gazella não perde o seu natural brincão, dando saltos de metro e meio e de dois metros, e transpondo, como por divertimento, moitas e fragmentos de rocha. Todos os sentidos tem perfeitos; e o ouvido, a vista e o olfato muito apurados; prudente e até mesmo astuciosa, possuindo excellente memoria, sabe tirar lição da experiencia.

Os costumes da gazella são exemplares, e com quanto seja inoffensiva e timida é mais corajosa do que se suppõe. As lutas são frequentes entre os diversos individuos do bando, principalmente entre os machos, que se batem em homenagem ás suas companheiras, para as quaes são, pelo contrario, sempre amaveis e affectuosos. A gazella vive na melhor harmonia com os outros animaes, e encontram-se repetidas vezes nos seus bandos antilopes d'outras especies.

Chegada a epoca dos amores, os machos desafiam-se aos gritos, e arremessam-se com tal furor uns contra os outros, que por vezes quebram as pontas. O mais valente é preferido pela femea, que se lhe abeira, ao vêl-o pôr em debandada todos os seus rivaes, recebendo prasenteira os seus afagos. O macho segue-a passo a passo, cheirando-a, roçando-lhe a cabeça pelo pescoço, lambendo-lhe as faces, procurando emfim testemunhar-lhe o seu amor por todas as formas.

A gestação na gazella dura cinco a seis mezes, e tem um unico filho de cada vez, que nasce sem vigor, carecendo que a mãe o cuide, e sendo frequentemente, n'esta

edade, presa dos caçadores. A mãe defende-o do raposo e dos outros carnivoros, que lhe são um perigo constante, a que nem sempre escapam, e se tanto é mister o macho vem em seu auxilio; mas sem estes accidentes o numero das gazellas multiplicar-se-hia por tal forma, que a destruição dos vegetaes seria certa nas regiões que estes animaes habitam.

Caça-se este ruminante em armadilhas, com auxilio de cães, ou perseguindo-o a cavallo até poder ser alcançado, o que não é facil nem mesmo para o mais agil corcel, matando-se a tiro.

A nobreza emprega o falcão nas caçadas á gazella, e diz Brehm, que por mais d'uma vez assistiu no Egypto á partida de altos personagens para a caça, levando um falcão pousado no pulso.

«Hasselquist, segundo refere o autor que citámos, caçou a gazella na Palestina por este modo, em companhia dos arabes, e escreveu uma descripção d'estas caçadas: — O caçador vae na pista das

Gr. n.º 195 — A saiga

gazellas levando o falcão pousado no braço, e tão depressa avista alguma solta-o. A ave levanta o vôo, e elevando-se no ar até avistar a presa, cae em seguida sobre ella como uma frecha; descrevendo primeiro uns tantos circulos em volta da cabeça da victima, terminando por lhe enterrar as garras uma na face e a outra na garganta. A gazella dá um salto, ás vezes superior a cinco metros, e consegue ver-se livre do inimigo; mas este continuando a perseguil-a, póde de novo enterrar-lhe as garras no pescoço e estonteal-a, dando ensejo ao caçador para se aproximar e cortar-lhe o pescoço. O sangue pertence ao falcão.»

A gazella apanhada nova domestica-se sem difficuldade e vive perfeitamente captiva. Diz Brehm que em todas as casas d'europeus nas cidades do norte e oeste da Africa se encontram d'estes animaes em estado de domesticidade, e alguns praticando como verdadeiros animaes domesticos: acompanham o dono á similhança do cão, giram por toda a casa, e ás horas da refeição andam em volta da mesa pedindo de comer. Se conseguem escapar-se, voltam ao cair da tarde, ou á voz do dono.

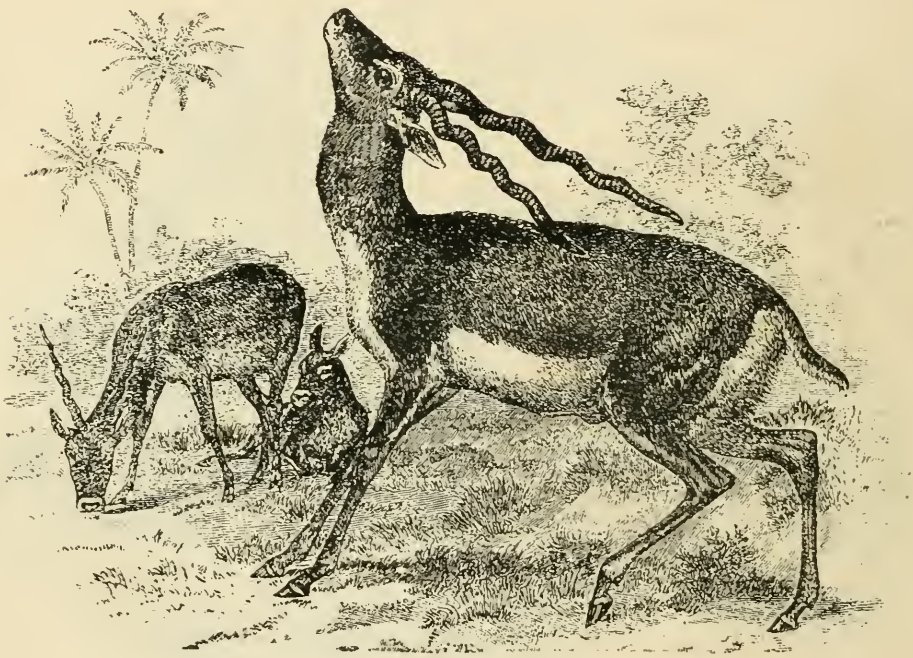
A SAÏGA

Antilope saïga — Le saïga, dos francezes

Este animal pertence a uma das duas especies d'antilopes que habitam na Europa: tem a estatura do gamo, os cornos similhantes na fórma aos da gazella, differindo em serem amarellados e transparentes. O nariz, excedendo a queixada inferior em comprimento, é muito movediço; as orelhas são curtas e largas. O pello é espesso, macio, mais comprido na nuca, nas costas e na garganta, pardo cinzento na cabeça e no pescoço; nas espadoas, nas costas e nas ilhargas, branco sujo ou pardo amarellado, o do ventre e do lado interior dos membros branco.

A saïga vive nas planicies da Europa oriental, desde a Polonia até aos montes Altaï e á Siberia, na Asia.

Vive em familias, e chegado o outono reunem-se estes animaes em grandes bandos, ás vezes formados de milhares d'individuos, e dirigem-se para as regiões mais quentes onde passam o inverno, regressando pela mesma forma na primavera. O seu alimento consiste em losna, artemisia,



Gr. n.° 196 — A cervicabra

salgadeira, e outras plantas amargas que vegetam em abundancia no solo arenoso e salgado das regiões em que vivem.

O nariz, como já dissemos, é por tal modo proeminente, que a saïga só póde pastar a herva de recuo ou pondo a cabeça de lado, e para beber mergulha completamente o focinho dentro d'agua, aspirando a maior parte do liquido pelas ventas.

De outubro a novembro, na epoca do cio, os machos lutam disputando-se a posse das femeas, e estas depois d'uma gestação aproximadamente de cinco mezes, teem um unico filho, que não póde nos primeiros dias acompanhar a mãe, sendo frequentemente presa dos caçadores indigenas ou dos animaes carnivoros, principalmente do raposo e do lobo.

Possuem as saïgas dois sentidos apuradissimos: o ouvido e o olfato, que os advertem da aproximação do perigo, e ao mais leve indicio agrupam-se, olham inquietos em volta de si, e partem formadas em filas, sem ruido. Em quanto pastam ou repousam, um dos individuos do bando conserva-se de vigia, e quando este, por seu turno, vae pastar ou repousar, outro vem substituil-o.

A carne da saïga come-se no inverno,

desprezando-se no verão pela quantidade de larvas d'uma especie de insectos, os estros. que se encontram sob o pello do animal, e por vezes em tal abundancia que determinam a gangrena, dando-lhe a morte. Os indigenas caçam-n'a com auxilio dos cães, ou perseguem-n'a a cavallo, matando-a a tiro.

Este animal domestica-se com grande facilidade, se o apanharem novo, a ponto tal que acompanha o dono ; se o deixarem correr livremente pelo campo volta para casa, fugindo dos animaes selvagens da sua especie, obedecendo á chamada do homem.

A CERVICABRA

Antilope cervicapra. — L'antilope des Indes, dos francezes

Este animal assimilha-se muito ao gamo, posto que seja mais pequeno e mais esvelto, e distingue-se entre as numerosas especies da familia pela fórma dos cornos, que só o macho possue, attingindo aproximadamente 0,m44 de comprimento, negros, inclinados para traz, e torcidos á similhança d'uma verruma. Mede esta antilope 1m,30 de comprimento, por 0m,80 de altura nas espadoas, e a cauda, terminando n'um tufo de pellos, tem 0m,25.

O corpo é delgado e alongado, cabeça redonda e olhos grandes e vivos, pescoço delgado e lateralmente achatado, pernas altas e seccas, mais compridas as posteriores do que as anteriores.

O pello é trigueiro aloirado na parte superior do corpo, esbranquiçado na inferior, e o do nariz, dos beiços, á roda dos olhos e debaixo da cauda, branco.

Este animal é frequente na India, e principalmente em Bengala.

Encontra-se em pequenos bandos, servindo-lhes de guia um macho mais edoso, que vagueiam principalmente pelas planicies descobertas. É em extremo acautelado, não sendo possivel que alguem se lhe aproxime senão por surpreza, pois que á mais leve suspeita põe-se em fuga, sendo enorme a sua agilidade. Se acreditarmos o que o capitão Williamson conta d'estes animaes, a cervicabra salta á altura de 4 metros e a 6 ou 10 de distancia.

A sua alimentação consta de hervas e plantas saborosas, e passa muito tempo sem beber.

A femea, depois de nove mezes de gestação, tem um unico filho de cada vez, que nos primeiros dias occulta entre o matto, aleitando-o e tratando d'elle, e que dias depois vae em companhia da mãe reunir-se ao bando, onde se conserva até que o guia, vendo n'elle um rival, se disponha a aggredil-o levado pelos ciumes, não restando outro recurso á pequena cervicabra, para escapar ao furor do chefe, senão abandonar o bando e ir em busca d'outro.

Na India caça-se este animal pelos differentes processos que temos descripto com relação ás outras antilopes, empregando os mais opulentos caçadores o falcão e o lobo tigre na perseguição d'este animal.

A cervicabra domestica-se sem difficuldade, e torna-se agradavel a todos pela sua mansidão ; affeiçoando-se a quem a trata bem, pelo contrario agasta-se quando a maltratam ou a provocam. Vive em boa harmonia com os seus similhantes, e até mesmo com os outros animaes.

No estomago d'este animal encontra-se o bezoar [1] oriental, tido outr'ora como medicamento importante.

A CAMURÇA

Capra rupicapra, de Linneo— *Le chamois,* dos francezes

A camurça é a unica antilope que vive na parte occidental da Europa, e por alguns caracteres importantes tem grande analogia com as cabras, differindo n'outros, principalmente na conformação dos cornos, que existem nos individuos dos dois sexos, do mesmo feitio, mais curtos apenas na femea, lisos, nascendo logo acima das orbitas, direitos até quasi á extremidade, e aqui recurvos á maneira d'um anzol. Não tem lacrimaes, e a cauda é curta.

Mede este animal 1m,20 a 1m,30 de comprimento, e d'altura nas espadoas 0m,75 ; a cauda tem 0m,08. O pello é comprido, pardo cinzento na primavera, arruivado no verão e trigueiro no inverno ; o do ventre branco, o da cabeça amarello claro, e tem uma risca escura no focinho e em volta dos olhos. Os cornos são pretos.

Vive este lindo ruminante nos Pyreneos e nos Alpes, encontrando-se tambem n'al-

[1] Dá-se o nome de bezoar a uma concreção petrea que se encontra na vesicula do fel e nos intestinos de varios ruminantes, a que se attribuiam n'outro tempo grandes virtudes medicinaes, sendo principalmente tida como antidoto efficaz.

guns sitios montanhosos da Grecia. Por toda a parte se torna cada dia mais raro.

A camurça vive em pequenos bandos no cimo das rochas mais escarpadas, nas penedias mais agrestes; dotada de agilidade incomparavel, salta os maiores precipicios, trepa pelas superficies mais declivosas, conservando-se á borda dos abysmos n'um espaço tão estreito, em que mal lhe cabem as quatro patas. E todos estes movimentos são executados com tal precisão, facilidade e firmeza, sem nunca se perturbar ou perder a sua elegancia e sangue frio, que é facil comprehender quão perigosa e difficil deve ser a caça a este animal. No verão habita os picos mais altos das montanhas, onde a neve é constante, e no inverno sitios mais baixos, sem comtudo descer á planicie. Quando chega a estação invernosa, vae estabelecer-se nas vertentes meridionaes das montanhas, e no verão reside nas septentrionaes.

Os sentidos d'este ruminante attingem notavel perfeição, e poucos são os animaes

Gr. n.° 197 — A camurça

que lhe levam vantagem. A vista, o ouvido e o olfato são egualmente perfeitos; é vigilante como poucos, nunca a camurça deixa de velar pela sua segurança, e até mesmo quando dorme os sentidos não perdem completamente a sua subtileza.

Quando presente o caçador muito ao longe, sem o ver, augmenta a sua inquietação: ignorando a distancia a que elle está e a direcção que tomou, não sabe para onde deva fugir.

«Desassocegados, diz Tschudi, correm de um para outro lado, com o pescoço estendido, procurando descobrir o homem que farejaram. Tão depressa o avistam param, observando-o com ar curioso, e se o caçador se conserva immovel, as camurças não dão um passo, mas basta o mais leve movimento do homem para que fujam, e se retirem para algum sitio mais escuso da vizinhança.

Quando o guia do bando fareja o perigo, assobia á maneira das marmotas, batendo com uma das mãos no chão e deita a fugir: é signal para que os individuos que se confiaram á sua vigilancia o sigam a galope. O assobio d'estes ani-

maes, ou antes um suspiro, consiste n'um som penetrante, rouco, um tanto prolongado, e que se ouve ao longe.»

No verão a camurça alimenta-se das plantas melhores que vegetam nas regiões alpestres onde vive, e dos lançamentos dos pinheiros; e quando chega a estação invernosa tem de se contentar com os musgos e os lichens, e nas occasiões em que as camadas de neve são mais espessas, custa-lhe a viver, comquanto não seja difficil na qualidade dos alimentos, e possa supportar a fome por longo espaço.

A epoca do cio para estes animaes é no fim do outono, e durante ella correm uns após outros pelos sitios mais escarpados, lutando vigorosamente, e acontecendo algumas vezes um dos contendores precipitar-se do alto d'uma rocha ou ser atravessado por uma das pontas do adversario, ficando mortalmente ferido. Terminam estas lutas quando os mais vigorosos conseguem pôr em debandada os mais fracos, seus rivaes, e então os vencedores acompanhados pelas femeas vão viver isolados até á maior força do inverno, epoca em que os casaes se reunem em bandos.

Depois de passada a gestação, que aproximadamente dura vinte semanas, a femea tem de cada barriga um filho e raras vezes dois, que horas depois acompanha a mãe, e que ao fim de alguns dias não cede a esta em ligeireza e agilidade. A camurça, poucos dias antes de parir, separa-se do bando, e procura sitio conveniente onde possa habitar com o filho por algum tempo, tratando-o com o maior carinho e ensinando-lhe, com o exemplo, todos os exercicios indispensaveis á vida que tem de levar por sitios tão escabrosos: ensina-o a saltar, a trepar, a passar pelas mais estreitas veredas, lições que o pequeno aproveita facilmente, mostrando-se tão affeiçoado á mãe, que nem mesmo depois de morta a desampara. «Mais d'uma vez, refere Brehm, tem-se visto pequenas camurças demorar-se perto do corpo inanimado da mãe, testemunhando apenas pelos gritos o medo que lhes causa o homem, deixando-se apanhar facilmente.»

O homem é para a camurça um inimigo terrivel, persegue-a encarniçadamente apezar dos mil obstaculos que tem a vencer n'estas caçadas, onde muitos tem deixado a vida no fundo dos precipicios, e para as quaes nem todos teem a aptidão necessaria. Ouçamos Tschudi acêrca do assumpto

«O caçador carece de excellente vista, não ser atreito a vertigens, ser robusto e afeito ao tempo, podendo resistir ás continuas variações atmospherica d'estas paragens, onde o gelo é eterno. Deve possuir bastante coragem e muito sangue frio, intelligencia clara que lhe permitta tomar resoluções promptas, e que os pulmões sejam excellentes e os musculos d'aço. Não basta que seja um bom atirador, é preciso ser trepador habil, e avantajar-se á cabra mais intrepida. O caçador de camurças vê-se muitas vezes forçado a procurar posições singulares, exigindo dos membros vigor extraordinario: apoiando-se umas vezes nos cotovelos ou nas costas, outras no queixo ou nos hombros, ou agarrando-se com os dentes, é preciso que todos os musculos lhe possam servir de alavanca ou de pinça, para se suster, arrastar-se ou virar-se.»

A camurça é muito facil de se tornar domestica se fôr apanhada muito nova, alimentando-se nos primeiros tempos de leite de cabra, ou mesmo entregando-a aos cuidados d'algum d'estes animaes que seja manso, e dando-lhe depois hervas saborosas, taes como couves e rabanetes, e pão. Gosta muito de brincar, procura sempre os sitios altos, um monte de pedras, o cimo d'um muro, e ahi se conserva horas inteiras. A alimentação d'estes animaes é facil pela sua grande sobriedade, e não gostam, de verão nem de inverno, de viver encerrados n'uma casa: basta-lhe uma porção de palha em logar apenas coberto pela parte superior.

A CONDOMA

Antilope strepsiceros — Le condou ou condoma, dos francezes

Esta antilope, maior do que o veado ordinario, attinge o tamanho do alce, havendo machos que medem de comprimento, do focinho á raiz da cauda, 2,^{m}80, tendo esta 0,^{m}50, e de altura nas espadoas 1,^{m}60.

No todo tem este animal grande analogia com o veado. O corpo é refeito, pescoço regular, cabeça curta e focinho pontudo, o beiço superior coberto de pello, orelhas muito compridas, e os cornos muito grandes, attingindo nos animaes mais edosos 1,20 de comprimento, fortes, retorcidos de modo que

formam tres curvas, um tanto inclinados para traz e para fóra, havendo algumas vezes entre ambos, na extremidade, a distancia de 1 metro.

O pello é curto, liso, muito comprido, na garganta e na nuca pardo trigueiro, mais claro na parte posterior do ventre e no lado interior das pernas; cauda trigueira na parte superior e branca na inferior, terminando n'um tufo de pellos pretos; no corpo, descendo do dorso para as ilhargas, tem sete a nove riscas brancas, a egual distancia umas das outras, algumas que se bifurcam.

Habita este animal na Cafraria e nas vizinhanças do Cabo da Boa Esperança, encontrando-se tambem na Abyssinia e n'alguns outros pontos da Africa.

Vive nas planicies cobertas d'arvoredo á borda dos rios, em bandos de cinco a

Gr. n.º 198 — A condoma

seis individuos, que alguns autores affirmam ser compostos unicamente de femeas, vivendo os machos velhos isolados até ao momento do cio. É animal dotado de grande agilidade, que corre velozmente, podendo saltar sebes de 3m de altura.

O seu alimento consiste principalmente em folhas e renovos, não desdenhando comtudo as hervas em determinadas circumstancias.

A femea, depois d'uma gestação de oito a nove mezes, pelos fins d'agosto, tem d'ordinario um filho, que ella só cria, educa e trata, sendo raro encontrar alguma com a cria em companhia do macho.

Caça-se activamente este animal para lhe haver a carne excellente, que, no dizer de Brehm, que a comeu, é similhante no sabor á do veado. Os cafres tão depressa matam a condoma e a esfolam, partem-lhe os ossos e chupam a medulla que contém, sem mais preparo,

o que para elles constitue um dos mais saborosos e delicados manjares.

A ANTILOPE LEUCORYX

Antilope leucoryx — Oryx leucoryx, dos francezes

Existe um genero de antilopes, denominado oryx — conhecido e já celebre na antiguidade, encontrando-se representado nos monumentos do Egypto em diversas posições—que comprehende tres especies, tendo por caracteres communs a fórma dos cornos, delgados, muito longos, annellados na base, arqueados, e deitados para traz.

D'este genero só descreveremos a especie que acima nomeámos, que vive na Africa central e septentrional, emquanto que a antilope pazan, *antilope oryx*, vive ao norte do Cabo da Boa Esperança, e a antilope beisa, *oryx beisa*, se encontra na Abyssinia.

A antilope leucoryx, que vae representada pela nossa gravura n.º 199, é notavel pelo comprimento dos cornos, que teem aproximadamente metade do comprimento do corpo, attingindo nos machos mais velhos 1m,15. O pello d'estes animaes é curto, espesso, raso, parte aloirado e outra parte côr de ferrugem, com umas malhas esbranquiçadas na cabeça. Os machos já feitos alcançam o comprimento de 2m e 1m,30 de altura nas espadoas.

Gr. n.º 199 — A antilope leucoryx

Vive este animal, bem como os seus congeneres, nos pontos mais aridos e agrestes do continente africano, alguns tão escassos de agua, que não é possivel saber onde o animal vae matar a sede, a não ser que, como affirma Gordon Cumming da antilope pazan, estes animaes possam existir sem beber. Brehm diz que as oryx, pelo menos as captivas, não recusam a agua.

«Encontram-se as oryx, diz Brehm, aos casaes, ou reunidas em pequenos bandos, e muitas vezes a femea com os filhos. O todo d'este animal tem alguma coisa de magestoso e nobre, sem que seja

elegante. É raro encontrar bandos numerosos, de vinte e mais individuos, como Gordon Cumming diz ter visto, e em sitios desertos as oryx não são raras, sem comtudo ser frequentes, e por tal modo timidas e desconfiadas que é difficil avistal-as, fugindo antes que o cavalleiro possa enxergal-as.

Pelas minhas observações concluo que estes animaes evitam quanto possivel as florestas, e no Kordofan só habitam nas planicies, onde encontram alimento abundante; chegada a epoca das seccas, e por tanto da fome, teem tanta gordura que podem por algum tempo viver apenas do restolho resequido, e dos ramos das arvores despidas de folhas. Apenas as mimosas lhes fornecem algum alimento verde.

Quando pastam levantam o pescoço e apoiam as mãos nos troncos das arvores, para assim poderem chegar aos ramos mais altos. No dizer dos caçadores inglezes as oryx do Cabo desenterram uma especie de lirios, que conserva a humidade por muito tempo.

A oryx leucoryx, como pude convencer-me observando-a, não vive em harmonia com os outros animaes, e maltrata-os muitas vezes. Em geral as oryx não são timidas com as outras antilopes, assimilham-se pelo contrario aos toiros, e quando as excitam arremessam-se furiosas contra os adversarios, e buscam aggredil-os com as patas. Sabem defender-se dos cães, e inclinando a cabeça para a frente marram vigorosamente, succedendo-se as marradas dadas para ambos os lados, com tal agilidade que se o cão não sabe evital-as com destreza, é atravessado d'um lado a outro.

Lichtenstein conta que um dos seus companheiros encontrou um dia os esqueletos de uma oryx e de uma panthera: esta havia morrido das cornadas da primeira, e a oryx das feridas que a segunda lhe fizera. Wood julga que o leão não tem melhor sorte, e o facto não parece de todo inverosimil. Vendo-se atacada a oryx faz frente ao homem, e se este se não acautelar ou não tiver agilidade bastante para furtar-se aos golpes, póde ser victima. Gordon Cumming deveu a vida á circumstancia casual de uma oryx, que correu sobre elle, cair antes de o alcançar, enfraquecida pela perda de sangue.

Não são conhecidos os pormenores da reproducção d'este animal em liberdade.

A caça a estes animaes faz-se a cavallo, sendo ainda assim difficil ao caçador aproximar-se a tiro de espingarda. Come-se-lhe a carne e aproveita-se-lhe a pelle. Os cornos utilisam-n'os os indigenas para fazer uma especie de lanças, que lhes servem de armas, e no Cabo da Boa Esperança os europeus mandam-lhe pôr n'uma extremidade castão de prata, e servem-se d'elles á maneira de bengalas.

As oryx são susceptiveis de se domesticarem, e Brehm diz a este respeito o seguinte: «De tempos a tempos os nomadas que vivem nas planicies apanham as oryx novas e trazem-nas ás cidades, para as vender ás pessoas abastadas ou aos europeus. Tive muitas, mas não posso affirmar que sejam animaes bons: são muito desengraçadas, preguiçosas, e insupportaveis. Conhecem o dono, é verdade, e habituam-se a elle, mas é necessario cautela, pois fazem uso frequente das pontas, e uso perigoso.

O NYLGÓ

Antilope picta, de Linneo — *Le portax nylgau*, dos francezes

O nome d'esta antilope, que se deriva das palavras *nyl-ghau*, que em lingua hindou significa *boi azul*, foi-lhe dado por se querer ver n'este animal analogia com o boi, pois que d'alguma fórma o nylgó parece formar a transição do veado para o boi.

Tem o corpo alongado, grosso, mais alto na frente, uma pequena corcova sobre as espadoas, cabeça delgada e comprida com a fronte arqueada, o beiço superior coberto de pellos, olhos regulares e vivos, lacrimaes pequenos e fundos, orelhas compridas, cornos direitos, conicos, com $0^m,20$ de altura, curvos em fórma de semi-circulo, sendo os da femea, quando os tem, mais curtos que os do macho. As pernas são altas e robustas, e os cascos altos e largos; a cauda comprida.

O pello é curto e raso, formando o da nuca uma especie de crina levantada, e o da garganta um tufo comprido que lhe pende do pescoço. Em geral a côr do pello é parda trigueira, com uns leves reflexos azulados; a da parte anterior do ventre, dos membros dianteiros e do lado externo das coxas parda annegrada, e a dos membros posteriores negra; em volta das pernas, junto ás patas, tem um duplo circulo de pellos brancos, e uma

malha grande da mesma côr na garganta com a fórma de meia lua.

Um macho adulto mede ás vezes mais de 2^m, e tem $1^m,30$ de altura nas espadoas.

O nylgó habita na India, nas montanhas de Kasimir e de Guzzerate.

«Pouco se sabe dos habitos do nylgó, diz Brehm. Vive de ordinario aos pares nas orlas dos juncaes, não se atrevendo a penetrar no interior com receio do tigre. Os machos que não teem femea vivem solitarios, e entre elles dão-se lutas terriveis, a que mais d'um succumbe, disputando-se a posse das femeas.

O nylgó é a peior e a mais atrevida das antilopes, e quando o perseguem volta-se furioso contra o caçador, avança aos gritos, e arremessa-se sobre elle procurando feril-o com as pontas.

Ainda mesmo depois de captivo, o nylgó não perde completamente a mal-

Gr. n.º 200 — O nylgó

dade natural; é sempre o terror dos seus tratadores. Embora se mostre de ordinario manso e dado, não ha que fiar na sua mansidão apparente, principalmente ao aproximar-se a epoca do cio.

Em Inglaterra um d'estes animaes, querendo atirar-se a alguem que se aproximou do sitio onde estava encerrado, fel-o com tal impeto, que partiu uma das pontas contra a grade e d'isso morreu.

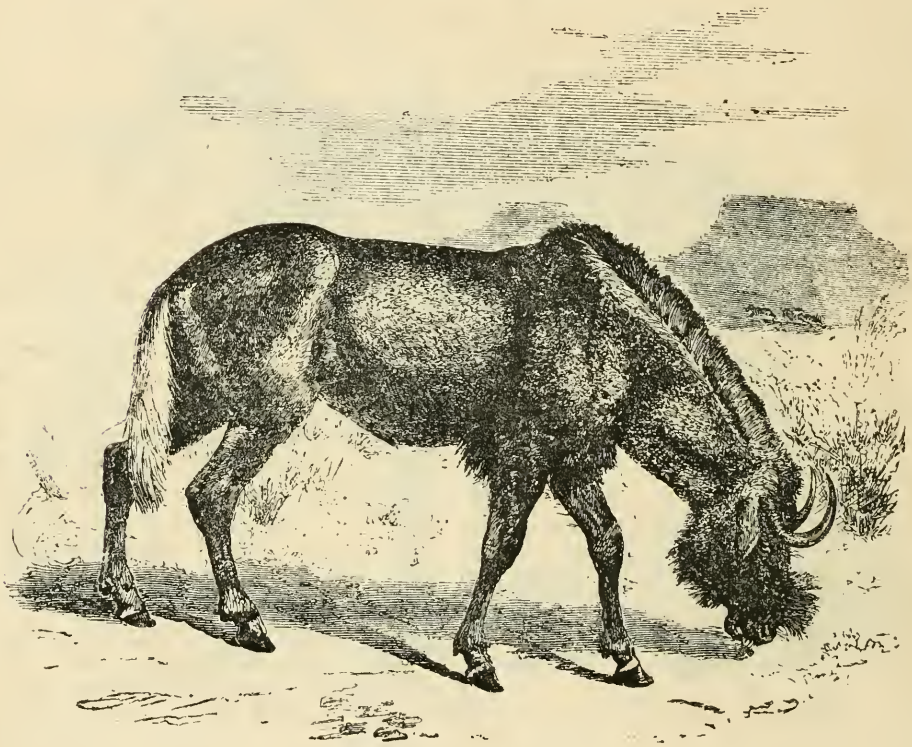
Os movimentos do nylgó são singulares. Quando nada o excita anda como as demais antilopes; mas se o irritam curva o dorso, enrola o pescoço, e avança vagarosamente, olhando de travez, com ar sombrio e perverso, e a cauda mettida entre as pernas. Quando foge tem a presença nobre, e leva a cauda levantada.

No dizer dos viajantes o nylgó passa todo o dia na floresta, e só de manhã cedo ou depois do pôr do sol vae em busca de alimento; os cultivadores detestam-n'o pelos estragos que lhes causa. Antes de comer escolhe os alimentos, cheira-os cuidadosamente, e por este modo destroe uma grande parte sem proveito.

A gestação na femea dura oito mezes; tem um filho da primeira barriga e dois nas successivas. Na India parem em dezembro, e no verão as que teem vivido captivas na Europa, sendo a época do cio no fim de março.

Os primeiros que nasceram no jardim zoologico de Hamburgo foi a 8 de agosto: tinham a pelle da mesma côr da mãe, e um d'elles, um macho, só aos dois annos tomou a côr que tem os d'este sexo.

Já n'outras eras os indios offertavam aos reis e aos potentados nylgós captivos, e hoje encontram-se ainda estes animaes nas habitações dos grandes. O primeiro cazal de nylgós que veiu para a Europa chegou a Inglaterra em 1767, e antes do fim d'aquelle seculo vieram outros para França, Hollanda e Allemanha. Hoje o nylgó existe em quasi todos os jardins zoologicos, e reproduz-se frequentemente. Os novos criam-se tão facilmente, no dizer de Brehm, de quem houvemos estas in-



Gr. n.º 201 — O gnou

formações, que em breve será inutil mandal-os vir da India.

O GNOU

Antilope gnou —*Le gnou*, dos francezes

Este animal parece ter sido conhecido dos antigos com o nome de *catoblepas*, que ainda hoje alguns autores francezes usam como denominação generica, e os colonos hollandezes do Cabo chamam-lhe *wildebeest*.

Quando se vê pela primeira vez este animal, não é facil dizer se é um cavallo, uma antilope, ou um boi, tanta analogia tem com estes animaes; e sendo elegante observado por partes, no conjunto não pode dizer-se que seja um bonito animal.

Os cornos, que existem nos individuos dos dois sexos, são achatados, grossos, e recurvos; na frente da cabeça tem um tufo de pellos e outro no peito, a crina levantada, e a cauda egual á do cavallo. O pello é pardo trigueiro, mais claro n'algumas partes do corpo e escuro n'ou-

tras, tirante umas vezes a preto outras a ruivo; o da crina esbranquiçado, o da cauda pardo trigueiro na raiz e branco na ponta, e o dos tufos da cabeça e do peito pardo escuro.

O gnou mede aproximadamente 2^{m} de comprido por 1,^{m}15 de altura nas espadoas, e a cauda tem de 0,^{m}50 a 0,^{m}60.

Vive nas montanhas ao norte do Cabo da Boa Esperança, onde é bastante frequente.

Anda este animal em bandos numerosos, encontrando-se alguns solitarios ou reunidos em pequenas familias de quatro ou cinco individuos. E' muito leve e corre com grande velocidade, sendo difficil caçal-o. Conta-se que ao ver-se perdido, não podendo escapar, corre direito ao caçador e busca derrubal-o ás cornadas e pisal-o com os pés.

Batem-se uns com os outros ajoelhando primeiro, e depois diligenciando ferir-se com as pontas, agitando constantemente a cauda durante a luta.

Ácerca da sua reproducção nada se sabe, ignorando-se o numero de filhos que a femea pode ter de cada vez.

O gnou captivo perde um pouco a sua selvageria; mas é sempre animal desagradavel e indomavel, recebendo mal as caricias que lhe façam, e acceitando indifferentemente o alimento da mão de quem lh'o dê atravez das grades da prisão, sem nunca se mostrar reconhecido.

A carne do gnou é tenra e succolenta; aproveita-se-lhe a pelle para curtir, e das pontas fazem-se cabos para facas e outros objectos.

AS CABRAS

Les chèvres, dos francezes

Os animaes d'esta familia distinguem-se pelos cornos que se elevam do alto da cabeça, curvando-se para traz em semi-circulo, regoados transversalmente de estrias; cabeça curta e fronte larga, olhos grandes e vivos, orelhas direitas, pontudas e movediças; não teem lacrimaes como as antilopes, e possuem um molho de pellos asperos debaixo da barba, principalmente os machos. Teem o corpo grosso, pernas vigorosas e curtas, e cauda muito pequena.

Conhecem-se muitas especies de cabras, das quaes citaremos como mais importantes o *bodequim*, a *cabra silvestre*, a *cabra domestica*, a *cabra d'Angora*, e a *cabra de Cachemira*.

O BODEQUIM

Capra ibex, de Linneo — *Le bouquetin* dos francezes

Este ruminante é um soberbo e lindo animal, com 1^{m},45 a 1^{m},60 de comprido, por 0^{m},66 de alto, revelando no seu todo a força e agilidade de que é dotado. O corpo é vigoroso e refeito, cabeça pequena, fronte arqueada, pernas de tamanho regular, olhos vivos, denotando intelligencia e arrojo, cornos negros, existindo nos dois sexos, notaveis pela grossura e pelo tamanho, deitados para traz e recurvos, do feitio d'um crescente, muito espessos e proximos um do outro na raiz, divergindo e adelgaçando-se á maneira que se aproximam da extremidade. Por vezes o comprimento d'elles é de 0^{m},90 a 1^{m},15, mas os das femeas, similhantes aos das cabras domesticas, são muito mais pequenos, não excedendo 0^{m},16 ou 0^{m},20.

O pello no inverno é longo e aspero, sobre outro mais curto, mais fino e farto que persiste no verão; pardo aloirado na parte superior do corpo, branco na inferior, com uma faxa preta no dorso e uma risca trigueira que lhe atravessa as ilhargas. Os pellos da queixada inferior são mais compridos, formando barba preta e aspera, que só se encontra nos machos.

Este animal foi outr'ora frequente em quasi todas as mais altas montanhas da Europa, havendo desapparecido d'uma grande parte; parece que hoje só existe n'uma pequena região dos Alpes piemontezes.

Vivem os bodequins em pequenos bandos. Poucos ruminantes, á excepção da camurça, podem como este animal subir aos cimos mais agudos das montanhas. «Todos os seus movimentos, diz Brehm, são faceis e rapidos: é firme e veloz na carreira, trepa com inacreditavel ligeireza, corre com destreza e facilidade sem eguaes pelas arestas dos rochedos, por toda a parte emfim onde houver espaço sufficiente para firmar os pés. A mais breve saliencia, que o homem mal pode divisar, uma fenda, um buràco, servem-lhe como os degraus d'uma escada. Teem sido vistos, firmes sobre as quatro patas, na ponta d'uma estaca. Diz Schiuz haver notado que nunca

o bodequim deixa de ir a qualquer ponto que lhe convenha, por mais inaccessivel que seja.

Em Berne um bodequim domestico saltou d'um pulo á cabeça d'um homem alto, e conservou-se em pé. Houve quem visse outro equilibrar-se sobre a verga d'uma porta, e trepar por um muro tendo por unico apoio as ligeiras saliencias da alvenaria, que a argamassa ao cair deixára a descoberto. Em tres saltos alcançou o espigão do muro.

Quando pula parece que não pousa os pés no chão ou nos rochedos, e ao saltar dá ares d'uma bala arremessada. Se o perseguem corre sobre o gelo com mais facilidade ainda que a camurça, com quanto o não faça senão involuntariamente. Atravessa os precipicios com a maior firmeza, saltando e brincando sobre as rochas, e atirando-se das maiores eminencias sem hesitação.

Os sentidos mais apurados d'este animal são o olfato e a vista, e é difficil que al-

Gr. n.° 202 — O bodequim

guem consiga aproximar-se do bodequim, principalmente d'um macho adulto. É timido, acautelado, aprecia perfeitamente o perigo que o ameaça, e quando novo é brincão, corajoso, e dado a lutar com os seus similhantes. N'este e n'outros habitos este animal tem grande similhança com a cabra domestica.

Alimenta-se das plantas que encontra nos Alpes, e quando lhe faltam come os gomos e ramos d'algumas arvores e os lichens. Nas suas excursões em busca de alimento, se depara com as camurças affasta-se, mas vae reunir-se ás cabras que porventura encontre.

O mez de janeiro é a epoca do cio, e então os machos batem-se a todo o transe, arremessando-se uns contra os outros, levantando-se sobre as pernas trazeiras, procurando aggredir-se com as pontas de lado; e lutas fataes são muitas vezes estas pela má situação da arena, e mais d'um perde a vida rolando no fundo d'algum precipicio. A femea entrega-se ao vencedor.

Depois d'uma gestação de cinco mezes,

aproximadamente, a femea tem um unico filho, que nasce pouco mais ou menos do tamanho d'um cabrito, e que momentos depois parte atraz da mãe prompto a seguil-a nos sitios mais escarpados, nas mais escabrosas penedias, escondendo-se atraz d'uma pedra ou na fenda d'uma rocha quando o perigo se avizinha, immovel, com o olho á mira e o ouvido á escuta, emquanto que a mãe fugiu para salvar a vida, voltando tão depressa o perigo se dissipa, e tendo para o filho todos os carinhos d'uma boa mãe. E se esta se demora, o pequeno sae do escondrijo, chama-a, e de novo se occulta dando-se n'estes animaes uma circumstancia curiosa, observada tambem n'outros ruminantes: o filho ao avistar a mãe corre alegre para ella; mas se lhe cheira a sangue, por que esteja ferida, parte precipitadamente, por mais que a mãe o chame.

A caça a este animal é motivo de grandes fadigas e perigos, e só uma paixão decidida por este exercicio pode levar o homem a emprehendel-a. Conta-se que se o caçador consegue tomar a passagem ao bodequim, levando-o d'encontro á borda d'um precipicio, o animal, se não tem outro meio de escapar, precipita-se no abysmo com a cabeça entre as mãos, e as pontas para diante, diligenciando assim amortecer a violencia da queda. Outras vezes, virando-se de subito, corre direito ao caçador, passa por elle como um raio, e se não estiver prevenido arremessa-o ao fundo do precipicio.

O bodequim emquanto novo pode domesticar-se: torna-se manso, dado, deixa-se acariciar, e vive na melhor harmonia com as cabras, sendo sempre um d'estes animaes encarregado de aleital-o, porque só recemnascido se consegue apanhar um bodequim vivo. Quando vae para velho torna-se mau e desagradavel.

Nos Pyrinéos, nas vertentes hespanholas, e nas serras do centro da Hespanha, vive ainda hoje um bodequim que alguns naturalistas consideram como variedade do bodequim dos Alpes, e com que outros formam uma nova especie. Tem os cornos muito similhantes aos do bode domestico, o pello trigueiro annegrado, mais claro n'algumas partes do corpo, e do tamanho dos individuos da especie dos Alpes.

Em Hespanha conhecem este animal pelo nome de *cabra montés*.

A CABRA SILVESTRE

Capra ægragus, de Linneo — *L'egagre, ou chévre sauvage*, dos francezes

Aos animaes propriamente domesticos, que vivem na dependencia do homem, não é facil determinar com exactidão qual seja o tronco d'onde proveem, entretanto muitos naturalistas dão por origem á cabra domestica a cabra silvestre.

Este animal, mais pequeno que o bodequim e maior que a cabra domestica, tem aproximadamente $1^{m},40$ de comprido, e 1^{m} de alto medido nas espadoas. Os cornos são compridos, aguçados na frente e arredondados na parte posterior, deitados para traz e formando um arco de circulo bem pronunciado, mais pequenos ou nullos nas femeas.

A barba é trigueira, e existe tanto no macho como na femea; a cabeça é preta na frente e ruiva nos lados, o corpo pardo arruivado, com uma risca preta ao longo do dorso e da cauda.

Vive este animal em grande parte da Asia, e principalmente na Persia, onde é conhecido pela denominação de *paseag*.

A cabra silvestre tem os habitos do bodequim, e como elle vive nos cimos mais escarpados das montanhas; não lhe sendo inferior em agilidade e intrepidez, e trepando aos picos mais agudos e elevados. Alimenta-se das hervas saborosas que nascem n'quellas paragens, e das folhas das arvores.

A epoca do cio é em novembro, e durando a gestação cinco mezes, em abril tem a femea d'ordinario dois filhos, raras vezes um só, que poucas horas depois de nascido já acompanham a mãe por toda a parte. Crescem rapidamente, são muito dados a foliar, e domesticam-se com facilidade se os apanharem em pequenos, principalmente criando-os com as cabras domesticas.

Nos intestinos d'este animal encontra-se tambem a concreção chamado *bezoar oriental*, a que antecedentemente nos referimos, d'onde vem a denominação de *cabra de bezoar*, dada a este ruminante por varios zoólogos.

A CABRA DOMESTICA

Capra hircus, de Linneo — *La chévre domestique*, dos francezes

A cabra domestica differe da cabra silvestre na configuração dos cornos, que

são arredondados em ambas as faces, elevando-se do alto da cabeça em direcção um tanto perpendicular e parallela, com as pontas deitadas para traz. A femea tem muitas vezes armação como o bode, que assim se denomina o macho, mais pequena, porém, e menos forte, faltando n'algumas.

O pello da cabra é aspero, desegual no tamanho, segundo as diversas partes do corpo, variando muito na côr, havendo d'estes animaes pretos, brancos, malhados d'estas duas côres, trigueiros arruivados ou cinzentos, etc.

Esta especie póde dizer-se que vive espalhada por todo o mundo, e bem lhe quadra a denominação de *vacca do pobre*, que lhe foi dada, pois que se muitos não podem possuir uma vacca, a quasi todos é permittido manter uma cabra, animal sobrio e facil d'alimentar, que se contenta com as hervas mais grosseiras, dando em troca excellente leite, e podendo, como nenhum outro, substituir a mãe que por doença não possa aleitar seu filho, porque não só se deixa facilmente ordenhar, como se affeiçoa á creança a quem dá de mamar, tendo para ella a ternura da melhor das amas.

A cabra domestica não perdeu na totalidade os caracteres que distinguem as especies silvestres, em que teve a sua origem: é caprichosa, vagabunda, desobediente, tendo em compensação qualidades boas; é grata aos afagos que lhe fazem, reconhece o bom tratamento que lhe derem, e affeiçoa-se a quem a amimar. É mais intelligente que a ovelha, amiga de brincar em todas as edades, muito sociavel, conservando sempre um tanto do caracter independente do typo original da especie, gostando de vaguear livremente e de trepar aos sitios mais altos e escabrosos.

É principalmente em relação ao alimento que a cabra manifesta a sua natureza caprichosa: não se contenta por muito tempo com o mesmo genero de alimento, varia sem cessar, e nem sempre prefere o melhor. As folhas das arvores são o seu manjar mais favorito, o que as torna em geral prejudiciaes, e comem sem inconveniente plantas que seriam nocivas para outros animaes. Preferem as que nascem em sitios altos, seccos e bem expostos ao sol.

«A cabra, diz Brehm, affeiçoa-se ao homem, e é meiga e muito sensivel ás caricias que lhe fazem. Quando observa que alguma das suas companheiras tem as boas graças do dono, tem ciumes como um cão mimoso, e maltrata-a com as pontas se o dono a afaga. É um animal discreto, sabendo distinguir quando o homem a maltrata injustamente ou quando a castiga com rasão. Um bode, adestrando-o, presta-se a puxar um carro pequeno para transporte de creanças, fazendo este serviço durante muitas horas se o levarem por bem, recusando-se obstinadamente se o maltratarem ou o excitarem inutilmente.

A intelligencia d'este animal vae mais além: tenho visto cabras que comprehendem o que se lhes diz. Ha d'estes ruminantes adestrados a marchar á voz do commando, conseguindo-se até mesmo ensinal-as a formar palavras, reunindo letras que se espalham pelo chão. Responder, porém, ás interrogações que se lhe fazem, sem ensino previo, é evidentemente maior prova de intelligencia.

Minha mãe possuia um certo numero de cabras, que estimava muito, vigiando constantemente se eram bem tratadas, acontecendo, todavia, por culpa d'algum criado menos cuidadoso, não terem ás vezes boa forragem. Era facil a minha mãe saber se as cabras estavam ou não satisfeitas, e bastava chamal-as da janella e perguntar-lhe, certa de que ellas lhe responderiam. Ao ouvir-lhe a voz, se não estavam contentes, respondiam-lhe balindo com ancia, ficando, pelo contrario, silenciosas, se nada lhes faltava. Assim praticavam quando as castigavam injustamente. Se podiam introduzir-se no jardim, e as expulsavam dos canteiros e das latadas fustigando-as com o chicote, fugiam caladas; mas se algum dos criados as maltratava no curral, gritavam como se as estivessem matando.

No alto das serras acompanham por vezes o viajante mais de meia legua, roçando-se por elle, para lhe pedir de comer, e reconhecem ao longe a pessoa que uma vez lhe deu coisa que lhes agradasse, saudando-a mal a avistam.»

A cabra vive dos dez aos quinze annos, deixando aos oito de ser fecunda, e começando a sel-o aos seis mezes. Depois de uma gestação de cinco mezes tem um ou dois filhos, raras vezes tres, que momentos depois de nascidos procuram as tetas da mãe, no dia seguinte correm

d'um para outro lado, e passados quartro ou cinco dias podem acompanhal-a por toda a parte.

O producto mais importante da cabra é o leite, posto que a carne do cabrito seja gostosa e tenra, não perdendo com a edade de todo estas qualidades se o caparem aos seis ou sete mezes. A carne do chibato é muito usada em grande parte do nosso paiz, principalmente nas provincias do sul, onde um cabrito d'um anno, que se chama *chibo*, vale aproximadamente 1$500 ou 1$600 réis, augmentando de valor no anno seguinte e denominando-se *chibato*. Da pelle fabrica-se marroquim e pergaminho, e tem subido valor o pello d'algumas especies, principalmente das duas que adiante vão descriptas.

As cabras, em geral, andam a pasto, e é facil mantel-as porque toda a casta de pastagens lhes serve, sendo raro que vivam em estabulos, a não ser na vizinhança das grandes cidades, onde o leite tem maior valor, ou quando o dono consome este producto. Para as cabras alimentadas á manjadoura, vamos dar uma receita cujo conhecimento póde ser util a algum dos nossos leitores, transcripta do *Manual d'agricultura elementar e pratica*, excellente publicação do distincto agronomo Paulo de Moraes [1].

«Emprega-se para estes animaes, perto da cidade de Lyão, um regimen de alimentação que poderia, com vantagem, ser applicado entre nós ás cabras que são tratadas á manjadoura. Durante o inverno são alimentadas com folhas de vinhas, colhidas ainda verdes, depois das vindimas. Lançam-se estas folhas nos balseiros em camadas successivas de 0^{m},12 a 0^{m},15 de espessura, sobre as quaes se deitam algumas mão cheias de sal, comprimindo-as bem ao mesmo tempo. Ao depois deita-se-lhes agua até as cobrir. Tapa-se em seguida o balseiro, deixando fermentar a massa durante dois mezes. Assim preparadas, dão-se ás cabras por metade da sua ração, supprindo-se a outra metade com feno de boa qualidade.»

A CABRA D'ANGORA

Hircus angorensis—La chèvre d'Angora, dos francezes

Distingue-se este lindo ruminante das outras especies de cabras pela configuração especial dos cornos, que existem nos individuos dos dois sexos, achatados, em direcção horisontal e em espiral, e por o pello comprido, finissimo, sedoso e um tanto crespo, que lhe cobre o corpo, á excepção do das faces, das orelhas e da parte inferior das pernas que é curto. O pello é branco, e raras vezes se encontra um d'estes animaes malhado.

Um vello da cabra d'Angora pode pesar de 1:250 a 2:500 grammas.

Vive esta cabra na Asia, e deve o nome á pequena cidade d'Angora na Turquia Asiatica, d'onde parece que este animal proveiu, espalhando-se primeiro por diversos pontos da Asia, e sendo depois introduzido na Europa.

Segundo os dados que encontrámos em Brehm, avalia-se o numero d'estes animaes existentes na Anatolia, districto da Turquia Asiatica, onde demora Angora, aproximadamente em 800:000, havendo em geral um bode para cada cem cabras. Uma cabra vale no paiz de 9$000 a 10$000 réis.

Só a cidade de Angora fornece 1.000:000 de kilogrammas de lã, uma parte da qual se gasta no paiz no fabrico de estofos diversos, e a outra é enviada para Inglaterra.

A acclimação d'esta raça, diz Figuier, tendo sido tentada por duas vezes em França, não encontrou difficuldades; os animaes que nasceram no Jardim das Plantas em Paris vivem tão bem como na terra natal.

A cabra d'Angora é de todas as raças estranhas a mais facil de propagar-se em França, e de cuja multiplicação maiores vantagens se podem auferir, devendo tornar-se uma fonte de riqueza para os paizes montanhosos. Dá tanto leite como a cabra da Europa, e o vello fornece lã comprida e fina, conservando o brilho depois de tinta, e parecendo-se com a seda tinta a ponto de se confundirem: tem o brilho da ultima e recebe todas as côres que se podem empregar na seda. E' superior ás melhores lãs para o fabrico de velludos, e com ella fabricam-se excellentes tecidos leves, dos que no commercio teem o nome de *draps zephirs*.»

A CABRA DE CACHEMIRA

Hircus laniger — La chèvre de Cachemire, dos francezes

Esta especie tem quasi o mesmo valor da cabra d'Angora. E' mais pequena do que esta, tem o pescoço curto, cabeça

[1] *Manual de agricultura elementar e pratica*, por Paulo de Moraes, edição de Lallemant Frères, Lisboa 1877.

grossa, orelhas curtas, cornos longos, divergindo ao partir da raiz, elevando-se para cima e ao mesmo tempo obliquando para traz, com a ponta virada para dentro.

O pello é mais curto e extremamente fino e macio, coberto por sedas compridas, duras e lizas, e só o focinho e as orelhas são cobertos unicamente de pello curto. A cabra de Cachemira é d'ordinario branca ou amarellada, havendo-as trigueiras e até mesmo pretas.

Encontra-se esta especie no Thibet, onde é muito frequente nas montanhas, e está hoje acclimada em Bengala.

Os bellos chales, notaveis pela belleza e custo, chamados cachemiras, são fabricados com os pellos mais curtos d'estes animaes pelos tecelões de Cachemira, e acêrca d'esta industria dá-nos Brehm os curiosos pormenores que em seguida transcrevemos.

« A lã desponta em setembro e cres-

Gr. n.° 203 — A cabra de Cachemira

ce até á primavera, caindo em abril, sendo mais abundante no bode do que na cabra, comquanto a do primeiro seja mais inferior na qualidade. A tosquia faz-se em maio ou junho, e depois d'esta operação escolhe-se a lã, pondo-se de parte as sedas que se empregam em estofos mais ordinarios, e a lanugem ou pello mais curto é ainda sujeito a nova escolha. A lã branca; que tem todo o brilho e belleza da seda, é mais procurada. Uma cabra dá de 95 a 125 grammas de lanugem aproveitavel, e sendo necessarios 2 kilogrammas para um metro quadrado de estofo, contém este o producto em lã de 10 a 20 cabras. E' raro que um d'estes animaes dê 170 a 180 grammas de lanugem, havendo comtudo alguns d'onde se extrahem 250 grammas d'este producto.

No dominio do Grã Mogol existiam em Cachemira 40:000 teares onde se teciam chales; depois, no tempo dos afghans, esta industria foi decaindo a ponto que de 60:000 tecelões que havia, muitos milhares tiveram de emigrar por falta de

trabalho, e hoje este ramo de industria não está mais prospero. O commercio de lãs não é livre, e ninguem no Thibet póde vender este producto particularmente conforme julgar melhor; a lei obriga a leval-o a um grande mercado que se faz todos os annos em Gertope. Os impostos de toda a casta, que oneram este producto, mais difficultam ainda o commercio.

N'estes ultimos tempos conseguiu-se fabricar na Europa chales com verdadeira lã de Cachemira, dando em resultado diminuir-lhe um tanto o preço, posto que ainda hoje se paguem os bons por quantias consideraveis. Não se póde dizer que um chale d'estes seja unicamente um objecto de luxo, porque não obstante ser fino e leve resguarda muito bem do frio. Em Cachemira um chale dos bons paga-se por 270$000 a 340$000 réis, valendo na Europa o dobro pelas despezas accessorias. Para os habitantes do Levante, um bom chale deve passar pela circumferencia d'um annel, e a estes pagam-n'os por quantias fabulosas.»

OS CARNEIROS

Les moutons, dos francezes

Os ruminantes comprehendidos n'este grupo assimilham-se muito ás cabras

Gr. n.° 204 — O muflão da Africa

pelos seus caracteres, tanto que alguns zoologos reuniram as duas familias n'um unico grupo. Distinguem-se, todavia, em ter os cornos rugosos mais ou menos em espiral, faltando-lhes a barba nos individuos dos dois sexos, caracteristico das cabras.

Além da especie domestica, de todos conhecida por alguma das raças em que está dividida, outras existem que vivem em liberdade espalhadas pelo antigo continente, e uma na America septentrional, habitando as montanhas, á maneira do bodequim. Mencionaremos as principaes e mais conhecidas, a saber: o *muflão da Africa*, o *argali ou muflão da Asia*, o *muflão da America*, o *muflão ordinario* e o *carneiro*.

MUFLÃO DA AFRICA

Ovis tragelaphus— *Le mouflon barbu*, dos francezes

Esta especie, que alguns naturalistas incluem nas cabras, parece servir de transição d'estas para os carneiros.

A cabeça é grossa, os cornos, a principio direitos e depois recurvados para traz, teem a face anterior larga; possue uma enorme guedelha que lhe nasce no pes-

coço, e cobre o peito e parte dos membros até ao joelho; tem a cauda curta.

O pello é similhante ao das cabras, rijo e curto, á excepção do que forma a guedelha e o tufo que termina a cauda. O das costas é arruivado ou amarello escuro, um pouco malhado, por ter as extremidades brancas; o do ventre e do lado interior dos membros branco; tem uma risca escura ao meio do dorso.

Os adultos teem 2^m de comprimento por $1,^m15$ de altura.

Vive este animal no norte da Africa, sendo frequente no Atlas, principalmente na linha de montanhas que atravessa Marrocos e a Argelia.

São pouco conhecidos os habitos d'este ruminante, e das diversas observações que Brehm diz dever ao doutor Bruvy, resumimos as seguintes:

O muflão da Africa não vive em bandos, encontra-se isolado nos cimos dos rochedos de mais difficil accesso; e só na época do cio, em novembro, umas tantas femeas vivem reunidas tendo por guia um macho. Durante este tempo succedem-se as lutas entre estes animaes, lutas notaveis, no dizer dos indigenas, pela perseverança com que por vezes ficam durante largo espaço com a cabeça baixa e d'encontro á do adversario, pelo furor com que se arremessam uns aos outros, e pela solidez dos cornos, uma pancada dos quaes seria bastante para abrir o craneo a um elephante.

A femea depois de cinco mezes de gestação tem um ou dois filhos, que vive com a mãe por algum tempo, abandonando-a antes da época d'ella novamente reunir-se ao macho.

O alimento d'este ruminante é egual ao das cabras silvestres: sustenta-se das plantas alpinas que vegetam nas regiões onde habita, e no inverno de lichens e das hervas que o verão seccou.

O muflão d'Africa não é facil de ser apanhado, e a caça é difficil nas paragens alpestres onde vive, sendo por vezes filado nos laços que os montanhezes lhe armam. Entretanto tem sido observado em muitos jardins zoologicos da Europa, reproduzindo-se facilmente. «Um casal que vive no jardim zoologico de Bruxellas, diz Brehm, tem dois filhos cada anno.»

O macho, no dizer do escriptor que citámos, está continuadamente de mau humor, enfurecendo-se á menor contrariedade, e leva a melhor com o homem mais vigoroso. Vive em boa harmonia com os animaes do mesmo genero, menos na época do cio, em que os aggride.

A carne é excellente, e Brehm diz tel-a achado mais delicada que a do veado, com quanto se lhe assimilhe no gosto.

O MUFLÃO DA AMERICA

Ovis montana — Le muflon de montagne, dos francezes

Torna-se notavel este animal pelas suas formas esveltas, e pelo comprimento das pernas; os cornos são muito grossos, descrevendo uma volta completa, em espiral, estriados transversalmente, e mais curtos nas femeas. O corpo é refeito e vigoroso, cabeça pequena, cauda curta, pello duro, grosseiro e curto, trigueiro acastanhado, branco no focinho, preto na cauda, e esbranquiçado nos quartos trazeiros. O macho adulto attinge o comprimento de $1,^m85$ de comprimento por $1,^m15$ de altura nas espadoas, tendo $0,^m15$ de cauda.

Vive esta especie na California e nas aridas montanhas do norte da America, sendo descoberta em 1800 por Gillevray, que encontrou este animal em bandos de vinte e tantas cabeças, guiados por um macho mais velho, vagueando pelos picos mais altos das montanhas, nas encostas mais declivosas, agrestes e de mais difficil accesso, descendo por vezes aos valles em procura d'alimento. Viu-os Gillevray saltar de rocha em rocha, com a precisão e agilidade que só podem ser egualadas pelo bodequim dos Alpes, e affirma que seria impossivel alcançal-os se não fôra o habito de parar repetidas vezes para fixarem a pessoa que os persegue.

Os povos que habitam as regiões vizinhas das montanhas, onde vivem estes animaes, caçam-n'os activamente para lhes haver a carne, que é saborosa e muito estimada, principalmente a das femeas e dos pequenos.

O ARGALI

Ovis ammon, de Linneo — *Le argali*, dos francezes

O argali é o carneiro silvestre da Asia, e muitos naturalistas querem ver n'este animal o tronco d'onde se deriva a maior parte das raças de carneiros domesticos da Asia.

É o gigante da familia, grande e bello animal, vigoroso, que attinge por vezes o comprimento de $2^m,15$ por $1^m,30$

de alto, de cabeça alongada, cornos muito grossos e compridos, que lhe nascem perto dos olhos, muito proximo um do outro, inclinando-se primeiro para traz e para fóra dando volta e meia em espiral.

O pello é comprido e rijo, e cobre uma lanugem espessa e macia; no verão é trigueiro, pardo na cabeça e branco no ventre, tornando-se no inverno ruivo, e o das coxas, da cauda e do focinho branco.

Encontra-se o argali nos pontos desertos das montanhas da Asia Central, desde a Tartaria até á China, na India e na Siberia Oriental até Altaï.

São os argalis muito vigorosos e ageis, notaveis pela ligeireza com que saltam de rocha em rocha, correndo velozmente pelos sitios mais perigosos e escarpados. Os machos, na época do cio, duas vezes cada anno, na primavera e no outono, lutam para alcançar a posse das femeas, e n'estas lutas não é raro que algum fique

Gr. n.° 205 — O muflão da Europa

desarmado, por mais vigorosos e rijos que sejam os cornos d'estes animaes.

A femea tem de cada vez dois filhos, e antes de parir vae viver isolada para o sitio mais escuso, onde se conserva por algum tempo com o filho.

A carne d'este animal é excellente e muito estimada pelos habitantes dos paizes onde vive.

O MUFLÃO DA EUROPA

Ovis aries fera, de Linneo—*Le muflon ordinaire*, dos francezes

Mede este ruminante 1^{m},20 de comprido por 0^{m},80 de alto, e os cornos, que d'ordinario só existem nos machos, grandes e grossos, mais triangulares e espessos na raiz, estreitando para a extremidade, inclinados para traz e curvando-se para baixo, chegam a ter 0^{m},66 de comprimento. O pello é curto, raso, muito espesso, principalmente no inverno, época em que tem o corpo revestido de lanugem curta, fina e crespa. O colorido geral do pello é ruivo, tirante a cinzento na cabeça, e o do focinho, da garupa, da extremidade da cauda, das pernas e do ventre, branco. Tem uma risca no meio do dorso trigueira escura.

Este animal era muito conhecido pelos

antigos, e ainda hoje se encontra nas montanhas da Corsega e da Sardenha, admittindo-se geralmente que viveu outr'ora no meio-dia da Europa, encontrando-se nas ilhas Baleares e na Grecia. Apezar de perseguidos pelos caçadores, ainda hoje se encontram estes ruminantes em bandos de 50 a 100 individuos, principalmente nos districtos de Iglesias e de Teulada, na Sardenha.

Um muflão já feito e vigoroso é sempre o chefe do bando, que na época do cio se divide em pequenas familias, compostas d'um macho e d'algumas femeas, dando-se então terriveis lutas entre os machos, lutas em que por mais d'uma vez um dos contendores succumbe, indo parar ao fundo d'algum abysmo onde o precipitara o adversario.

A femea pare, ao fim de vinte e duas semanas de gestação, dois filhos de cada vez, que nascem vigorosos a ponto de poderem acompanhar a mãe immediatamente. No fim d'alguns dias seguem-n'a nas suas excursões pelos sitios mais escarpados, egualando-a na agilidade e intrepidez.

O muflão da Europa acostuma-se a viver captivo, e só se consegue apanhar algum vivo nos primeiros dias de nascido, matando-lhe a mãe. Conserva sempre a vivacidade e ligeireza que lhe é natural, e que distingue estes animaes dos carneiros domesticos, que muitos naturalistas consideram descendentes d'esta especie. Á maneira que envelhecem tornam-se maus e bravos, perdem o receio do homem, e aggridem-n'o sem que elle os provoque.

Nas aldeias da Sardenha e da Corsega encontram-se frequentemente estes animaes domesticados, a ponto de acompanharem o dono, á imitação do cão.

Do cruzamento do muflão com a ovelha domestica obtem-se mestiços, que por seu turno são fecundos.

O CARNEIRO

Ovis aries, de Linneo — *Le mouton*, dos francezes

Como acontece com todos os animaes domesticos, ignora-se qual seja o tronco primitivo d'este animal, que alguns naturalistas não querem que descenda das especies selvagens, comquanto outros lhe dêem por origem o argali ou o muflão da Europa.

Se é certo que este animal descende das especies silvestres, soffreu pela domesticidade importantes modificações. O carneiro tem aspecto diverso do muflão da Europa ou do argali; faltam-lhe as fórmas esveltas e a agilidade d'estes, são pesados e vagarosos os seus movimentos. A sua intelligencia é mesquinha, a constituição fraca, e sem os cuidados de que o homem o cerca, é possivel que a especie se extinguisse.

Os pellos compridos e sedosos do muflão da Europa e do argali desappareceram no carneiro; mas em compensação a lanugem d'aquelles tomou maiores proporções n'este. A cauda dos animaes das especies selvagens é curta, e a do carneiro domestico comprida. As ovelhas não teem cornos, e ha raças em que estes appendices faltam nos carneiros.

O carneiro domestico, pelas circumstancias diversas do clima e do regimen, tem soffrido tambem modificações n'alguns dos seus caracteres, principalmente no tamanho, na configuração dos cornos e na qualidade da lã, e d'ahi provém o grande numero de raças em que este animal está dividido, e que todos os dias augmenta.

Antes de falarmos n'este assumpto, diremos duas palavras ácerca dos habitos, regimen, e productos d'este tão util ruminante.

«O carneiro, diz Brehm, é um animal docil, pacifico, soffredor, medroso e cobarde, sem vontade nem caracter, que só na epoca do cio se assimilha um tanto aos outros ruminantes, e fóra d'ella é de todos os animaes domesticos o de mais mesquinha intelligencia. Incapaz de aprender coisa alguma, não sabendo livrar-se dos perigos, sem a protecção do homem deixaria de existir em pouco tempo. O medo torna-o ridiculo, e faz dó a sua cobardia: um ruido desconhecido é sufficiente para pôr em debandada um rebanho; os trovões, os relampagos e a tempestade espantam-n'os por tal fórma, que ninguem consegue ter mão n'elles.

Nas vastas planicies da Russia e da Asia os pastores são victimas da louca timidez dos animaes que apascentam, os quaes, por occasião das grandes tormentas de neve, se dispersam correndo doidamente pelos campos, atirando-se á agua ou mesmo ao mar, ou ficando-se immoveis, sem procurarem abrigo ou alimento, deixando-se com a maior resignação cobrir pela neve. D'este modo morrem milhares n'um dia.

Na Russia usa-se das cabras para conduzir os rebanhos de carneiros, mas nem sempre estas conseguem sustel-os.

Dá-se o mesmo entre nós, por occasião d'alguma grande tempestade, d'uma inundação ou d'um incendio: durante a tormenta os carneiros apertam-se por tal forma uns contra os outros, que ninguem os póde separar. «Se o raio cae no montão, diz Lenz, são muitas as victimas; se o fogo se declara no curral, deixam-se ficar ou precipitam-se no meio das chammas. Vi uma vez as ruinas d'um grande curral que o fogo havia devorado, e o solo coberto de corpos de carneiros carbonisados, porque não fôra possivel salvar senão um pequeno numero, sendo ainda assim necessario empregar a força.

Ha annos quasi todos os carneiros que compunham um rebanho morreram suffocados, porque dois cães de caça entraram no estabulo, e por tal fórma os amedrontaram, que unidos uns contra os outros foram victimas da asphyxia». São sufficientes estes exemplos para bem caracterisar estes animaes, posto que podessemos citar outros muitos.

N'alguns casos o carneiro dá tal ou qual prova de intelligencia, aprendendo a conhecer o dono, a vir quando este o chama, e a obedecer-lhe. Gosta de musica, e ouve com certo prazer a charamela do pastor. Presente com antecedencia as mudanças de tempo.

Prefere este animal os logares seccos e altos aos baixos e humidos; e no dizer de Linneo, das plantas communs da Europa 327 especies fazem parte da alimentação do carneiro, desprezando 141. O ranunculo, o euphorbio, o colchico, a cavallinha, as plantas carnosas, e os juncos são-lhe nocivos. No inverno come feno, palha, folhas e plantas seccas de diversas especies, com que se dá perfeitamente. Se os alimentarem com grão engorda demasiadamente, com prejuizo da lã. Gosta muito de sal, e precisa d'agua limpida e corrente.»

A epoca do cio para estes animaes começa em março, e o mez mais favoravel para a cobrição da ovelha no nosso paiz é em outubro. A gestação dura 150 dias, findos os quaes nasce um borrego, e raras vezes dois. Nos paizes quentes as ovelhas parem duas vezes no anno. O borrego que nasce no verão precisa mamar dois mezes, e tres e mais os que nascem no inverno.

A cria até á edade de 6 mezes chama-se *borrego*, depois do primeiro anno até dois *malato*, e o destinado para a reproducção *sementão*.

Do *Manual d'Agricultura*, a que já nos referimos, transcrevemos os seguintes periodos ácerca do regimen do carneiro e da sua engorda, cuidados hygienicos, tosquia, etc., conhecimentos que nunca se vulgarisam demais, e que a muitos dos nossos leitores podem ser proveitosos, como muitos outros que o livro já citado encerra.

«Os alimentos naturaes do carneiro são as hervas curtas e um pouco seccas, os fenos de toda a natureza, o grão e a palha dos cereaes. Póde dar-se-lhe, como fracção de alimentação, algumas raizes; mas é necessario evitar que o gado ovino paste hervas tenras demais, porque d'ahi póde resultar a meteorisação. A herva muito molhada, e a de sitios encharcados, produz a baceira. É em todo o caso conveniente dar-lhes, na epoca das comidas mais aquosas, uma certa porção de palha.

A ração de conservação póde ser, para as raças ordinarias, de um kilograma de feno secco por dia ou o equivalente em verdura; a palha sarrotada e misturada com raizes é o melhor alimento para o inverno.

São dois os methodos principaes usados na engorda dos carneiros: engordam-se em pastagens na primavera, ou no curral no inverno.

A engorda nas pastagens consiste em mettel-os em campo bem arrelvado, onde comem quanto querem; se a forragem é de boa qualidade a engorda completa-se em 50 dias.

A engorda no curral, feita no inverno, começa pela tosquia; saem raras vezes e dá-se-lhes uma comida abundante, composta de feno de boa qualidade, rolão, cevada, milho, aveia, tudo distribuido tres vezes ao dia, com uma ração de oito grammas de sal. A engorda por esta fórma dura 60 a 70 dias.

O regimen do gado lanigero entre nós consiste, para o da serra, em descer ás terras chãs, no inverno e primavera, a apascentar-se; e de maio a outubro subir para os pastos altos das montanhas, onde a herva espontanea lhe fornece todo o alimento.

Nos rebanhos das planicies, taes como os do Alemtejo, provincia arida e secca,

em que o gado ovelhum tem uma importancia muito superior, o regimen da alimentação é muito deficiente, principalmente nos invernos rigorosos e outonos seccos. No inverno teem as outonadas, se as ha, os invernadouros quando rebentam, o matto, a rama d'azinho e de oliveira; na primavera nutrem-se das pastagens, e no verão e no outono dos restolhos das searas e das pastagens do gado vaccum. Os abrigos contra o rigor das estações são poucos ou nenhuns.

Este regimen alimenticio, todo dependente do correr das estações, é imperfeito, e d'elle resulta a grande mortandade e a escassez dos diversos productos do gado lanar entre nós.

Nos paizes em que o carneiro é mais bem tratado, recebe, nas peiores estações, ração de palha, feno e raizes, tres vezes ao dia, antes de sair e depois de entrar do pasto, accrescendo o grão para as ovelhas parideiras, um mez inteiro antes de parirem e nos tres mezes seguintes, addicionando-se-lhe sempre á ração um gramma de sal por cabeça. Os borregos, depois das primeiras seis semanas, recebem logo 250 grammas de grão pisado e 100 de luzerna, de primeira qualidade, augmentando-se-lhes a ração com um vigesimo mais até aos quatro mezes, epoca da desmama. A partir d'essa epoca, se não ha ainda forragens verdes, os borregos, separados das mães, recebem 500 grammas de aveia ou cevada, 500 de raizes e 500 de feno de luzerna ou de outro prado, de segundo córte, e durante a noite comem palha de cereal á discrição.

Logo que ha verdes, pastam no campo, ou nos redis, conforme o tempo, tendo sempre a palha que appetecem.

Os cuidados a haver com o gado ovelhum devem ser constantes. Se a permanencia nos curraes lhe é adversa, porque a natureza destinou estes animaes para viverem ao ar livre, as alpendradas abrigadas são sempre necessarias, não só para resguardar as ovelhas das intemperies atmosphericas, dos grandes calores, dos frios, das neves e das grandes e continuadas chuvas, mas tambem porque convém fazel-as dormir, uma grande parte das noites, onde se lhes possa aproveitar os estrumes.

N'este caso, as camas teem de ser abundantes, renovadas frequentes vezes, tiradas a miudo, e o estrume deve ser removido para longe dos alpendres.

As dormidas nos bardos, ou nos redís, armados nas terras a estercar, são duplicadamente uteis, sempre que o tempo o consente; não só para a saude dos animaes, como para a estrumação abundante e economica dos campos.

Os cuidados hygienicos do gado lanar dependem dos bons pastores, dos bons cães e dos bons curraes.

Um bom pastor é a providencia do rebanho, se tem a experiencia e os conhecimentos proprios do seu officio: deve ser diligente, probo, fiel e zeloso. Os curraes devem ser espaçosos, seccos, arejados, quentes de inverno e frescos de verão, e situados em terreno superior ao que lhe ficar proximo.

A edade da castração do carneiro é a dos 5 aos 6 mezes.

É do mez de março, ou de abril em diante, que se ordenham as ovelhas e se fazem os queijos, durando este fabrico quasi sempre até agosto.

A tosquia da lã tem logar ordinariamente no mez de maio.

A lã é fina, entrefina e grosseira, conforme a qualidade do gado. A quantidade fornecida por qualquer carneiro ou ovelha é tambem muito variavel. Nas raças creadas nos paizes estrangeiros varia a producção entre 3 a 10 kilogrammas por cabeça. Nas creadas em Portugal, nos bons rebanhos, a media é de 1 ½ kilogramma para as ovelhas e de 3 para o carneiro.

. . . . . .

A edade do gado ovelhum conhece-se pelos dentes. O cordeiro quando nasce, ou pouco depois, apresenta oito dentes incisivos. No fim de um anno, a dezoito mezes, perde os dois dianteiros que são substituidos por outros; aos dois annos, até aos dois e meio, caem os dois immediatos a estes; e depois os outros dois no anno seguinte, e, finalmente, os dois restantes aos quatro annos, até aos quatro e meio.

Como se vê, os dentes do leite são substituidos por outros, que persistem até que o animal morre, e que com a edade se vão successivamente tornando amarellos, descarnando-se ao mesmo tempo.

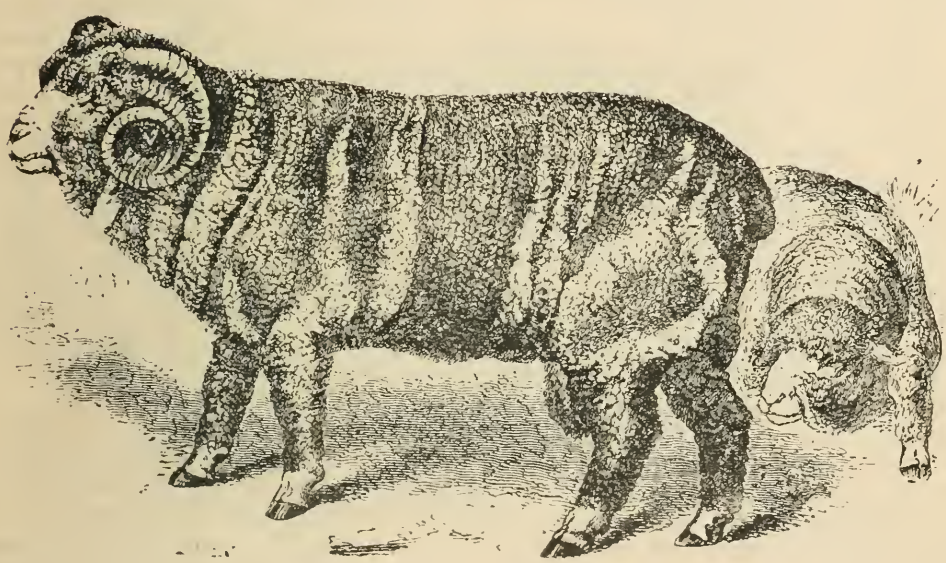
O carneiro vive 10 a 15 annos e é sujeito a muitas enfermidades.»

Das diversas raças que se criam na Europa, algumas são especialmente destina-

das a fornecer a carne como producto principal, considerando-se a lã como producto accessorio, o que acontece nas raças inglezas: *Dishley*, *Cotswold*, *New Kenth* e *Southdown*, que fornecem excellente carne e má lã, o que se deve attribuir principalmente ao clima e ao solo da Inglaterra, onde as pastagens são apropriadas á producção de carne, engrossando a lã.

Em França, pelo contrario, a lã é tida com o producto mais importante, e a carne como producto secundario, e possue este paiz excellentes raças provenientes do cruzamento com os merinos, que, produzindo boa carne, dão excellente lã.

Como primeira, por haver servido para melhorar quasi todas as raças que hoje existem na Europa, deve mencionar-se a raça dos *merinos*, proveniente de Hespanha, e que, segundo a opinião mais geralmente acceite, é originaria da Africa, sendo introduzida em Hespanha pelos mouros, onde se conservou exclusivamente até ao seculo passado. Mais tarde alguns d'estes animaes foram introduzidos em França, na Suecia, na Allemanha, na Prussia, na Austria, e serviram para melhorar as raças que ao tempo existiam n'estes paizes. Uma parte dos nossos carneiros filia-se n'esta raça, principalmente os alemtejanos.



Gr. n.° 206 — O carneiro merino

São caracteres dos merinos a cabeça grossa e arqueada na canna do nariz, cornos grandes e retorcidos em espiral, orelhas medianas obtusas na extremidade, a pelle formando pregas, pernas curtas e solidas, e lã mais fina do que a das outras raças: macia, crespa, branca amarellada. Valendo muito pela lã, menor merecimento teem pela carne, e as ovelhas amojam pouco leite.

Já dissemos que este animal é tido como originario da Africa; accrescentaremos agora que, introduzido em Hespanha, melhorou pela influencia do clima e pelos esforços d'uma instituição chamada *mesta*, associação formada dos grandes senhores d'aquelle paiz, que gozava de privilegios consideraveis, tendo por fim a multiplicação e conservação da raça, e como meio principal a *transhumancia*, ou emigração periodica dos carneiros d'uns para outros pontos do paiz, segundo as estações, pondo-os em condições magnificas, principalmente para aquella epoca em que se não cultivavam as plantas proprias para forragens.

Os carneiros *transhumantes*, havendo tambem os *estantes*, ou sedentarios, que eram inferiores áquelles, percorriam, diz Brehm, grandes extensões das provincias do sul e de oeste. Até 1822 os seus proprietarios, isto é os reis e os grandes, gozavam d'enormes privilegios: os seus rebanhos pastavam de verão nas monta-

nhas da Castella Velha e de Aragão, e no inverno desciam para as planicies da Mancha, da Extremadura e da Andaluzia.

Os rebanhos em marcha tomavam um espaço da largura de noventa passos, embora tivessem de passar por logares cultivados, e por mais rica que fosse a cultura; as pastagens communaes eram-lhe franqueadas. Existiam rebanhos superiores a mil cabeças, e alguns proprietarios possuiam de 70 a 80:000 carneiros.

É facil calcular os enormes destroços causados por 4 ou 6 milhões de carneiros nos campos cultivados. Á maneira que a Hespanha se despovoava, deixavam os campos de ser amanhados, e os aldeãos estavam á mercê dos pastores.

Hoje não acontece assim, posto que em Hespanha exista grande numero d'estes animaes; os rebanhos, porém, são menos numerosos.

N'outro tempo julgou-se que se devia á emigração a boa qualidade de lã; hoje está averiguado que os carneiros sedentarios não são inferiores, na qualidade nem na quantidade d'aquelle producto, aos que emigram, e os merinos teem perdido uma parte do seu grande valor, em consequencia da forma prodigiosa porque este animal se tem propagado na Australia, que fornece hoje enormes quantidades de lã, e mais barata da que se pode encontrar nos centros productores da Europa.

A introducção da raça merina na Australia, diz Bernis, deve-se a ter sido apresado pelos balieiros inglezes, que pescavam nos mares do sul, um navio hespanhol, em 1799, que transportava para o Peru trinta carneiros e ovelhas merinos de raça pura, escolhidos entre os melhores de Hespanha, e que serviram d'origem ás actuaes raças australianas.

Na Asia e na Africa existem algumas raças bem definidas e conhecidas na Europa, taes como uma que vive e é frequente no norte e no centro da Africa, que se torna notavel pela grande massa de gordura que accumula na cauda, chegando esta a ter de 15 a 20 kilogrammas de peso, e outra pelo comprimento das pernas, que não tem lã, sendo o pello curto, e que se encontra na Guiné e em Angola.

As raças portuguezas são tres: o *bordaleiro serrano ou gallego*, branco ou preto, geralmente preto, pequeno, de lã feltrosa ou churra [1], com a cara e as pernas geralmente sem lã. E' o mais inferior dos nossos carneiros e anda espalhado por todo o paiz.

O *bordaleiro commum*, carneiro de mais corpo, lã um tanto frisada á maneira dos merinos, vivendo nos mattos do Alemtejo.

O *carneiro portuguez de typo merino*, similhante nos caracteres aos merinos hespanhoes, vivendo nos *barros* do Alemtejo: Elvas, Campo Maior até Mourão, e nos casaes das cercanias de Lisboa.

OS BOIS

Les bœufs, dos francezes

Denomina-se geralmente boi o toiro capado, applicando-se tambem o vocabulo, como no caso presente, para designar uma das familias dos ruminantes, á qual alguns naturalistas dão o nome de *bovidios*, cujos caracteres genericos são: unha rachada e cornos ôcos, distinguindo-se das antilopes, das cabras e dos carneiros pelo corpo refeito, membros curtos e vigorosos, pescoço guarnecido de pelle solta e pendente a que se chama *papada*, os cornos lisos e arredondados, curvando-se por differentes maneiras, para fóra ou para dentro, para cima ou para baixo, e por vezes em semi-circulo.

Pela sua utilidade em vida ou depois de mortos, são os primeiros dos ruminantes, e os serviços que prestam ao homem que os aproveita como poderoso motor, ou entrando como parte importante na sua alimentação, torna indispensaveis estes animaes, de que o homem se tem feito acompanhar em todos os pontos da terra onde se estabeleceu, existindo hoje os bois, principalmente a especie domestica, espalhados por todo o mundo.

As especies principaes do genero, de que successivamente iremos dando noticia, são: o *boi almiscarado*, o *yack ou bufalo grunhidor*, o *bufalo ordinario*, o *bufalo da Cafraria*, o *aurochs* ou *bisonte da Europa*, o *bisonte da America*, o *gaial*, o *boi gebo*, o *boi commum*.

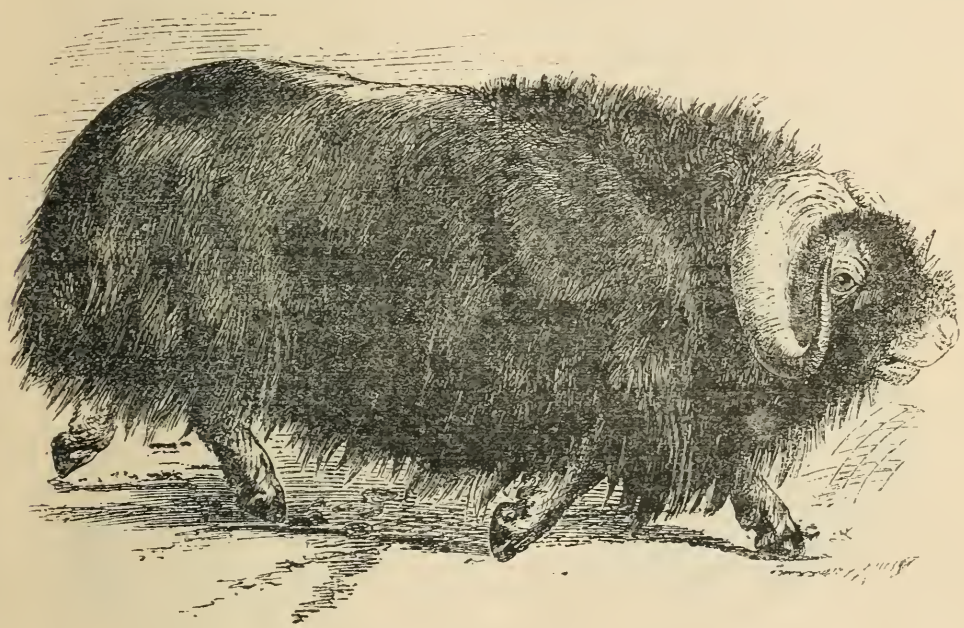
[1] Os animaes do *typo bordaleiro* são aquelles que teem o vello formado por duas especies de pello, um comprido similhante ao das cabras, e outro curto, macio, mais ou menos fino. Do maior ou menor desenvolvimento d'estas duas qualidades de pello se derivam as denominações de *lã feltrosa* se são em maior quantidade os pellos lanosos, e constituem a parte principal do vello; de *lã churra* se predomina o pello cabrum.

O BOI ALMISCARADO

Bos moschatus, de Linneo — *L'ovibos musqué*, dos francezes

Este animal parece estabelecer a transição entre o carneiro e o boi, e o seu aspecto é mais do primeiro do que do ultimo. E' de pequena estatura, corpo e cabeça alongados, cornos largos e tocando-se na raiz, curvando-se primeiro para baixo e para fóra, e a ponta em seguida para cima e para fóra, focinho curto, obtuso, completamente coberto de pello, a bocca pequena, pernas curtas e robustas, cauda reduzida a um couto, pello abundante e lanoso, trigueiro escuro, mais comprido no pescoço e nas espadoas, e mais curto nas costas; a extremidade do nariz e a queixada inferior esbranquiçadas, e o colorido das pernas mais claro que o do corpo. O boi almiscarado adulto pode medir 2^m de comprido por $1^m,27$ de altura nas espadoas, e pesar 350 kilogrammas. Exhala cheiro activissimo a almiscar, que se encontra na carne depois de morto.

Vive este ruminante nas regiões do norte da America septentrional, onde os



Gr. n.° 207 — O boi almiscarado

anglo-americanos lhe dão a denominação de *musk-ox*.

O boi almiscarado habita em terrenos pantanosos, aridos e inhospitos, semeados de collinas, logares onde de preferencia se conserva em bandos de vinte a vinte e cinco individuos, podendo resistir aos frios d'aquellas paragens, graças ao pello espesso que os cobre. No verão são seus alimentos as hervas dos pantanos, e no inverno os lichens.

Em cada rebanho existem apenas dois ou tres machos, que na época do cio se batem furiosos, terminando por vezes a luta pela morte d'um dos adversarios. Posto que o seu aspecto não seja o de um animal agil, é comtudo mais ligeiro e rapido nos movimentos do que parece: trepa habilmente aos rochedos, e salta com agilidade.

Não é difficil ao caçador aproximar-se d'estes animaes, se o fizer andando contra o vento, na certeza de que o boi almiscarado enfurece-se depois de ferido, e arremessa-se ao caçador, sabendo servir-se habilmente das armas que a natureza lhe deu, e com as quaes, no dizer dos indigenas, dá cabo por vezes dos lobos e dos ursos.

A carne torna-se detestavel pelo cheiro

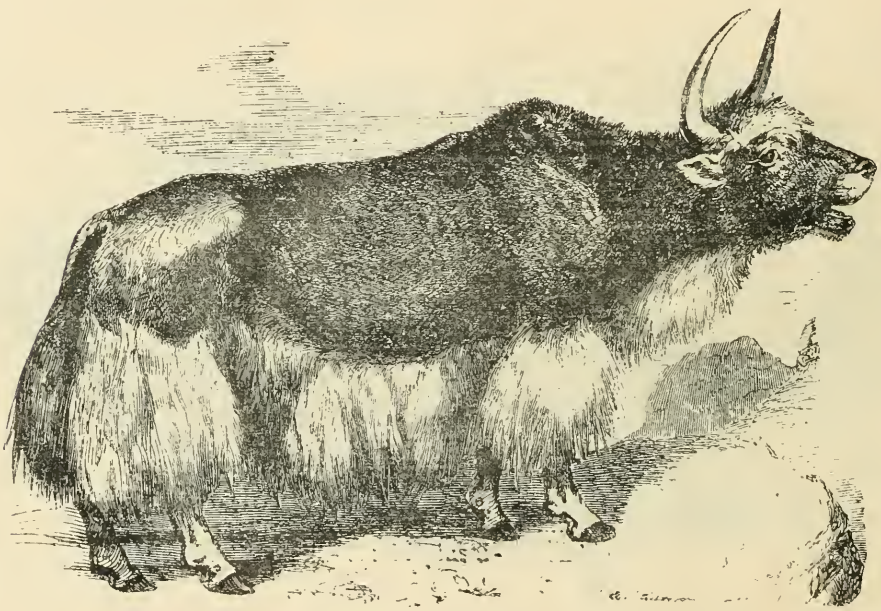
d'almiscar para quem não tiver o paladar habituado a tal alimento, e Brehm diz que a da vacca e a do vitello não teem tal cheiro, comendo-a até mesmo os europeus. A pelle e o pello aproveitam-n'os os esquimaus para diversos usos.

O YACK OU O BUFALO GRUNHIDOR

Bos gruniens, de Linneo — *L'yack grognant*, dos francezes

Na cabeça assimilha-se este animal ao boi, tendo as ventas compridas e estreitas, beiços grossos, pendentes e arqueados, orelhas ovaes, cornos maiores que os do boi commum, delgados, pontudos, do comprimento da cabeça, dirigidos para cima e para fóra. Tem como o cavallo o corpo torneado, os membros delgados, a cauda comprida e guarnecida de pellos longos, e o andar airoso; conservando analogia com as cabras e os carneiros pelo vello abundante e sedoso que lhe nasce da parte inferior do tronco, arrastando quasi no chão e cobrindo-lhe as pernas.

O pello é preto, á excepção do dos tufos que lhe caem das ilhargas que é branco, e algumas vezes os pellos da fronte e do alto da cabeça são tambem d'esta côr. Mede o yack $2^m,30$ de comprido e a cauda $0^m,50$.



Gr. n.° 208 — O yack

Encontra-se este ruminante em grande parte da Asia Central, principalmente na Mongolia, no Thibet, no Turkestan e no norte da China.

Nos diversos paizes onde vive encontra-se o yack no estado selvagem e domesticado. Os yaks selvagens vivem de preferencia nas montanhas, a grandes altitudes, proximos das regiões onde a neve é eterna, e alimentam-se da herva e dos arbustos que vegetam n'aquellas frigidas paragens. Contam os viajantes que são naturalmente desconfiados e muito irasciveis, tornando-se perigosos para o homem, principalmente se trouxer fato de côres vivas; acommettendo-o, não sem primeiramente manifestar a sua colera agitando a cauda e a cabeça, e que se revela no olhar. Correm rapidamente, não mugem á mancira dos bois, antes imitam o grunhido do porco, mais surdo, grave e monotono. Buscam os sitios sombrios e gostam de chafurdar na lama, sabendo nadar perfeitamente.

Os yacks selvagens apanhados novos domesticam-se, mas os velhos são indomaveis.

Os domesticos são de grande utilidade

para os habitantes do Thibet e do norte da China, servindo-lhes de animaes de sella e de carga, e utilisando o leite das femeas como nós o das vaccas communs, embora estes serviços não sejam prestados da melhor vontade, porque se para as pessoas que conhecem se mostram até certo ponto doceis, deixando-se tocar, limpar, e conduzir com o auxilio d'uma correa presa a um annel que lhe passam ás ventas, para os estranhos estão longe de ser egualmente mansos.

Diz Brehm que o yack pode facilmente transportar peso equivalente a 100 ou 125 kilogrammas, e que os mongoes o utilisam atrelando-o aos carros, e n'alguns pontos mettendo-o á charrua.

A carne d'este ruminante é muito estimada e o pello aproveita-se para tecidos grosseiros. A cauda tem grande valor: encastoada em cabo de ouro ou prata serve de enxota moscas para os idolos e para os reis, dependuram-n'a ao pescoço dos cavallos e dos elephantes, e os altos dignitarios trazem-n'a nas lanças como emblema do seu cargo.

O yack tem vindo á Europa, e existe n'alguns jardins zoologicos, onde vive bem, reproduzindo-se até.

O BUFALO ORDINARIO

Bos bubalus, de Linneo — *Le bufle ordinaire*, dos francezes

Os bufalos assimilham-se mais ao boi propriamente dito do que os yacks, e o da especie a que por agora nos referimos tem a corporatura do boi, com o tronco um tanto alongado, arredondado, pescoço curto e grosso, sem papada, fronte arqueada e grande, cabeça mais curta e mais larga que a do boi, cornos compridos, grossos e largos na raiz, adelgaçando para as pontas que terminam obtusas, e que se dirigem primeiro para baixo e para fóra, voltando-se depois para cima e inclinando-se para traz. O pello é curto, raleado, aspero, á excepção do das espadoas e da parte anterior do pescoço, da fronte, e do tufo que termina a cauda, que é comprido.

O bufalo ordinario é pardo escuro, quasi negro, e mede de comprimento do focinho á raiz da cauda aproximadamente 3^{m}, e a cauda 1^{m}.

Este animal parece ser originario das regiões quentes e humidas da India, e haver-se espalhado pela Persia, Arabia, toda a parte oriental da Africa, existindo hoje como animal domestico em grande parte da Asia, na Turquia, na Grecia, e na Italia. N'este ultimo paiz pode dizer-se que o bufalo ordinario é o unico animal domestico que vive nas regiões pantanosas, tornando-se um grande auxiliar dos cultivadores d'arroz.

A agua é indispensavel ao bufalo, selvagem ou domestico: o primeiro encontra-se nos sitios mais pantanosos, procurando o alimento pelo meio dos juncaes, contentando-se com as peiores forragens, das que nenhum outro animal acceitaria. Em terra o bufalo é um animal pesado; na agua é admiravel a habilidade com que nada, mergulhando, deitando-se de lado, quasi sobre o dorso, deixando-se levar pela corrente, e passando ás vezes seis e oito horas dentro d'agua.

O bufalo silvestre vive em grandes bandos, é bravio, irascivel, e na maior parte das vezes o tigre, o seu mais terrivel inimigo, não canta a victoria.

Entretanto, como já dissemos, este animal vive em muitos paizes no estado de domesticidade, e Brehm diz «que é tão frequente em todo o Baixo Egypto como a cabra, sendo alli os unicos animaes domesticos que fornecem leite e manteiga. Em todas as aldeias do Baixo Egypto, e em grande numero das do Alto Egypto, vêem-se situados proximos das casas grandes tanques, onde os bufalos se vão banhar, e é mais o tempo que alli se demoram, com agua até o pescoço, do que o que passam nas pastagens. A epoca das inundações é o seu melhor tempo, porque, podendo nadar pelos campos cobertos pela cheia, comem a herva dos diques, reunem-se em bandos numerosos, foliando dentro d'agua, e só voltam para os estabulos em companhia das femeas, quando o leite as incommoda, precisando que as ordenhem. É um espectaculo dos mais bellos assistir á passagem d'um rebanho de bufalos atravez d'um rio largo: os pastores, na maioria rapazes de oito e doze annos, sentam-se-lhes no dorso, e deixam-se transportar sem receio por entre as ondas que se agitam...

O aspecto d'este animal não é dos mais tranquillisadores, e ao vêl-o parece-nos selvagem e indomito, e que a maldade lhe transparece no olhar; bem depressa, porém, se póde conhecer que estas appa-

rencias mentiram. No Egypto, pelo menos, o bufalo é docil, e pode-se sem receio dar a sua guarda a uma creança. Mais de vinte vezes vi raparigas montadas em bufalos, sobre uma rede cheia de trevo, conduzindo adiante de si uns tantos d'estes animaes com auxilio d'uma vara, atravessando os fossos e braços do Nilo, e nunca me chegou aos ouvidos a noticia d'um desastre.»

N'alguns paizes os bufalos trazem um annel de ferro passado ás ventas, por onde os governam, e mettem-n'os á charrua, aos carros, utilisam-nos como animaes de carga, tornando-se principalmente uteis pela sua grande sobriedade, que não é inferior á do camelo e á do jumento, carecendo todavia d'agua para se banhar, sem a qual andam inquietos e por vezes se enfurecem, pouco lhes importando

Gr. n.º 209 — O bufalo da Cafraria

que seja limpa ou suja, espojando-se no primeiro charco que encontrarem embora fiquem cobertos de lodo.

Depois de dez mezes de prenhez a femea tem um filho, muito feio quando nasce, ao qual trata com grande carinho, e que aos quatro ou cinco annos está feito, vivendo até aos dezoito ou vinte.

A carne do bufalo é dura e tem cheiro desagradavel a almiscar, sendo melhor a dos individuos novos; a pelle é forte e fornece excellente coiro, e os cornos empregam-se em diversos artefactos.

O BUFALO DA CAFRARIA

Bos caffer. — Le buffle du Cap, dos francezes

Este animal é maior, mais vigoroso e mais selvagem que os da especie que aca-

bamos de descrever, chegando a ter 1m,80 d'altura na espadoas. Os cornos são notaveis pela grande largura na base, tocando um no outro, e formando como que uma especie de toucado que lhe cobre o alto da cabeça, estreitando-se para as extremidades, e dirigindo-se primeiro para baixo voltam-se depois para cima e um tanto para a frente. A côr do pello é trigueira annegrada.

Vive este ruminante no Cabo da Boa Esperança e nas florestas do interior da Africa, na Cafraria e no paiz dos hottentotes.

Pelo que todos os naturalistas dizem d'este animal, pode-se ter como mau, terrivel, vingativo, mais temido pelos indigenas do que o leão, e ao qual se não atrevem a perseguir por maior que seja a quantia que se lhes offereça.

« Penetram, diz Sparmann, nos matagaes mais cerrados onde os bois não conseguiriam entrar, abrindo caminho tão facilmente como se se tratasse de atravessar um campo de trigo. E' verdade que para isso lhes servem d'escudo os cornos, que protegem a cabeça, e tambem para afastar os ramos, abrigando-lhes os olhos. O habito de trazer a cabeça baixa, e a disposição dos olhos, profundamente encovados nas orbitas e em parte assombreados pelos cornos, concorrem para dar a este animal uma physionomia sinistra, denotando ferocidade e perfidia ao mesmo tempo.

Com effeito não é demais taxal-o de perfido, porque conservando-se occulto entre o matto, aguarda que o homem se aproxime para atacal-o d'improviso; e não menos verdadeiro é o epitheto de feroz, porque depois de matar a victima fica-se junto do cadaver pisando-o até esmigalhal-o com os pés e com os joelhos, e não o abandona ainda assim sem primeiro lhe arrancar pedaços de pelle, passando-lhe a lingua pelo corpo.»

Conta-se que um d'estes animaes perseguiu um dia um homem que levava uma veste vermelha, e que tendo-se este atirado ao mar para lhe escapar, o animal se arremessara atraz d'elle. Conseguiu o homem, que era habil nadador, mergulhando, que o bufalo o perdesse de vista, mas ainda assim o animal procurou-o nadando na extensão d'um quarto de legua, sendo morto por um tiro de peça que lhe dispararam d'um navio que estava surto no porto.

«Conta o capitão Drayson haver conhecido um cafre que pôde bem apreciar a força e a manha do bufalo. Andando á caça pela floresta, encontrou um bufalo velho isolado e feriu-o, pondo-se o animal em fuga. O cafre, julgando havel-o ferido mortalmente, foi em sua perseguição sem todavia se acautelar. O bufalo é naturalmente mau, e peior quando está ferido, tornando-se furioso, a ponto de que ninguem se lhe deve aproximar sem precaver-se.

Teria o homem caminhado uns cem passos, e estava com o maior cuidado examinando a pista do bufalo, quando, ouvindo bulha atraz de si, recebeu ao mesmo tempo tão grande pancada que se sentiu arremessado ao ar, valendo-lhe cair sobre uns ramos entrelaçados que lhe fôram asylo: o animal, julgando que a victima lhe escapara, desappareceu na floresta. O cafre ficou com duas ou tres costellas partidas, e arrastando-se como pôde até casa, nunca mais se arriscou a caçar bufalos. »

Levingstone viu no sul da Africa grande numero de rebanhos de bufalos, alguns que não tinham menos de sessenta cabeças. D'envolta com elles andava a ave dos bufalos, *textor erythrorynchos*, que os acompanha livrando-os dos vermes que se lhe alojam no corpo, e advertindo-os do perigo pelos seus vôos subitos.

Brehm diz que o bufalo da Cafraria pode domesticar-se, e que Heuglin trouxe para a Europa um d'estes animaes, tirado á mãe em pequeno depois de morta, e tornando-se manso a ponto de permittir que não só o dono mas as pessoas estranhas lhe tocassem.

O AURÓCHS

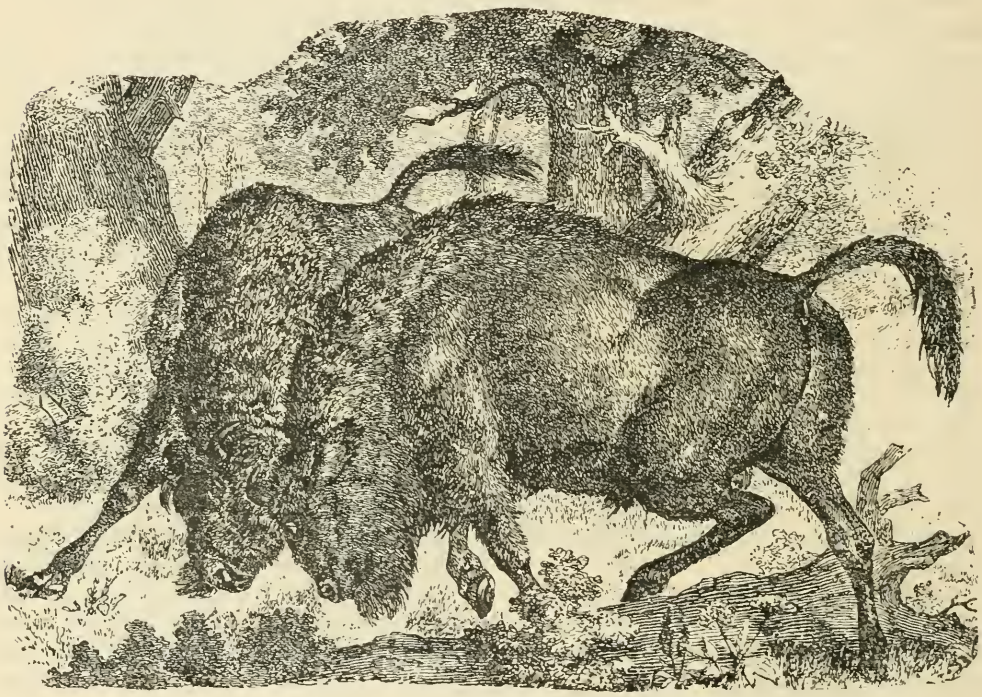
Bos urus, de Linneo — *Le aurochs*, dos francezes

O aurochs, ou bisonte da Europa, é o maior dos mamiferos terrestres que hoje existe depois do elephante, do rhinoceronte e da girafa, chegando a ter 2 metros de altura nas espadoas. O corpo é vigoroso e refeito, mais desenvolvido na parte anterior, apresentando nas espadoas uma especie de corcova; cornos relativamente pequenos, dirigidos para cima com a ponta para traz, grossos, redondos e lateraes, cabeça muito grande, pescoço curto e grosso, pernas de tamanho regular, cauda bastante comprida. A parte dian-

teira do corpo até ás espadoas é coberta de pello rijo, grosseiro e longo, que da garganta até ao peito forma uma especie de barba com 0m,33 de comprimento, e o do resto do corpo mais curto, e raso. O pello é trigueiro escuro, mais claro nas espadoas.

Era este ruminante conhecido dos antigos, e os romanos denominavam-n'o *urus*. N'outras eras vivia em todas as florestas pantanosas das regiões temperadas da Europa; hoje apenas se encontra na Russia, na floresta de Bialowicza, na provincia de Grodno, na Lithuania russa, e no Caucaso, e teriam decerto já desapparecido estes ultimos representantes da especie, se não fôra a prohibição de caçar estes animaes, não sendo permittido matar sequer um sem licença do imperador, e castigando-se severamente quem infringe estas determinações.

Em geral o auróchs é inoffensivo para o homem, mas a menor cousa irrita-o e torna-se então um animal terrivel e perigoso. Quando se encolerisa deita a lingua de fóra, os olhos injectam-se-lhe de san-



Gr. n.º 240 — O auróchs

gue, o olhar torna-se feroz, e abaixando a cabeça arremessa-se furioso contra quem lhe provoca a furia. Os machos velhos, que vivem isolados, são os mais terriveis, e bem assim as femeas na occasião de aleitar os filhos, que defendem a todo o o transe de qualquer inimigo, seja do homem ou dos animaes ferozes, atirando-se ao primeiro que lhe apparecer sem que este a provoque.

A gestação d'este animal dura nove mezes; tem um unico filho de cada vez, e parece que só concebe de tres em tres annos. A carne do aurochs é magnifica e a pelle fornece excellente coiro.

Para muitos naturalistas o aurochs é o tronco d'onde se derivam diversas raças de bois domesticos, origem não admittida por outros, que baseiam a sua opinião nas importantes differenças organicas que existem entre as duas especies.

O BISONTE D'AMERICA

Bos americanus, de Linneo — *Le bison*, dos francezes.

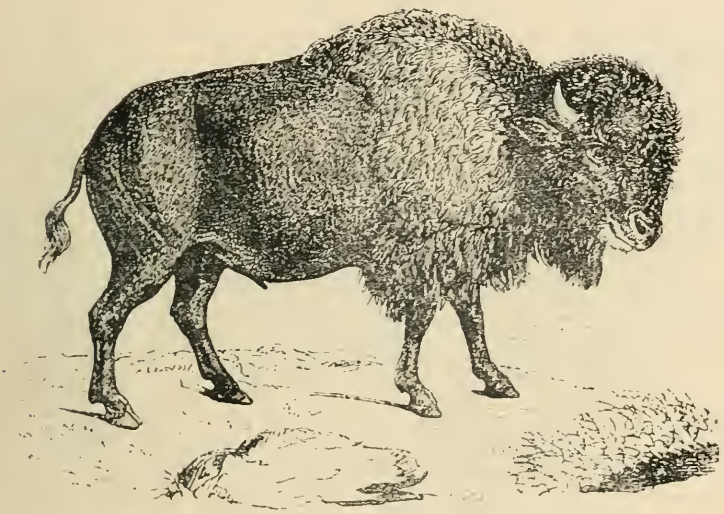
Este ruminante assimilha-se ao aurochs, e é o maior dos mamiferos do continente americano. O macho attinge o comprimento de 2m,80 a 3m, e 2m de altura

nas espadoas, variando de peso entre 600 e 1000 kilogrammas. A cabeça é curta e grossa, os cornos pequenos, lateraes, arredondados e negros, as pernas curtas em relação ao tronco, a cauda breve e terminando n'um tufo de pellos compridos. O pello é trigueiro escuro e muito comprido na cabeça, no pescoço, nas espadoas e na parte superior das coxas, e no resto do corpo curto, raso e mais claro.

Vivia este animal outr'ora em quasi toda a America da Norte, havendo hoje desapparecido d'uma grande parte d'aquelle continente, existindo ainda em grande numero nas planicies ao oeste do Missouri, onde em 1851 Mœllhausen os encontrou ás centenas de milhares, cobrindo a planicie até onde a vista podia alcançar.

Em 1858, Frœbel, diz Brehm de quem havemos estas informações, caminhou oito dias consecutivos pelo meio de rebanhos de bisontes, indo de Missouri para o Mexico.

O bisonte é o mais sociavel de todos os bovidios, vivendo em grandes bandos, uns compostos de machos e outros das femeas e dos filhos, reunindo-se os adultos dos dois sexos tamsómente na epoea do cio. Todos os annos estes ruminantes emprehendem grandes viagens, e bandos de vinte mil cabeças, marchando em filas



Gr. n.° 241 — O bisonte da America

cerradas, vão na primavera do sul para o norte, separam-se durante o verão em grupos mais pequenos, e regressam no inverno.

Não é necessario, no dizer de Brehm, vêr os bisontes para de longe se conhecer quando as grandes manadas d'estes animaes passam por qualquer sitio. Basta para denuncial-os a grande quantidade de lobos que lhe vão no encalço, e as nuvens de aguias, abutres e corvos que os seguem.

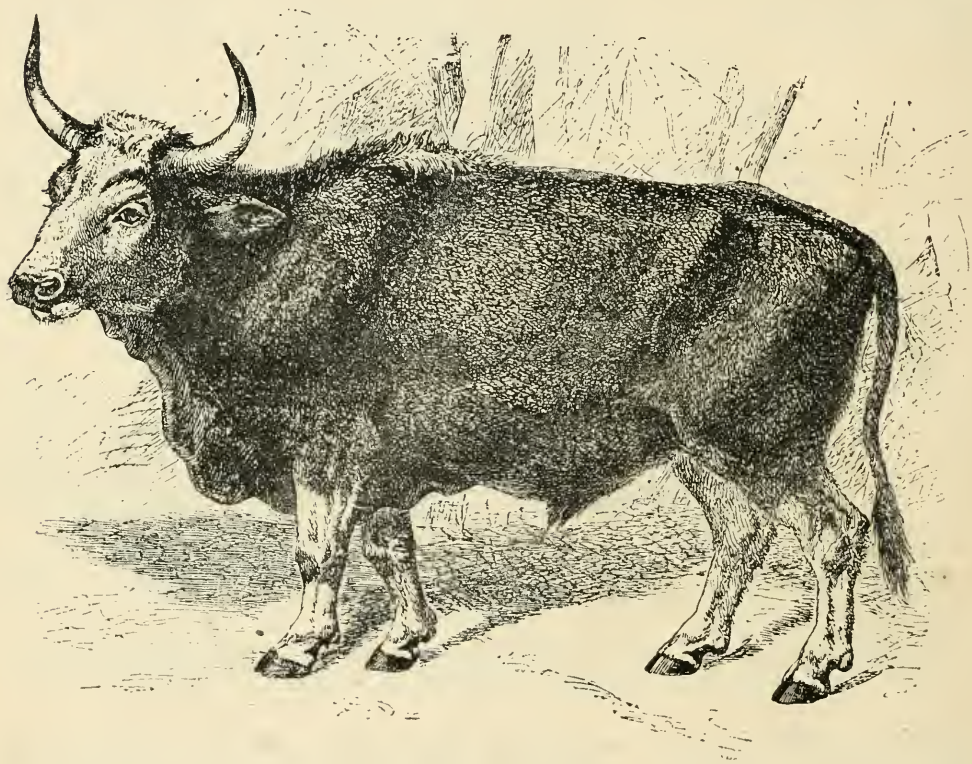
O bisonte é mais ligeiro do que o boi, e, não obstante ter as pernas curtas, transpõe rapidamente grandes distancias sem nunca imitar a andadura vagarosa dos bois, a trote ou a galope: no primeiro caso, podendo apanhar um homem na carreira; no segundo, dando que fazer ao cavallo mais ligeiro para que possa alcançal-o. E' habil nadador, nunca vacilla em atirar-se á agua, e teem sido vistas manadas d'estes animaes atravessarem o Missouri nos sitios onde o rio não tem menos de 2 kilometros de largo. Tem o ouvido e o olfato muito apurados, e com quanto a vista não seja má, entretanto o pello espesso e comprido da cabeça impede-o de ver bem, e é facil ao caçador conseguir aproximar-se caminhando contra o vento, toda a vez que o animal o não presinta pelo faro.

E' timido o bisonte, e menos propenso a enfurecer-se do que muitos dos seus congeneres; mas se a colera o domina, esquece a sua timidez e torna-se corajoso, mau e

vingativo. E' principalmente na época do cio que este animal é mais para temer, atacando o homem de quem geralmente foge, e denunciando-se ao longe pelo cheiro a almiscar.

Ao aproximar-se o termo da prenhez, que dura nove mezes, a femea separa-se do macho, e reunindo-se a outras femeas tambem prenhes, vão em busca de pastagens abundantes, onde se conservam com os filhos em quanto o alimento não escasseia, tratando-os com o maior carinho, e defendendo-os corajosamente dos carnivoros seus inimigos. A femea tem uma unica cria de cada vez, um lindo animal, vivo, alegre e dado a foliar.

Caça-se este animal pela excellente carne, conhecida na America depois de secca pelo nome de *pemmikan*, e por a pelle, de que os indigenas se vestem e com que cobrem as cabanas, valendo as melhores de 3 a 4 libras sterlinas no Canadá ; fabricam-se com a lã estofos notaveis pela duração e pelo muito que agasalham. Os indigenas caçam este animal introduzindo-se no centro d'uma ma-



Gr. n.º 212 — O gaial

nada, montados em cavallos tão ligeiros como bem adestrados, os quaes, depois de se aproximarem de algum dos animaes da manada, mal sentem partir a frecha dão um salto, e fogem a todo o galope do bisonte furioso, que lhe vem no encalço, mas que em breve cae extenuado e exangue, vindo em seguida as mulheres dos caçadores acabar de o matar e fazel-o pedaços, levando a pelle e os melhores bocados da carne, abandonando os sobejos aos lobos.

O bisonte não é indomavel : consegue-se até mesmo depois de certo tempo, sendo bem tratado, fazel-o perder um tanto da sua timidez innata, aprendendo a conhecer o tratador e a receber o alimento da sua mão.

As especies de que em seguida nos vamos occupar pertencem ao grupo dos bois propriamente ditos, e comprehendem os animaes mais uteis ao homem, embora alguns se conservem indomitos e errantes, verdadeiros animaes silvestres, taes como o *gaial*, o *gauro*, e o *bentinger*, todos tres vivendo na Asia, principalmente na India, differindo entre si por caracteres de

pequena importancia, e habitando nos sitios montanhosos em bandos mais ou menos consideraveis.

Em toda a parte o homem procura apossar-se d'estes animaes, que lhe fornecem excellente carne, aproveitando-lhe a pelle para diversos usos. A nossa gravura numero 212 representa o gaial, uma das tres especies dos bois silvestres já citadas.

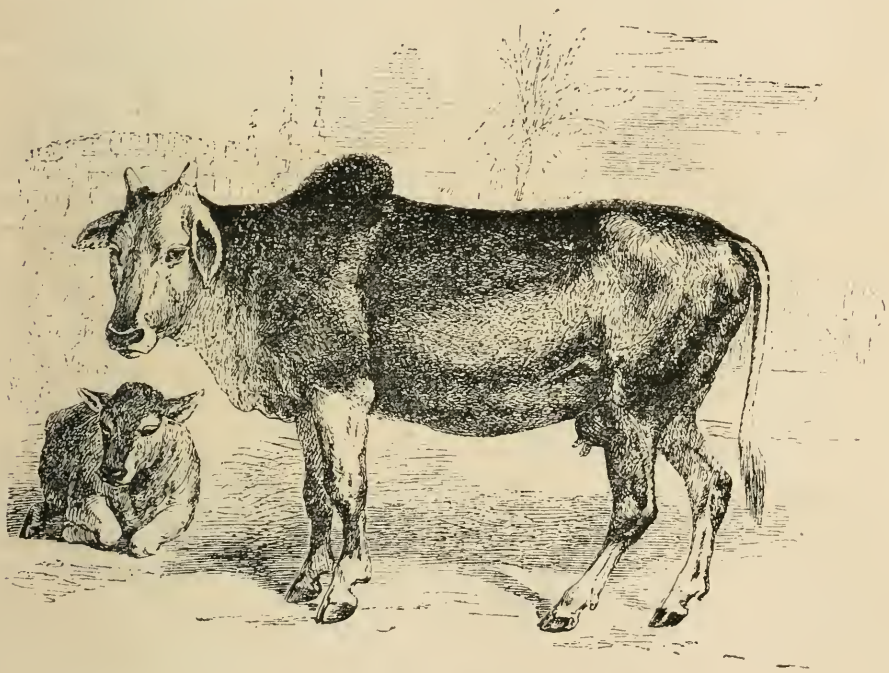
Espalhada por todo o mundo, existe desde tempos immemoriaes uma especie conhecida sempre por domestica, *o boi commum*, e outra só na America e na Africa, tambem vivendo em domesticidade, o *boi gebo*, que alguns naturalistas consideram como simples variedade do primeiro.

Falaremos em primeiro logar do *boi gebo*, ou *boi de giba*, como tambem lhe chamam.

O BOI GEBO

Bos indicus — Le zébu, ou *bœuf à bosse*, dos francezes

Distingue-se este ruminante dos animaes pertencentes ás diversas raças do boi commum pela giba ou corcova que tem nas espadoas. E' um animal vigoroso, de cabeça curta e grossa, com os cornos mais pequenos que as orelhas, pernas curtas, cauda comprida com um grande tufo de pellos na extremidade, grande papada, pello curto, exceptuando o do alto da cabeça, o da fronte e sobre a corcova, que é mais comprido. A côr predominante é o trigueiro amarellado ou arruivado, havendo-os aloirados, brancos e malhados.



Gr. n.° 213 — O boi gebo

A patria do gebo é Bengala, e d'aqui se espalhou pela Asia e por uma parte da Africa.

Nos habitos é muito similhante ao boi commum, de que em seguida nos occuparemos, posto que se possa dizer mais agil, sendo a voz antes um grunhido parecido ao do yack do que o mugido do boi commum. O boi gebo, nas suas diversas variedades, é utilisado como animal de carga e de tiro nos paizes onde vive, e os grandes rebanhos de gado bovino que se encontram nas Indias, na parte oriental da Persia, na Arabia, na Abyssinia, e no Cabo da Boa Esperança, são formados d'animaes d'esta especie, que embora oriundos de paizes quentes podem viver e até propagar-se nos paizes temperados, existindo n'algumas tapadas em Inglaterra.

A variedade que habita na Africa distingue-se pela maior altura das pernas, e pelo comprimento dos cornos que são muito longos, proximos na raiz, dirigindo-se para cima e um pouco para fóra. O pello, curto e fino, é geralmente triguciro acastanhado. Falando d'este animal, escreve A. Brehm os seguintes periodos, encerrando conhecimentos tão curiosos, que não podemos furtar-nos ao desejo de transcrevel-os.

«Os povos nomadas do Soudan oriental manteem os seus rebanhos de gado á maneira dos nossos primeiros antepassados, imitando os processos seguidos ha muitos seculos. O gado constitue toda a sua riqueza. Alli a importancia de qulquer homem está na razão directa do numero de bois e de carneiros que possue, exactamente como succede entre os lapões com os rangiferos. A sua vida passa-se cuidando dos rebanhos, e intimamente ligada a tudo quanto prende com a creação do gado, porque só elle hade prover a todas as suas necessidades, não tendo outro recurso a mais senão a pilhagem.

As tribus arabes que percorrem as vastas e ferteis planicies ao sul do 18° de latitude norte, vivem em guerras continuas motivadas pelos rebanhos, e obrigando-os estes a continuas emigrações. Os estabulos dispensam-se por inuteis, e só nas paragens infestadas de leões se pensa em proteger os bois, os carneiros e as cabras, encerrando-os á noite n'um recinto cercado por uma espessa sebe de mimosas e d'outras plantas espinhosas. Onde não ha a temer dos animaes ferozes, os rebanhos passam a noite nas pastagens.

Os maiores proprietarios de gado da Europa, não podem sequer fazer idéa do numero consideravel d'estes rebanhos.

Proximo da aldeia de Melben, que já citei, na planicie existe uma vasta depressão do terreno onde se abriram numerosos poços, que fornecem agua aos rebanhos que para alli se dirigem ao meio dia, e onde de manhã até á tarde se observa um continuo e indescriptivel formigar de homens e de animaes. Junto a cada poço construiram-se seis ou oito tanques pequenos, com o fundo de argila, que servem de bebedouros, e que todos os dias se enchem, esgotando-os os numerosos animaes que alli vão beber.

Cem homens, começando á tarde, trabalhando toda a noite até ao meio dia seguinte, empregam-se em tirar a agua e encher os tanques, onde deitam uma porção de terra salgada, e ainda os bebedouros não estão completamente cheios já os rebanhos começam a apparecer, e de todos os lados se vêem chegar numerosos bandos de carneiros, cabras e bois. O solo cobre-se d'estes animaes, entre os quaes se avista, no seu continuo perpassar, uma ou outra figura humana. Milhares de cabras e de carneiros chegam sem cessar, retirando-se depois de ter bebido, e quando o gado miudo começa a retirar-se veem os bois, e então á vista depara-se uma enorme massa escura, que se agita como as ondas no mar, e da qual se eleva uma verdadeira floresta de hastes no meio das quaes ficam occultos os homens.

E' impossivel calcular, ainda que seja por aproximação, o numero de animaes que alli se reunem; mas sem exagero posso avalial-o em 60:000 por dia, entrando 40:000 bois pouco mais ou menos. O terreno assimilha-se a um vasto curral sem limpeza durante muitos mezes, coberto, não obstante os raios ardentes do sol, d'uma camada de estrume com a espessura aproximada de meio metro; apenas os tanques se conservam em perfeito estado de asseio.

Ao fim da tarde, quando os ultimos animaes abandonam aquelle sitio, começa-se a tirar a agua necessaria para o dia seguinte. Em determinados dias concorrem alli bandos de 500 a 1:000 camelos a matar a sêde.

Os habitantes mais notaveis do Soudan oriental, encarregados da cobrança dos impostos pagos pelas populações nomadas, affirmaram-me não ser possivel avaliar, nem mesmo aproximadamente, a sua riqueza. Quando Mohammed-Ali resolveu, em vista da escassez de bois que ao tempo havia no Egypto, importal-os do Soudan, os governadores obtiveram-n'os dos habitantes d'esta região não ás centenas de milhar, mas aos milhões. A epizootia por um lado havia matado numero consideravel d'estes animaes, por outro era grande o consumo feito pelo exercito que o pachá armara contra a Turquia; mas não obstante tudo isto, as perdas repararam-se rapidamente só com as importações do Soudan; ainda mais: vieram em tão grande numero, que foi preciso mandar contra ordem para não enviarem mais. Junte-se ao que fica dito

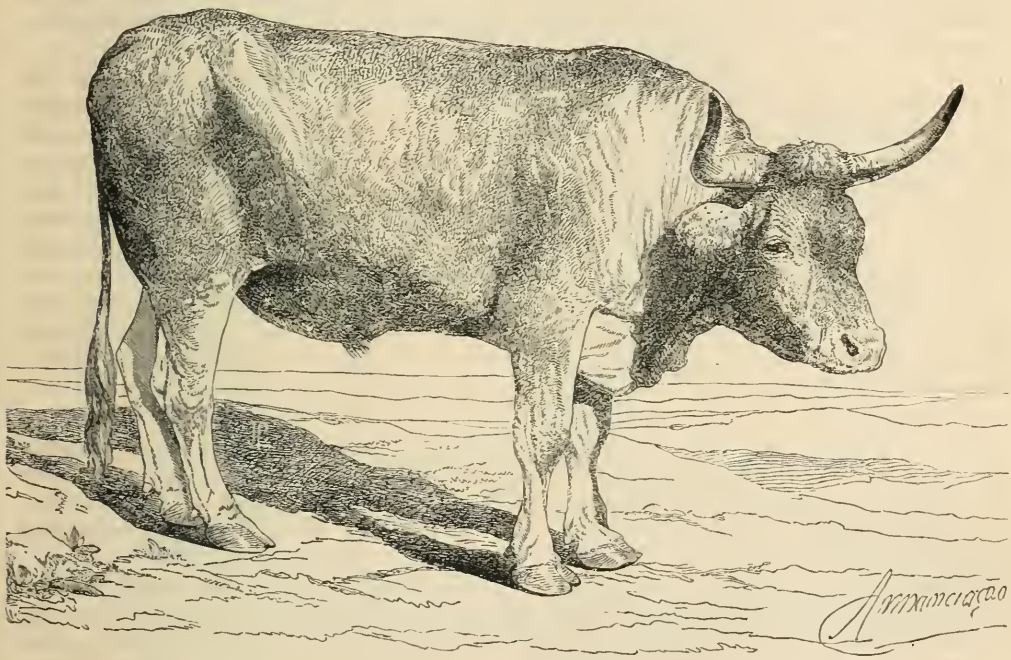
que milhares e milhares succumbiram durante a viagem, viagem de quinhentas leguas atravez do deserto ou por paizes estereis, e assim se poderá fazer idéa da enorme quantidade de bois que se exportaram das duas provincias de Sennaar e Kordofan. Ainda hoje é facil conhecer o caminho por onde passaram os bois, indicam-n'o os esqueletos d'estes animaes dispersos em toda a sua extensão, e tão proximos, que não ha possibilidade do viajante se extraviar. Quando me recordo que só vi estes rebanhos, ainda assim tão numerosos, depois dos seus proprietarios terem sido fortemente tributados, supponho o que elles seriam alguns annos antes!»

O BOI COMMUM

Bos taurus, de Linneo. — *Le boeuf ordinaire*, dos francezes

Pode affirmar-se que de todos os animaes, ainda mesmo dos que vivem sob o dominio do homem, nenhum lhe presta tantos e tão valiosos serviços como o boi, podendo viver e prosperar em todos os pontos da terra, nas baixas planicies ao nivel do mar ou nas grandes altitudes.

Desde os tempos prehistoricos que o



Gr. n.º 214 — Raça minhota ou gallega

bôi existe como animal domestico, não sendo possivel affirmar qual seja o tronco d'onde se deriva, comquanto alguns naturalistas opinem ser a Europa o principal senão o primitivo solar da especie, derivando-a do aurochs, ou, segundo Cuvier, d'uma especie fossil, *bos primigenius*, cujos restos se encontram nas turfeiras da Allemanha, da Inglaterra e da França. O certo é, porém, que á maneira dos outros animaes domesticos, a origem d'este não é melhor conhecida.

«Nas mais remotas tradições, diz Brehm, faz-se menção do boi, e vêmol-o representado nos mais antigos monumentos. As nações primitivas, tão dadas a venerar tudo quanto era util ao homem, mostrando por esta forma o seu reconhecimento, consagraram ao boi respeito religioso e até mesmo as honras d'um culto.

Adoravam os egypcios o deus Apis sob a fórma d'um boi, e existiam em Memphis templos esplendidos, ornados de estatuas colossaes, que lhe eram dedicados: figurava nas mais pomposas ceremonias, e as mulheres, em ricas e elegantes embarcações, ao som das musicas, passeavam-n'o sobre as aguas do Nilo. O culto d'este animal era tido em tão grande conta n'aquella

nação, que no tempo de Adriano houve em Alexandria uma sedição, por não ser possivel encontrar boi que reunisse as qualidades indispensaveis para representar o boi Apis. A deusa Isis tinha na cabeça cornos de vacca, e mais tarde imitou-a Io entre os gregos, e a ambas se immolavam bois que lhes eram consagrados.

Em todos os paizes do mundo onde outr'ora a agricultura foi um dos mais honrosos misteres, o boi era tido pelo mais util dos servidores do homem, e muitas vezes as leis civis e os preceitos religiosos o mantinham sob a sua salvaguarda. Conta Plinio que um cidadão accusado de haver morto um boi por motivo que não justificava o acto, para dar as entranhas a comer a um moço libertino, foi desterrado como se assassinara um servo...

Não foi sómente sobre a terra que o boi mereceu ser adorado; deram-lhe logar no céo. Pelas tradições indianas a vacca foi o primeiro de todos os seres creados, e o boi *Nanda* goza na mythologia hindou honras eguaes a S. Pedro: é o guarda d'uma das portas do céo.»

A escassez do espaço, para tanto que ainda ha a dizer, tolhe-nos de continuar e dar na integra esta transcripção, bem curiosa na verdade e toda destinada a mostrar a importancia que o boi mereceu em todos os tempos, consoante os valiosos serviços que este animal desde epocas immemoriaes presta á especie humana.

O boi, na mais restricta significação do vocabulo, é o individuo d'esta especie que em epoca propria é capado, afim de se tornar mais docil, obediente, e apto para a engorda; emquanto que o que não é privado dos attributos do sexo, o toiro, destinando-se á reproducção, é bravio, desconfiado, por vezes perigoso, não podendo empregar-se nos trabalhos da agricultura, e fornecendo carne que por muito secca e nervosa é tida como de qualidade mais inferior. Dá-se o nome de vacca á femea d'este animal, e a cria denomina-se bezerro ou vitello.

O boi differe na corporatura, segundo as raças: tem a cabeça mais comprida que larga, a fronte espaçosa, cornos redondos, ôcos e lisos, variando muito no tamanho e na direcção, o collo guarnecido d'uma grande pelle solta e pendente. A pelle é forte e elastica, e a côr do pello muito variavel, loiro, acastanhado, acerejado, preto, e estas côres ás vezes em grandes malhas sobre fundo branco. O boi só tem dentes incisivos na maxilla inferior, e mollares em ambas; os incisivos são oito e os mollares doze em cada maxilla Conhece-se pelos dentes incisivos a edade do animal, que dos 18 mezes até aos dois annos muda os dentes primitivos ou *de leite*, começando pelos dois mais anteriores, dizendo-se então que o animal está no *primeiro desfecho*; dos dois annos e meio aos tres nascem os dois que se lhe seguem, e diz-se o boi *meado*: dos tres aos quatro apparecem os dois ao lado, que se chamam *cabeiros*, e dos quatro annos e meio aos cinco nascem finalmente os dois ultimos, e diz-se do animal que está *limpo*. D'ahi para o futuro os dentes incisivos, unidos e afiados, principiam a desunir-se e a gastar-se, pela ordem porque substituiram os de leite, isto é, *arrazam-se* os primeiros dos seis aos sete annos; os segundos dos sete aos oito; os terceiros dos oito aos nove; e os quartos e ultimos dos nove aos dez.

O boi commum existe hoje como animal domestico em todos os pontos da terra, havendo, comtudo, muitos que vivem em perfeito estado selvagem, taes como os da America meridional, principalmente os que habitam nos vastos pampas de Buenos Ayres, e que, descendendo dos que para alli foram transportados da Europa, logo depois da descoberta da America, se multiplicaram por tal forma, que apezar de muitos milhares mortos todos os annos, pois que com as pelles d'estes animaes se abastecem quasi todos os mercados da Europa, o numero não diminue e innumeras manadas percorrem aquellas regiões.

Nas planicies da Asia Central e n'alguns pontos da Europa — na Russia meridional, na Hungria, na Valachia, na Bulgaria, na Servia, ao sul da Italia, e em França, proximo da foz do Rhodano, desde a cidade de Arles até ao Mediterraneo, n'uma vasta extensão de terrenos pantanosos denominados Camargue — vivem grandes manadas de toiros que, embora pertencentes á especie domestica, se conservam quasi no estado selvagem, á maneira dos que se encontram em Hespanha e dos nossos toiros do Ribatejo.

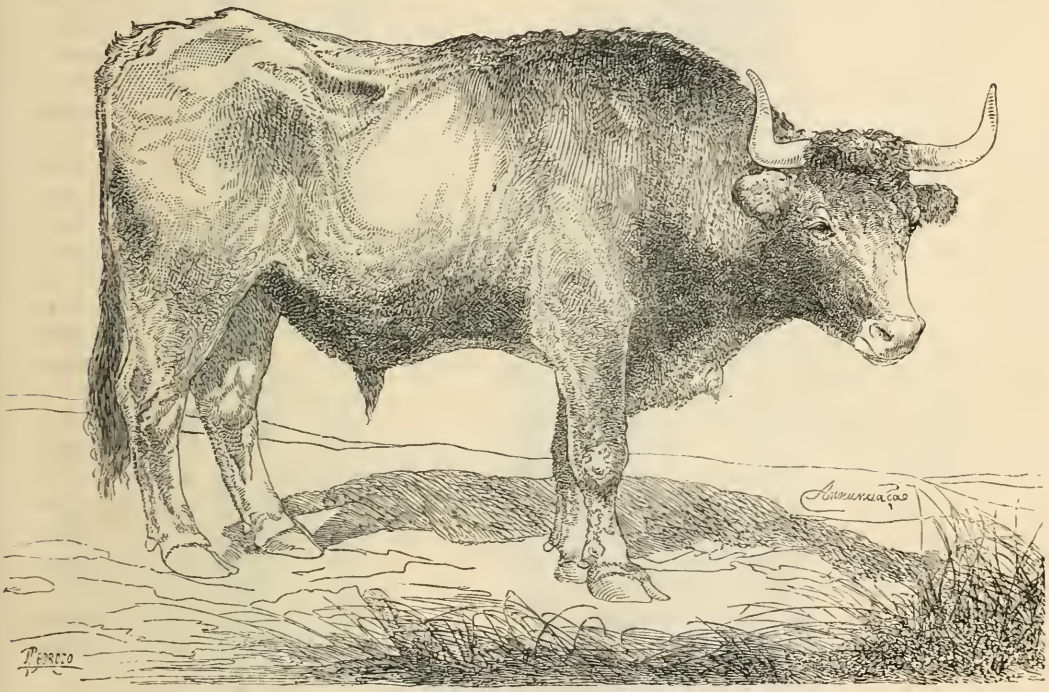
O boi, comquanto seja um animal pesado, se o excitam salta e corre com rapidez, e sabe nadar perfeitamente. Os individuos d'esta especie, que vivem longe do homem, quasi á maneira dos animaes

selvagens são bravos e perigosos, e sabem defender-se dos animaes ferozes. Os da Europa fazem frente aos lobos, unindo-se n'um grupo, todos com a cabeça para fóra, occupando o centro os vitellos, e assim resistem ao inimigo que lhes anda por muito tempo em volta sem se atrever a atacal-os. Algumas vezes um dos toiros mais vigorosos sae do grupo e accommette, elle só, o adversario, conseguindo pôl-o em fuga.

Á similhança do carneiro, o boi é o menos intelligente dos animaes domesticos, comquanto seja susceptivel d'alguma educação, e aprenda a conhecer o dono, affeiçoando-se-lhe até certo ponto e vindo á sua chamada.

Está apto este animal para a reproducção aos dois annos, e a gestação dura na vacca duzentos e oitenta e cinco dias, findos os quaes nasce o vitello que a mãe trata com o maior carinho.

O boi póde viver vinte e cinco annos e até mesmo trinta, mas raros serão os que attinjam tal edade, porque começando o ensino do boi de trabalho dos dois para os tres annos, adquirindo todo o seu vigor dos cinco aos dez, aos doze



Gr. n.º 215 — Raça mirandeza

annos, geralmente, é destinado á engorda e depois ao talho.

Os serviços prestados pelo boi podem dividir-se da seguinte fórma: serviços como productor de força, applicada ao arroteamento do solo; como productor de carne; como productor de leite; e finalmente como productor de estrume, materia fertilisante.

Como productor de força, pode avaliar-se quanto vale se considerarmos a que ficaria reduzida a agricultura se este animal desapparecesse da terra. «Sem o boi, disse Buffon, pobres e ricos a custo viveriam, a terra ficaria inculta, os campos e as quintas seccos e estereis, porque do seu trabalho estão dependentes todos os amanhos do solo, e é o servo mais util da herdade...»

Como productor de carne, ninguem desconhece quanto vale este animal, que fornece o melhor alimento a tantos milhões de homens, alimento hoje tanto mais necessario á medida que a especie humana se torna debil e anemica. Para que se possa fazer idéa aproximada do consumo prodigioso que da carne do boi se faz na Europa, diremos que ha cincoenta annos, segundo lemos em Chenu, devendo actualmente ter duplicado, abatiam-se em

Paris annualmente 193:271 rezes, sendo 75:000 bois, 15:000 vaccas e 103:271 vitellos, perfazendo o total de 36.150:320 kilogrammas de carne! Em Lisboa, no anno de 1876-77, abateram-se no matadouro municipal 26:272 bois e vaccas e 5:089 vitellos. A America fornece á Europa grande quantidade de carne salgada e fumada, principalmente destinada á marinha, afóra a que se emprega na preparação do producto conhecido por *extracto de carne de Liebig*, de que hoje se faz importantissimo consumo, e preparado com a carne dos toiros selvagens da America do Sul.

O leite da vacca é um excellente pro-

Gr. n.º 216 — Raça arouqueza

ducto que varia na quantidade e na qualidade segundo as raças e os paizes em que taes animaes vivem, e o regimen a que os sujeitam. A Inglaterra e a França possuem excellentes raças leiteiras; mas as melhores são ainda hoje as da Hollanda, das quaes descende a nossa raça turina, e as de Ukrania, na Russia, dando as primeiras até 18 litros de leite por dia, e as ultimas a quantidade prodigiosa de 30 a 40 litros.

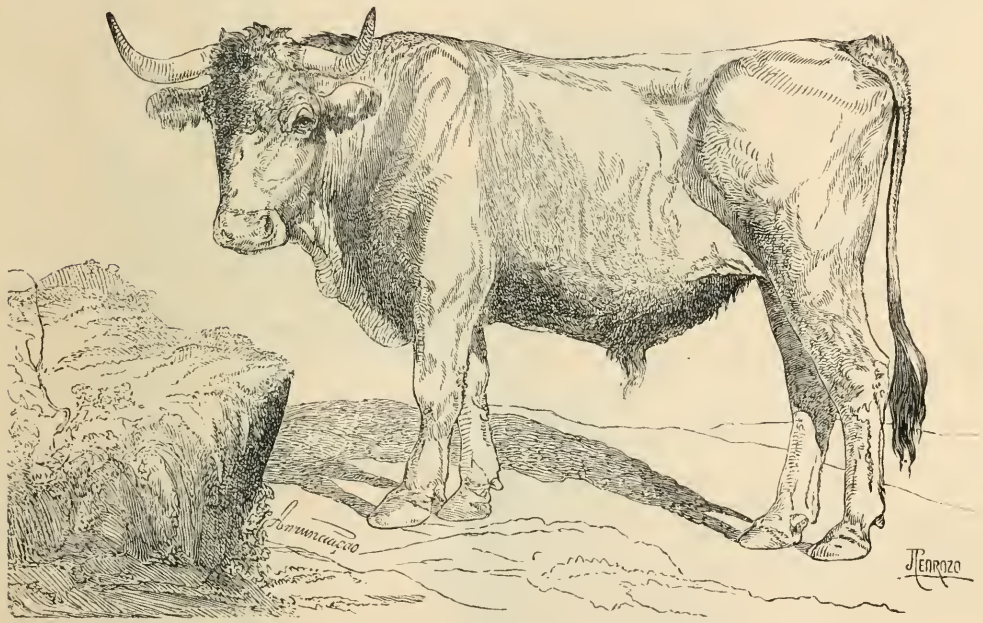
O estrume constitue um producto de reconhecida utilidade, fornecendo á agricultura os meios de reanimar as forças productivas do solo, e cuja importancia nenhum agricultor desconhece.

Todos sabem que além do que fica dito não existe no boi uma unica parte do corpo que se não utilise: a pelle, os pellos, os cornos, as unhas, os ossos, a gordura, são productos susceptiveis de numerosas applicações economicas, agricolas e industriaes.

O boi domestico, como já dissemos, está dividido em grande numero de raças, notaveis umas pela maior aptidão para o trabalho, outras valendo pelo leite, e algumas celebres sob o ponto de vista da maior producção de carne e gordura, sendo d'estas as mais notaveis as raças inglezas. Vamos resumidamente dar noticia das raças bovinas portuguezas, referindo-nos tamsómente ás mais distinctas, [1]

Raça minhota ou gallega — Corporatura meã, regulando a altura por 1,^{m}18 nas vaccas e 1,^{m}40 nos bois, cabeça comprida, cornos medianos, projectados na origem para os lados quasi horisontalmente, e voltados logo para diante, revirando as pontas para cima e para fóra no ultimo terço do comprimento; côr entre loira e acerejada.

O solar d'esta raça é toda a provincia do Minho, onde é commum. Principalmente propria para o trabalho, póde comtudo dar boas rezes de ceva, arro-



Gr. n.° 217 — Raça brava do Ribatejo

bando bem, e as vaccas, pouco leiteiras, fornecem todavia leite sufficientemente natoso para produzir 1 kilogramma de manteiga por 24 a 25 litros de leite, mal fabricada, consumindo-se na provincia. É conhecida em Lisboa por manteiga de Vianna.

Raça barrosã. — Corporatura meã, 1,^{m}18 a 1,^{m}23 de altura, cabeça curta, fronte quadrada, focinho negro, como que arrebitado, armação grande apparentando a fórma d'uma lyra, tendo cada um dos cornos nos individuos já feitos, mais de 0,^{m}56 de comprimento; saindo do alto da nuca, proximos um do outro, divergem depois, chegando a haver 0,^{m}95 de distancia entre as extremidades. A côr é castanha escura ou clara,

O solar da raça é principalmente as montanhas de Barroso, nos concelhos de Montalegre e Boticas. E' muito apta para trabalho e excellente para engorda; as vaccas, porém, são más leiteiras.

[1] Para este trabalho consultamos o *Recenseamento geral dos gados em* 1870, na parte que a este assumpto se refere, e que é ali tratado com a proficiencia que ha a esperar dos vastos conhecimentos do distincto professor de zootechnia do Instituto Geral de Agricultura, o sr. Silvestre Bernardo Lima, sentindo não podermos transcrever na integra, por demasiadamente extenso, tudo quanto sobre as raças bovinas portuguezas se encontra no livro a que nos referimos

No concurso de bois gordos em Braga, e nas exposições do Porto, teem apparecido rezes gordas dando o peso vivo de 850 a 980 kilogrammas.

Raça mirandeza. — Uma das mais importantes e de mais corpulencia, 1,^{m}27 de altura nas vaccas e 1,^{m}60 nos bois, cabeça comprida, focinho negro orlado de pellos brancos, cornos medianos saindo lateralmente inclinados para baixo na origem, voltando-se e projectando-se depois para diante no sentido horisontal, com as pontas levantadas e reviradas para fóra e divergentes. Côr castanha clara ou escura.

O solar d'esta raça é no concelho de Mi-

Gr. n.° 218 — Raça alemtejana

randa do Douro, mas o typo está generalisado por outros pontos do paiz, dando as sub-raças conhecidas por *gado braganez*, *mirandez beirão*, e *mirandez estremenho* ou *ratinho serrano*. É a melhor raça portugueza de trabalho, sobretudo para trabalhos que exigem mais vigor que velocidade, não sendo muito somenos á barrosã na engorda. As vaccas amojam mal, e como leiteiras teem pouco valor.

Raça arouqueza. — Corporatura meã, 1,^{m}18 a 1,^{m}24 de altura nas vaccas, e nos bois 1,^{m}49. Cabeça de comprimento regular, olhos suaves e orlados de olhaes brancos, que lhe dão expressão bondosa, focinho um tanto grosso e negro, cornos

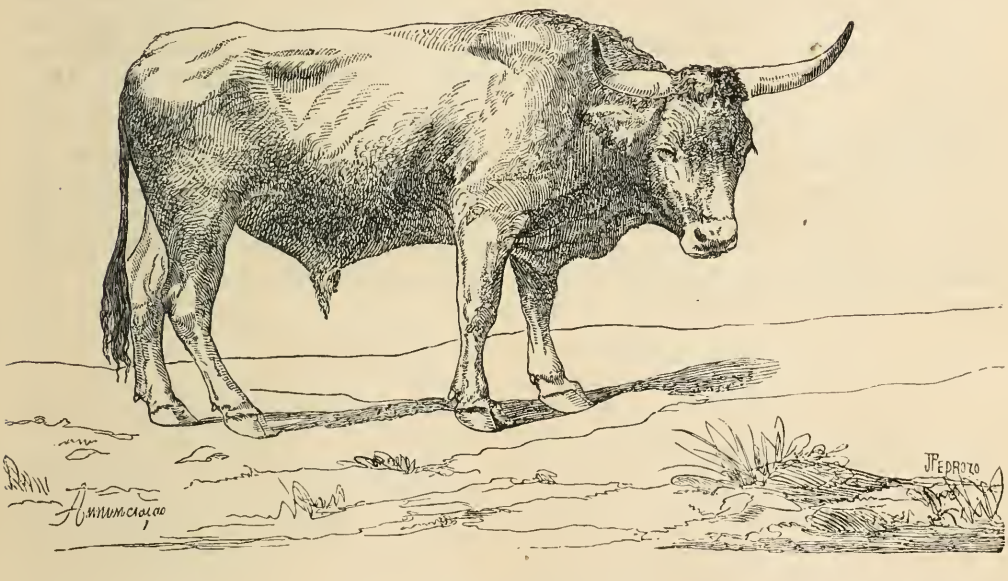
medianos, bastante grossos na base, de projecção um tanto acabanada. Côr aloirada ou acerejada.

O seu solar é nas terras de Arouca no districto de Aveiro. Os bois d'esta raça são tidos como bons para o trabalho, muito robustos, e apreciados para os carretos em caminhos escabrosos. São pouco somenos aos da raça barrosã para a engorda, tendo apparecido rezes dos grandes arouquezes que deitam vivos 800 a 1:000 kilogrammas. As vaccas são más leiteiras, mas o leite é bastante natoso, sendo sufficiente 15 a 18 litros para produzir 1 kilogramma de manteiga.

Raça brava do Ribatejo. — Corporatura abaixo de meã, 1,^{m}11 a 1,^{m}19 de altura, cabeça comprida e estreita na fronte, olhos pequenos, focinho muito negro, cornos medianos e acabanados, olhar espantadiço ou feroz, indole bravia, rija tempera, vivendo constantemente no campo, sujeito a todas as intemperies. Côr geralmente preta, havendo-os tambem malhados, e raras vezes castanhos ou amarellados.

O seu solar é o valle do Tejo, nas lezirias e charnecas contiguas ao rio, a partir da Charneca pelo sul e da Gollegã pelo norte, seguindo de um e outro lado do Tejo até ás terras de Alcochete e Povoa de Santa Iria.

Os animaes d'esta raça são principal-



Gr. n.º 219 — Raça algarvia

mente destinados para as corridas, uma razão que se dá para a sua existencia, com quanto já hoje alguns creadores tratem de transformal-a cruzando as vaccas com bois d'outras raças. Ha razão para esperar que poucos annos mais poderá resistir ao influxo da civilisação o espectaculo barbaro das corridas de toiros, o qual nem mesmo a supposta arte dos que se entregam á profissão de cavalleiros e bandarilheiros pode tornar toleravel, se arte pode chamar-se á melhor ou peior fórma de atormentar os animaes, sem outro fim além de dar ao publico algumas horas d'uma diversão cruel, que em nada pode contribuir para arreigar no animo do povo sentimentos de compaixão e brandura para com os animaes, indicio certo de bom caracter.

Os animaes d'esta raça engordam bem e depressa; mas no que respeita á producção de leite, mal chega o das vaccas para as crias.

Raça turina. — Corporatura acima de meã, 1,^{m}27 a 1,^{m}35 de altura; cabeça comprida, larga um tanto na fronte sobre os olhos, terminando n'um pequeno focinho negro, cornos curtos, muito delgados, pardacentos e de pontas negras. A côr em geral é branca e preta ás malhas, e algumas vezes os animaes d'esta raça são brancos malhados de ruivo, ha-

vendo-os tambem quasi todos pretos ou brancos, sendo tidas por melhores as vaccas malhadas de preto e branco, em que predomine esta ultima côr, tendo o pello bem curto e fino.

Esta raça deriva-se da raça bovina hollandeza, e a sua creação limita-se a Lisboa e seus suburbios, apparecendo alguma vacca por acaso nos outros pontos do paiz. Como raça leiteira é a melhor que temos, e como tal é aproveitada quasi exclusivamente, não sendo costume empregal-a no trabalho, e para o talho indo geralmente só as crias. As melhores, na melhor epoca da lactação, dos 4 aos 7 annos, dão de 15 a 18 litros de leite por dia, e as somenos 10 a 12 litros, calculando-se a media annual das primeiras em 2:700 a 3:000 litros de leite e a das ultimas em 2:000 a 2:500 litros.

Raça alemtejana. — Corporatura meã, ou pouco mais, 1^{m},29 a 1^{m},45 nos bois, de altura, — a primeira medida para a variedade maior e a outra para a menor, pois que existem duas variedades distinctas principalmente pelo tamanho, denominadas *raça pequena* e *raça grande*. Cabeça comprida um tanto estreita na fronte, quasi plana e direita do alto á ponta do focinho, armação grande um tanto inclinada na origem para baixo e para traz, muito aberta na raça grande e mais fechada na pequena. Pello côr de trigo ou acerejado.

Esta raça é de toda a provincia do Alemtejo, predominando a raça grande no districto de Evora, e a pequena em todo o districto de Beja, mais para a banda de Ourique. É boa raça para trabalho, rustica porque o seu regimen é geralmente manadio, principalmente para as vaccas de creação, entrando nos curraes só os bois de trabalho no tempo mais aspero. Engorda regularmente, e são más leiteiras as vaccas, que apenas dão leite para alimentar os vitellos.

Raça algarvia. — Corporatura pouco menos de meã, 1^{m},15 a 1^{m},30 de altura, cabeça regular de comprimento proporcionado, focinho delgado, pardo ou preto, cornos medianos apresentando na origem um cotovelo para traz. Côr de castanha clara, ou aloirada, e muitas vezes fusca na cabeça.

O solar é no Algarve. É soffrivel raça de trabalho, engorda bem, mas as vaccas como leiteiras pouco valem, sendo raras as que dão leite que sobre da alimentação das crias.

MAMIFEROS

ORDEM DOS PORCINOS

A ordem dos porcinos comprehende os dois generos de Linneo, os hippopotamos e os porcos, ou *suidios*, mamiferos de formas grosseiras e anomalas, alguns de grande corpulencia, conservando entre si numerosas analogias na dentadura e no numero dos dedos, que são quatro, sendo dois maiores e dois mais pequenos; os dois do meio, eguaes ou differindo pouco, dão aos pés dos porcinos certa analogia com o pé bisulco dos ruminantes.

Os generos, escassos em especies, comprehendidos na ordem dos porcinos, de que vamos occupar-nos, são os *hippopotamos*, os *porcos*, comprehendendo o javali e o porco domestico, os *phacocheros*, os *babirousas* e os *tajaçús*.

OS HIPPOPOTAMOS

Les hippopotames, dos francezes

O nome de hippopotamo dado aos mamiferos d'este genero, deriva-se de duas palavras gregas que significam *cavallo do rio*. São estes animaes de todos os mamiferos os mais pesados e massudos, conservando um tanto de monstruoso e de informe, que os faz parecer o producto inalterado dos primeiros moldes da creação. Este genero, hoje reduzido a uma unica especie, e essa em vesperas de se extinguir, foi out'rora rico, e em epocas anteriores existiram diversas especies de hippopotamos, de que hoje apenas se conhecem os restos fosseis. Faremos a descripção da especie ainda hoje existente.

HIPPOPOTAMO

Hippopotamus amphibius, de Linneo — *Le hippopotame*, dos francezes

«O hippopotamo, segundo a descripção de Figuier, é animal enorme, de formas massudas, attingindo por vezes até tres metros e meio de comprido por mais de tres de circumferencia. Depois do elephante e do rhinoceronte, é o maior dos grandes mamiferos terrestres. A cabeça, muito volumosa, principalmente na parte facial, termina por um grosso focinho ainda mais largo; a bocca descommunalmente grande, é fendida ainda acima dos olhos, e todos que no Jardim das Plantas em Paris tem observado a bocca monstruosa d'este animal, aberta para recolher um pedacito de pão, ficam surprehendidos do aspecto medonho d'aquelle golfo profundo e vivo, semeado de caninos enormes e de incisivos grossos e pontudos. Quando fecha a bocca o beiço superior, estendendo-se para a frente e para os lados, cobre a extremidade da queixada inferior, alcançando uma parte do beiço, mas esta queixada aos lados é coberta pelo beiço inferior, que se estende para cima As ventas, abertas na parte dianteira do focinho, possuem um apparelho muscular destinado a fechal-as her-

meticamente quando o animal se conserva debaixo d'agua.

Os olhos são pequenos e salientes, e a parte superior da cabeça, de côr rosada, privada de pello, tem o aspecto d'uma cabeça de vitella preparada para o talho. O corpo, enorme, arredondado, e como que diffluente, para melhor dizer, pesa sobre as pernas grossas e tão curtas que o ventre quasi arrasta pelo chão. Tem quatro dedos nos pés, envolvidos em pequenos cascos, a cauda muito curta e guarnecida de raros pellos.

Toda esta massa é revestida de pelle nua e atrigueirada, exceptuando-se a das articulações, em volta dos olhos, e a das virilhas,que se conserva rosada.

Habitam os hippopotamos na Africa meridional e oriental, mas não tardarão em desapparecer na frente da civilisação, ou para melhor dizer, victimas das balas dos caçadores. Outr'ora no Nilo eram muito mais abundantes que hoje, e em diversas outras localidades o numero diminue egualmente. No tempo de Levaillant, isto é, no seculo dezoito, eram frequentes na colonia do Cabo da Boa Esperança; mas em 1838 já não havia senão dois na propriedade d'um rico creador de cavallos, que os conservava com o maior cuidado.

Vivem estes animaes em bandos, á borda dos rios ou dentro d'agua, e se em terra a sua andadura é pesada, porque o proprio peso os afadiga, são todavia ageis dentro d'agua, onde perdem fluctuando uma parte importante do peso.

Passam o dia dentro d'agua, nadando e mergulhando com extrema facilidade. Quando nadam apenas deixam vêr a parte superior da cabeça, até aos orificios das ventas, podendo d'este modo não só respirar, como tambem vêr quanto se passa em volta e ouvir o mais leve ruido. Quando respiram arremessam com estrondo, sob a forma de jactos irregulares, uma parte da agua que póde introduzir-se-lhes nas ventas. É este o ruido que de longe annuncia a presença do hippopotamo.

Ao cair da noite o hippopotamo dirige-se para a terra, vindo em busca do alimento, e ao tomar pé trata de satisfazer certas necessidades naturaes; durante o tempo que tal operação lhe leva, bate grandes pancadas com a cauda na superficie da agua. Um viajante inglez, M. Anderson, conta tel-os visto, aos vinte e trinta, em fila, n'esta occupação. O publico, que se reune em volta do grande tanque dos hippopotamos, no Jardim das Plantas em Paris, ri muito ao vêr este manejo singular a que se dá o monstruoso animal, tendo sempre o cuidado de guardar respeitosa distancia, para não ser alcançado pelos salpicos, nada agradaveis.

Alimenta-se este animal de troncos das arvores ainda novos, de cannas, ramusculos, arbustos e plantas aquaticas, e de raizes e bolbos succolentos. Os seus gritos são roucos, mas tão extensos, fortes e de tal sonoridade, que não parece exagerado, aos que os ouviram, affirmar Anderson que se pode distinguir a voz do hippopotamo a um quarto de legua de distancia.»

Interrompemos aqui a descripção de Figuier para transcrevermos alguns periodos de Brehm, ácerca dos costumes d'este animal, os quaes, além de curiosos, teem ainda mais a tornal-os interessantes o serem descriptos por quem as mais das vezes conta o que viu, não se limitando a simples narrador por tradição.

«O hippopotamo, diz Brehm, no acto de comer offerece um espectaculo realmente medonho; a um kilometro, aproximadamente, distingue-se á vista desarmada a bocca aberta, e a alguns centos de passos podem-se contar todos os movimentos que faz mastigando. A cabeça informe desapparece debaixo das plantas, a agua agita-se a distancia, e o animal volta ao cimo d'agua com um grande molho de vegetaes, deposita-os ao lume d'agua, e vae mastigando-os e engolindo-os vagarosamente, deliciando-se ao saboreal-os. Pendem-lhe do canto da bocca as hasteas das plantas, e o succo esverdenhado que se mistura com a saliva corre-lhe dos beiços constantemente; cospe algumas vezes porções de hervas mal mastigadas, para de novo as abocar e engulir. Emquanto dura esta operação conserva os olhos fixos, sem expressão, deixando ver os dentes em todo o seu comprimento.

Muda o caso de figura nos sitios onde os rios passam entalados entre duas margens escarpadas, no Azrak, por exemplo, não permittindo a rapidez da corrente a formação de lagos, e ahi o hippopotamo é obrigado a ir a terra em busca de pasto. Uma hora depois do sol posto sae

vagarosamente do seio das aguas, escutando e observando em volta de si.

Por toda a parte, nas florestas virgens onde a superabundancia da vegetação lhe offerece alimentos a fartar, encontram-se os caminhos por elle abertos, e nas vizinhanças das povoações, seguindo-lhe a pista, vae-se sempre dar ás plantações, onde basta uma noite para estes animaes destruirem completamente uma seára. A voracidade do hippopotamo é tão grande, que por mais ferteis que sejam os terrenos da sua patria, torna-se realmente um flagello quando são numerosos. Destroem pisando mais do que comem, e depois de fartos espojam-se á maneira dos porcos.

Não é, todavia, só nocivo para os campos cultivados; o hippopotamo pode ser perigoso para o homem e para os animaes: nas suas excursões atira-se a tudo quanto vê mover-se, e principalmente nos sitios onde já alguma vez foi perseguido pelo homem é muito para temer. Os dentes incisivos, pela sua rijeza, tornam-se armas terriveis, podendo com elles triturar um boi. Nos sitios onde este animal é mais frequente, é necessario vigiar cuidadosamente os rebanhos, porque ao vêl-os irrita-se o gigantesco pachyderme. Conta Ruppels que um hippopotamo fez pedaços quatro bois presos tranquillamente junto d'um engenho d'irrigação. Muitas d'estas historias ouvi eu contar, e os indigenas dizem que o hippopotamo principia mordendo a victima e termina-lhe os dias pisando-a a pés.

E' raro que o hippopotamo fuja em frente do homem, e por certo que tal não faz se estiver excitado. Parece que por muito tempo conserva a memoria do mal que lhe fazem.

Os miseros habitantes do interior da Africa, que não possuem armas de fogo, estão, pode-se dizer, á mercê do hippopotamo, posto que elles sejam os unicos inimigos de que o gigantesco mamifero tenha a receiar. Afóra as sanguësugas, as moscas, e os vermes intestinaes, não ha outro animal que se atreva com o hippopotamo, e tudo quanto se conta ácerca das lutas entre o crocodilo, o elephante, o rinhoceronte e o leão, com este animal, deve sem excepção ser tido por fabula.

O hippopotamo é mais do que nunca perigoso quando está com o filho. N'estes ultimos tempos tem podido observar-se as circumstancias da reproducção d'este animal captivo, porque dos que vivem em liberdade apenas se sabe que a femea tem um unico filho de cada vez, no principio da estação chuvosa, por consequencia na época em que a alimentação é mais abundante e nutritiva, epoca que varia nos diversos paizes onde vive este animal.

Sempre receiando pelo filho, a mãe vê constantemente e por toda a parte perigos a ameaçal-o, e arremessa-se sobre tudo que lhe pareça um inimigo. Diz-se que por muito tempo o filho anda em companhia da mãe. Livingstone viu hippopotamos pequenos não excedendo o tamanho d'um cão baixote, mas eu os mais pequenos que pude encontrar eram do tamanho d'um javali adulto.

O viajante a que me referi diz que a mãe, nos primeiros tempos, traz o filho sobre o pescoço, e mais tarde ás costas, facto que nunca vi, parecendo-me haver na sua affirmativa erro de observação. Em todo o caso o certo é que a mãe manifesta pelo filho a maior ternura, e creio até mesmo que o pae não é indifferente quando se trata de defender a sua progenie: pelo menos vi sempre, com um pequeno, dois hippopotamos adultos.

A mãe é facil reconhecel-a porque nem um só instante perde o filho de vista, observando attentamente todos os seus movimentos, com prazer e carinho verdadeiramente maternaes; brincam ambos repetidas vezes, e são vistos mergulhando um apoz outro. A cria mama dentro d'agua, e vi frequentes vezes um hippopotamo já adulto alli conservar-se sem mover-se, vendo-se-lhe apenas uma parte da cabeça, emquanto que o filho mergulhava, surgindo ao lume d'agua em volta d'elle, certamente para respirar.

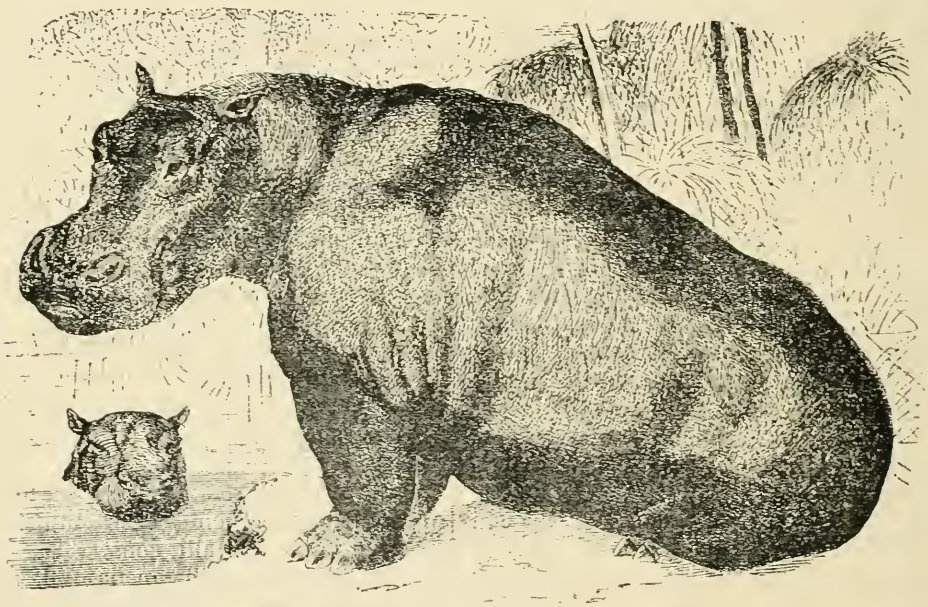
Todos os que teem observado este animal estão d'accordo quando affirmam que não é prudente alguem aproximar-se da femea do hippopotamo quando tem cria, porque receiando que algum perigo a ameace, ataca até mesmo durante o dia homens e embarcações. Uma canôa pertencente a Livingstone foi quasi que arremessada fóra d'agua por uma femea á qual poucos dias antes haviam morto o filho, caindo um homem ao rio, e sem que por parte da tripulacão houvesse quem provocasse o animal.

Contam-se muitos factos analogos nas povoações á borda do Nilo, onde os hip-

popotamos teem por mais d'uma vez sido autores de numerosos desastres. Eu proprio estive um dia a ponto de pagar caro o haver excitado um d'estes animaes acompanhado pelo filho.

Era perto da margem esquerda do Azrak, onde haviamos encontrado uma lagoa, que o rio na epoca das inundações enchera, e que ao tempo, estavamos em fevereiro, ainda tinha bastante agua. Era habitada por numerosas aves, crocodilos e hippopotamos com as crias, e estas, segundo me pareceu, deveriam alli ter nascido, tanto a lagoa pela mansidão das suas aguas, cercada de florestas por todos os lados menos por um, que dava para campos cultivados, me pareceu sitio dos mais asados para ninhos de hippopotamos. Prendia-nos a attenção acima de tudo umas aves admiraveis, com pescoço de serpente, sendo muitas vezes necessario, para conseguirmos alcançar estes destros mergulhadores com o chumbo das nossas espingardas, entrar pela agua dentro, ficando cobertos até ao peito, sem receio dos crocodilos e dos hippopotamos.

O meu caçador, Tomboldo, que para estas caçadas usava do trajo primitivo dos nossos primeiros paes, acabava de matar a quarta das referidas aves, mettendo-lhe uma bala no pescoço, unica parte do corpo que ficava a descoberto, e adiantava-se para lhe deitar a mão, quando de subito um indigena que estava do outro lado do rio o advertiu em altos gritos, fazendo-lhe signaes, obrigando-o assim a olhar



Gr. n.º 220 — O hippopotamo

para traz, podendo então observar um hippopotamo que lhe vinha no encalço. O animal, tendo pé, cortava a agua com a mesma facilidade com que um javali correria pela terra firme, em perseguição de Tomboldo, que se poz em fuga, podendo felizmente alcançar a floresta, seguido pelo seu terrivel adversario até á borda da lagoa. Eu estava armado com uma excellente carabina, por infelicidade carregada com bala de pequeno calibre, mas não deixei por isso de correr em auxilio do meu fiel servo, indo encontral-o prostrado de joelhos, em oração.

«*La Allah, la ila Allah*, ou *Mohammed ghassoul Allah*. — Não ha mais que um Deus, e Mahomet é seu propheta. De Allah, o Todo Poderoso, dimana a força; só de Deus, o misericordioso, se deve esperar protecção! Livra senhor os teus fieis dos diabos que do ceo precipitaste no inferno! — Cão, filho de cão, neto de cão, bisneto de cão, gerado por um cão e aleitado por uma cadella, queres devorar um mussulmano! Que o Todo Poderoso te amaldiçoe e te arremesse ao inferno!» Eram estas as imprecações que se lhe escapavam dos labios tremulos. Em seguida le-

vantou-se, carregou a espingarda, e fez fogo contra o hippopotamo que se agitou furioso. A balla fizera recochete na agua, sem todavia alcançar o monstro. «Pelas barbas do propheta, pela cabeça de teu pae, Effendi, dizia-me elle, manda uma bala da tua carabina a esse miseravel renegado de Deus, que por elle já perdi a minha caça!»

Não quiz negar-me a satisfazer ao seu empenho; fiz fogo e senti a bala bater de encontro ao craneo do animal, que rugindo mergulhou umas tantas vezes seguidas, nadando para o centro da lagôa, sem que todavia desse mostras de que a ferida o magoara muito. Entretanto cresceu a sua furia, e nós vingámo-nos fazendo-lhe da cabeça alvo, todas as vezes que apparecia ao lume d'agua. Postoque não ignorasse que as balas da minha carabina não atravessariam a pelle da cabeça do animal, a quarenta passos, ainda assim não quiz privar-me do gozo de que este enviado do inferno sentisse os effeitos da minha colera.»

Caça-se o hippopotamo por diversos modos: espera-se o animal á noite, ao sair da agua, quando vem pastar nos campos vizinhos, ou então de dia nos rios, a tiro ou com farpões, quando vem ao cimo da agua respirar.

O seu furor depois de ferido é tal, que accommette por vezes as pequenas embarcações onde vão os caçadores, procurando despedaçal-as com os dentes, e infeliz d'aquelle a quem o hippopotamo possa deitar a bocca, pois que de um só aperto entre as maxillas consegue fazel-o em dois. Diz Livingstone que quando o hippopotamo ataca uma embarcação, e consegue fazel-a pedaços, o melhor expediente que os caçadores teem a seguir é atirarem-se á agua e mergulharem por alguns minutos, porque o animal, depois de destruir o barco, olha em volta de si em busca dos homens, e não os vendo retira-se.

O hippopotamo póde ser domesticado, e ha exemplos de que se tenha affeiçoado ao seu tratador a ponto de acompanhal-o como um cão; mas para tanto se obter é necessario que seja apanhado muito novo, o que se deu com todos quantos hoje existem na Europa, vivendo captivos. Para o apanhar arremessa-se-lhe um farpão a alguma parte do corpo onde a ferida seja menos perigosa, e puxando pela corda que vae presa ao ferro traz-se o animal para terra, advertindo que em primeiro logar é necessario matar a mãe, pois sem esta precaução seria impossivel alguem apossar-se do pequeno hippopotamo.

A principio o animalzinho grita á maneira do porco quando o agarram, e busca fugir; mas por fim habitua-se ao homem, e póde ser amamentado por uma vacca, ou, para melhor dizer, por tres ou quatro, pois que o leite de uma não é sufficiente para alimental-o.

O hippopotamo é perseguido pelos indigenas por causa da carne e da gordura que são estimadas; a lingua fumada é manjar excellente. A pelle, que é muito espessa, emprega-se em differentes usos, e os dentes dão muito bom marfim, que sem valer tanto como o das defensas do elephante, ainda assim é empregado na Europa em varios artefactos.

Para dentaduras artificiaes é superior a qualquer outro, porque se conserva sempre branco.

OS PORCOS

Les couchons, dos francezes

Todos os animaes d'este genero se assimilham muito não só na configuração como tambem nos habitos, e distinguem-se pela cabeça alongada terminando em focinho agudo, vigoroso e movediço, pescoço curto e grosso, corpo roliço, espesso, e todo de egual grossura, pernas delgadas e curtas, quatro dedos em cada membro, dois maiores e dois mais pequenos, não servindo os dois ultimos para a locomoção, cauda delgada, torcida e curta. Teem todas as tres especies de dentes: incisivos em ambas as maxillas, queixaes muito similhantes aos do homem, aptos para triturar os alimentos vegetaes ou animaes, e caninos muito longos, alcançando n'algumas especies grande desenvolvimento, servindo para o animal se defender, e attingindo maior comprimento os da maxilla inferior.

N'este genero comprehendem-se as diversas especies do *porco montez* ou *javali*, e o porco domestico, sendo tidas as primeiras como tronco d'onde se deriva a ultima.

Dos javalis descreveremos tamsómente a especie que vive na Europa, e falaremos do porco domestico, referindo-nos a algumas das raças em que está dividido.

O JAVALI ORDINARIO, OU JAVARDO

Sus scrofa, de Linneo — *Le sanglier*, dos francezes

O javali d'esta especie é um animal vigoroso, que mede aproximadamente 1,^{m}25 de comprimento da extremidade do focinho á raiz da cauda, e 0^{m},50 de altura nas espadoas. Este animal assimilha-se muito ao seu descendente, o porco; tem o corpo grosso e massudo, orelhas curtas, direitas e movediças, olhos pequenos, os quatro dentes caninos ou presas de fórma triangular, os da maxilla superior obtusos na ponta pelo continuo roçar nos de baixo, e estes com a extremidade aguçada. A tromba é por tal fórma rija, que com ella póde o javali foçar á profundidade de sessenta centimetros.

A pelle é coberta de pellos pouco bastos, longos e rijos, a que se dá o nome de cerdas, e entre os quaes existem outros macios e frizados, mais curtos, e mais ou menos abundantes, segundo a estação. A côr do javali é em geral annegrada, sendo raros os animaes d'esta especie pardos, ruivos, brancos ou malhados; mas em novos são pardos arruivados, com riscas amarelladas ao comprido do corpo.

Era o javali outr'ora muito frequente na Europa, onde hoje é menos commum, aproximando-se a epoca do seu completo desapparecimento; sendo, todavia, ainda hoje muito abundante na Asia e no norte da Africa. Encontra-se no nosso paiz.

Escolhe para habitação os sitios humidos e pantanosos, na orla dos bosques, nas vizinhanças das vinhas e dos campos cultivados; occultando-se durante o dia, só vagueia de noite em busca d'alimento. Gosta de chafurdar na lama, sem todavia conservar o corpo sujo, porque antes de recolher ao covil tem o cuidado de se lavar n'algum regato ou deposito d'agua limpa.

O javali é omnivoro: cava o solo para descobrir os vermes e as larvas dos insectos, apossar-se dos ratos, das toupeiras e até dos coelhos novos, devorando os reptis e todos os animaes pequenos que pode alcançar, não desdenhando até mesmo os ovos. Os fructos que encontra caidos no chão fazem parte do seu alimento, e por vezes devasta os batataes e as searas de trigo e milho, podendo, quando são muitos, destruir n'uma noite uma seara inteira. Até mesmo os corpos mortos dos animaes da sua especie lhe servem para satisfazer a voracidade.

Quando procura o alimento no interior da terra rasga o solo em linha recta, abrindo um rego que se molda pela largura da cabeça, dando por este modo ensejo aos caçadores mais habeis de poderem avaliar a corpulencia do animal que por alli passou.

Os javalis são sociaveis, e se os machos mais velhos vagueiam solitarios, as femeas vivem em familia, com os filhos, até que estes tenham dois annos, epoca em que já são aptos para se defender, abandonando o bando e indo em busca de femea. Quando se aproxima o tempo do cio, os solitarios veem reunir-se ás femeas, expulsando os machos menos vigorosos, e sustentando com os de egual força lutas prolongadas e encarniçadas, que algumas vezes terminam pela morte d'um dos contendores, e outras, quando nenhum cede e a victoria fica indecisa, os levam a tolerar-se um ao outro.

Depois de dezoito a vinte semanas de gestação, a femea pare de quatro a seis filhos, nas primeiras barrigas, e depois até doze, para os quaes antecipadamente preparou n'algum sitio bem solitario e escuro um ninho tapisado de folhas e de musgo, e alli se conserva com elles todo o tempo, á excepção do que carece para ir em busca do alimento, por espaço de quinze dias, findos os quaes leva-os comsigo, sendo n'esta occasião que as femeas encontrando-se se reunem, formando com os filhos uma familia numerosa, que vive na melhor harmonia, defendendo-se mutuamente. Diz-se que se morre alguma, os orphãos encontram protecção nas companheiras da que morreu.

«Não é possivel exceder, diz Winckell, a coragem e o arrojo com que a femea do javali defende os filhos, ou ainda mesmo os pequenos que adoptou. Ao primeiro grito que solta um dos leitões, a mãe corre, affrontando o perigo, e atira-se ao inimigo, seja qual fôr. Um homem, que passava a cavallo por certo sitio, encontrou uma ninhada de leitões, e apanhou um. Tinha o pequeno apenas dado um gemido, já a mãe corria em perseguição do roubador, arremessando-se ao cavallo e diligenciando morder-lhe as pernas, vendo-se o homem na necessidade, para livrar-se d'ella, de lhe atirar com o filho, que ella agarrou

Impresso por Lallemant frères. Lisboa

O JAVALI

na bocca com todo o cuidado, indo reunir-se ao grosso da familia.»

«A caça ao javali, diz Figuier, não deixa de ser perigosa. Não se arreceia muito o animal dos cães e dos seus latidos, mas o som das trompas, os gritos dos caçadores, o estrondo dos tiros obrigam-no a perder a cabeça, fugindo então com tanta rapidez e agilidade, que espantam em vista das fórmas pesadas e massudas do animal. Corre sempre em frente, e se algum dos caçadores por imprudencia se não acautela a tempo, desviando-se, derruba-o, e accommette-o com as presas, mas nunca volta atraz para atacal-o. Se já estiver ferido, obstina-se em maltratar o inimigo.

Quando a fadiga ou a perda de sangue lhe não permitte ir mais longe, e escapar-se pela fuga, o animal encosta-se ao matto, ou contra uma arvore, faz d'este modo frente aos cães que lhe veem no encalço, e rasga com as presas o ventre a algum que se aproxima demasiadamente. Entre os cães da matilha ha sempre um melhor adestrado, intelligente e fino, que, andando-lhe em volta, mas fóra do alcance dos dentes, atordoando-o com os seus ferozes latidos, espera o momento favoravel para se lhe agarrar d'um salto a uma orelha, que não larga até que o animal perdendo o animo, e sentindo-se vencido, seja morto por uma bala ou algum dos caçadores lhe enterre a faca junto das espadoas.»

O javali é susceptivel de se amansar, de conhecer o dono, e seguil-o até, se o crearem de pequeno.

A carne d'este animal é com razão muito estimada, e a dos leitões excellente.

Na India e na Africa existem outras especies de javalis, differindo pouco da que acabamos de descrever, e algumas pouco conhecidas.

O PORCO

Le couchon domestique, dos francezes

O porco descende do javali, e as modificações que se lhe encontram tanto no physico como no moral, em relação ao segundo, devem attribuir-se á antiga domesticidade do porco, domesticidade que remonta á mais alta antiguidade. Resta saber se todos descendem do javali ordinario ou d'este e das diversas especies que vivem na Asia e na Africa, questão que se encontra ainda hoje sem solução.

Conserva este animal muitos dos caracteres das especies selvagens de que descende: é voraz, desobediente, teimoso, e nunca testemunha ao homem grande affeição. Alguns naturalistas dizem que o porco conserva todos os defeitos do javali, sendo ainda mais estupido, o que por outros é negado, attribuindo-lhe uma certa sagacidade e intelligencia, e julgando-o susceptivel de receber tal ou qual educação, citando numerosos factos que podem servir para comprovar esta asseveração.

A. Brehm, sobre o assumpto, escreve o seguinte:

«Os porcos que vivem mais em contacto com o homem teem ensejo de exercitar as suas faculdades intellectuaes, e mostram-se mais intelligentes do que os que vivem isolados. Contou-me um couteiro que possuira um porco de raça chineza, que o acompanhava como se fôra um cão, que vinha quando o chamava pelo nome, subia a escada, portava-se convenientemente dentro de casa, e fazia diversas habilidades. Tinha-o ensinado a procurar tortulhos na floresta, trabalho que executava com grande actividade; conservava-se em pé por alguns momentos, e deitava-se quando lhe diziam — anda cá, que te quero matar.

Durante a doença de Luiz XI, de França, já os cortezãos não sabiam como dissipar a melancolia que se apossara do rei; e quasi todas as tentativas n'esse sentido eram infructiferas, quando alguem encontrou finalmente o modo de divertir o monarcha. Lembrou-se de ensinar a dançar ao som da musica uns tantos leitões, vestidos ricamente, de chapeo, cinto e espada, á imitação dos fidalgos da côrte, e os animaesinhos, admiravelmente adestrados, dançavam e saltavam á voz do dono, comprimentavam, e só não conseguiam conservar-se em pé. Mal se levantavam nas pernas trazeiras caíam grunhindo, e eram então tão comicas as attitudes, os gritos e os grunhidos dos leitões, que o rei não podia deixar de rir.

Em Londres appareceu em tempo um porco sabio; sabia ler: estendiam-lhe no chão as letras duplicadas do alphabeto, uma das pessoas presentes indicava uma palavra á sua escolha, e o dono repetia-a ao porco, que immediatamente pegava com a bocca nas letras necessarias, e, reunindo-as

convenientemente, formava a palavra. Sabia indicar as horas marcadas pelo relogio.

Em Inglaterra, conta Wood, houve quem ensinasse um porco a caçar, e prestava bom serviço. Chamava-se *Slud*, gostava immenso d'aquelle exercicio, acompanhando qualquer pessoa que levasse espingarda. Podiam empregal-o em toda a especie de caça, á excepção da lebre, á qual não dava attenção. Acompanhava bem com os cães, mas estes sentiam-se de tal modo aviltados com similhante companheiro, que recusavam proseguir na caçada toda a vez que *Slud* fosse o primeiro a encontrar a pista, sendo por isso necessario trazel-o só. Tinha tão bom faro, que presentia uma ave a mais de 20 metros; e se esta voava, o porco ia ao sitio onde ella pousara, e revolvendo a terra indicava por esta fórma o logar onde estivera a caça. Se a ave se afastava, mas sem tomar o vôo, *Slud* seguia-a vagarosamente á maneira d'um bom cão perdigueiro. Por muitos annos utilisaram os serviços do porco, até que o mataram, porque, não podendo ver os carneiros, era muitas vezes causa de que os rebanhos se tresmalhassem.

Ha quem tenha ensinado porcos a puxar um carro. Um aldeão dos suburbios de Saint-Alban andava muitas vezes n'um carro tirado por quatro porcos; depois d'uma ou duas voltas á roda da praça do mercado, dava de comer ás suas parelhas, e horas depois voltava para casa.

Outro aldeão em Inglaterra apostou que iria de sua casa a Norfolk, n'uma hora, na distancia de quatro milhas, montado n'um porco que era seu, e ganhou a aposta.

Provam estes factos que o porco é susceptivel de ser educado.

Tem este animal antipathia particular ao cão, e o porco selvagem e o domestico, não tendo escrupulo de comer a carne d'animal morto que encontrem, cohibem-se, todavia, de tocar na do cão. «Nos montados dos porcos em Cabenoy, conta Lenz, deitam-se muitas vezes aos porcos corpos de cavallos mortos, que elles devoram com avidez; mas se lhes deitarem o d'um cão nenhum lhe toca».

O porco domestico é perfeitamente omnivoro; tudo lhe faz conta, havendo comtudo certas plantas em que não toca, e raizes toxicas que podem envenenal-o. A' parte estas, come tudo que constitue o alimento do homem, e outras substancias de que este não aproveita, sendo o seu regimen tanto vegetal como animal. Nos campos, depois da colheita, ou nos que estão de pousio, é util a presença d'este animal, que destroe os pequenos roedores, as minhocas, as lesmas, os gafanhotos, n'uma palavra, toda a bicharia que infesta os campos, obtendo-se além d'esta ainda outras vantagens: a engorda do animal e o levantamento do solo.

Do *Manual d'agricultura elementar e pratica*, obra a que já nos referimos, transcrevemos os seguintes periodos, que encerram conhecimentos que temos por interessantes.

«A porca está apta para a criação, desde os dez mezes de edade até aos seis annos. Depois de receber o *marrão* ou *varrasco*, anda prenhe cerca de 16 semanas, ou 115 dias; podendo, portanto, dar duas criações cada anno. E' na edade de 3 ou 4 annos que as mães dão melhores productos. As ninhadas são de 8 a 10 leitões de cada vez, e algumas vezes mais. Durante a prenhez e a amamentação é necessario que as porcas sejam alimentadas fartamente.

Os leitões, passados quinze dias ou tres semanas, depois de nascidos, começam logo a comer beberagem de sôro de leite, farellos, grãos deteriorados e alguma verdura. Deve-se variar o numero das comidas: assim, a principio, dá-se-lhes de comer seis vezes por dia, ao depois cinco, e quando teem tres mezes comem tres vezes sómente. Chegados a esta edade, dá-se-lhes então sómente lavagens, aguas gordurosas de cozinha, residuos da leiteria, hortaliças e algum farello.

Em quanto mama, o leitão augmenta 240 grammas por dia; depois de desmamado 20 grammas sómente.

A edade da castração é, em umas partes, ás seis semanas, e n'outras dos quatro aos seis mezes. A castração é indispensavel para sujeitar o gado suino á ceva, quer na pocilga, quer no monte.

Os leitões e os bacoros miões, ou de meia criação, precisam de espairecer frequentes vezes, sempre que o tempo o permitte.

Os porcos são cevados, ou na pocilga ou no montado. E' dos 18 mezes em diante que os porcos de engorda tomam mais depressa gordura, e colhem carne mais saborosa e mais abundante. Os *cevões*, ou porcos de pocilga, precisam de camas

frequentemente renovadas, de pequenos telheiros abrigados em que se resguardem da chuva e durmam tranquillamente, e de duas pias, uma para a agua e a outra para a comida. Os alimentos para os engordar constam de rebotalhos de horta e de pomar, farinhas, semeas, grão avariado, nabos e outras raizes, residuos da leiteria e aguas gordas da cozinha, dando-lhe a ração secca ao meio dia e as beberagens pela manhã e á noite, temperadas sempre com algum sal.

A engorda em grande e no montado diversifica muito d'esta ultima, e em parte alguma se faz melhor do que na nossa provincia do Alemtejo, onde se cria uma das melhores raças de porcos conhecidas.

Para que a industria da engorda dos porcos dê tudo o que póde dar, nunca a manada de porcos deve ser inferior a trinta cabeças. A cobrição das porcas deve ser feita na mesma occasião, para que os bacoros venham todos ao mesmo tempo.

E' necessario tambem que haja sufficientes pastagens em sitios baixos e humidos, abundantes de agua e de raizes de plantas aquaticas, bons porqueiros e malhadas bem construidas.

Estas podem ser feitas de alvenaria, ou de matto e colmo. Devem ser collocadas em sitio enxuto e soalheiro, e proximo de aguas correntes, para que os animaes se possam banhar sempre que lhe appeteça, condição essencial á sua organisação.

As malhadas são recintos fechados, dentro e em torno dos quaes se construem pequenos repartimentos ou cabanas com uma entrada estreita, a que se dá o nome de *quartelhas*. São estas casinholas que servem de covil á porca parida e aos filhos. São ellas indispensaveis, porque os leitões, nos primeiros dias, não conhecem as suas mães, e é portanto necessario fechal-os em familia dentro das quartelhas, até que as porcas estejam afilhadas, isto é, que distingam os filhos; de outra sorte estabelece-se a confusão e mallogra-se toda a creação.

Os alimentos que ordinariamente se dão ás manadas de porcos, durante a creação, são a bolota, a lande, as hervagens das pastagens e ferrejos, os agostadouros e os grãos avariados.

As porcas criam duas vezes por anno; chamando-se *creação das hervas* á que começa nos fins de março, e *creação montanheira* a que vem nos fins de setembro. A ultima dá melhores resultados do que a primeira, porque desfructa a bolota e lande dos montados. Os leitões, procedendo d'esta criação, entram nos montados com as mães, aproveitando os retraços da bolota; d'ahi saem para as hervagens, e depois para o agostadouro (pastagens frescas de agosto) passando em seguida para o novo montado, ou para a segunda montanheira, e entrando no montado seguinte, como bons porcos de vara.

Na ceva das varas dos porcos segue-se o regimen seguinte:

Em primeiro logar calcula-se, em moios de bolota, o que o montado tem de fructo pendente: a esta primeira operação chama-se encabeçamento de herdade; porque por ella se entra no conhecimento de qual o numero de porcos que o montado póde engordar. É dado um moio a cada cabeça,

Podem as varas dos porcos constar de 30 a 60 porcos e mesmo 70, tendo os animaes 20 mezes de edade. A edade porém não é sempre a mesma: admittem-se muitas vezes á engorda cabeças de dois annos e meio, de anno e meio. e mesmo de um anno, dando-se a estes ultimos o nome de *bacoros montanheiros*.

A epoca, o principio da ceva, começa no mez de outubro, durando a engorda 3 a 4 mezes.

A bolota começa a cair no mez de outubro não bem madura, posto que vingada. D'aqui resulta uma certa indisposição no gado, que é necessario desvanecer, levando-o a sitios humidos onde possam foçar e comer raizes que os refresquem. Esta tendencia da bolota de escandecer o estomago dos animaes é constante; por isso lhes não deve faltar agua em abundancia, durante todo o tempo da ceva, nem tampouco plantas e raizes aquaticas que os refresquem.

Succede muitas vezes que a bolota cae em maior abundancia do que a que é necessaria, para o consumo regular das varas que pastoreiam no montado. Em tal caso, como os porcos teem uma grande tendencia para divagar pelo montado, em procura da bolota mais fresca, deve o porqueiro oppôr-se a essas correrias, para evitar um excessivo retraço, embora este costume ser aproveitado pelos bacoros montanheiros, que a consomem toda.

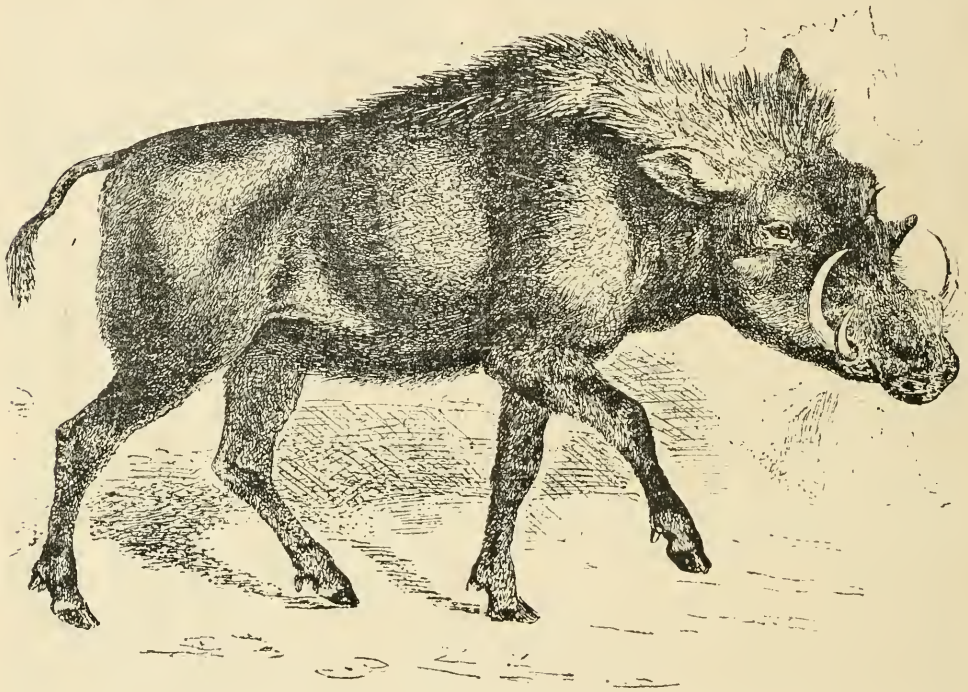
E' sempre boa pratica recolher de noite

as malhadas dos porcos de engorda. Com quanto o porco seja menos sensivel aos rigores do inverno, este systema tem vantagens, sobretudo emquanto o animal não se acha ainda protegido por uma boa manta de gordura.»

Julga-se em geral que o porco melhor prospera conservando-lhe a pocilga quanto mais suja melhor; mas em desabono de tão errada opinião ouçamos o que diz Brehm.

«Acreditou-se por muito tempo que a falta de asseio era condição essencial para a creação dos porcos, e era devido a este erro que n'algumas herdades collocavam nas pocilgas pias onde se depositavam os escrementos.

Ultimamente a experiencia tem demonstrado que o porco prospera melhor e cresce mais rapidamente se o conservam em sitio limpo, e por isso os creadores mais avisados já não encerram os animaes n'esses repugnantes chiqueiros, onde era costume ter os porcos, antes os teem em pocilgas vastas, arejadas e faceis de limpar, obtendo por esta fórma animaes mais



Gr. n.º 221 — O phacochero

bem creados e mais sadios. O melhor systema é lagear o chão da pocilga.»

O porco, como todos os animaes domesticos, vive espalhado por todo o mundo, reproduzindo-se facilmente, e pela influencia do clima, do regimen e dos cuidados do homem, tem soffrido tantas modificações, que immensas são as variedades ou raças em que hoje está dividido.

Hoje as mais notaveis são as inglezas, não só pela facilidade com que engordam, como tambem pelo seu desenvolvimento precoce, havendo porcos das raças inglezas que chegam a pesar 500 e 600 kilogrammas, e femeas que d'uma barriga teem dezenove filhos. N'este paiz, mais do que em qualquer outro, encontram-se immensas variedades, algumas comprehendendo animaes já tão desfigurados, que mal se assimilham ao porco commum.

As raças inglezas dividem-se em dois grupos, animaes geralmente brancos, e outros de ordinario pretos, havendo em cada um dos grupos duas divisões, onde se comprehendem as raças grandes e as pequenas.

A mais conhecida das raças do grupo negro é a de *Berkshire*, que se distingue pelo corpo espesso e roliço, focinho muito

curto e arrebitado, côr toda preta á excepção das malhinhas brancas que o animal tem nos pés, e uma na fronte.

O porco de *Hampshire* parece-se com o antecedente, é mais grosseiro, tem malhas por differentes partes do corpo e é um tanto arruivado.

A *raça de Yorck* contém os grandes porcos inglezes do grupo branco, o que mais tem sido importado pelos outros paizes. Em Portugal tem-se realisado o cruzamento dos nossos porcos, principalmente nas povoações do norte, com os d'esta e d'outras raças, com bom exito.

Os porcos de *Coleshill*, de *Windsor* e de *New Leicester*, constituem as raças pequenas do grupo branco.

No nosso paiz a melhor raça suina é a *raça alemtejana*, pelo bem que engorda, pela sua precocidade, pois que dos dezoito mezes para os dois annos são animaes feitos, e entrando no montado n'esta edade adquirem em tres mezes 80 a 100 kilogrammas de peso. São rijos de pernas e unhas, e melhor que quaesquer outros pódem aguentar a marcha para os mercados onde são vendidos.

Das raças asiaticas as mais importantes são o *porco domestico chinez* e o *porco domestico de Sião*, que, sendo raças originarias da Asia, se espalharam por muitos pontos da Europa, da Africa e da America.

São todos de pequeno corpo, mas desenvolvem-se bem, engordam com facilidade e são muito fecundos.

Na Africa poucos são os povos que criam o porco, porque para uma grande parte é prohibido pelo Alkorão o consumo da carne d'este animal.

Os porcos da America pertencem ás diversas raças das outras partes do mundo: são animaes ahi acclimados.

OS PHACOCHEROS

Les phacocheres, dos francezes.

Existem na Africa uns horrendos representantes da familia dos suidios, que se distinguem dos porcos principalmente pela dentadura; — enormes dentes caninos na maxilla superior, á maneira das defensas do elephante, mas dirigidos para cima, e os inferiores eguaes na configuração e na direcção, porém mais pequenos — e por duas grandes verrugas nas faces por baixo dos olhos. Conhecem-se duas especies, uma que vive no Cabo da Boa Esperança até ao golpho de Guiné, encontrando-se em Cabo Verde; e outra que differe d'esta unicamente por ter os caninos mais pequenos e possuir dois dentes incisivos, dentes que faltam na primeira, habitando na Abyssinia e no centro da Africa.

Daremos breve descripção da primeira, a que vae representada na nossa gravura n.º 221, a qual, dando idéa do animal, ainda assim o favorece, pois que, em geral, elle é mais massudo, tem as pernas mais curtas e é mais disforme do que na estampa se representa.

O JAVALI ENGALLA D'ANGOLA

Sus æthiopicus — Le phacochere du Cap, dos francezes

O corpo d'este animal é grosso, pescoço curto, largo dorso, pernas vigorosas, cabeça massuda, com o focinho largo e achatado, tromba muito espessa, olhos collocados muito proximos das orelhas, e em cada uma das faces uma enorme verruga, servindo este caracter para lhe dar a denominação de *porco verrugoso*, pela qual é tambem conhecido. A pelle é grossa e rugosa, com cerdas raras, revestindo-a, a partir das orelhas e estendendo-se ao longo do dorso, uma especie de crina formada de sedas pardas e trigueiras. A côr do corpo é d'ordinario parda arruivada, e negra na cabeça. Mede 1,^{m}35 de comprimento afóra a cauda, que tem 0^{m},15 a 0^{m},16, e regulando a altura nas espadoas por 0^{m},90.

São pouco conhecidos os habitos d'este animal, sabendo-se que vive nas florestas, em bandos de dez a quinze individuos, e que é feroz e indomito, susceptivel porém de se tornar manso se for apanhado ainda novo, perdendo comtudo esta qualidade á maneira que cresce em annos. Alimenta-se de substancias vegetaes, foçando para encontrar as raizes e os bolbos das plantas, de que o faro lhe denuncia a existencia debaixo da terra.

Diz-se que este animal é mau e atrevido, fugindo raras vezes de quem o persegue, antes atirando-se ao adversario e procurando maltratal-o com os dentes, o que torna perigosa a caça a este suidio, por que além de tudo é bastante vigoroso.

Teem vindo alguns para a Europa, os quaes nos primeiros annos são mansos,

rehavendo mais tarde toda a sua natural ferocidade.

OS BABIROSAS

Les babirousses, dos francezes.

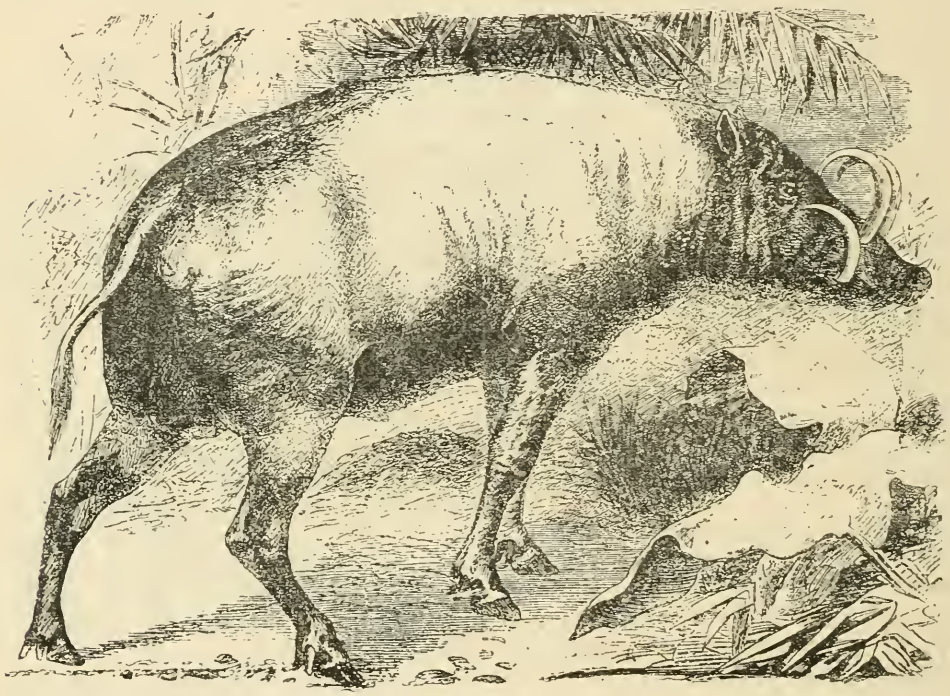
Estes porcinos derivam o nome de duas palavras malaias, *babi-rousse*, que significam *porco veado*, e distinguem-se dos outros generos dos suidios pela forma dos dentes caninos, delgados e pontudos, que attingem grande comprimento, dirigindo-se para cima e para traz, a ponto d'algumas vezes os superiores penetrarem na pelle da fronte. Os da maxilla inferior são mais curtos, mais direitos e inclinados para fóra.

Conhece-se uma especie unica, que em seguida descrevemos :

O BABIROSA

Babirousse alfourus—Le babirousse, dos francezes.

Assimilha-se este animal ao porco, com



Gr. n.º 222 — O babirosa

quanto seja mais delgado e mais alto de pernas, e posto que certos viajantes affirmem ter visto alguns com dimensões eguaes ás d'um jumento, entretanto a sua estatura regula em geral por 1 metro de comprimento e 0^{m},80 de altura nas espadoas, medindo a cauda 0^{m},25, e terminando por um tufo de pellos.

A pelle é espessa, dura e rugosa, com rugas profundas nas faces, em volta das orelhas e no pescoço, coberta de pello muito curto, raleado, mais abundante, porém, ao longo da espinha dorsal; pardo cinzento no corpo e na face externa dos membros, e arruivado na face interna. Tem as orelhas pretas. Vive nas ilhas Celebes onde é muito frequente.

O seu genero de vida é similhante ao dos animaes da mesma familia, vivendo nas florestas mais pantanosas, á borda dos lagos, nos logares onde crescem plantas aquaticas, em bandos mais ou menos numerosos, dormindo durante o dia e vagueando de noite. A sua andadura é mais rapida do que a do javali, e nada habilmente. Em geral foge do homem; mas vendo-se atacado de perto defende-se com valor, e os dentes tornam-se armas que não são para desprezar, ainda mesmo pelo caçador mais corajoso.

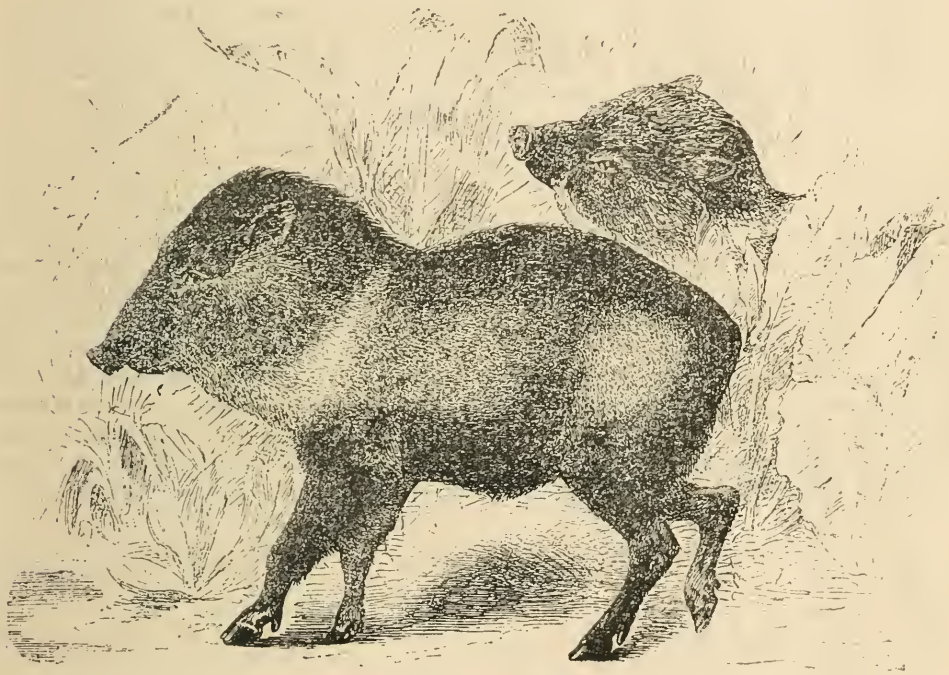
Quando se apanha novo, obabirosa é susceptivel de se domesticar, e habitua-se ao dono, seguindo-o até. Para a Europa teem vindo alguns, mas são ainda assim raros nos jardins zoologicos.

OS TAJAÇUS

Les Pècaris — dos francezes.

Estes animaes, da familia dos suidios, são os seus representantes na America, e formam um genero que se caracterisa por possuirem os individuos n'elle comprehendidos tres dedos apenas nos membros posteriores, cauda rudimentar, e uma glandula nas costas que segrega um liquido especial de cheiro activo e fetido.

Conhecem-se duas especies, o *dicotyles labiatus* e o *dicotyles torquatus*, que no Brazil se denominam *caetetú e queixada*, ou *porco do mato*, muito similhantes nos caracteres e nos habitos. Trataremos tamsómente d'uma das especies, podendo servir a descripção, com respeito aos habitos, para ambas.



Gr. n.º 223 — O tajaçu

O TAJAÇU DE COLLEIRA

Dicotyles torquatus — *Le pecari a collier*, dos francezes.

Tem este animal quando muito 1^{m},45 a 1^{m},65 de comprido, e 0,^{m}33 a 0^{m},40 de alto; o seu aspecto em geral é o do porco, mais delgado de fórmas, orelhas direitas, corpo coberto de sedas muito rijas, alternadamente anneladas em todo o comprimento de branco sujo e de preto, resultando como colorido geral o ruço escuro. Tem uma faxa esbranquiçada, da largura de 0^{m},05 a 0^{m},06, que, partindo das espadoas, lhe passa por baixo do pescoço.

Habita em todas as florestas da America do Sul, encontrando-se no Brazil ás varas de 60 individuos, e fornecendo uma das boas carnes de caça.

«Esta especie, refere Brehm, comprehende animaes muito sociaveis, que percorrem as florestas em bandos numerosos, conduzidos por um macho dos mais vigorosos, e mudando todos os dias de habitação. No dizer de Rengger podem-se seguir estes animaes dias inteiros sem os avistar.

Quando vão nas suas excursões, conta este naturalista, nada os detem. Se teem a passar um campo descoberto, atraves-

sam-n'o a galope, e se no caminho se lhes depara um rio não hesitam em passal-o. Vi-os atravessar o rio Paraguay n'um sitio de mais de meia legua de largura. O bando caminhava em massa, indo na frente os machos, seguindo-os as femeas com os filhos. Ouviam-se de longe, dando-se a conhecer mais pelo ruido que faziam ao passar atravez do matto, do que pelos seus grunhidos surdos e roucos.

Bonpland, n'uma das suas excursões botanicas, conta ter sido uma vez advertido pelo seu guia, um indio, para abrigar-se por detraz d'uma arvore, receiando ser derribado por um bando de tajaçus, que vinha direito a elles. Os indigenas affirmaram a Humboldt que o proprio tigre se não atrevia a penetrar no centro d'uma manada d'estes animaes, e que para não ser esmagado busca sempre abrigo por detraz de uma arvore.

Os tajaçus buscam o alimento tanto de dia como de noite ; comem fructos e raizes que desenterram com o focinho. Nos povoados introduzem-se nas plantações e devastam-n'as. Devoram as cobras, os lagartos, e as larvas dos insectos.

No seu todo assimilham-se muito ao javali, mas não são como este vorazes nem immundos: só comem para matar a fome, e se vão chafurdar nos charcos só o fazem nas occasiões de maior calor. De dia abrigam-se nas cavidades dos troncos das arvores, no meio das raizes, e sentindo-se perseguidos veem procurar asylo n'estes logares. Os sentidos d'este animal são pouco desenvolvidos, e a sua intelligencia é curta: o ouvido e o olfato parecem mais apurados, mas a vista é má. A femea tem dois filhos de cada vez, que no primeiro dia, ou pelo menos pouco tempo depois de nascidos, acompanham a mãe para toda a parte.»

O tajaçu é facil de amansar, e tratando-o bem pode tornar-se verdadeiro animal domestico. Rengger diz que se afeiçôa ao homem, não tenta abandonar a morada a que está habituado, acompanha o dono, e á vista de pessoa estranha grunhe e eriça o pello. Vive em boa harmonia com os animaes domesticos, á excepção dos cães que não conhece, pois a esses, quando não sejam dos maiores, ataca-os ás dentadas, mordendo-os a valer com os caninos, não lhe dando com as presas á maneira do javali.

Este animal é frequente nos jardins zoologicos da Europa, onde se lhe dá alimento egual ao dos porcos. A carne tem bom gosto, mas quando se mata o tajaçu logo depois de o haver perseguido é preciso extrahir-lhe immediatamente a glandula que tem nas costas, porque sem esta precaução communicará á carne o mau cheiro do liquido que segrega.

MAMIFEROS

ORDEM DAS PHOCAS

Os animaes comprehendidos n'esta ordem, e bem assim os que pertencem ás duas seguintes, *sirenidas* e *cetaceos*, formam um grupo distincto da classe dos mamiferos, a que se dá o nome de *ichthyoides* ou *mamiferos marinhos*. São animaes com fórmas de peixe, membros curtos e em grande parte occultos sob o envolucro geral do corpo, os dedos reunidos por uma membrana, formando uma barbatana analoga á dos peixes, e tendo uma organisação que muito diversifica da dos animaes que até aqui temos descripto.

Á ordem das phocas pertencem os mamiferos que possuem quatro membros, e posto que estes andem de rastos, pode observar-se distinctamente a separação dos dedos, que n'algumas especies são moviveis, e simplesmente reunidos por uma membrana, e n'outras sem movimento, completamente envolvidos na pelle, mas ainda assim indicados exteriormente pelas unhas, que existem nos membros anteriores de todas as phocas, e de ordinario tambem nos posteriores. Os membros são muito curtos, e os posteriores estendidos na direcção do corpo teem a forma d'uma especie de barbatana horisontal fendida, no centro da qual está a cauda, que é curta. A cabeça d'estes animaes é arredondada, olhos grandes, orelhas rudimentares ou nullas, e o beiço superior ornado de espessos bigodes; as orelhas e as ventas são organisadas de fórma que permittem ao animal fechal-as quando mergulha. A dentadura é egual á dos carnivoros, e esta circumstancia é motivo para que alguns naturalistas classifiquem as phocas logo depois dos animaes d'aquella ordem.

Conservam-se estes animaes por muito tempo debaixo d'agua, posto que sejam obrigados a vir á superficie para respirar, e esta faculdade devem-n'a a uma particularidade do seu systema circulatorio: a existencia de vastos reservatorios venosos, onde o sangue se accumula durante o tempo em que os pulmões deixam de funccionar.

O corpo é coberto de pello, mais ou menos espesso segundo o clima em que vivem, e por vezes bastante longo, muito oleoso, circumstancia que evita á pelle o contacto com a agua. Os individuos das especies que vivem nas regiões extremas da terra possuem uma espessa camada de gordura, que os protege contra os rigores do frio.

Havendo-as a natureza privado de membros que podessem servir-lhes á locomoção, as phocas só saem d'agua para dormir, aquecer-se aos raios do sol, ou para dar de mamar aos filhos. Dentro d'agua são ageis, e habeis nadadoras, podendo nadar de costas, avançando ou recuando, e alli buscam asylo todas as vezes que se vêem perseguidas. Em terra, pelo contrario, são inhabeis, arrastam-se com difficuldade, servindo-lhes de debil auxilio os membros posteriores, e de nenhum os

anteriores, que só lhes servem quando nadam, e á maneira dos gatos e dos monos para se catarem, limpar e alisar o pello, e segurar os filhos contra o peito. Possuem estes animaes tal flexibilidade na espinha dorsal, que lhes é possivel levantar a parte anterior do corpo no ar, quasi verticalmente, conservando a posterior quasi horisontal.

Em todos os mares do mundo vivem as phocas, mais abundantes nos das regiões polares, e encontram-se nas costas da Europa, nos mares do Norte, da Mancha, no Mediterraneo e no mar Negro. Foram estes animaes conhecidos na antiguidade pelos romanos e pelos gregos, e deram nascimento á fabula dos Tritões e das Nereidas.

A ordem das *phocas* divide-se em duas familias, as *phocas* e os *trichecos*, de que em seguida nos occuparemos.

AS PHOCAS

Les phocidés, dos francezes

Divide-se esta familia em generos diversos, e estes em numerosas especies, das quaes por longa não faremos a enumeração, mas que por muito similhantes nos habitos e genero de vida podemos descrever simultaneamente, dando por fim noticia de algumas das especies mais importantes, e caracteres que as distinguem.

As phocas vivem sempre proximo das costas, e buscam para ir a terra os sitios mais solitarios, preferindo as praias arenosas e abrigadas, os rochedos onde as ondas veem quebrar-se furiosas, ou de preferencia as ribas tapizadas de hervas espessas. Quando a tempestade está em todo o seu medonho apogeu, que o vento ruge, ribomba o trovão, e a chuva cae a torrentes, vêem-se as phocas sair do mar e vir aos bandos foliar na praia. Quando o tempo está sereno e o sol brilha, dormem profundamente.

«Quando a phoca repousa, diz Brehm, é a imagem mais perfeita da preguiça. Ao calor do sol conserva-se estendida e immovel na praia, e por indolencia não faz um unico movimento; assim como se deitou ficou. Com as costas, o ventre, ou um dos lados, expostos ao sol, os membros anteriores encolhidos ou caidos ao longo do corpo, os olhos fechados ou abertos, piscando-os, olhando ao largo uma vez por outra, abrindo as ventas e os ouvidos, não se lhe observam outros movimentos que não sejam os respiratorios. Assim fica durante horas inteiras, insensivel a tudo, mergulhado na sua preguiça, não gostando que a perturbem n'aquelle *dolce far niente*, e sendo mister que o perigo a ameace bem de perto para que se resolva a mover-se. Já por vezes fiz cocegas com uma palha no nariz de phocas captivas, atormentando-as de mil modos, sem conseguir obrigal-as a mudar de posição. Manifestavam quanto lhes era desagradavel que as perturbassem, soltavam grunhidos de mau humor, buscavam morder a palha, mas quedavam-se immoveis. Quando porém os maus tratos sobem de ponto ou se repetem frequentes, então sabem procurar abrigo na agua.

Nas penedias que pela exposição ao sol mais lhes aprazem, levantam-se por vezes vivas contendas entre estes animaes para obterem o melhor logar. O mais vigoroso expulsa o mais fraco, precipita-o dos rochedos, para poder deitar-se e estender-se a seu gosto.

A voz das phocas é um latido rouco, ou uivo, e quando se encolerisam rosnam como os cães; na epoca do cio ouve-se-lhes uma especie de mugido.

Parece que todos os sentidos são egualmente desenvolvidos n'estes animaes: a vista é excellente, o ouvido apurado, não obstante o pequeno orificio do canal auditivo, o olfato relativamente subtil, com quanto o nariz lhes sirva principalmente para respirar. As ventas e as orelhas podem cerrar-se, e se umas vezes apparecem com a fórma de buracos arredondados ou triangulares, outras teem o aspecto de fendas estreitas. As ventas abrem-se a cada inspiração, fechando-se em seguida, ainda mesmo quando o animal está fora d'agua, até ao proximo movimento respiratorio. Os ouvidos só os fecha na agua, e assim os conserva emquanto mergulha.

Toda e qualquer emoção é motivo para a phoca verter abundantes lagrimas.

Os antigos descreveram estes animaes como seres muito intelligentes, sendo todavia difficil formular uma opinião sobre este assumpto.

Que são prudentes não se póde duvidar; mas por vezes mostram-se, ao inverso, tão estupidos e ineptos, que é motivo para duvidar se possuem sequer um lampejo de intelligencia. São atrevidos nos sitios desertos, mas onde uma vez conhe-

ceram o homem, tornam-se extremamente desconfiados. Os mais novos attendem e seguem as advertencias dos mais edosos.

As phocas captivas em breve se habituam á pessoa que d'ellas cuida, e algumas tornam-se muito doceis. Respondem quando se lhes chama pelo nome, saem do tanque, recebem o peixe da mão do dono, e dedicam-lhe até grande affeição. Conta-se que se consegue ensinar as phocas a andar livremente, a pescar para o dono, a defendel-o até mesmo em occasião de perigo. Sem querer pôr em duvida estas asseverações, não lhes garanto todavia a veracidade. Certo é, porém, que se deixam tocar e acariciar pelo seu tratador, que lhe estendem a pata, e até permittem que lhe metta a mão na bocca.

A phoca parece indifferente a todos os animaes á excepção dos peixes, mas não por docilidade, porque as captivas irritam-se ao ver os cães, assopram-lhes, e buscam amedrontal-os arreganhando-lhes os dentes. E não se attribua a coragem, e antes sim a medo, este modo de proce-

Gr. n.° 224 — As phocas

der, porque podendo escapar-se optam por este meio.

As phocas do jardim zoologico de Hamburgo excitavam-se altamente quando os ursos novos se banhavam nos seus tanques; assopravam, rosnavam, batiam com os dentes, e davam com as patas na agua, sem comtudo tentarem aggredil-os.

Estes animaes são muito carinhosos para os filhos, brincam com elles, e se algum perigo ameaça a sua progenie, defendem-n'a ainda mesmo contra inimigos muito mais fortes.

A epoca do cio varia segundo os pontos em que vivem: no outono nos mares do norte, e d'abril a junho no sul. Os machos velhos, absorvidos então inteiramente pelo sentimento que extraordinariamente os excita, lutam encarniçadamente uns com os outros, e olvidam até a sua timidez natural. Cega-os o ciume, e, segundo se affirma, é sufficiente imitar-lhes os gritos e os grunhidos para attrahil-os.

Depois de oito mezes, aproximadamente, de prenhez, em maio, junho ou julho, a phoca tem os filhos n'alguma ilha deserta, na praia arenosa, n'uma caverna,

ou mesmo sobre um rochedo ou sobre um pedaço de gelo, e de cada barriga tem um, quando muito dois pequenos, que nascem muito desenvolvidos, cobertos d'uma lanugem espessa, macia e branca, que os impede de nadar e principalmente de mergulhar, mas que em breve lhes cae, para ser substituida por pello rijo e raso; e até que tal mudança se haja concluido, a mãe conserva-se em terra a seu lado. A lactação dura pouco tempo, e as phocas dão de mamar aos filhos na praia ou n'algum ponto onde a agua seja baixa. Se qualquer perigo os ameaça vão escondel-os em sitio escuso, transportando-os seguros nas patas dianteiras. Crescem os pequenos rapidamente, e quando teem um anno attingiram metade do seu desenvolvimento.»

«Todas as populações á beira dos mares polares, diz Figuier, perseguem as phocas e destroem numero prodigioso d'estes animaes. N'elles encontram preciosos recursos contra o rigor e pobreza do clima hpyerboreo; para os groenlandezes, principalmente, a phoca é de utilidade incomparavel, pois que corresponde á maior parte das suasnecessidades, e torna-lhes a vida possivel nas frias paragens da sua patria. O groenlandez come a carne da phoca, e com ella se sustenta, posto que seja coriacea, e cheire desagradavelmente. Bebe o azeite que d'ella extrahe, e com elle se allumia. Serve-lhe a pelle do animal para se vestir, e d'ella faz coberturas, abrigos, canôas, ou correias. Os nervos e os tendões emprega-os como fios para a costura, e em cordas para arcos; do proprio sangue, misturado com outras substancias, prepara elle uma especie de sopa. Até das proprias membranas, que existem no interior do corpo, tira utilidade: depois de seccas servem para fechar as aberturas da sua miseravel habitação, deixando, pela sua transparencia, passar frouxamente a claridade do dia.

Pode-se dizer que a unica occupação do groienlandez é a caça á phoca. Desde os mas verdes annos que n'ella se exercita, como questão para elle de vida ou de morte. No mar, na sua fragil canôa, espera que a presa venha ao lume d'agua e arremessa-lhe o arpão, ou então estende-se na praia, envolvido n'uma pelle de phoca, e assim aguarda que algum d'estes animaes, por menos esperto, venha attrahido pelo supposto companheiro.

Os esquimaus usam o seguinte processo. Abrem um buraco no gelo, e aguardam que algum dos animaes se aproxime d'esta claraboia improvisada, para então lhe deitarem a mão.

Os inglezes e os americanos dos Estados Unidos são os unicos povos que organisam em larga escala a caça ás phocas, e n'ella se empregam annualmente uns sessenta navios, de duzentas e cincoenta a trezentas toneladas cada um. O fim commercial d'esta expedição consiste em aproveitar o azeite de que está saturada a carne d'este mamifero marinho. Cortam-se os animaes em pedaços, lançam-se em grandes caldeiras collocadas na praia, e quando a gordura se separa pela fusão, deitam-n'a em barris, e assim é transportada para a Europa ou para a America, onde se vende na razão de 3$600 réis o barril. Uma phoca pode dar meio barril d'azeite.

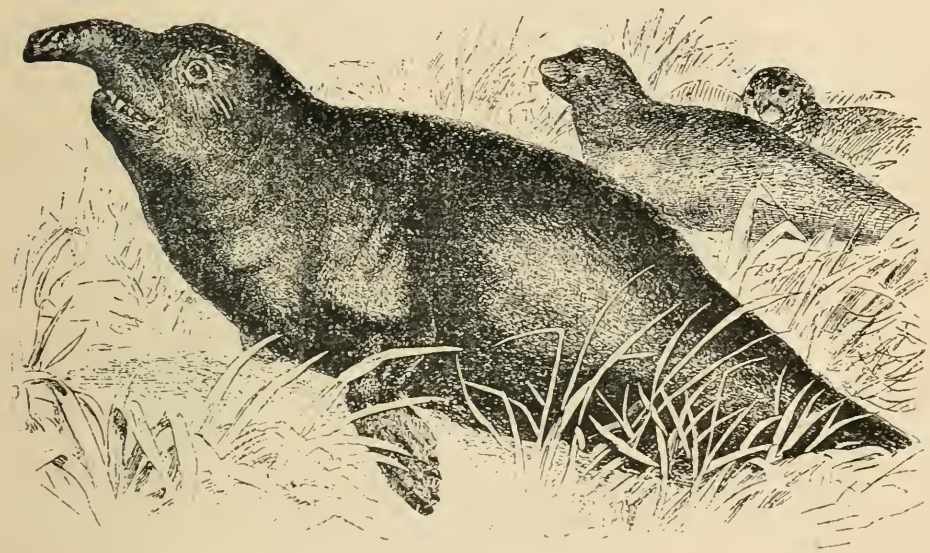
Para tão escasso lucro affrontam todos os annos os habitantes das costas e ilhas do mar Baltico os maiores perigos caçando as phocas. Chegada a epoca da fusão do gelo, embarcam cinco ou seis, ás vezes menos, n'uma canôa, munidos de viveres e dos aprestes para a caça, correndo o risco de verem as embarcações esmagadas pelo embate das massas de gelo, e serem levados por algum pedaço de gelo fluctuante onde morrerão de fome e de frio. Os norueguezes são victimas, muitos cada anno, d'estas expedições arriscadas.

Os habitantes da beira mar ao norte da Escossia caçam as phocas de modo singular, que não deixa de ser perigoso. Sabem que estes amphibios se abrigam, para ter os filhos ou aleital-os, em vastas cavernas, ordinariamente muito estreitas na entrada. Em outubro ou novembro introduzem-se, pelo meio da noite, n'estas sombrias grutas, onde se internam sobre um fragil barquinho, accendendo em seguida archotes e dando altos gritos. A esta inesperada claridade, e a bulha tão estranha, saem as phocas na maior desordem dos seus escondrijos, dando fortes mugidos, e tão numerosos são estes animaes, que sem a precaução de se encostarem para um lado, ás paredes da gruta, deixando-os sair, os caçadores seriam por certo esmagados. Só quando o grosso da multidão já se escapou, caem então sobre as que ficaram para traz, accommettem-n'as a paulada, dando-

lhes no nariz, transportando em seguida os mortos para fóra da caverna. N'estas expedições é mais para temer que o vento apague o archote, porque sem luz ha o perigo de morrer no fundo d'estes escuros antros.

Na phoca reunem-se notaveis faculdades, que a tornariam apta para a domesticidade, sendo para admirar que o homem não tenha tentado ensinal-a a pescar, como fez á lontra. Pela sua mansidão, sociabilidade, e acima de tudo pela sua intelligencia, que é quasi similhante á do cão, este animal occuparia com utilidade logar na intimidade do homem.

Conhecem-se exemplos numerosos de phocas que, domesticadas em novas, tomaram viva affeição aos donos, acompanhando-os por toda a parte, e que ainda mesmo que d'elles se perdessem a grande distancia, vinham em sua procura. Além d'isto dão pouco incommodo: um tanque cheio d'agua, onde possam banhar-se, e uma casa com o chão coberto de palha, onde repousem, é sufficiente para tel-as em boas condições. Alimentam-se com peixe, e a unica razão importante, que se pode oppôr á conservação d'este animal em domesticidade, é por certo a despeza a fazer com a sua sustentação, pois que para alimental-o carece-se de grande quantidade de peixe. Dá-se com a phoca



Gr. n.° 225 — O phoca de tromba, ou elephante marinho

uma circumstancia curiosa: uma vez habituada a uma especie de peixe, será mais facil morrer de fome, do que comer outra.»

Como já dissemos, as especies da familia das phocas são numerosas, e por isso limitar-nos-hemos a dar conhecimento das principaes.

A PHOCA COMMUM, OU BOI MARINHO

Phoca vitulina, de Linneo — *La phoque commun ou veau marin*, dos francezes

É a especie mais conhecida, e habita nos mares da Europa. Os animaes d'esta especie tem 1,^{m}50 a 1,^{m}80 de comprimento, são brancos, pretos e pardos trigueiros, e teem bigodes curtos e brancos, malhados de trigueiro. O colorido é muito inconstante.

A PHOCA DA GROENLANDIA

Phoca groenlandica —*Le calocéphale du Groenland*, dos francezes

Tem a cabeça negra e o corpo branco, ou branco amarellado, com grandes malhas escuras, largas e alongadas, havendo alguns d'estes animaes com a cabeça e cauda pretas, e outros completamente negros.

Vive no oceano Glacial Arctico e nos mares e estreitos proximos. Encontra-se na Islandia. É mais frequente nas ilhas de gelo fluctuantes, do que em terra firme.

A PHOCA DE CAPUZ

Setemmatopus cristatus — Le Setemmatope à capuchon, dos francezes

Esta especie é a unica d'um genero da familia das phocas, notavel pela singular faculdade que possuem os individuos machos de inchar a pelle da cabeça, de modo que formam como que uma grande ampôlla cheia d'ar. Medem estes animaes $2^m,30$ a $2^m,60$ de comprimento. Encontram-se na Groenlandia, na Terra Nova, e nas costas septentrionaes da Noruega.

A PHOCA DE TROMBA

Macrorhinus proboscideus —Le macrorhin à trombe, dos francezes

Este animal é conhecido tambem por *elephante marinho*, (Gr. 225,) e o nariz prolonga-se em forma de tromba com $0^m,30$ de comprimento. Attinge 8^m a 10^m de comprido, e 5^m a 7^m de circumferencia. Encontra-se no extremo meridional d'America, nas ilhas de Sandwich, Van-Diemen, na Nova Zelandia e nas ilhas do oceano Pacifico.

A PHOCA URSINA

Phoca ursina, de Linneo.—*L'arctocephale oursin*, dos francezes.

E' conhecido este animal mais vulgarmente pelo nome de *urso marinho;* tem vaga analogia com os ursos na cabeça, e caracterisa-se genericamente pela existencia de orelhas, posto que rudimentares. Mede 2^m a $2^m,60$ de comprimento, e tem o pello muito comprido e grosseiro, negro ou pardo escuro, e mais claro n'algumas partes do corpo.

E' frequente nas costas de Kamschatka, e em geral em todo o norte do oceano Pacifico.

A PHOCA CRINITA

Phoca jubata, de Linneo.—*L'otarie a crinière*, dos francezes.

Dá-se geralmente aos animaes d'esta especie a denominação de *leão marinho*, que tão bem lhes fica como a de ursos á especie precedente, pela existencia de pello mais comprido nas costas, á maneira de juba, amarello arruivado, um pouco mais escuro que o do leão e alguma similhança no focinho com o gato. Mede geralmente 4^m. Encontra-se desde o estreito de Behring até ás costas do Japão e da California.

OS TRICHECOS

Les morses, dos francezes

Com a configuração geral das phocas, teem todavia os animaes d'esta familia caracteres que os distinguem d'aquelles. O focinho é mais largo, e principalmente caracterisam-se pelo grande comprimento dos dentes caninos superiores, que teem certa analogia com as defensas dos elephantes.

A especie typica do genero é a seguinte:

O TRICHECO, OU CAVALLO MARINHO

Trichecus rosmarus, de Linneo — *Le morse*, dos francezes

Na sua configuração, como já dissemos, parece-se este animal com as phocas, cujos caracteres descrevemos; attingem de 6^m a 7^m de comprimento e $3^m,30$ a 4^m de circumferencia nas espadoas, pesando de 750 a 1.000 kilogrammas. Hoje é raro encontrar d'estes animaes, e o comprimento ordinario dos trichecos de hoje não vae além de $3^m,50$ a 4^m. Os dentes caninos, longos como já dissemos, teem $0^m,65$ de comprimento.

O corpo é coberto de pello espesso, negro, nos individuos novos; mas á medida que se vae adiantando em annos muda para trigueiro, ruivo, amarello e ruço, ficando por fim quasi branco.

Vive o cavallo marinho ainda hoje em parte do oceano Glacial Arctico, e principalmente no mar de Behring, na Nova Zembla, em Spitzberg, e nas bahias de Hudson e de Baffin.

A' maneira das phocas, com que muito se assimilham nos habitos, são os trichecos animaes sociaveis, reunindo-se por vezes em grandes bandos, passando a maior parte do tempo dentro d'agua, abordando á terra e subindo para os pedaços de gelo fluctuantes apenas para descançar e dormir, salvo na epoca do cio, ou quando as femeas parem, porque então alli se demoram por alguns dias. Encontram-se por vezes sobre as grandes ilhas de gelo bandos de duzentos trichecos, deitados de lado, ou apoiados sobre os membros anteriores. Os dentes são-lhe de grande utilidade, auxiliando-os não só a mover-se em terra, como tambem a subir para as massas de gelo, sobre as quaes se deixam ir por muito tempo á tona d'agua.

Alimenta-se este animal dos pequenos animaes marinhos de todas as especies, principalmente dos caranguejos, e com auxilio dos caninos consegue arrancar os mariscos de concha que adherem aos rochedos, e devora-os.

A femea tem os filhos em abril ou maio, um de cada barriga, affirmando alguns escriptores que tem dois; estão todos porém de accordo em certificar o carinho e grande amor maternal da femea do tricheco, que defende os filhos até á ultima extremidade com firmeza e coragem notaveis.

«Tão depressa presente o perigo, diz Brehm, atira-se á agua com o filho, levando-o entre os membros anteriores ou ás costas. Se matam a mãe, o pequeno entrega-se sem resistencia; mas se este fôr a primeira victima, a luta é certa.

Já o bando todo se poz em fuga, e só as femeas voltam de tempos a tempos ao cimo d'agua, dando rugidos terriveis, e abeirando-se dos corpos dos filhos, que fluctuam ao lume d'agua; agarram-n'os e mergulham com elles, subtrahindo-os aos marinheiros até mesmo na oc-

Gr. n.º 226 — O tricheco ou cavallo-marinho

casião em que estes tratam de içal-os para as chalupas. Se não matarem a mãe, podem dar o filho por perdido, pois ella leval-o-ha para muito longe, passando por debaixo do gelo se tanto fôr mister.

Os individuos que ficam feridos encontram protecção nos companheiros, que os amparam e levam, dando n'estas circumstancias provas de grande intelligencia, trazendo os feridos, de espaço a espaço, ao lume d'agua, para poderem respirar, mergulhando novamente.

O tricheco é naturalmente docil e inoffensivo quando o não provocam; nos sitios onde não teve ainda ensejo para conhecer quanto o homem lhe pode ser nocivo, conserva a indolencia e indifferença que lhe são peculiares, não se movendo á aproximação dos homens e das embarcações. Em terra, vendo-se atacado e ferido, a sua colera é violenta: em todas as acções revela o desejo que tem de vingar-se; mas como não pode defender-se nem perseguir o aggressor, dá gritos furiosos, escarva a terra com os dentes, e faz pedaços tudo quanto topa; debalde se esforça por alcançar o adversario, porque este, para esquivar-se-lhe á colera, basta conservar-se a pequena distancia. No mar, porém, onde pode pôr toda

a agilidade ao serviço da vingança, o tricheco é para temer, tanto mais que basta um ser atacado para que numerosos companheiros venham tomar a sua defesa. Então cercam as canoas, e esforçam-se por atravessal-as com os dentes, para as metter no fundo, ou viral-as carregando-as com todo o peso. Por vezes tentam subir para os barcos, e se os homens fogem a nado, perseguem-nos até perdel-os de vista.

Estes animaes, que n'outro tempo facilmente eram surprehendidos, que se deixavam atacar pelos caçadores sem tentar fugir, narrando-se casos de serem mortos em poucas horas ás centenas — e de um capitão chamado Kykyrez se conta que n'uma só viagem, em 1640, conseguiu matar tão grande numero que fez uma fortuna — hoje, fructo da sua experiencia, reunem-se em bandos menores, e quando repousam em terra postam sentinellas para advertil-os da aproximação do perigo, mettendo-se na agua ao menor indicio de ataque. Resta pois aos caçadores perseguil-os no mar á força de remos e arpoal-os, operação que, pelo que fica dito, se conhece quanto é perigosa. A tiro não é facil matal-os, porque a maior parte das vezes a bala não consegue penetrar-lhes no corpo.

Ouvem-se a grande distancia, e o capitão Coock foi uma vez advertido, de noite, pelos bramidos d'estes animaes, de que se encontrava proximo dos gelos. A voz do tricheco tem tanto do mugido da vacca como do latido do cão, e por vezes transforma-se n'um uivo medonho que lembra vagamente o rincho do cavallo.

A industria utilisa diversos productos fornecidos pelo tricheco, taes como os dentes que dão marfim mais rijo e branco que o das defensas do elephante; a carne d'onde se extrahe azeite superior ao da baleia; e a pelle de que se fazem correias e cordas muito resistentes.

MAMIFEROS

ORDEM DAS SIRENIDAS

Deve-se a denominação d'esta ordem ao vocabulo latino *sirenia*, que na antiga fabula era dado pelos romanos a uns seres phantasticos, appellidados na nossa lingua *sereias*, mulheres da cintura para cima, peixes no resto do corpo, e cujo canto suave era o enlevo e a perdição dos navegantes. Foram os individuos d'um dos generos comprehendidos na ordem das sirenidas, os *dugongos*, que deram origem ás sereias, posto que fôra mister uma imaginação bem escandecida para vêr essas tentadoras virgens do oceano n'um animal feio e massudo, cuja unica similhança com a mulher só poderá encontrar-se na existencia de duas mamas peitoraes salientes, e situadas entre os membros anteriores.

Estabelecem as sirenidas a transição entre as phocas e as baleias, e alguns zoologos fizeram d'ellas tamsómente uma familia da ordem dos cetaceos, com a denominação de *cetaceos herbivoros*.

N'estes animaes só existem os membros anteriores, com os dedos completamente envolvidos na pelle do corpo, havendo perdido a mobilidade, e formando uma especie de remo; a cauda, representando os membros posteriores, tem a fórma de uma barbatana horisontal. Teem a cabeça pequena, focinho grosso e cylindrico, dentes incisivos e mollares, e pello raro, curto e sedoso.

Os dois generos mais importantes, comprehendidos n'esta ordem, são os *dugongos* e os *manatins*, de que em seguida nos occupamos.

OS DUGONGOS

Les dugongs, dos francezes

Caracterisam-se estes animaes pelo focinho obtuso, chato e guarnecido de numerosas sedas curtas e asperas junto aos beiços, que são muito grossos; olhos pequenos, bocca situada quasi pela parte inferior, guarnecida de trinta e dois dentes entre incisivos e mollares, que não teem raizes. Nos membros anteriores não teem unhas, e o corpo termina n'uma barbatana horisontal.

Conhece-se uma unica especie.

O DUGONGO, OU ELEPHANTE MARINHO DO MAR DAS INDIAS

Trichecus dugong, de Linneo — *Le dugong*, dos francezes

É este evidentemente o animal que deu origem á fabula das sereias. Áparte a cabeça, que se assimilha á do hippopotamo, o dugongo tem a configuração geral d'um peixe. A cabeça separa-se distinctamente do pescoço, curto e grosso, que se confunde com o tronco arredondado, e este vae-se adelgaçando até á cauda. Os braços, ou antes as barbatanas peitoraes, são largos e não muito longos, podendo conhecer-se a separação dos

dedos pelo tacto. Tem o beiço superior muito grande, grosso e verrugoso, movediço, fendido ao centro; as ventas na parte superior do focinho, muito proximas, os olhos pequenos, ovaes e salientes, e as orelhas são apenas representadas por duas pequenas aberturas arredondadas.

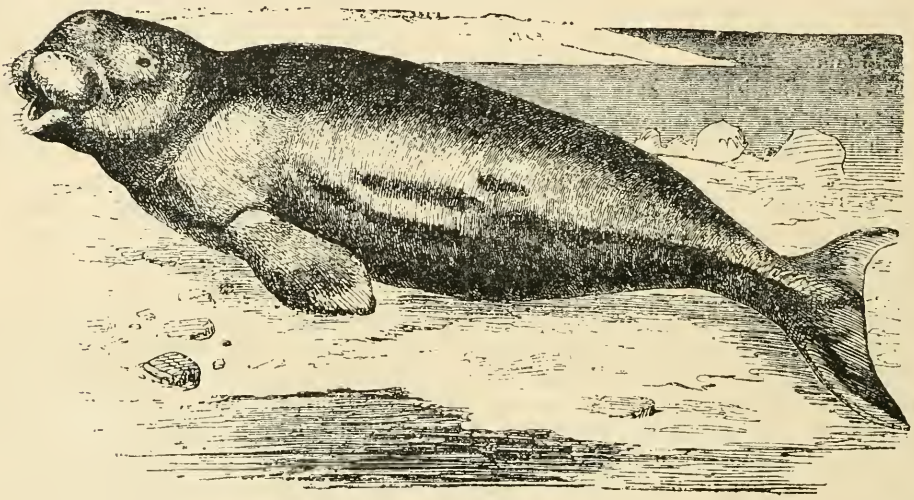
Nos machos existem dois dentes incisivos attingindo ás vezes o comprimento de 0m,20 a 0m,33, que representam duas defensas, cobertas todavia na maior parte pelas gengivas.

A pelle é côr de chumbo, ou parda azulada, tirante nas costas e na cabeça a verde amarellado, com algumas sedas curtas, delgadas e tesas.

Encontra-se este animal em todo o oceano Indico, subindo para o norte até ao mar Vermelho, e é bastante conhecido dos navegantes.

«Infere-se das diversas narrações ácerca do dugongo, diz Brehm, que só vive no mar, encontrando-se raras vezes nas embocaduras dos rios, e nunca subindo. Busca a vizinhança da terra, e no mar não vae além do limite extremo da vegetação. De preferencia conserva-se nas bahias pouco fundas, onde as aguas são mais tranquillas e mais as tempera o sol, alcançando as plantas marinhas maior desenvolvimento.

Não é provavel que voluntariamente venha a terra, e sem duvida os que ahi se teem visto foram trazidos pela maré; em



Gr. n.º 227 — O dugongo

demasia preguiçosos, aguardam que alguma onda os arraste de novo para o mar, seu verdadeiro elemento. O dugongo apparece ao cimo d'agua aproximadamente uma vez por minuto, deixando ver o focinho e algumas vezes metade do corpo, mergulhando em seguida depois de respirar.

Contam os pescadores que o dugongo vive aos pares, e raras vezes em pequenas familias; mas isto só se pode attribuir aos que se encontram nas costas da Arabia; no oceano Indico vêem-se em grandes bandos. Tem este animal os movimentos vagarosos e difficeis, comquanto a cauda seja bem vigorosa. Muitas vezes o tem observado descançando indolentemente no fundo do mar, arrancando com os grossos beiços as algas que tapizam o fundo, e comendo-as tranquillamente. Em quanto uma localidade lhe fornecer sustento que lhe baste, não sae d'ahi, mas abandona-a tão depressa a pastagem submarina d'onde tira o alimento estiver exhausta, emigrando para outro ponto sem nunca se apressar.

As tempestades violentas, que reinam em determinadas epocas no mar das Indias, influem na emigração do dugongo, porque a extraordinaria agitação das ondas obriga-o a procurar nas bahias e nos estreitos local onde não seja perturbado no seu remanso. Este facto é conhecido pela apparição periodica do animal em determinados sitios, na epoca das grandes tormentas.

A intelligencia do dugongo parece es-

tar em harmonia com o massudo e pesado do seu todo; tem pouco desenvolvidos os sentidos, e a voz limita-se a suspiros e gemidos surdos, que nos novos, dizem, são mais agudos. Só na epoca do cio estes seres estupidos dão mostras de mais alguma vivacidade, lutando os machos pela posse das femeas, e então, cegos pela paixão, nada vêem, deixando-se apanhar pelos pescadores.

No mar Vermelho tem a femea um unico filho de cada barriga, nos mezes de novembro ou dezembro, ignorando-se a época da prenhez nos outros mares.»

O dugongo caça-se na epoca do cio, e para apanhal-o servem-se os pescadores de arpéos, escolhendo de preferencia a noite, e guiando-se pelos suspiros do animal, que servem para denuncial-o. Conta-se que dão soccorro uns aos outros, e que o macho ampara a femea quando está ferida, procurando até mesmo subtrahil-a aos pescadores, servindo-se da cauda, e com ella ferindo golpes bastante vigorosos. «Se é morto um do casal, na ausencia do outro, diz Brehm, o companheiro á volta procura o por toda a parte, e só se retira depois de perdida a esperança de encontral-o.»

Do dugongo aproveita-se a carne, a pelle, os dentes e a gordura. Os malaios, os arabes e os abyssinios comem-lhe a carne, preferindo a dos individuos novos; da pelle fazem sandalias, e outr'ora os dentes eram dependurados ao pescoço das mulheres gravidas, como possuindo a virtude de lhes facilitar o parto.

OS MANATINS

Les lamantins, dos francezes.

Os manatins teem a barbatana que lhes termina o corpo arredondada; egual configuração teem as barbatanas peitoraes, por vezes munidas de unhas chatas, de vaga e grosseira similhança com as do homem. Os individuos adultos só teem dentes molares, que, á maneira que se gastam, vão sendo substituidos por outros collocados atraz, como succede nos elephantes. Em todos os outros caracteres são similhantes aos dugongos.

Comprehende o genero tres especies, duas americanas e uma africana, das quaes só duas são bem authenticas, e que vão em seguida descriptas.

O MANATIN DA AMERICA, OU PEIXE-BOI

Trichecus manatus de Linneo — *Le lamantin austral*, dos francezes

Esta especie é a mais conhecida, e medem os animaes n'ella comprehendidos de 3^{m}, a 4^{m},30 de comprimento, e 0^{m},66 a 0^{m},80 de largura, por 8^{m},50 de altura, pesando 250 a 400 kilogrammas. Teem a pelle nua, parda azulada, mais escura nas costas e nas ilhargas do que no ventre, com raras sedas curtas, tesas e amarelladas.

Encontra-se o *peixe-boi*, nome que os brazileiros lhe dão, na foz do Orenoque, do Amazonas, e de todos os grandes rios da America meridional. Os hespanhoes chamam-lhe *manato*.

Vive este animal na agua doce ou na salgada, subindo rio acima, a grandes distancias, afastando-se pouco das margens, sem nunca alargar-se para o alto mar. Reune-se em familias, e estas juntando-se formam bandos, por vezes bastante consideraveis. São doceis e mansos; e emquanto a experiencia os não ensina a temer o homem, deixam que se lhes aproxime, que os toque sem manifestarem receio, sendo mister maltratal-os para que se resolvam a fugir; quando, porém, já teem sido victimas alguma vez das perseguições dos caçadores fogem mal avistam o homem.

Diz-se que são *monogamos*, vivendo constantemente com uma unica femea, á qual amam ternamente, defendendo-a com coragem, e auxiliando-a na creação e educação dos filhos; nem mesmo a morte consegue arrefecer este sentimento, pois o macho conserva-se junto do corpo da femea, abandonando-o só em caso extremo, sendo imitado pelos filhos, que não são menos carinhosos para com a mãe. Os pescadores sabem tirar proveito da affeição que une estes animaes, e sempre que podem buscam de preferencia lançar o arpéo á femea, na certeza de que facil lhes será depois apoderar-se do macho e dos filhos.

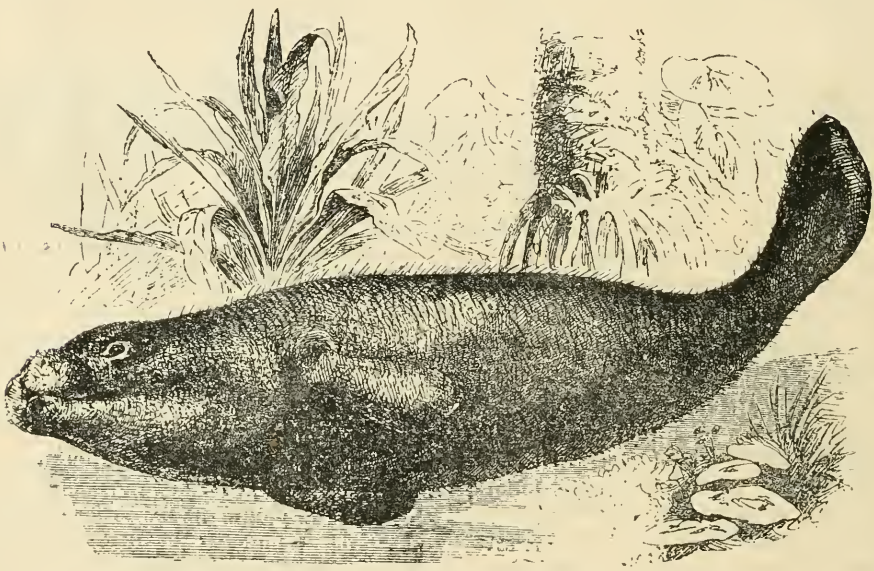
O peixe-boi alimenta-se das plantas marinhas que crescem abundantes nos rios da America do Sul, sendo falso o que por vezes se tem dito que vem a terra em busca do sustento. Come até fartar-se; e depois, se encontra logar pouco fundo onde possa repousar, com o focinho de fóra, evitando assim o trabalho de vir repetidas vezes ao lume d'agua para res-

pirar, ahi se conserva por muito tempo.

Ignora-se qual seja a epoca do cio dos manatins, e não é melhor conhecida a duração da prenhez da femea; sabendo-se, todavia, por ser facil observal-os nos sitios pouco fundos, quanto ella é carinhosa para o filho, estreitando-o contra o peito com uma das barbatanas, emquanto novo, para lhe dar de mamar, e mais tarde vigiando-o com a maior solicitude, guiando-o, e ensinando-lhe a conhecer as plantas que devem constituir a sua alimentação. Como o filho se conserva até tarde em companhia da mãe, por vezes a femea anda acompanhada de dois pequenos, sem que todavia sejam gemeos, porque só nasce um de cada vez.

A pesca do manatim é facil: os pescadores embarcam em pequenas canoas e vão procural-o nas praias pouco fundas, nas embocaduras dos rios, em volta das ilhas, onde estes animaes se reunem em maior numero para comerem as plantas marinhas que n'estes logares abundam, aguardando que venham ao lume d'agua respirar para arpoal-os, puxando-os em seguida para junto da embarcação e acabando ahi de os matar.

No dizer de escriptores antigos, o peixe-boi pode domesticar-se, e consta haver existido na ilha de S. Domingos um d'estes animaes, vivendo n'um lago, sustentado a pão de milho, e que era tão manso que vinha á chamada do dono, da mão d'elle recebia os alimentos, gostava de brincar com as pessoas que conhecia, ás quaes transportava sobre o dorso d'uma para outra borda do lago.



Gr. n.º 228 — O manatim, ou peixe boi

A carne d'este animal passa por ser muito gostosa, assimilhando-se no paladar mais á carne do porco que á do boi; salgada e secca ao sol conserva-se todo o anno.

Nas colonias hespanholas, conta Brehm, faziam da pelle d'estes animaes os instrumentos com que azorragavam os escravos.

O MANATIM, OU PEIXE-MULHER D'ANGOLA

Manatus senegalensis. — Le lamantin du Sénégal, dos francezes

Esta especie é menos conhecida, e encontra-se na foz do Senegal e em toda a costa occidental da Africa até á Guiné meridional. São pouco sabidos os seus habitos, encontrando-se pelos rios acima a grande distancia do mar e até mesmo nos lagos. A carne dizem ser boa, com gosto similhante á do porco, e muito estimada pelos negros.

MAMIFEROS

ORDEM DOS CETACEOS

São os cetaceos como que os peixes dos mamiferos: isto é, conservando os caracteres essenciaes dos individuos d'esta classe,—sangue quente, respiração pulmonar, nascendo vivos do interior do corpo das mães *(viviparos)*, e sendo por ellas amamentados, — teem todavia organisação apropriada á vida exclusivamente aquatica.

Passam as phocas, como já vimos, uma parte da existencia em terra: ahi nascem, dormem e procuram os raios do sol para se aquecerem; as sirenidas possuem ainda a faculdade de poderem vir a terra; os cetaceos, porém, á maneira dos peixes, só na agua podem viver.

Os cetaceos teem a cabeça muito grande, e n'algumas especies monstruosa; o corpo, adelgaçando-se da parte anterior para a posterior, termina por uma barbatana larga e horisontal, que nos peixes é vertical, sendo esta especie de cauda o principal motor d'essas enormes massas animadas que constituem algumas das especies dos cetaceos, porquanto os membros dianteiros, reduzidos a verdadeiras barbatanas, sem unhas, pequena parte tomam na locomoção, parecendo ser destinados principalmente a equilibrar os movimentos.

As ventas, em geral, existem na parte suferior da cabeça, e graças a tal disposição não carecem estes animaes de deitar completamente a cabeça fóra d'agua para respirarem, servindo-lhes estes orgãos, que se denominam *respiros*, para expellirem tambem a grande altura a agua que engolem, merecendo por isso o nome de *animaes sopradores*, porque são conhecidos. A bocca dos cetaceos é muito rasgada, sem beiços, variando muito a dentadura nos diversos generos.

Não teem pello: a pelle é lisa, macia ao tacto, não muito espessa, cobrindo uma forte camada de gordura, que serve não só para diminuir dentro d'agua o peso do corpo do animal, como tambem para lhe substituir o pello, protegendo-o contra o frio. São estes os principaes traços caracteristicos dos mamiferos marinhos comprehendidos na ordem dos cetaceos, e á maneira que formos fazendo a sua descripção, iremos dando simultaneamente os seus caracteres especificos.

Dividem-se os cetaceos em quatro generos, a saber: os *narvaes* ou *unicornes*, os *golphinhos*, os *cachalotes* e as *baleias*.

OS UNICORNES

Les narvals, dos francezes

Caracterisa-se bem este genero á primeira vista pela arma singular de que a natureza dotou os unicornes. De dois dentes incisivos que possuem na maxilla superior, um d'ordinario fica occulto na parte ossea da queixada, e o outro cresce prodigiosamente em linha recta, nos individuos machos, attingindo por vezes a metade do comprimento do corpo do ani-

mal, sendo pontudo na extremidade: um verdadeiro florete de substancia ainda mais rija que o marfim. Teem um unico dente e vale este em comprimento por muitos que possuissem!

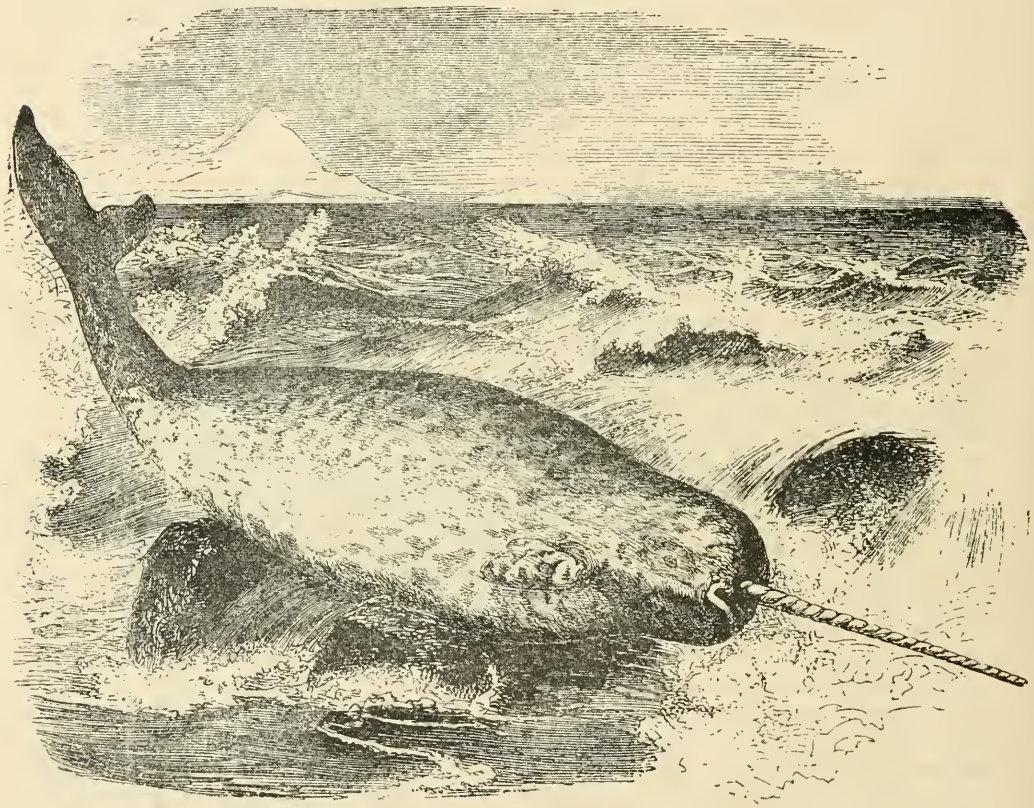
Conhece-se uma especie unica, a seguinte:

O UNICORNIO, OU LICORNE

Monodon moneceros, de Linneo. — *Le narval*, dos francezes

A cabeça d'este animal é relativamente pequena, o pescoço curto e grosso, a barbatana caudal muito grande. A côr da pelle varia segundo o sexo e a edade, sendo branca ou branca amarellada com numerosas malhas escuras, quasi tirantes a pretas nas femeas; os individuos novos são pardos azulados sem malhas. O dente em geral tem de dois a tres metros, e depois de limpo é branco amarellado com a extremidade branca. Mede o unicornio 4 a 5^{m}, podendo attingir, segundo affirmam alguns escriptores, 7^{m}.

Encontra-se este cetaceo nos mares do norte, sendo frequente no mar Glacial



Gr. n.º 229 — O unicornio

entre a Groenlandia e a Islandia, na Nova-Zembla e nas costas septentrionaes da Siberia.

Para os antigos fôra este animal objecto d'um sem numero de fabulas: attribuia-se a este monstro marinho vigor bastante para com o dente atravessar o casco das maiores embarcações, occasionando a perda do navio e a morte de quantos n'elle embarcavam, e tinha-se o dente do licorne por um antidoto infallivel contra qualquer substancia toxica. Hoje, que taes contos se não acreditam, alguns naturalistas affirmam que o unicornio se serve do dente para atacar a baleia, da qual é inimigo figadal, negando outros que taes lutas se dêem entre os dois cetaceos.

«Os unicornes, diz Figuier, arremessam-se por vezes contra as embarcações com tão prodigiosa força e velocidade, tomando o navio sem duvida por alguma presa gigantesca, que se o atacam de lado, fica-lhes o dente pregado no costado e

parte-se ou então o animal é levado a reboque e assim morre.»

São pouco conhecidos os habitos do unicornio, sabendo-se todavia que prefere o mar largo, afastando-se das costas, e sendo raro encontral-o só; na maior parte das vezes formam bandos de 15 a 20 individuos do mesmo sexo. Nos pontos onde os gelos deixam no mar grandes extensões livres, encontram-se aos centos. Alimentam-se de peixes e de molluscos.

«Pelo que se ha averiguado, diz Brehm, os unicornes são pacificos e inoffensivos, vivendo na melhor harmonia não só com os seus similhantes como tambem com as baleias. Nadam juntos uns dos outros, o que vae atraz apoiando o dente sobre o da frente, e muitas vezes cruzam-se os dentes de dois e tres. Os primeiros observadores attribuiram-lhes movimentos vagarosos, o que não é admittido pelos navegantes de hoje, os quaes, ao inverso, dizem que o unicornio é muito lesto, nadando com incrivel rapidez.

Com um unico movimento da cauda voltam-se habilmente para qualquer dos lados, sendo-lhes comtudo difficil dar uma volta completa em espaço acanhado. Todas as vezes que veem ao lume d'agua arremessam-na pelas ventas com grande ruido, e quando é um bando que está proximo, ouve-se como que um enorme gorgolejar, produzido pela passagem simultanea do ar e da agua pelas ventas d'estes animaes.

Nada se sabe ácerca da reproducção do unicornio.

Se outr'ora os dentes valiam quantias consideraveis, sendo raros na Europa, hoje diminuiram muito de preço, posto que não seja genero que appareça em abundancia. Os groenlandezes comem a carne do unicornio depois de secca ou cozida, e a gordura no estado em que a extrahem do animal, servindo-lhes tambem para se allumiarem.

OS GOLPHINHOS

Les dauphins, dos francezes.

Differem os golphinhos dos outros generos dos cetaceos no focinho, mais ou menos alongado, n'algumas especies prolongando-se á maneira d'um bico de ave. Teem dentes nas duas maxillas, ou n'uma só, todos com a mesma configuração; as ventas formam um unico respiro situado pela parte superior dos olhos, e além das barbatanas caudal e peitoraes, algumas especies possuem uma barbatana no dorso.

São numerosas as especies comprehendidas nos golphinhos, mas só nos occuparemos de tres das principaes: o *golphinho ordinario*, a *orca* e a *toninha*.

O GOLPHINHO ORDINARIO, OU DELPHIM

Delphinus delphis, de Linneo — Le dauphin commun, dos francezes.

È evidentemente o golphinho ordinario, muito frequente ainda hoje no oceano Atlantico e no Mediterraneo, a especie cuja historia os antigos enriqueceram á força de fabulas e de superstições. Era o golphinho um animal docil, bom, intelligente, muito reconhecido aos bons serviços que lhe prestavam, affeiçoando-se especialmente ao homem; era grande amador de musica, emfim um composto de tão excelsas qualidades que o tornavam um ser maravilhoso. A Neptuno prestou elle os seus serviços andando o deus em busca d'Amphitrite. — Quando os companheiros de viagem d'Arionte, poeta e musico grego, resolveram matal-o, a fim de lhe roubar as suas grandes riquezas, pediu elle que pela ultima vez o deixassem tanger a lyra, antes de se atirar ás ondas, e aqui um golphinho, que correra attrahido pela melodia, recebeu-o no dorso, levando-o a porto e salvamento. — Plinio narra a historia d'um moço estudante, a quem um golphinho agradecido, por alguns pedaços de pão que com elle repartira, levava todos os dias ás costas para a escola, atravessando o lago Lucrino, e transportando-o depois para casa pelo mesmo processo. Pena é que os golphinhos de hoje não hajam herdado tão estimaveis qualidades, e nos colloquem na dura necessidade de lhes negar tão altos dotes.

Chegou até nós o retrato d'este animal com as fórmas inexactas e grosseiras com que primitivamente o representaram os artistas do tempo de Homero, conservadas nas esculpturas e pinturas modernas, que de certo o leitor terá visto mais de uma vez: cabeça muito grande, bocca enorme, cauda levantada.

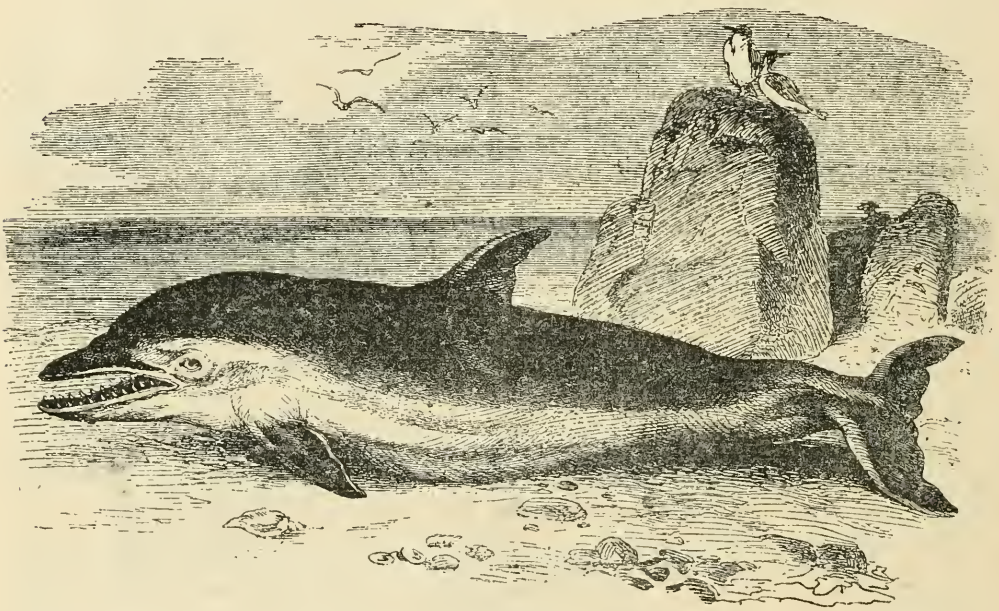
O golphinho da especie a que nos referimos tem o comprimento de 2^{m} a 2,^{m}60, focinho estreito e pouco alon-

gado, destacando-se bem da cabeça; ao todo cento e sessenta e oito a cento e oitenta dentes, finos, pontudos, e um pouco arqueados; barbatanas peitoraes em fórma de fouce, a caudal á maneira de meia lua, e a dorsal bastante alta e pontuda. O dorso é escuro com reflexos esverdeados, passando brandamente ao colorido mais claro do ventre.

Encontra-se o golphinho ordinario em todos os mares da Europa.

Tanto se encontra este animal no alto mar, proximo das costas, como nos rios até onde chega a maré, a maior parte das vezes em bandos de seis a dez individuos. Se topam um navio á vela ou a vapor, andam-lhe em volta por longo espaço, qualquer que seja a velocidade que leve, foliando, dando saltos e cambalhotas, e esta maneira de proceder, que se levou á conta da sociabilidade d'estes animaes, chegando-se a atribuil-a á affeição que tinham ao homem, só tem por fim devorarem os cardumes de peixes que se agglomeram na esteira do navio, attrahidos pelos sobejos que de bordo se lançam ao mar.

O seu alimento é exclusivamente composto de peixe, crustaceos e outros habitantes do mar, sendo terriveis perseguidores das sardinhas e dos arenques, que devoram em grande quantidade.



Gr. n.º 230 — O golphinho ordinario

A femea tem de cada barriga um fillho, raras vezes dois, que ao nascer tem de 0,^{m}50 a 0,60 de comprimento, e ao qual a mãe consagra a maior ternura.

A ORCA

Delphinus orca — L'orque, dos francezes

Esta especie é conhecida de ha muito, e todos os observadores antigos e modernos estão de accordo e affirmam a sua maldade, vigor e voracidade.

A orca é um golphinho vigoroso, havendo-as de comprimento de 10^{m}, tendo de ordinario 5^{m},50 de compridas por 1^{m},75 no seu maior diametro.

A cabeça d'este animal é pequena, o dorso elevado, as barbatanas peitoraes compridas, e a caudal forte e larga, com a fórma de um S. Tem o dorso negro luzidio, o ventre branco, separado por uma linha traçada irregularmente, que parte do lado da cauda e se continua nas ilhargas. Parece que n'outro tempo este animal era mais commum, pois encontrava-se no Mediterraneo, nas costas da Corsega e da Sardenha, sendo hoje frequente ao norte do oceano Atlantico, no mar Glacial e ao norte do Pacifico.

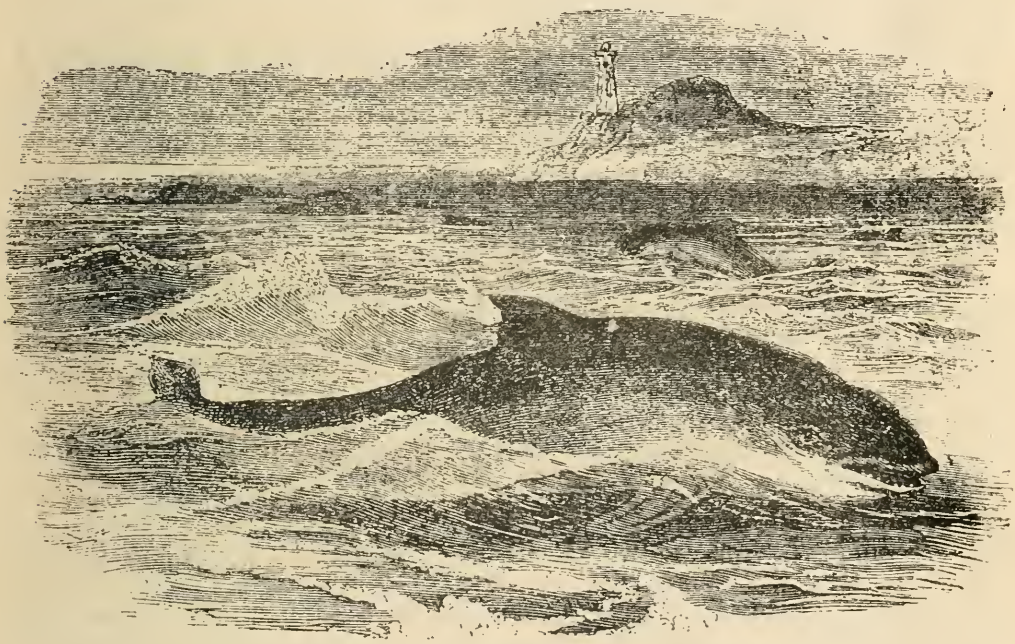
Reunem-se as orcas em pequenos grupos, com a cabeça e a cauda pendidas,

deixando ver apenas a barbatana dorsal, larga na base e adelgaçando para a extremidade, recurva para o lado da cauda, similhante na fórma a um sabre. Nadam com grande rapidez, explorando ao mesmo tempo com os seus olhares perscrutadores o espaço que as cerca, e não se contentando com os peixes miudos, aggridem as phocas e atacam até mesmo o gigante dos mares, a baleia. É o mais forte, o maior, e o mais corajoso e carnivoro de todos os golphinhos.

Reunem-se muitas para assaltar a baleia; mordem-n'a, tiram-lhe pedaços da carne, e quando o enorme cetaceo já afadigado abre a bocca e deita a lingua de fóra, as orcas devoram-lh'a E esta a razão dos pescadores de baleias encontrarem uma vez por outra o corpo de algum d'estes cetaceos sem a lingua.

Para attestar o seu grande vigor, conta Joseph Banks que um d'estes animaes, depois de arpoado, levara a reboque uma embarcação onde estavam quatro homens, contra uma corrente de oito milhas por hora, desde Blackwall até Greenwich.

Com respeito á sua reproducção nada se sabe, ignorando-se até mesmo o numero de filhos que a orca póde ter de cada vez.



Gr. n.° 231 — A toninha

A TONINHA

Delphinus communis, de Linneo — *Le marsouin commun*, dos francezes

A toninha é de todas as especies dos golphinhos a mais conhecida, encontrando-se a todo o momento no mar, na foz dos rios, e até mesmo rio acima, não sendo raro vêl-as subir o Tejo até Lisboa.

Caracterisa-se este animal pelo focinho curto e arqueado, fronte brandamente inclinada, barbatana dorsal pouco elevada, noventa e dois a cem dentes, divididos irregularmente por ambas as maxillas, a maxima espessura no centro do corpo, pelle luzidia, trigueira annegrada com reflexos esverdeados ou violaceos no dorso, e branca no ventre. Mede geralmente a toninha $1^{m},30$ a 2^{m}, raras vezes mais.

A verdadeira patria d'este animal é o norte do oceano Atlantico, encontrando-se todavia no Pacifico e no mar Mediterraneo.

Prefere as vizinhanças das costas ao mar alto, sendo detestada pelos pescadores aos quaes causa enormes prejuizos, destruindo-lhes as redes e devorando-lhes os peixes que alli haviam caido. É sociavel como todos os golphinhos, e por vezes encontra-se este animal em grandes

bandos, nadando com grande rapidez, abaixando e levantando alternadamente a cabeça e a cauda, fazendo o corpo n'um arco. Quando anda ao lume d'agua, parece avançar ás cambalhotas.

É muito frequente vêl-as brincar umas com as outras, saltando fóra d'agua, sendo tido como certo que mais repetem este manejo quando o mau tempo está proximo. Comquanto acompanhem a marcha d'um navio a vapor, mais lhes apraz ir de conserva com os de vela, seguindo-os ás vezes na extensão d'uma legua, vindo de tempos a tempos á superficie d'agua como que para observar a embarcação e os marinheiros; depois mergulhando descrevem uma grande curva, passando pela prôa do navio e voltam de novo a postar-se ao lado.

A alimentação da toninha consiste em peixes, parecendo que os arenques e os salmões lhe merecem preferencia, pois que para perseguir os ultimos sobe pelos rios acima, difficultando sobremaneira a pesca.

Na época do cio, que é de junho a agosto, andam muito excitadas; perseguem-se os machos com furor, e correm apoz as femeas. Dura n'estas a prenhez nove ou dez mezes, e de cada vez teem um ou dois filhos, sendo tão carinhosas para elles como os outros cetaceos, e defendendo-os com denodo em frente do perigo. Dão-lhes de mamar e conservam-n'os em sua companhia até á edade de um anno, em que são quasi adultos.

Pesca-se a toninha ainda hoje no Norte para lhe aproveitarem a carne, e a gordura, como fazem os laponios e os groenlandezes. N'outro tempo a carne d'este cetaceo era muito estimada na Europa, e tida como um manjar delicioso que se servia nas primeiras mesas; hoje, porém, está reduzida a fazer parte da alimentação dos pobres habitantes das povoações á beira-mar, e dos marinheiros privados durante muito tempo de carne fresca. O azeite que se extrahe d'este animal é mais fino que o da baleia, e por isso mais estimado, servindo aos groenlandezes para temperarem os alimentos. Bebem-n'o como nós um copo de bom vinho.

Este animal é pois bastante util para certos povos, e compensa vantajosamente os damnos que por ventura possa causar.

OS CACHALOTES

Les cachalots, dos francezes

Comprehende-se n'este genero uma especie de cetaceos de tamanho colossal, cabeça enorme, equivalente a uma terça parte do comprimento total do corpo, com dentes bem desenvolvidos na maxilla inferior, longos e similhantes uns aos outros, rudimentares ou nullos na maxilla superior. Os zoologos modernos admittem uma unica especie.

O CACHALOTE

Physeter, de Linneo—*Le cachalot a grosse tête*, dos francezes

Só a baleia excede em corporatura o cachalote, que attinge por vezes 20^{m} de comprimento por 9^{m} de diametro. As membranas peitoraes são relativamente curtas, apenas teem 1^{m} de comprimento e 0^{m},66 de largura, tendo a membrana caudal 6^{m},30 de larga. A femea é mais pequena.

A cabeça d'este animal é longa e larga, quasi quadrangular, sem apparencia de pescoço que a divida do tronco; é tão larga e alta como o resto do corpo, e este termina-se por uma larga barbatana, profundamente fendida. A pelle é lisa e macia, negra ou annegrada com reflexos esverdenhados, e a do ventre branca.

O cachalote é cosmopolita, vive em todos os mares do globo, sendo todavia raro encontral-o nos mares polares. Os inglezes e americanos pescam estes animaes nos mares da India, do Japão e das Molucas. De longe a longe vê-se algum d'estes cetaceos nas costas da Europa.

«Os cachalotes percorrem os mares em bandos numerosos, diz Brehm, á imitação dos golphinhos, procurando os sitios mais fundos, proximos das costas mais escarpadas, desviando-se das praias pouco fundas. Dizem os baleeiros que á frente dos bandos anda um individuo macho, dos mais vigorosos, que defende as femeas e os pequenos das aggressões dos outros animaes. Os machos velhos vivem isolados, ou entre si constituem pequenas familias. Em determinadas occasiões reunem-se diversos bandos, e formam um só, composto de centenas de individuos.

Pelos movimentos mais se parece o cachalote com o golphinho do que com a baleia, e só aos cetaceos mais velozes ce-

de em ligeireza. Quando nada tranquillamente percorre de tres a quatro milhas inglezas por hora; mas quando alguma coisa o excita, corta a agua com grande rapidez, levantando-a em vagas que vão morrer ao longe, e rivalisando no andamento com o navio mais ligeiro.

Conhece-se a distancia o cachalote pelos movimentos. Se senão inquieta deslisa pela superficie da agua; mas quando nada agitado dá grandes pancadas com a cauda, umas vezes levantando a cabeça muito fóra d'agua, e outras mergulhando-a profundamente. Ás vezes conserva-se em posição vertical, com a cabeça ou a cauda para cima, dá dois ou tres saltos fóra d'agua, e mergulha em seguida por muito tempo. D'ordinario os individuos que compõem um bando alinham-se n'uma longa fila, uns atraz dos outros, mergulhando e soprando a agua pelos respiros, todos ao mesmo tempo. É raro vel-os quietos,e só quando dormem se conservam estendidos, quasi immoveis, á superficie da agua

O cachalote póde demorar-se vinte minutos debaixo d'agua, mas passado este tempo carece de respirar ao ar livre, fazendo de 30 a 60 inspirações em 10 ou 15 segundos; e depois de haver desembaraçado o sangue do acido carbonico, póde de novo mergulhar e conservar-se por muito tempo debaixo da agua. Quando se agita demasiadamente respira maior numero de vezes e mais rapidamente. Dizem os baleeiros que se conhece o cachalote pelo ruido que faz quando sopra, ruido tão especial que é difficil confundil-o com o produzido pelos outros cetaceos.

O tacto é, segundo se affirma, o sentido mais perfeito d'este animal. A pelle coberta de papillas nervosas finissimas é apta para sentir as mais leves impressões; a vista é boa, e o ouvido pouco apurado.

Quanto á sua intelligencia, o cachalote mais se parece com o golphinho do que com a baleia, posto que fuja do homem e pareça temel-o mais do que aquelle amigo do marinheiro. Se o atacam, então toda a sua timidez degenera em furor, e mostra-se disposto a combater, com tal sêde de vingança, que não se encontra egual em nenhum dos cetaceos.

Os cachalotes alimentam-se principalmente das diversas especies de molluscos cephalopódios, sendo natural que da mesma fórma devorem os peixes pequenos que se lhe introduzem na enorme bocca, sem que elles os persigam. No dizer dos antigos navegadores, estes animaes atacam os tubarões, as phocas, os golphinhos e até mesmo as baleias, mas os observadores modernos, e de maior confiança, nada sabem sobre este ponto, e só affirmam que os cachalotes comem por vezes substancias vegetaes, havendo-se-lhe encontrado no estomago fructos de diversas especies, que na corrente dos rios foram levados para o mar.

Em todas as epocas do anno se teem encontrado as femeas d'estes animaes occupadas em alcitar os filhos. Bennett, a quem se devem as informações tidas por mais exactas ácerca dos cachalotes, só observou femeas no acto de amamentar os filhos em março, abril, outubro e novembro, o que não prova que houvessem nascido n'aquelles mezes. De cada barriga nasce d'ordinario um unico filho, havendo quem affirme ter visto dois em companhia d'uma femea. Os recemnascidos teem de 4 a 5 metros de compridos, nadam alegremente em volta da mãe, e acompanham-n'a em todas as suas excursões. Quando a mãe quer dar-lhe de mamar, colloca-se de lado, e o pequeno segura o bico da mama ao canto da bocca.

De ha muito que os baleeiros perseguem os cachalotes, mas só no fim do seculo XVII se regularisaram as pescas d'este cetaceo. Em 1677 os americanos armaram os primeiros navios para esta pesca, seguindo-lhes o exemplo os inglezes cem annos depois. Desde o principio d'este seculo que os mares do Sul são de preferencia frequentados pelos pescadores, quasi todos inglezes e americanos do Norte. De 1820 a 1830 os baleeiros inglezes obtiveram 46,933 toncladas de espermaceti, isto é, 4,600 toncladas por anno.

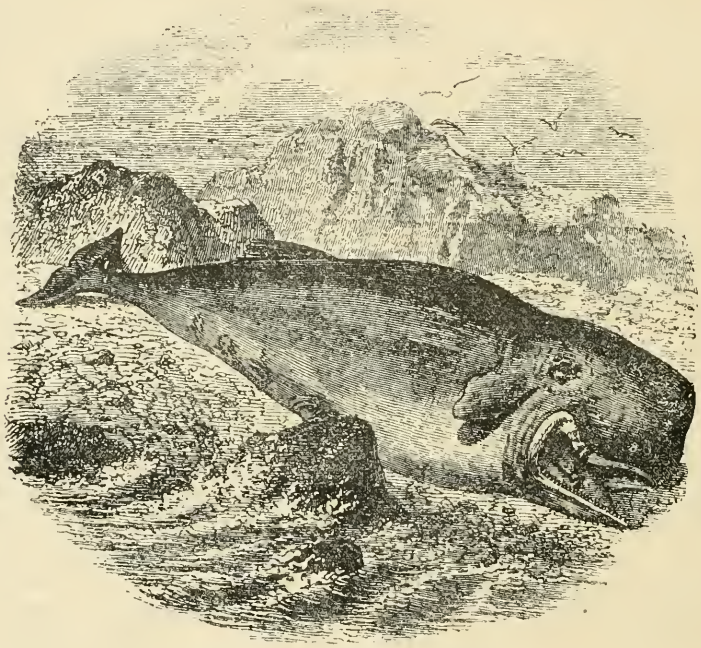
Em 1831 e 1832 a cifra subiu a 7:605 e 7:615 tonelladas, diminuindo d'ahi em diante, tão grandes eram as despezas com a armação dos navios como incerta a pesca, posto que o lucro fosse consideravel, não valendo uma tonelada de espermaceti menos de 18 libras esterlinas.

A pesca ao cachalote é mais perigosa do que a da baleia. E' raro que esta faça frente aos seus aggressores, emquanto aquelle, pelo contrario, se o atacam não só se defende, mas investe corajosamente

contra os que o perseguem, servindo-se da cauda e dos dentes como armas terriveis. Registra a historia muitos casos de sinistros occasionados pelos cachalotes.

Uma parte da tripulação do navio *Essex*, depois de ferir um d'estes animaes, viu-se na necessidade de se acolher ao navio porque o cachalote lhe fizera avarias na canoa com uma pancada dada com a cauda. Em quanto estavam occupados em reparar os estragos, outro d'estes cetaceos surgiu a pouca distancia do navio, observou-o por espaço de um minuto, e mergulhou. Instantes depois voltou ao lume d'agua, arremessando-se então contra a embarcação, e dando-lhe tal pancada com a cabeça, que a tripulação julgou ter tocado n'algum recife. O animal furioso voltou á carga, e d'esta vez mettendo a pròa dentro, conseguiu fazer sossobrar o navio, salvando-se apenas uma parte da tripulação.

Um navio americano, o *Alexander*, foi mettido a pique por um cachalote, e outro, uma barca chamada *Cook*, deveu a um tiro de peça bem empregado não ter egual destino. Quatro mezes depois do naufragio do *Alexander*, a tripulação do *Rebecca* pôde apanhar um enorme cachalote sem resistencia, encontrando-se-lhe no corpo dois arpéos com o nome de *Alexander*, e na cabeça grandes e horriveis ferimentos, onde existiam enterrados pedaços volumosos do costado d'um navio.



Gr. n.° 232 — O cachalote

Citam-se até mesmo casos d'estes animaes atacarem os navios sem provocação. Uma embarcação ingleza carregada de fructa, o *Waterloo*, foi no mar do norte mettida a pique por um cachalote. Seria difficil enumerar todos os navios, cuja perda se deve a algum d'estes terriveis cetaceos.»

O homem, a ser verdade o que contam os pescadores islandezes, não está livre de servir de pasto a estes monstros, pois que, segundo os primeiros affirmam, estes animaes muitas vezes deitam a bocca ás embarcações bastante leves, de que usam os povos do Norte, viram-n'as, e devoram a tripulação.

Beale diz ter visto muitas vezes, durante as suas viagens, bandos de duzentos a trezentos cachalotes; assistindo a furiosas lutas entre alguns, que se aggrediam buscando cada qual agarrar o contendor pela queixada inferior.

Acêrca dos productos que este animal fornece, escreve Figuier os seguintes periodos que transcrevemos.

«A pesca do cachalote é muito importante para a industria. Um só d'estes animaes póde dar cem toneladas d'azeite, e sendo o preço por tonelada 45$000 réis, o valor total do azeite fornecido por um d'estes mamiferos marinhos monta a réis 4:500$000.

A industria e as artes aproveitam ainda outros productos do cachalote, a saber: o marfim, o ambar-gris e o espermaceti.

Os dentes fornecem marfim, mas de má qualidade.

O ambar-gris é uma especie de calculo intestinal, ou antes uma parte dos alimentos do cachalote imperfeitamente digeridos. É o resultado d'uma doença, e como o melhor seja chamar ás coisas pelos seus nomes, o effeito d'uma forte constipação de ventre: os excrementos alterados, modificados, coagulados e consolidados transformam-se em ambar-gris. A origem d'esta substancia, tão estimada pela suavidade do aroma, nada tem de limpa, e é motivo bem para admirar que de si exhale particulas tão odoriferas.

Lacépede nota que as dejecções de muitos mamiferos, taes como os do boi e dos porcos, exhalam, dias depois, cheiro analogo ao do ambar-gris, e que os molluscos de que se sustenta o cachalote, em quantos vivos, e até mesmo depois de seccos, cheiram com pequena differença ao ambar-gris. Onde o ambar foi parar!!

Esta substancia encontra-se no canal intestinal do cachalote, sob a fórma de quatro a cinco bolas, ou pedaços de fórma irregular. É de ordinario bastante rija, adherindo ao gume da faca com que se raspa, á similhança da cera, e tornando-se molle e unctuosa ao contacto do calor brando. O aroma cresce quando se esfrega ou se aquece, e é tão pouco densa esta substancia que sobrenada na agua, devendo-se a esta circumstancia serem encontradas muitas vezes porções de ambar-gris junto das praias ou no mar. A quantidade que se extrahe dos intestinos de um cachalote pesa 500 grammas, encontrando-se todavia n'alguns de cinco a dez kilogrammas. A perfumaria emprega grandes quantidades d'esta substancia tão subtil e suavemente aromatica.

O espermaceti é um oleo concreto, fluido emquanto o animal vive, e que se condensa em frio. É branco, luzente, nacarado, macio ao tacto e estalando facilmente.

Emprega-se no fabrico de velas que servem para illuminações luxuosas, e em diversos preparados de perfumaria e de pharmacia. Um cachalote de 19 metros de comprido póde dar até tres mil kilogrammas de esparmaceti.

Este producto existe n'uma especie de canal sobre o comprido, formado pela juncção dos ossos do craneo e os da face, que não tem menos de dois metros de profundidade. É separado distinctamente da cavidade onde está o cerebro, sendo esta muito pequena.

A materia oleosa e por consequencia leve, contida na cabeça do cachalote, parece uma previsão da natureza. Aquella cabeça enorme, que o animal a muito custo poderia erguer, augmentando-lhe o peso do corpo e difficultando-lhe os movimentos, torna-se, pela existencia do oleo que n'ella se contém, como que um apparelho de fluctuação, com a ajuda do qual o mamifero marinho póde sem esforço pôr em contacto com o ar o respiro situado sobre o focinho.»

AS BALEIAS

Les balaines, dos francezes

Este ultimo genero dos cetaceos comprehende os maiores animaes que vivem no globo, cuja cabeça é enorme, medindo um terço ou mais do comprimento total do corpo. A bocca, desmedidamente rasgada, não tem dentes, e para substituil-os existem na maxillia superior longas laminas triangulares, dispostas como os dentes d'um pente, a que se dá o nome de *barbas de baleia*.

O genero divide-se em muitas especies, algumas pouco conhecidas, e das quaes a *baleia ordinaria* é a mais perseguida pelos baleeiros. A esta se refere a descripção que damos em seguida.

A BALEIA ORDINARIA

Balæna mysticetus, de Linneo.—*La baleine franche*, dos francezes

Este colosso, o maior animal da creação contemporanea, mede regularmente 20 metros de comprimento, posto que alguns escriptores antigos e até mesmo modernos falem de baleias com 35 metros e mais. A um individuo do tamanho regular de 20 metros, corresponde a circumferencia de 10 a 13 metros na

parte posterior das barbatanas peitoraes, e deve pesar 150.000 kilogrammas! A cabeça toma aproximadamente um terço do comprimento total do corpo, a bocca é enorme, rasgada até á base das barbatanas peitoraes, medindo 5 a 6 metros de comprimento por 3 a 4 metros de larga, e n'ella entraria sem difficuldade uma canoa e a sua tripulação. O tronco é cylindrico, e continua-se á cabeça sem pescoço apparente que o separe; as barbatanas peitoraes teem 2 a 3^{m} de comprimento por 1^{m},30 a 1^{m},60 de largura, e são ovaes, muito flexiveis e movediças. E' immensa a barbatana caudal, tem 1^{m},60 a 2 metros de comprimento e 6 a 8 metros de largura, formando um monstruoso leme com a superficie de muitos metros quadrados.

Tem dois respiros na parte mais elevada da cabeça, a 3 metros aproximadamente da extremidade do focinho, os olhos são pequenos, não excedem aos do boi, collocados aos lados da cabeça, junto dos cantos da bocca, muito proximos das espadoas. A lingua attinge regularmente até 8 metros de comprimento por 4 metros de largura, e só ella fornece cinco a seis toneladas d'azeite.

As laminas que substituem os dentes, que, como já dissemos, teem o nome de barbas de baleia, bem conhecidas de todos, medem algumas 5 metros, e existem aproximadamente setecentas, trezentas e cincoenta de cada lado da maxilla superior.

A pelle é relativamente pouco espessa, 0^{m},2 de grossura, e cobre uma camada de gordura de 0^{m},20 a 0^{m},50, que lhe reveste todo o corpo. A pelle é lisa, não tem pellos, é oleosa, e de tal maneira luzente, que exposta ao sol brilha á maneira d'uma lamina d'aço polido. D'ordinario a baleia é preta, encontrando-se algumas que teem a parte inferior da cabeça e o ventre brancos.

A baleia ordinaria vive nos mares septentrionaes, encontrando-se ao longo das costas do norte da Europa, da Asia e da America; atravessando pelo estreito de Behring chega ao Kamtschatka. Abundam principalmente nas aguas da Groenlandia, no estreito de Davis e no mar de Behring.

Merece o gigantesco cetaceo, de cuja historia nos occupamos n'este momento, descripção vasta e minuciosa, pois são curiosos os pormenores do seu viver, e não menos interessantes os episodios da pesca d'este productivo mamifero. Da obra de Luiz Figuier, *Os mamiferos*, transcrevemos o que ácerca da baleia diz aquelle sabio escriptor, posto que sejamos obrigados a não dar na integra a longa descripção que alli se lê.

«A baleia passa parte da sua vida á superficie da agua e o resto no seio do mar, á profundidade de duzentas ou trezentas braças. Um enorme redemoinho que se observa ao lume d'agua annuncia que a baleia, saindo das profundezas do oceano, se aproxima da superficie da agua. Primeiro é um ponto negro que se vê surgir, a extremidade do focinho, seguindo-se immediatamente os respiros, depois uma parte maior ou menor do dorso, até que finalmente apparece a cauda.

Tão depressa os respiros se elevam acima d'agua, uma dupla columna de vapor branco, mais ou menos espessas, elevam-se ao ar a muitos metros de altura, com a forma de um V. Em seguida a este *sôpro* os respiros desapparecem de novo, e durante trinta ou quarenta segundos o animal deslisa á superficie da agua, de modo que o espectador póde atravez do liquido que cobre o animal, distinguir-lhe o colorido azulado do corpo. Um momento depois o ponto negro volta a appparecer, em seguida os respiros, e finalmente repetem-se os sôpros.

Este manejo alternado da respiração e progressão á superficie da agua dura de oito a dez minutos, durante os quaes sairam sete ou oito jactos de liquido pelos respiros, o primeiro mais espesso que os seguintes, e o ultimo tão forte e prolongado como o primeiro, annunciando que a baleia vae de novo mergulhar: agita a cauda repetidas vezes, de traz para diante, e desapparece. Passam-se trinta ou quarenta minutos, ás vezes mais, findos os quaes o cetaceo volta de novo á superficie da agua, e repete os sopros irregulares e periodicos.

E' d'este modo, diz Thiercelin, que as baleias passam a vida, alternadamente debaixo ou á flôr d'agua, de dia e de noite, faça bom ou mau tempo, qualquer que seja a estação. Ha quem affirme que a baleia não dorme. Se dorme, de que se não pode duvidar, estes movimentos devem executar-se durante o somno, porque são indispensaveis á respiração, e portanto automaticos como os movimentos respiratorios.

O ruido produzido pela respiração da baleia ouve-se a alguns centos de metros de distancia, se o animal está tranquillo; distingue-se porém a muitos kilometros se o medo ou a colera o trazem agitado. Thiercelin compara-o ao que produziria uma fortissima columna d'ar, projectada por um immenso folle de ferreiro, e passando por um tubo de cobre ou bronze: é uma nota fortissima, e bastante grave, sustentada por oito ou dez segundos...

Ao falar dos movimentos da baleia, indicámos apenas, segundo o doutor Thiercelin, o seu modo de proceder quando, para assim dizer, o gigantesco cetaceo vae de passeio. Qual será, porém, a velocidade da sua andadura quando viaja? Affirma Lacépède que ella percorre 660 metros por minuto: isto é, ganharia em velocidade aos ventos alisios. [1] Duplicando-a, excederia a do vento mais impetuoso, e sendo apenas trinta vezes mais veloz caminharia tão rapida como o som.

Partindo d'esta hypothese, Lacépède faz o seguinte curioso calculo. Suppondo que bastam á baleia doze horas de repouso por dia, ser-lhe-hiam sufficientes quarenta e sete dias para dar a volta ao mundo, seguindo o equador; e vinte e quatro para ir d'um a outro polo, ao longo d'um meridiano. Estes calculos do illustre naturalista francez baseam-se na velocidade um tanto exagerada attribuida ao animal, em quanto que outros autores, ficando, pelo contrario, áquem da verdade, pretendem que a baleia não percorre mais de tres leguas por hora. D'esta opinião é o engenhoso Boitard.

Para alimentar a vida n'este immenso organismo, prover ás necessidades d'um continuo movimento, e manter o sopro creador que anima estes seres extraordinarios, que quantidade e qualidade de substancias alimenticias são necessarias?!

Compõe-se a alimentação da baleia de seres infimos, e, no dizer de Lacépède, de molluscos e caranguejos. É o numero que compensa a pequenez.

O doutor Thiercelin diz que nos sitios onde se pesca este cetaceo, na primavera e mais principalmente no verão, o mar tinge-se em partes de escuro, e que tal côr deve-a a pequenos crustaceos com a fórma de lagosta, crustaceos cujo diametro não excede a dois millimetros. Existem bancos formados d'esta substancia animal, com dez, quinze e vinte leguas de comprimento por algumas de largura, e com a espessura de tres a quatro metros. É mesa digna do conviva, senão pela variedade das iguarias, ao menos pela abundancia! A baleia refestella-se n'estes bancos tão ricos de alimento, e pasta, para assim dizer, n'um prado immenso e copioso. Dá Thiercelin alguns pormenores ácerca do modo porque a baleia recebe os alimentos.

Abaixa a maxilla inferior, estendendo sobre ella a lingua, e avança depois vagarosamente pelo meio dos animalculos que pretende devorar. A bocca, se tal nome póde caber a tão descommunal sorvedouro, apresenta n'esta occasião uma abertura anterior, imperfeitamente triangular, de seis a sete metros de envergadura. A medida que o animal caminha, a agua que se introduz na bocca pela frente sae coada pelas barbas, ficando os animalculos presos aos pellos d'estes dentes singulares, ou collados ao céo da bocca. Depois de haver percorrido por esta fórma quarenta ou cincoenta metros, modera a andadura, fecha a bocca, e avolumando a lingua quanto baste para occupar toda a cavidade boccal, obriga a agua a sair pelos intersticios das barbas, e é então que com a ponta da lingua, descrevendo um movimento de rotação, reune todos os animalculos n'um bolo alimentar, leva-o á entrada da pharynge, onde pela deglutição passa ao esophago, entrando no estomago. Feito isto a baleia deixa de novo cair a maxilla inferior, e recomeça tão facil pesca.

Custa-nos a acreditar que este cetaceo se contente apenas com tão infimos crustaceos, não nos parecendo que desdenhe as alforrecas, os molluscos, e até mesmo alguns peixes.

A baleia, além de todos os actos a que antecedentemente nos referimos, necessarios ao equilibrio do seu colossal organismo, sente a necessidade de cooperar para a perpetuação da sua especie, e por isso no começo da primavera encontram-se machos isolados em busca das femeas, formando em breve bandos de seis a oito individuos, e raras vezes mais, bandos que se dissolvem a pouco e pouco á medida que os machos e as femeas, ligando-se mais intimamente, vão acasalados ao lado um do outro, emprehender a viagem nupcial. Eil-os a cami-

[1] Ventos geraes que sopram regularmente entre os tropicos, de leste para oeste.

nho, foliando, pescando de companhia, dando saltos gigantescos, reviravoltas, e em torno d'elles, a distancias consideraveis, o mar agita-se, e remoinham as ondas.

Os machos, antes da época em que as femeas devem ter os filhos, vão em busca de logar asado para o acto, n'alguma enseada ou bahia bem abrigada, em fundo d'areia, e só depois d'elles voltarem da inspecção, as femeas para alli se dirigem. O parto tem logar pelo meiado do outono.

Nascido apenas, o baleato gira em volta da mãe, e esta, para lhe dar de mamar, colloca-se de lado tanto quanto seja mister para que a têta fique ao lume de agua; só depois de repetidas tentativas mal succedidas o pequeno consegue metter o bico da mama na bocca, ainda desprovida de barbas, e com o auxilio da lingua, já bastante desenvolvida, sorve o leite maternal. Tal ama tal cria! Quantos litros de leite absorverá o pequeno de cada sorvo?»

Interrompida por um momento esta transcripção, digamos ao leitor que a baleia pare um filho de cada barriga, raras vezes dois, e que o recemnascido tem a bagatela de seis metros de comprido por cinco de circumferencia, pesando cinco toneladas ou cinco mil kilogrammas.

«Em breve, continuando a descripção de Figuier, ha pouco interrompida, o baleato é desmamado, porque ao fim de seis semanas ou dois mezes as barbas teem crescido, e póde elle proprio procurar o alimento no seio da grande nutriz, o oceano. A baleia tem extremos de ternura pelo filho, ama-o excessivamente, cuida-o, guia-o, defende-o, sacrifica a propria vida para salval-o. Quando o pescador topa uma baleia acompanhada pela cria, é esta que elle primeiro busca arpoar, como sendo menos vigorosa e agil, e sem experiencia. Não falta, todavia, a mãe a vir collocar-se entre o filho e o seu aggressor, empurrando o pequeno com o auxilio das barbatanas anteriores e do corpo, para obrigal-o a precipitar a fuga. E se apezar d'estes estimulos não anda tão rapidamente que possa escapar ao perigo, a mãe, passando-lhe uma das barbatanas por baixo do ventre, ergue-o, e leva-o d'este modo encostado a si, fugindo ambos.

Espectaculo admiravel e pathetico, que até mesmo nas profundezas dos mares boreaes, e no coração do mais colossal dos seres vivos, nos permitte avaliar quanto póde o divino sentimento da maternidade! E folgue o leitor sensivel, porque a mãe, n'alguns casos, consegue levar o filho são e salvo, posto que nem sempre a sua vigilancia e actividade possam triumphar das armas terriveis que o homem emprega.

N'este ultimo caso a sua dôr manifesta-se pela vivacidade e incerteza dos movimentos; obstinando-se em salvar o ferido, olvida que a propria vida corre risco, esforça-se por leval-o comsigo, e é então que a seu turno a morte a alcança, por não querer abandonar o filho que inutilmente defendia. E é esta a unica phase da vida da baleia em que este animal se mostra corajoso, fazendo frente aos seus inimigos. Sempre que se não trata de defender o filho, é extremamente timido.

O macho é muito dedicado á femea, e ao vêl-a aggredida usa mil esforços para salval-a. Gira em torno d'ella, tenta arrancar-lhe o ferro que a feriu, e posto que se não atreva a atacar os inimigos, é certo que não abandona a companheira, e as mais das vezes perde a vida victima da sua dedicação.

Tem este gigante dos mares outros inimigos afóra o homem, e d'elles o mais perigoso e cruel é a orca. Estes golphinhos, no dizer de Lacépède, reunem-se em bandos, avançam em ordem contra a baleia, atacam-n'a por todos os lados, atormentam-n'a, mordem-n'a, afadigam-n'a, obrigam-n'a a abrir a bocca, e devoram-lhe a lingua. [1]

Lacépède diz mais que os unicornes e os espadartes a accommettem com as longas defensas, e o tubarão enterra-lhe no ventre as cinco enfiadas de dentes pontudos, arrancando-lhe com estas terriveis tenazes enormes pedaços da pelle e dos musculos. No dizer do mesmo autor, a baleia, depois de ferida, quando já tem perdido muito sangue, morta de fadiga, póde ser atacada pelos ursos brancos, animaes tão temiveis como vorazes, aos quaes a fome dá maior ousadia. Depois de morta, quando o corpo colossal fluctua ao cima d'agua, torna-se facil presa das lixas, das aves marinhas e dos ursos brancos. Devem ci-

[1] No nosso artigo *A orca* referimos esta circumstancia.

tar-se ainda, no numero dos inimigos da baleia, alguns molluscos e crustaceos que lhe adherem á pelle, e ahi se multiplicam como se fôra n'uma rocha. Suspensos do dorso da baleia, são estes animaesinhos presa das aves marinhas que veem cevar-se, ou apenas petiscar no dorso do gigantesco cetaceo, redundando tal facto em seu proveito, porque assim o livram d'aquelles perigosos parasitas. As baleias só frequentam os mares frios. Affirma-se que nunca se encontram na zona torrida, e que o equador é barreira para ellas insuperavel.

Os pontos do hemispherio norte onde principalmente se encontra a baleia são: a Groenlandia, o Spitzberg, os estreitos de Davis e de Behring, o mar de Okhotsk, o Japão, a costa noroeste da America etc.; e no sul póde dizer-se que por toda a parte, a partir do grau trinta e quatro a trinta e cinco até ao circulo polar.

Citaremos como pontos principaes as costas occidentaes e do sul da Africa, as ilhas Tristão, o Cabo da Boa Esperança, as ilhas Mauricias, Madagascar, São Paulo, Amsterdam, Van Diemen, a Australia, a Nova Zelandia, o Chili, o Cabo Horn, as ilhas Malouines, as costas do Brazil etc.»

Para dar aos nossos leitores, n'uma descripção concisa, alguns pormenores dos mais interessantes da pesca da baleia, diremos o que sobre tal assumpto escreve o distincto naturalista A. Brehm.

Aos vasconços cabe a honra de terem, nos seculos XIV e XV, esquipado os primeiros navios que se empregaram na pesca da baleia. Nos primeiros tempos perseguiram-n'a a pouca distancia das costas do seu paiz, mas em 1372, pouco tempo depois de descoberta a bussola, esses ousados navegadores fizeram-se de vela para o norte, e deram fundo em ponto mais asado a esta pesca. Não obstante todos os perigos a que se expunham, e o rigor do clima, adiantaram-se até á foz do S. Lourenço e ás costas de Labrador. Em 1450 os bordelezes emprehenderam esta pesca, e praticaram-n'a na parte oriental do oceano Glacial. Veiu então a guerra civil paralysar o commercio e a marinha dos vasconços, e a dominação hespanhola, em 1633, pôz termo d'uma vez a estas pescas.

Os successos obtidos tinham, porém, servido de estimulo a outros povos, e no seculo XVI os inglezes, e pouco depois os hollandezes, foram até aos mares da Groenlandia. Diz-se que os marinheiros vasconços ensinaram a estes dois povos do norte o processo para pescar a baleia.

Em 1598 a cidade de Hull armou os primeiros navios, e em 1611 fundou-se em Amsterdam uma companhia para a exploração das pescas nos mares de Spitzberg e da Nova Zembla, alcançando em breve este ramo de navegação um desenvolvimento notavel. Sessenta annos depois 113 navios largavam dos portos da Hollanda; mas a época florescente da pesca da baleia ainda não chegára. Foi de 1676 a 1722, que os hollandezes esquiparam 5:886 navios conseguindo apanhar 32:907 baleias. No fim do seculo passado ainda a pesca era importante.

Frederico o Grande ordenou a armação de baleeiras em 1768, e n'essa época os inglezes tinham nos mares do norte 222 navios.

Hoje são os americanos principalmente que pescam a baleia, e em 1841 tinham nos mares do sul, com este destino, 600 navios de vela, tripulados por 13:500 homens.

Havendo alcançado este ramo de industria maritima tão consideravel desenvolvimento, não é para admirar que todos os mares polares, onde a navegação não seja impossivel, hajam sido percorridos pelos baleeiros.

Largam os navios em março ou setembro, segundo se destinam para os mares polares arcticos ou anctarticos; n'aquelles os pescadores demoram-se até setembro, outras vezes até outubro, e n'estes até março ou abril, o mais tardar. Se a pesca não é perigosa, é-o todavia a navegação, e todos os annos os baleeiros soffrem perdas consideraveis.

Em 1819, em sessenta e tres navios perderam-se dez; em 1821 em setenta e nove, onze; em 1830 em oitenta, vinte e um. A costa occidental da bahia de Baffin é a mais perigosa, sendo mister atravessar por entre os bancos de gelo que obstruem quasi todo o mar.

N'estas passagens estreitas e perigosas, diz Hailwig, se o navio é arremessado pelas massas de gelo fluctuantes contra as que se conservam firmes, é certa a sua perda, a não ser que, facto raro, pela pressão seja erguido fóra d'agua, e posto a nado quando os gelos novamente se separam. Não ha de ordinario victimas a lamentar, porque conservando-se o mar quasi sempre sereno, a tripulação tem

tempo de passar para outro navio. A pesca da baleia não é só trabalhosa e cortada de perigos, é tambem incerta, e a ella póde applicar-se o proverbio francez: *pecherie loterie.*

Algumas vezes, em curto tempo, o navio consegue arranjar um carregamento completo de azeite e barbas de baleia, e n'este caso o negocio é excellente não só para o dono como tambem para a tripulação, que é paga largamente. Outras, porém, termina a estação sem que uma unica baleia seja arpoada; a tripulação, cujos salarios saem d'uma percentagem dos lucros, em vão soffreu trabalhos e fadigas, e correu os riscos da navegação; e o armador perde os importantes adiantamentos que fizera.

Os seguintes dados officiaes evidenciam bem quanto a pesca da baleia é fortuita. Em 1718, cento e oito navios da frota hollandeza da Groenlandia apanharam 1:291 baleias, valendo aproximadamente dois mil e setecentos contos de réis, ou, termo medio, vinte cinco contos por navio; no anno seguinte, cento e trinta sete navios só conseguiram apanhar 22 baleias. Este resultado pouco animador deu motivo a que no anno futuro só cento e dezesete navios fossem á pesca; estes, porém, poderam apossar-se de 631 baleias, que até certo ponto compensaram as perdas do anno antecedente.

A pesca da baleia tem sido por tantas vezes narrada, que não seremos longos em descrevel-a.

Chegados os navios ás paragens mais frequentadas pelas baleias, alli se demoram cruzando ou fundeados, observando constantemente o horisonte, até que o grito «uma baleia» venha pôr em movimento toda a tripulação. Arriam-se as lanchas devidamente armadas, tripuladas por seis ou oito remadores, um piloto e um arpoador, e todas se dirigem para o sitio onde se avistou a baleia. O arpão, feito de ferro acerado, termina na fórma d'um V posto ao inverso, muito agudo na ponta, com os bordos exteriores afiados, e preso a uma corda muito longa e flexivel, enrolada em um sarilho fixo ávante da embarcação.

Ao aproximar-se do animal, toda a cautela é pouca, e só a curta distancia o arpoador arremessa o arpão ao colosso. No mesmo momento os remadores, fazendo força de remos, procuram desviar-se o mais rapidamente possivel da baleia ferida, que de ordinario mergulha profundamente, desenrolando-se então a corda com tal violencia, que se não a molhassem, inflammar-se-hia. Em breve o animal modera a velocidade e nada mais vagarosamente, podendo os pescadores ir-lhe no encalço, dando-se muitas vezes o caso de serem levados pela baleia arpoada a muitas horas de distancia do navio, até mesmo a meio dia de viagem. O colosso, a contar do primeiro ataque, não se demora além d'um quarto de hora debaixo d'agua; vem ao cimo respirar, e então, aproximando-se de novo a lancha, arremessam-lhe segundo arpão.

Não é possivel, diz uma testemunha presencial, imaginar espectaculo mais horroroso: a baleia espavorida rola-se nas vagas, e no seu agonisar salta fóra d'agua, cobrindo a superficie do mar de sangue e d'espuma.

O animal desapparece novamente, indicando o rodomoinhar da agua o logar onde mergulhou; e quando volta mais uma vez á superficie, novo ferimento mortal o aguarda, e para qualquer lado que se mova não escapa aos arpões dos pescadores. Em vão redobra de esforços; a agua rodomoinha em volta d'elle, e o corpo toma-se d'um tremor geral; dir-se-hia Vulcano sacudindo uma montanha. Exangue, deita-se de lado, movida pelas vagas, e milhares d'aves correm presurosas a cevar-se no gigantesco cetaceo. A baleia morta corrompe-se rapidamente, e poucos dias depois transforma-se n'uma massa esponjosa, desenvolvendo-se os gazes com tal violencia, que, inchando, a pelle estala com grande estrondo, espalhando-se em volta do corpo emanações fetidas e pestilenciaes. De ordinario os pescadores teem recolhido os despojos antes de começar a decomposição.

Morta a baleia, amarram-lhe um cabo fortissimo e é rebocada pelas lanchas até junto do navio, ficando segura com duas fortes amarras que, passando por dois moitões presos ao mastro grande, vão prender-se pela outra extremidade ao cabrestante.

Iça-se em seguida a cabeça, destroncas se, e é levada para o convez, onde maitarde se lhe extrahem as barbas, e o espermaceti se fôr um cachalote; o corpo fica suspenso contra o costado do navio, e armam-se uns pequenos bailéos, onde se colloca uma parte da tripulação; em quanto esta dá ao cabrestante para ir içando o

Impresso por Lallemant frères. Lisboa.

A BALEIA

corpo da baleia, a outra vae-lhe cortando em volta do corpo tiras de gordura de um metro de comprimento, seguindo n'este mister até haver extrahido toda. As sobras abandonam-se aos animaes marinhos. A gordura é levada para um deposito, e alli cortada em pedaços, no começo á mão e depois á machina, e em seguida lançada n'uma grande caldeira presa no convez, onde a derretem, empregando primeiro o carvão, e mais tarde os sobejos da gordura. O oleo que se vae obtendo por este processo esfria-se n'um apparelho especial, e deposita-se depois em tonneis que, para tal fim, existem no porão.»

Preciso é dizer que o processo acima narrado para a pesca da baleia é o antigo, hoje julgado insufficiente, porque as baleias se teem tornado mais timidas, fugindo dos pescadores, e por isso tal processo é substituido algumas vezes pelo emprego de projectis explosivos, que podem ser lançados a distancia de 30 braças.

De todos os animaes que habitam os mares, nenhum é mais productivo do que a baleia, sendo valiosos os resultados não só em azeite como em barbas. Ha baleeiros que não dariam os lucros d'uma viagem por cincoenta contos, sendo comtudo para advertir que outras lhe dão perda.

Na Europa só tem valor o azeite e as barbas da baleia ; mas os povos do norte não lhe desdenham a carne, e bebem-lhe o azeite, que para os esquimaus vale por bom vinho. Do esqueleto engenham canoas, ou empregam-n'o na construcção das cabanas.

MAMIFEROS

ORDEM DOS MARSUPIAES

Os animaes terrestres comprehendidos n'esta ordem, apresentam entre si tão grandes differenças na organisação que parece formarem uma serie de grupos analogos a algumas das ordens que até aqui temos descripto, e á primeira vista incluir-se-hiam nos carnivoros, nos insectivoros, nos roedores ou nos quadrumanos. «Dir-se-hia, escreve Cuvier, que os marsupiaes formam uma classe especial parallela á dos quadrupedes ordinarios, e como estes dividida em ordens similhantes.»

O que porém separa distinctamente os *marsupiaes* ou *didelphos* dos mamiferos que até aqui temos estudado, ou dos *monodelphos*, — que passam toda a vida fetal no seio da mãe, ligados a ella pela placenta por onde recebem a nutrição, e nascendo com todos os orgãos formados, o que n'elles é caracter commum, — é a existencia de dois ossos longos, estreitos e articulados, que nas femeas da maior parte das especies servem para sustentar uma bolsa chamada *bolsa marsupial*, onde estão situadas as mamas. Teem estes animaes dupla gestação, e d'ahi lhe vem o appellidarem-se *didelphos*, a primeira no interior do corpo da mãe, como acontece aos outros mamiferos, muito curta, porém, d'onde são expulsos em estado rudimentar, vindo a completar-se o desenvolvimento do feto no interior da bolsa marsupial, preso ás mamas da mãe. São pois duas gestações, uma *uterina* e outra *marsupial*, a primeira muito mais curta que a segunda, e variando a duração de ambas segundo as especies. No kangurú, por exemplo, o feto dá entrada na bolsa aproximadamente depois de trinta e oito dias de gestação uterina, e alli se demora oito mezes.

É necessario accrescentar que o feto é introduzido na bolsa marsupial — onde deve adquirir o desenvolvimento que teem os mamiferos ordinarios no acto de nascerem — pela mãe, servindo-se dos beiços. O caso passa-se da seguinte forma: A mãe com as mãos alarga a abertura da bolsa marsupial, até poder entrar o focinho, e depois, collocando-se por terra, na posição que mais lhe convem, extrahe o feto que já tem concluida a primeira phase da gestação, e sem lhe tocar com os membros vae collocal-o junto do bico da mama, que o feto não conseguiria encontrar sem este auxilio, e

[1] Estudo mais minucioso das obras de diversos zoologos, acerca dos animaes comprehendidos n'esta ordem e na seguinte, levou-n'os a alterar a classificação apresentada no começo d'esta obra, como sendo a que seguiriamos na descripção dos mamiferos. As ordens dos *kangurus sarigueias* e *philandras*, alli referidas, considerando-as apenas como pertencendo ao numero das familias em que se divide a ordem dos didelphos ou marsupiaes, por esta as substituiremos, seguindo outro tanto com as ordens dos echidneos e ornithorinques, que figuram na classificação que primeiro apresentámos, e que passarão a formar uma unica ordem com a denominação de *monotremes*.

onde se agarra fortemente. Como não tenha a força necessaria para aspirar o leite, que deve servir-lhe de nutrição durante a segunda phase da gestação, existe na femea um musculo cujas contracções obrigam o leite a derramar-se na bocca do animalzinho.

Assim, pouco a pouco, completa-se a organisação do feto, que vae ganhando as formas e constituição dos animaes da sua especie, nascendo-lhe em seguida o pello, e depois de attingir um certo desenvolvimento larga o bico da mama, e pela primeira vez assoma a cabeça fóra da bolsa, sem que ainda se atreva a sair d'aquelle abrigo protector. Quando mais tarde o faz, pouco tempo se demora fóra e para lá volta, podendo dizer-se que alli se conserva em quanto creança, pois que sendo já bastante forte para procurar o alimento de que carece, em companhia da mãe, ainda assim vae alli procurar abrigo toda a vez que algum perigo o ameaça.

Os habitos dos marsupiaes são tão diversos, que em geral não é possivel descrevel-os, e sendo uns carnivoros, outros insectivoros ou roedores, alimentam-se d'animaes vertebrados, — os mais fortes accommettem animaes da corpulencia do carneiro, — de insectos, de raizes, de fructos e de folhas, sendo uns terrestres, outros aquaticos, vivendo alguns sobre as arvores, e diurnos ou noctivagos.

A divisão dos marsupiaes em familias e generos varia muito segundo as diversas opiniões dos zoologos, o que não é para admirar considerando as grandes differenças que existem nos caracteres d'estes animaes. Levar-nos-hia muito longe se pretendessemos entrar em minucias de classificação, e dar conhecimento ao leitor de todas as familias e generos que os zoologos distinguem, isto com grande apparato scientifico e nomenclatura arrevêssa, pelo que seguiremos methodo mais facil e accommodado ao espirito d'esta obra, dividindo a ordem dos marsupiaes em duas grandes divisões, *marsupiaes americanos* e *marsupiaes australianos*, pois que só na America e na Australia vivem estes animaes, e n'aquella parte do mundo uma unica familia, as *sarigueias*.

Das duas divisões daremos noticia, descrevendo os animaes que as nossas gravuras representam, os principaes da ordem.

MARSUPIAES AMERICANOS

N'esta divisão comprehendem-se as especies dos marsupiaes primeiro conhecidas, o antigo genero *didelphis*, de Linneo, a familia das *sarigueias* dos zoologos modernos.

As sarigueias teem corporatura mediana ou pequena, egualando a maior a corpulencia do gato, e havendo-as que não excedem o tamanho do ratinho caseiro ; o corpo é refeito, o focinho mais ou menos pontudo, olhos e orelhas grandes, cauda variavel em comprimento, em geral prehensivel e nua na extremidade, as pernas de traz mais compridas que as de diante, com cinco dedos nas mãos e nos pés armados de unhas, e o pollegar dos segundos comprido, opponivel aos outros dedos, e sem unha. A dentadura é similhante á dos carnivoros, e os dentes caninos são agudos e compridos.

N'algumas especies as femeas não teem a bolsa marsupial, e esta é substituida por simples pregas da pelle do ventre.

São animaes crepusculares ou nocturnos, que trepam ás arvores, occultando-se de dia entre o matto, nas cavidades das arvores, ou entre os ramos, alimentando-se de mamiferos pequenos, de aves, ovos, insectos, molluscos, e até mesmo de fructas, ou renovos. As especies maiores introduzem-se nas habitações, e estrangulando os animaes domesticos que podem apanhar, cevam-se no sangue. São muito fecundos, variando o numero de filhos que podem ter d'uma barriga desde quatro a dezeseis. As femeas que teem a bolsa marsupial completa conservam-n'os alli durante muito tempo; as outras, logo que elles estão mais desenvolvidos, trazem-nos ás costas, seguros ao pello, ou mais frequentemente com as caudas enroladas á cauda da mãe.

Estes animaes, quando são perseguidos, exhalam cheiro activo e desagradavel, quasi similhante ao dos alhos.

Vamos em seguida dar a descripção de duas especies de sarigueias : a primeira, a mais conhecida e uma das maiores, e a outra a que os naturalistas incluem n'um genero áparte, pela existencia das membranas palmares entre os dedos, circumstancia que permitte aos individuos d'esta especie poderem nadar e mover-se rapidamente dentro d'agua.

A SARIGUEIA DA VIRGINIA

Didelphis Virginiana — La sarigue de Virginie, dos francezes

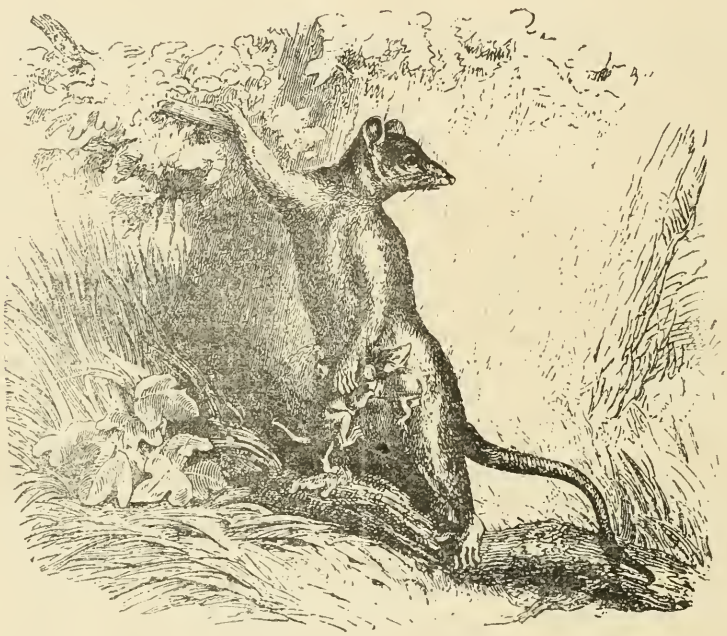
Esta especie, a que os americanos dão o nome de *opossum*, tem aproximadamente o tamanho d'um gato domestico. O animal tem a cabeça comprida, o focinho longo e pontudo, tronco curto e grosso, pernas curtas, e a cauda, medindo $0^{m},30$ de comprimento, é grossa na raiz, arredondada e pontuda, coberta de pello junto ao corpo, e no resto revestida de escamas semeadas d'alguns pellos curtos, prehensivel, conserva-se enrolada, e auxilia o animal a trepar.

O pello é aspero, geralmente esbranquiçado; o das pernas sobre o trigueiro, e as orelhas bicolores.

Habita esta sarigueia desde o Paraguay até ao Illinois, encontrando-se tambem no Mexico, e nos Estados Unidos meridionaes.

Daremos a descripção d'este animal, transcrevendo de Audubon alguns periodos realmente interessantes, e completando-a com pormenores obtidos d'outros naturalistas.

«Os movimentos d'este animal são ge-



Gr. n.° 233 — A sarigueia da Virginia

ralmente vagarosos: caminha a passo; a cauda derrubada, quasi a arrastar pelo solo, as orelhas redondas fitas, e não deixa de aproximar o focinho pontudo de tudo quanto encontra pelo caminho, para reconhecer se por alli passou algum animal, e qual elle seja. Parece-me estar vendo, n'este momento, uma sarigueia saltando brandamente pela neve que se derrete, á borda d'um lago pouco frequentado, farejando tudo que topa em redor, para descobrir a pista d'alguma presa preferida. Eil-a que encontra vestigios de por alli haver passado ha pouco uma perdiz ou uma lebre, e então ergue o focinho, aspira o ar subtil e carregado de emanações, e tomando uma resolução dirige-se para qualquer dos lados com velocidade egual á d'um homem andando a passo largo. Em breve estaca, como se houvesse seguido caminho errado, na duvida de qual será a direcção que lhe convenha seguir. Foi sem duvida a presa que lhe fez perder a pista ao dar um salto, ou retrocedendo, sem que a sarigueia haja dado por tal. Levanta-se então nas pernas trazeiras, observa por um instante o espaço que a cerca, fareja para todos os lados, e prosegue no seu caminho.

Não a percamos agora de vista. Fez alto junto d'uma arvore magestosa, girou em volta do tronco vetusto, esquadrinhando por entre as raizes cobertas de neve, e ao

encontrar uma abertura introduziu-se por ella. Decorrem alguns minutos e eil-a que reapparece, arrastando um esquilo já sem vida, seguro nos dentes, e trata de trepar vagarosamente pela arvore. Parece que a primeira bifurcação dos ramos lhe não agradou, talvez receiasse ser vista, e por isso continuando na sua ascensão vae até descobrir sitio onde os ramos, entrelaçados com as cepas bravas, formam como que um berço bem frondoso, e alli se accommoda a seu bel prazer, enrolando a cauda em volta de algum tronco novo, e dando em seguida começo ao seu repasto, despedaçando com os dentes agudos o pobre esquilo, preso entre as garras dianteiras.

Voltam os bellos dias da primavera, e com elles revestem-se as arvores, mas o misero *opossum* está quasi nu, e um prolongado jejum deixou-o exhausto de forças. Visita então a borda dos fossos, e regala-se vendo as rãs novas, emquanto espera que ellas cresçam; entretanto começam a apontar os renovos tenros e sumarentos da phytolacca e das urtigas, que lhe serão recurso valioso. De manhã, ao ouvir os gritos do perú silvestre, que lhe veem acariciar deliciosamente os ouvidos, porque não ignora que em

Gr. n.° 234 — A sarigueia lontrina

breve lhe responderá a perua, enche-se de satisfação, porque poderá seguil-a até ao ninho, e lá sugar os ovos, manjar tão seu predilecto. Quando vagueia pelos bosques, sobre as arvores, de ramo em ramo, ou pelo solo, e ouve ao longe o cantar do gallo, palpita-lhe o coração de prazer, lembrando-se d'um bello repasto que no verão passado fizera n'uma herdade vizinha. Entra de vagar, com o olhar attento, avança brandamente, e consegue introduzir-se na capoeira.

A femea do *opossum* pode citar-se como modelo de amor maternal. Olhae para o fundo da sua bolsa singular, e vereis os pequenos agachados, seguros cada um á sua têta. Excellente mãe, não só provê cuidadosamente ao seu alimento, como tambem os guarda do inimigo, arrebatando-os, como fazem as phocas á sua progenie; outras vezes vae occultal-os á sombra d'uma tulipeira, abrigando-os entre a folhagem. Ao fim de dois mezes, quando já os pequenos começam a prover ás suas necessidades, recebe cada um a sua lição em particular, attinente ao comportamento futuro.

Supponhamos agora que o dono d'uma herdade apanha o opossum em flagrante delicto de lhe estrangular alguma das suas melhores gallinhas: exasperado, furioso, atira-se ao misero animal, que não desconhece a sua fraqueza, e sabendo que debalde tentaria resistir, faz-se n'uma bola e recebe immovel os maus tratos. Cresce o furor no homem, e fica o animal quedo aos pés do aggressor, sem dar signal de vida, com a bocca aberta, a lingua saida, os olhos fechados, e assim se conserva até que o seu verdugo se resolva a abandonal-o, dizendo lá comsigo — Está morto!

Não está, leitor, vive ainda; fazia-se morto, e tão depressa o homem volta costas, ergue-se pouco a pouco, e deita a correr na direcção da floresta.»

Nas sarigueias captivas pode observar-se o modo porque estes animaes se reproduzem. A primeira gestação, no interior do corpo, dura vinte e quatro dias, findos os quaes parem desde quatro a dezeseis filhos, completamente informes, apparentando antes pequenas massas gelatinosas do que animaes. Teem aproximadamente a grossura d'uma ervilha e o peso não excede a 25 centigrammas; não teem olhos nem orelhas, e a bocca mal se percebe, posto que exista, e seja por ella que o feto ha de receber a nutrição. Á maneira que o corpo se desenvolve, a bocca acaba de formar-se, e só mais tarde os olhos e as orelhas. Passados quinze dias a bolsa, que a mãe pode dilatar ou contrahir á vontade, abre-se, pouco mais ou menos ao quinquagesimo dia os pequenos estão completamente formados, tendo o tamanho d'um ratinho, cobertos de pello, e com os

Gr. n.º 235 — O thylacino cynocephalo

olhos abertos. Depois de sessenta dias de lactação o peso primitivo cresceu além do centuplo, e é de 40 grammas. A mãe não consente em caso nenhum que lhe abram a bolsa. Quando os pequenos attingem o tamanho d'um rato, abandonam a bolsa protectora, continuando todavia a viver em companhia da mãe, que ainda por algum tempo os cuida, caçando para alimental-os.

A sarigueia captiva torna-se um animal indifferente, rabujento, levando todo o dia deitado, movendo-se apenas e abrindo a bocca se o excitam, não dando a menor prova de intelligencia.

Os negros perseguem as sarigueias para lhes comer a carne, posto que não seja grata ao paladar d'um europeu, pelo cheiro ascoroso a alho proveniente de duas glandulas anaes.

A SARIGUEIA LONTRINA

Lutra minima. — L'yapock, dos francezs

Este animal, como já dissemos, differe das sarigueias propriamente ditas pelos pés palmados; mas nas outras particularidades organicas é similhante a todos os didelphos. É uma especie do genero *chironectes*.

Yapock é o nome indigena, e alguns naturalistas teem-n'a denominado *lontra de Demerara.*

Tem a physionomia do rato, com grandes papos atraz da cavidade boccal que lhe tornam a face larga; as orelhas são grandes, ovaes e nuas, e os olhos pequenos. A cauda é comprida, e comquanto o animal a traga enrolada, não é prehensivel. O pello é macio, liso, raso, ruço cinzento na parte superior do corpo, branco na inferior, com seis largas faxas transversaes que lhe correm o corpo. As orelhas e a cauda são pretas, os pés trigueiros, e o focinho escuro.

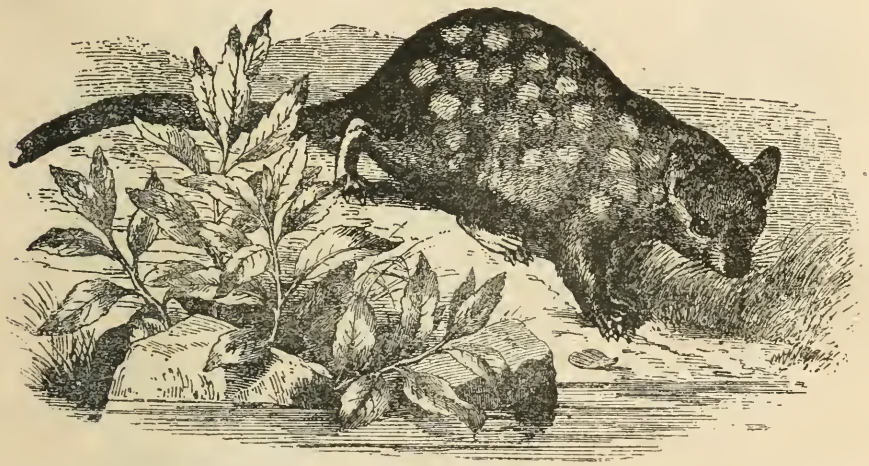
Mede este animal 0m,50 de comprimento, e outro tanto a cauda, por 0m,10 de alto.

Habita nos rios da Guiana e do Brazil.

É um animal bastante raro, pouco conhecido, do qual se ignora os habitos, sabendo-se apenas que vive nas florestas proximas das ribeiras e se occulta nas margens, alimentando-se de peixes pequenos e de animaes aquaticos, posto que se tenha por certo que possam tambem sustentar-se de vegetaes.

MARSUPIAES AUSTRALIANOS

Na Australia os marsupiaes constituem o maior numero dos mamiferos, e por alguns restos fosseis conhece-se haverem existido outras especies de grandes dimensões, com o caracteristico dos ossos marsupiaes. N'aquelle ponto da terra só



Gr. n.° 236 — A dasyura malhada

se encontra nos nossos dias, além das numerosas e variadas especies de marsupiaes, alguns cheiropteros, roedores da familia dos ratos, e os dois generos da ordem dos monotremes com que finalisaremos a nossa historia dos mamiferos.

Daremos noticia d'algumas das especies mais importantes dos marsupiaes australianos.

O THYLACINO CYNOCEPHALO

Thylacinus cynocephalus — Le thylacine cynocèphale, dos francezes

As formas geraes d'este animal teem analogia com as dos cães, possuindo dentes incisivos, caninos e mollares, em numero total de quarenta e seis. Teem-n'o appellidado *cão e lobo de bolsa*, e de certo que á primeira vista hão de todos tomal-o por um cão. O corpo alongado, a forma da cabeça, o focinho obtuso, orelhas fitas, cauda levantada, tudo contribue para tal similhança.

É o maior dos marsupiaes, o mais vigoroso e o mais feroz, medindo 1m de comprido por 0m,80 de alto, affirmando-se existirem alguns adultos que attingem 2m de comprimento.

O pello é curto e lanoso, pardo trigueiro, cortado de doze a quatorze bandas transversaes; a cauda é toda coberta de pellos.

Encontra-se este marsupial sómente na Tasmania ou na Terra de Van-Diemen.

De dia esconde-se nas cavidades dos rochedos, em pontos inaccessiveis ao homem, ou então em covis que elle pro-

prio escarva, e é essencialmente noctivago. De dia, os olhos muito sensiveis á luz tornam-n'o inepto e pouco lesto; de noite porém, no meio das trevas, é agil, vivo, feroz e até perigoso. Os cães são os seus mais terrives inimigos, e consegue vencel-os.

Os animaes pequenos de todas as especies, vertebrados, insectos, molluscos, os peixes que o mar arroja, já corrompidos, as phocas toda a substancia animal, finalmente, que póde encontrar, lhe serve d'alimento. Á maneira do lobo ataca sempre que pode os rebanhos de carneiros, que são para elle presas faceis e appetitosas.

A DASYURA MALHADA

Dasyurus maugei. — Le dasyure de maugé, dos francezes

Esta especie é das mais conhecidas, e os individuos n'ella comprehendidos, e bem assim no genero *dasyurus* a que pertence, teem o corpo alongado e pescoço comprido, focinho estreito, pernas curtas, quatro dedos armados d'unhas fortes, recurvas e afiadas, o pollegar rudimentar, e a cauda longa e ramalhuda.

A dasyura malhada é a mais conhecida do genero, trigueira amarellada, com o ventre branco, e na parte superior do corpo malhas brancas, irregulares, mai

Gr. n.° 237 — O myrmecobio

pequenas as mais proximas da cabeça. Mede 0m,40 de comprida por 0m,15 de alta, e a cauda tem 0m,30 de comprimento.

É muito frequente na Nova Hollanda.

Vive nas florestas á borda do mar, occultando-se de dia entre as raizes das arvores, nas cavidades dos troncos, ou entre as pedras, e só vagueando de noite em busca do alimento. O seu sustento principal consiste em animaes mortos que as ondas arremessam á praia, em pequenos mamiferos, aves que aninham no chão, e até mesmo insectos. Se póde penetrar nas habitações não perdoa ás gallinhas, e rouba a carne que encontrar. Tem de quatro a seis filhos, que por muito tempo se conservam na bolsa marsupial.

Os indigenas fazem guerra a este animal, que não tem utilidade, antes se lhes torna nocivo. Captivo nada tem de agradavel; se o excitam sopra á maneira dos gatos, sem tentar morder, e depois de comer senta-se para lamber e alisar o pello.

O MYRMECOBIO LISTRADO

Myrmecobius fasciatus—Le myrmecobie à bande, dos francezes

Esta especie, unica do genero *myrmecobius*, caracterisa-se pelo focinho alon-

gado, cauda regular, muito ramalhuda e não prehensivel, lingua extensivel, dentadura essencialmente insectivora. A femea não tem bolsa marsupial; possue oito mamas dispostas em circulo.

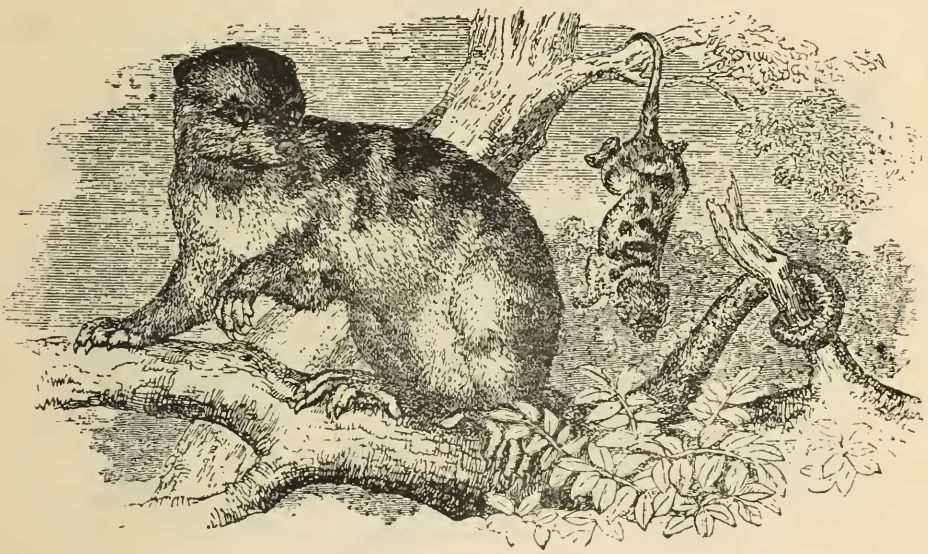
O pello é basto e sedoso, amarelloavermelhado, salpicado de branco com bandas transversaes alternadamente brancas e pretas. Mede 0m, 26 de comprido e outro tanto de alto, e a cauda 0m, 17.

Esteanimal conhecido ha pouco tempo foi descoberto nas vizinhanças do rio dos Cysnes, na Australia oriental.

É um mamifero interessante não só pelo colorido do pello como tambem pela sua agilidade, correndo aos saltinhos, e trazendo a cauda levantada como os esquilos. Abriga-se nas cavidades das arvores, nas fendas das rochas, e sabe occultar-se em espaços relativamente pequenos.

Como o nome de *myrmecobius* indica, o seu alimento principal são as formigas, preferindo portanto os sitios onde abundam os formigueiros, e servindo-se das unhas e da lingua como instrumentos aptos para poder apanhal-as.

É inoffensivo, e se o apanham não morde nem arranha, deixa-se ficar tranquillo sem fazer resistencia. Não pode viver captivo pela falta de alimento apropriado.



Gr. n.° 238 — A philandra do Oriente

A PHILANDRA DO ORIENTE

Phalantista oriental—Le Phalanger tacheté, dos francezes

Os animaes comprehendidos n'esta especie são pelos naturaes chamados *coès-coès*, e pertencem ao genero *cuscus* da familia das philandras, que se caracterisa pela existencia de seis dentes incisivos na maxilla superior e dois na inferior muito compridos, e horisontaes para fóra.

A philandra do oriente é do tamanho d'um gato, com a cauda medindo 0,50, coberta de pello na raiz e nua no resto, orelhas muito curtas ou nullas, cabeça arredondada, focinho pontudo, pello lanoso, espesso, branco com reflexos amarellados, com grandes malhas irregulares, negras ou trigueiras escuras.

Vive nas ilhas Molucas, especialmente em Amboina.

Encontra-se este animal nas florestas e habita principalmente nas arvores de fructo. Com a cauda suspende-se dos ramos, para melhor apanhar os fructos e saltar d'umas para outras arvores como os esquilos. Alimenta-se de folhas verdes, bananas e outros fructos succolentos.

Tem a femea desde dois até quatro filhos, e é raro encontrar alguma sem os pequenos na bolsa marsupial. São animaes muito indolentes, e passam uma parte da vida quedos, enrolados, com a cabeça entre as pernas, só mudando de

posição quando a fome os obriga a mover-se. Quando não comem nem dormem, empregam o tempo em lamber as patas e a cauda.

N'alguns pontos os indigenas comem a carne d'este animal, e a pelle é estimada.

A PHILANDRA VOLANTE, OU TAGUAN

Petaurus taguanoides—Le petauriste taguanoide, dos francezes

Esta especie, tambem comprehendida na familia das philandras, é notavel pela existencia d'uma membrana aliforme, á maneira dos esquilos volantes, coberta de pello, situada nas ilhargas, entre os membros anteriores e posteriores.

A especie de que presentemente nos occupamos, a que os indigenas chamam *taguan*, é a maior das philandras volantes, medindo 0m, 50 de comprida, com a cauda tão longa como o corpo, cabeça pequena, focinho curto e pontudo, olhos grandes, orelhas largas muito cobertas de pello, cauda ramalhuda.

Em geral o pello é trigueiro escuro, a membrana aliforme branca em certas partes, o focinho e as pernas negras, a cauda negra ou atrigueirada, mais clara na raiz e amarellada pelo lado inferior.

Encontra-se esta philandra na Nova Hollanda, principalmente nas vastas florestas entre Port-Philippe e Morenton-Bay.

Gr. n.° 239 — A philandra volante, ou taguan

Á imitação dos demais membros da familia, o taguan é animal noctivago, que passa os dias na cavidade das arvores, onde busca asylo contra os seus inimigos. É agil, firme nos seus movimentos, dando pequenos vôos, e saltos prodigiosos d'um para outro ramo.

O seu alimento compõe-se de folhas, de renovos, gomos e raizes, e é raro que desça ao solo. Quando tal faz é sempre para passar d'uma para outra arvore, que por demasiadamente afastada não conseguiu alcançar d'outra fórma.

Se o agarram defende-se com as unhas e com os dentes, fazendo graves feridas; caçam-n'o os indigenas para aproveitar a carne que é estimada.

O KANGURU GIGANTE

Macropus giganteus—Le kanguroo geant, dos francezes

Os kangurus são notaveis pela desproporção entre os membros anteriores e os posteriores, pois que em quanto os primeiros são curtos e debeis, são os ultimos singularmente compridos, grossos e vigorosos. A partir da cabeça o tronco augmenta rapidamente de espessura e a cabeça e parte superior do tronco parecem como que atrophiadas. As mãos servem ao kangurú para segurar o alimento e muito secundariamente para a locomoção: firmando-se nas pernas trazeiras e na cauda pode dar saltos prodigiosos,

com uma velocidade só egual á do veado. Nos membros anteriores tem cinco dedos com unhas arredondadas, e nos posteriores quatro, faltando-lhe o pollegar, muito compridos e vigorosos, e o do meio tem a unha em fórma de casco. O focinho é delgado e direito e as orelhas compridas.

Os kangurus são a melhor e a maior caça da Australia, e só n'este ponto do globo se encontram estes curiosos animaes.

Dada esta descripção dos kangurus em geral, animaes que constituem uma familia a que os zoologos denominam *macropodes*, isto é, *grandes pés*, vamos tratar da especie que dá o titulo a este artigo, sendo certo que as especies differem levemente umas das outras.

O kangurú gigante adulto attinge mais de 2^m de altura, dos quaes pertencem á cauda 0^m, 0; o pello é basto, liso, macio, trigueiro acinzentado, mais escuro na parte superior do corpo, e a extremidade do focinho, a parte posterior das orelhas, os pés e as mãos, a parte superior da cauda e a extremidade pela parte inferior, trigueiros muito escuros.

Foi Cook que descobriu em 1770 este animal, nas costas da Nova Galles do Sul,

Gr. n.° 240 — O kanguru gigante

dando-lhe o nome pelo qual era conhecido dos indigenas.

Encontra-se este animal nos espessos matagaes da sua patria, em pequenos bandos, de ordinario tres ou quatro, e só onde o alimento fôr abundante se reunem por vezes em maior numero. E' timido e desconfiado, sendo raro que deixe aproximar-se-lhe o homem.

A femea tem um ou dois filhos de cada vez; o regimen d'estes animaes é essencialmente herbivoro.

A cauda não lhe serve tamsómente de ponto de apoio para saltar; é tambem uma arma defensiva, e muitas vezes se tem observado este animal, ao ver-se perseguido pelos cães, descarregar-lhes vigorosas pancadas com a cauda. A sua arma principal é, todavia, a unha bastante vigorosa, que existe no quarto dedo, com que se defende dos inimigos. Diz-se que quando dois kangurus se aggridem, postam-se um em frente do outro, face a face, apoiados nas caudas, com as mãos no peito do adversario, e assim se batem com as unhas dos pés.

O kanguru gigante é facil de conservar captivo, supportando perfeitamente o clima da Europa, e reproduzindo-se até. A carne d'este animal é tida por excellente e a pelle estimada.

Contam-se hoje aproximadamente cin-

coenta especies de kangurus, que variam muito no tamanho, existindo algumas que não excedem o tamanho de um rato.

O TEXUGO DA AUSTRALIA

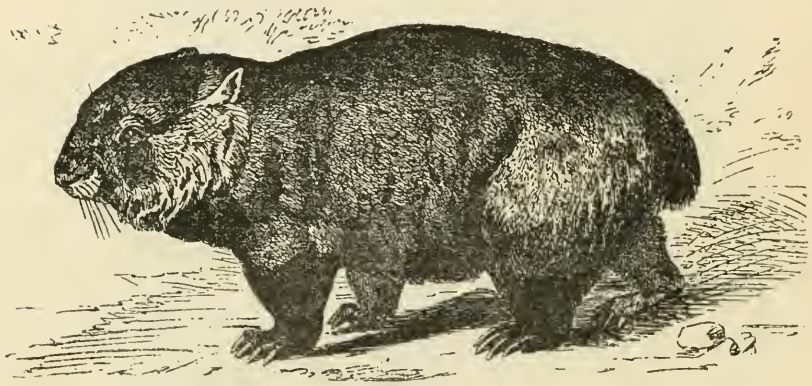
Phascolomys wombat — Le phascolome mineur, ou wombat, dos francezes

Este é o representante dos roedores entre os marsupiaes, e especie unica do genero *phascolomys*, isto é *rato de bolsa*. Não possue, á maneira dos roedores, senão dentes incisivos e molares, separados por um espaço vasio. Nos dedos, cinco em cada membro, tem unhas recurvas, rijas e proprias para cavar. O corpo é massudo, cabeça larga, pescoço curto, e a cauda apenas um couto. Tem a apparencia peculiar aos animaes da ordem dos roedores.

O tamanho regula pelo do texugo, 0^{m},80 a 1^{m} de comprimento por 0^{m},30 d'altura, e tem o pello espesso, macio, e esbranquiçado no ventre, tirante a amarello, ou a pardo no dorso. Tem grandes pellos pretos no beiço superior.

Vive este animal na terra de Van-Diemen, na Nova-Galles do Sul, e nas ilhas do estreito de Bass.

Encontra-se o texugo da Australia no interior das florestas, e por habitação tem as fundas tocas que elle proprio



Gr. n.° 241 — O texugo da Australia

cava, e onde se conserva durante o dia. De noite sae em procura do alimento, que se compõe de fructos, folhas e raizes.

E' pouco destro, estupido, indifferente, e, no dizer de Brehm, não tem egual como teimoso. «Quando tenta fazer qualquer coisa emprega todos os esforços para terminal-a, vencendo os obstaculos. Se começa a escarvar a terra para abrir uma toca, e cem vezes lhe inutilisam o trabalho, outras tantas o recomeça com uma paciencia inalteravel. Contam os colonos da Australia que este animal é muito pacifico, consentindo que o agarrem sem se mostrar desassocegado nem descontente ; se lhe dá porém, para resistir, torna-se um adversario serio, pois morde a valer.

A femea tem de cada vez tres ou quatro filhos.

O texugo da Australia, como a maior parte dos marsupiaes, vive bem captivo, e consegue-se até mesmo domestical-o a ponto de andar solto pela casa. Na ilha de Van-Diemen, diz Brehm, é o companheiro habitual dos pescadores, e vagueia em roda das cabanas como um cão.

Haveria vantagem em acclimar na Europa este animal, porque a carne é boa e a pelle poderia ser empregada. Pode alimentar-se de forragens, cenouras, rabanos, fructos e grãos.

Ha exemplo de se haver reproduzido em Inglaterra.

MAMIFEROS

ORDEM DOS MONOTREMES

Chegámos á ultima ordem dos mamiferos, e simultaneamente aos mais singulares animaes de toda a classe, origem das mais encontradas opiniões dos zoologos, sem que esteja decidido até ao presente qual o logar que lhes pertence na classe dos mamiferos. Collocam-n'os uns junto aos desdentados, outros depois dos marsupiaes; mas se por alguns caracteres se aproximam dos animaes comprehendidos n'estas duas ordens, muitos outros caracteres os distanciam.

Não lhes falta o caracter indispensavel das femeas dos mamiferos, as mamas, posto que sejam na verdade rudimentares, e sem tétas, e por consequencia pouco visiveis, circumstancia que serviu para que por muito tempo se pozesse em duvida a existencia d'estes orgãos nos monotremes; mas o que caracterisa bem estes animaes, e serve de origem á denominação de *monotremes*,—vocabulo formado de duas palavras gregas que significam *um só orificio*,— é a circumstancia singular entre os mamiferos de possuirem um unico orificio para expulsão da urina, excrementos e dos productos da geração: uma verdadeira *cloaca*, analoga á das aves. Os machos teem esporões corneos nos membros posteriores, onde termina uma glandula especial que segrega, dizem, um producto venenoso.

Comprehendem-se n'esta ordem duas familias, tendo cada uma um unico genero, e este uma só especie: os *echidnos* e os *ornithorincos*.

OS ECHIDNOS

Les echidnés, dos francezes

Caracterisam-se estes animaes pelo massudo do corpo, um pouco achatado, pescoço curto, cabeça redonda e relativamente pequena, terminando em focinho muito alongado, cylindrico, na extremidade do qual existem as ventas muito pequenas e a bocca estreitissima. Não teem orelhas, e o canal auditivo externo abre-se na parte posterior da cabeça na fórma d'uma fenda á maneira de S, coberto por uma dobra extensa que o animal abre quando quer e que tambem póde fechar completamente. Os olhos são pequenos e lateraes. Os membros são curtos, terminando em cinco dedos, armados de unhas compridas e recurvas; cauda muito curta, e corpo coberto de espinhos.

Conhece-se uma unica especie, que em seguida vae descripta.

O ECHIDNO ESPINHOSO

Echidna hystrix — L'échidné épineux, dos francezes

Appellidou-se este animal a principio *formigueiro espinhoso*, nome que depois foi substituido para o não confundirem com os formigueiros. Mede o adulto $0^{m},50$ de comprido por $0^{m},16$ de alto, e os espinhos, que lhecobrem toda a parte superior do corpo, são espessos, e variam nas

diversas partes do corpo desde 0m,06 a 0m,03 : são brancos amarellados com a extremidade negra.

Vive na Australia, sendo muito frequente na Tasmania.

De preferencia busca as florestas em sitios montanhosos, e entre as raizes das arvores cava a toca, onde se conserva de dia, indo tamsómente á noite em busca do alimento. É destro a escarvar o solo, e pouco tempo lhe basta para desapparecer completamente debaixo da terra.

Alimenta-se de vermes e insectos, mas principalmente de formigas; descobrindo o logar onde se occultam, estende a lingua á maneira dos formigueiros, retirando-a subitamente tão depressa as formigas alli se acham reunidas.

Se o surprehendem, faz-se n'uma bola e é difficil agarral-o sem se ferir nos espinhos. Conseguindo escarvar a terra, ainda que não seja senão alguns centimetros, agarra-se com as unhas, e, apoiando os espinhos de encontro ao solo, resiste aos esforços de quem tente apanhal-o.

Pouco mais se conhece da vida d'este animal em liberdade, e os captivos pouco teem vivido. Passavam parte do tempo n'uma especie de lethargia, enrolados como os ouriços, comquanto não fossem

Gr. n.° 242 — O echiduo espinhoso

bravios, acostumando-se ás caricias que lhes faziam.

OS ORNITHORINCOS

Esta segunda familia dos monotremes é bem distincta nos seus caracteres, e provém-lhe o nome de duas palavras gregas que significam *bico de ave*. São animaes organisados para a vida aquatica, com os membros curtos, cinco dedos palmados, armados de unhas compridas e agudas, nas mãos e nos pés. A cabeça tem conformação singular: é pequena, achatada, terminando n'um bico corneo, similhante ao do pato, e na extremidade do qual se abrem as ventas; os olhos são pequenos, situados na parte superior da cabeça; teem quatro dentes sem raiz em cada maxilla. A cauda é chata, na base tão larga como o corpo, e curta. O corpo é coberto de pellos.

Nos machos existe um esporão na parte posterior das patas trazeiras com um orificio na extremidade, por onde o animal expelle certo liquido, que tem sido motivo de diversas opiniões, querendo alguns zoologos que o esporão sirva ao animal de arma offensiva e defensiva, e o liquido por elle expellido seja venenoso, e opinando outros que tal liquido nada tem de perigoso.

Existe uma unica especie conhecida.

O ORNITHORINCO PARADOXAL

Ornithoryncus paradoxus — *L'ornithorynque paradoxal*, dos francezes

E' um dos animaes mais extraordinarios, e o mais singular dos mamiferos existentes. Diz Figuier que parece haver sido creado para desespero dos zoologos, e realmente não é facil tarefa classificar este animal de caracteres tão desencontrados. Faltaram dados positivos até certo

tempo ácerca da organisação e habitos d'este animal, e hoje os que existem devem-se a Bennett e J. Verraux, que o estudaram na propria patria, tendo alli ido o primeiro tamsómente para esse fim.

Os caracteres d'este animal ficam já acima descriptos, falta-nos dizer apenas que mede regularmente de 0m,50 a 0m,55, dos quaes 0m,14 pertencem á cauda, que o macho é maior que a femea, e que o pello é curto, muito basto, liso, e de duas especies: o outro é mais fino, pardo claro, mais comprido, trigueiro arruivado na parte superior do corpo, prateado na inferior.

Vive este animal á borda dos lagos e dos rios da Nova Hollanda, da Terra de Van-Diemen e da Tasmania.

A sua organisação leva-o a procurar as margens dos rios, onde as aguas se conservam serenas e crescem numerosas plantas aquaticas, para ahi estabelecer a morada em toca que elle proprio cava no solo, entre as hervas, e que se compõe de um corredor bastante sinuoso de 6m de comprido, indo abrir-se n'um vasto compartimento tapisado de plantas seccas. São os ornithorincos animaes noctivagos, posto que ás vezes abandonem

Gr. n.° 243 — O ornithorinco paradoxal

de dia, por pouco tempo, a toca, para irem em busca do alimento, o que acontece principalmente quando, tendo os filhos a alimentar, augmenta o consumo dos viveres.

O seu alimento compõe-se de larvas, vermes e molluscos, e diz-se que na falta d'estas substancias o proprio lodo lhe serve.

A femea deposita os filhos na toca, n'uma especie de ninho feito de raizes entrelaçadas, e o modo de os aleitar é ainda pouco conhecido, não podendo ser o usado por todos os mamiferos, pela falta de tetas. Se é certo o que affirma J. Verraux, o primeiro que fala d'esta circumstancia, a femea espalha o leite na agua, á proporção que vae nadando, leite que, ficando á superficie, é engulido pelos pequenos que seguem a mãe de perto.

Parece que os pequenos, no dizer de Benett, que possuiu tres, que elle proprio póde tirar da toca onde viviam com a mãe, são de humor folgasão e brincam como os gatos pequenos, variando de posição frequentemente para dormir.

Nunca, apezar de todas as tentativas e das precauções empregadas, se conseguiu trazer para a Europa um d'estes animaes vivos, sobrevivendo pouco tempo á perda da liberdade. A historia do ornithorinco é ainda hoje pouco conhecida.

TABOA ANALYTICA

DAS

MATERIAS CONTIDAS N'ESTE VOLUME

Pag.

OS MUSTELEANOS

(Continuação)

O teixugo da America. — Caracteres — Onde vive — Habitos 5
As foetas. — Noticia ácerca do liquido fetido que exhalam — Caracteres — Considerações geraes sobre o genero.. 5
A foeta mephitica. — Caracteres — Onde habita — Modo singular de defesa — Anecdotas diversas — A foeta captiva — Sua utilidade..... 6 a 8
A zorilla. — Caracteres — Onde se encontra — Genero de vida..... 8 a 10
O ratel do Cabo. — Caracteres — Onde vive — Habitos — O ratel e as abelhas — Domesticidade..... 10 a 12
O ratel da India. — Similhança com o seu congenere do Cabo — Habitos — Domesticidade 12
O glotão. — Caracteres — Sua excessiva voracidade — Genero de vida — Regimen — Habitos curiosos do glotão — Reproducção — Caça — Domesticidade..... 12 a 16
A irára. — Considerações genericas — Caracteres — Onde vive — Habitos — Multiplicação — Domesticidade.. 16 a 17
As martas. — Descripção generica — Divisão em especies..... 17 a 18
A marta. — Caracteres — Onde habita — Genero de vida — Reproducção — Caça — Domesticidade — Valor da pelle..... 18 a 19
A marta zibelina. — Caracteres — Onde habita — Caça — Domesticidade ..... 19 a 21
A fuinha. — Caracteres — Genero de vida — Multiplicação — Caça — Domesticidade — Curiosa associação de rapinantes — Utilidade da fuinha... 21 a 24

Pag.

O tourão fetido. — Caracteres — Onde se encontra — Modo de vida — Regimen — Instinctos sanguinarios — Multiplicação — O tourão e o raposo — Domesticidade — Utilidade do tourão na extincção das viboras — O tourão caçador..... 24 a 26
O furão. — D'onde é oriundo — Caracteres — Regimen — O furão e a vibora — Multiplicação — Modo de caçar os coelhos com furão — Combate d'um furão com as ratazanas — O furão vencido pelo tourão — Cruzamento d'estas duas especies . .. . 26 a 29
A doninha. — Caracteres — Onde se encontra — Habitos — Um escossez atacado pelas doninhas — Historia contada por J. Franklin — Anecdota curiosa de uma doninha presa da aguia — Instinctos sanguinarios da doninha e animaes que persegue — Multiplicação — A mãe e os filhos — Utilidade d'este animal — Domesticidade — Uma historia narrada por Wood..... 29 a 33
O arminho. — Caracteres — Onde vive — Genero de vida — Habitos — Sua intelligencia e coragem — Investe com o homem — Lutas do arminho com o rato amphibio — Multiplicação — Caça — Domesticidade..... 33 a 35
As lontras. — Considerações genericas..... 35
A lontra ordinaria. — Caracteres — Onde vive — Habitos — Modo de pesca da lontra — Regimen — Multiplicação — Amor maternal — Caça á lontra — Domesticidade — Interessante narrativa de Lenz..... 35 a 38
A lontra marinha. — Caracteres — Onde se encontra — Observações curiosas sobre o animal — Sua docilidade — Emprego da pelle..... 38 a 41

Pag.

OS URSINOS

Considerações scientificas— caracteres genericos — Habitos ..... 41 a 42
O urso trigueiro. — Caracteres — Onde se encontra — Habitos — Regimen — Modo de atacar a presa — Curiosa narração de Tschudi — Assalto dos ursos ás habitações — Narrações de Steller e Atkinson — Multiplicação — Modo da mãe educar os filhos — Caça ao urso — Domesticidade — Narrações diversas ácerca da sua intelligencia — Utilidade ..... 42 a 48
O urso beiçudo. — Caracteres — Onde habita — Genero de vida — Noções curiosas sobre o seu regimen — Ferocidade — Aptidão para ser educado — Domesticidade ..... 48 a 51
O urso branco.— Caracteres — Onde se encontra — Genero de vida — Habitos — Multiplicação — Ferocidade do urso e seus ataques — Casos que provam quanto este animal se deve receiar — Modos de caçar o urso branco pelos diversos povos — Domesticidade — Proveito que os indigenas tiram d'este animal..... 51 a 54

COATIS DE FOCINHO CURTO

Considerações genericas..... 54
O Coati lavandeiro. — Caracteres — Onde vive — Habitos — Regimen — Multiplicação — Caça — Domesticidade — Interessantes particularidades sobre o viver d'este animal, por L. Beckmann —Uma curiosa anecdota por Brehm 54 a 58
O coati caranguejeiro. — Onde habita — Nome dado pelos brazileiros — Caracteres —Habitos —Alimentos 58 a 59

COATIS DE FOCINHO LONGO

Noções genericas..... 59
O coati solitario. — Onde vive — Nome brazileiro — Caracteres — Habitos — Modo de vida — Multiplicação — Caça pelos indios da America do Sul — Domesticidade ..... 59 a 61
Os pototes. — Descripção scientifica 61
O potote amarellado. — Nome que lhe dão os indigenas da America do Sul — Caracteres— Habitos— Regimen — Affeição ao homem — Modo de vida dos domesticos — Sua docilidade 61 a 63
O benturongo negro. — Considerações scientificas — Caracteres — Onde vive — Habitos ..... 63 a 64

Pag.

MAMIFEROS

Ordem dos insectivoros

Considerações geraes ácerca dos insectivoros..... 65

FAMILIA DAS TOUPEIRAS

Descripção generica..... 65
A toupeira ordinaria.— Caracteres — A toca da toupeira — Como construe a habitação — Observações diversas sobre este animal por Oken, Bruce, Figuier, e Brehm — Voracidade — Perfeição do olfato — Multiplicação — É a toupeira um animal daninho ou util?..... 65 a 70
A toupeira cega. — Caracteres — Onde se encontra — Habitos..... 70
A toupeira doirada. — Caracteres — Onde vive — Habitos..... 70 a 71
A toupeira de crista. — Caracteres que a distinguem das outras especies — Onde vive — Habitos..... 71
O musaranho atoupeirado. — Caracteres—Onde habita — Genero de vida 71

FAMILIA DOS MUSARANHOS

Caracteres da familia — Divisão em especies..... 72
O musaranho ordinario, ou murganho. — Caracteres — Onde se encontra — Habitos — Regimen — Ferocidade e instinctos sanguinarios d'este pequeno animal — Multiplicação — Virtudes therapeuticas do murganho ..... 72 a 73
O Musaranho etrusco. — Sua pequenez —Caracteres — Logares onde vive — Habitos..... 74
O musaranho das fontes.— Caracteres — Onde se encontra — Modo de vida — Habitos — Regimen — Historia authentica de Brehm — Reproducção — Indomesticabilidade..... 74 a 76
Os musaranhos almiscarados. — Caracteres genericos..... 76
O musaranho almiscarado da Russia. — Caracteres — Descripção de Brehm sobre os seus habitos — Impossibilidade de o conservar captivo — Observações diversas — Utilidade da pelle ..... 76 a 77
O musaranho almiscarado dos Pyrenéos. — Epoca da sua descoberta — Caracteres —Regimen — Onde habita..... 77 a 78
Os macroscelidos.— Considerações genericas..... 78
O macroscelido de Rozet.— Ca-

Pag.

racteres — Alimentos — Observações diversas..... 78

FAMILIA DOS OURIÇOS CACHEIROS

Caracteres geraes..... 79
O ouriço cacheiro ordinario.— Caracteres — Onde vive — Qualidades — Habitos — Observações curiosas — A luta do ouriço com as viboras — Utilidade—Multiplicação —Caracteres dos individuos novos — Modo de construir a habitação de inverno — O somno hibernal — Domesticidade — Observações de Figuier e Wood — A carne do ouriço e modo de preparal-a..... 79 a 83
O ouriço cacheiro orelhudo.— Caracteres que o distinguem — Onde vive — Habitos ..... 83 a 84
O ouriço cacheiro sem cauda — Noções scientificas — Caracteres — Onde se encontra — Genero de vida — Sua ineptidão — Reproducção — Domesticidade..... ..... 84 a 85

MAMIFEROS

Ordem dos roedores

Considerações geraes ácerca dos roedores — Divisão usada n'esta obra..... 86

PRIMEIRO GRUPO

OS ESQUILOS

Apreciação geral — Especies de que adiante se fala.. 87
O esquilo ordinario — Caracteres e qualidades que o distinguem — Onde se encontra — Habitos — O ninho do esquilo — Esperteza e agilidade d'este animal — Regimen — Observações interessantes—Reproducção — O esquilo e os seus inimigos — Domesticidade — Especies diversas..... 87 a 91
O petaurista, ou esquilo maior voador — Caracteres — Onde vive — Habitos —Descripção da membrana aliforme e seu uso — Qualidades.. 91 a 92
O polatucha, ou esquilo menor voador — Caracteres — Onde se encontra — Habitos — Regimen — Construcção do ninho — Vida em commum durante o inverno — Domesticidade..... ..... 92 a 94
O esquilo terrestre. — Considerações previas — Noções scientificas — Logares onde vive — Caracteres — Habitos — Arrecadação das provisões para o inverno — O somno hibernal — Inimigos — Impossibilidade de viver captivo..... 94 a 95

Pag.

SEGUNDO GRUPO

AS MARMOTAS

Descripção generica, especies de que em seguida se trata..... 95
O spermophilo vulgar, ou marmota citilla da Russia. — Noções scientificas — Caracteres — Onde habita — Como vive — A toca do spermophilo —Diversas observações — Regimen — Fecundidade da femea — Reproducção — Inimigos — Domesticidade — Utilidade..... 95 a 97
O spermophilo de Hood. — Caracteres que o distinguem — Nome dado pelos americanos..... 98
A marmota ordinaria. — Noções scientificas — Caracteres — Onde habita — Genero de vida —Habitações —Fornecimento de comestiveis para o inverno — O somno hibernal — Sua descripção — Utilidade da marmota — Domesticidade — Duração da vida. 98 a 101
A marmota da Polonia. — Caracteres — Onde habita — Modo de vida — Domesticidade 101

TERCEIRO GRUPO

OS CASTORES

Noções scientificas..... 102
O castor. — Caracteres — Onde habita — Admiravel construcção das suas habitações — O seu viver— Asseio notavel d'estes animaes — Epoca dos amores do castor e sua reproducção — Observações conceituosas de Figuier ácerca da intelligencia d'este animal — Descripção de quatro castores por Ernesto Menault — Observações de Hearne, Brehm, Lenz, Figuier, Sacc sobre a domesticidade do castor — Colonias do castor na Europa — Utilidade e valor dos productos fornecidos por este animal..... 102 a 107
Os myopotamos. — Descripção generica..... 107
O coypu. — Caracteres — Onde se encontra — Modo de vida — Reproducção — Caça — Difficuldade de se domesticar — Utilidade do coypu .... 107 a 109

QUARTO GRUPO

OS RATOS

Os ratos propriamente ditos. — Noções diversas sobre os ratos em geral 110
O rato grande caseiro, ou ratazana. — **O rato decumano**

Pag.

caseiro. — Descripção simultanea de ambos — Como as duas especies se guerream — Caracteres especificos — D'onde são oriundos — Como se introduziram na Europa — Sua voracidade — Audacia d'estes animaes — Napoleão I e os ratos — Estragos causados a bordo dos navios, e meios de exterminar estes roedores — Aptidões — Possibilidade de os poder educar — Como facilmente se habituam ao homem — Modo porque o cavalheiro de Latude estabeleceu relações amigaveis com os ratos da Bastilha — Reproducção e fecundidade da femea — O gato e os ratos — Os ratos presos uns aos outros pela cauda: algumas observações e narração de Lenz ácerca d'este phenomeno — Utilidade do rato em determinadas circumstancias..... 110 a 113

O rato pequeno caseiro ordinario. — Caracteres que o distinguem — Sua gentileza e vivacidade — Facilidade de se introduzir por toda a parte — Domesticidade — Predilecção pela musica — Multiplicação — Amor maternal..... 113 a 114

O ratinho arruivado dos mattos. — Caracteres — Onde habita — Regimen — Provisões para o inverno — Instincto — Reproducção... 114 a 115

O ratinho agrario. — Caracteres — Onde vive — Alimentação..... 116

O ratinho anão. — Belleza e graça d'este animal — Caracteres — Onde se encontra — Aprimorada construcção do ninho — Grande fecundidade da femea — A mãe e os filhos — Domesticidade..... 116 a 118

O rato da Barbaria. — Caracteres que o distinguem — Onde habita — Habitos..... 118

Os cricetos. — Noções genericas.... 118

O rato criceto do Norte. — Caracteres — Onde habita — Abundancia — Descripção da morada d'este roedor — Aptidões — Sua irascibilidade e má indole — Regimen — Multiplicação — Somno lethargico — Modo de arrecadar as provisões—Prejuizos que causa 118 a 121

Os hydromios. — Noções genericas 122

O hydromio amarello. — Caracteres — D'onde é natural — Habitos... 122

O rato algalioso. — Caracteres — Onde se encontra — Modo de vida — Como construe a sua habitação — Reproducção — Alimentos — Domesticidade..... 122 a 124

Os campestres. — Caracteres que os distinguem — Enormidade dos prejuizos — Varias invasões feitas pelos campestres na Europa — Exorcismos empregados para afugental-os — Modo de vida — Reproducção — A mãe salvando os filhos — Emigrações — Descripção das locas dos campestres — Os campestres aquaticos — Diversas especies de ratos campestres..... 124 a 127

O rato campestre ordinario. — Caracteres — Onde se encontra — Modo de vida — Regimen — Observações diversas..... 127 a 128

O rato d'agua. — Caracteres — Onde vive — Logares onde construe a toca e sua descripção — Como se fornece de comestiveis para o inverno — Multiplicação — Amor maternal... 128 a 129

O rato campestre parco. — Habitos a que deve o appellido — Caracteres — Onde vive — Como construe a habitação — Os indigenas pilhando-lhe os depositos de comestiveis — Curiosa emigração d'este roedor.. 129 a 130

Os ratos lemmingos. — Noções genericas..... 130

O rato lemmingo da Noruega. — Caracteres — Onde habita — Apparecimento e retirada subita d'este roedor — Interessante descripção dos seus habitos extraordinarios, por A. Brehm — Sua emigração — Caça pelos indigenas.. ... . 130 a 132

Os arganazes. — Caracteres genericos — Especies em que se dividem.. 133

O arganaz ordinario, ou lirão. — Manjar predilecto dos antigos gastronomos romanos—Caracteres— Onde vive — Habitos — Enorme voracidade — Construcção da toca — Somno hibernal — Inimigos — Irascibilidade e instinctos sanguinarios..... 133 a 135

O arganaz dos pomares. — Caracteres — Onde habita — Modo de vida — Multiplicação — Morada — Prejuizos..... 135 a 136

O arganaz muscardino. — Caracteres — Onde habita — Regimen — Reproducção — Alojamento d'inverno — Possibilidade de viverem captivos. ... . 136 a 137

QUARTO GRUPO

OS RATOS ATOUPEIRADOS

Caracteres geraes..... 137

Os geomyos. — Noções genericas.. 137

O geomyo de papo. — Caracteres— Onde habita — Modo de construir a toca — Reproducção — Observações diversas..... 137 a 139

Os bathyergos. — Noções scientificas — Caracteres geraes 139

O bathyergo marinho. — Caracteres — Onde se encontra — Modo de vida..... 139 a 140

Pag

Os ratos toupeiras.—Noções scientificas — Caracteres geraes..... 140
O rato tiphlo. — Caracteres — Onde habita — Genero de vida..... 140

SEXTO GRUPO

OS GERBOS

Caracteres geraes..... 141
Os gerbos propriamente ditos. — Noções genericas..... 141
O gerbo da Arabia. — Caracteres — Onde vive — Habitos — Reproducção — Modo de o caçar — Domesticidade—Observações de Brehm.. 141 a 143
O gerbo commum. — Caracteres que o distinguem — Onde se encontra — Fórma da toca — Regimen — Modo de progressão — Somno hibernal — Captiveiro..... 143 a 144
Os helamyos. — Considerações genericas..... 144
O gerbo da Cafraria. — Caracteres — Onde vive — Habitação — Habitos — Domesticidade..... 144 a 146
Os gerbinhos. — Caracteres genericos — Onde vivem — Habitos..... 146

SETIMO GRUPO

AS CHINCHILLAS

Considerações diversas sobre esta familia — Divisão em generos..... 146
As chinchillas. — Caracteres genericos..... 146
A chinchilla ordinaria. — Caracteres — Onde se encontra — Habitos — Modo de progressão — Observações varias — Domesticidade..... 146 a 148
Os lagotyos. — Caracteres genericos..... 148
O lagotyo de Cuvier. — Caracteres — Onde habita — Genero de vida.. 148
Os lagostomos. — Caracteres genericos..... 148 a 149
O viscaque. — Caracteres — Onde se encontra — Fórma das tocas — Como vive — Habito curioso d'este animal— Reproducção — Caça ao viscaque pelos indigenas—Domesticidade.. 149 a 150

OITAVO GRUPO

OS RATOS ESPINHOSOS

Considerações geraes..... 150
O rato espinhoso. — Caracteres — Modo de vida, segundo Rengger 150 a 151
Os capromyos. — Caracteres genericos..... 151
O capromyo de Fournier. — Caracteres — Onde vive — Observações diversas por A. Desmarest — Nome por que é conhecido em Cuba — Modo de o caçar..... 151 a 152

NONO GRUPO

OS PORCOS ESPINHOS

Considerações geraes..... 152
Porcos espinhos propriamente ditos. — Caracteres genericos..... 152
O porco espinho commum. — Caracteres — Onde habita — Genero de vida — Regimen —Observações diversas — Multiplicação — Caça — Domesticidade..... 152 a 154
O porco espinho da America. — Considerações previas — Caracteres — Onde se encontra — Observações diversas sobre os seus habitos — Interessante narrativa de Audubon sobre um d'estes animaes captivo..... 155 a 156
Os atheruros. — Caracteres genericos..... 156
O atheruro d'Africa. — Caracteres — Habitos — Captiveiro — A vida em familia..... 157
Os coandus. — Caracteres genericos..... 157
O coandu de cauda prehensora. — Caracteres — Onde vive — Habitos —Regimen..... 158
Os sphygguros. — Caracteres genericos..... 158
O sphygguro mexicano. — Caracteres — Onde habita — Habitos —Regimen — Reproducção — Modo de vida depois de captivo..... 159
Os aulacodes. — Caracteres genericos..... 159 a 160
O aulacode de Swinderien. — Caracteres — Onde vive — Habitos... 160

DECIMO GRUPO

AS CAVIAS

Considerações geraes — Divisão em generos..... 160
As capybaras. — Caracteres genericos..... 160 a 161
A capybara do Brazil. — Caracteres — Onde se encontra — Genero de vida — Observações diversas— Domesticidade..... 161 a 162
As cobayas. — Considerações geraes.. 162
O porquinho da India. — Caracteres — Onde vive —Habitos — Affeição do macho á femea — Fecundidade d'esta—Reproducção—Utilidade 162 a 164
A cobaya aperêa. — Caracteres — Onde vive — Diversas observações de Rengger..... 164

Pag.

As pacas. — Caracteres genericos... 165
A paca do Brazil. — Caracteres— Onde habita—Observações de Rengger acerca d'um d'estes animaes captivo— Regimen — Utilidade — Vantagens que resultariam da sua acclimação 166
Os dolichotios. —Caracteres genericos 166
O dolichotio da Patagonia. — Caracteres — Onde se encontra — Habitos — Domesticidade..... 167
As cotias. — Caracteres genericos... 167
A cotia, ou aguti do Brazil. — Caracteres —Onde se encontra —Genero de vida — Regimen — Multiplicação —Docilidade—Domesticidade.. 167 a 168

UNDECIMO GRUPO

AS LEBRES

Considerações geraes 168
As lebres. — Caracteres genericos .. 168
A lebre ordinaria. — Caracteres — Onde vive — Habitos — Agilidade e manhas d'este roedor — Lutas — Reproducção — Domesticidade — Possibilidade de educal-a —Apreciação da carne segundo os logares onde vive a lebre..... 168 a 171
A lebre variavel. — Caracteres — Onde vive.....
A lebre do Egypto. — Caracteres que a distinguem — Onde vive — Observações de Brehm.. ..... 171 a 172
Os coelhos. — Caracteres que os distinguem das lebres..... 172
O coelho bravo. — Caracteres — D'onde é originario — Onde habita — Caracteres moraes — Fórma das tocas — Sociabilidade d'estes animaes, narrada por Brehm — O viver do coelho na floresta — Reproducção — Criação dos filhos — Ardis do coelho para furtar-se aos cães — O coelho domestico — Caracteres —Variedades — Modo de criar estes animaes, attinente á sua maior propagação e sabor da carne 172 a 175
Os lagomyos.—Caracteres genericos 176
A lebrinha alpina da Asia. — Caracteres — Onde vive — Habitos — Reproducção 176

MAMIFEROS

Ordem dos desdentados

Noções scientificas..... 177
Os preguiçosos. — Caracteres da familia — Divisão em generos .. 177 a 178
A preguiça do Brazil —O preguiçoso menor. — Caracteres de cada uma das especies — Narração simultanea dos seus habitos e regimen — Observações diversas..... 178 a 179
Os armadilhos ou tatus. — Caracteres geraes..... 179 a 180
O armadilho encoberto. — Caracteres—Onde habita — Modo de construir a toca — Regimen — Multiplicação — Modo singular de esquivar-se ao inimigo — Força muscular — Observações de Brehm feitas sobre estes animaes captivos..... 180 a 182
O armadilho mataco. — Caracteres — Onde se encontra — Habitos — Domesticidade. . ..... 182 a 183
O armadilho gigante. — Caracteres — Onde se encontra — Habitos... 183
Os orycteropes. — Caracteres geraes 183
O orycterope ou tamandúa do Cabo. — Caracteres — Regimen especial — Modo singular de se alimentar — Reproducção — Utilidade..... 184
Os formigueiros. — Caracteres geraes..... 184
O tamanduá de cauda crinita. —Nome brazileiro—Caracteres—Onde vive — Genero de vida — Regimen — Caracteres moraes — Narração curiosa de F. Roulin ácerca do modo de defesa d'estes animaes — O tamanduá e o jaguar — Observações diversas.. 184 a 186
O tamanduá mediocre. — Caracteres — Onde habita — Habitos — Regimen — Observações diversas. 187 a 188
O tamanduá pequeno. — Caracteres — Onde vive — Habitos — Reproducção..... 188
Os pangolins —Caracteres genericos 188
O pangolim menor. — Caracteres — Onde habita —Alimentação — Modo de escapar-se ao inimigo..... 189
O pangolim maior. — Caracteres que o distinguem — Onde vive —Descripção de Tenant 189

MAMIFEROS

Ordem dos proboscideos

Noções scientificas — Caracteres genericos — Especies..... 190 a 191
O elephante da Asia. — Caracteres — Onde vive.....
O elephante da Africa. — Caracteres — Onde habita — Descripção simultanea de ambas as especies — Sitios onde são frequentes — Caracteres moraes — Passagem atravez das florestas — O guia — Agilidade e destreza do elephante — Desmente-se a fabula que nega a este animal a faculdade de se deitar — Aptidão da tromba — Diversos usos das defensas — Vastas faculdades intellectuaes — Anecdotas di-

Pag.

versas que servem para comprovar a sua intelligencia — Observações de grande interesse por Brehm — Os elephantes e certas aves — Modo de viver dos bandos — Particularidades singulares — Attribuições do chefe do bando — Narrativa curiosa d'uma testemunha ocular — Alimentação — Cautela que usa nas suas excursões nocturnas — Modo de ver dos habitantes do Sudan com respeito ao elephante — Reproducção — Muda dos dentes — O elephante recemnascido — O concerto dado ao elephante do Jardim das Plantas, em Paris — Domesticidade do elephante da Asia — O elephante na India — Alimentação d'um elephante domestico — Interessante descripção da caça ao elephante..... 191 a 206

MAMIFEROS

Ordem dos jumentados

Noções scientificas..... 207
Os equideos. — Caracteres da familia — Genero e especies..... 207
O cavallo. — Noções previas — Magnifica descripção de Buffon — Como Linneo descreve o cavallo — A arte de montar — A estirpe primitiva do cavallo e raças que hoje existem em liberdade — Os cavallos selvagens da Asia — Os cavallos selvagens da America do Sul, e sua origem — Os cavallos que vivem em liberdade na Europa — A estructura do cavallo descripta por Buffon — Nome das differentes partes do corpo do cavallo — Côres e signaes — Andaduras naturaes — Velocidade do cavallo — Observações de Brehm — Voz d'estes animaes modulada pelas sensações — Memoria dos logares e dos factos — Curiosas anecdotas que provam esta asseveração — Conhecimento do dono — Faculdades intellectuaes — Medo — Historia curiosa e veridica da dedicação do cavallo pelos da sua especie — A gestação na egua — Criação do potro — Ração diaria d'um potro d'um a dois annos — Modo de conhecer a edade dos cavallos — Duração d'este animal — Exemplo de longevidade — O hospital imperial dos cavallos invalidos, na Russia — As raças — Raça arabe — Tratamento, educação, e amor do arabe pelo seu cavallo — Como o Creador fez o cavallo, lenda arabe — Raça persa — Raça turca — Raça barba — Raças inglezas — O celebre cavallo Godolphim — Cavallos celebres da Inglaterra — Como se dividem as raças inglezas, segundo as suas aptidões — Raças francezas — Raças allemãs — Raças hespanholas — O cavallo andaluz — Raças portuguezas — Utilidade do cavallo depois de morto..... 207 a 224
O jumento. — Observações diversas — O jumento analysado por Buffon — O onagro, typo montez do jumento — Caracteres do onagro — Onde vive — Habitos — O jumento domestico — Anecdotas narradas por Hesinius servindo para provar que o jumento não é tão escasso de intelligencia como geralmente se crê — Uma anecdota de J. Franklin — Sobriedade d'este animal — Reproducção — A voz do jumento — Serviços — O leite de burra, e sua introducção em França — Utilidade do animal depois de morto..... 224 a 228
O mulo. — Noções previas — Caracteres — Utilidade — Como outr'ora era defesa a producção do mulo.... 228 a 229
O hemione. — Caracteres — Onde vive — Habitos — Lutas — Os garanhões — Caça aos hemiones — Possibilidade de o domar..... 229 a 231
A zebra. — Caracteres — D'onde é originaria — Habitos — Tentativas para domar este animal..... 231 a 233
A coagga. — Caracteres que a distinguem — Onde vive — Habitos — Utilidade em rebanhos de gado..... 233
O dauw. — Caracteres — Onde se encontra — Domesticidade..... 234

OS RHINOCERONTES

Caracteres genericos..... 234
O rhinoceronte d'Asia. — Caracteres — Onde vive..... 235
O rhinoceronte d'Africa. — Caracteres — Onde vive..... 235
Habitos dos rhinocerontes. — Regimen — Observações diversas ácerca d'estes animaes — Sua irascibilidade — Reproducção — Amor maternal e perigo de encontrar a femea com a cria. — Historia narrada por Bontius — Caça aos rhinocerontes — Domestidade. 235 a 238

OS TAPIROS

Noções scientificas — Caracteres genericos 238
O tapiro ou anta do Brazil. — Caracteres — Onde vive — Habitos — Reproducção — Observações diversas — Domesticidade — Vantagem da sua acclimação na Europa..... 238 a 241
O tapiro d'Asia. — Caracteres — Onde habita — Habitos.....

Pag.

MAMIFEROS

Ordem dos ruminantes

Noções scientificas..... 242

OS CAMELIANOS

Caracteres geraes..... 243
Os camelos. -- Caracteres genericos. 243
O dromedario. -- Noções previas — Caracteres -- Onde vive -- Sua introducção na Africa — Acclimação do dromedario na Europa e na America — As grandes manadas do norte d'Africa — Regimen -- Curiosas observações de Brehm ácerca do dromedario e do camelo — Reproducção -- Os arreios do camelo -- Modo de o montar — Processo usado para carregal-o — Lei egypcia que regula as cargas dos camelos —Processo summario--Utilidade d'este animal depois de morto ..... 243 a 248
O camelo. -- Caracteres -- Onde vive -- Observações diversas..... 248
Os lhamas. -- Caracteres genericos. 248
O lhama —Noções diversas -- Caracteres -- Seu emprego na America antes da introducção do cavallo -- Onde vive--As recuas de lhamas—Reproducção -- Facil acclimação na Europa 248 a 250
O alpaca. — Superioridade da lã e tentativa de acclimação na Europa — Caracteres -- Onde habita — Habitos —Aproveitamento da lã pelos indigenas -- Actual exportação d'este producto para a Europa..... 250 a 251
O vicunha. -- Caracteres — Como vive -- Reproducção -- Caça -- Domesticidade -- Tentativa de acclimação na Europa 252

OS MOSCHOS

Caracteres de familia, genero e especies. 252
O almiscareiro. --Caracteres —Onde se encontra -- Habitos -- Reproducção —Regimen --Caça —Extracção do almiscar..... 252 a 253
O moscho menor. -- Caracteres -- Onde vive -- Observações diversas. . 254

OS VEADOS

Caracteres de familia — Sua divisão em generos e especies..... 254 a 255
Os alces. — Caracteres genericos.... 255
O alce, ou grã-besta. — Caracteres — Onde se encontra — Genero de vida — Habitos — Caça — Domesticidade ..... 255 a 256
Os rangiferos. — Caracteres genericos..... 256 a 257
O rangifero. — Caracteres — Onde vive — Habitos — Emigração — Sociabilidade — Multiplicação — Observações diversas — Utilidade do rangifero para as populações das regiões polares — O frio é condição essencial da sua existencia..... 257 a 260
Os gamos. — Caracteres genericos.. 260
O gamo. — Caracteres — Onde vive — Descripção por Figuier..... 260 a 261
Os veados propriamente ditos. Caracteres genericos 261
O veado ordinario. — Caracteres — Onde se encontra — Habitos — O veado no Prater, em Vienna — Ataque ao homem — A época do cio — Reproducção — A caça ao veado — Domesticidade — Utilidade... ... .. 261 a 265
O zorlito. — Caracteres — Onde vive — Caracteres moraes — Habitos — Reproducção — Amor maternal — Caça ao zorlito — Domesticidade.....

AS GIRAFAS

Caracteres de familia, divisão em generos 267
A girafa. — Caracteres — Onde vive — Modo de progressão da girafa — Regimen — Caracteres moraes—Reproducção — Apreciação d'este animal por Brehm — Utilidade..... 267 a 268

AS ANTILOPES

Caracteres de familia — Genero e especies..... 268
A gazella. — Gentileza da gazella — Caracteres — Onde vive — Genero de vida — Caracteres moraes — Qualidades — A época do cio — Multiplicação — Caça — Domesticidade..... 268 a 272
A saiga. — Caracteres -- Onde habita — Modo de vida -- A epoca do cio — Habitos — Domesticidade.. .. 272 a 273
A cervicabra. — Caracteres — Onde vive -- Habitos -- Regimen— Multiplicação — Caça — O bezoar..... .. 273
A camurça.— Caracteres— Onde habita -- Genero de vida — Perfeição de sentidos -- Observação de Tschudi -- A caça á camurça--Domesticidade 273 a 275
A condoma. — Caracteres — Onde habita -- Regimen -- Multiplicação — Caça..... 275 a 277
A antilope leucorix. -- Noções previas — Caracteres -- Onde vive -- Habitos -- Instinctos — A oryx e a panthera--Caça—Domesticidade 277 a 278
O nylgó. -- Noções previas - -Caracteres -- Onde vive — Maldade — Habitos -- Reproducção -- Observações diversas..... 278 a 280
O gnou. —Noções previas --Caracteres -- Onde vive -- Habitos .. 280 a 281

Pag.

AS CABRAS

Caracteres da familia -- diversas especies..... 281
O bodequim. — Caracteres -- Onde vive -- Agilidade extraordinaria d'este animal -- Regimen -- Epoca do cio — Multiplicação -- Caça -- Domesticidade..... 281 a 283
A cabra silvestre. — Noções diversas — Caracteres -- Onde vive — Habitos -- Multiplicação — O bezoar oriental..... 283
A cabra domestica. -- Caracteres que a distinguem da cabra montez — Onde vive -- Qualidades — Descripção de Brehm — Duração da cabra — Productos que fornece — Modo de mantel a — Uma receita..... 283 a 285
A cabra d'Angora. -- Caracteres Onde vive — Acclimação -- Valor da lã..... 285
A cabra de Cachemira. — Caracteres — Onde se encontra — Os chales de Cachemira — Noções sobre o preparo da lã -- Industria dos tecidos em Cachemira — Imitação na Europa -- Valor dos chales de Cachemira 285 a 287

OS CARNEIROS

Caracteres da familia — Noções diversas — Especies..... 287
O muflão da Africa. -- Caracteres -- Onde vive — Habitos — Observações diversas — Docilidade — Excellencia da carne..... 287 a 288
O muflão da America. — Caracteres — Onde vive — Productos..... 288
O argali. -- Noções scientificas -- Caracteres -- Onde vive — Habitos -- Multiplicação -- Productos..... 288 a 289
O muflão da Europa. -- Caracteres -- Onde habita -- Modo de vida -- Multiplicação — Domesticidade..... 290
O carneiro. -- Noções scientificas -- Caracteres — Origem das raças -- Habitos — Regimen e productos do carneiro, por Brehm -- Nome do animal segundo a edade — Noções importantes para a creação, engorda e tosquia d'este animal, modo de lhe conhecer a edade, duração da vida, transcripto do *Manual de Agricultura Elementar e Pratica* — As raças inglezas e francezas — Os merinos — Caracteres dos mesmos — Carneiros *transhumantes* e *estantes* — Privilegios que tinham os creadores dos merinos -- Multiplicação dos merinos na Australia — Como ahi foram introduzidos -- As raças da Asia e da Africa — Raças portuguezas 290 a 294

Pag.

OS BOIS

Noções geracs — divisão em especies... 294
O boi almiscarado — Caracteres — Onde vive — Habitos — Modo de o caçar — productos..... 294 a 295
O yack, ou bufalo grunhidor. — Caracteres — Onde se encontra — Genero de vida — Domesticidade — Productos..... 296 a 297
O bufalo ordinario. — Caracteres — D'onde é originario — Habitos — Sobriedade — O bufalo domestico no Egypto — Multiplicação — Productos 297 a 298
O bufalo da Cafraria. — Caracteres — Onde vive — Habitos -- Ferocidade -- Anecdotas diversas -- As aves protectoras dos bufalos — Domesticidade..... 298 a 299
O aurochs. — Caracteres — Onde se encontra -- Irascibilidade — Multiplicação — Productos..... 299 a 300
O bisonte da America. — Caracteres -- Onde se encontra — Observações diversas — Caracteres moraes — Multiplicação -- Caça -- Possibilidade de domal o..... 300 a 302
O boi gebo. — Caracteres — Onde vive -- Habitos — Variedade africana -- As manadas de bois no Sudan — Importantes manadas no norte da Africa -- Os bebedouros na vizinhança da aldeia de Melben — Exportação para o Egypto..... 302 a 305
O boi commum. — Noções diversas — O boi nos tempos remotos — A adoração do boi pelos egypcios — O boi porteiro do céo -- Verdadeira significação dos vocabulos touro e boi -- Caracteres — O boi vivendo em liberdade -- Caracteres moraes -- Observações diversas com relação aos serviços prestados por este animal — Dados estatisticos — Raças estrangeiras e suas aptidões -- Raças portuguezas.... 305 a 312

MAMIFEROS

Ordem dos porcinos

Noções scientificas..... 313

OS HIPPOPOTAMOS

Caracteres de familia..... 313
O hippopotamo. — Caracteres -- Onde habita -- Curiosas particularidades do viver d'este animal, por Figuier -- Observações interessantes de Brehm como testemunha presencial — Caça ao hippopotamo -- Domesticidade — Productos..... 313 a 317

OS PORCOS

Noções scientificas..... 317

Pag.

O javali ordinario, ou javardo. — Caracteres — Onde vive — Regimen — Genero de vida — Amor maternal — A caça ao javali — Domesticidade..... 317 a 319

O porco. — Origem — Caracteres — Faculdades intellectuaes do porco — Factos curiosos que abonam a intelligencia do porco, e a sua aptidão para ser educado — Regimen — Conhecimentos uteis sobre a creação e engorda do porco — Errada opinião dos que julgam que a falta de asseio é essencial á creação do porco — Raças da Europa — A raça alemtejana — Raças da Asia, Africa e America..... 319 a 323

Os phacocheros. — Caracteres genericos..... 323

O javali engalla d'Angola. — Caracteres — Habitos — Regimen — Ferocidade..... 323 a 324

Os babirosas.—Caracteres genericos 324

O babirosa. — Caracteres — Onde vive — Genero de vida..... 324 a 325

Os tajaçus.— Caracteres genericos — nomes brazileiros..... 325

O tajaçu de colleira. — Caracteres — Onde habita — Habitos curiosos — Regimen — Domesticidade — Productos..... 325 a 326

MAMIFEROS

Ordem das phocas

AS PHOCAS

Noções scientificas — Caracteres genericos — Divisão de familias — Onde vivem..... 327 a 328

Genero de vida — Caracteres moraes — A phoca captiva — Amor maternal — Multiplicação — Importancia d'este animal para os povos que vivem á beira dos mares polares — A caça á phoca pelos groenlandezes e esquimaus — Caça organisada pelos americanos, e valor dos productos que se extrahem das phocas — Diversos modos de caçal-as na Europa e perigos — Notavel intelligencia d'este animal — Domesticidade — Particularidades das phocas..... 328 a 331

A phoca commum ou boi marinho. — Caracteres que a distinguem — Onde vive..... 331

A phoca da Groenlandia. — Caracteres especificos — Onde se encontra..... 331

A phoca de capuz. — Caracteres — Onde vive..... 332

A phoca de tromba. — Caracteres — Onde habita..... 332

Pag.

A phoca ursina.— Caracteres — Logares que frequenta..... 332

A phoca crinita. — Caracteres — Onde se encontra..... 332

OS TRICHECOS

Caracteres de familia..... 332

O tricheco, ou cavallo marinho. — Caracteres — Onde vive — Habitos — Reproducção — Amor maternal — Docilidade do tricheco quando o não provocam — Caça — Productos 332 a 334

MAMIFEROS

Ordem das Sirenidas

Noções scientificas — Divisão em generos..... 335

Os dugongos. — Caracteres genericos..... 335

O dugongo, ou elephante marinho do mar das Indias. — A sereia dos antigos — Caracteres — Onde se encontra — Modo de vida — Multiplicação — Modo de pescal o — — Productos..... 335 a 337

Os manatins. — Caracteres genericos..... 337

O manatim da America, ou peixe boi. — Caracteres — Onde se encontra — Modo de vida — Regimen — Observações diversas — A pesca do manatin — Domesticidade — Productos..... 337 a 338

O manatim, ou peixe mulher d'Angola.— Caracteres — Onde vive — Productos..... 338

MAMIFEROS

Ordem dos cetaceos

Noções scientificas — Divisão em generos 339

Os unicornes. — Caracteres genericos..... 339 a 340

O unicornio ou licorne. — Caracteres — Onde se encontra — Fabulas diversas de que fôra origem na antiguidade — Habitos — Instinctos — Modo de progressão — Valor dos dentes — Productos..... 340 a 341

Os golphinhos. — Caracteres genericos..... 341

O golphinho ordinario ou delphim. — Noções curiosas ácerca da fabula e superstições a que deu causa este animal — Como ainda hoje se representa — Caracteres — Onde se encontra e modo de vida — Regimen — Multiplicação..... 341 a 342

Pag.

A orca. — Caracteres — Onde vive — Habitos — Ataque á baleia — Vigor notavel d'este cetaceo .... 342 a 343
A toninha. — Caracteres — Onde habita — Genero de vida — Alimentação — Reproducção — Productos.. 343 a 344
Os cachalotes—Caracteres genericos 344
O cachalote. — Caracteres — Onde vive — Habitos — Diversas observações sobre o animal — Regimen — Reproducção — A pesca aos cachalotes — Dados estatisticos — Narração de alguns factos attinentes a provar os perigos d'esta pesca — Productos do cachalote e sua descripção ... 344 a 347
As baleias. — Caracteres genericos. 347
baleia ordinaria. — Caracteres — Onde vive — Curiosos dados ácerca do modo de viver da baleia, devidos a Thiercelin e Lacèpéde — Descripção da pesca da baleia e quando principiou — Povos que a emprehenperam — Dados estatisticos—Modo de arpoar as baleias — Processo para lhe extrahir o azeite e as barbas — A pesca pelos projectis explosivos — Utilidade d'este animal para os povos do norte ..... 347 a 353

MAMIFEROS

Ordem dos marsupiaes

Noções scientificas..... 354 a 355

MARSUPIAES AMERICANOS

As sarigueias. — Caracteres — Divisão em genero e especies..... . 355
A sarigueia da Virginia. — Caracteres — Onde vive — Habitos — Descripção interessante de Audubon— Multiplicação — Productos.... 355 a 358
A sarigueia lontrina. — Caracteres — Onde habita — Habitos.. 358 a 359

MARSUPIAES AUSTRALIANOS

Considerações geraes..... 359

Pag.

O thylacino cynocephalo. — Caracteres — Onde vive —Habitos —Alimentação — Ferocidade..... 359 a 360
A dasyura malhada. — Caracteres — Onde habita — Genero de vida — Multiplicação — Productos..... 360
O myrmecobio listrado. — Caracteres — Onde se encontra — Observações diversas 361
A philandra do Oriente. — Nome que lhe dão os indigenas — Caracteres — Onde vive — Genero de vida — Reproducção — Productos..... 361 a 362
A philandra volante, ou taguan.—Caracteres que a distinguem — Regimen — Productos..... 362
O kanguru gigante.— Caracteres genericos — Caracteres que distinguem esta especie — Onde vive — Genero de vida — Modo de progressão — Domesticidade — Especies diversas.. 362 a 364
O teixugo da Australia. — Caracteres — Onde vive — Habitos — Multiplicação —Domesticidade—Vantagem da sua acclimação na Europa..... 364

MAMIFEROS

ordem dos monotremes

Noções scientificas..... 365

OS ECHIDNOS

Caracteres genericos..... 365
O echidno espinhoso, —Nome que outr'ora lhe davam — Caracteres especificos—Onde vive—Habitos. 365 a 366

OS ORNITHORINCOS

Caracteres genericos.. 366
O ornithorinco paradoxal. — Caracteres — Onde vive — Habitos — Regimen—Observações diversas 366 a 367

INDICE DAS GRAVURAS

Gr. n.º		Pag.
97	A foeta	6
98	A zorilla	9
99	O ratel do Cabo	11
100	O glotão	13
101	A irára	17
102	A marta	18
103	A marta zibelina	20
104	A fuinha	23
105	O tourão e o furão	26
106	A doninha	29
107	O arminho	33
108	A lontra ordinaria	37
109	A lontra marinha	40
110	O urso trigueiro	45
111	O urso beiçudo	49
112	O urso branco ou polar	53
113	O coati lavandeiro	57
114	O coati solitario	60
115	O potote amarellado	62
116	O benturongo negro	63
117	A toupeira ordinaria	66
118	A habitação da toupeira	67
119	A toupeira de crista	71
120	O musaranho etrusco	74
121	O musaranho almiscarado da Russia	77
122	O macroscelido	78
123	O ouriço cacheiro ordinario	79
124	O ouriço cacheiro orelhudo	84
125	O ouriço cacheiro sem cauda	85
126	O esquilo ordinario	89
127	Os esquilos voadores na floresta	93
128	O esquilo terrestre	94
129	O spermophilo de Hood	97
130	A marmota ordinaria	100
131	O coypu	109
132	O rato decumano caseiro	111
133	O ratinho arruivado dos mattos — O ratinho agrario	115
134	O ninho do ratinho anão	116
135	O rato da Barbaria	117
136	Os cricetos	119
137	O hydromyo amarello	121
138	O rato algalioso	123
139	O rato d'agua	128
140	Os ratos lemmingos	131
141	O arganaz ordinario, ou lirão	134
142	O arganaz dos pomares	135
143	O arganaz muscardino	136
144	O geomyo de papos	138
145	Os bathyergos	139
146	O rato typhlo	140
147	O gerbo d'Arabia	141
148	O gerbo commum	143
149	O helamyo, ou gerbo da Cafraria	145
150	A chiuchilla	147
151	O capromyo de Fournier	151
152	O porco espinho commum	153
153	O porco espinho d'America	155
154	O atheruro d'Africa	157
155	O sphigguro mexicano	159
156	O aulacode de Swinderien	160
157	A capybara do Brazil	161
158	Os porquinhos da India	163
159	A cobaya aperéa	164
160	A paca do Brazil	165
161	A cotia ou aguti do Brazil	167
162	A lebre ordinaria	170
163	A lebrinha alpina da Asia	176
164	O armadilho encoberto	180
165	O armadilho mataco	181
166	O armadilho gigante	182
167	O orycterope, ou tamanduá do Cabo	184
168	O tamanduá de cauda crinita	185
169	O tamanduá mediocre	187
170	O pangolim menor	189
171	Cabeça do elephanté d'Asia	191
172	Cabeça do elephante d'Africa	192
173	O elephante domestico na India	200
174	Nomes de algumas partes do corpo do cavallo	211
175	O cavallo arabe	216
176	O cavallo de corridas, inglez	221
177	O onagro	225
178	O jumento domestico	228
179	O hemione	230
180	A coagga	232

Gr. n.º		Pag.
181	O dauw	234
182	O rhinoceronte da Africa	237
183	A anta ou tapiro da America	240
184	O tapiro da Asia	241
185	O camello	247
185	O lhama	249
187	O alpaca	250
188	O vicunha	251
189	O almiscareiro	253
190	O rangifero	257
191	O gamo	261
192	O veado	263
193	O zorlito	266
194	A gazella	269
195	A saïga	271
196	A cervicabra	272
197	A camurça	274
198	A condoma	276
199	A antilope leucoryx	277
200	O nylgó	279
201	O gnou	280
202	O bodequim	282
203	A cabra de Cachemira	286
204	O muflão da Africa	287
205	O muflão da Europa	289
206	O carneiro merino	293
207	O boi almiscarado	295
208	O yack	296
209	O bufalo da Cafraria	298
210	O auróchs	300
211	O bisonte da America	301
212	O gaial	302
213	O boi gebo	303
214	Raça minhota ou gallega	305
215	Raça mirandeza	307
216	Raça arouqueza	308
217	Raça brava do Ribatejo	309
218	Raça alemtejana	310
219	Raça algarvia	311
220	O hippopotamo	316
221	O phacochero	322
222	O babirosa	324
223	O tajaçú	325
224	As phocas	329
225	A phoca de tromba, ou elephante marinho	331
226	O tricheco, ou cavallo marinho	333
227	O dugongo	336
228	O manatim, ou peixe boi	338
229	O unicornio	340
230	O golphinho ordinario	342
331	A toninha	343
332	O cachalote	346
233	A sarigueia da Virginia	356
234	A sarigueia lontrina	357
235	O thylacino cynocephalo	358
236	A dasyura malhada	359
237	O myrmecobio	360
238	A philandra do Oriente	361
339	A philandra volante, ou taguan	362
240	O kanguru gigante	363
241	O teixugo da Australia	364
242	O echidno	366
243	O ornithorinco	367

COLLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS

Estampa	Pag.
1.ª — Os ursos brancos, em frente da pagina	51
2.ª — Os castores	101
3.ª — Os viscaques	149
4.ª — A preguiça do Brazil	178
5.ª — O elephante	196
6.ª — As zebras	231
7.ª — O rhinoceronte da Asia, ou unicornio	235
8.ª — Os dromedarios	243
9.ª — O alce	255
10.ª — A girafa	267
11.ª — O javali	318
12.ª — A baleia	352

FIM DO SEGUNDO VOLUME

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

QL
50
P67
1879
v.2
c.1
BMED